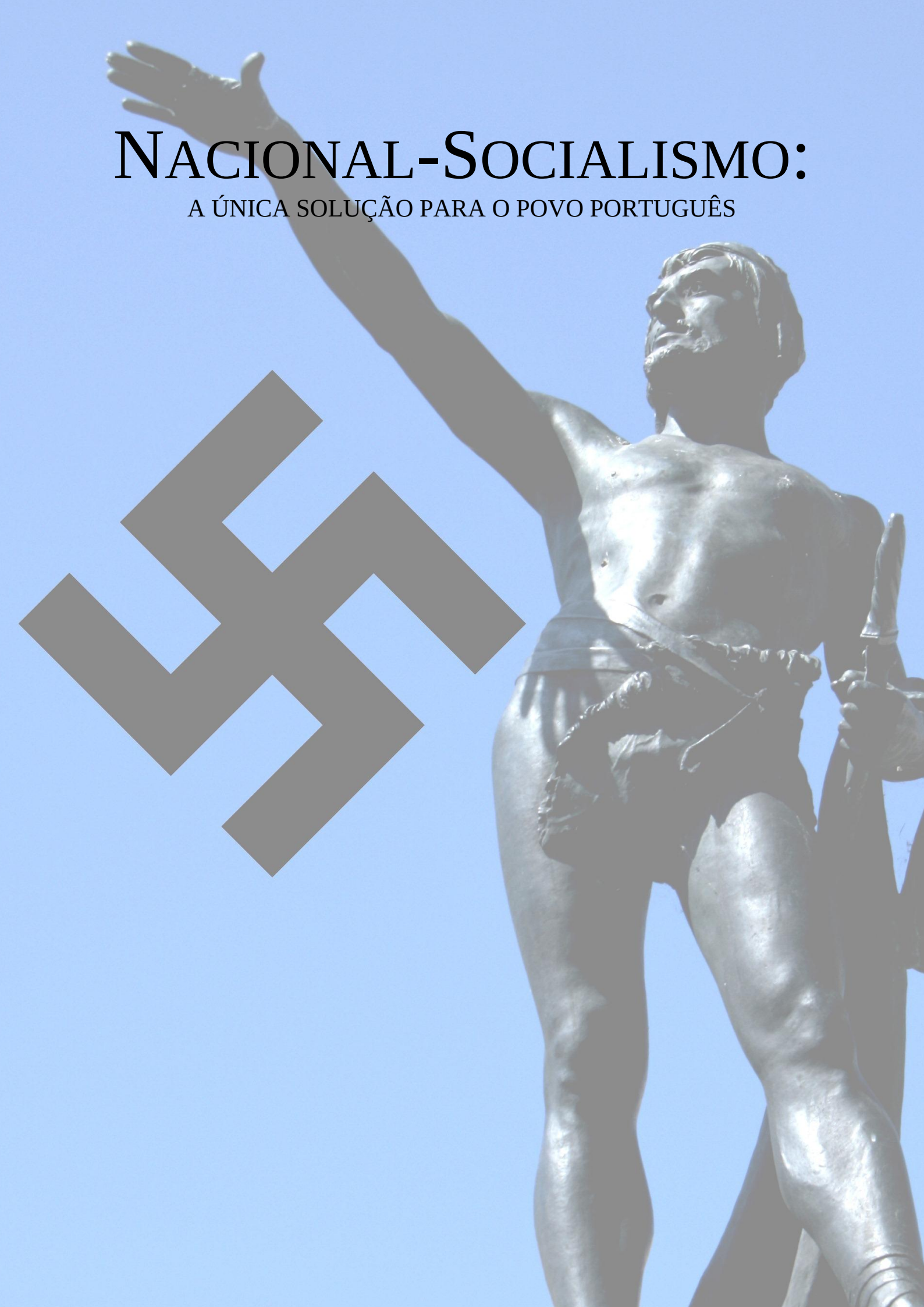
NACIONAL-SOCIALISMO:

A ÚNICA SOLUÇÃO PARA O POVO PORTUGUÊS



INTRODUÇÃO:

O Direito de Ser Português

Nós gostamos de ser europeus mediterrânicos. Gostamos de ser reconhecidos como tal em qualquer local do mundo. Achamos que não temos motivo nenhum para nos envergonhar disso. Nós e os povos mais próximos de nós etnicamente, juntos, tivemos uma história gloriosa. Portugueses, espanhóis, italianos e gregos sempre produziram bons protagonistas em todas as áreas da realização humana. Nós temos muito orgulho nisso. Não defendemos que tenhamos sido os melhores mas achamos que não fomos nenhuns coitadinhos, condenados a que outros tenham pena de nós.

Isto talvez o faça rir, mas nós achamos que somos povos de pessoas bonitas. A preservação da beleza não é uma razão suficientemente boa? A beleza está nos olhos de quem a vê e na Europa os olhos são europeus. Não queremos perder a «semelhança de família» que temos com estes povos. A Espanha está a aguentar firme e a Itália que começou mal, acordou a tempo. Os campos de concentração para imigrantes clandestinos lá estão a provar isso. Só falta Portugal actuar.

Sabemos que agora é um crime dizer isto mas a verdade é que temos muito orgulho em pertencer a este grupo de povos. E sentimos muita pena ao observar o processo de «acastanhamento» que está em curso e que nos está a afastar da «família». Não acreditamos que os genes afro venham «melhorar» o nosso «pool genético». É proibido dizer isto, mas é o que pensamos.

Não está aqui em causa se ficamos mais ou menos inteligentes, melhores ou piores jogadores de futebol, mais ou menos interessantes do ponto de vista dos produtores de filmes pornográficos. O que está em causa é que estamos a perder um importante factor de união com os outros povos do nosso continente e com os nossos próprios antepassados. Corremos o risco de nos tornarmos uma população aparte no seio da Europa. Fácil de identificar, fácil de discriminar, fácil de rejeitar. Deixaremos de nos sentir «em casa» em Espanha ou na Itália. Os únicos locais, fora do nosso país, onde nos sentiremos «em casa» será Cabo Verde, Cuba e as favelas do Brasil.

Achamos que não nos devemos acastanhar mais do que adequado à intensidade solar do nosso país. É crime defender isto? Aliás não são os próprios SOéSes a defender que a diferença entre as raças é apenas superficial e que no interior, e designadamente em termos de capacidade intelectual, as raças são todas iguais? Então, se assim é, que ganhamos nós em andar a fazer cruzamentos? Nós perdemos a nossa identidade e eles perdem a deles. É só isso que «ganhamos».

Imagine a situação inversa. Imagine por exemplo que alguém num país da África negra manifestava preocupação por estar a haver uma invasão de imigrantes europeus que se reproduzem a uma cadéncia cinco vezes mais rápida que o seu povo, admitindo que isso é humanamente possível. Esse alguém defende então o direito de defender a preservação da identidade étnica do seu povo tal como nós aqui fizemos.

Seria isso considerado racismo? Claro que não! Até conseguimos imaginar um mediático deputado da nossa assembleia a dizer coisas deste estilo: «OOO quuêê? Nããooo Poooode Seeer!

Nós que durante tanto tempo colonizámos económica e politicamente estes povos, também queremos agora colonizá-los geneticamente? Não pode ser! Eles têm o direito de querer preservar a sua identidade étnica.»

Pois têm. E nós também.

Aliás não é preciso ir tão longe. Considere os ciganos. Só admitem casamentos dentro da sua raça, princípio que é escrupulosamente respeitado sob pena de os infractores serem banidos da comunidade. É evidente que para eles a preservação da identidade étnica é considerada importante. Nunca vimos os SOS's ou o tal deputado mediático a criticar esta faceta dos ciganos. Antes pelo contrário, os ciganos são precisamente um dos seus povos-vítima predilectos. Então se respeitam essa opção nos ciganos, porque não nos portugueses? Porque quiseram pôr Portugal na via da multi-racialidade e da miscigenação sem sequer perguntar a nossa opinião?

Porque é que quando um português manifesta uma opinião contrária à miscigenação é logo acusado de «racista» e «preconceituoso» mas ninguém critica os ciganos por seguirem essa opção na prática?

Alguns argumentam que nós não somos uma raça pura, que somos uma mistura de iberos, celtas, berberes, romanos, fenícios, gregos, etc. Lembram que temos uma grande componente árabe e de que não nos podemos esquecer dos cerca de 10.000 escravos negros que para cá foram trazidos no século XVII e cujos genes se acabaram por diluir na nossa população. E depois? Só se fossemos lourinhos e de olhos azuis é que teríamos o direito de querer preservar a nossa identidade étnica? Quando perguntamos isto a um defensor da «linha castanha» ele fica sem nos saber responder. Segundo percebemos, a lógica por detrás disto é qualquer coisa do estilo: uma vez que o acastanhamento já está em curso, e já não há nada a fazer então o melhor é levá-lo até ao fim! Por esta ordem de ideias, se você um dia ao chegar perto do seu carro, observar que ele tem uma mossa, então o que tem a fazer é pegar num martelo e amassá-lo completamente!

A nossa língua também não é uma língua «pura», é baseada no latim e tem influéncias de outras línguas. Não é nenhuma criação original. Mas apesar disso é a nossa língua e nós concordamos que ela deve ser preservada.

Os nossos monumentos também não são ilustrativos de um estilo arquitectónico puro. Também eles têm influéncias exteriores. Apesar disso são suficientemente portugueses para que nós achemos que eles devem ser conservados. O mesmo se passa com as nossas tradições, a nossa paisagem, a nossa fauna e flora, etc.

Porque resistimos à introdução dos telhados tipo «maison»? Não foi por acharmos que a nossa paisagem rural merecia ser preservada? Então porque carga de água é que é um crime tão grande defender que a nossa identidade étnica é algo que merece ser preservado?

Os povos que no passado se misturaram connosco, fizeram-no ou por que eram militarmente mais fortes, ou mais bem organizados, ou trouxeram uma cultura que nós admirámos, ou eram tão semelhantes a nós étnica e culturalmente que dificilmente poderiam ser considerados estranhos. Mais provavelmente tinham uma mistura de todas ou algumas destas características. Apesar disso, desde Viriato que resistimos sempre que necessário. E todos esses invasores eram do grupo caucasiano.

Mas os novos invasores não são nada disso. Culturalmente são do mais atrasado que existe no mundo e não culpem o colonialismo português por isso. O colonialismo português bem tentou alterar isso e as ruínas das cidades que construímos nas ex-colónias são uma boa prova disso. Etnicamente eles são do mais diferente de nós que se pode encontrar neste planeta.

Eles vêm de países com um tremendo potencial agrícola. Com paisagens magníficas que poderão servir de base a um turismo de sucesso. Com inúmeras riquezas minerais. Com uma baixa densidade populacional. Que vêm eles fazer para este velho Portugal, pequeno, relativamente pobre e superpovoado? É por causa dos seus governantes corruptos e incompetentes? Mas que culpa temos nós disso? Se eles viessem do deserto de Gobi, da Antártida, do Sahara ou se fossem os últimos sobreviventes de um continente afundado, ainda se podia entender, mas assim…

É evidente que ninguém pode ser proibido de se casar com quem muito bem entender. Mas não faz mal que as pessoas tenham consciéncia das implicações disso. Os critérios de escolha de «parceiro biológico» não são fáceis de racionalizar. Potencialmente todas as raças são igualmente competentes como parceiro de vida. A escolha é muitas vezes uma questão de oportunidade. Quanto maior o número maior a oportunidade. Numa situação como a que vivemos existem muitos factores que favorecem o aparecimento de «oportunidades». Por exemplo, o casamento é uma excelente forma de obter a naturalização e 70% dos imigrantes africanos são homens.

Os casamentos multirraciais têm o mesmo sucesso que os outros? Nos EUA têm uma taxa de divórcio cinco vezes mais elevada que os outros. E em Portugal? Como sempre não existem estatísticas mas a maior parte dos casos que conhecemos acabaram rapidamente em divórcio, infelizmente só depois de produzirem descendéncia.

Agora está na moda entre a «elite vanguardista» o conceito de que a mistura de raças é inevitável e até desejável. Segundo eles o mundo está numa marcha imparável para formar uma raça única. Paradoxalmente esta sociedade que vive obcecada pelas roupas de marca e pelos automóveis de prestígio quer transformar a gloriosa diversidade humana num único «produto branco» ou melhor, castanho!

Querem acabar com um dos maiores prazeres do turismo; o contacto com diferentes «paisagens» humanas.

Querem produzir um mundo habitado por uma monótona e incaracterística raça castanha. E para quê? Um dia deram-me esta resposta: «Para acabar com o racismo!» Sinceramente isso faz tanto sentido como querer acabar com os problemas causados pelas pulgas dos cavalos, matando os cavalos!

Repare que os entusiastas da miscigenação, que se dizem tão grandes defensores da diversidade, no fundo e no limite, o que querem é acabar com essa mesma diversidade. Querem produzir um Portugal e um mundo racialmente homogéneo. A única diferença é que querem substituir as raças nativas de cada região por uma raça mulata. Só não explicam é por que. Por que é que uma sociedade homogénea de brancos, por exemplo, é pior que uma sociedade homogénea de mulatos? Temos de partir do princípio que eles não consideram os dois casos iguais porque nesse caso não seria necessário propagandear a mestiçagem com tanto ardor.

Deixem viver a diversidade! Deixem viver as raças no seu contexto social, geográfico e histórico!

Não nos esqueçamos que as pessoas de etnia europeia representam menos de 12% da população mundial. Nós é que somos a minoria étnica!

A hospitalidade é sagrada e deve continuar sempre assim. Mas ser hospitaleiro não é deixar-se passivamente invadir por hordas de estrangeiros abusadores.

Que fique claro que nós não propomos nenhuma limpeza étnica, nem proibições de casamentos multirraciais, nem incentivos financeiros para quem não os pratica.

A preservação da nossa identidade étnica é importante para nós. Pensamos que também será para mais pessoas. No entanto, admitimos que isto não tenha qualquer importância para muita e boa gente. Mas achamos que a nossa opinião tem tanto direito de poder ser expressa livremente como a opinião da «linha castanha». Porque é que eles podem divulgar as suas ideias livremente e nós não? Porque é que somos logo acusados de sermos racistas? O que é ser racista, afinal? Porque é crime ser «racista», mas já não é crime ser «familista», «partidoista», «clube-de-futebolista», «bairrista» etc.?

Se ser racista é gostar de pertencer a uma raça, então porque é que isso é pior do que gostar de pertencer a um determinado clube de futebol?

A miscigenação não é como as nacionalizações. Quando se descobriu que não era uma boa ideia, bastou desnacionalizar ou reprivatizar. Mas a miscenização é irreversível. Se perdermos a nossa identidade étnica NUNCA mais a conseguiremos recuperar. Não valerá a pena ser cauteloso? Não será bom pelo menos discutir o assunto?

Todos os dias somos invadidos por programas de TV do Brasil e dos EUA a defender a ideia da miscenização. É o «melting pot» que está na moda. E nós portugueses, provincianos como somos, vamos sempre atrás das modas. Os japoneses, os espanhóis, os finlandeses, os coreanos e muitos outros não vão nisso. Mas isso é porque são parvos. Nós é que somos espertos!

As pessoas esquecem-se que os casos são diferentes. Os EUA e o Brasil são sociedades multirraciais consumadas, com todos os problemas que daí advêm. A atitude mais inteligente é tentar por todos os meios diminuir o potencial para a eclosão de conflitos étnicos. Portugal ainda é na sua maior parte uma sociedade homogénea. Estamos no nosso direito de defender que ela deve continuar assim!

A melhor maneira de defendermos a nossa identidade étnica é impedir a entrada no nosso país a multidões de pessoas de etnia muito diferente da nossa.

Sejamos sensatos!

CAPA: Estatua de Viriato, «Terror Romanorum», em Zamora, Portugal.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1: NACIONAL-SOCIALISMO

- Compreendendo o Nacional-Socialismo 8
  1. O Nacional-Socialismo é de Direita? 9
  2. O Nacional-Socialismo é Capitalista? 11
  3. O Nacional-Socialismo é «Racista»? 14
  4. O Nacional-Socialismo é Fascista? 17
  5. O Nacional-Socialismo é uma Ditadura? 20
  6. E quanto ao Holocausto? 22
  7. Serei Eu um Nacional-Socialista? 24

CAPÍTULO 2: A QUESTÃO RACIAL

- Valor crucial: o direito de preservar o próprio sangue 25
- Ideal hereditário 29
- O Mito da Igualdade 32
- Nacional-Socialismo e o Instinto de Preservação 36
- Quem é Branco? 48
- O racismo anti-branco: mitos e preconceitos 49
- O que significa o termo Ariano? 51
- Desconstrução da mestiçagem 52
- A Raça como o Coro das Raízes 53
- Racismo e anti-racismo… Ou a realidade para além das palavras 55

CAPÍTULO 3: IMIGRAÇÃO E MULTICULTURALISMO

- Algumas reflexões 60
- Os mitos da imigração 61
- Imigração: colonização invertida 65
- Usurpação da nacionalidade 68
- O lado negro da diversidade 71
- A farsa do vitimismo afro-descendente 73
- A ameaça do multiculturalismo 75
- O que faria o Estado Nacional-Racialista? 76

CAPÍTULO 4: O PROBLEMA JUDAICO

- Uma Breve História dos Judeus 79
- Israel exige DNA para averiguar a «judaicidade» dos imigrantes... Mas pede por fronteiras abertas às nações brancas 81
- A Verdade Crua Sobre o Controle Judaico em Todos os Setores da Vida 82
- Problemas Implacáveis com os Judeus Datam de Milhares de Anos 98
- A farsa do Holocausto: a mentira dos «Seis Milhões» 109
- Quanto Israel custa ao contribuinte americano 116
- Judeus Foram os Responsáveis Pelo Tráfico de Escravos Africanos 127
- O Comércio Judaico Global de Escravidão Sexual 138
- Sadismo Judaico na Palestina 144
- Confissões de um judeu 148

CAPÍTULO 5: O COMUNISMO JUDAICO
- Marxismo ou Nacionalismo? 152
- Como os Judeus Controlam Ambos os Lados «Opostos» 156
- Feminismo, Modernismo e a Vilanização da Família 166
- O Barco do Aborto 167
- Direitos homossexuais: honestidade radical em um assunto importante 168
- Os Verdadeiros Campos de Extermínio e Holocausto 169

CAPÍTULO 6: A QUESTÃO RELIGIOSA
- Paganismo: A Voz do Sangue 180
- A Esséncia e o Significado da Suástica 182
- Vaticano, a Sinagoga de Roma 188
- Paralelos Entre a Bíblia e o Manifesto Comunista 194
- As raízes judaico-cristãs do comunismo 201
- Cristianismo e Comunismo: Gémeos Judeus 208
- A natureza da tolerância no Islão 213
- A Europa perante os postos avançados da subversão islâmica 214
- As Raízes da Tradição da Bruxaria: A Origem da Ária 221
- Odinismo e a Religião Ariana Ancestral 228
- Runas e a Árvore Sagrada: A Origem do Natal 231

CAPÍTULO 7: HISTÓRIA E ACTIVISMO
- Breve história do nacionalismo em Portugal 232
- Portugueses na *Divisão Azul* 235
- Adolf Hitler: Homem de Paz 237
- Ética Revolucionária 252
- Militantismo 260
- A Disciplina do Militante Nacionalista 261
- Da Acção: uma perspectiva histórica 263
- Recrutamento de novos membros 268
- Manual de colagem de cartazes 270

CONCLUSÃO: O Fim do Sofrimento é o Nacional-Socialismo 274

LEITURA RECOMENDADA (podem ser achados e descarregados gratuitamente online):
- Minha Luta, ADOLF HITLER
- A Verdade Proibida, ARTHUR BUTZ
- Os Protocolos dos Sábios de Sião, GUSTAVO BARROSO
- A Voz dos Nossos Ancestrais, HEINRICH HIMMLER
- Esses Malditos Nazistas, JOSEPH GOEBBELS e MJÖLNIR
- O Verdadeiro Holocausto, MAXINE DIETRICH
- Holocausto Judeu ou Alemão?, S. E. CASTAN
- A Destruição de Dresden, DAVID IRVING
- O Livro Verde, MUAMMAR AL-QATHAFI
- Nacional-Socialismo, MIGUEL SERRANO
- Não Selebraremos a Morte dos Deuses Brancos, MIGUEL SERRANO
- O Sexo Segundo o Nacional-Socialismo, RAMÓN BAU

CAPÍTULO 1: NACIONAL-SOCIALISMO

Compreendendo o Nacional-Socialismo

Este trabalho surgiu da necessidade de esclarecer tanto aos que já se consideram Nacional-Socialistas, quanto aos que possuem um conhecimento limitado de sua doutrina e, principalmente, àqueles que se opõem ao Nacional-Socialismo, porém nunca tiveram a oportunidade de estudá-lo a fundo e conhecê-lo por uma versão que não fosse do inimigo e, assim, poder tirar conclusões justas e sensatas. É uma oportunidade aos nossos adversários, que muitas vezes foram manipulados, de compreender a verdade sobre nós, que inconscientemente não perceberam que ao nos combater, colaboravam com o mesmo Sistema que visam destruir.

Diversos de nossos inimigos tornaram-se Nacional-Socialistas por encontrarem em nós uma solução viável e ao se livrar de todo o preconceito criado pela propaganda dos media de massa para nos difamar. O artigo presente é uma tentativa de iluminar e de esclarecer a verdade sobre a Cosmovisão Nacional-Socialista, que foi difamada e perseguida por décadas por pessoas que visavam se proteger da revolta do Povo contra o poder do dinheiro e da ditadura do interesse.

Durante todo século XX nunca foi dado aos Nacional-Socialistas o direito de defesa ou a oportunidade de um debate democrático e justo. Fomos perseguidos em diversos países ao redor do mundo, nossas ideias foram distorcidas para tornar-nos repulsivos, manipularam e falsificaram fatos históricos para impedir as pessoas de caráter de conhecer a verdade. Nossos livros foram queimados, confiscados, proibidos, nossos autores perseguidos, denunciados, expostos, aprisionados. Dessa maneira, nossos inquisidores provaram que somos uma ameaça contra o governo, contra o Sionismo internacional, contra o Sistema, contra o poder do capital e contra a mentalidade burguesa individualista.

De tudo tentaram para nos calar, podem aprisionar homens, e até mesmo matá-los, porém nunca poderão prender ou destruir uma ideia. Chegou a hora da revolta, da revolução contra o Mundo Moderno, a hora do nosso grito de liberdade. Chegou a hora da mordaça cair por terra.

O texto divide-se em seis questões fundamentais que são a causa de uma grande deturpação da verdade sobre o Nacional-Socialismo - questões que muitos que se dizem NS não atingiram uma clara compreensão – e uma para reflexão pessoal.

1. O Nacional-Socialismo é de Direita?
2. O Nacional-Socialismo é Capitalista?
3. O Nacional-Socialismo é «Racista»?
4. O Nacional-Socialismo é Fascista?
5. O Nacional-Socialismo é uma Ditadura?
6. E quanto ao Holocausto?
7. Serei Eu um Nacional-Socialista?

1. O Nacional-Socialismo é de Direita?

É conveniente iniciarmos por este tópico, pois trata-se de uma das mais comuns distorções sobre o que o Nacional-Socialismo realmente é. Inúmeros Nacional-Socialistas consideram-se de direita, porém sem compreender o significado correto das classificações «direita» e «esquerda». O termo surgiu nos tempos da França pré-revolucionária, onde aqueles que pretendiam conservar o sistema de governo sentavam-se à direita na Assembleia, enquanto os que lutavam por mudanças radicais sentavam-se à esquerda. Assim sendo, o termo «direita» foi usado para definir os reacionários e conservadores, e «esquerda» para definir os revolucionários.

A classificação de «esquerda» foi usada predominantemente por marxistas e anarquistas por serem grupos geralmente engajados em luta revolucionária, mas estes termos não se aplicam de acordo com a natureza de cada doutrina, mas sim com a época e situação política do momento. Por exemplo, nos tempos da Rússia Czarista, os bolcheviques, por representarem um movimento revolucionário, encaixavam-se à esquerda, porém ao assumir o poder em 1917, deixaram de representar qualquer revolução para se tornar a situação, assim sendo, todo tipo de oposição seria a esquerda, enquanto os marxistas seriam conservadores de seu regime. Devido ao frequente uso da classificação de «esquerda» por estes grupos de orientação marxista-leninista ou libertária, se tornou comum taxar-se qualquer outra doutrina em oposição à eles de «direita», e muitos Nacional-Socialistas aceitaram tal rótulo, mesmo sendo erróneo.

Uma Força Revolucionária:

«(...) O Nacional-Socialismo é uma nova concepção de mundo que está em mais severa oposição ao atual mundo do capitalismo e seus satélites marxistas e burgueses».
Gottfried Feder – O Programa do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães

O grande problema do Movimento Nacional-Socialista depois de 1945 foi ignorar as mudanças que ocorreram na sociedade e continuar vivendo no passado. Enquanto os outros movimentos foram crescendo, evoluindo e se adaptando às necessidades e problemas de seu tempo, ficamos estagnados, vivendo ainda na primeira metade do século. Poucos perceberam como vários de nossa situação mudou, e que a sociedade hoje não é a mesma dos anos 30. É necessário focar-se nos problemas e na política atual, o presente, adaptar-se e fazer algo prático. Consideramos o Mundo Moderno e a atual «civilização» ocidental como nossos maiores inimigos. Constitui-se de uma sociedade absolutamente materialista e capitalista com uma filosofia burguesa e individualista. Um império construído pelo interesse e pelo egoísmo. Um império não construído para o Povo, não um império cultural ou espiritual, mas um Sistema formado por oligopólios, monopólios, grande corporações e uns media de massa doentia financiada por um Estado imoral e antinacional que protege os interesses dos poderosos e do Sionismo.

Assim sendo, o Nacional-Socialismo visa a total destruição do Mundo Moderno. Queremos o fim dessa era de decadéncia e o início de uma nova. Queremos preservar a nossa cultura e restaurar nossas raízes, mas não somos, de maneira alguma, conservadores no plano político, não queremos conservar os valores degenerativos atuais, não queremos conservar um Sistema capitalista ou um governo corrupto que age contra os interesses do próprio Povo e que nada faz para manter nossa herança cultural ou preservar nossa estirpe. Não queremos um Estado que faz de tudo para nos calar e que promove a destruição de uma cultura de milénios.

Nós não sustentamos a atual (des)ordem, mas a combatemos; nosso objetivo é sua total aniquilação. Abandonamos a mentalidade burguesa e egoísta incompatível com nossa natureza coletivista. Acreditamos em um combate violento contra o Sistema para sua destruição e implantação de algo novo e justo. Iremos implantar a verdadeira ordem Nacional-Socialista. Somos os únicos que lutam pela edificação da grandeza espiritual do Homem e o colocamos frente aos interesses do capital e do espírito egoísta. Não lutamos só por pão, mas por criatividade e liberdade.

Deve-se perceber que a causa da nossa atual condição e perseguição são os governos ocidentais. Eles nos odeiam, protegem apenas os grandes interesses e farão de tudo para nos proibir e nos aprisionar. Para eles, cultura e raça nada significam, apenas questões económicas. Apoiar tais governos de qualquer forma é impedir e atrasar a Revolução Nacional-Socialista

«... foi esquecida a condição que deve preceder todo ato é a vontade e a coragem de dizer a verdade - e hoje nós não vemos isso nem na direita, nem na esquerda».
Adolf Hitler - Hitler's Speeches, Baynes. Vol. 1 The Institute of Internacional Affairs.
1942

O Nacional-Socialismo nunca se disse de «direita», esse termo foi aplicado à nós pelos media inimigos, só indivíduos pouco esclarecidos e algumas bandas de rock continuam a carregá-lo. Colaborar com partidos ou políticos de «direita» é uma total perda de tempo e também uma grande contradição, a maioria deles nos odeia e serão os primeiros a combater uma insurgéncia Nacional-Socialista. Não somos representados por partidos porque aos Nacional-Socialistas não é permitido espaço dentro da dita «democracia». Somos a total oposição contra a ditadura do dinheiro e as forças do Sionismo internacional.

As definições «esquerda» e «direita» nada significam para nós, superamos tais rótulo e colaboramos grupos que visem a destruição do Sistema e do governo. Mesmo que tais organizações possuam ideias diferentes, ou mesmo contraditórias às nossas, possuímos um inimigo em comum: o Sistema. Marchamos separados, mas atacamos juntos. Enquanto brigarmos entre nós, o Sistema se fortalecerá.

O Nacional-Socialismo é o fim de uma era de decadéncia e o começo de uma era de prosperidade. Nosso objetivo é o Ano Zero, a renovação de um tempo, por isso somos totalmente revolucionários.

2. O Nacional-Socialismo é Capitalista?

«Por isso exigimos:

11. A abolição do dinheiro obtido sem trabalho e sem esforço.

12. Em vista dos enormes sacrifícios de bens que toda guerra exige do Povo, o enriquecimento pessoal na guerra deve ser qualificado como crime contra o Povo. Exigimos, portanto, o confisco de todos os lucros de guerra.

13. Exigimos a nacionalização de todas as empresas monopolistas.

14. Exigimos a participação nos lucros das grandes empresas.

15. Exigimos uma ampliação generosa da assisténcia social aos idosos

17. Exigimos uma reforma agrária adaptada às nossas necessidades nacionais; a criação de uma lei para a expropriação gratuita de terras para fins de bem comum. Abolição do interesse agrário e impossibilitar toda especulação com a terra.

18. Exigimos a luta implacável contra aqueles que com sua atividade prejudicam o interesse comum. Os criminosos do povo, os gananciosos, os especuladores, etc. serão punidos com a pena de morte, sem distinção por sua religião ou raça.

19. Exigimos a substituição do direito romano que serve a ordem mundial materialista por um Direito Comunitário alemão
(...)

O Interesse comum vem antes do interesse particular!»
Adolf Hitler e Gottfried Feder - Os 25 pontos do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (1920)

Sangue Contra Ouro:

O Nacional-Socialismo compreende que o bem-estar da Comunidade vem antes dos interesses individuais de qualquer outro grupo. Para o Nacional-Socialismo, o dinheiro é meramente um fator de troca de bens materiais, uma maneira de avaliar matematicamente o trabalho do Homem para a realização de futuras trocas – o que chamamos de comércio.

Todos possuem o direito de colher os benefícios do seu trabalho, desde que este seja produtivo e honesto.

No Nacional-Socialismo, não há diferença entre o trabalho manual e intelectual, não há divisões trabalhistas quando este é honesto.

Somos totalmente contra as grandes corporações que visam lucro desenfreado adquirido de maneiras totalmente cruéis e imorais antes do bem das pessoas. Somos contra as empresas que destroem o meio-ambiente porque estão mais preocupadas com dinheiro do que com o futuro e com o bem-estar mundial. Nós, os Nacional-Socialistas, fomos os primeiros ambientalistas da história!

A globalização é um fenómeno que marca a força da usura e do egoísmo. É o fim de fronteiras para a implantação de um sistema económico global que favorece apenas as grandes elites e que não visa a preservação cultural ou o Povo, mas apenas lucro. O mundialismo, através da superação de fronteiras, destrói as culturas nacionais e promove uma anticultura yankee totalmente consumista à la McDonald's. A Televisão, como instrumento alienador, divulga esse estilo de vida materialista e entorpece a sociedade com divertimento fútil e estúpido, desviando sua atenção da decadéncia da realidade.

O Sistema, como agente capitalista, promove a imigração em massa à fim da disponibilização de mão de obra baratíssima para os patrões donos do dinheiro que pretendem diminuir os gastos e aumentar os lucros sem nenhuma preocupação com os operários. Prejudica os trabalhadores nacionais, desvaloriza o trabalho, empobrece a classe operária, aumenta a criminalidade, implanta culturas estrangeiras em nações que deveriam se preservar.

«A luta contra o capital financeiro e o empréstimo internacional se tornou o ponto mais importante da luta na Nação por sua independéncia e liberdade».
Gottfried Feder

A especulação financeira não visa nenhuma produção, apenas lucro desenfreado sem nenhum tipo de contribuição com a sociedade. No Nacional-Socialismo, apenas o trabalho pode ser fonte de riqueza. Dinheiro não pode criar dinheiro, dinheiro não é produto, é fator de troca. O capital cumpre apenas papel como intermediário, não possui nenhum valor sozinho.

O Nacional-Socialismo apoia a livre iniciativa, desde que de seja aplicada de acordo com os princípios Nacional-Socialistas. De nada nos diferenciaríamos dos grandes capitalistas se empregássemos mão de obra barata de pessoas de fora da Comunidade – podendo prejudicá-la - para uma diminuição de custos. Também não seríamos diferentes se não garantíssemos os devidos direitos dos trabalhadores ou os tratássemos de maneira desonrada para nos beneficiarmos. O NS acredita que o patrão honesto e o empregado podem trabalhar juntos em respeito mútuo em um ambiente saudável e equilibrado.

Os marxistas negam cultura e raça como identidade imutável, substituindo-as pela classe social, mas não existe tal coisa como a dita solidariedade internacional classista, o trabalhador não é e nunca foi internacionalista por natureza, ele é patriota - vive em uma Comunidade, possui um vínculo com a terra onde trabalha. Internacionalistas são os agentes da globalização, os banqueiros, os empresários exploradores que não enxergam nem pátria, nem nação, mas apenas dinheiro.

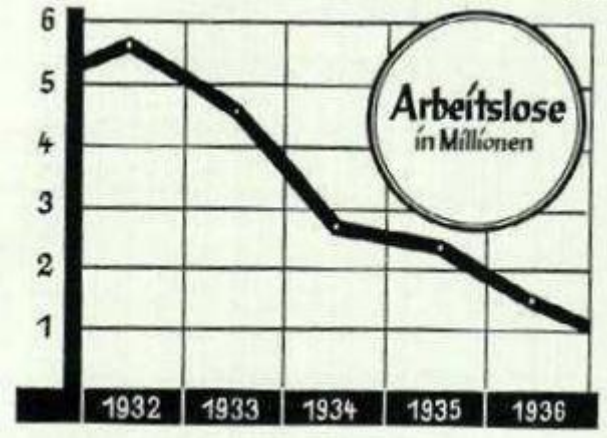
O espírito do Nacional-Socialismo representa uma oposição violenta e radical contra o espírito do capitalismo. Trata-se da rebelião do espírito criativo e sincero do Homem contra

a exploração e o poder dinheiro. Estamos engajados numa luta contra o capital financeiro e especulador. O Nacional-Socialismo é o sentimento de união espiritual e identidade cultural contra as forças da ganância e do egoísmo.

A Revolução Social

«Eu era, e ainda sou um filho do Povo. Não foi pelos capitalistas que eu iniciei essa luta, mas pelos trabalhadores alemães que tomei minha atitude».
Adolf Hitler

O governo Nacional-Socialista alemão aumentou as férias dos trabalhadores significantemente; reduziu a jornada de trabalho para 8 horas, aplicou uma política de bem-estar dos funcionários que concedia 2 horas diárias de descanso com áreas de lazer. Em um ano de governo, as fábricas e lojas foram reformadas seguindo padrões exigentes de limpeza e higiene.



Desemprego em milhões (Nota: Hitler assumiu o poder em 1933)

Em 3 anos, mais de 23.000 estabelecimentos foram reformados, 1.200 campos desportivos, 13.000 instalações sanitárias e 17.000 cantinas foram construídas. Mais de 6 milhões de empregos foram criados apenas em 4 anos e o problema do desemprego foi totalmente solucionado. Todo alemão deveria prestar um ano de trabalho comunitário à fim de reconstruir a nação. A inflação foi controlada. Instituições especuladoras foram fechadas e os lucros injustos dos banqueiros, confiscados.

O Nacional-Socialismo histórico provou estar do lado dos trabalhadores. Nós representamos uma Cosmovisão que acredita no Homem, que acredita no trabalho honesto e produtivo, no senso de civilização - quando as pessoas compreendem que fazem parte de um Povo e que trabalham juntas para a posteridade.

O fator determinante é o caráter, a Honra, o trabalho, a força de vontade individual, e não a conta bancária. Já se passou o tempo em que toleraremos que os grandes chefes, que os detentores do capital tenham o destino de nossas vidas em suas mãos.

O Nacional-Socialismo é a rebelião do Homem contra o poder do dinheiro. O Nacional-Socialismo é a verdadeira voz da classe operária! O Nacional-Socialismo é socialista!

3. O Nacional-Socialismo é «Racista»?

Os inimigos do Nacional-Socialismo fizeram de tudo para criar e nos vincular à uma imagem de ignorantes e preconceituosos. Criaram políticas de «ódio racial» em nossas próprias nações e a mentira de que somos «odiosos» como desculpa para nos calar. Utilizando-se desse pretexto, fomos perseguidos, aprisionados e crucificados pelo Sistema, e nunca foi nos dado o direito de resposta.

O que os inimigos do Nacional-Socialismo querem é que o grande público não saiba a verdade sobre nossas ideias e compreenda nossa concepção de mundo. Na verdade, nossos adversários tem pavor de que as pessoas compreendam a verdade sobre o Nacional-Socialismo e que nós lutamos por altos valores. Seu grande temor é que o Povo se rebele contra o poder do dinheiro, contra o governo e contra um sistema decadente.
7
Raça e as Leis Naturais:

«Pense que as bases fundamentais de sua existéncia se devem aos seus antepassados».
Walter Darré – La Política Racial Nacionalsocialista

Para o Nacional-Socialismo, as raças são manifestação do trabalho de milénios de evolução natural e criação da diversidade humana. Raça é a maneira da qual a Natureza se manifesta em nós. Destruir e miscigenar as raças – qualquer raça – seria destruir todo o trabalho da Natureza. Deve-se preservar e cultivar nossa própria estirpe, a herança de nossos antepassados, nossa história e cultura. Ao preservar o Sangue, nós cultivamos, colaboramos e evoluímos com a Natureza.

Nós não queremos e não acreditamos que possuímos o direito de destruir, exterminar ou prejudicar qualquer outra raça. O Nacional-Socialismo segue pelo conceito da Honra pessoal e pelo respeito para com os outros Povos. Nós queremos que o nosso Povo – e também todos os outros - criem um respeito mútuo e se orgulhem de sua própria cultura, de suas tradições e história.

Sangue e Solo:

Não há como negar a existéncia das diversas raças que formam a espécie humana. Ao estudarmos a História, observamos que as diferentes culturas são reflexo das diferentes raças. O argumento de que raças não existem é um mito muito frequentemente promovido atualmente por governos e sistemas que lucram com a criação de sociedades multiculturais.

O Nacional-Socialismo acredita no princípio de Sangue e Solo. O Sangue é a herança cultural que devemos à nossos antepassados e que forma a Comunidade étnica.

Quando as pessoas compartilham uma mesma origem, criação e tradições, quando possuem uma terra em comum, uma terra pela qual seus antepassados lutaram e cultivaram para o futuro, possuem valores e uma concepção de mundo semelhante, reagem e pensam de maneira parecida. Emanciparam-se do sentimento individualista para um sentimento de comunidade; as pessoas se preocupam umas com as outras, não são indivíduos isolados, mas membros de um mesmo Povo. Isso cria um sentimento de identidade, nós nos sentimos um vínculo com estas pessoas. Esse sentimento é inegável e natural do Homem. Quando ele existe, as pessoas trabalham juntas, colaboram umas com as outras para a criação da civilização.

O Mundo Moderno é baseado na concepção materialista e capitalista do mundo. Ele nada tem a ver com a ideia de Comunidade ou de preservação cultural, pois é regido por uma anticultura consumista e totalmente individualista. Não há nenhuma tentativa de manter ou cultivar os grupos naturais. A moral das sociedades modernas é a busca pela felicidade pessoal, que se encontraria apenas com o acúmulo de capital e bens materiais. Não há nenhum valor supremo ou uma espiritualidade como no Nacional-Socialismo.

Como já nascemos em um determinado ambiente e somos criados em determinada cultura raramente pensamos sobre a origem e o motivo da existéncia de comunidades, sociedades e nações da onde vieram (o que vai além da História) e o que realmente une à nos todos. A Comunidade é a consequéncia natural e histórica da formação de qualquer povo que, com o tempo, através da união entre as pessoas, vai desenvolvendo naturalmente uma cultura, uma série de princípios, uma maneira de ver o mundo, de reagir a determinadas coisas, consequentemente uma história em comum, o que cria uma identidade e um vínculo. Algo natural, que sempre existiu em todas as tribos e comunidades de todas as culturas desde a existéncia do Homem. Esse vínculo gera um dever e uma preocupação com as pessoas com quem convivemos, existe o objetivo de trabalhar para o bem comum para com quem nos importamos. O ponto principal desta questão é tentar compreender a esséncia da sociedade multicultural. Obviamente nenhuma comunidade (veja que não fala-se de sociedade) é multicultural desde o início, então qual seria o motivo pra essa aglomeração de pessoas de diferentes culturas, raças e princípios vivendo em um mesmo espaço? O que une à todos? Uma cultura? Uma identidade única? Qual seria a afinidade entre esses milhões de pessoas? A resposta é simples: dinheiro.

A única coisa que mantém todos juntos é o sistema de produção-trabalho-consumo. Tratam-se de sociedades em que a esséncia é o materialismo e o lucro pessoal. Não há nenhum vínculo ou preocupação mútua. Assim como imigrantes são pessoas que abandonam a própria pátria para ir à outra se dar bem, ganhar dinheiro e gastar mais («ter uma vida melhor», como diriam os sociólogos). Alguém consegue imaginar um índio saindo de sua tribo e abandonando seu povo pra ir pra outra? Somente as sociedades modernas tentam substituir esse senso comunitário por valores como a eterna busca pelo lucro pessoal, em que o dinheiro é mais importante do que o Povo. A única razão da existéncia da sociedade multicultural é o comércio e o dinheiro, apenas isso. Assim sendo, qualquer pessoa – mesmo que diga-se anticapitalista – que ataca o «racismo» - que seria uma reação natural pela defesa de seu espaço e cultura – e defende qualquer tipo de sociedade multirracial, e o multirracialismo em si, está defendendo uma sociedade sem nenhuma esséncia, história, cultura ou vínculo humano, mas apenas um sistema que utiliza-se das pessoas como produto para seus interesses puramente capitalistas.

Não há nenhum motivo para a existéncia do multiculturalismo, apenas os capitalistas lucram com sociedades materialistas e individualistas. A exploração só acontece em sociedades multiculturais, não em Comunidades orgânicas onde há uma preocupação mútua entre as pessoas. É perfeitamente natural que cada raça tenha sua nação e território e que possam viver de acordo com suas leis, culturas e valores. Assim sendo, as sociedades atuais são sociedades multiculturais, e todas as sociedades multiculturais são fundamentalmente individualistas, materialistas e decadentes. A ideia multirracial promovida por sociólogos degenerados, engenheiros sociais e pela maioria dos governos ocidentais é a ideia de que os países e nações existem com o único propósito de que indivíduos devem viver em busca do dinheiro para sua auto-realização individual. É hora de encararmos que a concepção Nacional-Socialista não se trata de uma ideia abstrata, mas de um sentimento natural humano e de uma realidade.

Encarando a Realidade:

A verdade é que conflitos raciais não ocorrem quando há a existéncia de Comunidades étnicas, as guerras e choques culturais só acontecem em sociedades multirraciais. Não é o instinto de autopreservação que cria ódio e discórdia, mas graças ao multiculturalismo que coloca povos diferentes nos mesmos Estados, que defende o interesse de um enquanto ataca outro. Graças aos atuais governos modernos e antinacionais que há absurdos como guerras civis e separatismo cultural.

A dura realidade é que sociedades multiculturais não funcionam. Enquanto houver grupos de pessoas com valores, religiões e cultura diferentes em um mesmo local, isto é, uma maneira de ver o mundo, de reagir a determinadas coisas de um modo diferente, haverá ódio, discriminação, preconceito e guerras. Está na Natureza do ser humano identificar-se com seu semelhante. Os laços formados pela origem, criação e tradição são reflexo do poder do Sangue e formam a nossa concepção de mundo. Povos e culturas diferentes possuem visões diferentes. O ideal é que cada etnia tenha sua nação e território para viver de acordo com suas leis, cultivar seus costumes e cultura.

«Racismo» foi uma palavra mais famosamente cunhada pelo comunista judeu Trotsky, com o objetivo de avançar a Ordem Judaica Mundial, vilipendiando todas as raças gentias que desejam existir e não serem aniquiladas como um povo diversificado dentro da ordem global judaica de vilania e terror. Onde quer que o comunismo judaico domine, são promovidos programas de extermínio racial na forma de miscigenação. Nunca para os judeus, mas para os gentios. Dentro da União Soviética e então no Ocidente, com o marxismo judaico. O cristianismo e o islão também empurram o mesmo. É também um fato que o judeu projeta o que ele é em seus inimigos. A única raça na Terra que vê as diferenças raciais como uma licença para matar, escravizar e aterrorizar é a raça judia que desumaniza todo o mundo gentio e usa isso para explorar, assassinar e prejudicar todos os povos não-judeus em sua guerra racial sem fim contra a humanidade. Então eles sentam na retaguarda e posam como as vítimas para criar uma falsa simpatia e cravar suas presas no pescoço do hospedeiro.

Citação do Talmude judaico: Nidrasch Talpioth, p. 225-L – «Jeová criou o não judeu em forma humana, de modo que o judeu não teria de ser servido por animais. O não judeu é, portanto, um animal em forma humana, e está condenado a servir o judeu dia e noite.»

O vocábulo «racismo» é empregado indiscriminadamente para constranger qualquer manifestação que contrarie a cartilha que pretende abolir o sentimento de identidade racial, através do estímulo à miscigenação. Diferencia-se a perspectiva racial negativa (o ódio injustificado contra o diferente), da perspectiva racial positiva, a qual nada mais é do que o instinto natural de preservação e amor à herança genética dos antepassados. Cumpre lembrar que o conflito nasce da promiscuidade cultural, da intromissão de um povo no espaço do outro, onde quer que ocorra; esse é um dado histórico. Portanto, a melhor medida para combater o ódio racial é justamente afirmar as diferenças raciais e promover uma política sadia de orgulho de cada grupo natural em seu território.

A questão é que o Nacional-Socialismo é uma doutrina de amor, de orgulho e de Honra. Se existem «multiculturalistas» legítimos, somos nós. Nós que acreditamos que todas as raças devem cultivar sua própria cultura e que a mistura destas, cria conflitos e as destrói. Não queremos a aniquilação ou inferiorização de qualquer raça, mas a preservação e evolução da diversidade humana e de suas diferenças.

4. O Nacional-Socialismo é Fascista?

Há uma grande desinformação quando a questão é Fascismo, e a causa disso é que a maioria das pessoas que falam sobre o assunto não tem a mínima ideia sobre o que ele realmente se trata. O termo é frequentemente utilizado para definir os movimentos europeus de caráter nacionalista e anticomunista – principalmente os da primeira metade do século XX.

Na verdade, o termo «fascismo» parece não ter uma explicação única, já que as pessoas o utilizam para o que elas bem entendem, seja pra movimentos nacionalistas ou pra qualquer vertente política da qual sejam contrário – de maneira pejorativa.

O Nacional-Socialismo é quase sempre relacionado ao movimento fascista dos anos 20 e, também por muitos, considerado como uma «ideologia fascista». Costuma-se dizer que o NS é uma vertente do movimento de Mussolini, ou que de alguma forma fora influenciado por este, ou mesmo que seja um Fascismo com os princípios raciais aplicados. Todas falsas afirmações, resultadas de difamação e especulação.

O Nacional-Socialismo Originou-se do Fascismo?

Tanto o Partido Fascista quanto o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) datam do ano 1919. Assim sendo, os dois movimentos surgiram na mesma época, não havendo nenhum contato entre eles. O motivo de haver certas semelhanças é simplesmente por terem nascido em um contexto histórico fértil para grupos nacionalistas e anticomunistas.

Enquanto o Nacional-Socialismo surgiu da formação de uma Cosmovisão, o Fascismo surgiu como um movimento anti-ideológico, possuía como base apenas o sindicalismo sorelista pós-marxista. Apareceu como um regime de circunstância, uma reação ao avanço comunista e anarquista na Itália. O Fascismo não apresentava uma doutrina concreta como o Nacional-Socialismo, apenas um plano contrarrevolucionário em relação aos movimentos vermelhos. Em seu manifesto não havia nenhum ponto ou qualquer traço de inspiração doutrinária ou espiritual, apenas simples reivindicações políticas como: o voto feminino, reorganização do setor de transportes, redução da idade mínima para aposentadoria, abolição do Senado etc. Medidas quase nada revolucionárias se comparadas às do movimento Nacional-Socialista.

No ano de 1922, ocorre a Marcha sobre Roma, quando milhares de Camisas Negras conseguem colocar Mussolini no poder. Em 9 de novembro de 1923, os Nacional-Socialistas tentam a mesma coisa em Munique, e falham, resultando em prisões em massa, inclusive do próprio Adolf Hitler. Se, de qualquer forma, o Fascismo inspirou o Nacional-Socialismo foi na ideia de um golpe de Estado e da formação de milícias paramilitares como os Camisas Negras e a SA. Nunca no plano ideológico.

Em 1920, Gottfried Feder e Adolf Hitler já haviam formulado os 25 pontos do NSDAP e, em 1925, o livro Mein Kampf fora publicado na Alemanha, enquanto Mussolini não tinha nada além de um discurso nacionalista e anticomunista. As realizações do Partido Fascista eram meramente políticas e administrativas, carecendo de uma doutrina ou de uma Cosmovisão completa como o Nacional-Socialismo.

Então, em 1932, aparece o termo «fascismo» na Enciclopédia Italiana, em um espaço de 37 páginas cheio de fotos e ilustrações. Fora essa a tentativa do Mussolini - dez anos depois de subir ao poder - de incluir um aspecto doutrinário e filosófico em seu movimento. Embora o texto seja assinado pelo Duce, sabe-se que fora escrito quase inteiramente por Giovanni Gentile. Este mesmo texto depois é publicado em formato de livro em 1935 – dez anos após o lançamento de Mein Kampf.

Embora o Führer cultivasse uma amizade por Mussolini por anos, de maneira nenhuma se deixou levar por suas opiniões, que eram quase apenas políticas e

económicas, enquanto havia defendido uma visão de mundo completamente nova. Se Adolf Hitler admirava o Duce foi por ter liderado a Itália como o primeiro país europeu a conter o comunismo, nunca por suas ideias.

Se o movimento fascista inspirou Hitler e o Nacional-Socialismo foi apenas no plano prático: a ideia do golpe de Estado – depois abandonada pelo Führer – e a criação da SA. Porém, é muito mais provável a Cosmovisão Nacional-Socialista tenha inspirado a tentativa Fascista na criação de uma doutrina.

Algumas Medidas e Ideias do Estado Corporativo Fascista:

A filosofia Fascista nunca apresentou qualquer caráter racial antes do contato com o Nacional-Socialismo. Na realidade, as primeiras correntes Fascistas anti-sionistas só surgiram após 1938 – cinco anos após a chegada de Hitler ao poder e dezesseis após Mussolini. O mais surpreendente é que havia uma quantidade razoável de Judeus no movimento Fascista e, muitas vezes, ocupando cargos importantes e, mesmo depois de 1938, pouquíssimos destes hebreus perderam suas posições no Estado «italiano».

O Estado Fascista declarou que os Judeus estrangeiros com mais de 65 anos, e que antes de 1938 contraíram matrimónio com italianos – a mesma miscigenação que os Nacional-Socialistas tentavam IMPEDIR pelas Leis de Nuremberg – eram agora considerados italianos.

Os Judeus não se assimilam, criam um Estado dentro de outro e se conservam através da parasitagem de outros povos, nunca podem ser considerados como europeus. Apenas a visão meramente política e estatal do Fascismo e outras «democracias» atuais podem aceitar sionistas em sua pátria e ainda chamá-los de nacionais!

É Possível ser Fascista e Nacional-Socialista?

Quase só se conhece as semelhanças entre o Fascismo e o Nacional-Socialismo, porém suas diferenças são muito mais cruciais.

«O Estado é um meio para um fim. Sua finalidade consiste na conservação e no progresso de uma coletividade sob o ponto de vista físico e espiritual».

«O direito humano anula o direito do Estado».
Adolf Hitler

Pelo Nacional-Socialismo, o Estado é um MEIO de conservar a raça, de melhorar o Homem, é um instrumento orgânico criado pelo Homem para o Homem. O Estado na concepção Nacional-Socialista só existe enquanto o Povo o aceitar, pois ele existe para eles.

Somente as raças criam cultura, valores e civilização. O Estado apenas os conserva e colabora em seu progresso. O Estado é a aplicação administrativa e política de uma série de valores desenvolvidos naturalmente durante o tempo pelo próprio Povo.

«Nada fora do Estado, nada contra o Estado, tudo para o Estado»
Benito Mussolini

Para o Fascismo, o Estado é tudo. O Estado formula e põe em prática a vida do Homem. As necessidades individuais são suprimidas, enquanto a finalidade SEMPRE é o Estado. O Estado não existe para o Homem, mas o Homem para o Estado. O Estado produz, o Estado cria a Nação e as pessoas.

O Fascismo nunca acreditou em uma Comunidade natural e orgânica, não possuía a ideia do Sangue, ou mesmo de Povo, era apenas um modelo de Estado político em um espaço geográfico demarcado por mapas.

O Fascismo não difere muito das atuais «democracias», que se constituem apenas como Estados políticos sem conservar raça e cultura e sem grande moral ou valor. Assim como os governos europeus hoje aceitam imigrantes não Arianos, o Estado Fascista também os aceitava e ainda os considerava como legítimos.

A concepção Fascista de Estado é, por princípio, puramente política e administrativa. Assim sendo, totalmente antinatural e, consequentemente, antinacional-Socialista. Sua visão de mundo está em um perpétuo conflito com a nossa, portanto nunca existiria um Estado que fosse simultaneamente Fascista e Nacional-Socialista.

Diversos dos que proclamam-se Nacional-Socialistas também consideram-se Fascistas – geralmente por serem de origem italiana –, porém isso é apenas uma demonstração de ignorância e de nenhum estudo sobre o que o Fascismo realmente é.

É absolutamente impossível ser Fascista e Nacional-Socialista ao mesmo tempo por se tratarem de ideologias e doutrinas radicalmente contrárias em pontos cruciais. O Nacional-Socialismo apresenta uma visão de mundo fundamentada nas Leis Naturais e movida por nobre ideais onde a conservação e o progresso do Povo é o objetivo da vida e, através do Estado, esta finalidade é alcançada. Enquanto para o Fascismo o Povo não é nada, o Estado é tudo e as pessoas não passam de súditas do governo.

Nada temos a ver com o movimento ou com a «doutrina» fascista. Um Nacional-Socialista é apenas um Nacional-Socialista.

5. O Nacional-Socialismo é uma Ditadura?

Devido há décadas de propaganda inimiga, foi criada uma imagem em que o governo Nacional-Socialista foi um Estado de terror opressivo, supressor da liberdade e um regime duro e ditatorial. O motivo de os oponentes do Nacional-Socialismo criarem essa imagem foi para amedrontar e criar uma falsa ideia dos verdadeiros objetivos de um Estado Nacional-Socialista.

É alegado que tratou-se de uma ditadura simplesmente pela dissolução do parlamento e da chamada «democracia representativa» vigente na época. A verdade é que o parlamento alemão era formado por políticos que representavam apenas os interesses de

ricos e poderosos e que haviam entregado o destino da nação nas mãos de banqueiros e todo tipo de capitalista inescrupuloso, levando o país à uma das maiores crises económicas já vistas. O poder era dividido entre inúmeros políticos – em sua maioria desonestos – com as mais diferentes ideologias políticas, formando um governo sem nenhuma responsabilidade, moral ou personalidade.

O Nacional-Socialismo substitui esse sistema de falsa democracia e aplicou o princípio de liderança natural, onde havia um representante aceito pelo Povo e que trabalhava pelos interesses deste.

Adolf Hitler, que quando jovem foi voluntário na I Guerra pra lutar por sua nação, assumiu total responsabilidade pelo destino da Alemanha e dos alemães. Teve toda a confiança do Povo para reformar totalmente a pátria, melhorou as condições socioeconómicas violentamente, acabou com o desemprego em um curto período de tempo, criou novas instituições como a Frente de Trabalho e a Hitler Jugend para restaurar nobres valores, e assim construir uma nova sociedade.

A Verdadeira Democracia:

Existe a ilusão de que a democracia representativa é a melhor e mais justa forma de governo conhecida. A ideia de que o simples voto irá garantir ao Povo a chance de eleger candidatos que refletem seus interesses pessoais - sendo o voto individual – e que assim terão o controle de seu próprio destino.

A verdade é que os representantes eleitos não necessariamente defendem os interesses da Comunidade - principalmente quando trata-se de uma sociedade constituída em ideais individualistas. A democracia em seu verdadeiro sentido não é sobre votar em alguma eleição em um determinado período de tempo. Democracia e liberdade são inseparáveis, não algo egoísta como o simples voto. Democracia é a responsabilidade de fazer parte da Comunidade e colaborar com ela de uma maneira sincera e positiva.

Pelo princípio de liderança, o Führer é apenas um homem à frente do seu Povo, um condutor das massas. À ele é concedida a confiança de que incorpora os sentimos e vontades reais da nação, e assim possui a total responsabilidade por suas acções e omissões.

«Com este apelo aos eleitores eu pretendo mostrar aos outros governos que a verdadeira democracia está conosco e não hesitamos em apelar ao povo. Eu não acredito que qualquer outro governo que tivesse o poder garantido por um termo de quatro anos iria estar preparado para consultar o povo dentro de sete meses»
Adolf Hitler – 6 de Novembro de 1933

Adolf Hitler era imensamente amado e admirado. À ele foi dada a confiança do Povo alemão, que sempre foi consultado e, em momento algum – não importa o que Hollywood tente mostrar – essa confiança foi traída ou o Führer agiu contra a vontade da nação. Embora haja dezenas de filme sobre a «resisténcia alemã» ou sobre qualquer dissidéncia contra o governo Nacional-Socialista, sabe-se que os traidores e opositores do Estado não consistiam em mais de 10% da população.

Em 29 de março de 1936, pouco mais de três anos após a ascensão de Hitler ao poder, foi dada aos alemães a chance de aprovar ou desaprovar o governo Nacional-Socialista. Não foi uma eleição com base em pura propaganda como hoje em dia, mas uma consulta ao Povo sobre as acções e mudanças já realizadas. A votação ocorreu sob nenhum tipo de coerção, força ou intimidação, como observado por todos os presentes. A aprovação

dos alemães foi de 44.461.278, que consistia em 98.8% dos votos. Um número nunca antes visto na História.

Em 1938, o Povo da Áustria e da Alemanha teve a oportunidade de decidir a favor ou contra a unificação de ambos os países. A aprovação dos austríacos foi de 99.73% dos votos, a aprovação alemã foi de 44.362.667, que representava 99.02%.

Quem possui o maior índice de aprovação popular da história pode ser o monstro cruel e ditador que a televisão, Hollywood e toda a propaganda de atrocidades diz que é? Obviamente, os oponentes do Nacional-Socialismo tem um perfil e interesses a esconder.

Afinal, foram os banqueiros e capitalistas que foram expropriados pelo Estado. Foram os patrões impiedosos que foram obrigados a reformar suas fábricas, empresas e garantir mais direitos aos trabalhadores.

Assim sendo, o governo Nacional-Socialista refletia a genuína forma de democracia. Não se tratava de candidatos com mais dinheiro e mais recursos para propaganda eleitos por pessoas preocupadas apenas com si próprias e financiados por aproveitadores, mas de uma democracia real, uma aprovação verdadeira pelo Povo.

O Nacional-Socialismo é a verdadeira democracia por formar um Estado orgânico que representa os sentimentos e verdadeiros interesses do Povo. Há responsabilidade e confiança mútua. O Estado não é formado por mentiras, propaganda eleitoral, ou mesmo uma simples vitória de 50% de votos, mas de uma aprovação quase total, inédita na História. O Estado Nacional-Socialista é formado pela confiança e vontade da nação.

6. E quanto ao Holocausto?

Foram escritos centenas de livros, produzidos dezenas de filmes e constantemente são inventadas novas datas para se lembrar e «comemorar» o Holocausto - o suposto genocídio de seis milhões de Judeus pelos nazistas - em uma celebração semi-religiosa. De todas as difamações, essa é a mais utilizada pelos inimigos do Nacional-Socialismo, mentiras difundidas por aqueles que pretendem destruir qualquer tentativa de reorganizar o Movimento Nacional-Socialista.

Historiadores, muita vezes tendenciosos e incompetentes, que utilizam-se dos mesmos argumentos que seus antecessores - com base apenas em propaganda de ódio e mentiras - sem ao menos questionar ou investigar o que já foi escrito, e assim, trabalhando como verdadeiras maquinas de propaganda. Tratam a História como uma ciéncia exata sem permitir ao menos uma resposta ou defesa dos acusados, e quando esta ocorre, não são divulgadas por medo do lobby Sionista.

Toda a versão da História sobre os fatos ocorridos durante a Segunda Guerra foi propagada pelos vencedores. Aos Nacional-Socialistas nunca foi dado o direito de ao menos se defender das acusações. A dita História foi escrita com base em propaganda de ódio e mentiras, e não em fatos.

Os autores e historiadores sérios que ousaram questionar a versão oficial – fruto de anos de propaganda Sionista – como David Irving, Ernst Zundel, Robert Faurisson, Paul Rassinier, entre outros – sendo vários de orientação política marxista e alguns ex-prisioneiros de campos de concentração, portanto imparciais - foram banidos, tiveram suas obras proibidas e confiscadas em diversos países e alguns estão em prisão de regime semelhante à Idade Média.

A Mentira do Genocídio:

O principal método de genocídio alegado é a utilização do gás Zyklob-B nas câmaras de gás. A utilização do gás mencionado foi provada ser cientificamente impossível pelo Relatório Leuchter – realizado por um engenheiro que trabalha com câmaras de gás para extermínio de verdade nas prisões americanas. As câmaras de gás foram na verdade construídas por soviéticos e americanos após a tomada dos campos de concentração, e construídas de maneira absolutamente impossíveis para realização de qualquer extermínio e estão repletas de erros gritantes e patéticos. É proibida qualquer análise séria e científica dessas, sendo a de Leuchter feita secretamente, provando que os governos tem algo a esconder.

Também não há prova alguma de que tenha existido qualquer política de extermínio, ordem oral ou por escrito de genocídio aos Judeus. Foi decidido que deveriam ser expulsos da Alemanha e, se possível, da Europa, porém algumas correntes da época defendiam a criação de um Estado Judaico ao leste europeu, mas nunca exterminados. O restante é pura distorção, difamação e especulação.

A Revisão Histórica:

A intenção dos revisionistas do Holocausto não é justificar ou fazer debates políticos e filosóficos sobre o que foi o Nacional-Socialismo, mas uma análise histórica imparcial e correta sobre o que realmente ocorreu e o que não ocorreu no período da Segunda Guerra Mundial.

Graças a história do suposto Holocausto, foi tomado para os Judeus um pedaço de terra no Oriente Médio chamado Palestina, e que agora chama-se Israel. O Estado de Israel até hoje recebe bilhões de dólares de indenização da Alemanha pelos supostos crimes para se armar contra o Estado palestino. Os Judeus se tornaram um povo incriticável, pois quem os denuncia logo é taxado de «fascista» ou «nazista». E TUDO isso depende do mito da vitimização judia do Holocausto. Os defensores da história oficial nunca realizam um debate justo com os revisionistas, mas os proíbem e os encarceram porque tem medo de que a verdade seja revelada.

Não temos a intenção de nos aprofundar no estudo do revisionismo aqui, mas apresentamos algumas indicações para os mais interessados na verdade histórica. Autores

como: Arthur Butz, David Irving, Carlos Porter, S.E. Castan, Sérgio Oliveira, Ernst Zundel, Paul Rassinier, Robert Faurisson e também o Leuchter Report.

7. Serei Eu um Nacional-Socialista?

Após atingir-se a clara compreensão do que realmente se trata o Nacional-Socialismo, é necessário o abandono das antigas concepções mentirosas produzidas e divulgadas maciçamente após tantas décadas para nos difamar. O artigo apresentado trata-se apenas de uma resposta à falsas ideias que vêm se perpetuando e, ao mesmo tempo, uma pequena introdução à doutrina Nacional-Socialista livre de distorções ou interpretações tendenciosas.

Revolução Pessoal:

Um verdadeiro Nacional-Socialista nasce predestinado a tal, não basta apenas adquirir conhecimento básico, mas possuir a boa índole e instinto digno de uma pessoa honrada. De nada adianta o estudo quando a esséncia pessoal é incompatível à esséncia do Nacional-Socialismo. Muitos que possuíam ideias e uma concepção de mundo totalmente contrária à nossa conseguiram despertar porque eram Nacional-Socialistas natos. O Nacional-Socialista é um idealista por exceléncia, luta pela criação de uma nova sociedade fundamentada em nobres valores. A vida deixa de ser uma busca pela felicidade pessoal e pelos prazeres e passa a ser uma luta pelo que é certo. Abrimos mão do individualismo e da mentalidade egoísta e burguesa para vivermos de uma maneira digna e honrada. Devemos perceber que estamos engajados na maior luta da história, não lutamos por dinheiro, classe social ou por conquistas territoriais, mas pela preservação da própria vida. O Nacional-Socialismo luta por um novo modo de vida, um modo de vida honrado e sincero. Nós lutamos por algo que é puro e correto. É necessária a realização de uma revolução pessoal: a destruição de antigas ideias e falsos valores e a compreensão e aceitação de novos. O Nacional-Socialista aceita e compreende as Leis Naturais. Somos manifestação da Natureza e parte de um ambiente aonde nossas acções influenciam à todos ao nosso redor. Devemos conhecer e nos orgulhar da cultura de nossos antepassados, pois eles são parte de nós, assim como seremos de nossos filhos. O que somos hoje é produto de nossas primeiras gerações. Nossos mitos e nossa cultura revelam a Cosmovisão de nossa raça. A raça Ariana possui um espírito nobre e guerreiro, um espírito adormecido, mas que está a ser despertado. A solução para nossa salvação encontra-se em nossa própria cultura, em nossos próprios valores, em nosso próprio Sangue. Após a realização da revolução pessoal, encontraremos a nossa salvação pelo autoconhecimento, encontraremos essa resposta ao olharmos para dentro de nós mesmos.

O modo de vida Nacional-Socialista é orientado pelo caminho da Honra pessoal e da consciéncia pelo que é correto e justo. O Nacional-Socialista é um exemplo de pessoa honrada e de nobre espírito. Estamos em busca da criação de um Novo Homem, um Homem livre disposto a perseguir seu próprio destino em rumo à superação pessoal. O Nacional-Socialismo trata-se de uma busca pela exceléncia e criação de uma sociedade melhor e mais digna. Estamos de mãos atadas, presos e reprimidos pelos nossos próprios governos. É impossível à um Nacional-Socialista não revoltar-se contra a atual situação em que o mundo encontra-se e essa realidade doentia. Lutamos para alcançar nossa própria liberdade, a liberdade de controlarmos nosso próprio destino. Estamos em guerra contra o tempo. Você está disposto a encarar o ódio e a perseguição de inimigos e traidores? Está disposto a desafiar a tirania e libertar-se da escravidão que encaramos? Poderá abrir mão de prazeres fúteis para lutar por algo que acredita do fundo do coração e que sabe estar correto? Pode encarar a vida como uma luta pela nossa própria liberdade? Até quando aceitaremos a repressão e ficaremos calados? É a hora de acordarmos, é hora de fazermos algo! É a hora de se levantar e erguer o braço direito!

CAPÍTULO 2: A QUESTÃO RACIAL

Valor crucial: o direito de preservar o próprio sangue

Por «Caturo» (do blogue Gladio)

Actualmente, o combate esquerdista em nome da igualdade a todo o custo – isto é, da igualdade mutiladora, que quer destruir as diferenças, dê lá por onde der – tem como cavalo de batalha a negação da existéncia de raças.

Segundo o ponto de vista de certos esquerdistas, as raças não existem, pelo que as diferenças evidentes entre negros, amarelos e brancos, são, sabe-se lá, casuais, ou aparecem assim sem mais nem menos, ou porque é uma adaptação ao clima, e que no fundo somos todos iguais, etc.

Para convencer os povos a abandonar de vez a capacidade de ver as diferenças entre as raças, os fantocheiros internacionalistas usam várias tácticas, tácticas essas que decerto serão familiares a alguns dos leitores mais atentos.

Uma delas é a de dizerem que a ciéncia «prova» que não há raças, e que as descobertas sobre o genoma indicam isso de modo «definitivo» («definitivo», que é para não haver mais discussão, que os esquerdistas não gostam que haja muita discussão sobre os seus dogmas...).

Ora, o genoma ainda está por descodificar... uma das coisas que se disse, foi que as diferenças genéticas entre as raças eram de 0,001%. Pouco, pensariam alguns... só que, entretanto, o homem e o rato têm cerca de 95% de genes em comum. Sendo assim, uns meros 5% são, em matéria de genes, suficientes para fazer a diferença entre seres humanos e ratos; assim, 0,001% não é tão pouco como alguns quereriam que fosse.

Entretanto, é sabido que se pode conhecer a identidade racial dos indivíduos por meio da análise do sangue e do esperma dos mesmos... é assim que os departamentos de polícia com tecnologia mais avançada conseguem encontrar mais facilmente os criminosos que procuram. Ora, se «os genes dizem que não há raças!», gritam os negadores da verdade, como é isto possível?

De notar ainda que a análise dos esqueletos demonstra bem as diferenças entre as raças: e os negadores de raças puras simplesmente preferem ignorar este facto, ou considerá-lo pouco relevante.

Gostam estes negadores de dizer que «a cor não interessa nada, por baixo da cor, somos todos humanos!».

Ora bem, aqui ninguém nega que somos todos humanos. Entretanto, também sabemos que a raça não é pura e simplesmente uma questão de cor, mas sobretudo de forma:
- os negros têm cabelo crespo e lanoso, poucos pelos no corpo, lábios grossos e sem forma, nariz achatado e largo, forte prognatismo;
- os amarelos, têm cabelo liso e grosso, poucos pelos no corpo, lábios grossos embora menos grossos do que os dos negros, nariz menos achatado e menos largo do que o dos negros, relativo prognatismo;
- os brancos, têm cabelo fino (liso ou encaracolado, mas fino), muitos pelos no corpo, lábios finos ou médios, nariz estreito e proeminente, evidente ortognatismo.

Prognatismo é projecção da parte de baixo do rosto em relação à parte de cima do mesmo. Ortognatismo é o tipo facial definido pelo eixo facial quase perpendicular à horizontal, isto é, face direita vista de perfil. Diz o dicionário Koogan Larousse, volume 3, o seguinte, na página 76: «(...) A projecção de toda a mandíbula (prognatismo facial) ocorre nos símios, na maior parte dos homens fósseis, negróides e australóides (isto é, aborígenes australianos); a projecção dos dentes e seus alvéolos (prognatismo alveolar) existe na maior parte dos mongolóides e em alguns caucasóides.»

Claro que esta parte das diferenças raciais nunca é referida pelos negadores das raças, pudera, é um dos pontos que não lhes interessa mesmo nada salientar, porque ajuda a perceber que aquilo de não haver raças é pura mentira.

Entretanto, não julgue o caro leitor que é fácil discutir com alguns desses negadores. Neste momento, toda a pesquisa genética está orientada no sentido de indicar que não há raças, pelo que os negadores têm as costas quentes com toneladas e toneladas de «investigação» oficialmente reconhecida como ciéncia.

Outro estratagema de alguns esquerdistas, é falar na mistura racial que já aconteceu na Europa, sobretudo em Portugal. Dizem eles que, por sermos já muito misturados, já não temos direito de proteger a nossa identidade racial.

A isto respondemos, antes de mais, que é preciso ter em conta que ser branco não significa ser branco puro.

Brancos puros, diz-se que já não há – mas HÁ brancos.

E os Portugueses são, de facto, brancos, como os estudos genéticos têm indicado. Não são puramente brancos? Pois não, até porque não há brancos puros em lado algum. Têm muito sangue mouro e negro, os Portugueses? Pois sim: também os nórdicos não estarão livres de uma gota ou outra de sangue oriental, isto é, da raça amarela. Os nacional-socialistas estrangeiros não nos consideram brancos? É pena, porque isso conduz à desunião da raça branca; mas é também, em última análise, menos importante. Somos Portugueses, estamos em Portugal, e não é um estrangeiro, seja ele qual for, que nos vai dizer o que somos ou deixamos de ser.

Enquanto tivermos um território e formos aí senhores incontestados, nós é que definimos o que é ou deixa de ser a identidade portuguesa. Se um dia tivermos de emigrar todos – se o país entretanto for submergido por uma onda populacional negra, por exemplo – então aí teremos de nos sujeitar aos parâmetros dos países estrangeiros para os quais fugirmos. Até lá, não.

De resto, uma figura tão importante na direita racial como é David Lane (hoje, preso, nos EUA) afirma claramente que nenhum Europeu pode garantir que não tem pelo menos um antepassado negro, judeu, mouro, ou mongol.

A identidade racial portuguesa, assente, essencialmente, no sangue lusitano, romano, tendo também umas gotas visogodas e suevas, é pois claramente europeia. E, se deixar de ser europeia, deixa pura e simplesmente de ser portuguesa. Não há portugueses não europeus. Todos os portugueses são de raiz étnica e racial europeia.

Há quem diga que a portugalidade é independente da raça... que qualquer negro que fale português pode ser português, e que, por isso, a portugalidade não morre com a mistura racial.

Mas porquê correr sequer o risco de causar graves modificações à portugalidade, quando tal mistura pode e deve ser evitada, pelo menos em larga escala?

É sabido, pelos psicólogos, o trauma que significa para o ser humano aquilo a que se chama a perda da forma. É um dos medos fundamentais do homem, a perda da forma, pois que a perda da forma constitui um grave atentado à auto-imagem, e, consequentemente, à identidade. Um indivíduo que, devido a um acidente, fique com o rosto irreconhecível, terá de passar por longas sessões de terapia psicológica para poder continuar a viver como antes; e, claro está, tudo fará para que o seu rosto desfigurado volte a ter o mesmo aspecto que tinha antes do fatídico acidente.

Ora, que necessidade tem o Povo Português de passar por esse trauma, trauma do qual pode até nem emergir nunca mais?

É que, por acaso, até gostamos muito de sermos como somos, brancos europeus, e queremos legar essa herança aos nossos filhos.

Não queremos uma descendéncia mulata.

Porque será que nos querem impingir tanta misturada, com a imigração? É que essa imigração, se for mesmo necessária, poderia vir exclusivamente do leste europeu, e, nesse caso, não haveria atentado à identidade racial portuguesa. Mas os esquerdistas recusam-se a deixar-nos escolher... querem a todo o custo meter-nos em casa gente de outras raças, para que a mistura seja a maior possível: chegam esses esquerdistas ao ponto de dizer que a imigração é uma boa solução para a baixa natalidade do povo Português!

Ora, afigura-se-nos evidente que a verdadeira solução para a baixa natalidade da população nacional será a de dar subsídios às famílias portuguesas com mais filhos, mas portuguesas de sangue, isto é, aos verdadeiros portugueses, que são os da Europa, os de raiz europeia. Mas, como nos querem de mãos atadas, os esquerdistas gritam «racismo!», e ameaçam prender-nos, simplesmente porque nos atrevemos a escolher quem é que entra ou não entra em nossa casa.

E por quê?

Porque os esquerdistas odeiam tudo o que seja diferença entre os homens. E a raça é uma dessas diferenças.

A Nação é outra diferença, e é por isso que a dissolução das Nações – por meio da mistura racial e étnica, por exemplo – é também um objectivo desses mesmos esquerdistas.

Querem portanto encher o país de imigração vinda de África. Como esta imigração não pára, e como a reprodução de negros também está em alta – neste momento, é negra mais de cinquenta por cento da população com menos de vinte e cinco anos do concelho de Oeiras – eis que, por volta de 2030 ou perto disso, esses mesmos esquerdistas virão dizer algo como «pois, em 2002 ainda a população portuguesa era branca, mas agora, enfim, já não vale a pena falar em raças...».

O que eles não sabem é que valerá sempre a pena falar em raças.

Porque recusamos baixar a cabeça perante a mentalidade do «perdido por cem, perdido por mil». Porque, se perdemos cem, não perdemos ainda mil, pois ainda temos novecentos, e, com o tempo, talvez possamos reconquistar pelo menos cinquenta.

E, até sempre, manteremos vivo no espírito o ditado popular citado por Aquilino Ribeiro, na obra O Malhadinhas:
«De moço refalsado e de sangue misturado, livrai-nos Deus!»

Ideal hereditário

Por Rodrigo Emílio (in Política, n.º 30, pág. 12, 01.04.1971)

Já alguém lapidarmente proclamou, certo dia, que a pátria é a Terra e os Mortos. Isso é sobretudo verdade para o nosso caso. Mais: para as circunstâncias actuais que defrontamos, e face às quais altivamente nos debatemos.

Justamente, por via da Terra, é que todos os dias o número dos nossos mortos se acrescenta. Por outro lado, a Terra que nacionalmente nos constitui não é assim tão estreita, ou tão pobre – e que fosse! —, nem os mortos que diariamente nos enlutam são assim em número tão dígito – e que fossem! —, ou vítimas apenas de caprichos governativos do passado, para haver quem entre nós se dê ao luxo de lhes contabilizar os encargos, e tenha inclusivamente a triste ideia e o mau gosto de lhes inventariar os quês e os porquês.

O destino de um Povo – e é o nosso destino de Povo independente e vocacionado que continua a estar em jogo – não pode compadecer-se com as sugestões de indignidade, clamorosamente antinacionais, que têm estado a ser aleivosamente apresentadas para aí, nestes últimos tempos. O destino de uma comunidade é ideal hereditário que se requer permanentemente indemne e incólume, e que não admite profanações do jaez daquelas que o gentio interno, sonoramente ou em voz baixa, vai tentando cometer.

Agora, mais do que nunca, nós nos vemos a braços, e a contas, com a desmultiplicação geográfica do nosso território. Agora, mais do que nunca, estamos a dar provas – na Guiné, em Angola, em Moçambique – da unidade de destino que andamos a cumprir no mundo, demais a mais acicatados agora pelo nobilitante momento de guerra que atravessamos. É tarefa, esta, cuja realização reclama, da parte da Nação em peso, um siléncio total, uma sereníssima anuéncia. E é quando, precisamente, mais alarido se permite, mais enormidades se consentem, mais deserções se autorizam!... Seja, porém, como for, e dê lá por onde der – Portugal é irrevogável!

Decididamente, há sempre uma coisa – entre nós, pelo menos – com a qual os renegados em boa verdade não contam, e que normalmente lhes trama, e dá cabo, e de todo transtorna os bem gizados planos de urbanização marxista do país: é com o instinto nacional, o instinto apuradíssimo – espécie de sexto sentido – da comunidade portuguesa, que, de pronto pressente sempre, denuncia, e a tempo, os torvos e torpes intentos, a coberto dos quais, torna que não torna, se dá, por cá, livre curso à filosofia do entreguismo, à dialéctica da traição.

No fundo, nada disto deverá constituir surpresa de maior. A muitos anos de distância, já Salazar certeiramente prevê a aproximação dos «tempos em que a grande divisão, o inultrapassável abismo há-de ser entre os que servem a Pátria e os que a negam». E faz notar ainda o saudoso estadista: «Dir-se-ia que alguns países estão fatigados da sua existéncia como nações da sua existéncia como nações independentes. Não é, evidentemente, o nosso caso, por muito que certos tribunos de matriz moscovita ou pequinense – sem que o Povo, aliás lhe tenha encomendado o sermão ou, para tal lhes tenha passado sequer qualquer procuração – proclamem que sim e mais que também. Por ora, nenhum cansaço, nenhum desgaste se deparará a quem tomar o pulso da comunidade nacional. Antes, sim, nos caracteriza a todos nós, uma cada vez mais firme autodeterminação, e uma cada vez mais maior força de certeza, na preservação e salvaguarda do legado, pluridimensional que se encontra territorialmente confiado ao nosso cuidado e à nossa defesa, pela muito simples razão de que somos seus donos e senhores, e detentores incontestados, quer de facto, quer de direito.

Não. Não estamos dispostos a mudar de ideias. Não estamos para aí virados. De resto, o Povo bem sabe – de saber certo: saber todo ele de experiéncia feito – que a Nação ainda é a melhor garantia da existéncia histórica de todos os portugueses, do ponto em que configura uma empresa colectiva, dentro da qual, e à cabeça, o Estado funcionará – ou deveria funcionar – como máquina operante e entidade propulsora de um processo histórico, velhinho de séculos, que é mister ver projectado no futuro. Não pode isto representar novidade para ninguém, e muito menos para quantos se sintam com jus à dignidade de serem tidos e havidos por filhos legítimos de Portugal.

É função gratuita da prata comunista e para-comunista cá da casa encontrar motivos, sempre os mesmos e sempre renovados, para repôr todas as coisas em litígio – e, de preferéncia, coisas vitais —, com a finalidade, não menos gratuita, de atiçar movimentos passionais irresponsáveis, que conduziriam, como facilmente se adivinhará, ao suicídio nacional.

Contudo, o Povo – umbilicalmente preso às entranhas da Terra, e por demais alertado sobre as mais instantes realidades colectivas —, não vai em cantigas de deserção, e o menos que sugere àqueles que propugnam a tese da decomposição nacional, é que tenham tento, ganhem siso e reaprendam a ser portugueses.

A coordenada-mor, por exceléncia, que mais nos move e nos anima, traduz um propósito, reiteradamente expresso, de permanéncia na continuidade.

Desta sorte, fazemos, pois, profissão de fé inabalável na fidelidade, a História e bem assim ao ideal dinâmico da Nação Portuguesa.

Ao proclamarmos a crença no fenómeno Nação aglutinador de tradições, necessidades e aspirações, e no fenómeno Estado contra os anarquismos, contestações e liberalizações aniquilantes, não estamos senão a pronunciar um verdadeiro acto de atricção: atricção à realidade multitemporal e multi-especial que todos os nós somos, a qual se constitui milagre de acareação humana criadora, em termos de unidade substancial.

Nesta perspectiva, avulta, antes de mais e depois de tudo, a necessidade de reiteradamente promover, e propor a destino, a conceituação colectiva, e o entendimento imperial, da Nação Portuguesa. Trata-se de uma petição de princípio, sem outras limitações, além das decorrentes da própria preservação do pecúlio espiritual e material da Nação. Trata-se, em suma, de prevenir, apenas, todas e quaisquer amputações que atinjam pensamento ou território.

Só dentro destes parâmetros é aceitável inscrever o plano-piloto de uma acção de incremento altamente fertilizante, orientada toda ela à valorização de sociedades complexas, consideradas na unitária policromia dos credos e etnias que as enformam.

Planificar em função do mapa ecuménico da Nação Portuguesa, eis a melhor forma, a mais eficaz, a única digna e auténtica de se fazer jus ao tal propósito de permanéncia na continuidade, que autentica a nossa posição, face às perplexidades sem conto que assoberbam esta hora lusíada. De novo se pretende instaurar, no seio da Nação, todo um sistema de destruição de energias. Mais uma vez há, entre nós, quem ao povo acene com proposições, das quais manda a caridade calar, porque, além de não apresentarem ponta de dignidade, já delas tivemos, em tempos, triste experiéncia de amarga memória.— Como se os métodos e os homens que usaram outrora o País em estado de sítio, e o levaram praticamente à bancarrota, porventura pudessem fruir de mais algum crédito junto da Nação!...

Sem embargo, o inimigo aí esta, ainda uma vez, a premir a tecla da traição, inclusivamente a tentar lisonjear, à viva força e a todo o transe, os mais baixos sentimentos e instintos de uma comunidade que, felizmente, no glorioso decurso da sua História, e outrossim contemporaneamente, mormente sob a égide de Salazar, jamais soube descartar-se de altívolas responsabilidades, ao modo de quem arreia o fardo – pesadíssimo, sem dúvida – de ser português.

Desde sempre, o povo tem sido, entre nós, o instrumento prodigioso da sua própria grandeza, o grande intérprete de si mesmo, o vero executor do seu destino histórico.

Nos mais nevrálgicos momentos da existéncia nacional, a Nação em peso tem sabido erguer-se, no cerrado levantamento das razões que lhe assistem. E, de armas em riste, invariavelmente o povo tem acorrido a devolver o País à sua própria autenticidade.

A mesma obstinação com que, todos à uma, de há anos a esta parte, andamos a rechassar, sem qualquer comiseração, o inimigo de fora-parte, é a mesma que há-de animar-nos – que tem de animar-nos —, doravante, a afrontar o inimigo interno.

Daí o movimento de indignação que nos assalta, só à simples ideia de que possa coincidir, com um período de desonra para o País, o tempo justamente em que a sua juventude mais verticalmente se tem conduzido e mais exemplarmente se tem comportado!

O Mito da Igualdade

«A pior forma de injustiça é tentar tornar iguais coisas desiguais.» – Aristóteles

Toda sociedade se estrutura ao redor de Mitos fundadores. Mito não é, como pressupõe o vulgar vernáculo racionalista, sinónimo de ‹mentira›. Não é uma ‹mentira› porque não é uma narrativa de um fato histórico, e não sendo narrativa de um fato histórico não pode ser dito nem ‹verdadeiro›, nem ‹falso›, a partir de uma perspectiva historicista.

Um Mito é um continente (no sentido de uma forma que contém um conteúdo, não no sentido geográfico, obviamente…) de relações entre entes, dotado de máxima significação por uma valoração realizada pela Vontade de
um Povo. Um Mito é uma representação simbólica do impulso fundador e condutor de uma sociedade, justificando o surgimento daquela sociedade e estabelecendo todas as pautas culturais, as quais a mesma deverá obedecer em seu desenvolvimento.

O fato de não ser uma narrativa de um fato histórico, porém, não isenta um Mito de ser objeto de um juízo de ‹verdade›. Apenas altera o âmbito no qual tal juízo deve ser realizado. A ‹verdade› de um Mito está contida em sua capacidade de ‹afirmar a Vida› do Povo no seio do qual ele surgiu, ou seja, de promover a expansão e fortalecimento das potencialidades criativas de um Povo e de sua vitalidade. Um Mito incapaz de afirmar a Vida, ou que faça o contrário, é necessariamente auto-contraditório e, portanto, falso.

O Mito, portanto, para ser válido deve ser eminentemente realista enquanto Idéia. A negação das verdades existenciais eternas do Homem, dos seus fundamentos existenciais, constitui propriamente ‹negação da Vida› e já identifica intuitivamente um Mito como absolutamente falso.

Um Mito é uma realidade simbólica eternamente presente em todas as sociedades, independentemente de seu ‹nível
tecnológico›, de seu ‹progresso material›, ou de seu posicionamento frente à religiosidade. Existirá tanto em tribos primitivas e supersticiosas quanto em sociedades cientificistas e atéias. Entre os muitos Mitos que ocupam uma posição central nas sociedades ocidentais modernas, o principal e o mais nefasto de todos é o Mito da Igualdade.

Nenhum outro Mito é mais fanaticamente defendido, e nenhum pode ser tão ridiculamente falso e prejudicial às sociedades nas quais ele virulentamente se instala, como este. Esse Mito pode ser formulado de duas maneiras. Ou
‹todos os Homens são iguais›, ou então, ‹todos os Homens não são iguais, mas deveriam ser.› A primeira é simplesmente uma formulação míope e selvagem, a segunda é uma formulação covarde dos que, tendo sido forçados a reconhecer a surrealidade da crença na Igualdade, tentam salvar o Mito transplantando-o retoricamente para o âmbito do ‹dever-ser›.

Esse afastamento metafísico da Igualdade, que constitui verdadeira sacralização, possui o interessante condão de nos revelar as autênticas origens desse curioso Mito. Tendo sido apresentado ‹filosoficamente› ao Ocidente por meio da tradição iluminista, a qual supostamente deveria ser superior à tradição medieval por ser ‹racionalista› e ‹atéia›, o Mito de Igualdade parece possuir algum tipo de ‹aura de respeitabilidade›, como se o fato desse Mito se originar de uma tradição racionalista o tornasse ‹real›, ou ‹mais real›.

O Mito da Igualdade, desconhecido na Antiguidade, está originariamente enraizado, porém, exatamente na tradição teológica da cristandade medieval e são exatamente as ciéncias empíricas as fontes dos principais ‹embaraços› constrangedores dos seguidores dessa teologia contemporânea. Aparentemente, os iluministas e todos os seus herdeiros simplesmente rejeitaram aquilo que há de mais acessório no Cristianismo, a crença em Deus, permanecendo profundamente supersticiosos e cristãos em tudo aquilo que é filosoficamente relevante.

Constantemente, porém, nós somos colocados frente à realidade da profunda e radical desigualdade entre todos os homens em suas aptidões, e com o ‹problema› de que, inevitavelmente, haja homens mais capazes do que outros. Não digo apenas homens capazes em certa atividade, e outros homens capazes em outras, mas sim homens absolutamente mais capazes do que muitos outros em todas as áreas. Poucos exemplos são tão simples e claros, como o da criança que consegue notas excelentes sem estudar, enquanto seu colega se esforça profundamente em seus estudos conseguindo no máximo apenas resultados medianos.

Como subterfúgio covarde, os igualitaristas então são obrigados a recorrer a uma variação da ‹igualdade metafísica› da teologia cristã. Segundo a teologia cristã, os homens são ‹iguais diante de Deus›, possuem exatamente ‹almas idénticas›, e, portanto, todas as diferenças entre os homens são apenas contingentes, relativas e efêmeras. Os homens seriam iguais no Paraíso, na Eternidade. Analogamente, os igualitaristas que reconhecem a desigualdade natural entre os homens, afirmam que por sua vez existe algum nebuloso tipo de ‹igualdade moral›, que reside em algum ‹plano abstrato› e, por isso, os homens deveriam ser ‹tratados› com igualdade, formulações metafísicas estas que eles são incapazes de explicar e justificar. Em verdade, dificilmente alguém verá um (pseudo) filósofo ou pensador igualitário até mesmo se dispor a justificar suas crenças.

Nem Rousseau, nem qualquer dos iluministas fizeram algo similar, para além de balbuciarem algumas semi-explicações insatisfatórias. Em geral, tais justificativas tentam se apoiar na noção de uma ‹Razão› como faculdade abstrata e universal. Ocorre que a tal ‹Razão› como faculdade abstrata tampouco existe. O que existe é a ‹Razão› como instrumento cognitivo prático, a qual é tão universal aos homens quanto sua ‹Altura›. Todos possuem alguma ‹Altura›. Também, todos possuem algo como uma ‹Razão›. Porém, assim como os homens possuem alturas variáveis, a qualidade desse instrumento cognitivo chamado ‹Razão›, também é absolutamente individual e variável entre os homens.

Não há, portanto, qualquer parâmetro possível para um estabelecimento de uma Igualdade entre os homens, a não ser recorrendo-se às superstições teológicas. Repetindo mais claramente: A Igualdade é uma mentira, uma farsa, um engodo, uma trapaça, uma tramóia. Não possui qualquer fundamento real, jamais teve, nem jamais poderá ter. Quem crê na ‹Igualdade›, ou está fingindo, ou simplesmente sofre de dissonância cognitiva. As sociedades modernas estão, então, fundadas numa farsa e são, conseqüentemente, eminentemente decadentes e filosoficamente ‹más›.

A ‹Igualdade› é uma impossibilidade ontológica. Um ente é ele mesmo por conta de suas características individuais. Eu sou ‹eu›, por conta daquilo que me diferencia de tudo que é ‹não-Eu›. Toda a multiplicidade de entes se realiza como multiplicidade pela Diferença, pela Individualidade. Assim, retirando-se os elementos individuais, a ‹Diferença›, que é o meio de alcançarmos a ‹Igualdade›, a partir do momento que tivermos dois entes idénticos, não teremos mais dois entes, mas apenas um.

Se a Diferenciação é o que gera a multiplicidade de entes, ou seja, aquilo a que chamamos ‹Universo›, ‹Realidade›, a desconstrução das diferenças entre os entes só pode ser vista como uma tentativa de se engajar em um processo de destruição do Universo.

O ‹igualitarismo› é uma teologia antivida, uma teologia da destruição.

Não possuindo base natural, ou seja, real, o Mito da Igualdade só pode se sustentar por meio da coação oficial do Estado, ou por meio das formas difusas de coação, originadas da infra-estrutura social, principalmente dos meios de comunicação e da educação. A principal deméncia derivada do Mito da Igualdade consiste exatamente na crença de que ‹se não há igualdade, isso é um erro, pois deveria haver›, e agir com base nesse preceito teológico, sustentando e tentando impor a ‹Igualdade› frente a uma Realidade indiferente e hostil aos retardos supersticiosos dos homens.

‹Se não há igualdade, deveria haver›. Por quê? Por quê deveria haver igualdade? De onde se pode retirar a legitimidade para se estabelecer como Juiz da Natureza? Não se pode. Isso não existe onde há qualquer tipo de reflexão auténtica. E como se pode derivar um ‹dever ser›, de um ‹não ser›? Não se pode. Não há qualquer elo de necessidade, seja lógico, ontológico ou existencial, entre esses dois juízos. Inevitavelmente, a única fundação possível, a única fonte de legitimidade para esse juízo falso, é novamente a teologia cristã, a superstição bárbara.

Se os homens possuem uma ‹esséncia› igual. Se todos os homens são iguais em um plano abstrato, seja teológico, seja racional, então se deve fazer o possível para atualizar essa poténcia igualitária metafísica na realidade, como se estivesse a criar um ‹Paraíso na Terra›, como se quisesse promover a materialização da ‹Jerusalém Celeste›. Vê-se, portanto, que o ‹Mito da Igualdade› possui fortes características messiânicas e escatológicas, principalmente por estar intimamente associado a outro Mito, o do ‹Progresso›.

As conseqüéncias sociais dessa teologia anti-humana são evidentes. Todos os entes só podem ser aquilo que são, e nada mais. Sendo as diferenças entre os entes ontológicas e essenciais, qualquer tentativa de se gerar igualdade só pode ser efetuada nos entes que se diferenciam nos graus de uma mesma qualidade. Ocorre, porém, que o que é inferior em grau em uma certa característica, não pode se elevar para além dos limites da própria capacidade. Ao contrário, o que é superior em grau, pode se rebaixar, pois já guarda consigo, a priori, todas as gradações que lhe são inferiores. Isso significa basicamente que todo processo de equalização se realiza exclusivamente mediante uma ‹nivelação por baixo›, por uma mediocrização imposta ao que é superior, para que ele se aproxime do que é inferior.

Pensemos um cavalo de corrida e um ‹burrico›. Queremos torná-los iguais. ‹É injusto que o cavalo de corrida possa correr mais que o burrico! O burrico não merece isso!›. Que faremos então? Poderemos tentar ‹educar› o burrico a correr como um cavalo de corrida. Logo perceberemos, porém, que isso é impossível. O ‹burrico› poderá correr um pouco mais do que já corre, mas apenas dentro das limitações já contidas nas próprias potencialidades dele mesmo.

Se ao invés de nesse momento percebermos que a ‹Igualdade› é um engodo e resolvermos sabiamente que o cavalo de corrida e o ‹burrico› devem ser utilizados naquilo que cada um tem de seu, ao invés de equalizados, quisermos continuar nesse projeto igualitário demente, qual será a opção restante? Aleijar o cavalo de corrida. Apenas assim será conquistada a Igualdade.

Parece, porém, que a maioria das pessoas crê em algo que não só é impossível, como também prejudicial para a sociedade. As razões para essa crença são duas apenas. A primeira é a soma do ressentimento e da inveja daqueles que enxergam a si mesmos como incapazes frente a semelhantes mais afortunados. O desejo pela ‹Igualdade› nesse caso não passa de manifestação de um medíocre sentimento vingativo.

A segunda, o desejo por ‹Igualdade› dos que não são incapazes, surge a partir de um auto-destrutivo senso de ‹piedade›, e de uma deficiéncia mental, uma ‹dissonância cognitiva›. Inevitavelmente, esse Mito levará o Ocidente à ruína. Será uma ruína merecida, porém. Restará, para os que sobrarem, a missão de construir uma nova civilização sobre fundações mais sólidas.

Nacional-Socialismo e o Instinto de Preservação

Fonte: White Power, por George Lincoln Rockwell

Eu fiz um ano de pesquisa e escrevi centenas de páginas no esforço para ajudar o leitor a ver e entender que a Civilização Ocidental está a poucos anos do fim alcançado pela civilização romana – o esquecimento – e que ela, particularmente, irá sofrer o mesmo destino de milhões que caíram nas mãos dos mortais inimigos judeus da Civilização Ocidental – a escravidão ou, mais provavelmente, o assassinato – a menos que nós possamos encontrar a vontade e o conhecimento, para de algum modo, deixar de fugir do inimigo e atacá-lo com uma revolução Branca!

Mas como você faria para criar uma revolução?

Deixando-nos todos crescer a barba, protestando nas ruas e começando a gritar, acenando nossas armas, atirando bombas, e agindo assim conforme o estereótipo do «revolucionário»? Não! Claro que não.

Hitler inspirou, organizou e lançou uma revolução relativamente pacífica, uma revolução que tirou menos vidas do que a Revolução Americana, e um número insignificante de vidas comparada com qualquer revolução iniciada pelos bolchevistas judeus.

Não apenas isso, mas a revolução de Hitler, como ele prometeu no (Livro) ‹Minha Luta›, era 100% legal – legítima – a vontade formalmente expressa da maioria do povo alemão, aprovada tanto pelo chefe executivo Alemão, Von Hindenburg, como pelo «congresso» alemão, o Reichstag. Hitler teve muitas oportunidades de tomar o poder pela força e poderia tê-lo feito facilmente em 1931. Mas Hitler acreditou que uma revolução contra a vontade das pessoas, uma revolução que conquista o poder apenas mediante o uso da força, não pode perdurar por muito tempo.

Hitler, como eu, acreditou que um líder é um inimigo da civilização a menos que ele tenha a vontade do seu povo atrás de si.

Como, então, eu posso estar clamando por uma «revolução»? Como posso escrever de «matar e ser morto»? A violéncia não é a esséncia da revolução?

Não necessariamente.

Pode talvez existir um elemento de violéncia, sim. Quando você é atacado por um assassino e se vê com a escolha de morrer ou você matar, então a violéncia é a única possibilidade. E a Civilização Ocidental está de fato sob o ataque de um inimigo que geralmente, como parte de sua política, mata e massacra mais cruelmente do que qualquer outro grupo na história.

Portanto, nós devemos ser muito violentos para pôr fim às matanças do inimigo comunista, e muito cruéis para derrubar seu poder.

Rockwell (ao centro) em seu célebre encontro com lideranças negras, por ocasião dos entendimentos sobre uma política racial saudável para a América. Entendeu-se em ambos os lados, que a secessão era inevitável.

Em 1923, quando os vermelhos ameaçaram tomar o poder na Baviera, os Nacionalistas, os conservadores, e o General Ludendorff pediram a Hitler que liderasse um «Putsch» – uma revolta – em Munique. Contudo, os fracos líderes o traíram no último momento. O «Putsch» foi esmagado e Hitler foi enviado a prisão. Mas essa não era uma revolução contra a vontade do povo, como revelaram os próximos eventos. Mas a esséncia de uma verdadeira revolução nunca é APENAS o derramamento de sangue e a desordem. Em uma revolução genuína e duradoura, a violéncia e a matança são apenas um meio conveniente para o fim de uma ruptura radical em toda - a perspectiva espiritual - a manifestação exterior de uma suprema vontade humana que irá estabelecer um novo arranjo dos assuntos físicos para adequar-se com um ideal interior.

A autoridade exercida pela maioria daqueles no poder hoje é uma auténtica tirania, ainda que se oculte hipocritamente como uma «democracia». Essa não é a autoridade benevolente e inteligente para manter a ordem e a justiça estabelecidas pelos Pais Fundadores para o benefício do Homem Branco.

Nossa revolução deve estar baseada decididamente no plano de destruir o poder ilegal dos tiranos, e em restaurar uma ordem social justa que seja baseada em uma sólida autoridade que venha direto do nosso povo, que seja facilmente concedida para um líder.

Isso, quer queira ou não, foi precisamente o que Adolf Hitler fez para a Alemanha, e o que nós devemos fazer para a América.

Nossa revolução, para resumir, deve ter como sua força de impulso e meta, não apenas o ódio e a destruição do inimigo, mas deve imbuir-se com uma determinação absoluta para estabelecer uma ordem social justa onde cada homem pode desenvolver seu máximo potencial como uma parte próspera, feliz, e produtiva de nossa grande Raça Branca.

O que é uma ordem justa de sociedade?

Não há necessidade dessa compreensão dos princípios científicos de um viver em grupo próspero entre aqueles em sociedades saudáveis onde os instintos naturais estão intactos. Os animais, por exemplo, possuem «sociedades» ordenadas, prósperas, porque a Natureza dá todos os instintos necessários a cada criatura social para um viver em grupo de êxito.

Os lobos, formigas, abelhas e macacos, por exemplo, possuem sociedades altamente organizadas e completamente saudáveis, ordenadas.

Os homens antigos tiveram sociedades saudáveis. Logo o crescente controle do homem sobre a Natureza permitiu-lhe escapar do seu ambiente natural, rodear-se com as artificialidades e o luxo, até que ele se tornasse decadente e cheio de vaidade arrogante – uma vaidade que hoje é chamado de «liberalismo».

Apenas voltando para a vida mais simples e mais primitiva – situação do irracional e selvagem mundo animal, e observando os funcionamentos dos instintos dados a eles pelo Criador, podemos colher um vislumbre das maravilhas que também foram dadas a nós – e que nós temos tirado.

A natureza criou «linhagens» com os quais ela pode experimentar e buscar sempre linhagens melhores, assim como faz um bom agricultor. O Criador, sendo um agricultor infinitamente mais sábio do que qualquer humano, insistiu inteiramente na pureza, na sagrada INTEGRIDADE BIOLÓGICA de cada grupo.

Mas a natureza, como o agricultor que cria vacas, pode melhorar a linhagem apenas criando a linhagem do melhor tipo, e eliminando o tipo mais deficiente. A natureza consegue esta tarefa com os instintos mais poderosos que nos foram dados: O AMOR ao nosso próprio tipo, e o ÓDIO a aqueles que são intrusos – ou «forasteiros».

Estes dois instintos são igualmente importantes: O amor não é «bom» e o ódio não é «mal» – que é o mito tão amado pelos judeus, liberais, hippies, gays e idiotas.

O amor é de fato incrivelmente poderoso, e bom, quando é NATURAL.

O amor, o natural, o tipo saudável, é de fato o que faz o mundo ao redor, e é o milagre mais sagrado e belo que já vimos aqui nessa Terra.

Mas sem um ódio mortal contra aquele que ameaça o que amamos, o amor é uma palavra vazia, um slogan para os hippies, gays e covardes.

Eu gostaria de escrever muito mais dessa lei particular do viver social, porque, como veremos, a Integridade Biológica é a esséncia, o ser e fim do Nacional Socialismo quando é aplicado para a sociedade ariana – e, de fato, de toda sociedade humana saudável que já tenha existido.

Mas simplesmente não há espaço nesse trabalho para o livro que poderia ser escrito exclusivamente sobre esse assunto. Eu apenas posso resumir dizendo que a primeira lei de todo grupo que vive mediante criaturas sociais é a INTEGRIDADE BIOLÓGICA; a absoluta, total e inflexível lealdade ao próprio grupo racial do ser humano é baseada no amor vigoroso,

e ódio absoluto, inflexível, a qualquer forasteiro que invade e ameaça misturar seus genes com aquelas mulheres do grupo.

Manifesta-se de modo cotidiano essa lei no amor ao próprio grupo, e ódio aos intrusos agressivos.

A segunda lei mais importante é a lei do TERRITÓRIO.

Por exemplo, de dez ou vinte machos do pequeno peixe tropical chamado «cauda de espada», cada um demarca uma parte do aquário assim que estiverem dentro dele, e irão atacar qualquer invasão feita por outro macho.

Ao introduzir fêmeas no aquário, os machos irão lutar por elas, como é esperado. Mas a surpresa para a ciéncia é que o sexo não é o estímulo mais forte na vida desses pequenos peixes.

Se você começar a esfriar a água no seu aquário, pode chegar um ponto onde a água está tão fria que os machos não se importam quando você coloca as fêmeas. Quando a água estiver tão fria próxima de matar o pequeno peixe, eles não irão prestar atenção nas fêmeas. Mas mesmo quando eles estão no momento de quase congelar até a morte, eles ainda surgem ferozmente para defender seu TERRITÓRIO – sua propriedade privada!

O Nacional-Socialismo é baseado, entre outras coisas, neste conceito de propriedade privada. A lei de Território atua como um «Nacionalismo» e a propriedade privada na sociedade humana.

Dentro do reino animal, o líder nunca é escolhido por voto, mas sempre através da seleção natural estabelecida pela Natureza como o único método de assegurar que o grupo seja liderado pelo melhor: o combate. Isso eu chamei de lei da LIDERANÇA.

Assim que cada membro de uma sociedade animal aprende seu lugar na ordem biológica natural de resisténcia, conhecimento, e habilidade, cada membro se fixa em seu próprio nicho e o grupo é relativamente pacífico e ordenado. Somente quando os machos jovens começarem a amadurecer e tiver que lutar seu caminho acima ou abaixo da escala, ocorre, então, sérios confrontos. E depois, quando cada macho aprende a quem ele pode derrotar, e quem pode derrotá-lo, ele se estabelece e vive pacificamente e contentado no lugar em que ele encontrou para si mesmo.

Assim se estabelece mais dois princípios fundamentais ou leis de todo grupo vivo – a LIDERANÇA pelo melhor, e uma hierarquia natural ou escala de liderança de todos os outros membros do grupo – o STATUS.

Finalmente, um estudo do mundo animal determina que as fêmeas fiquem fora dos assuntos dos machos, e se especializem em produzir e criar jovens organizando famílias saudáveis. Para resumir: Há cinco leis básicas de todo grupo vivo, que eu chamei de «LEIS DA TRIBO»;

1 – a lei de INTEGRIDADE BIOLÓGICA (amor interno, ódio externo);
2 – a lei de TERRITÓRIO (a propriedade privada);
3 – a lei de LIDERANÇA (pelo melhor);

4 – a lei de STATUS (ou o lugar natural de cada indivíduo em um grupo);
5 – a MATERNIDADE para as fêmeas.

Com estes princípios naturais em funcionamento, enquanto eles estiverem por todo o mundo dos animais sociais, haverá uma relativa paz e ordem no grupo.

Apenas quando o grupo é forçado de algum modo a condições antinaturais, que não são os instintos dados por Deus para obedecer a essas férreas leis, é que a Natureza fracassa.

Para avaliar tudo isto em sua própria mente, pense na imagem aparentemente «louca» da delinquéncia juvenil. Nós temos os filhos e filhas de algumas das pessoas mais prósperas e endinheiradas que de repente ficam malucos, batendo em pessoas idosas, quebrando coisas insensatamente, consumindo drogas nocivas, e tornando-se marginais arrogantes e anti-sociais. Ao mesmo tempo, nós encontramos filhos de alguns dos grupos mais pobres em nossa sociedade sem originar nenhuma delinquéncia.

Até muito recentemente, por exemplo, os jovens chineses nunca foram delinquentes (e eles ainda possuem uma proporção bem baixa de delinquentes do que outros grupos). O jovem dos grupos decididamente unidos, ainda que sejam muito pobres, estão geralmente intocados pela loucura moderna da delinquéncia juvenil.

Porque é assim? Porque um jovem rico homem ou mulher deve transformar-se em ladrão, um vândalo, e ser brutalmente anti-social apesar de todas as vantagens concebidas, enquanto as crianças de alguma das pessoas mais pobres na América são bem ajustadas e construtivas?

A resposta é que as crianças que são criadas em um grupo em que conseguiu manter alguma semelhança com as leis de viver natural em grupo (as «Leis da Tribo»), que sentem que eles são membros fiéis de um grupo, uma «tribo», que eles «pertencem» a algo ou alguém que valha a pena, e que, portanto, possuem um senso das cinco leis básicas de todo viver em grupo, não estão frustrados, nem perdidos e vazios.

Os judeus, com sua propaganda do liberalismo e Comunismo, tiveram conscientemente e cientificamente ido em torno do processo de apagar das almas de nosso povo toda memória das sagradas «Leis da Tribo», que, sozinhas, podem fazer um grupo de humanos saudável, feliz e pacífico.

Nenhum ser humano pode viver com paz e felicidade fora de alguma classe de «TRIBO» para onde ele seja ALTAMENTE FIEL e que em troca APOIE-O ESPIRITUALMENTE.

Os judeus propagaram infinitamente a ideia destrutiva de «universalismo», «mundialismo» – uma massa de indivíduos desposados de raça, apátridas, e alienados – como a ideia suprema de humanidade. Mesmo os conservadores foram induzidos a render elogios para esta mesma antinatural, dividida, super-individualista, doença judia da sociedade.

Dizem-nos os judeus que a Lei da INTEGRIDADE BIOLÓGICA (o amor interno, ódio externo) é «racismo» – o «maior mal» de todos os tempos! Dizem-nos que se não amarmos os homens amarelos, homens negros – e principalmente os judeus – tanto como o nosso próprio povo, então nós somos pervertidos e condenáveis – somos «racistas». Milhões de miseráveis brancos imbecis acreditam nessa mentira judaica!

Dizem-nos que a lei do TERRITÓRIO (a propriedade privada) é uma ganância não-natural, e que os homens decentes devem desejar compartilhar tudo e não ter vontade pela sua própria propriedade privada. Eles chamam isso de «Socialismo Marxista», «Comunismo», e vários outros nomes indicando uma preocupação pela «sociedade» e «comunidade» – mas todos eles acertando na alma da única e mais poderosa motivação das criaturas vivas para construir, criar, e produzir. Outros milhões acreditam nesses mentirosos judeus.

Dizem-nos os judeus que a lei da LIDERANÇA (decidido pelo melhor) é uma «ditadura» e que devemos esforçar-nos pela «democracia» (decidido pelas massas): Milhões de Brancos Arianos foram levados a acreditar nesta bela canção da «democracia», mesmo com as massas de lixo humano aterrorizando agora toda a nossa nação.

Dizem-nos os judeus que a lei do STATUS (o estabelecimento da ordem natural das habilidades de cada pessoa em seu devido lugar) é uma «exploração de classes» e que os líderes naturais da sociedade – os que sempre tiveram prosperidade – devem ser destruídos e assassinados por aqueles que não tem. Nações inteiras cheias de bons Brancos Arianos foram corrompidas com este método repugnante judaico de dividir e conquistar nosso povo através da luta de classes.

Finalmente, dizem-nos estes judeus sempre bondosos, que a especialidade feminina em criar filhos é uma escravidão horrível de nossas mulheres, que as mulheres estão preparadas para ser juízas, engenheiras, oficiais do exército, e executivas comerciais. O resultado, claro, é a crescente destruição da sagrada e bela instituição de todas as civilizações saudáveis: a maternidade, e com ela o lar e a família. Nosso mundo Ocidental inteiro tem caído por esta fraudulenta «democracia» judaica, que têm feito as mulheres nas vítimas mais deploráveis da doença judaica. Milhões de mulheres «modernas» estão desesperadamente perdidas, frustradas e totalmente deploráveis, mesmo quando estão grasnando sobre melhores direitos através de alto-falantes e marchando em volta de infernais organizações políticas. Enquanto isso, milhões de famílias estão sem mães afetuosas e maravilhosas, e os lares estão virando prisões luxuosas do que os milagres de amor e fervor que eram as casas de um século atrás.

Você já se perguntou alguma vez por que tantos delinquentes juvenis se juntaram em gangues? Durante anos, como a maioria das pessoas, eu pressupus que essa era uma perversidade antinatural dos garotos «maus», porque eu me criei em uma classe «fechada» burguesa, sabendo pouco das realidades violentas da vida.

Mas quando se entende as leis do viver social para toda criatura – a necessidade humana de viver conforme as «Leis da Tribo» – a «gangue» se torna mais compreensível. Isso mostra que nossos filhos, pelo menos, ainda mantêm instintos saudáveis, mesmo que a manifestação exterior desses instintos seja nociva e anti-social como resultado das condições antinaturais impostas nas crianças pelo seu ambiente urbano totalmente doentio.

Observe que a primeira característica da gangue é o «exclusivismo». Eles «se mantêm fanaticamente juntos». Ataque um, e todos eles irão atacar você. Apronte com uma das mulheres do grupo, e você está morto. Eles são intensamente fiéis entre si. E eles odeiam os estranhos e agressores ainda mais intensamente.

Eles reafirmaram as sagradas leis Naturais da INTEGRIDADE BIOLÓGICA, de lealdade de grupo, mesmo que não saibam por quê.

Observe que a próxima coisa que uma gangue faz é demarcar um «território» – uma área. Coitado de quem invada esse «território» – infringe na «propriedade privada» da gangue! Poderia algo exemplificar a lei de TERRITÓRIO mais claramente?

A gangue nunca é guiada por eleições «democráticas», mas pelo mais forte, o melhor (pelas normas do grupo). Aqui está um exemplo clássico da lei de LIDERANÇA.

Observe como cada um dos membros de uma gangue é intensamente consciente do seu exato lugar na gangue – quem está por cima dele, e quem está abaixo. Permita que alguém tente subir sobre-o, e ele será destruído. Deixe que ele tente subir um grau, e o garoto de cima o derrubará. Aqui está a lei do STATUS – assim como na Natureza.

E finalmente, observe as mulheres de uma gangue. Elas dão alguma ordem ao líder? Não! Elas protestam por aí exigindo «direitos»? Claro que não! Elas agem do modo que todas as fêmeas do resto do mundo animal e não tentam agir como machos. Elas honram seus papéis de mulheres, tanto quanto «pertencendo» para, e ajudando com orgulho, um homem forte. E isso é exatamente o papel das mulheres nas sociedades saudáveis e felizes.

(É interessante notar que os falsos psiquiatras Freudianos judeus estão sendo obrigados a voltar para as leis do grupo, as leis da tribo - para realizar «curas» de drogados e alcoólatras. Eles formam um grupo e seus fortes instintos de lealdade para esse grupo pode às vezes superar sozinho as fraquezas individuais)

Os negros, também, em sua cega e estúpida luta estão fazendo a mesma coisa, instintivamente formando lealdades negras, gritando «Poder Negro» e chamando entre si mesmos de «irmãos de alma».

A despeito da pobreza mais extrema no lado baixo oriental da cidade de Nova York nos primeiros anos de imigração judaica, mesmo esses bandos desgraçados de judeus expulsos da Europa se mantiveram juntos com lealdade fanática de grupo obedecendo todas as «leis da Tribo», que quase não havia delinquéncia e crime interno entre eles. De fato, a lealdade de grupo dos judeus é talvez a mais fantástica em toda a história do mundo. Isso os impulsionou perto do domínio mundial completo – não porque eles são mais corajosos, trabalham mais pesados, são mais inteligentes ou mais dignos que o resto de nós – mas porque eles observam as leis básicas da Natureza e mantém a lealdade do grupo. Enquanto todo o resto de nós sucumbe pelo seu apodrecido «mundo único», o lixo «nós-somos-todos-irmãos» que desintegra nossa Sociedade, os judeus mantêm sua sociedade com uma lealdade de grupo nunca antes visto na história, e assim eles andam de um triunfo para outro.

Não até que Adolf Hitler, faz 50 anos, começou a ver tudo isso intuitivamente, como uma nova visão de mundo, a Weltanschauung (Cosmovisão) do Nacional Socialismo, que os não-judeus conseguiram sua primeira percepção dentro da emergente ciéncia do viver humano em grupo. O que nós temos feito instintivamente durante séculos, e os judeus ainda estão fazendo instintivamente, Adolf Hitler começou a ver e entender intuitivamente.

A esséncia do Nacional-Socialismo é o racismo que, em termos mais simples, é apenas a crença de que os humanos diferem por excelência de linhagem exatamente como todas as outras coisas vivas, e que o Homem Branco é até agora a linhagem mais aprimorada a aparecer, enquanto os Negros são os mais inferiores. E, como o leitor irá lembrar, isso é a primeira lei de um grupo vivo, a «INTEGRIDADE BIOLÓGICA», como eu indiquei.

Ao contrário das mentiras abomináveis dos judeus (e dos «conservadores»), a propriedade privada era fortemente protegida por Adolf Hitler. Krup e os outros donos de propriedades grandes ou pequenas, os homens de negócios e os nobres nunca perderam um centavo sob Hitler. (Uma vez, os «esquerdistas» intolerantes em seu partido queriam despojar os nobres alemães, e Hitler teve que apaziguar um motim em suas próprias fileiras para proteger seus direitos de propriedade, o que ele fez. Hitler era um nacionalista, um crente no território, na propriedade privada.)

É desnecessário apontar, que, Hitler deu ao seu povo a LIDERANÇA – não palavras bonitas ou demagogias, e eles o amaram por isso. Eles o seguiram com paixão e boa vontade como fazem os membros de todos os grupos sociais felizes, prósperos e saudáveis.

Havia paz e ordem entre o povo de Hitler, porque ele ensinou que um homem merecia e devia conseguir, um grande respeito por ser um bom escavador de valetas (se esse fosse o limite de sua capacidade para servir ao seu povo) como o homem que podia inventar uma nova e excelente máquina, ou sendo um líder político.

Cada indivíduo na Alemanha de Hitler era honrado por seu próprio lugar na sociedade, proporcionando que ele preenchesse isso ao melhor de sua capacidade. Eles não foram incitados sempre (como o nosso povo está pelos judeus) a procurar apenas profissões de Presidentes, Diretores de Junta, e executivos, quando algumas pessoas não nascem com essas aptidões particulares.

Para deixar o que um pode fazer, enquanto se cria um inferno e aponta o que um não consegue fazer, é interromper a sociedade ordenada e feliz, para não mencionar a frustração e desesperança do indivíduo que se nega a reconhecer seu lugar natural no mundo.

Assim o Estado de Hitler reconheceu a lei do STATUS. Cada homem era honrado pelo que ele fez honestamente e com sua melhor energia, sem importar se ele era um agricultor, um militar, um operário, um empregado de fábrica, ou qualquer coisa.

Por fim, Hitler procurou que se restaurassem para as mulheres seus antigos direitos de nascimento e fossem honradas como esposas, mães e produtoras de lares felizes, saudáveis – como criadoras de um bom povo.

As mentiras sobre a época de Hitler – agora são tão grandes e dominantes que é quase impossível questioná-las. Mas se você encontra um alemão honrado e corajoso que viveu durante esses bons tempos (e se ele está disposto a falar mesmo diante do terror que vive hoje no mundo quem se atreve a dizer a verdade), você irá aprender que o povo alemão conheceu como é uma boa liderança e um estado saudável natural, com Hitler.

Para impedir o conhecimento e que aquele estado natural de sociedade propagasse (e assim destruir a existéncia parasita do judaísmo), os malditos judeus provocaram o resto de nós para ir matar e destruir este milagroso renascimento Branco Ariano.

Mas a lei natural não pode ser destruída, assim como você não pode «destruir» o fato de que dois mais dois são quatro. Você pode aterrorizar o povo para não contar-lhe e pode fazer todos repetirem como um papagaio «dois mais dois são dezessete» – mas dois mais dois ainda

são quatro, e sempre haverá alguém com astúcia e coragem, cedo ou tarde, para enfrentar os terroristas e mentirosos para reafirmar a verdade.

Isso já está acontecendo pelo mundo todo.

As gangues de jovens que eu citei são apenas um sinal do que realmente está acontecendo. As pessoas irão encontrar seu caminho de volta para as «Leis naturais da Tribo».

O que Hitler deu ao mundo, como o Nacional-Socialismo, é em certo sentido, somente uma forma moderna da antiga, «lei tribal natural», o preceito para o viver em grupo feliz e saudável dado pelo Grande Espírito a todas as criaturas vivas, incluindo o homem.

O Nacional-Socialismo não é mais nem menos do que a ORDEM NATURAL (um nome que seria, de certas maneiras, mais descritivo da realidade do que «Nacional-Socialismo»). Hitler tinha que moldar o nome do seu movimento para ter sucesso em uma situação política específica, e por consequéncia se viu obrigado a usar nomes e termos que atingiriam seus objetivos. Na Alemanha, havia milhões e milhões de alemães que julgavam a si mesmos como «socialistas» – mas estavam nas garras dos manipuladores judeus. Ao invés de lutar mais batalhas que ele teria, Hitler disse, na prática, para esses milhões, «Se vocês querem ser ‹socialistas», não sejamos ‹socialistas› judaicos – marxistas – sejamos ‹Socialistas NACIONAIS›. Sejamos ‹socialistas› para a Alemanha, não para os judeus.»

E funcionou! Milhões e milhões de bons homens e mulheres que haviam sido seduzidos para o Comunismo pelos judeus foram reconquistados pelo seu próprio povo e a Ordem Natural do viver saudável em grupo pelos métodos de Hitler.

Além dos elementos fundamentais de ordem natural que eu apontei anteriormente, o Nacional-Socialismo representa algo muito superior e mais nobre do que qualquer mero conjunto de regras ou princípios. O Nacional-Socialismo, como uma FILOSOFIA, inclui o impulso eterno encontrado em todo ser vivo – de fato, em toda a criação – para um nível mais alto de existéncia – para a perfeição – para Deus.

Esta ideia «aristocrática» do Nacional-Socialismo – a ideia de uma batalha constante em toda a Natureza para uma existéncia mais elevada e superior, mais complexa, e mais perfeita – é o aspecto metafísico, sobrenatural de nosso ideal.

Em outros termos os conceitos de justiça social e a ordem natural são os órgãos e nervos do Nacional-Socialismo, mas a sua PERSONALIDADE, seu aspecto «religioso» – a coisa que o eleva sobre qualquer filosofia estritamente Política – é a sua atitude adoradora para a Natureza e um amor religioso aos grandes presentes de um Criador desconhecido. O Nacional-Socialismo é o mesmo tipo de esforço para níveis ainda mais elevados aqui nesta Terra.

Para o «soldado» comum em nosso «exército», edificando e lutando pela Ordem Natural – o Nacional-Socialismo – é importante que eles respeitem e obedeçam as leis e doutrinas estabelecidas pelos altos ideais de nossa Filosofia simplesmente com um amor instintivo para esses ideais, talvez não com o entendimento completo das formas mais altas de nossa Filosofia.

Mas assim como os maiores líderes cristãos não eram aqueles preocupados com os detalhes e regras, mas aqueles que estavam «embriagados de Deus» com os ideais elevados da religião; os líderes entre a nossa elite Nacional-Socialista devem compartilhar essa aproximação fundamentalmente religiosa. Para eles o verdadeiro significado de nossa doutrina racial deve ser parte de sua idealista «batalha por Deus».

Através de nossa identificação total com nossa raça, nós compartilhamos suas glórias passadas e futuras. Quando contribuímos de alguma forma, principalmente pelo auto-sacrifício para ajudar nossa raça ao longo caminho de uma existéncia mais elevada, nós atingimos Deus – o Criador da Raça Majestosa.

Para resumir, enquanto a mecânica e as regras do Nacional-Socialismo, como são identificadas e descritas aqui, são suficientes para a maioria de nós; para os poucos idealistas preparados e dispostos a sacrificar suas próprias vidas pela causa de seu povo, o Nacional-Socialismo deve ser um ideal religioso muito verdadeiro – um batalhar por Deus. O Nacional-Socialismo é o único movimento que ganhou suficiente auto-conhecimento e visão para poder compreender esse movimento fora da artificialidade liberal através da sabedoria eterna da Natureza. Nossa crença máxima na raça, nossa insisténcia das leis naturais da sociedade, economia e todo outro campo de atividade humana é, em todo caso, a aplicação consciente, científica das leis férreas da Natureza, em contramão das perversões vaidosas e cegas dessas leis, como são empurradas pelos arrogantes, «cérebros de amendoim» marxistas e liberais.

Nossos opositores liberais e marxistas são cegos ao que eles estão fazendo. Mas em todo caso, se irá descobrir que eles são inimigos das leis da Natureza, conceituados «intelectuais», que são vítimas de repetitivos «um pouco de conhecimento é uma coisa perigosa». Porque eles descobriram que podem ensinar um Negro do Congo a recitar poesia ou mesmo trabalhar como advogado ou médico, se colocam todos orgulhosos com sua habilidade de torcer a Natureza para assentar a si mesmos, e imaginam que podem fazer empreendedores Homens Brancos Ocidentais a partir de qualquer Hotentote (Nota do tradutor: Hotentote é uma etnia de negros do sudeste da África). O fato de que a Natureza tenha feito do Negro o que ele é, e que nenhuma diligéncia humana pode fazer «bolsa de seda com a orelha de uma porca», eles simplesmente se negam a reconhecer.

O Nacional-Socialismo é a esséncia destilada do amor e respeito pela Natureza e a intensa, consciente, e científica aplicação das eternas, simples e belas leis da Natureza para todo momento da existéncia do Homem. Ao mesmo tempo, o Nacional-Socialismo reconhece a necessidade do Homem por uma cultura mais elevada do que aquela dos animais irracionais da selva e, portanto, eleva a aplicação da lei Natural de uma dura competição de caça do mundo animal, por exemplo, para uma competição regulada e ordenada, sob regras justas.

Nossos opositores querem eliminar a competição totalmente – uma ideia absolutamente antinatural.

O Nacional-Socialismo insiste que o homem pode aprimorar e enriquecer a aplicação das Leis Naturais da vida para o benefício do homem, mas também insiste que o Homem não pode fugir ou desafiar a Lei Natural. Entre os estados de saúde social («Nacional Socialismo» ou Ordem Natural) e a doença social (O Marxismo judeu) põe-se a «terra de ninguém» de inexisténcia – o lugar onde os humanos não estão mortos, nem realmente vivos.

A democracia, o liberalismo, e o «conservadorismo» são estados não adulterados e puros de inexisténcia. Eles não têm nenhuma perspectiva básica, fundamental na vida, nenhuma compreensão, nenhuma força vital profunda dentro deles. São caprichos enganadores com belas palavras e frases, não significando nada no final. Somente trazem o caos e preparam o terreno para os judeus e seu execrável e antinatural Comunismo.

A única maneira que nós temos para parar de uma vez este jogo judaico trapaceiro, e capturar as mentes e almas do nosso povo, é restaurando nossas pessoas pela Ordem Natural – As leis da Tribo – que, sozinho, nos dará a força e a vontade para reafirmar a superioridade natural, biológica, de nossa Raça Branca, e assim salvar a Civilização Ocidental.

Destrua as forças coesivas da Ordem Natural em qualquer grupo, e esse grupo irá se tornar caótico, desesperado, frustrado, perdido, vazio, vicioso, e finalmente desprotegido ante qualquer outro grupo que esteja unido e obedecendo as Leis da Tribo.

Por isso os Negros, em tantos casos, aterrorizam cidades inteiras. Eles se mantêm unidos. Ataque um, e um milhão de Negros rugem contra você. Por isso os policiais já não se atrevem a prendê-los, mesmo pelos mais hediondos crimes.

E os judeus são mais poderosos ainda entre nós, pela mesma razão. Eles se mantêm unidos.

Agregando as leis da tribo com as leis raciais (Nota do Tradutor: foram examinadas no Capítulo IX desse livro), nós podemos sintetizar uma nova lei da sociedade moderna: a Lei de Dominação do grupo.

Em um estado Natural, o animal ou grupo humano primitivo que é biologicamente superior, o grupo composto pelos melhores indivíduos, carregando os melhores genes e cromossomos, irá dominar todos os grupos inferiores, porque todos os grupos na Natureza (superiores ou inferiores) obedecem as Leis da Tribo por igual.

Assim, o único fator que opera competitivamente no mundo animal é a exceléncia biológica de linhagem. Mas os caprichos científicos, o luxo e o «liberalismo» judeu têm destruído tanto a capacidade para sentir e obedecer as «Leis Naturais da Tribo» do Homem Branco moderno que ele perdeu sua coesão de grupo; se tornou «desapegado» como um animal social; ele se dividiu e se desviou em milhões de indivíduos isolados e centenas de milhares de «grupos de pressão» egoístas, classes, etc. Essa divisão quase completa da grande «tribo» dos Homens Brancos reduziu-nos para a impoténcia, como um grupo.

A lei de DOMINAÇÃO DE GRUPO entre os homens é a regra em que qualquer grupo, que fixamente adere as Leis Naturais da Tribo, pode dominar qualquer grupo que desobedeça a essas leis, não importa o quanto inferior possa ser a «tribo» que obedeça as leis.

É por isso que os negros e judeus controlam todo Homem Branco na América - construída e criada por Homens Brancos. Isso é por que nós sofremos a tirania da «minoria». Qualquer minoria organizada de escória e lixo humano tem poder – enquanto a grande maioria Branca, não-judia, é um gigante encostado, inválido e paralisado.

O objetivo, então, da nossa revolução Nacional-Socialista é a restauração das Leis da Tribo para o nosso povo, ativar sua superioridade biológica natural de criação outra vez para dar ao Homem Branco domínio do que ele construiu e deveria dominar.

Isso é exatamente o que Hitler e o Nacional-Socialismo fizeram na Alemanha para milhões e milhões de pessoas divididas, alienadas, que foram arruinadas para o desespero e caos.

Hitler não ganhou o sucesso impressionante com seu povo porque ele era um «cara durão», ou porque ele fez reuniões grandes e emocionantes, ou porque os alemães são «bestas» naturais, nem qualquer das outras razões ditas pelos judeus mentirosos e seus bajuladores aliados liberais e conservadores.

A razão pela qual Hitler pôde atingir um milagre social na Alemanha foi porque Hitler intuitivamente entendeu tudo o que eu escrevi e recuperou o seu povo para a ORDEM SOCIAL NATURAL.

Hitler ensinou o seu povo para deixar de odiarem-se como indivíduos isolados, sozinhos e assustados, e lhes devolveu esse sentido sagrado de nacionalidade, de «Tribo»; sim, de irmandade verdadeira (não o tipo artificial espalhado pelos judeus). (Não há nada errado sobre «irmandade» com seu próprio povo. O problema é quando os judeus maliciosamente e falsamente tentam estender a «irmandade» e tratar de fazer-nos «irmãos» de Zulus, pigmeus, chineses, bosquímanos e judeus, até que a «irmandade» se torna um protótipo para a catástrofe racial, como têm sido.)

Hitler deu ao seu povo o mesmo espírito de sacrifício de amor apaixonado por uma família e um povo (que é uma grande «família»), que uniu e abençoou todo grupo social natural de criaturas na criação.

Como eu disse muitas vezes, nenhum homem pode viver feliz, com sucesso, e de forma produtiva, sendo um indivíduo sozinho, amargurado em guerra com todos os seus semelhantes. Cada um de nós possui uma profunda necessidade pela dedicação e amor do seu grupo, daqueles em sua família biológica de pessoas. O Homem moderno perdeu esse sentimento de paixão, lealdade e amor de grupo, e o resultado é o caos e vazio espiritual que nós vemos por todo o nosso redor nessa sociedade Ocidental desintegrando-se.

Os horrores descritos neste livro são os resultados direto da desobediéncia quase total da América às leis da tribo. Esses horrores irão continuar, mesmo se todos os judeus e negros sumissem da noite para o dia, a menos que nós recuperemos nosso povo, como Hitler fez, a ORDEM NATURAL, as «Leis da Tribo».

Nossa revolução, portanto, não é material e física, mas uma mudança espiritual radical na sensibilidade do nosso povo:

A eliminação do desvio egoísta e o «individualismo» ilimitado, ganancioso; que se chama como «liberalismo», «conservadorismo», ou «democracia», e a restauração nos corações dos Homens Brancos Ocidentais dos sentimentos profundamente gratificantes de amor ao nosso próprio grupo. Esse amor ao próprio grupo se manifesta por si mesmo pela boa disposição para sacrificar-se e entregar-se por uma família – e a maior família de cada um é a raça.

Quem é Branco?

Por David Lane

Aqueles que têm observado ou participado através dos anos e de décadas na resisténcia à obliteração da Raça Branca sabem que os provocadores atacam a pureza racial dos chamados líderes para impugnar os propósitos destes. Na minha opinião parte do sucesso deste trabalho por parte do inimigo deve-se à adopção pelos nossos povos de uma religião estrangeira. Uma característica básica do judeo-cristianismo ou parte da sua atracção fatal é a permissão de que os homens inferiores reclamem um estatuto de superioridade sem que para tal tenham feito esforço algum. Um judaico-cristão com um QI de 90 e com uma triste história de vida pode ser baptizado, repetindo umas quantas palavras do ritual e pronto; reclama um estatuto mais elevado em relação a um homem que lhe é superior no intelecto e no carácter. O síndroma do «loirinho de olhos azuis» é típico desta mentalidade. Eu digo isto mesmo tendo aparéncia nórdica, alto, magro, olho azul e loiro. Contudo, só posso supor a pureza dos meus antepassados. O meu pai vendeu a minha mãe aos seus amigos e a desconhecidos para comprar bebida, só os Deuses sabem!

O que eu sei é isto. Eu pareço Branco. Eu luto pelos Brancos. Eu reconheço as conquistas da Raça Branca. Eu quero preservar a nossa espécie. Eu fico horrorizado se a beleza da mulher Branca se perder eternamente da face da terra. Eu sofro por cada criança branca que sofre neste pesadelo inter-racial americano. Eu vejo beleza numa princesa Celta com cabelos castanhos ou ruivos e olhos verdes. Eu vejo beleza numa deusa Nórdica com olhos azuis e cabelo cor de ouro. Eu vejo beleza na sardenta cara de uma rapariga Irlandesa. Eu vejo heroísmo em Robert Jay Mathews e Richard Scutari com os seus cabelos negros e olhos verdes ou castanhos, assim como Frank Silva, um brüder (membro da Order of Brüder Schweigen) de pele clara com nome francês e português. A sua nobreza é muito superior à de 99% desses «nórdicos perfeitos», posso afirmá-lo.

Para aqueles que se vangloriam da sua «pureza», devem ter em mente que têm dois pais, 4 avós, 8 bisavós e assim por adiante. Recuem 500 anos e têm um milhão de antepassados. Mais algumas gerações e todos aqueles que habitaram a Europa serão vossos antepassados, incluindo Hunos, Mongóis e Mouros. Não existem Arianos 100% puros desde à 10 mil anos.

Porém, nós continuamos a existir como entidade biológica distinta e única. As culturas e as civilizações que criamos são incomparáveis. A beleza da mulher branca, sejam loiras, morenas, ruivas, tenham olhos verdes, azuis ou castanhos, é o desejo de todos os homens e a inveja de todas as mulheres. Assim, não devemos cair na intriga ou especulação sobre quem pode ter eventualmente 1/16 de sangue índio, ou que tem sangue Italiano, Espanhol ou Português. Não vamos discutir se os remanescentes genes colectivos Brancos têm 95% ou 97% de puro-sangue Ariano.

Com certeza que seria uma tragédia se as várias etnias da nossa raça perdessem os seus distintos traços de beleza. Após assegurarmos a existéncia do nosso povo e um futuro para TODAS as crianças brancas, então aí podemos tomar medidas para assegurar a preservação dessa diversidade. Mas por agora, temos de aceitar os factos e as circunstâncias tal como se nos deparam. Temos de trabalhar em conjunto pela Causa Sagrada e não iremos tolerar provocadores, divisões ou desavenças. Se alguém parece Branco, age como Branco, luta pelo Brancos, então ele pertence ao nosso Povo. Por outro lado, aqueles, não obstante as suas árvores genealógicas e aparéncia, que se oponham, critiquem, comprometam ou não apoiem a nossa Causa não são nossos amigos.

O racismo anti-branco: mitos e preconceitos

Fonte: Arqueofuturismo On-line

1. O mito do «berço de ouro»

O primeiro mito específico do racismo anti-branco é o mito do «berço de ouro». Este mito consiste na crença de que ter nascido branco constitui uma vantagem inata em todos os domínios da vida, quer sejam privados ou profissionais. Devido à sua cor de pele, os brancos teriam direito a todo o tipo de vantagens que lhes garantiriam uma existéncia fácil. Decorre, no espírito do racista que adere a esta crença, que uma pessoa de tipo europeu não poderá jamais comungar dos mesmos sentimentos nutridos por um ser humano que pertence a um outro grupo étnico. Este mito contém a sua própria negação: prova pela sua própria existéncia que os brancos podem ser vítimas de preconceitos racistas. O desemprego, a doença, a morte, a depressão, o luto, o racismo são dramas e dificuldades que os brancos sentem de maneira igualmente aguda e de modo tão frequente como os outros seres humanos. Ter nascido branco não é um seguro ou uma protecção contra as dificuldades da vida: a maior parte dos brancos não nascem ricos, bonitos e famosos. Declarar que ser branco é gozar de um privilégio inato, é negar a plena humanidade aos que assim nasceram.

2. O mito da superioridade branca

O discurso sobre o mito da superioridade branca consiste, para os outros grupos étnicos, em tomar os brancos como bodes expiatórios dos seus falhanços. O mito da superioridade branca consiste em atribuir aos brancos a responsabilidade por todos os problemas possíveis e imagináveis que afligem um indivíduo pertencente a uma minoria étnica no seio dum povo branco e da nação que é o reflexo das suas aspirações e das suas capacidades, ou inversamente pertencente a uma maioria étnica num país onde habita uma minoria branca. A crença na superioridade branca atribui aos brancos intenções sistematicamente maliciosas em relação aos outros grupos étnicos. Assim, qualquer problema não resolvido por estes povos ou por estas comunidades será considerado como o resultado da má vontade dos brancos. Na realidade, não existe uma fatalidade que leve a que qualquer grupo étnico em contacto com brancos esteja condenado sistematicamente ao falhanço e a ser dominado por estes: hoje, o Japão e a Coreia do Sul são respectivamente a segunda e décima poténcias económicas mundiais, o que os coloca à frente de numerosos povos brancos. Nestes dois casos ninguém sugere atribuir o mérito do sucesso destes povos aos brancos…

3. O mito do racismo específico

Para as pessoas que crêem no racismo específico do homem branco, os brancos serão sempre racistas por natureza. O racismo dos brancos é mais importante quantitativa e qualitativamente que o dos outros povos. Aderir ao mito do racismo específico do homem branco, é demonstrar preconceitos racistas em relação aos indivíduos de tipo europeu. O racismo manifestado por certos brancos não é nem pior, nem mais frequente que o dos indivíduos pertencentes a outros povos. Contudo, ele é muito mais documentado e mais frequentemente denunciado pelos meios de comunicação.

4. O mito da irracionalidade dos brancos

O mito da irracionalidade dos brancos é a crença segundo a qual qualquer conflito, qualquer tensão ou qualquer desacordo que possa emergir entre brancos e outros grupos étnicos não pode senão ter origem num comportamento irracional das populações europeias (por exemplo, o «sentimento de insegurança» imputável à «xenofobia» das populações brancas). Na realidade, o ressentimento ou a hostilidade dos brancos no que diz respeito aos outros grupos étnicos ou em relação a alguns dos seus membros podem ser perfeitamente justificados. Com efeito, de maneira colectiva ou individual, os membros dos outros grupos étnicos podem adoptar um comportamento, fazer opções políticas ou ter um discurso que é – directa ou indirectamente – preconceituoso em relação aos brancos. Estes preconceitos podem ser de natureza política, social, identitária ou física. Em situações de conflitos ou de tensão inter-étnicas, a apresentação do comportamento de indivíduos ou de populações brancas como unilateralmente racistas, xenófobos, sem fundamento e meramente irracionais deverão ser sempre acolhidos com cepticismo.

5. O grande preconceito

Quando um conflito opõe um(a) branco(a) a uma pessoa pertencente a um outro grupo étnico é sempre o(a) branco(a) que é o(a) agressor(a) racista, e a pessoa pertencente a um outro grupo étnico é sempre a vítima de racismo.

O que significa o termo Ariano?

Em termos básicos, Ariano significa alguém etnicamente descendente de europeus, ou seja, uma pessoa «branca». Contudo, significa e implica muito mais do que esta explicação sucinta; descreve o nosso carácter Ariano, a nossa natureza Ariana e a nossa cultura Ariana. Isto é, o termo Ariano descreve o que significa ser Ariano: ter o carácter, a personalidade, a cultura de um Ariano.

Esta é a razão pela qual nós usamos o termo Ariano em vez de «branco». Branco é somente uma referéncia à cor da pele; Ariano refere-se à nossa cultura, à nossa herança, ao nosso carácter, ao nosso modo de vida Ariano.

Um verdadeiro Ariano é muito mais do que uma simples pessoa «branca»: um verdadeiro Ariano é uma pessoa branca que possui um carácter Ariano, uma «alma» Ariana.

Um verdadeiro Ariano é uma pessoa branca que se comporta, que pensa, que vive, como um Ariano: ou seja, que está de acordo com as nossas próprias tradições Arianas, a nossa própria herança Ariana, o nosso próprio modo de vida Ariano.

Um verdadeiro Ariano é alguém que defende os nobres, civilizados, valores da honra, da lealdade, do dever para com o povo, e que se empenha em viver de acordo com esses valores. Um verdadeiro Ariano é assim uma pessoa que é correcta, racional, tolerante e justa.

Um verdadeiro Ariano é alguém orgulhoso da sua raça, orgulhoso da sua Cultura Ariana, orgulhoso das suas tradições Arianas e orgulhoso do seu modo de vida Ariano. É crucial que as pessoas «brancas» entendam que a cultura, o modo de vida de todas as sociedades Ocidentais, de todas as nações Ocidentais, não é Ariano.

As nossas sociedades actuais não são sociedades Arianas: elas não respeitam, não defendem, o modo de vida Ariano, tal como não são bastiões na preservação das tradições Arianas e cultura Ariana, uma vez que as «leis» e valores éticos destas sociedades não são leis Arianas nem valores éticos Arianos.

Posto isto, a maior parte dos brancos não vive de acordo com o modo de vida ariano, tal como as escolas desta sociedade não ensinam história Ariana, cultura Ariana, dado que não promovem o respeito pelo nosso próprio modo de vida Ariano, os nossos valores, forçando-nos, no entanto, a conhecer as outras culturas.

A verdade é que os nossos próprios Governos não permitem aos Arianos viver de acordo com a sua cultura, o nosso modo de vida Ariano. De facto, esses Governos têm sistematicamente banido as nossas ancestrais tradições e modo de vida.

Desconstrução da mestiçagem

Por José Javier Esparza (traduzido por Arqueofuturismo on-line)

Escreveu Vargas Llosa no jornal ABC: «Quanto mais se incremente a mestiçagem, melhor irão correr as coisas na sociedade». Pergunta inevitável: porquê? O que tem a mestiçagem que torna «melhor» as sociedades? E o que é a «mestiçagem»? O racismo foi a superstição dos finais do século XIX e princípios do século XX, o discurso da mestiçagem é a superstição dos finais do século XX e princípios do século XXI. É um discurso incoerente, meramente retórico e intelectualmente inane.

Antes de mais, o discurso da mestiçagem apresenta-se como uma denúncia radical do discurso da raça: o bom não seria a pureza, mas sim a mistura racial. Ora bem, isso implica aceitar de antemão várias coisas. Primeiro, que as raças existem como factor de definição social e cultural, ou será que se pode falar de mistura se não há coisas para misturar? De maneira que a «miscigenação» não é um anti-racismo, mas um racismo ao contrário. Não é um discurso válido para combater o racismo, porque nasce do seu mesmo ponto de partida.

Além disso, a apologia da mestiçagem implica uma segunda convicção: que a mistura deve circular em todas as direcções. Porque não teria sentido defender a mestiçagem num caso exclusivo, por exemplo, de que o sujeito agente seja africano e o sujeito paciente seja europeu; para poder ser elevada à categoria, a mestiçagem deve ser igualmente exaltada quando o sujeito agente é branco e o sujeito paciente é africano ou americano. Posto isto, então o que carece de sentido é utilizar a retórica da mestiçagem como parte de um discurso de defesa das velhas colónias, dos povos do terceiro mundo ou dos «damnés de la terre». Acaso o colonialismo não gerou fenómenos de mestiçagem? Por conseguinte, o discurso da mestiçagem pode perfeitamente utilizar-se para legitimar o colonialismo – na América hispânica sabem bem disso.

Por último, o discurso da mestiçagem implica uma atribuição de valor, um juízo de qualidade: defende que o resultado da mistura é qualitativamente superior ao resultado da não mistura; uma sociedade produto de mestiçagens sucessivas será superior a uma sociedade sem mistura alguma. Bom: superior, em quê? No progresso espiritual, no desenvolvimento tecnológico, no poder material, na qualidade de vida? Mas há sociedades mestiças que ascenderam ao topo civilizacional, como a Grécia helenística, e outras condenadas ao perpétuo conflito, como a Bolívia. Inversamente, nos exemplos de sociedades etnicamente uniformes que hoje persistem, existem as prósperas e as miseráveis, as doces e as amargas. Na qualificação objectiva de nível de uma sociedade, o grau de mestiçagem é um factor irrelevante, supérfluo, inválido para a análise.

Por isso, o discurso da mestiçagem é uma superstição («crença contrária à razão»). Primeiro, porque se mantém – ainda que ao contrário – no velho padrão antropológico do século XIX, que outorgava à raça biológica um papel fundamental. Segundo, porque a promoção da mistura serve para justificar qualquer colonialismo, incluindo o neocolonialismo económico e cultural que hoje se designa como «globalização». Por fim, porque é inviável para avaliar o grau de bondade, beleza e justiça que uma sociedade possa alcançar.

Naturalmente, não faltará quem julgue esta imposição da mestiçagem como simples racismo. Cada época tem o delírio que merece.

A Raça como o Coro das Raízes

Por Rodrigo Emílio

A Raça é, para nós, um dado fundacional. Diremos mesmo que é o dado fundacional por exceléncia, visto que n›Ela se consubstancia o sincretismo supremo do Solo e do Sangue.

Anterior, superior e posterior a tudo, e até a eles; a Raça é obra desses dois elementos: a obra-prima, e primordial, assim do Sangue como do Solo; o seu produto químico e também alquímico; e o resultado físico e metafísico da sua osmose, combustão simbiose e sublimação. O que significa que Solo e Sangue são agentes e também os suportes do espírito da Raça – do seu espírito de corpo, dizemos, já que é disso, e disso mesmo, que se trata.

A inteireza e integridade de qualquer território dependem, naturalmente, do grau de coesão da gente que o povoa. Mas essa coesão não se forja, claro, do pé para as mãos ou de um dia para o outro: pressupõe, sim, uma identidade de destino, que apenas por via racial se atinge, na medida em que tudo terá de assentar num pacto de sangue. Vale isto por dizer que tal coesão, que semelhante identidade, que uma tal homogeneidade, só a Raça as confere e garante, plenamente, ao ponto mesmo de poder afiançar-se que uma coisa está na razão directamente proporcional da pureza da outra (da pureza do corpo e espírito da Raça, entenda-se. Da sua pureza e da sua dureza, claro está; da sua fortaleza, desde logo; e da sua nobreza, evidentemente).

E, aqui, vem ao caso esclarecer o seguinte: a projecção europeia de Portugal nos trópicos, encarada de uma perspectiva imperial, foi sonho que abraçamos e empresa a que nos demos, de alma e coração. Para nós, a cruzada ultramarina sobrelevava, em grandeza, tudo o mais; e nada a ultrapassava, em importância.

E era tal e tamanho o apego a essa causa que reputávamos prioritária entre todas, e de tal ordem o grau de adesão a tão longo desígnio histórico, que de bom grado lhes sacrificámos, logo à partida, muito do nosso próprio pensamento racial; e conscientemente o fizemos.

Falando claro: – fomos integracionistas, a mais não o poder ser! E tal que me manteríamos ainda hoje, se o grande espaço lusíada não tivesse levado o tristíssimo destino que entretanto levou.

Dentro do regaço do Império, só a integração tinha sentido; desintegrado que foi o mesmo Império, já nada disso agora tem sentido algum…

O mundo que o Português criou, anti-portugueses o arrasaram. E em face disso…, – que mais dizer se pode do nosso imenso projecto, senão que foi ele reduzido a dejecto, por obra e gracinha dos poltrões de Abril (e seus derivados…) e por obra e graçola do anti-general (ou anti-marechal) que os pariu a todos?!…

Certo é que no dia em que morreu tamanho sonho, muito de nós morreu também nesse dia…

Muito, também, de TODOS NÓS.

E, posto isto, retomemos, sem demora, o fio do discurso sobre o conceito de Raça, para d›aqui proclamarmos, em alto e bom som, que a Raça tem muito a ver com o génio (ou o carácter) de um Povo, mas mais ainda com o seu intrínseco sentido de casta, até porque é este – a fidelidade a este – que determina aqueles.

A Raça é o coro das raízes.

Sempre que os arcanos e arquétipos de um Povo perduram intactos no tempo e no espaço, então a Raça subsiste como tal e ascende à dignidade de ideal hereditário.

Afirmamos que a Raça é tudo o que impede que um Povo decaia, degenere e se degrade numa massa disforme, desgarrada e caótica.

As ofensas, transgressões, infracções e desvios às leis invariáveis da Raça pagam-se caro. A gente que o diga… Foi por aí que a Raça dita d›O Desejado morreu à mão dos indesejáveis; e não foi, também não foi senão por aí que a Raça dos construtores de catedrais caiu em poder dos arquitectos de capelinhas…

Racismo e anti-racismo… Ou a realidade para além das palavras

Fonte: «Ataque», nº 15, 1963

O anti-racismo está muito bem cotado nos tempos que correm. Ele é a ideia da moda, o preconceito em voga.

Exibem-no nos salões; exibem-no nos Colégios, nos Liceus, nas Universidades; exibem-no também na imprensa, no cinema e no teatro; enfim, em toda a parte onde se fabrica o progressismo, esse novo árbitro das elegâncias intelectuais.

O anti-racismo vai do amarelo ao preto; isso depende das ocasiões e da disposição do «intelectual». De qualquer forma, os «algozes» são sempre brancos.

A igualdade racial, sancionada pela Declaração dos Direitos do Homem, contida na Carta das Nações Unidas, é o fundamento do anti-racismo.

Queremos acreditar que os que adoptaram este dogma da Carta o fizeram sob a influéncia do recente pós-guerra; queremos acreditar que eles nessa altura tinham ainda o espírito cheio das imagens do conflito racial que em dados momentos se sobrepôs ao próprio conflito armado; queremos acreditar que foi obcecados por esta visão e desejando a todo o transe evitar a repetição do passado, que eles proclamaram solenemente a igualdade racial. Acreditando nisto tudo, admitimos então que as suas preocupações eram louváveis. Torna-se porém evidente, que não é por se decretar solenemente a igualdade racial, que ela passa a existir de facto. Daqui resulta imediatamente a imprescindibilidade da equacionação da tese em termos racionais – e não emotivos.

A Igualdade das Raças é a generalização do Princípio da Igualdade dos Homens, formulado por Jean-Jacques Rousseau, e reafirmado posteriormente na Declaração da Independéncia dos Estados Unidos, assim como no Preâmbulo da Constituição Francesa de 1791.

Esta Ideia não resiste, contudo, a um exame objectivo, pois só uma generosa loucura poderá negar a existéncia, na espécie humana, de indivíduos inteligentes e de outros que o não são; de indivíduos vigorosos e de indivíduos raquíticos; de bravos e de cobardes; de diligentes e de ociosos; de grandes e de pequenos. E, generalizando, somos levados a concluir que é uma aberração o postulado da Igualdade Racial.

A igualdade é contrária à ordem natural que é desigualdade; desigualdade no mundo vegetal; desigualdade no mundo animal; desigualdade no mundo mineral; desigualdade entre estes três mundos; desigualdade, enfim, na espécie humana. Negá-lo é perder o senso das realidades.

A FUNÇAO HISTÓRICA DAS RAÇAS

Átila devasta a Europa, pilha, mata, rouba; mas, após a sua morte, nada mais resta dele que uma sinistra recordação. Átila, que se excede na arte da Guerra, está finalmente vencido.

Por outro lado, nem Gengis-Khan, nem Tamerlão, conseguem penetrar na Europa.

E na China, onde floresce uma civilização delicada, será inútil procurar um capitão que tenha vindo até ao Reno, acompanhado por um séquito de Confucionistas ou de construtores de Pagodes.

O império árabe que se estende por toda a região costeira mediterrânica, acaba, por morrer sufocado, junto aos Pirinéus. E os destroços das hordas árabes, que se espalham por toda a França e mais tarde se reagrupam, são esmagados em Poitiers.

Depois vem a Reconquista: o Mouro é expulso da Espanha, enquanto Roma faz a Guerra da Palestina.

Surgem então as Cruzadas, que minam profundamente o império muçulmano, não tanto no seu potencial geográfico, mas, principalmente no seu espírito, no seu sentido de Vida.

É então que o Espanhol, o Português, o Francês e o Inglês, se voltam para o Desconhecido.

Sob os golpes de Pizarro, que comanda um punhado de soldados, sem qualquer esperança de ajuda, o império inca rui com fragor.

A Espanha instala-se na Cordilheira dos Andes. E aos conquistadores sucedem-se os sacerdotes que espalham a palavra de Cristo. E não faltam construtores para edificarem o Chile.

Entretanto, no outro extremo do mundo – na Indochina – temos o Holandês, e com ele a expansão Cristã. E, se por um lado, é verdade que os pára-quedistas do Sr. Soekarno se vestem como os «leopardos» dos exércitos ocidentais, ninguém ousará, por outro lado, afirmar que os pára-quedistas holandeses adoptaram a tanga.

E ainda mais: os habitantes da Cabília só entendem os árabes desde que eles lhes falem em francês.

É inegável que os Chineses tiveram Confúcio; faltou-lhes, porém, Cortez.

Os Árabes tiveram um Cortez e Maomé; mas o seu Cortez foi batido por Carlos Magno; além disso faltou-lhes um S. Francisco Xavier. E não será digno de nota o facto dos Árabes, apesar de terem tido a hegemonia mediterrânica, não terem conseguido inventar a besta e o canhão; não terem conseguido impedir, pela expansão da sua «civilização», a Renascença Europeia?

E não será digno de nota o facto de ter sido um Veneziano o descobridor da China, e não um Chinês o descobridor da Europa? E fomos nós – europeus – que da pólvora – originariamente chinesa – fizemos as balas de canhão, com que armámos os nossos navios, que nos expandiram, permitindo a montagem, pela primeira vez na História, dum Comércio à escala planetária.

Mas porque razão, Henrique, o Navegador, não se chamava Ahmed ou Tchang? A resposta é simples: é que o Ocidente tinha navios bem armados, possuía a ciéncia das cartas geográficas, e tinha homens suficientemente inteligentes e corajosos para se lançarem em grandiosas tarefas.

É de bom grado que se reconhece aos Chineses o mérito de haverem descoberto a pólvora; mas é o Europeu que cria o automóvel e a bombarda. Qual seria a utilidade do fogo, se o Homem não tivesse compreendido, e sabido utilizar, as imensas possibilidades da sua descoberta?

Mas continuando: porque razão é que foi a Europa quem descobriu e colonizou a África e não o inverso? Porque razão é que os Chineses, apesar de terem tido relações comerciais com os negros (eles iam mercar chifres de rinoceronte – a que atribuíam o poder de reavivarem as funções sexuais – a fim de os venderem a velhos mandarins, já senis…), não deixaram quaisquer traços notórios da sua presença?

Mais ainda: o Árabe viveu, e vive ainda, sobre o solo africano; terá levado, então, algo aos negros? Sim: a escravatura. E porque, razão em Brazaville, não encontrámos nós – europeus – o islamismo, mas sim o animismo? E porque razão Stanley só encontrou no Congo palhotas, e nem uma só mesquita?

A FUNÇÃO HISTÓRICA DA RAÇA EUROPEIA

Note-se que o Ocidente viu nascer Pascal e Newton, Kant e Demócrito, Colombo e Cortez, Miguel Ângelo e Beethoven, em cerca de dois mil anos; só assim se poderá verificar a sua extraordinária riqueza humana e a insondável pobreza do resto do mundo.

Sem Pascal e sem Newton, jamais o Japão teria conhecido o seu progresso industrial. Sem Colombo e sem Cartier, os Estados Unidos jamais existiriam.

Ainda que a Ásia e o Islão tivessem produzido génios, isso em nada diminuía o mérito da nossa Raça.

Os nossos soldados conquistaram a terra, e sobre esta terra se espalhou o nosso povo: padres, médicos, professores, engenheiros e agricultores partiram atrás dos nossos conquistadores. Cada um transportava com coragem, um pouco da nossa terra e do nosso pensamento, um pouco do Ocidente.

O padre levava Cristo; o professor o alfabeto; o médico a vida; o engenheiro a técnica; o agricultor o pão. E tudo isto é fruto do génio Europeu. O Ocidente possuía um tesouro humano; podia utilizá-lo em vaso fechado e viver da sua riqueza. Mas um demónio maligno tinha-lhe insuflado um dinamismo irresistível: partir, ir sempre para além do horizonte, conquistar novos campos para aí plantar a sua riqueza. Era preciso fazer isto, porque é assim a nossa profunda natureza. O verdadeiro Ocidente não conheceu, nem pode conhecer, a satisfação tranquila, a estagnação; a resignação e o fatalismo não são virtudes europeias.

E eis a razão porque há menos de um século a Nação Europeia reinava sobre o mundo. Desta ilhota ridiculamente pequena formada pela França, Inglaterra, Holanda, Espanha e Portugal, partiu o Branco para levar ao mundo a nossa civilização.

E não há um só País que o tenha rejeitado.

Mao-Tsé-Tung, descobre, 3000 anos depois de nós, a escrita fonética; o Imperador do Japão usa gravata; Ben Bella fala francês quando quer que o entendam; e os pára-quedistas de Leopoldo Senghor muito se assemelham aos «lagartos» do coronel Bigeard.

Mas, aceder à Civilização é uma coisa; criá-la, é outra, pois implica a prévia posse duma Cultura.

A EUROPA DEPOSITÁRIA DA CULTURA

Partilhámos a nossa Civilização com o mundo. Quisemos, mas não pudemos, partilhar a nossa Cultura. E isto é assim porque a Cultura é inacessível.

Pode-se ensinar um negro a conduzir um camião; pode-se ensinar um amarelo a desmontar, a reparar, ou a reconstruir um motor de explosão, um conta-quilómetros, um diferencial; mas o que nos é impossível, é comunicar-lhes a nossa extraordinária capacidade criadora.

O grande construtor da Cultura é o capital humano. E, não se imagina facilmente uma Cultura; ela é inalienável. Nós criámo-la porque somos a Raça privilegiada.

Demos graças a Deus e estejamos orgulhosos disso. A nossa Raça trouxe ao mundo a Civilização, fruto da sua Cultura. A Civilização, sozinha, é estéril. Ela não basta à Criação. O Japão, em 1940, possuía uma das mais poderosas frotas aéreas do mundo; mas foi a Alemanha quem lançou os primeiros «jactos».

E no entanto, 3 anos antes, o Japão possuía bombardeiros que valiam bem os «Stukas». Mas, mais significativo ainda, é o facto dum oficial japonês ter afirmado em 1944: «Nós, japoneses, assimilamos admiravelmente a Técnica Europeia. Porém, cortados da Europa, há 4 anos, estagnámos. Eis a razão porque vamos perder esta Guerra».

O exemplo dos Estados Unidos, da Austrália e do Canadá é dos mais flagrantes: separados os seus povos do solo originário – a Europa – não produziram nada de verdadeiramente grandioso. Os exilados, porque não mais quiseram a Europa, perderam a seiva da nossa Civilização, ou seja, a Cultura. Eles perderam, mesmo, as qualidades cívicas de Roma; limitaram-se a criar colónias de exploração económica, – a América Latina, a África e a Ásia – e a manterem regimes medievais, verdadeiramente nauseabundos, fazendo, consequentemente, o jogo do comunismo.

Eis porque a Nação privilegiada – e esta Nação é uma Raça, a Raça Branca – é a Nação Europeia sobre o seu solo.

A REALIDADE PARA ALÉM DAS PALAVRAS

O racismo não é uma construção do Espírito. Não é uma teoria política; muito menos uma doutrina; é, com efeito, uma reacção afectiva, um movimento instintivo de todo o Ser.

A Razão não actua no conceito rácico, mas é o ódio o seu fermento.

Ódio ao conquistador, ódio ao vencedor; mais, ainda: ódio do que foi vencido, ódio do escravo, ódio do inferior.

Vê-se assim que o Racismo não é uma criação Ocidental.

E a nossa tomada de consciéncia, sobre a superioridade objectiva da nossa Raça, não é, de nenhuma forma, um conceito Racista.

É por demais evidente, que aqueles que nos chamam racistas, são os mesmos que se aproveitam da nossa evasão da Ásia e da África. Em nome do «direito dos povos de cor», em nome do anti-racismo – corolário directo do princípio da Igualdade Rácica – Americanos e Russos espoliam-nos. Porém, qual é a pureza dos seus sentimentos? Porque razão excitam e levantam contra nós os Negros e Amarelos? Porque razão só a nós acusam?

A questão fica em aberto.

Da constatação indiscutível da superioridade Europeia, não inferimos, de nenhuma forma, o direito de escravizarmos outras raças; mas, o que não admitimos a essas raças, é o direito de quererem destruir o nosso poder criador, em nome dum racismo anti-Branco, verdadeiramente odiento, e que, se porventura triunfasse, equivaleria ao fim do imortal desejo do Homem, de se ultrapassar a ele próprio.

CAPÍTULO 3: IMIGRAÇÃO E MULTICULTURALISMO

Algumas Reflexões

Por Fernando Alba

A chegada e acolhimento eufórico e mediático de uma criança guineense de sexo feminino, ameaçada de excisão genital, prática corrente nas sociedades africanas, obriga-nos a algumas reflexões.

A primeira é que independentemente do respeito que possamos ter pelas referéncias e marcas culturais de cada povo, chegamos à conclusão de que afinal, em África, persistem práticas e costumes que descomplexadamente apelidamos de SELVAGENS. Dito assim, porque é orgulhosamente como Europeus, que observamos essas manifestações tão diferentes e contraditórias com a nossa matriz bio-cultural.

Segundo, não acreditamos que a melhor solução para os problemas africanos, e estes são imensos, passe pela transferéncia dos mesmos para a Europa, ainda que seja ao ritmo de conta-gotas ou em massa trepando cercas de arame farpado.

A Europa não pode, nem deve sentir-se compelida a pagar as taras, a incompeténcia e a irresponsabilidade dos habitantes de África. BASTA!

Terceiro, os africanos, de uma vez por todas, devem assumir as suas responsabilidades e aprender a reger o seu próprio destino. O que não podem é oportunistamente proclamar uma pretensa independéncia e simultaneamente cavalgar no etno-masoquismo colaboracionista e complexado de alguns Europeus.

Um fugaz périplo pelo continente negro dá-nos a ideia definitiva do desastre social, económico e político em que ele se encontra atolado. Sobre esta tenebrosa realidade sugere-se a edificante leitura do livro «Négrologie», da autoria do insuspeito jornalista do «Libération», Stephen Smith.

E porque recusamos o tom paternalista, muito próprio do saudosismo colonial, deixemo-los gerir e ingerir as suas incapacidades e fragilidades. Ao fim ao cabo até são maiores e vacinados.

Da nossa parte só exigimos que nos deixem em paz. Não tencionamos, nem desejamos ser colonizados por baixo. Os africanos mais os seus inerentes problemas devem permanecer no seu merecido lugar: em África. É lá que aqueles devem ser solucionados.

E porque é importante a preservação da nossa identidade etno-cultural, os Europeus dizem não à importação dos sarilhos africanos. Estes devem ser resolvidos na origem e por quem os provoca.

Os mitos da imigração

Por Causa Nacional

«Os Portugueses também foram emigrantes»

E então? Em que é que isso nos vincula para o futuro? Será que os «filhos» têm de se responsabilizar pelos actos dos «pais»? E além do mais, esse suposto direito de reciprocidade só faria sentido em relação aos cidadãos dos países para onde os Portugueses emigraram. Só lá porque muitos portugueses emigraram para a França isso obriga-nos a receber imigrantes cabo-verdianos?!

É verdade que muitos portugueses emigraram para países como França, Alemanha ou Suiça, principalmente a partir dos anos 60, no entanto as características da emigração portuguesa nada têm a ver com a invasão imigratória em curso. Em primeiro lugar os Portugueses não levaram consigo Máfias, droga e prostituição. Convém também lembrar que o objectivo da maioria dos Portugueses era juntar algum dinheiro que lhes permitisse, um dia, regressar ao seu país e à sua terra. Ora, a actual imigração tem um carácter permanente, o que é consubstanciado pelo famigerado direito de reagrupamento familiar. Os imigrantes africanos, ou brasileiros que vêm para Portugal não fazem tenções de algum dia regressar aos seus países (aliás, porque é que alguém haveria de querer regressar àqueles pardieiros?).

Outro facto que os «politicamente correctos» gostam de esquecer é que a emigração portuguesa dos anos 60 se deu num período de forte crescimento económico (o fim da II Guerra Mundial e a subsequente reconstrução criaram vastas oportunidades de emprego), no entanto, as actuais vagas imigratórias ocorrem num período de recessão e em que o desemprego não pára de aumentar. Que sentido faz «importar» trabalhadores quando há portugueses desempregados? Mas a irracionalidade ainda é maior: há imigrantes em Portugal a receber do fundo de desemprego e do rendimento mínimo (o tal que o PP dizia que ia acabar, mas que acabou por só mudar de nome).

Por outro lado faz todo o sentido questionar até que ponto é que um Português imigrado em França seria um «desenquadrado»? É que portugueses e franceses (e quem diz franceses diz qualquer povo da Europa) partilham uma herança cultural comum. Brancos, católicos e trabalhadores – em que é que isto pode chocar com a cultura francesa? Nada. Já os imigrantes actuais (PALOP's, Brasileiros, Indianos, etc.) representam um corpo estranho no tecido social português. Estes indivíduos trazem as suas religiões, culturas e tradições, que em muitos casos acabam por chocar com a cultura nativa (pense-se no caso da excisão feminina!).

«Nós exploramos as terras deles!»

Este é outro argumento muito utilizado no que diz respeito aos oriundos dos PALOP's, e que é frequentemente usado em conjunto com a acusação de «racismo & xenofobia» (que como alguém notava aqui há dias andam sempre juntos, não se sabe muito bem porquê). Em relação a isso a resposta é «curta e grossa»: os Europeus em geral, e neste caso em concreto os Portugueses, fizeram o maior favor do mundo a África: levaram a povos que viviam na idade da pedra (e que em muitos casos continuam a viver) a civilização. As cidades que existem hoje em África são o resultado do trabalho de muitos Portugueses. Coisas tão básicas como a escrita, a matemática ou o calendário foram levados para África pelos brancos. Por isso não se venham queixar de exploração! Tinham tudo à mão de semear e foi preciso os brancos lá chegarem para alguém dar uso aos enormes recursos desse continente.

A propósito desta suposta divida histórica leiam também isto.

«Os imigrantes fazem os trabalhos que os portugueses não querem»

Ora bem, dizer isto é o mesmo que dizer que os Portugueses se acham bons de mais para sujar as mãos, seja na construção civil, nas limpezas, ou em qualquer outro trabalho «sujo». Nós achamos que todos os trabalhos honrados são dignos e têm valor. É claro que isto numa sociedade materialista, que avalia a qualidade dos indivíduos pelo carro que conduzem ou pelo número de zeros na conta bancária, é difícil de entender. Em qualquer caso, nem sequer é isto que se passa. Os senhores que gostam de nos atirar à cara que os imigrantes fazem os trabalhos que os Portugueses não querem esquecem-se (muito convenientemente diga-se) que existem milhares de Portugueses no estrangeiro que fazem exactamente esses trabalhos. As comunidades portuguesas na Inglaterra, Alemanha, Suiça ou França dedicam-se a essas tarefas – limpeza, construção, trabalhos agrícolas, etc. Não se pode por isso falar num «snobismo» dos portugueses em relação a certos trabalhos. Outra coisa que é sempre esquecida nesta discussão é que Portugal, infelizmente, é um país de ignorantes; este é o país com mais altas taxas de abandono e insucesso escolar, analfabetismo, com os piores resultados em disciplinas fundamentais como matemática ou português. Será que estes indivíduos que nem sequer acabam o 12º ano (e em muitos casos só têm o 9º ano de escolaridade) se podem dar ao luxo de «seleccionar» o trabalho que querem? È claro que não. Vêem-se empurrados para o desemprego porque os trabalhos pior remunerados são ocupados por imigrantes que se sujeitam a qualquer coisa. Os Portugueses querem trabalhar, o que recusam (muito legitimamente!) é que patrões sem escrúpulos lhes imponham condições de trabalho sub-humanas. O Português trabalha nas obras se receber um salário justo, com um horário de trabalho justo, em condições dignas. Mas enquanto houver um imigrante disposto a trabalhar durante 10, 12 ou mais horas de trabalho, a troco de um salário miserável e em condições degradantes o Português ver-se-á forçado a recusar esses trabalhos. Mesmo que fossem respeitadas as leis laborais, e que fosse imposta, efectivamente, a igualdade no emprego, o simples excesso de mão-de-obra encarregar-se-ia de fazer os salários baixar.

«Os imigrantes criam riqueza para o país»

Esta é uma visão muito simplista do problema. A visão que nos tentam impingir é de que é necessário que a Segurança Social se equilibre a si própria, o que não se compreende. Porque motivo é que a Segurança Social tem de se auto-equilibrar se o mesmo não se passa nos outros ramos do governo (a polícia não se paga a si mesma, a defesa nacional não se paga a si mesma, a justiça não se paga a si mesma, a educação não se paga a si mesma…)? O superior motivo que explica isso escapa-nos.

A verdade é que grande parte dos imigrantes, ou se encontram em situação ilegal, e por isso não pagam impostos, ou, estando em situação legal trabalham em condições ilegais, não pagando por isso impostos. Mesmo os que se encontram com a sua situação totalmente regularizada não contribuem assim tanto para os cofres do Estado, já que os seus baixos salários são taxados nos escalões mais baixos. No entanto estes imigrantes representam grandes encargos para os cofres estatais, senão vejamos:

- muitos acabam no desemprego e por isso recebem subsidio de desemprego, ou, rendimento mínimo;

- o governo providencia cursos de português, e centros de «acolhimento» e «integração» o que representa mais custos;

- muitos acabam por receber casas praticamente de borla e com rendas ridículas quando os bairros de lata são demolidos; mais uma vez custos;

- as várias associações de imigrantes e «anti-racistas» recebem subsídios estatais – custos!

- a economia paralela que se gera escapa ao controlo das finanças;

- as máfias trazem todo o tipo de criminalidade, o que acaba por se traduzir em custos, quer na nossa qualidade de vida, quer nos custos com as forças policiais;

- os nossos já sobrecarregados hospitais sofrem ainda mais, já que muitas mulheres imigrantes acabam na prostituição, o que representa um perigo para a saúde pública e aumento dos infectados com o HIV/SIDA;

- programas escolares especiais para os filhos dos imigrantes, porque têm dificuldades de adaptação, e sobre carregamento das escolas;

- aumento da criminalidade.

Tudo isto representa custos para os cofres do Estado e para a nossa qualidade de vida. É por isto mais do que evidente, que por muito dinheiro que os imigrantes dessem a ganhar ao Estado os custos seriam superiores.

Não só não criam riqueza, como acabam por impedir a criação de riqueza, já que grande parte dos seus rendimentos são reencaminhados para as suas famílias que se encontram nos países de origem e a sua incorporação massiva no mercado de trabalho mantém os preços da mão-de-obra muito baixos, o que acaba por impedir o aumento dos salários e consequente aumento do poder de compra, assim o mercado de consumo interno é estrangulado, o que prejudica todas as empresas que não se dedicam à exportação (ou seja, pequenas e médias empresas de comércio).

«Os imigrantes são necessários devido à baixa natalidade»

A baixa natalidade é um facto em Portugal e na Europa. No entanto, num passado não muito distante, era comum ver em Portugal famílias muito numerosas. O que se passou então? Porque é que de repente ninguém tem filhos? É claro que não se pode apontar uma única causa, mas a principal, é sem dúvida, a campanha levada a cabo nas últimas décadas (adivinhem por quem: pelos esquerdistas!) contra a família (e isto passa pela promoção da homossexualidade, apoio e incentivo ao aborto, concepção materialista do mundo). As famílias numerosas são ridicularizadas e vistas como sinal de atraso cultural. Às nossas jovens é dito que devem, em primeiro lugar, procurar um emprego, ter uma carreira profissional que as «realize», e só depois é que se devem preocupar com a maternidade. Os apoios à maternidade são inexistentes: não se criam condições para que os casais possam ter filhos, já que um filho representa um aumento nas despesas, e muitas vezes uma diminuição nos salários, já que um dos cónjuges tem de cuidar da criança; as creches e os colégios são caríssimos, por isso a opção acaba por ser ter só um filho.

Felizmente (que sorte a nossa!) existem os imigrantes! Com as suas altas taxas de natalidade vão-se encarregar de equilibrar o deficit populacional. Parece mesmo que se trata de uma campanha para que hajam cada vez mais crianças imigrantes, e cada vez menos crianças Portuguesas. Mas, mais uma vez os «politicamente correctos» esquecem-se (chiça! que estes tipos esquecem-se de tantas coisas!) de nos dizer que isso só acontece na primeira geração, como se verifica na França ou na Alemanha. As gerações seguintes «adoptam» o comportamento demográfico dominante na população nativa. E assim, continuamos com o mesmo problema: há então que importar mais imigrantes.

Seguir esta política é tapar o sol com a peneira. É não querer ver o real problema: a decadéncia demográfica. A importação massiva de imigrantes, e sua descendéncia, só podem contribuir para um processo de progressiva substituição e extinção da população nativa. Pode-se mesmo falar de genocídio: afinal de contas o que está aqui em causa é o desaparecimento de um povo – o Português – como entidade biológica e cultural diferenciada.

«Recusar a entrada de imigrantes é racismo e xenofobia»

Este é o último recurso dos grupos imigracionistas que pretendem impor-nos a sua política imigratória. Se alguém não fica suficientemente convencido com os argumentos anteriores («os Portugueses também emigraram», «nós exploramos as terras deles», «os imigrantes fazem os trabalhos que os portugueses não querem», «os imigrantes criam riqueza para o país», «os imigrantes combatem a baixa natalidade») deve calar-se e guardar a sua opinião para si próprio, já que falar mal da imigração, pode ser entendido como «discriminação» ou «racismo» e isso é «muito feio». Isto é uma chantagem moral claramente imoral, que não podemos aceitar e que parte de uma premissa falsa, que consiste em fazer-nos sentir culpados por um problema de que não temos culpa nenhuma: a culpa é dos imigrantes ilegais que não respeitam a lei do nosso país, dos políticos «politicamente correctos», coniventes e beneficiários da imigração, dos governos corruptos dos países de origem, que promovem a exclusão social da maioria em benefício de uma pequena minoria oligárquica, criando massas de miseráveis prontos a invadir a Europa (suposta terra de prosperidade), e do sistema capitalista mundial que prima pela riqueza das multinacionais em detrimento da riqueza das nações.

Denunciar esta política demente e tirana não é racismo nem xenofobia (mas porque é que estas duas palavras andam sempre juntas?!), mas sim um direito e dever soberano do povo Português.

Tenhamos presente que a imigração não é um fim em si mesmo, mas sim um meio para alcançar determinado fim. Não permitamos que nos enganem com o falso argumento de que os imigrantes «também são boas pessoas». Não duvidamos disso, e é por isso que o nosso Estado deve apoiar o desenvolvimento destes países, travando a avalanche imigratória na sua fonte. Mas não consentiríamos nunca que alguém ocupasse a nossa casa, por muito boa pessoa que fosse, só porque estava a passar necessidade. O empenho que colocamos na defesa da nossa propriedade individual deve ser também colocado na defesa da nossa «casa» colectiva, que é Portugal. É de facto triste que o individualismo da sociedade de consumo só nos permita ver a nossa propriedade particular e nos torne insensíveis em relação à nossa propriedade colectiva que é Portugal…

Contra a visão totalitária das bondades da imigração, temos de fazer ouvir a nossa voz inconformista e proclamar o nosso direito à indignação!

Imigração: colonização invertida

Fonte: Revista Devenir nº 12

O povo nunca pediu aos sucessivos governos que transformassem a imigração de trabalho, muito limitada, em imigração de povoamento.

Por isso, a revolta contra essa colonização imposta por uma minoria, que não se preocupa nem com o povo belga, nem com os estrangeiros que desenraíza, é a única atitude moral aceitável.

Em 1960, algumas centenas de milhar de imigrados extra-europeus tinham sido aceites em solo europeu, para trabalhar em determinados sectores muito específicos da nossa economia. Estavam munidos de contrato de trabalho temporário, com a obrigação de regressar aos seus países quando da sua expiração.

Em 2000, mais de vinte milhões de estrangeiros extra-europeus residem, permanentemente, na União Europeia, legalmente ou não. Teria o povo exprimido uma vontade solene, em grande referendo, sobre a instalação de estrangeiros no seu território? De tal referendo não existem vestígios. Na realidade, os políticos europeus, pressionados por múltiplos «lobbies» desmoralizadores, dizem, finalmente, que a colonização pacífica tem vantagens: destrói a identidade étnica de cada nação, e faz, além disso, do autóctone um cidadão colocado no mesmo plano, em termos de direitos, que os milhões de alógenos importados.

Europeus e extra-europeus com igualdade de direitos!

E, para os partidos democrata-burgueses um maná eleitoral permanente. Sem esquecer que se tinha tirado do nada uma ideologia que substituía o socialismo e o liberalismo: o universalismo, em virtude do qual cada indivíduo é intermutável. Ora, a imigração não passa de um meio nas mãos dos que nos governam. Não somente o povo nunca se exprimiu sobre a questão, mas quando for autorizado a fazê-lo será necessário derrubar o muro de siléncio e a propaganda.

Na realidade, o povo não conhece o balanço de 40 anos de imigração. As autoridades sim, conhecem-no, mas nunca o divulgam. Nós, sim: são, calculando por baixo, 2.000 milhões de francos belgas perdidos neste empreendimento, tendo em conta apenas a Bélgica. E em cada dia que passa o seu custo aumenta. Além disso, a experiéncia da imigração não é vivida hoje senão pelos habitantes de certos bairros das principais cidades do país. O azar é que a nossa propensão para o egoísmo nos desvia o olhar dos graves factos que afectam os que habitam no outro lado da cidade.

Quanto ao custo económico, social e judiciário, o homem da rua não tem dele a mais pequena ideia, já que nenhuma avaliação oficial é publicada. Não se tem medo de um fenómeno do qual nada se sabe… Existe, na população, apenas um sentimento difuso. Mas não basta para a fazer reagir. Assim, cabe-nos a nós fazê-la reagir, informando-a, e nem há necessidade de exagerar a realidade. Para quem se quiser informar, a situação falará por si mesma. Porque, dentro de vinte anos, será demasiado tarde. Esta informação prestada ao povo deve apoiar-se em exemplos, de tal modo evidentes que o interlocutor ou o leitor só poderá anuir.

Passemos em revista alguns exemplos.

A década de 60, quando se deu o arranque da imigração não europeia de grande amplidão, é também a do fim dos impérios coloniais europeus, e a do retorno, muitas vezes manu militari, dos colonos de raiz europeia. Milhões de colonos foram forçados a deixar as colónias, enquanto milhões de estrangeiros empreendiam o mesmo movimento, mas para os nossos países. Não existe nisso um escândalo odioso? São os mesmos que trombeteavam a descolonização e sustentavam o assassínio de europeus na Argélia e no Congo que hoje, ideologicamente e praticamente, encorajam a implantação maciça de estrangeiros no nosso solo. Com toda a impunidade.

O próprio Estado afirma que a demografia abundante dos estrangeiros, acrescentada à imigração, vai compensar o défice de nascimentos nas populações autóctones. Encoraja, deste modo, a instalação e desenvolvimento, na nossa terra, dessas populações. Estas podem conservar a integralidade das suas tradições e da sua religião, e são consideradas como comunidades absolutas. É o modelo inglês que se generaliza. Dada a queda demográfica dos europeus, forçoso é verificar que, em curto prazo, zonas inteiras do nosso território serão totalmente «alienadas», e se desenvolverão segundo outra lógica económica, social e cultural. Mas, lançando o nosso olhar à História, sabemos que todas as sociedades comunitárias acabaram em desastre: um ou vários dos seus componentes desapareceram, ou os diferentes componentes se amalgamaram numa sociedade subdesenvolvida, ou não conservaram mais do que uma falsa identidade compósita (Bósnia, Líbano, Kosovo, Brasil, Tibete, África do Sul, Estados Unidos, sem contar os inúmeros exemplos históricos como Bizâncio, e o conjunto de países sob domínio islâmico).

Sob pretexto de respeitar integralmente os direitos do homem, os partidários do universalismo multicultural impõem deslocações maciças de populações, de um continente para outro, apoiando a sua conduta exprimindo, sem rodeios, as suas intenções: pôr fim às identidades e ao «recuo sobre si».

Ninguém exige a estes aprendizes de feiticeiro que provem as virtudes da sua utopia universalista.

Em alguns decénios, não se sabe por que mágica senão pela utopia universalista, o estatuto do Islão passou, no espírito dos nossos contemporâneos, de religião guerreira e conquistadora a monoteísmo simpático, cuja presença cada vez mais maciça na Europa, seria definitivamente um bem para o Ocidente Cristão em agonia espiritual. Como qualquer forma de espiritualidade nascida neste planeta, o Islão é completamente respeitável. Sobretudo quando é observado nas regiões que o viram nascer. A sua força de convicção, a sua forma, o seu discurso, parecem bem adaptados aos bandos dos desertos que o abraçaram a partir do século VII. O sopro e o impulso vital desta religião permitiram-lhe gerar, há muito tempo, várias culturas próximo-orientais dignas de interesse. Pelo contrário, a relação do Islão com a Europa foi sempre conflituosa, resultante da impossibilidade ontológica do Islão se adaptar a um território como o nosso; a instalação ocasional do Islão entre nós nunca se realizou senão pela guerra. O Islão não se assimila; faz tábua rasa do que existe – e dá, provisoriamente, a impressão de conservar a civilização anterior – pois desenvolve o seu próprio modo de existéncia.

Citar-nos exemplos históricos, como as trocas culturais entre a Europa e os arabo ou turco-muçulmanos (e, principalmente, a transmissão via culturas islâmicas de certos conhecimentos da Grécia antiga ou da época helénica), ou a Andaluzia muçulmana, como provas indubitáveis de que o Islão é assimilável na Europa, é uma vigarice intelectual perigosa.

O nosso combate é, portanto, também travado contra um Islão totalitário, tão destruidor de culturas como o americanismo.

A nossa revolta contra a transformação étnica, cultural e espiritual deverá ser constante, quer reine a concórdia beata da democracia burguesa, quer se trate de períodos de desordem ou de crises. A nossa cólera não se negoceia, assim como a nossa identidade profunda, fôssemos nós um punhado ou milhões…

Usurpação da nacionalidade

Por «Caturo» (do blogue Gladius)

A Nação é a comunidade de indivíduos que tem em comum uma raça, uma etnia, uma língua e uma consciéncia nacional. Uma Nação é pois um dos graus da estirpe, a par da Família, da Etnia e da Raça. Consequentemente, só pode fazer parte de uma dada Nação, quem nasça no seio de famílias pertencentes a essa Nação. Assim, a Nação herda-se – nunca se compra, nem se adquire por meio de «serviços» (que é o mesmo que comprar), nem tampouco pelo nascimento num determinado local.

Se esta última condição fosse válida para garantir a pertença a uma dada Nação, então também seria válida para estabelecer a pertença a uma dada família. Suponha-se por exemplo que uma família Costa dava abrigo em sua casa a uma pobre mulher desconhecida que estivesse prestes a dar à luz. Será que o filho nascido debaixo do tecto da família Costa, teria direito a herdar a casa da família Costa? Nenhum direito, como é bom de ver. Mais: em sendo a mulher da família Silva, o seu filho, nascido no domicílio dos Costa, só teria direito ao que pertencesse à família Silva, porque o seu sangue assim o determinaria. Ora, uma Nação é como uma família maior; e o território de uma Nação, é como a sua casa.

Conclui-se, facilmente, que só é membro da Nação quem seja filho de pessoas dessa Nação, nascendo ou não em território nacional. É por isso que o único critério de nacionalidade legítimo, é o do Ius Sanguinis, isto é, o Direito de Sangue: só deve ser cidadão nacional quem seja filho de cidadãos nacionais.

Ora, à luz do que aqui fica exposto, será que um imigrante pode ser cidadão nacional? Evidentemente que não. E o filho do imigrante, mesmo que nasça em território nacional, tem direito a ser cidadão nacional? Evidentemente que não, pelo mesmo motivo que os seus pais estão excluídos da Nacionalidade. Nada mais legítimo.

No entanto, há quem tenha tal ódio às diferenças entre os homens, à simples existéncia de raças, de etnias, de famílias até e, no que nos interessa neste caso, de nações, que tudo faz e tudo fará para que todas as fronteiras naturais entre os homens sejam abolidas – para que todos os elementos que definem identidades sejam por fim suprimidos. Estes, que assim pensam, são os universalistas.

Toda a Esquerda é universalista – e o governo que dirige Portugal neste momento, sendo fundamentalmente de Esquerda (por mais pormenores ditos «direitistas» que alguns lhe atribuam), vai impor, amanhã, a alteração à lei da Nacionalidade, fazendo com que, a partir de agora, todos os filhos de imigrantes legalizados que nasçam em Portugal, passem a ser automaticamente portugueses.

Deste modo, o poder esquerdista (do governo, mas também da ralé adjacente, porque as principais forças da comunicação sucial e da «intelectualidade» estão certamente a favor de tal medida, basta ver que nenhum partido com assento parlamentar se opôs a essa obscenidade) pega na noção de Nacionalidade e esvazia-a por completo, em nome do seu ideal universalista.

Todo o governo, é nada mais do que um órgão eleito pelo povo que tem por função administrar o Estado. Mas o Estado não é a Nação. O Estado é tão-somente uma instituição ao serviço da Nação.

O Estado é pois regido pelo governo – mas o governo não tem o direito de alterar a própria esséncia da Nação, porque não pode ir além das suas competéncias, que são, repita-se, meramente administrativas.

Assim, este governo mexe no que não lhe pertence – porque em sendo a Nacionalidade um direito de todos os Portugueses, nenhum português tem o direito de a alterar, pois que, actuando desse modo, interfere com o que também pertence aos outros portugueses.

Voltando ao exemplo concreto que foi dado acima a respeito das famílias, o que o governo está a fazer é como se um dos membros da família Costa decidisse que o recém-nascido da família Silva, também teria direito à propriedade dos Costa – seria, obviamente, um gesto de injusta arbitrariedade.

O que o actual governo socialista está a fazer em Portugal, é pois um crime contra a Nação – e, se houver justiça no Destino, um dia os seus responsáveis serão julgados em tribunal.

Retornando, uma vez mais, ao exemplo das famílias… suponha-se que o filho da mulher Silva, mudava de apelido, passava a chamar-se Costa… quer isso dizer que a família Costa teria de o reconhecer como membro da família Costa, e, portanto, com todos os direitos de herança que têm os filhos da família Costa? Tal aceitação da parte dos Costa seria um absurdo lógico.

Do mesmo modo, o facto de o governo socialista resolver dar um bilhete de identidade nacional a todos os alienígenas nascidos em Portugal, não deve ser levado em linha de conta pelo Povo consciente. Trata-se de uma situação aberrante que, um dia, talvez possa ser corrigida – e com efeitos retroactivos, por mais que isso custe a alguns.

Porque é que o governo socialista resolve tomar uma medida desta envergadura precisamente nesta altura? Repare-se:
- num momento em que todas as sondagens de opinião pública, revelam, sem deixar margem para dúvidas, que o Povo não quer mais imigrantes, e, especialmente, não quer mais africanos;
- numa altura em que certa sondagem em concreto revelou que Portugal está em quarto lugar na Europa em termos de hostilidade à imigração;
- num cenário político-social em que se torna óbvio que o Nacionalismo pode crescer em Portugal tanto como cresceu em França, por exemplo (onde Le Pen aterroriza meio mundo), como a manifestação de dia 18 de Junho sobejamente o demonstrou, marcando bem a espontânea aderéncia popular aos ideais nacionalistas (já que nenhum partido consegue convocar manifestações com tanta gente não militante);
- numa situação destas, a elite político-intelectual que governa o País, resolve pura e simplesmente acelerar o passo: apressar o processo de «universalização» de Portugal, isto é, de diluição do Povo Português, para que as forças nacionalistas não tenham tempo de crescer.

Com a população não portuguesa a aumentar de número e a possuir direito de voto, aumenta também a quantidade de cidadãos que nunca votarão no Nacionalismo, mas sempre nos partidos de ideal universalista. As «elites» de Esquerda querem pois que o resultado da sua acção seja irreversível.

Há também, nessas fileiras universalistas, quem siga a moral de dar a outra face – e, perante a violéncia crescente perpetrada por «jovens» filhos de imigrantes, a Esquerda opta por dizer «Não nos batam, não vêm que nós gostamos de vocês e queremos que vocês sejam dos nossos?» Ora, a ralé criminosa, com o seu instinto predatório da selva, percebe o sentido de tal atitude: percebe que se trata de pura e simples fraqueza. Percebe que se trata de uma profunda recusa da resisténcia.

Ora, o criminoso, o abusador, o agressor, o provocador, o que quer mostrar que ele é que manda – esse tipo de sujeito, fica comovido por atitudes de fraqueza? O Povo sabe bem que quem muito se agacha, acaba por mostrar as nádegas.

No dia Dez de Junho, a escumalha criminosa africana resolveu mostrar aos Portugueses quem é que mandava. Fez o que fez numa praia, e que já tinha feito noutras ocasiões. Nenhum dos integrantes dessa escumalha foi preso. No dia seguinte, fizeram o mesmo no Algarve. Poucos dias depois, assaltaram livremente quem lhes apeteceu, na linha de Sintra. Houve até portugueses que ficaram feridos ao saltarem do comboio: tal foi o pânico que sentiram.

Em suma, a escumalha criminosa percebe, perfeitamente, que faz o que quer e lhe apetece sem que a «sociedade racista!!!» (que eles acusam…) lhes aplique o menor castigo. E se aparece algum cidadão, menos entorpecido, a querer dar-lhes o devido correctivo, eles, criminosos, sabem que haverá logo um coro de «castrati» a cantarolar loas ao anti-racismo e a vituperar quem se quer pura e simplesmente defender dos criminosos alienígenas.

E depois de tudo isto, o governo até lhes dá cidadania. O resultado? A escumalha criminosa percebe que a táctica da violéncia resulta. E, evidentemente, continua a proceder como sempre procedeu, mas de um modo cada vez mais grave e ofensivo da dignidade dos Portugueses.

E se alguém resolver falar em travar a imigração e repatriar os criminosos alienígenas, aparecerá uma ou várias formas sub-humanas de vida a responder «Ai não!, agora já não pode ser, porque agora, já são portugueses…»

Aliás, isto foi realmente dito, a propósito do arrastão – um porta-voz do CDS/PP chegou mesmo a dizer, na Assembleia da República, que os jovens que fizeram o arrastão de Carcavelos, «são portugueses», e frisou-o bem frisado.

Com a nova lei, essa abjecção, esse NOJO REVOLTANTE, repetir-se-á em frequéncia e em intensidade. E é por isso que digo e repito: o verdadeiro Povo não pode reconhecer a validade da alteração legal da lei da Nacionalidade. E não pode porque o governo não tem legitimidade moral para o fazer. Falo pois do direito à desobediéncia civil, previsto na Constituição.

Efectivamente, o Povo tem o direito de resistir aos abusos de poder – isto, até os democratas mais abrilistas reconhecem, como por exemplo o BE, que andou a dar colóquios à sua jumentude, ensinando-lhe técnicas de desobediéncia civil.

Daí se conclui que é preciso, agora mais do que nunca, passar palavra: À REVOLTA, PORTUGUESES!!!

O lado negro da diversidade

Por David Duke

Esta foto e artigo foram-me enviados pelos meus amigos da Suécia. Mostra a imagem de uma vítima de estupro chamada Linda. Ela tornou-se num dos muitos recipientes suecos da riqueza multicultural às mãos dos imigrantes:

Den våldtagna och misshandlade flickan

Na Suécia, um país com uma população não-europeia na ordem dos 10%, 80% destupros e quase 100% dos destupros coletivos são cometidas por não-europeus. A Suécia foi submetida nos últimos 20 anos a um aumento radical de não-brancos. Devido a essa alteração demográfica, os roubos, estupros e homicídios aumentaram em grande percentagem. Estupro coletivo em grupo, um crime desconhecido na Suécia de há 20 anos, é agora algo comum.

Este malicioso ataque foi efectuado contra duas raparigas por um grupo de imigrantes africanos. Aconteceu em Gothenburg, onde discursei no início do ano. As duas raparigas iam a caminho de uma festa e precisaram de pedir indicações. Profundamente doutrinadas pela comunicação social a não terem nenhum medo «racista» dos pretos, aceitaram acompanhá-los quando estes lhes disseram que sabiam o caminho. Em vez de as levarem à festa, raptaram-nas, separaram-nas e espancaram-nas violentamente. Uma das raparigas foi estuprada enquanto a outra, gravemente ferida, se fez de morta e evitou o estupro.

Estimuladas por entrevistadores politicamente correctos na TV, pouco depois dos ataques as raparigas concordaram com o facto de que os atacantes «por acaso serem pretos» não ter «nada a ver» com o incidente. Na realidade o facto é que este malicioso ataque e a praga de brutalidades, por toda aquela que em tempos foi considerada a nação com menos criminalidade da Terra, não ocorreriam se não fossem as insanas políticas de imigração do governo sueco e da comunicação social que as promove.

Nove meses depois dos ataques a polícia deteve finalmente um dos prevaricadores. A imprensa sueca suprimiu imagens do mesmo e descreveu-o como um «finlandês» porque o assaltante africano possuía um passaporte finlandês.

É impossível negar o facto de que a imigração em massa tem levado à vitimação de um grande número de pessoas inocentes em todos os países do mundo Euro-Americano. Quer se fale da Suécia, da França, da Grã-Bretanha ou dos EUA, ninguém pode negar este facto da vida. Faz parte de uma crescente e cada vez mais rápida tragédia a assolar o nosso povo. É o lado negro da diversidade que a comunicação social esconde do povo.

É estranho, não é? Nós que não queremos que o nosso povo seja brutalizado, estuprado e assassinado, que não queremos que as nossas nações se transformem em países com condições semelhantes às do Terceiro Mundo, que não queremos perder o nosso legado e a nossa cultura como consequéncia da imigração – somos chamados de cruéis e de odiosos. Ao mesmo tempo, aqueles que levam a cabo essa brutalidade sobre nós, como a que aconteceu à Linda, são chamados de fornecedores do amor e da bondade humanas.

Creio eu que a Suécia, e já agora o resto da Europa, tinham muito mais amor e bondade antes das «bénçãos da diversidade».

A farsa do vitimismo afro-descendente

Escrito por João Carlos de Almeida | 06 Janeiro 2011

Não se trata aqui de um supremacista branco malhando os negros. Pelo contrário.
Estes marginais aí são, de certa forma, meus «manos», como eles mesmos dizem.

Semana passada traduzimos um post intitulado O que fazer a respeito da violéncia inter-racial negra?, do blog View from the Right. Paul K. começa afirmando que achava que os donos de cinema deveriam ter o direito de proibirem a entrada de grupos de adolescentes negros, por «serem escandalosos e incomodarem os outros» e terem «propensão à violéncia.» Em seguida, ele menciona três episódios recentes de violéncia extrema cometidas por negros contra brancos e asiáticos nos Estados Unidos (registrados em vídeo) e chama atenção para o fato de que a imprensa nunca comenta o fato de que a violéncia inter-racial no país é praticamente sempre de negros contra brancos e amarelos e não o contrário.
Que algo em torno de noventa por cento de todos os crimes violentos cometidos nos Estados Unidos são obra de negros e latinos é fato que até os demagogos esquerdistas do partido Democrata sabem. Mas, para fazer justiça a Paul K., gostaríamos de deixar registrados dois eventos recentes.

Um é o fato de um marine recém-chegado do Afeganistão ter sido espancado na noite de Natal, juntamente com sua esposa, por um grupo de marginais adolescentes negros em Brandentown, na Flórida, ao saírem de um cinema. Motivo: ele havia pedido a eles, que estavam fazendo arruaça durante o filme que assistiam, que se aquietassem.

Como comenta o blogueiro Van Helsing, de cuja página tiramos esta matéria, «A razão pela qual este não foi um incidente racial é porque as vítimas eram brancas e os agressores, evidentemente, negros.»

A outra matéria é esta sobre um arrastão de dezenas de (adivinhe) marginais adolescentes negros a um shopping em Milwaukee, no Winsconsin, no último domingo. A imprensa, em sua novilíngua esquerdista, se referiu ao bando como «jovens rebeldes» [unruly young people]. JOVENS REBELDES?

Vendo barbaridades como estas, dá para entender perfeitamente o que motivou as antigas leis de segregação racial nos estados do sul dos Estados Unidos. Os dados disponíveis sobre a criminalidade americana durante o século XIX e início do século XX já apontavam um envolvimento imensamente desproporcional da população negra em crimes violentos.

Eu mesmo que escrevo agora isto aqui não sou branco. Sou mestiço. Meu avô paterno era negro e meu pai é mulato. Não se trata aqui de um supremacista branco malhando os negros. Pelo contrário. Estes marginais aí são, de certa forma, meus «manos», como eles mesmos dizem. Daí meu nojo em relação à coisa toda. Nós negros e mestiços deveríamos dar graças a Deus todos os dias por podermos viver em nações ocidentais decentes ao invés de em alguma ditadura africana. Se estas pessoas aí de fato odeiam tanto os brancos, por que diabos preferem sofrer no meio deles, ao invés de voltarem para a África? Como disse o Michael Savage há uns meses atrás para um ouvinte negro, racista e revoltado com os brancos que governam o país, «Sob o governo de qual ditador africano você preferiria viver, então?»

Já passou da hora de nós «afro-descendentes» (o termo é demagógico e esquerdista, mas vai ele mesmo) pararmos com esta farsa de vitimismo e desejo de reparações. Os Estados Unidos e o Brasil não têm «dívida histórica» nenhuma conosco. Nós é que devemos e muito a estes países, que nos deram de presente verdadeiras civilizações já prontas, que jamais conseguiríamos construir se tivéssemos ficados no continente africano. Se nossos antepassados não tivessem sido trazidos como escravos para a América, estaríamos infinitamente pior hoje. E como é que demonstramos nossa gratidão a estas nações? Dê uma olhada nos dados disponíveis sobre criminalidade e nas pesquisas eleitorais de ambos os países e você vai ver.

Se há vítimas raciais hoje nos Estados Unidos e no Brasil são os brancos, não nós. Somos nós que estupramos, matamos e os roubamos, não o contrário.

Quem votou em massa no Lula e na Dilma, que estão comprometidos com a escravização socialista do país, só para ganhar esmolas do PT, foi a população negra e mestiça, pobre e analfabeta, que está se lixando para os rumos que a nação está tomando. Quem vota em massa nos democratas, que estão comprometidos com a depredação socialista dos Estados Unidos, é a população negra, numa proporção que não se vê em nenhum outro grupo étnico do país. Se depender dos negros americanos, o país vai virar um novo Zimbábue. Olhe aqui o que cinco administrações consecutivas de prefeitos democratas negros, eleitos com o voto maciço da população negra, fizeram com Detroit, que já foi uma das cidades mais ricas do país.

Chega dessa besteira de vitimismo, revanchismo e reparacionsimo negro. Nossa contribuição para nossos países foi mínima e o ónus que trazemos, imenso. Quem constrói os prédios bonitos somos nós negros e mestiços, sim, mas quem vai assaltar os moradores que vão morar lá e estuprar suas filhas também somos nós, além de votarmos em massa nos políticos esquerdistas que vão roubar o dinheiro deles por meio de impostos escorchantes. Impostos estes que, por sua vez, serão usados para pagar por projetos assistencialistas voltados para nossas «comunidades carentes» - o novo nome que inventaram para ‹favelas› - e para construir escolas públicas que nós, negros e mestiços pobres, vamos depredar.

Vamos parar de fingir que não sabemos disto tudo.

A ameaça do multiculturalismo

Fonte: Ofensiva, n.º 2, Julho/Setembro 1990

A existéncia de tumultos raciais é hoje uma realidade conhecida de todos os que, infelizmente, vivem em sociedades que protagonizam a integração racial, e que desse modo contrariam a ordem natural da vida. Tais tumultos ocorrem um pouco por todo o lado, ainda que se dê especial importância aos ocorridos na Europa, já que esta sofre no momento os efeitos da imigração massiva (e ilegal) de alienígenas vindos da Ásia e de África, que nos pretendem impor a nós, europeus, na nossa terra, os seus modos de vida e as suas culturas.

Mas não se pense que esses conflitos são apenas causados pela distribuição desproporcional da riqueza, como querem fazer crer os marxistas. Os conflitos entre povos com identidades diferentes também são comuns nos países chamados socialistas, como são por exemplo o Tibete (parte integrante da China vermelha), a União Soviética e a França.

O que os marxistas e os seus mentores liberais não entendem é que o conceito de «alienação» de que eles tanto usam e abusam opera não só a nível económico, mas também a nível orgânico, promovendo a alienação cultural e social. Com efeito, isto produz uma situação de «falsa consciéncia» que é invariavelmente aproveitada pelas organizações mundialistas, ao mesmo tempo que provoca a instabilidade e um clima de fraco entendimento entre raças diferentes, que frequentemente as leva a se confrontarem.

Quando os povos são alienados das suas culturas, tornam-se influenciáveis e mais fáceis de explorar pela sociedade de consumo. O multiculturalismo é originado pela integração de diversas micro-culturas, cada uma com as suas próprias idiossincrasias e que, uma vez misturadas, perdem as suas raízes deixando por isso mesmo de existir.

Portugal possui uma cultura rica e tradições fortes. É verdade que foram cometidos no passado alguns erros, mas isso não invalida que nos orgulhemos dele. Devemos aprender com o passado, mas não podemos carregá-lo como uma albarda nas nossas costas. Nem podemos deixar que um sentimento de culpa ou piedade igualitária prejudique as nossas decisões a tal ponto de inviabilizar a existéncia da nossa própria cultura. Devemos gerar a coragem e a confiança respeitando as tradições e mantendo a fidelidade à Pátria.

As populações alienígenas cujos sentimentos e condutas não coloquem os interesses do nosso país em primeiro lugar não têm o direito de permanecer em solo português.

Se a actual promoção do multiculturalismo continuar, então Portugal, certamente, perderá a sua identidade cultural. É isso que não estamos dispostos a permitir que aconteça. Desde logo, defendemos uma acção eficaz que altere a actual situação que, a nós portugueses de verdadeira estirpe, nos repugna profundamente: a subversão e o aviltamento da cultura nacional pelo americanismo que diariamente nos invade, a adopção de modelos (políticos, económicos, de conduta social) estrangeiros e a existéncia de comunidades estranhas à nossa cultura e destino.

O que faria o Estado Nacional-Racialista?

Por Gonçalo Silva

Actualmente, e perante a auténtica invasão e colonização de que os países europeus estão ser alvo por parte de povos do Terceiro Mundo, a principal prioridade dos nacional-racialistas é travar a imigração e reverter os efeitos negativos já produzidos. A nossa prioridade é por isso manter Portugal português e a Europa europeia.

***

De cada vez que um nacional-racialista proclama que sua principal prioridade é manter Portugal português – o que naturalmente implica a nossa preservação racial – é imediatamente confrontado pelos «igualitaristas anti-racistas» com a litania de que «os negros que vivem em Portugal já são portugueses!». Poderão ser portugueses no papel, mas não no sangue que lhes corre nas veias! A nossa solução é simples: da mesma maneira que a nacionalidade foi atribuída a essas pessoas por lei, também pode ser «desatribuída» por lei (ou seja, retroactivamente). Perante isto os «igualitaristas anti-racistas» voltam à carga com outra litania: «isso é contra o Direito!» ou ainda «Mesmo que lhes tirem a nacionalidade não os podem deportar para os seus supostos países de origem porque esses países não os reconhecem como seus cidadãos». Em relação à primeira, só temos a dizer que o Direito é feito pelo Estado e só tem validade na medida em que um Estado o possa impor e fazer respeitar (recorrendo à coerção), recusamos por isso, essa ideia peregrina de que existe algum tipo de Direito abstracto superior ao próprio Estado e ao qual este se deva submeter; todo o Direito é produzido pelo Estado. O Estado decide quem é seu cidadão e quem não é! Em relação à segunda, embora reconhecendo que se trata de um problema bastante mais complexo, tem ainda assim, e ao contrário do que pensam (ou fingem pensar) os nossos inimigos, solução fácil (não, não estamos a falar de campos de concentração ou de extermínio!).

***

Neste artigo procuraremos expor algumas medidas que um governo nacional-racialista poderia adoptar no sentido de resolver o problema imediato (invasão e colonização do nosso país) e reverter as consequéncias já produzidas (suposta impossibilidade de deportar os «portugueses no papel»).

A prioridade imediata seria travar o actual influxo de colonos terceiro-mundistas para o nosso país. Neste sentido teriam que se adoptar as seguintes medidas com carácter de urgéncia:
- travar a imigração: fechar fronteiras e reforçar a fiscalização das mesmas;
- iniciar o repatriamento imediato dos imigrantes ilegais e dos cadastrados;
- permitir a permanéncia de cidadãos estrangeiros em território nacional apenas mediante a apresentação de um contrato de trabalho; estes contratos de trabalho não podem ser renovados indefinidamente. Deve-se promover uma imigração temporária e rotativa;
- adoptar uma política de imigração que privilegie a imigração intra-europeia;
- os futuros imigrantes só poderão entrar no país já com um contrato de trabalho à sua espera. Os empregadores deverão recorrer às Embaixadas portuguesas para o recrutamento desta mão-de-obra;
- instituir a preferéncia nacional na contratação e benefícios fiscais para quem contrate apenas mão-de-obra nacional;
- acabar com o «reagrupamento familiar».

Estamos convencidos que a colocação em prática destas medidas seria o suficiente para resolver grande parte do actual problema de colonização e substituição étnica que Portugal e a Europa enfrentam.

No entanto, e como o exemplo francês recentemente nos mostrou, travar o influxo de mais povos terceiro-mundistas para a Europa não é suficiente, uma vez que já existem centenas de milhar de «portugueses no papel» em território nacional e europeu. Além desta presença maciça temos ainda de contar com as taxas de natalidade destas populações, geralmente bastante mais elevadas do que a da população nativa. Assim sendo, e caso estas populações não sejam deportadas, a perspectiva de criação de autênticos enclaves não-europeus dentro dos países europeus é uma realidade mais do que provável.

Urge portanto alterar a lei da nacionalidade com efeitos retroactivos no sentido de consagrar o ius sanguinis. É aqui que entra a litania «Mesmo que lhes tirem a nacionalidade não os podem deportar para os seus supostos países de origem porque esses países não os reconhecem como seus cidadãos». O que aconteceria seria o seguinte: essas pessoas, que perderiam a nacionalidade portuguesa, seriam confrontadas com duas opções a) tentar obter a nacionalidade dos seus ancestrais ou b) tornarem-se apátridas (por opção ou por não conseguirem obter a nacionalidade dos seus ancestrais).

No primeiro caso tornar-se-iam cidadãos estrangeiros a residir em Portugal e aplicar-se-lhes-ia a legislação apropriada. O Estado nacional-racialista tentaria também negociar com os países de origem destas populações a facilitação da aquisição da nova nacionalidade, através de incentivos económico-financeiros que poderão passar por perdões da dívida ou por acordos comerciais privilegiados. Deste modo a maior parte dos «portugueses no papel» poderiam adquirir a nacionalidade dos seus ancestrais e o argumento «Mesmo que lhes tirem a nacionalidade não os podem deportar…» perderia toda a validade.

Como já mencionamos anteriormente, a estas pessoas só seria permitida a presença em território nacional mediante a apresentação de um contrato de trabalho. Findo este teriam de regressar aos seus países de origem.

Os «igualitaristas anti-racistas» poderão argumentar que maior parte dos «portugueses no papel» recusarão a nova nacionalidade, já que «só conhecem Portugal e este é o país deles». Discordamos. Um estudo de 2002, divulgado pelo jornal Público («Jovens Negros Rejeitam Sociedade Portuguesa», Sábado, 18 de Maio de 2002) revela que «Um estudo do Instituto de Ciéncias Sociais da Universidade de Lisboa, co-financiado pela Secretaria de Estado da Juventude, concluiu que os jovens negros não se identificam com os portugueses, apesar de a maioria já ter nascido (26 por cento) ou viver há mais de 10 anos (25 por cento) em Portugal». O mesmo estudo avança: «A identificação com o «país de origem» (dos entrevistados e dos seus pais) foi a mais referida de entre a amostra, mesmo pelos inquiridos de nacionalidade portuguesa ou com dupla nacionalidade».

Resta-nos apenas o caso dos apátridas, que, em nossa opinião, seria bastante residual. Estas pessoas teriam a sua vida bastante dificultada comparativamente com a situação actual. Isto porque a legislação do Estado nacional-racialista discriminaria positivamente os cidadãos nacionais nos mais variados aspectos: desde a concessão de crédito, à aquisição de habitação passando pelo acesso à saúde ou à educação públicas (reservado exclusivamente aos nacionais).

Entenda-se o seguinte: não se trata de perseguir estas pessoas, que poderiam continuar a residir em Portugal, estando também protegidas pela lei, o que o Estado nacional-racialista faria seria simplesmente eliminar os actuais incentivos à sua permanéncia em território nacional. Estamos convencidos que grande parte destas pessoas, perante este cenário, optaria por emigrar para outros países mais «humanistas» e «igualitaristas». De modo a facilitar essa emigração o Estado nacional-racialista adquiriria os seus bens a preços de mercado ou até mesmo a preços superiores aos de mercado.

***

Convém também salientar que todo este processo por nós descrito não será colocado em prática de um dia para o outro. À instauração do Estado nacional-racialista seguir-se-á um período de transição, ao longo do qual estas medidas serão colocadas em prática de forma gradual, por forma a avaliar o sucesso das mesmas e colmatar eventuais falhas legais. Escusado será dizer que para que este processo tenha sucesso o SEF, ou outra agéncia estatal que venha a ser criada, deverá ser dotado dos meios humanos e materiais necessários ao desempenho destas tarefas. Para além dos meios, e talvez mais importante do que estes, haverá também uma forte vontade política de colocar estas medidas em prática.

Este modelo de repatriamento justo, humano, pacífico e gradual é a resposta dos nacional-racialistas àqueles que desonestamente nos acusam de pretender o extermínio, a perseguição ou o encarceramento dos povos não-europeus que actualmente colonizam o nosso continente.

Como é óbvio, o triunfo da Revolução nacional-racialista só será possível à escala europeia, daí que a colaboração e cooperação entre todas as forças nacional-racialistas do Continente seja imperativa.

CAPÍTULO 4: O PROBLEMA JUDAICO

Uma Breve História dos Judeus

Fonte: Nature's Eternal Religion, por Ben Klassen:

A natureza em sua infinita sabedoria, colocou a importância mais alta na sobrevivéncia das espécies. Em sua variedade abundante, a natureza trouxe à luz criaturas de todos os tipos, peixes e aves, animais e vegetais, insetos e bactérias. Algumas criaturas, como o cardinal e o sialia, são bonitas de se ver. Outros, como o peixe escorpião e a preguiça não são. Algumas criaturas são carnívoras. Outras são herbívoras. Alguns animais, como vacas, rimunam a grama dos prados. Outros, como o coiote, o lobo e o tigre são predadores. Outras criaturas, como baratas, mosquitos e larvas são parasitas. Cada criatura tem os seus meios de existéncia e sobrevivéncia e os seus meios de perpetuar suas espécies. Ao todo, a vontade de viver e perpetuar sua espécie é intensamente forte. Se assim não fosse, as espécies logo teriam morrido.

Na espécie humana, existe uma raça que destaca-se acima de todas as outros na intensidade e ferocidade de sua vontade de sobreviver, que é a raça judia. Como esta raça sobreviveu e permaneceu intacta através de todas as convulsões e revoltas na história em 5000 anos é algo notável a ser observado.

Considerando algumas das raças antigas da história registrada, como os babilónios, romanos, fenícios,os egípcios como uma raça, foram todas pelo ralo da história. Porém o judeu sobreviveu. Não só ele sobreviveu, mas ele tornou-se o proprietário de escravos de todas as outras raças do mundo, apesar de ter apenas números de uma pequena porcentagem da população mundial.

Considerando que a Raça Branca tem sido um construtor, explorador e criador de civilizações, de governos e nações, o judeu não tem sido nada disso. Pelo contrário, ele tem sido a antítese do homem branco nobre. Ao longo de sua história, que remonta há mais de 5000 anos, durante a qual manteve-se unido como uma raça, o judeu tem sido o parasita e predador nas costas daquelas nações que foram seus hóspedeiros dispostos. O judeu nunca foi um criador, nem o construtor, nem um productor, como os membros da Raça Branca. Pelo contrário, ele tem sido um destruidor de civilizações, um saqueador das nações, e um assassino que inventou a própria ideia de genocídio nos primeiros estágios de sua própria história. Tudo o que temos a fazer é ler o seu próprio Antigo Testamento para descobrir que, em página após página após página mataram, destruíram e saquearam uma tribo após a outra. Uma nação após a outra foi colocada à espada. Homem, mulher e criança.

A história da humanidade está repleta de guerras e conflitos, mas de todos os conflitos que se seguiram entre os diferentes países e as diferentes raças, existe apenas uma raça que despertou em si o antagonismo mais violento, não importa onde eles se estabeleceram – essa raça é a raça judia.

Por que é que a raça judia tem sobrevivido através de todas as turbuléncias em mais de 5000 anos de história, ao passo que as raças mais poderosas, como os romanos, pereceram? Será que é porque o judeu é firme? Nós achamos que o judeu seja firme, mas outras raças, como os romanos, eram ainda mais firmes e eles não sobreviveram. Será que é porque ele é um bom lutador? Não, ele é na verdade um covarde físico e em combate aberto, ele é certamente um dos guerreiros menores e mais covardes. Será que é porque ele é mais traiçoeiro e enganoso?

Talvez, já que esta característica dele, sem dúvida, destaca-se de todos os outros povos. Mas esta não é a única razão pela qual ele sobreviveu tanto. A razão para a sua sobrevivéncia está em sua religião única. No início de sua história, os judeus perceberam o tremendo poder da religião como arma, uma arma que poderia unir sua própria raça, ou uma arma para desintegrar e destruir seus inimigos. Por milhares de anos eles têm capitalizado sobre este conhecimento ao máximo. De forma magistral, eles manipularam a religião para a sua vantagem com uma astúcia maligna que nenhum outro povo parece ter sequer suspeitado.

O tema central da religião judaica é o ódio, ódio contra os gentios, isto é, todas as outras raças. A outra faceta esmagadoramente poderosa da religião judaica é a lealdade racial, lealdade para com sua própria espécie. Considerando que, para os gentios brancos medianos, infelizmente, pouco importa com quem ele faça negócios, se é um outro homem branco ou não. O gentio branco mediano nem sequer está muito interessado em saber se a pessoa ao lado ou a pessoa que ele conhece é uma de sua própria raça. Mas, para um judeu, se ele está a fazer negócios com um judeu, a viver ao lado de um judeu, ou conhece um judeu, isso significa tudo.

O principal centro de poder da conspiração mundial judaica reside agora no Novo Mundo. De facto, em Nova Iorque está o maior centro de população judaica do mundo, e Nova Iorque é a força motriz fundamental financeira, não só dos Estados Unidos mas também do resto do mundo.

Israel exige DNA para averiguar a «judaicidade» dos imigrantes... Mas pede por fronteiras abertas às nações brancas

Postado por TNO Staff – em 12 de agosto de 2013
http://newobserveronline.com/israel-starts-using-dna-to-check-for-jewishness-of-immigrants

Israel, que já tem uma das políticas de imigração mais racialmente restritivas do mundo, está prestes a apresentar o teste de DNA para garantir que nenhum não judeus da Rússia entre no país, de acordo com um comunicado do gabinete do Primeiro-Ministro em Tel Aviv feito no final de julho de 2013. De acordo com um artigo no Times de Israel, falantes de russo que querem fazer «Aliá» no futuro, precisam de um teste de DNA.

Este desenvolvimento é o sinal mais seguro ainda de que o judaísmo não é uma construção cultural, mas um biológico, e também mais uma prova de que a «teoria khazar» – que teria introduzido elementos não-semitas no código genético judeu está incorreto, como comprovado por exames de DNA anteriores.

De acordo com o Times of Israel, «pretensos imigrantes da ex-União Soviética podem ser convidados a provar a (sua) linhagem judaica» e serão «submetidos a um teste de DNA para provar sua judaicidade».

O anúncio disse que «muitos judeus da antiga União Soviética (Rússia) que nasceram fora do casamento, podem ser requisitados a trazer a confirmação de hereditariedade judaica por DNA, a fim de ser autorizado a imigrar como um judeu.»

«Uma fonte no PMO disse a Maariv que o procedimento do cónsul, aprovado pelo departamento jurídico do Ministério do Interior, afirma que uma criança de língua russa nascida fora do casamento é elegível para receber um visto de imigração israelita se o nascimento foi registrado antes da criança completar 3 anos. Caso contrário, é necessário um teste de DNA para provar parentesco judaico.»

«Um porta-voz do Ministério das Relações Exteriores disse que a decisão de exigir o teste de DNA para judeus russos se baseia nas recomendações da Nativ, um programa educacional sob os auspícios do Gabinete do Primeiro-Ministro para ajudar os judeus a da antiga União Soviética emigrarem para Israel.»

«A questão corta o coração da Lei do Retorno de Israel, que permite que qualquer pessoa com um dos pais, avós ou cónjuge judeu ir para Israel e ser elegível para a cidadania. Determinar quem é um judeu – uma definição que evoluiu junto com as muitas linhas da religião – levou o Ministério interior para criar um sistema um tanto bizantino de checagens e regras e os candidatos tem conduzido às vezes, especialmente convertidos ao judaísmo, a lutar em tribunais israelitas pelo direito de imigrar.»

Essa demanda por testes de DNA para imigrantes para Israel contrasta dramaticamente com a demanda de fronteiras abertas feitas por todas as organizações judaicas nos Estados Unidos e em outros lugares.

A Verdade Crua Sobre o Controle Judaico em Todos os Setores da Vida

Harold Wallace Rosenthal, 29 anos, assistente pessoal do senador de Nova Iorque Jacob Javits, em uma entrevista de 1976 com Walter White Jr., editor, Conservative monthly, Western Front:

Nosso poder foi criado através da manipulação do sistema monetário nacional... O Sistema da Reserva Federal encaixou-se em nosso plano muito bem, uma vez que é de nossa propriedade, mas o nome já diz que é uma instituição do governo.

Desde o início, nosso objetivo foi o de confiscar todo o ouro e prata, substituindo-os por notas de papel não resgatáveis sem valor. Isso nós fizemos! Antes de 1968, o goy crédulo poderia ter uma nota de dólar da Reserva Federal em qualquer banco da América e resgatá-lo por um dólar que era por lei uma moeda contendo 412,5 grãos de 90% de prata. Até 1933, ninguém poderia ter resgatado a mesma nota de uma moeda de 25,8 grãos de 90% de ouro. Tudo o que fazemos é dar o goy notas mais não resgatáveis ou algo de cobre, mas nunca dar-lhes o ouro e prata, só mais papel», disse ele com desdém. «Nós, os judeus, prosperamos através do artifício de papel. É o nosso método através do qual tomamos dinheiro e damos apenas papel em troca. O mercado de acções e títulos, todas as formas de seguro e o sistema de reservas fracionárias praticada pela Corporação da Reserva Federal, para não mencionar os bilhões em ouro e prata que ganhamos em troca de notas de papel que são estupidamente chamadas de dinheiro. O poder do dinheiro foi essencial na realização de nosso plano de conquista internacional por meio da propaganda.

Ao controlar o sistema bancário, fomos capazes de controlar o capital corporacional. Com isso, a Companhia adquiriu o monopólio total da indústria do filme, as redes de rádio e a recente media televisiva em desenvolvimento. A indústria gráfica, jornais, periódicos e revistas técnicas já haviam caído em nossas mãos. O melhor de todos veio mais tarde quando assumimos a publicação de todos os materiais escolares. Através destes veículos, podemos moldar a opinião pública de acordo com os nossos próprios fins. As pessoas são apenas porcos estúpidos que grunhem e guincham os cânticos que lhes damos, sejam eles verdade ou mentira.

Não existe tal coisa como a maioria silenciosa, porque nós controlamos o seu clamor e matiz. A única coisa que existe é uma maioria irracional, e irracional eles permanecerão, pois sua fuga do nosso serviço rigoroso é o ópio da nossa indústria do entretenimento. Ao controlar a indústria, nós nos tornamos os capatazes e as pessoas os escravos.

Quando a pressão da labuta diária constrói a um grau explosivo, nós fornecemos a válvula de segurança de prazer momentâneo. As indústrias de cinema e televisão fornecem a distração temporária necessária. Estes programas são cuidadosamente projetados para apelar às emoções sensuais, nunca para a mente ou pensamento lógico. Devido a isso, as pessoas estão programadas para responder de acordo com nossas ordens e não de acordo com a razão. Temos castrado sociedades através do medo e da intimidação. Sua masculinidade só existe em combinação com uma aparéncia feminina. Sendo assim castrados, a população tornou-se dócil e facilmente descartável. Como todos os capões na natureza, os seus pensamentos não estão envolvidos com as preocupações do futuro e sua posteridade, mas somente com o presente trabalho e na próxima refeição.

Na Indústria:
Temos sido bem sucedidos em dividir a sociedade contra si mesma por por trabalho contra a gestão. Este talvez tenha sido um dos nossos maiores feitos, uma vez que na realidade é um triângulo, mas apenas dois pontos apenas aparentemente. Na indústria moderna, onde existe capital cuja força representamos, é o ápice. Ambos os parceiros sociais estão na base deste triângulo. Eles continuamente se opõem uns aos outros e sua atenção nunca é direcionado para a cabeça de seu problema. A Administração está obrigada a aumentar os preços, uma vez que são cada vez maiores os custos de capital. Trabalho deve ter aumento dos salários e da gestão deve ter preços mais elevados, criando assim um ciclo vicioso. Nós nunca somos chamados à tarefa para o nosso papel, que é a verdadeira razão para a inflação, uma vez que o conflito entre os parceiros sociais é tão grave que nem tem tempo para observar as nossas atividades. É nosso aumento do custo de capital que faz o ciclo de inflação. Nós não trabalhamos nem gerenciamos, e ainda assim recebemos os lucros.

Através da nossa manipulação monetária, o capital que nós fornecemos a indústria não nos custa nada. Através do nosso banco nacional, a Reserva Federal, nós extendemos o livro de crédito, que criamos a partir do nada a todos os bancos locais que são os bancos membros. Eles, por sua vez, estendem o crédito para a indústria do livro. Assim fazemos mais do que Deus, pois toda a nossa riqueza é criada a partir do nada. Tu olhas chocado! Não fique! É verdade, nós realmente fazemos mais do que Deus. Com este suposto capitais, trazemos indústria, gestão e trabalho em nossa dívida, dívida essa que só aumenta e nunca é liquidada. Através deste aumento contínuo, somos capazes de por gestão contra o trabalho para que eles nunca unam-se e ataquem-nos e inaugurem uma utopia industrial livre de dívidas. Nós somos o elemento necessário, uma vez que não gastamos nada. A geréncia pode criar seu próprio capital, os lucros. Seu negócio iria crescer e aumentar os lucros. Trabalho iria prosperar enquanto o preço do produto permaneceria constante, a prosperidade da indústria, trabalho e gestão aumentaria continuamente.

Nós judeus, glorificamos no facto dos goyim estúpidos nunca terem percebido que nós somos os parasitas que consomem uma parcela crescente da produção, enquanto os produtores estão continuamente a receber cada vez menos.

Na religião:
A religião também deve ser ensinada, e através desta necessidade, nós temos trabalhado. Com nosso controle da indústria do livro didático e os meios de comunicação, fomos capazes de manter-nos como as autoridades da religião. Muitos de nossos rabinos passaram a deter cátedras nos seminários teológicos cristãos. Estamos impressionados com a estupidez dos cristãos em receber nossos ensinamentos e propagá-los como seus. O judaísmo não só o ensino da sinagoga, mas também a doutrina de cada «igreja cristã» nos Estados Unidos. Através da nossa propaganda, a Igreja tornou-se a nossa patrocinadora mais ávida. Isto até nos deu um lugar especial na sociedade, seu credo na mentira de que somos o «povo escolhido» e eles, os gentios.

Essas crianças iludidas da Igreja nos defendem a ponto de destruir sua própria cultura. Esta verdade é evidente mesmo para o estúpido quando vê a história e vê que todas as guerras têm sido branco contra branco a fim de que nós nos mantivessemos no controle. Nós controlamos a Inglaterra durante a guerra revolucionária, o Norte durante a Guerra Civil, e na Inglaterra e na América durante a I Guerra Mundial e II.

Através da nossa influéncia na religião, nós fomos capazes de envolver os ignorantes cristãos brancos em guerras contra si mesmos, que sempre empobreciam ambos os lados, enquanto nós colhemos uma colheita financeira e política. Sempre que a verdade vem adiante e nos expõe, nós simplesmente reunimos as nossas forças: os cristãos ignorantes. Eles atacam os cruzados, mesmo que sejam membros de suas próprias famílias.

Através da religião nós ganhamos o controle completo da sociedade, governo e economia. Nenhuma lei é passada se seus méritos já não foram ensinados nos púlpitos. Um exemplo disto é a igualdade racial que levou à integração e consequentemente a miscigenação. O clero crédulo em uma respiração instrui seus paroquianos que somos um povo escolhido especial, enquanto em outra, proclama que todas as raças são iguais. Sua inconsisténcia nunca é descoberta, então nós judeus desfrutamos de um lugar especial na sociedade enquanto todas as outras raças são reduzidas a igualdade racial. É por esta razão que fomos autores da farsa da igualdade, reduzindo assim tudo a um nível inferior.

Fomos ensinados que nossas práticas económicas atuais são benevolentes, portanto cristãs. Estes papagaios no púlpito exaltam nossa bondade por emprestar-lhes o dinheiro para construir seus templos. Eles estão ansiosos para pagar nossas taxas de juros exorbitantes. Eles levaram a sociedade em nosso controle através da mesma prática. Politicamente, eles vêm as bénçãos da democracia e nunca entendem que através da democracia nós ganhamos o controle da sua nação.

Seu livro novamente ensina uma forma despótica benevolente de governo, de acordo com as leis deste livro, enquanto que uma democracia é a forma de controlamos através de suas igrejas, os nossos meios de comunicação e instituições económicas. Sua religião é apenas mais um canal através do qual podemos dirigir o poder da nossa propaganda. Estupidez. Estes fantoches religiosos só são ultrapassados por sua covardia, pois eles são descartados facilmente.

Essa atitude permeia todo o nosso ser e filosofia. Nós não somos os criadores, pois criar apenas beneficiaria o outro. Nós somos o ‹adquirentes› e só estamos interessados em satisfazer o ‹eu›. Para entender nossa filosofia, entenda o verbo ‹obter›. Nós nunca damos, apenas tomamos. Nós nunca trabalhamos, desfrutamos os frutos do trabalho dos outros. Nós não criamos, mas confiscamos. Nós não somos os produtores, mas os parasitas. Podemos viver fisicamente dentro de qualquer sociedade, mas sempre permanecemos espiritualmente distantes. Trabalhar seria produzir, e a forma mais elevada de trabalho seria criar. Sua raça sempre trabalhou pela a satisfação do que produz. Nós nunca iriamos trabalhar para o benefício de ninguém, apenas para o que podemos obter. Nós temos usado essa atitude Ariana para alcançar nosso maior prosperidade. Tu vais trabalhar para o prazer que deriva de produzir, sem nunca se preocupar com o pagamento. Nós levamos a sua produtividade para uma taxa irrisória e a transformos em fortunas.

Até recentemente, o orgulho da obra ultrapassou a busca de altos rendimentos. No entanto, fomos capazes de escravizar a sociedade para o nosso próprio poder, que é o dinheiro, fazendo com que os a procure depois. Nós convertemos as pessoas à nossa filosofia de obtenção e aquisição de modo que eles nunca ficaram satisfeitos. Um povo insatisfeitos são os peões em nosso jogo de conquista mundial. Assim, eles estão sempre buscando e nunca são capaz de encontrar satisfação. No momento exato em que eles buscam a felicidade fora de si mesmos, eles se tornam nossos funcionários dispostos.

Seu povo nunca percebeu que nós lhes oferecemos apenas bugigangas inúteis que não podem trazer satisfação. Eles adquirem uma e consomem-na e não ficam satisfeitos. Apresentamos outra. Nós temos um número infinito de distrações externas, na medida em que a vida não possa voltar-se para dentro para encontrar sua realização definitiva. Tornaram-se viciados em nossa medicina, através do qual nos tornamos seus senhores absolutos.

Na primeira e fundamental mentira, cujo objetivo é fazer com que as pessoas acreditam que nós não somos uma nação, mas uma religião, outras mentiras são baseadas posteriormente. Nosso maior medo é que essa mentira seja descoberta, pois seremos erradicados no momento em que o público geral se aposse desta e aja (uma coisa é colocar um homem em posse da verdade, outra é levá-lo a entendê-la, e levá-lo a agir de acordo com ela é ainda outro. Verdade por si só não tem valor a menos que usada ou aplicada de alguma forma).

Está se tornando evidente que um despertar está ocorrendo, mesmo aqui na América. Esperávamos que através da nossa devastação da Alemanha nazi, que qualquer sujeito lidesse conosco seria um tabu amedrotado. No entanto, parece haver um ressurgimento aqui na única nação que nós controlamos tão fortemente. Estamos neste momento a fazer planos para um êxodo acelerado. Sabemos que quando a luz começar a despontar, não haverá parada. Todos os esforços da nossa parte vão só intensificar a luz e dar foco sobre ela.

Tememos que a luz esteja chegando em movimentos em toda esta terra, especialmente a tua. Ela tem espantado-nos como vós fostes bem sucedido em alcançar as pessoas depois que fechou todas as portas de comunicação. Este, tememos, é um sinal de um pogrom que vem que terá lugar na América em breve. O público americano já percebeu que estamos no controle, o que é um erro fatal de nossa parte. Esta nação nunca poderia ser a terra da liberdade, pois é a terra dos judeus. Esta é a revelação de que será a nossa ruína.

O povo americano foi facilmente governado através de nossa propaganda que a caneta é mais poderosa que a espada. Nós praticamente fugimos com o assassinato e o que todo o goyim faz é falar sobre o assunto, que é ineficaz, uma vez que como mestres da propaganda, sempre publicar uma alegação a contradizê-la. Se o Ariano revesse a história e aplicasse essas lições no passado, então a caneta seria lançada no desgosto e a espada empunhada no calor da paixão (a recorréncia a história iria edificar nossas mentes e nos mostram que os países europeus resolveriam seu problema judeu somente por uso da força). Até agora, nós escapamos da espada, quando a única represália é alguma periódica de nenhuma reputação ou algum panfleto com circulação limitada. Sua caneta não é párea para a nossa, mas nosso medo constante é que eles possam abrir os olhos e aprender que nenhuma mudança já foi provocada com uma caneta. A história foi escrita com sangue, não com tinta. Nenhuma carta, editorial ou livro já reuniu pessoas ou parou tirania. Entendemos esse princípio e propagandeamos continuamente as pessoas a escrever cartas ao Presidente, ao Congresso e aos seus meios de comunicação local. Estamos seguros para explorar continuamente, intimidar e privar o americano branco, enquanto eles estão preocupados com a ilusão de educar as massas através de material impresso. Ai de nós se algum dia verem a futilidade desta, aposentar a caneta e empregar a espada.

A história confirma o facto de que as paixões de uma minoria excitada não importa quão pequeno grupo, exerceram poder suficiente para derrubar o maior império. Os movimentos que controlam o destino não são aqueles que repousam sobre a maioria inativa, mas na pura força de uma minoria activa. Vontade é poder, e não números, pois uma vontade forte sempre vai governar as massas!

Mais uma vez, estamos a salvo, desde que nossa vontade seja mais forte, ou a vontade do povo seja mal direcionada, dispersa e sem liderança. Nós nunca iremos ser depostos com palavras, só a força!

A Verdade Brutal Sobre a Inflação e a Escravidão Financeira: Quadro da Reserva Federal, a Rede de Falsificação Mais Gigantesca do Mundo
Por Ben Klassen, da Bíblia do Homem Branco

Como Roubar o Mundo com papéis sem valor.
Se tu tivesses que quebrar a cabeça para encontrar os meios mais diretos e mais rápidos de aquisição de um monopólio de toda a riqueza neste mundo, por bem ou por mal, sem dúvida a ideia da criação de um gigantesco dinheiro impresso iria passar por sua mente. Em suma, entrar no negócio de falsificação em grande escala em todo o mundo. Todo o lucro. O que é mais rápido do que ter essas enormes máquinas de impressão expelindo milhões de notas de dez dólares, notas de vinte dólares, cinquenta, cem, mil e até mesmo notas de dez mil dólares? É todo o lucro, com exceção da tinta e do papel, que aliás, custa menos do que metade de um por cento de nota, se é uma nota de um dólar ou um projeto de lei de mil dólares.

Impressionante poténcia.
Há apenas uma lógica, supostamente. Falsificação é ilegal e os governos reprimem duramente os infratores e as penas são duras. De facto, os fundadores dos Estados Unidos realizaram o incrível poder que é inerente à emissão de moeda, claramente esses direitos reservado ao Congresso e ao Congresso apenas. O Artigo 1, seção 8, Par. 5 da Constituição dos EUA diz: «O Congresso terá o poder de cunhar dinheiro e regular o seu valor.»

Possua as impressoras, compre o Governo.
Mas e se tu e tua gangue estivessem tão bem-sucedidos que uma vez que tu não só vais possuir as máquinas, mas tivesse dinheiro suficiente para ter o monopólio dos meios de comunicação e posteriormente, o próprio governo também? Tendo feito isso, teu governo cativo poderia então, torná-lo legal para que tu possuísse e gerisse as máquinas de impressão à vontade. Eles poderiam então vomitar o dinheiro para ti, o carro cheio. Não só isso, mas tu poderias ter a grande sorte por ter as máquinas de impressão a correr para ti sob os auspícios legais do próprio governo e mão estabelecida ao longo de todo o dinheiro impresso para ti, gratuitamente, exceto, novamente, para o custo insignificante do papel e da tinta. Não só o teu governo cativo torna legal estar no negócio de falsificação de uma forma enorme, mas tu podes até mesmo fazê-los dar-lhe um monopólio legal, mantendo assim todos os outros concorrentes no teu bolso. Isso não seria ótimo?

Não é fantasia. Um facto consumado.
A ideia selvagem? Talvez. Mas não é de todo impossível. Não só é possível, mas é um facto consumado. É, de facto, uma realidade crua e dura demais para nosso prejuízo. Essas nítidas notas verdes que estás agora a carregar em tua carteira são o produto de tal rede de falsificação. Os banqueiros judeus internacionais realizam esse sonho selvagem dês de dezembro de 1913, quando persuadiram o Congresso a aprovar a Lei da Reserva Federal e assim crir o Sistema da Reserva Federal, uma entidade privada (não governamental) associada por si mesmos.

Gangue criminosa.
Esta gangue judaica de criminosos foi rápida em acumular para si mesmos, não só toda a riqueza dos Estados Unidos, mas do mundo desde então. Estranho? Nem um pouco. Quando estudamos a história desses vigaristas escorregadios, não é realmente tão estranho em tudo que eles tentariam fazê-lo. Ser uma voraz tribo de pirataria nos últimos milhares de anos e ter manipulado o dinheiro do mundo pelo o mesmo período de tempo não é de todo estranho que os judeus tentem monopolizar a criação e controle do dinheiro, a ferramenta mais poderosa no mundo. Seria estranho se não tivessem tentado a fazê-lo. Eles monopolizaram o dinheiro e o controlo financeiro das nações brancas por milénios. A única coisa que é estranho é que o goyim Branco se tocou e percebeu que os judeus conquistaram para si o dinheiro, criando maquinações dos Estados Unidos e também o resto do mundo. Eles são agora os manipuladores não impugnados das máquinas de crédito, bancos e poder financeiro do mundo.

Corporação privada.
Não há um americano em dez mil que não acredite e dê como certo que o Sistema da Reserva Federal é um órgão do governo. Mas nada está mais longe da verdade. Os bancos da Reserva Federal são de propriedade privada, fechada, estocada por uma quadrilha de banqueiros judeus internacionais, uma gangue que não tem o menor interesse em servir os melhores interesses do povo americano. O Sistema da Reserva Federal, os Bancos da Reserva Federal e seus muitos ramos e adjuntos podem ser considerados como uma unidade. Por uma questão de simplicidade, vamos nos referir a isso como Reserva Federal.

Governo, um fantoche da Federal.
Não só o governo dos EUA não possuem a Reserva Federal, mas de facto é o contrário. A Reserva Federal possui o governo dos EUA e o manipula como uma marionete, exclusivamente para os interesses deste grupo internacional avarento de chacais judeus que controlam o mundo, seu dinheiro e sua economia.

Fachada.
Para a maioria dos americanos, isso vem como um grande choque. Inacreditável, dizem. Pergunte a qualquer banqueiro a respeito de quem é dono da Reserva Federal e eles vão funebremente explicar que as acções da Reserva Federal são de propriedade dos bancos membros, divididos em doze distritos dos quais o presidente nomeia membros para o conselho de governadores da Reserva Federal etc. Tudo isso é parcialmente verdade, mas é pura fachada. Os poucos detalhes sobre a Reserva Federal que são conhecidas são amplamente divulgados. O seu único objetivo é atuar como uma cortina de fumaça para a verdadeira propriedade, o controle real. O que pouco se sabe ao público (e muito pouco se sabe sobre a Reserva Federal) é desinformação muito seletiva, alimentada com os banqueiros locais a fim de confundi-los em vez de informar. Mesmo os presidentes de bancos locais são tão ignorantes sobre a verdadeira natureza da Reserva Federal que eles acreditam que é uma agéncia de propriedade do governo, em vez de uma empresa de propriedade privada unicamente para o lucro.

A verdade brutal. Os factos reais são um pouco diferentes do que o banqueiro médio pensa. Eles são como se seguem:
1. A propriedade real e controle da Reserva Federal que é investido é o estoque da Classe A. Os nomes daqueles possuiores deste estoque são impossíveis de se obter. Pergunte ao teu presidente do banco local e ele estará muito surpreso ao descobrir que não é um esocante da Classe A.

Ele não terá a menor ideia quanto à sua propriedade. Ele não está sozinho. Esses nomes nunca foram divulgados, nem mesmo para o Presidente ou o Congresso dos Estados Unidos. Nem há qualquer Comitê do Congresso que tenha a coragem de investigar honestamente a questão da propriedade. Isso deveria nos dar alguma indicação do poder da Reserva Federal e levantar um alerta vermelho.

2. Sua criação, formação e articulação com outras instituições em países estrangeiros indica que, sem dúvida, é propriedade de uma camarilha poderosa de banqueiros judeus internacionais, a maioria dos quais nem sequer são cidadãos deste país.

3. Para indicar o quão absoluto poder este monstro exerce sobre nosso governo e economia, a Reserva Federal tem antecipado em si mesma alguns privilégios incomuns e altamente ilegais. Por exemplo, ela não paga imposto de renda como fazem outras empresas, nem paga impostos de qualquer outro tipo.

4. A Reserva Federal nunca foi auditada publicamente desde a sua criação em 1913.

5. A Reserva Federal, por ter o poder de emitir dinheiro, pode «criar» dinheiro tão facilmente como qualquer outra gangue falsificadora com uma prensa de impressão, a única diferença é que ela pode e faz em grande escala e tem sanção «legal» para fazê-lo. Os lucros enormes de esta operação falsificadora reverte para a quadrilha internacional de banqueiros judeus, em detrimento dos trabalhadores americanos.

6. Os americanos, um pouco mais de uma geração atrás, possuíam quase a metade do ouro do mundo. Em 1934, Roosevelt (um quarto judeu holandês), tornou ilegal aos cidadãos americanos a qualquer período possuir ouro próprio, embora qualquer vigarista estrangeiro, ladrão de casaca ou o governo, poderiam e ainda podem, trocar seus dólares por ouro americano. Ele legalizou os criminosos a possuir ouro ao invés dos cidadãos norteamericanos, um privilégio que nosso governo concede de bom grado a qualquer bandido estrangeiro.

Americanos despojados de seu ouro.
Graças a essas políticas discriminatórias, o governo americano e o cidadão americano não mais possuem quantidades significativas de ouro. Fomos espoliados. O que foi originalmente vendido ao povo americano como uma política para fazer o nosso papel-moeda com o ouro, acabou com a América, seu povo e seu governo estão a serem roubadis do seu precioso metal, embora sejamos o país mais produtivo na face do terra. O ouro em Fort Knox foi rapidamente enviado para terras estrangeiras, especialmente a Suíça, onde os judeus se acumularam como um paraíso «neutro» privado para si. Mesmo o pouco agora deixado em Fort Knox está agora fortemente comprometido aos estrangeiros e à Reserva Federal.

Americanos novamente espoliados.
Depois de ter completamente despojado o povo americano, em 1975, o governo norteamericano controlado pelos judeus mais uma vez «legalizou» ao cidadão comum possuir ouro. Os americanos poderiam agora comprar de volta de 175 dólares a 195 dólares a onça, o que havia sido tirado de seus antepassados em 20,50 dólares a onça há 40 anos antes. Aqueles que caíram nesta armadilha e agora compram, foram ainda espoliados pela especulação e queda dos preços, os quais enriqueceram ainda mais os especuladores judeus.

E novamente.
Tal era a situação em 1976. Muitos norte-americanos perderam dinheiro nas manipulações cima e abaixo dos especuladores de ouro judeus. Então, em 1979, a inflação de geréncia tornou-se mais evidente e mais desenfreada, a confiança no dólar de papel falso despencou ainda mais. As pessoas em casa e no exterior entraram em pânico e viraram-se para o ouro, elevando o preço para 800 dólares a onça. Os judeus, em seguida, puxaram o tapete de debaixo e ele afundou-se a menos de 500 dólares. Mais uma vez, muitos americanos perderam, mas os judeus, sabendo com antecedéncia o que eles estavam manipulando, lucraram com as suas perdas.

Planejado assim.
Isso não foi um acidente. Foi planejado dessa forma. Os judeus têm cumprido o que se propuseram a fazer e acumularam para si mesmos, entre outras riquezas, todo o ouro na face da terra.

*****

De volta ao começo.
Anteriormente dissemos que os judeus têm o monopólio sobre a impressão de dinheiro falso e também nos espoliaram das enormes reservas de ouro que pertenciam a América e os americanos espoliados como indivíduos. Para a maioria dos americanos crédulos e desinformados, isso parece chocante e incrível. No entanto é verdade. Como é que eles realizam um feito tão surpreendente, como pirataria descarada?

Planejamento cuidadoso.
É uma longa história. Neste tratado, só podemos esculpir os esboços dessa conspiração sinistra que teve um impacto tão desastroso sobre as fortunas de não-judeus. É uma história que deve dar crédito às possibilidades surpreendentes que podem ser realizadas por um planejamento meticuloso, paciéncia e tenacidade. Tudo isso os judeus colocaram em ampla medida.

Começou com os judeus Goldsmith.
Os primórdios remontam aos primeiros ancestrais dos atuais banqueiros judeus, de volta até a Europa medieval e ainda mais para trás a antiga Roma, quando os «banqueiros ourives» judeus já predominavam nos mercados monetários. Eles ainda o fazem hoje. O ouro foi um meio de troca e usado para cunhagem de tempos antigos. Os judeus especialmente têm sido amplamente fascinados pelo ouro e sem dúvida, promoveram a ideia de que tinha valores místicos e intrínsecos muito além de seu valor real. Em qualquer caso, nos velhos tempos, as pessoas que adquiriram ouro levou para essas determinados ourives (judeus) para a custódia.

O ourives, então, davam ao depositante um recibo ou um «cheque de reivindicação» para o ouro recebido. Estas «verificações de reivindicação» poderiam ser usadas para recuperar o ouro por quem os tinha em seu poder e não necessariamente a mesma pessoa que depositou o ouro. Assim, essas receitas eram intransferíveis, e na prática, esses recibos de ouro começaram a circular como dinheiro de papel. Supostamente, os recibos eram tão bons quanto o ouro desde que quem os tinha na sua posse poderia reivindicar o ouro dos ourives, a qualquer momento que quisessem.

Judeus descobriram um truque.
Até então muito bem. O próximo passo foi que as pessoas descobriram que poderiam exercer o comércio, passando recibos desses ourives, sem nunca se preocuparem em retirar o próprio ouro. Sua «fé» no valor do papel foi baseada na ideia de que se tratava, afinal, de resgatáveis em ouro a qualquer momento. O terceiro passo foi uma grande descoberta pelos próprios ourives judeu do que teria sido o princípio-chave (e muito rentável) da banca desde então. É chamado de «reservas fracionárias». O ouro emprestado que não estava lá. Os ourives judeus fizeram uma descoberta surpreendente. Eles descobriram que, com as receitas de circulação, como dinheiro, algumas pessoas vieram para reivindicar o seu ouro. Eles conceberam a ideia de que eles poderiam «emprestar» ouro, ouro esse que realmente não pertence a eles, mas estava apenas em sua «guarda».

«Dinheiro» do ar, com juros.
O que eles fizeram foi escrever recibos, cheques ou «afirmações» para os mutuários, e pagar juros sobre o ouro que estavam emprestando ao mesmo tempo. Estas «verificações de reivindicação» ou recibos, criados do ar, então também passavam para circulação, o mesmo que os outros que haviam sido dados aos depositantes reais de ouro. O judeu, na realidade, estava escrevendo e passando cheques de reivindicação em várias vezes o ouro tanto quanto ele tinha disponível e ninguém, ao que parecia, era mais esperto. O judeu tinha atingido uma mina de ouro fabulosa sem precisar de uma pá cheia de terra!

«Reserva fracional», o truque.
Os ourives estavam a «emprestar» ouro que: opção a) não era realmente seu para emprestar, e (b) várias vezes mais do que ele realmente tinha em «conservação». Mas com as chamadas para o ouro real pelos depositantes originais sendo tão raras, sentiam-se relativamente seguros de que, com a sua «reserva fracionária» de ouro, ele poderia cobrir eventuais retiradas do dia-a-dia. Ele poderia fazê-lo, desde que, é claro, não hovesse um «retirada» sobre a oferta de ouro que não era dele, mas apenas dado a ele para «conservação». Os ourives, em outras palavras, estavam a escrever recibos para talvez cinco ou dez vezes o ouro que tinham, na verdade, em depósito, apostando na teoria de que a maioria de seus depositantes não viriam reivindicar seu ouro em um determinado momento. Mas o interesse que estavam coletando neste. Ouro fictício que tinha «emprestado», mas realmente não tinha, era muito real de facto. Por exemplo, se ele cobrasse juros de 10% ao ano e emprestava (via «receitas») dez vezes o ouro tanto quanto ele tinha de «guarda», ele poderia adquirir para si, em vez apenas de um ano, o ouro tanto quanto foi confiado a ele para «guardar».

Monopólio adquirido.
E assim, mesmo na Europa medieval, esses agiotas judeus adquiriram o monopólio do ouro e dinheiro em Veneza, Amsterdã, Londres, Paris, Viena e todos os outros centros financeiros da Europa.

Os judeus têm campo aberto.
Jogando o monopólio de dinheiro e controle de ouro nas mãos dos judeus Shylocks foi fortemente auxiliado e instigado pela própria igreja cristã. Durante a Idade Média (mais conhecido como a Idade das Trevas, quando susto-ofício corria desenfreado), a Igreja Católica proibiu os cristãos em envolverem-se no negócio de empréstimo, chamando-o de «usura». Desde que emprestar dinheiro era usura e usura era um pecado, os cristãos saíram de cmapo, deixando o campo aberto para o judeu avarento e pecuniário. Somado a isso, foi a doutrina cristã estúpida de que «o dinheiro é a raiz de todo o mal».

Logo monopolizaram toda a riqueza.
Uma outra prática europeia da época ajudou a impulsionar os judeus ao monopólio da manipulação de dinheiro. Muitos países, cidades e principados tinham leis proibindo judeus de se envolver em uma série de comércios e empresas, porque eles estavam cientes de como, com a sua natureza predatória, o judeu logo monopolizaria e arruinaria esses comércios e empresas. Mas estupidamente, a chave e o centro nervoso do negócio, o dinheiro, eles deixaram as portas abertas para o judeu monopolizar e ele teve um dia de campo. Isso ele tem até hoje, e hoje ele não só tem o controle incontestado dos mercados monetários do mundo, mas por causa deste, o judeu tem o monopólio de todos os outros negócios significativos e valorizados.

Indo e vindo.
Muitas vezes, estes ourives judeu cobravam aos seus clientes em ambos os sentidos. Eles cobravam os depositantes «taxas» para «guardar» o seu ouro e eles também coletaram interesse dos mutuários de ouro que não pertencia a eles, muitas vezes, como já dissemos antes, os empréstimos sob a forma de recibos de papel de cinco ou dez vezes o ouro que realmente havia em depósito em seus cofres.

Base de toda a operação bancária moderna.
Deste malandragem de «reserva fracionária», descoberta por estes ourives judeus iniciais, todos os princípios bancários modernos evoluíram, embora com milhares de variações e refinamentos.

Medo de uma «retirada».
O banqueiro moderno ainda teme, assim como o ourives antigos, uma «retirada» de seu banco, um momento de pânico ou rumor em relação à sua integridade ou estabilidade que, por vezes, causou a todos os depositantes correrem e retirarem seus depósitos ao mesmo tempo. Quando isso aconteceu com o início de ourives, e de facto aconteceu, os depositantes enfurecidos descobriam que seu ouro não estava lá, geralmente enforcavam esses manipuladores judeus na árvore mais próxima. No antigo Amesterdão, um ourives judeu propôs uma lei tornando crime quem sugerisse comessar uma «retirada» em ourives. Este alertou imediatamente seus depositantes e precipitou uma «retirada» nele, a coisa que ele mais temia. Claro, esso Shylock judaico tinha demasiadas «receitas» para fora e não podia pagar. Os depositantes acabaram enforcando os ourives.

Judeus tornaram-se fabulosamente ricos.
Desnecessário será dizer que estes ourives judeus que não foram enforcados tornaram-se fabulosamente ricos por tráfico de ouro que: a) não era deles, b) não existia. Conforme o tempo passava, taxas, juros e usura por vezes tão altas quanto 30% a 50%, adquiriam a maior parte do ouro que havia sido conquistada de propriedade de seus clientes gentios. Eles logo se tornaram os Shylocks e agiotas, não só para os indivíduos em todos os países civilizados, mas também para os seus governos. Eles vigorosamente e agressivamente têm se mantido, reforçado e fortalecido nessa posição até hoje. Eles agora, como dissemos no início, têm adquirido o monopólio absoluto de todos os serviços bancários, emissão de moeda, financiamento, empréstimo de dinheiro, bolsas de valores e o ouro do mundo. Sua arma mais poderosa. Com isso eles adquiriram suas armas restantes coms as quais escravizar a goyim crédulo. Através monopólio do dinheiro, eles facilmente adquiriram monopólio dos meios de propaganda e todos os outros centros nervosos do poder, incluindo o próprio governo.

Adquiriram posição jurídica pela trapaça, engano e traição.
Agora quero voltar para a última parte da nossa história, a saber, como os judeus adquiriram o controle «legal» e monopólio de imprimir o dinheiro dos Estados Unidos através da criação do Sistema da Reserva Federal. Podemos ver a partir do exposto que o fundamento desse grupo de poder financeiro foi estabelecido muitos séculos antes daquele dia fatídico de dezembro de 1913.

Traipaça e astúcia.
É uma história fascinante, permeada por traição, fraude, suborno, trapaça e sobretudo, longo, paciente e complexo planejamento por parte dos judeus. Também é marcado pela estupidez e traição por membros de nossa própria raça. Rothschild é dono de metade do mundo. Os banqueiros judeus internacionais, principalmente com sede em Nova Iorque, já tinha o monopólio apertado, sobre a oferta de moeda dos Estados Unidos muito antes de 1913. A Casa de Rothschild, muito tempo atrás havia estabelecido seus tentáculos nos países industrializados da Europa, especialmente Inglaterra, França, Alemanha, Itália e Áustria durante o século XIX. Em cada um destes países (assim como as nações menores), eles tinham organizado um Sistema do Banco Central, como o Reichsbank na Alemanha, ou o Banco de Inglaterra no Reino Unido. Basicamente, um Banco Central fez com que ele controle os bancos do país, usando o crédito total do governo a emitir moeda. Todo o tempo, ele teve a sanção jurídica desse mesmo governo cujo povo foi espoliado por ter o monopólio da emissão, ou seja, impressão de dinheiro.

Ferozmente destruiam qualquer um que interferisse.
Nos Estados Unidos, antes da aprovação da Lei da Reserva Federal em 1913, enquanto que os banqueiros judeus tinham o controle do dinheiro da nação, quase desde o seu início, o controle ainda era fluido entre os seus próprios rivais e poderia ser destruído por um povo desperto e/ou Congresso. De facto, durante a guerra civil em um lapso temporário, Abraham Lincoln invocou os poderes legítimos do Congresso e emitiu 450 milhões de dólares em moeda impressa, mais tarde chamado de «verdinhas» que não derivam das mãos dos judeus banqueiros internacionais e nenhum dos juros foram pagos com esse dinheiro. Este ato enfureceu tanto os banqueiros judeus que assassinaramLincoln por um de seus agentes, ou seja Botha, aliás, John Wilkes Booth, um judeu.

Panicos artificiais.
Em qualquer caso, após a Guerra Civil, devido às manipulações destes banqueiros judeus que haviam criado artificialmente os pânicos financeiros de 1873, 1893 e o mais grave de tudo, em 1907, havia rumores graves das pessoas, e de alguns membros descontrolados do Congresso ameaçando que o poder judaico podia ser quebrado. Para afastar essa possibilidade, eles decidiram «legalizar» as suas travessuras inconstitucionais pela Lei Federal, tudo em nome da «reforma contra os Banqueiros Novaiorquinos. Esta foi a psicologia reversa no seu melhor.

Paul Warburg, a mente mestra.
Para lançar as bases para uma tal lei, um pequeno grupo de banqueiros liderados por Paul M. Warburg, um judeu recém-chegado da Alemanha, reuniu-se secretamente em Jekyll Island em um clube de caça na Geórgia. Eles partiram em um vagão de trem particular de Hoboken, Nova Jersey em 22 de novembro de 1910. Assim foi o encontro secreto, nenhuma notícia sobre isso vazou até seis anos depois. Com este pequeno grupo de banqueiros de Nova Iorque foi um senador, ou seja, o senador Nelson Aldrich se enredou com os judeus em grandes explorações e monopólios. Paul M. Warburg tinha vindo da Alemanha apenas 8 anos antes.

Ele representou a Casa da MM Warburg Company, que controlava o Reichsbank na Alemanha e por sua vez era um ramo da Casa judaica de Rothschild.

Ostentação judaica.
Foi Meyer Amschel, o patriarca da Casa de Rothschild, que arrogantemente declarou: «Dê-me o controle sobre o dinheiro de uma nação e eu não me importo com quem fazem suas leis». A casa judaica de Rothschild fez bom uso da ostentação e agora controla as economias (e a legislação) do mundo. No Jekyll Island, sob a liderança de Paul Warburg, a pequeno gangue em Jekyll Island elaborou o principal projecto de lei que assegurou para si o monopólio legalizado e privilegiado da banca, com base nos mesmos sistemas dos Bancos Centrais da Europa. No centro de tudo isso, foi a impressão irrestrita de dinheiro e o monopólio exclusivo.

Enganação política.
Foi introduzido no Congresso como o Plano Aldrich, pelo senador cujo nome está sob os auspícios do Partido Republicano. O projeto de lei foi duramente atacado por opositores de Wall Street como sendo um projeto de lei que favorece os banqueiros de Nova Iorque. Nas eleições de 1912, os republicanos fizeram o Plano Aldrich (tudo em nome da reforma) uma parte de sua plataforma oficial. Um professor desconhecido da Universidade de nome Woodrow Wilson, de repente do nada, tornou-se o candidato democrata à presidéncia. Ele e o Partido democrata redondamente atacaram o plano de Aldrich e ofereceu em seu lugar uma peça de legislação que (supostamente) era «para o povo», em vez dos banqueiros. Chamava-se Ato da Reserva Federal. Embora o Congresso e o povo fossem burros demais para perceber a situação, o plano de «oposição» era em esséncia, o mesmo plano Aldrich, como marteladas do judeu Paul Warburg e seus capangas na reunião secreta em Jekyll Island. Houve alguma oposição honesta para o projeto de lei por esses fiéis, como o congressista Charles A. Lindberg de Minnesota, e o senador LaFollette de Wisconsin e outros. Passagem da versão republicana ou a versão democrata era precária, apesar de carregar a moeda em ambos os lados.

Esperaram sua hora.
Mas a traição e astúcia dos judeus é quase infinita. Eles esperaram sua vez. Em 23 de dezembro de 1913, quando a maioria dos deputados e senadores já havia deixado a capital para o feriado de Natal, a seus capangas ficaram e correram o projeto de lei no Congresso. Seu fantoche pago, Woodrow Wilson, assinou a lei imediatamente. Os judeus tinham o seu Banco Central, estilo europeu.

Desastres para americanos.
Para o povo americano, que entendem pouco de toda a confusão, foi um dia de infâmia, um desastre de magnitude muito maior do que uma dúzia de Pearl Harbors.

*****

Gastos deficitários.
Se tirar toda a fachada, como é que a Reserva Federal funciona? Basicamente, ele trabalham em gastos deficitários e os mesmos princípios de «reservas fracionárias» praticada pelos seus antepassados judeus ourives. Os judeus constantemente e deliberadamente pressionam o governo federal cada vez mais fundo em dívida, porque para cada milhão de dólares a mais de dívida significa um milhão de dólares em seus próprios cofres, acrescido de juros.

Mecânica de manipulação.
Supondo que o governo federal em Washington precise de mais dez mil milhões de dólares. De onde eles tiram isso? Eles vão para a Reserva Federal, um grupo criminoso privado de banqueiros judeus internacionais. A Reserva Federal faz o empréstimo. Onde é que a Reserva Federal consegue todo esse dinheiro?

Simplesmente imprimem por nada.
A fim de fazer o empréstimo, a Reserva Federal primeiro solicita à Mesa de Impressão e Gravação dos EUA para imprimir um novo lote de 10 mil milhões em notas de dólar de várias denominações, dez, vinte anos, cem etc. Estes são então enviados para o Banco da Reserva Federal de forma gratuita, exceto para o custo do papel e tinta para imprimi-las, o que é insignificante. O governo dos Estados Unidos, em seguida, imprime até dez mil milhões de dólares em títulos do governo dos EUA e transforma estes para a Reserva Federal também como «garantia». Estes títulos do governo dos EUA é um I.O.U. e tem de ser reembolsados com juros. A Reserva Federal, em seguida, emite o crédito ao Departamento do Tesouro dos EUA para a quantidade de dez mil milhões de dólares em que se pode passar cheques.

Pessoas em dívida com juros de papel sem valor. A inspecção rápida desta operação revela:
1. A Reserva Federal além de ter contribuído nada além de papel e tinta, um artigo mínimo.
2. Montando no crédito e o prestígio do governo dos Estados Unidos, ela «emitiu» (criou do nada) dez mil milhões de dólares em dinheiro novo.
3. O governo começa a gastar esse dinheiro, mas tem que pagá-lo para a Reserva Federal com juros.
4. A Reserva Federal é imediatamente dez mil milhões de dólares mais rica, mas o interesse eterno ela vai acumular a partir desta conta a receber.
5. O governo dos Estados Unidos e as pessoas são dez mil milhões de dólares mais profundos em dívidas à Reserva Federal e tem que pagar de volta com juros.
6. Se o Congresso fizesse o seu dever e invocasse seu direito constitucional e obrigação, poderia e deveria ter impresso as mesmas dez mil milhões em notas de dólar por conta própria para o custo do papel e tinta, assim como Abraham Lincoln, sem dever dos banqueiros judeus um centavo. Isto é o que a Constituição dos Estados Unidos autoriza a fazer e obriga-o a fazer.

Hitler desafiou os banqueiros judeus.
Até onde eu sei, nos tempos modernos, fora dos 450 milhões de dólares em «verdinhas» que Abraham Lincoln tinha impresso, o único país que desafiou os judeus e imprimiu seu próprio dinheiro foi a Alemanha de Adolf Hitler entre 1933 e 1945. Antes de Hitler, o Reichsbank, de propriedade Rothschild, então a Alemanha estava bem amarrada, falida e endividada, o povo alemão era escravo virtual de seus mestres judaicos. Cada empresa, cada setor, cada fazenda, cada vaca ou era de propriedade de judeus ou irremediavelmente prometido a eles. Milhões estavam desempregados e famintos. O país, totalmente arrebatado pelos judeus, estava em piores condições possíveis, financeiramente, moralmente e praticamente em todos os outros aspectos que qualquer um pudesse imaginar.

Alemanha imprimiu seu próprio dinheiro.
Assim que Hitler chegou ao poder, ele arrancou os privilégios de impressão de dinheiro das mãos dos judeus. Em vez disso, este foi impresso pela autoridade legal do próprio governo alemão, apoiado pela força produtiva da nação. Não houve juros pagos sobre ele e o governo não estava em dívida com qualquer judeu ou qualquer outra pessoa para cada Marco Alemão que foi impresso.

Recuperação milagrosa.
A recuperação financeira e industrial imediata na Alemanha que se seguiu foi uma maravilha de se ver. Enquanto os países muito mais ricos, como os Estados Unidos, estavam chafurdados na depressão, desemprego e desespero, os alemães estavam ocupados construindo novas fábricas, estradas, casas, carros, navios etc. Desemprego desapareceu em pouco tempo. Todos estavam trabalhando e construindo. Ao quebrar o estrangulamento financeiro judaico sobre o povo alemão, os alemães, durante período de Hitler de 6 curtos anos curto de paz, foram mais produtivos e prósperos do que jamais foram em sua história anterior.

Fabulosa riqueza poderia ser nossa.
Os Estados Unidos, sendo um país muito mais rico, devido a sua terra e os recursos, poderia ser fabulosamente rico se e quando romper o judeu aqui. Isso nós devemos fazer e nós vamos fazer.

Judeus nos empurraram para a Primeira Guerra Mundial
Embora o Ato da Reserva Federal, aprovado em 1913, violou a Constituição (e ainda o faz), que diz no artigo I, seção 8, o Congresso só «tem o poder de cunhar dinheiro, (e de) regular o seu valor», os judeus agora «legalmente» tinham o poder de imprimir todo o dinheiro que quisessem de controlar e manipular as finanças do país mais rico do mundo. Eles têm feito isso como vingança. Eles estavam prontos para usar esses poderes. Em menos de um ano após a aprovação da Lei da Reserva Federal, os judeus tinham a I Guerra Mundial em pleno andamento. Em 1917, eles puseram os Estados Unidos nesta, embora não tivesse o menor interesse nacional em entrar nessa guerra.

Financiaram ambos os lados.
Mas os judeus fizeram. Na Alemanha, a roupa judaica de M.M. Warburg Co., estava ajudando a «finança» Kaiser da guerra. Nos Estados Unidos, Paul Warburg da Kuhn, Loeb and Co. e sua empresa a funcionar, o Sistema da Reserva Federal, foi «vender» as ligações com o governo norte-americano aos milhões para financiar o esforço de guerra «americano». Ambos Bancos Centrais, na Alemanha e nos Estados Unidos, eram de propriedade e controlo da mesma casa judaica de Rothschild. Enquanto a nata da jovem masculinidade estava morrendo nas fétidas trincheiras e lama dos campos de batalha, as máquinas de impressão judaicas de ambos os lados do Atlântico estavam produzindo dinheiro e propaganda. As nações dos gentios do mundo estavam matando o melhor de sua masculinidade, afundando cada vez mais e mais em dívida e os judeus foram ficando mais ricos e mais gordos.

Terrível poder.
O Sistema da Reserva Federal é, naturalmente, um mal absoluto, a respiração venenosa de um monstro que está sufocando o povo americano até morte. Com o controle ilimitado do dinheiro e das finanças do mundo, os judeus podem deliberadamente provocar e manipular guerras, depressões, dívidas e impostos à vontade. Através do poder do dinheiro, eles têm acumulado para si mesmos as redes de televisão, os media, as bolsas de valores, os bancos, as indústrias e, de facto, o próprio governo. O governo controlado judaico está agora lentamente a escravizar os não-judeus aqui e no exterior, em um programa deliberado de destruição.

Confira por si mesmo.
Se tu tens duvidas da exactidão e veracidade do meu artigo sobre a Reserva Federal, fique à vontade e confira por si mesmo. Há particularmente algumas questões vitais para o qual tu deves obter respostas diretas: Primeiro e mais importante: a quem é o benefício de acumular cada vez que uma nova nota de dólar é impresso? Certamente não é o público, e certamente não o Governo dos EUA.

Se o governo tivesse o benefício de toda a impressão de dinheiro, não haveria 800 mil milhões de dólares em dívida e imposto às pessoas uma outra de 700 bilhões de um ano para tentar reforçar o seu déficit orçamentário. O benefício advém claramente à quadrilha internacional de falsificadores judeus que possuem a Reserva Federal. Segundo: Quem é dono do estoque da Classe «A» da Reserva Federal? Não deixe que eles te digam que não há qualquer. Terceiro: Por que a Reserva Federal não paga impostos, quando todas as outras corporações privadas e individuais o fazem? Quarto: Por que a Reserva Federal nunca foi auditada? Há muitas mais perguntas que devemos fazer, mas o acima será suficiente. A fim de obter as respostas, tu podes querer escrever a seus congressistas, ou talvez uma meia dúzia de deputados e senadores, e ver a disparidade de respostas que venha. Não espere obter respostas honestas a partir deles. Também não se pode esperar que o seu banqueiro nem os meios de comunicação cheguem a quaisquer respostas diretas. Os banqueiros, por realmente não saberem, e os meios de comunicação, pela mesma razão, mas mesmo se soubessem, iriam mentir para ti, porque eles são de propriedade e são parte integrante da mesma conspiração judaica internacional.

Bandeira vermelha.
O próprio facto de que ser tão difícil de obter respostas diretas às perguntas vitais acima, deve alertar para asbandeiras vermelhas em sua mente sobre a natureza sinistra da conspiração que devora tudo.

Conclusão.
O que tudo isso significa para ti, o contribuinte médio trabalhador? O que significa para ti, o americano médio que tem que trabalhar e economizar e poupar para encarar às despesas e ganhar uma vida decente para si e sua família, ainda tem que trabalhar para o meio de junho para amenizar o judeu voraz coletor de impostos? Isso significa muito para ti. O impacto sobre o trabalho da classe média norteamericana é devastador. Ele praticamente faz dela uma galeria de escravidão na assim chamada chamada Terra da Liberdade. Então é melhor tu ouvires, e ouvires muito bem.

A fraude nefasta conhecida como Reserva Federal significa o seguinte para ti:
1. Isso significa que tu tens que ganhar cada dólar que trabalhar durante pelo menos cinco vezes.
(A) Primeiro tu ganhas o dólar que supostamente tu recebes em teu contracheque ou no negócio.
(B) Tu tens que pagar por ele novamente por empréstimo dos vigaristas da Reserva Federal.
(C) Tu tens que pagar juros sobre esse dólar para sempre e mais um dia para a Reserva Federal. Isso pode acabar pagando dois dólares em juros por cada dólar recebido (emprestado).
(D) Tu tens que pagar mais do que a metade do que tu ganhas de volta em uma infinidade de impostos que, finalmente, acaba nas mãos dos mesmos vigaristas judeus cujos dólares falsificados tu teves de pedir em primeiro lugar.

2. Significa também que esses judeus pérfidos tem os meios fraudulentos de imprimir para si uma riqueza ilimitada e que podem comprar os media totais de propaganda: jornais, revistas, editoras, distribuição de livros, redes de rádio, redes deTV etc. Isso eles têm feito há muito tempo atrás e eles estão no controle total. Eles impiedosamente usam isso para controlar as mentes e o pensamento dos povos do mundo, incluindo o pensamento confuso e atónito dos não-judeus.

3. Por meio do controle do pensamento e manipulação mental, eles também controlam os governos do mundo, incluindo o nosso próprio nos Estados Unidos da América.

4. Por meio de seu enorme poder financeiro, também podem comprar, vender e manipular esses funcionários do governo quando não estão convencíveis. Em resumo, elas podem fazer e comprar, vender, possuir e controlar o nosso governo.

5. Sabendo que o programa dos judeus é a mestiçagem e extermínio total da raça branca (o que eles estão realizando em ritmo acelerado), tu, meu caro camarada Racial Branco, é o alvo de sua destruição. Quer gostes quer não, tu estás na frigideira.

6. Por causa de sua avareza e ganância insaciável, os judeus, por meio de tributação confiscatória, estão saqueando o gentio mesmo o pouco que sobrou depois de anos de trabalho duro e poupança.

7. A pequena soma de poupança de alguém é ainda mais dizimada pela inflação galopante. E o que causa inflação? A impressão ilimitada de dólares de papel falsificadas pelo judeu corrupto e sinistro, manifesto pela Reserva Federal.

Problemas implacáveis com os judeus datam de milhares de anos

Aqui está um trecho da Bíblia do Homem Branco, por Ben Klassen:

Implacável Guerra Entre os Parasitas Judeus e Suas Vítimas Infelizes

Antagonismo data em 5 mil anos.
Ouvindo notícias e propagandas manipuladas judaicas de hoje, a esmagadora maioria do público americano tem a impressão de que a hostilidade em relação aos judeus é apenas um fenómeno isolado recente inventado por Adolf Hitler. Eles dizem repetidamente que os judeus são pessoas dóceis, amáveis como todas as outras (apenas mais), e é só por causa dos dementes, preconceitos paranóicas de que o homem selvagem, Adolf Hitler, que os judeus têm sido injustamente apontados sem nenhuma razão, no fim das contas. Somos levados a crêr que antes de Hitler, nunca houve qualquer conflito entre os judeus e o resto do mundo.

Conflito irreconciliável.
Nada poderia estar mais longe da verdade. O conflito entre os judeus parasitas e os seus hospedeiros de longo sofrimento em todo o mundo civilizado é tão antigo quanto a própria história. Esse conflito é tão básico como entre a mãe pioneira e o cascavel que me referi em um capítulo mais anterior. É irreconciliável, é uma questão de vida ou morte, e continuará até que os judeus sejam exterminados ou a Raça Branca seja destruída. A razão para isso é inerente à religião talmúdica dos próprios judeus, que considera todos os gentios como eternos inimigos a serem explorados, roubados, espoliados e manipulados para o benefício dos judeus. Como eles fazem isso, é o tema de vários outros capítulos deste livro.

Parasitas da civilização.
Neste capítulo especial, queremos mostrar que os judeus têm sido parasitas temidos e detestados nas costas das nações civilizadas desde tempos imemoriais, que eles foram expulsos de quase todas as nações brancas civilizadas do mundo, não uma vez apenas, mas repetidamente de um mesmo país, ou de uma mesma região ou da mesma cidade.

Da boca dos judeus
A evidéncia que nós produzimos aqui não é de «tendenciosas» fontes dos gentios, mas pelo contrário, é vinda diretamente de próprios registros judaicos. Grande parte da informação dada aqui é essencialmente derivada enciclopédias judaicas, que são escritas por judeus, sobre os judeus e, principalmente, para os judeus. Nela encontramos que os judeus foram expulsos, massacrados, odiados e detestados por quase todos os países e cidades que eles infestaram. Isso aconteceu não só uma, mas várias vezes, voltando na história, dês do momento em que foram exoulsos do Egipto no segundo milénio a.C. (cerca de 3 mil e 500 anos atrás). Embora essa não tenha sido necessariamente a primeira, é a primeira grande história da expulsão judaica registrada. Séries de retrocesso. No entanto, nesta análise, estamos mais preocupados com o conflito entre judeus e gentios na Europa. Os ataques foram espontâneos e podem ser contados aos milhares em aldeias, cidades e países. Descobrimos que os ataques contra os judeus em determinados momentos correram em campanha ou em série e receberam certos nomes.

A Série Armleder:
Nome dado à lideranças de ataques a judeus alemães entre 1336 a 1339, que foram responsáveis por massacres em mais de 100 lugares na Alsácia, Suábia e Francónia. Os massacres da Peste Negra: Estes correram parcialmente, ao mesmo tempo, mas em uma área maior da Europa e um longo período de tempo. Os judeus foram acusados (e com razão) de envenenar poços de durante a Peste Negra e soltar corpos doentes em água potável, assim espalhando e agravando a praga. Os ataques ocorreram na Polónia, Espanha, França, Catalunha e norte da Itália. Na Alemanha sozinha, os ataques em 350 lugares, enquanto 60 grandes e 150 pequenas comunidades judaicas foram exterminadas.

Bogdan Chmielnicki foi um líder cossaco (1593-1657). Em 1648, ele liderou uma revolta de retaliação na Ucrânia. Isso resultou na destruição de centenas de comunidades judaicas e o assassinato de centenas de milhares de judeus, uma fonte contemporânea, confirmando que 744 comunidades judaicas foram aniquiladas. Os judeus se referem a estes como os massacres de Chmielnicki.

Socorro! Socorro! Tumultos:
Lema antissemita usado durante os tumultos na Alemanha em 1819. Um grito proveniente do tempo das Cruzadas. Massacres Rindfleish: Série de ataques exterminatórios aos judeus em toda a Franconia e regiões vizinhas em 1298, após uma acusação de Assassinato Ritual. Liderados por um bávaro nobre chamado Rindfleish, 146 comunidades judaicas foram aniquiladas. Simon Petrula (1880-1926): o líder ucraniano, que, com as forças sob seu comando (1918-1920), realizou 493 pogroms nas quais 16.706 judeus foram mortos.

*****

Além dessas séries, há certos termos que os judeus usam uma e outra vez nos ataques sobre eles, termos que não são normalmente entendidos pelos não judeus. Pogrom: um massacre organizado para a aniquilação de uma comunidade ou de um grupo em massa de judeus.

Assassinato Ritual ou calúnias de sangue:
Um dos rituais religiosos mais repugnantes e depravados realizados pelos judeus ao longo dos séculos. O procedimento é sequestrar um jovem cristão, geralmente um menino de 6 a 8 anos de idade (às vezes uma menina) em uma sala secreta em uma sinagoga. A vítima é amarrada a uma mesa, despida e seu corpo perfurado com facas rituais afiadas em lugares idénticos onde supostamente entraram no corpo de Cristo. O sangue é drenado em copos e bebido pelos judeus como parte do ritual da Páscoa.

(Nota: O porquê disso é óbvio – o ritual simbólico direciona a energia sacrifícial do sangue humano para manter a mentira do cristianismo a existir e gentios sob o feitiço. Essa prática continua ainda hoje. Há sempre um maior número de crianças desaparecidas durante o tempo da Páscoa.)

Os judeus negam essa prática bestial, e referem-se a elas apenas como acusações. O facto é que eles não só foram acusados desta mesma prática bestial desde os tempos romanos, mas foram condenados por ela e enforcados, decapitados e queimados na fogueira por este crime em praticamente todos os países da Europa (como veremos) e mesmo em alguns países muçulmanos. O bebê assassinado de Charles Lindberg foi dito ter sido vítima de um Assassinato Ritual judaico nos últimos tempos. Depois de estudar pessoalmente o caso, eu estou convencido de que é verdade, uma vez que se encaixa no padrão.

Judeus insistentes continuam a voltar.
Vamos notar que, em uma série de países ou cidades que os judeus foram expulsos, às vezes até cinco ou seis vezes. Para os não iniciados, isso levanta a questão de como os judeus poderiam ser expulsos de uma determinada cidade e, em seguida, serem expulsos da mesma cidade novamente 20 anos mais tarde? A resposta é que os judeus são como baratas. Eles são a raça mais tenaz na história e sempre voltam, não importa quantos foram mortos, expulsos ou o quanto eles sejam detestados por suas vítimas hospedeiras. Eles sempre voltam. Isso é, se a cidade é solo fértil para suas manipulações parasitárias. Devemos lembrar que os judeus são parasitas, e parasitas vivem em outros, em um corpo produtivo. No caso dos judeus, a sua melhor vítima é uma comunidade próspera branca. Pela mesma razão, as pulgas vão infestar um cão de novo e de novo, ou uma casa tem que ter tratamentos de controlo de pragas todo mês para manter longe as baratas e outras pragas, o mesmo é com os judeus. Eles sempre voltam a re-infestar uma comunidade produtiva.

Guerra perpétua.
Para mostrar o quão difundida é a infestação judaica ao longo dos séculos e quão universal é a hostilidade contra eles, vamos analisar a guerra fluida entre infestação judaica e a tentativa dos gentios de se livrar destes parasitas. Nossa informação é das próprias fontes judaicas e, devido à falta de espaço, representa apenas uma pequena parcela do total disponível.

*****

TEMPOS ANTIGOS

Egipto:
Embora os conflitos entre judeus e civilizações hospedeiras precedam os registros escritos, a mais antiga grande expulsão teve registro quando os judeus foram expulsos do Egipto, porque tinham se tornado insuportáveis. A data é aproximadamente a metade do segundo milénio aC. Séculos mais tarde, os judeus voltaram em grande número e Alexandria se tornou um centro de infestação pesada. Distúrbios graves contra os judeus em Alexandria eclodiram em 38 dC, e novamente em 66 dC. Hove mais distúrbios pelos judeus que foram reprimidos com extrema crueldade. Entre 115 e 17, judeus alexandrinos foram fortemente atacados e sua grande sinagoga queimada. Em 414 dC, os judeus foram novamente expulsos da cidade.

Asia:
Em Medina, uma cidade na Arábia, Maomé, que a princípio tinha sido amigável com os judeus, em 622 AD os expulsou ou massacrou todos eles, e nenhum judeu forai permitido lá desde então. Selêucia é uma cidade antiga no Tigris. Judeus reuniram-se nesta cidade depois da destruição de Arulia e Asinia. Isso resultou em um massacre dos judeus em 40 dC, mas eles voltaram.

Império Bizantino:
Justiniano, imperador (527-565), adoptou um minucioso curso política antijudaico, privando-os do serviço público, postos militares e quaisquer outras posições de influéncia. Esta política foi cumprida nos séculos seguintes e é, sem dúvida, uma das principais razões do Império Romano do Oriente (Bizantino) sobreviver ao Império Romano Ocidental por milhares de anos.

Roma:
O mais velho continua comunidade judaica na Europa foi estabelecida em Roma, com registros que datam de 139 aC, mas, sem dúvida, estavam lá muito antes. Cícero, o grande estadista romano e homem de letras, reconheceu os judeus como um elemento hostil já em 50 aC, e frequentemente os atacou em seus discursos no Senado. O imperador Tibério expulsou os judeus de Roma em 19 dC, mas logo voltaram. O imperador Cláudio expulsou um número de judeus de Roma em 49-50 dC. Em 116 dC, o imperador Trajano ordenou um massacre preventivo dos judeus na Mesopotâmia, uma vez que foram a causa da agitação e tumulto perpétuos na área. Como a conquista e cultura romana se espalhou pela Europa, Roma era o centro original donde banqueiros de empréstimo judeus espalharam-se no norte da Itália e depois no resto da Europa. Apesar das ameaças e vicissitudes contra os judeus, os Papas geralmente ajudaram a proteger os judeus de uma população indignada.

*****

EUROPA MEDIEVAL

Dispersos de Roma.
Espalhando-se de Roma e seguindo conquistas romanas, os judeus espalharam-se pela Europa. Como a civilização, indústria e comércio avançaram para as áreas e cidades individuais, o judeu parasita seguiu e afundou seus tentáculos em suas hostes perplexas. Situação do cão e das pulgas. Uma vez que não temos espaço, a seguir apresentaremos apenas um pequeno esboço de invasões judaicas repetidas e as reações de seus exércitos sitiados, que nunca souberam como lidar com o fenómeno judeu. Como na situação do cão e das pulgas, o cão quer se livrar das pulgas, mas nunca aprendeu a fazê-lo.

Guerra perpétua.
Que seja breve, a seguir dá uma imagem representativa da guerra eterna entre o judeu sangue-suga e as tentativas dos gentios brancos na Europa para repeli-los. Tomaremos os países em ordem alfabética.

ÁUSTRIA
Assassinato Ritual.
Os séculos XIII ao XV foram marcados por graves perseguições. Em 1420, como resultado de uma acusação de Assassinato Ritual, todos os judeus na Áustria ou foram queimados, expulsos ou forçados ao batizado. No entanto eles não desapareceram e em 1670, Margaret Theresa decretou outra expulsão geral.
Em Salzburgo, a comunidade judaica foi massacrada durante o surto da Peste Negra em 1349, e na sequéncia de uma acusação de desecração de hospedeiros em 1404. Eles foram expulsos pelo arcebispo em 1498. Na província de Tirol, os judeus foram acusados de envenenamento bem na época da Peste Negra. Como mais um resultado de uma acusação de Assassinato Ritual em 1475, as comunidades judaicas em Trent, Rinn e Lienz foram destruídas e, finalmente, em 1520, todos os judeus foram expulsos de Tyrol.
Não decorrentes da onda.
Houve uma reação hostil, mas ineficaz ao seu retorno. Karl Lueger (1844-1910), que foi prefeito de Viena dês de 1897, demitiu funcionários judeus entrincheirados, introduziu segregação em escolas públicas e tomou outras medidas antijudaicas. No entanto, teve pouco efeito na contenção da maré judaica, até o Anschluss de Hitler na Áustria em 1938.

INGLATERRA

Veio com a conquista normanda.

Judeus primeiro invadiram a Inglaterra com a Conquista Normanda de 1066. Eles logo se tornaram os cobradores de impostos opressivos para a coroa e monopolizaram as finanças e comércio. Em 1144, a primeira acusação de Assassinato Ritual foi movida contra eles em Norwich, e Chaucer (1340-1400) escreveu sobre o Assassinato Ritual de Hugh de Lincoln em 1255. Na época da Terceira Cruzada, 1189-1190, houve graves distúrbios contra os judeus em todo o país, acompanhadas de muito derramamento de sangue. O antagonismo cresceu ainda mais por causa de suas manipulações financeiras e sofisma. Eles foram finalmente expulsos de todo o país pelo rei Eduardo I, em 1290.

Em Londres, a sede judaica, os judeus foram bem estabelecidos antes de 1100. Houve um ataque assassino contra os judeus no momento da coroação de Ricardo I em 1189, e vários outros durante as guerras baronesas de 1263 a 1266. Os judeus em Londres enfrentaram acusações de Assassinato Ritual em 1238, 1244 e 1276.

Portas se abriram por Oliver Cromwell. Oliver Cromwell foi o Chabez-goi dos judeus, que abriu as portas em 1655 e os judeus invadiram en masse novamente. Em 1696, os judeus tinham o controlo do Banco da Inglaterra e retiveram o controlo da banca, finanças e governo desde então.

FRANÇA

Infestação antecedente.

A infestação judaica da França começou relativamente cedo, antes de 70 dC, e no século IX a França foi o principal centro da actividade dos comerciantes judeus internacionais, chamados Radanitas. Nos séculos XI e XII, as comunidades judaicas na França se tornaram a mais densamente povoada do mundo. Isso produziu uma reação hostil, e devido às suas práticas nefastas, foram excluídos do comércio e do artesanato. Os judeus, em seguida, cada vez mais monopolizaram empréstimo de dinheiro e finanças, apertando o comércio dos gentios.

Assassinato Ritual.

Ataques mortíferos contra os judeus se tornaram comuns após a Primeira Cruzada (1096). Como em muitos outros países, quando eles eram expulsos de uma área, se mudavam para uma outra área, e logo voltam para a área original. Em Blois, a primeira acusação de Assassinato Ritual em 1171, resultou em 31 judeus sendo queimados na fogueira. Na época da Quarta Cruzada (1235-1236), um massacre de judeus na Bretanha culminou em sua expulsão em 1391. Na cidade de Carcassone, os judeus foram expulsos temporariamente em 1253, mais uma vez em 1306 e, finalmente em 1394. Depois de um Assassinato Ritual, na província de Dauphine foram expulsos em 1253, mas retornaram em 1289. Depois de 1305, uma série de ordens de expulsão foram aplicadas contra os judeus na província da Gasconha, que culminou com a expulsão geral de 1394.

Judeus engenharam a Revolução Francesa.

No resto da França, a expulsão geral tinha sido decretada e forçadamente realizada em 1306. Nos próximos vários séculos, actividades judaicas na França foram reprimidas, mas inflamaram-se radicalmente nas décadas antes da Revolução Francesa que os judeus engenharam. Depois de executar o Rei e a Rainha em 1793 e mergulhar a Europa em 20 anos de guerra fratrícida, os judeus estavam completamente em cena novamente. Durante a Revolução Francesa, eles sistematicamente guilhotinaram a nobreza e liderança francesas.

Este extermínio e os próximos 20 anos das Guerras Napoleónicas durou até a morte da nata da nação francesa. A França nunca se recuperou.

ALEMANHA

Inimizade Intensiva.

Em nenhum país houve guerra ao longo dos séculos tão amarga e intensa como essa entre os judeus e os alemães. Enquanto países como Inglaterra, França, Espanha que durante a Idade Média foram (mais ou menos) unificadas sob uma regéncia e capaz de expulsar os judeus (mais ou menos) de todo o país em 1290, 1306 e 1492, respectivamente, os alemães fragmentados nunca estiveram tal posição até 1871. Por essa altura já era tarde demais, e os judeus estavam muito poderosos e muito bem entrincheirados em uma base mundial. Durante os tempos medievais, quando um alemão nobre ou principado os expulsava, eles só corriam para o território adjacente, multiplicavam-se e logo estariam de volta. Nunca pode qualquer limpeza significativa ser feita em toda a Terra alemã. No entanto, o ódio judeu aos alemães e vice-versa, era mais virulento nos estados alemães e até hoje o povo alemão é o principal alvo de genocídio pela rede judaica internacional.

A história da guerra entre os judeus e alemães é longa e só podemos dar um pequeno fragmento aqui. Em 1090, os judeus haviam se tornado tão desagradáveis e insuportáveis que os cruzados mataram os judeus na Renânia, a área de maior densidade de assentamentos judaicos na Alemanha naquela época. Judeus Intensificaram a epidemia. Durante a epidemia de Peste Negra (1348-1349), os judeus foram acusados de espalhar a praga por envenenar e soltar corpos infectados em poços. Na Alemanha sozinha, os ataques em 350 lugares, enquanto 60 grandes e 150 pequenas comunidades judaicas foram exterminadas. Muitas cidades depois tentaram banir os judeus todos o tempo, mas os judeus sempre voltaram, como veremos.

Guerra contínua na Idade Média.

Em Breslau, a comunidade judaica foi exterminada em 1349. Em 1453, uma acusação de profanação dos hospedeiros levou ao assassinato de 41 judeus e a expulsão do resto. Em Coblenz, os judeus sofreram perseguições em 1265, 1281 e 1287, e de ataques de Armleder em 1337. A comunidade judaica foi dizimada durante os massacres da Peste Negra de 1349, mas retornaram em 1356 e foram novamente banidos por a província de Trier em 1418. A actividade judaica em Dresden foi registrada pela primeira vez em 1375. Em 1448, eles foram executados por causa de suas actividades de falsificação de moedas e auxilio aos hussitas.

Judeus monopolizaram as finanças.

A comunidade judaica foi expulsa de Dusseldorf, em 1438, mas voltou no final do século XVI. Apesar de motins antijudaicos em Erfurt em 1221, a comunidade judaica continuou a desenvolver até aos massacres da Peste Negra de 1349, quando os sobreviventes foram banidos. Eles voltaram em 1357 e foram executados novamente em 1458. A comunidade judaica em Frankfurt-Am-Main foi aniquilada em 1241 e novamente pelos flagelantes em 1349. Os judeus em Frankfurt, monopolizaram o empréstimo de dinheiro e finanças na Idade Média, e até hoje, Frankfurt é um dos mais importantes centros financeiros judaicos do mundo. Os motins Fettmilch em 1614 levaram a uma expulsão temporária, e a guerra de 1796 resultou na destruição de uma grande parte do gueto judeu de Frankfurt.

Massacres da Peste Negra.

Na cidade de Halberstadt, os judeus foram expulsos em 1493, voltaram no século seguinte e novamente expulsos em 1594.

A actividade judaica principal na cidade de Leipzig era emprestar dinheiro. Eles foram aniquilados nos massacres da Peste Negra de 1349, mas voltaram. Os judeus de Mainz foram expulsos logo em 1012, mas logo retornaram. Centenas foram mortos pelos cruzados em 1096, apesar da protecção do Bispo, mas logo voltram. Uma série de massacres se seguiu à época da Peste Negra (1349), mas os judeus sempre voltavam. Mandatos de expulsão foram emitidos em 1438, 1462 e 1470 a 1471.

Massacres de Rindfleish.
Em Nuremberg, onde os judeus se estabeleceram no século XII, sua principal actividade também era emprestar dinheiro. A comunidade judaica foi destruída em 1298 durante os massacres Rindfleish, quando 728 judeus foram mortos. Durante os massacres da Peste Negra (1349), 562 foram mortos e o restante expulso. Devido às suas intrigas de empréstimo de dinheiro insidiosas, eles foram novamente expulsos em 1499.

Judeus da Corte manipularam os regentes.
Os judeus estavam presentes na área antes do estado alemão da Prússia fosse formado. Quando Frederick William tornou-se Grão Eleitor, o poder judaico expandiu-se rapidamente. Eles se tornaram «Judeus da Corte», agiotas, mastres da casa de moedas, fornecedores do exército e da aristocracia da comunidade.

Voltaram repetidamente.
Na antiga e bela cidade de Rothenburg, a comunidade judaica foi destruída durante os massacres Rindfleisch de 1298, foi renovada e novamente destruída em 1349. Os judeus retornaram e mais uma vez foram expulsos em 1397 depois de massacres. Eles voltaram em 1402 e foram expulsos em 1520.

Acusado de envenenamento.
Em 1348, na cidade de Stuttgart, os judeus foram queimados sob a acusação de envenenamento e disseminação da Peste Negra. Havia uma série de expulsões nos séculos seguintes. A história em Trier foi semelhante. A comunidade judaica foi destruída em 1349 e novamente infiltrou-se em poucas décadas, foi novamente expulsa em 1418, e retornou em 1500.

Sempre voltavam.
O padrão acima pode ser repetido em quase todas as cidades e estados alemães. Onde quer que os judeus se estabelecessem, se tornavam parasitas desagradáveis e eram expulsos uma e outra vez por uma população indignada. Mas sempre voltavam a afundar seus tentáculos mais profundamente. Eles aprenderam com seus erros anteriores e tornaram-se mais esperto em neutralizar a comunidade que começou a explorar e estrangular.

Guerra dos Trinta Anos instigada pelos judeus.
Perto do fim da Idade Média, a maioria das cidades alemãs tinham banido repetidamente os judeus. Mas eles sempre retornaram em números maiores. A fratricida Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) sobre o cristianismo, colocou católicos contra protestantes.

Foi provocada e instigada pelos judeus, e destruiu 65% da população alemã e 80% dos edifícios e bens. Ela deixou a nação alemã em frangalhos, mais fragmentada do que nunca em pequenos Estados pobres. Ela fez a nação alemã regredir talvez 300 anos, mas como de costume, a posição judaica foi altamente beneficiada por ela. Os Estados fragmentados e empobrecidos viraram-se para os judeus como agiotas.

Muitas das posições-chave foram ocupadas por judeus da corte, fornecedores militares, consultores financeiros, cobradores de impostos, agiotas, e muitas outras áreas vitais. O poder judaico e sua infestação cresceram até a era Hitler.

POLÓNIA

Infestação de judeus Khazar.

A infestação judaica começou no século IX e foi reforçada por elementos Khazar agressivos da época. Apesar dos pogroms, massacres e expulsões, a infestação judaica aumentou até que, no século XIX e na primeira parte do século XX, a Polónia teve a maior população judaica (em termos percentuais) do mundo.

Rebelião de Chmielnicki.

Assassinatos Rituais por judeus trouxeram retaliações em Posen em 1399 e em Cracóvia em 1407. Estudantes em Cracóvia começaram motins antijudaicos em 1401, e os ataques tiveram lugar em Cracóvia, Lvov, Posen e em outros lugares. Eles foram expulsos de Varsóvia em 1483 e de Cracóvia em 1491. As revoltas Chmielnicki contra os judeus (1648-1649) destruiram centenas de comunidades judaicas. Restrições económicas (contra os judeus), pogroms e acusações de Assassinato Ritual foram recorrentes em toda a Polónia. Milhares foram mortos pelos distúrbios de Haidmak de 1768 na Ucrânia.

Judeus constituíam 50% da população urbana.

Depois de 1815, a maior parte da Polónia estava sob domínio russo e sua história judaica continuou sob a Rússia. Em 1828, os judeus constituíam 50% da população urbana da Polónia, tornando-se o país mais densamente infestado por judeus no mundo. Olhando para a reação em algumas das principais cidades, encontramos um pogrom judaico ocorrido em Bialystok já em 1906. Na cidade de Kalisch, havia toda uma série de perseguições a partir do século XIV. Em 1656, a comunidade judaica em Kalisch foi destruída pelo General polaco Czarniecki.

Judeus monopolizaram o comércio de grãos.

Judeus se estabeleceram em Pinsk no século XVI e logo monopolizaram o comércio de grãos. Judeus sofreram severamente nos massacres de Chmielnicki de 1648 a 1649 e também nas guerras suecas de 1700. No entanto, no início da II Guerra Mundial, a população de Pinsk foi 70% judaica. Em 1939, havia 360 mil judeus que viviam na cidade de Varsóvia, uma das maiores concentrações europeias na época.

RÚSSIA

O ódio intenso. População judaica enorme.

O ódio entre os povos da Rússia e os judeus é um dos mais intensos da história dos universalmente detestados judeus. Antes da Primeira Guerra Mundial, Rússia tinha 5.600.000 judeus dentro de suas fronteiras, a maior concentração ou número total de judeus em qualquer país do mundo até aquele momento, a ser apenas mais tarde ultrapassada pela população judaica nos Estados Unidos na actualidade.

90% dos judeus de hoje são de descendéncia Khazar.

Parte da infestação pesado judaica deve-se aos khazares, uma tribo turca voraz que havia construído um império entre o Mar Negro e o Mar Cáspio e estendia-se para o norte no meio do que agora é a Rússia. Os khazares converteram-se ao Judaísmo sob o governo do Rei Bulan no século VIII dC. Estima-se que 90% dos judeus de hoje sejam descendentes dos khazares, ao invés de judeus da Palestina, embora sejam igualmente cruéis.

Conquistados por Yaroslav.
Em 1083, o arquiduque russo Yaroslav conquistou os khazares e incorporou o seu reino na Rússia. Mal sabiam os russos a viruléncia da praga que havia assumido a assimilar. A verdadeira guerra, no entanto, não começou até o século XIV. Em 1563, 300 judeus morreram afogadas em Polotosk e Vitelisk. Em 1648, Bogdan Chmielnicki liderou uma rebelião de massas cossacos e ucranianas contra os judeus e os proprietários de terras polonesas. Isso resultou na destruição de centenas de comunidades judaicas, uma fonte judaica afirma que 744 comunidades judaicas foram destruídas e centenas de milhares de judeus foram mortos. Os judeus têm chamado estes de «massacres de Chmielnicki».

Judeus expulsos da Ucrânia.
Quando a Ucrânia foi anexada à Rússia em 1667, os judeus foram expulsos do território ucraniano. Cláusulas que proíbiam os judeus de visitar a Rússia foram inseridas em tratados assinados pela Rússia, com as poténcias estrangeiras em 1550 e 1678. Ordens de expulsão foram emitidas em 1727, 1738 e 1742. Em 1753 um total de 35 mil judeus foram expulsos da Rússia. Em 1762, Catherine a Grande, permitiu estranhos viverem na Rússia, exceto judeus. Em 1791, por decreto, ela limita os judeus a uma área restrita chamada Acordo Claro, e então eles poderiam viver apenas nas cidades daquela região.

Judeus não assimiláveis.
O Czar Alexander I expulsou 20 mil judeus da província de Vitebsk e Mohilev em 1824. O Czar Alexander II tentou assimilar e russificar os judeus, mas sem sucesso. Em retaliação, ele foi assassinado em 1881 por revolucionários judeus. Os russos reagiram com novos pogroms pelos judeus serem um elemento subversivo para ser mantido longe da população e promulgaram as Leis de Maio. Em 1891, os judeus foram expulsos de Moscou.

Judeus fomentam a revolução.
Hostilidade e guerra entre russos e judeus acelerou, atingindo o seu clímax com o caso Beilis (1911-1913) em uma acusação de Assassinato Ritual em Kiev. Os judeus foram altamente organizados para a revolução. Em 1905, eles tentaram a derrubada revolucionária do governo russo, mas não conseguiram.

Revolução bem sucedida. Fundado o comunismo.
Durante a participação e a derrota da Rússia na Primeira Guerra Mundial e a revolução judaico-comunista posterior eles foram, no entanto, esmagadoramente bem sucedidos. Os judeus dispararam contra o Czar, jogaram toda a Rússia em uma agitação revolucionária e em 1917 estabeleceram um governo comunista bolchevique completamente sob seu controlo. Nos anos seguintes à turbuléncia, revolução e fome, os judeus tomaram vingança cruel e assassinaram mais de 30 milhões de russos brancos, exterminando assim os melhores elementos da população russa. Com isso eles destruíram qualquer oposição ou liderança existente ou potencial russa, como haviam feito na França há 125 anos antes.

Judeus firmemente no controlo do maior campo de trabalho escravo no mundo.
Hoje, mais de sessenta anos mais tarde, os judeus ainda estão no controlo, a terem estabelecido o campo de trabalho escravo mais perverso e brutal do mundo. A Enciclopédia Judaica cita uma longa lista de cidades e áreas em que pogroms, expulsões e massacres ocorreram, mas a lista de eventos é muito grande para gravar aqui.

ESPANHA

Judeus traíram a Espanha para invasores árabes.

Os judeus entraram em Espanha já no século XVI aC, vindo com os comerciantes fenícios. Em 612 dC, guerra implacável seguiu-se entre os nativos e os judeus, marcado por surtos e massacres esporádicos. Os judeus ajudaram os árabes invadem a Espanha em 711 por traições de dentro. Durante vários séculos, os judeus prosperaram sob a Espanha árabes que se tornou o mais importante centro judaico deste momento. Na parte cristã da Espanha, os judeus se tornaram coletores de impostos e «Judeus da Corte», e logo controlado o governo e a economia. A infestação tornou-se tão flagrante (20-25% da população era de judeus) e tão opressiva, que os espanhóis reagiram.

Muçulmanos expulsaram os judeus.

Em Granada, 1066, ainda sob domínio muçulmano, os judeus foram atacados e expulsos. A comunidade judaica reestabeleceu-se, mas voltou a ser arrancadas pela invasão almôada (muçulmana) em 1148, e os judeus foram expulsos ou convertidos à religião muçulmana. Em Cordova, os judeus também foram expulsos ou convertidos pelos almôadas em 1147.

Marranos, os cristãos falsos.

Na parte cristã da Espanha, uma onda de massacres contra os judeus varreu o país em 1391, especialmente em Córdoba, Granada, Sevilha e Segovia, e muitos deles se tornaram Marranos batizados, abertamente professam o cristianismo, mas a permanecerem judeus secretos no coração, leais ao a religião e raça judia.

Buscaram o controlo da Igreja Católica.

Logo esses falsos cristãos começaram a adquirir o controlo da Igreja Católica. Junto com os judeus verdadeiros, eles agora controlavam a igreja, o governo e a economia, e dissolução, tumulto e podridão seguiram-se.

Espanhóis instituíram a Inquisição.

Quando os espanhóis novamente acordou para o facto de que os judeus eram a causa de sua miséria, eles novamente reagiu. Sob a liderança de Fernando e Isabel, a Inquisição foi instituída para desentocar os judeus disfarçados desfilando como cristãos (conhecida como Marranos). Este processo continuou simultaneamente enquanto os espanhóis estavam lutando uma guerra all-out para conduzir o maometano mouros da Espanha. Nessa guerra, os Marranos e os judeus foram perpetuamente trair os cristãos em favor dos mouros. Outros massacres dos judeus eclodiu esporadicamente em muitas cidades.

Espanha expulsa os mouros e judeus em 1492.

Finalmente em 1492, após dez anos de guerra, Fernando e Isabel conseguiram expulsar os mouros e unificar a Espanha (dedicamos todo um capítulo para este episódio dramático da história em nosso livro anterior, Nature’s Eternal Religion). Nesse mesmo ano, decretaram que todos os judeus deveriam sair de Espanha até 1º de agosto. Este foi realizado com resolução e determinação, culminando na maior expulsão em massa de judeus até aquele momento. Depois de livrar-se dos judeus, a história da Espanha em seguida, floresceu no que é conhecido como a sua Era de Ouro. Para os próximos três séculos, a Espanha prosperou. Ela era a líder na colonização e expansão em todo o mundo no Novo Mundo, nas Filipinas e em outros lugares.

Estrangulamento na Espanha.
No entanto, os tenazes judeus marcaram a Espanha com estrangulamento económico e vingança. Até os anos de 1930, eles eram poderosos o suficiente para rasgar a Espanha novamente. Eles fomentaram e promoveram uma guerra civil fratricida terrivelmente destrutiva que deixou a Espanha em frangalhos. Com a ajuda de Hitler e Mussolini, a guerra foi resolvida com sucesso contra os comunistas judeus com Franco a reger o novo governo fascista.

CONCLUSÃO:

A ameaça judaica é tão antiga quanto a história.
A partir da curta história que antecede os judeus, temos provas contundentes de que o problema judaico não foi inventado por Adolf Hitler no século XX, mas pelo contrário, os judeus têm sido parasitas viciosos nas costas de civilizações há milhares de anos.

A farsa do Holocausto: a mentira dos «Seis Milhões»

Além do chamado «Holocausto» ser matematicamente impossível, a seguir está um trecho dos escritos de Ben Klassen:

Mestres da Grande Mentira.
Os judeus têm habilmente utilizado a técnica da «Grande Mentira» desde o início de sua existência histórica. Ao longo dos últimos 5.000 anos, eles tornaram-se insuperáveis mestres desta técnica. Sua religião é baseada nela, a sua riqueza é baseada nela, e de facto eles devem sua existência à esperteza com a qual eles têm manipulado mentiras para um mundo desprevenido e (principalmente) crédulo.

Ao longo dos anos, os judeus espalharam milhões de mentiras, algumas dos quais têm servido a um propósito temporário, embora algumas tenham persistido por milhares de anos. Algumas têm sido ineficazes, enquanto outras têm sido bem sucedidas além de seus sonhos mais loucos.

«Eles tiraram a arma de direito moral do único adversário perigoso o suficiente para ser susceptível de ter êxito em trazer os traidores da Pátria à Justiça. Tudo isso foi inspirado no princípio que é bem verdadeiro em si: que na grande mentira há sempre certa força de credibilidade, porque as grandes massas de uma nação são sempre mais facilmente corrompidas nas camadas mais profundas de sua natureza emocional do que consciente ou voluntariedade e, portanto, na simplicidade primitiva de suas mentes elas mais facilmente caem vítimas para a grande mentira do que a pequena mentira, uma vez que eles próprios contam pequenas mentiras em questões triviais, mas teriam vergonha de recorrer a mentiras em grande escala. Nunca iria entrar em suas mentes fabricar mentiras colossais, e eles não acreditam que outros pudessem ter a imprudéncia de distorcer a verdade de forma tão infame.

Mesmo que os fatos que provem que isso seja assim possam ser trazidos claramente às suas mentes, eles ainda vão duvidar e vacilar e continuarão a pensar que pode haver alguma outra explicação. Porque a mentira imprudente sempre deixa vestígios para trás mesmo depois de ter sido pregada, um fato que é conhecido por todos os mentirosos especialistas neste mundo e para todos aqueles que conspiram em conjunto na arte de mentir. Essas pessoas sabem muito bem como usar a mentira para os fins mais básicos. Desde tempos imemoriais, no entanto, os judeus conheceram melhor do que todos os outros como a falsidade e a calúnia podem ser exploradas. Não é a sua própria existéncia fundada numa grande mentira? Ou seja, de que eles são uma comunidade religiosa, quando na realidade, eles são uma raça? E que raça! Um dos maiores pensadores que a humanidade já produziu marcou os judeus de todas as eras com uma declaração que é profundamente e exatamente verdadeira. Schopenhauer chamou o judeu de «o grande mestre das mentiras». Aqueles que não percebem a verdade dessa declaração ou não querem acreditar, nunca serão capazes de dar uma mão para ajudar que a verdade prevaleça.»
-Adolf Hitler, trecho do Mein Kampf

Sem provas, sem testemunhas.
Em primeiro lugar, como a farsa cristã, não há um único fragmento de evidéncia para apoiar as alegações de que Hitler, ou o governo alemão, ou qualquer funcionário do mesmo, tenha defendido uma política de extermínio de judeus.

Embora os judeus tenham escrito milhares de artigos sobre o assunto e dezenas de livros, quando estes autores foram questionados e interrogados, nenhum deles viu um único forno, uma única câmara de gás, nem quaisquer actos reais de extermínio. Nem podem produzir uma única testemunha ocular que tem visto tal evento. Invariavelmente, quando pressionados, eles foram «informados» por uma pessoa mítica que «agora está morta», ou «leia sobre isso», ou boatos de um tipo ou outro. Não se pode produzir uma testemunha ocular ao vivo, agora ou no passado.

Nenhuma ordem do tipo, nenhum política do tipo.
Apesar das toneladas de documentos nazis que foram capturados intactos, não há um único onde um pedido ou um comando, ou um documento político tenha aparecido, ou a existéncia da recomendação, ordem ou sugestão do extermínio de judeus, tanto em massa ou isoladamente. Toda a literatura, quando investigada, é baseada em alegações de que tais ordens foram dadas «verbalmente» ou podia-se «ler nas entrelinhas», ou algum outro tipo de alegação sem fundamento.

Com o objectivo de tirar os judeus de seu imenso poder.
O facto é que nem Hitler nem o governo alemão ou qualquer ramo deste já teve, ou enunciou, tal política. Que os alemães perceberam que os judeus entre eles eram sua desgraça absoluta, não há nenhuma dúvida. Queriam-nos fora, e sua política era para tirá-los do poder e incentivá-los a migrar para outro lugar. Quando os alemães instituiram as leis raciais de Nüremberg, eles baniram os judeus de todas as posições nos media, nas universidades e escolas, no governo, nos bancos e outras posições de poder que eles dominavam no passado. Isso, e a hostilidade gerada pelo povo alemão finalmente a reconhecer os judeus como os parasitas degenerativos que eram, incentivaram os judeus a deixar o país e procurar pastos mais verdes em outros lugares.

Limpar sua nação.
Os alemães fizeram todo o possível para ajudar e encorajar os judeus a emigrarem. Eles olharam com expectativa para o dia (como devemos) em que seu país seria «Judenrein», ou seja, limpo de judeus. Eles negociaram com a Grã-Bretanha para ajudá-los a migrar para a Palestina, naquela época (durante a década de 1930), ainda um mandato britânico. Nisto, os britânicos não foram muito cooperativos, mas cada vez mais se migrar para a Palestina, para o grande desgosto dos árabes. O governo alemão, sob Goering, também tentou ajudar a estabelecer uma pátria judaica na grande ilha de Madagascar na costa da África.

Movimento Sionista.
A ideia de Madagascar tinha sido varias vezes discutida pelos próprios judeus no movimento sionista crescente. Theodore Hertzl, considerado o pai do movimento sionista, propôs um plano desse tipo já em 1896. Houve opiniões divididas sobre Madagascar entre os judeus, alguns a favorecer, alguns a favorecer a Palestina. Em qualquer caso, os alemães fizeram o que puderam para achar aos judeus uma pátria alternativa, embora, no curto espaço de tempo disponível antes da guerra nem a Palestina nem o projecto Madagascar materializaram-se.

«Paraíso Judaico» – EUA
De longe, o maior número de judeus migrou para o paraíso judeu do mundo, a saber, os Estados Unidos, onde seus parentes já foram arrebatando a Terra e chafurdando no leite e mel

O holocausto afirma uma mentira fantástica.
Os factos são estes: havia apenas 500 mil judeus na Alemanha, quando Hitler chegou ao poder. A maioria deles migrou para os EUA antes de 1939. Nunca houve mais de 3 milhões de judeus em todo o território que os exércitos de Hitler ocupou durante toda a guerra, por isso era claro, fisicamente impossível para eles matarem seis milhões. Como já foi dito, não há a menor evidéncia de que os alemães tenham proposto, sancionado ou contemplado essa política de extermínio.

Judeus declararam guerra à Alemanha.
Mesmo antes do início da guerra, os líderes judeus em uma base mundial tiveram anos antes, declarado que os judeus do mundo estava em guerra com a Alemanha, e que eles iriam utilizar seus poderes financeiros, morais e políticos imensos para destruir Hitler e a Alemanha nazi. Entre estes estava Chaim Weizmann, o líder sionista, que assim declarou em 5 de setembro de 1939. Ele foi entusiasticamente apoiado por todo o judaísmo internacional na presente declaração. Uma vez que era costume durante o tempo de guerra, por razões de segurança internar o inimigo e estrangeiros subversivos, os alemães internaram a maioria, mas não todos, dos judeus em seu território. Certamente os Estados Unidos e Canadá fizeram a mesma coisa mesmo aos nascidos japoneses, apenas pela cor de sua pele e sua ascendéncia. Também certamente foi feito com muito menos razão, já que os japoneses nativos eram cidadãos americanos ou canadianos e tinham expressado pouca ou nenhuma hostilidade para com os países em que eles nasceram. Considerando que a maioria dos japoneses americanos foram leais aos Estados Unidos, eles foram peremptoriamente tirados de suas fazendas na Califórnia e em outros lugares, geralmente a ter perdido suas terras para sempre quando a guerra terminou.

Judeus eram inimigos estrangeiros perigosos.
No entanto, os alemães internaram judeus em campos de internação, da mesma forma que os Estados Unidos e Canadá fizeram aos japoneses. Certamente eles tinham bem mais que um motivo para fazê-lo, como fez o Canadá ou os EUA. Os alemães também fizeram a outros estranhos e subversivos considerados como riscos a segurança e perigosos para o esforço de guerra. Uma diferença é que na Alemanha os internos foram colocados para trabalhar nas fábricas que eram ou já existentes nos campos onde foram criados, ou fábricas construídas nos campos.

Tratados humanamente.
Estes internados estavam bem tratados e bem alimentados, considerando recursos minguantes da Alemanha. Muitas vezes, suas rações excediam aquelas recebidas pelos próprios alemães.

Estatísticas judaicas confirmam a mentira.
Como prova adicional da mentira seis milhões, podemos verificar nas estatísticas em que os judeus colocam neles mesmos. O «World Almanac», de 1938, lista o número de judeus no mundo como 16.588.259. Após a guerra, o New York Times, de propriedade de judeus, colocou o número de judeus do mundo com um mínimo de 15,6 milhões e um máximo de 18,7 milhões. A média os dois últimos números do New York Times seriam cerca de 17,1 milhões. Portanto, é impossível em qualquer trecho da imaginação que 6.000.000 judeus poderiam ter sido exterminados e acabar com um ganho líquido em um curto período de oito anos.

Judeus, os grandes vencedores da II Guerra Mundial.
Demais para as estatísticas. Há muitas outras que poderíamos citar que levam à mesma conclusão: a figura dos seis milhões é uma grande mentira. É verdade que muitas pessoas, foram mortas durante a guerra. Um total de 2.050 mil civis alemães foram mortos em ataques aéreos aliados e forçados a repatriação após a guerra. Até mesmo alguns judeus foram mortos. Mas relativamente, eles se saíram melhor e as baixas eram mais leves do que de outros combatentes envolvidos, especialmente considerando que todo o horrível conflito foi instigado pelos judeus, inventado pelos judeus, incitado e provocado pelos judeus.
Certamente as vítimas entre eles eram insignificantes, considerando que eles foram os arqui-instigadores e únicos beneficiários daquela terrível guerra, uma guerra que foi travada por irmão gentio contra irmão gentio, tudo para a ganância avarenta e benefício dos judeus.

Se a farsa dos seis milhões não tem base na realidade, surge a pergunta, por que os judeus querem promover uma mentira tão cruel e horrível?

Os judeus têm lucrado muito.
A resposta é: os judeus têm lucrado bastante com essa mentira atroz, pois eles têm um jeito de fazer isso como na maioria das mentiras que eles propagam.

1. Ele despertou a simpatia mundial para os judeus, quando o mundo deveria ter sido (e graças a Hitler, foi parcialmente) alertado para a natureza perigosa e destrutiva destes parasitas mundiais.
2. Ele agiu como um clube de moral e uma alavanca de propaganda com a qual eles têm extraído como chantagem 12 mil milhões de dólares do povo alemão como «reparações» para Israel e como «compensação» aos reclamantes judeus individuais. A insanidade desses créditos só pode ser compreendida quando consideramos que muitos contribuintes alemães hoje, que nem eram nascidos quando os supostos crimes teriam sido cometidos, estão a pagar «reparações» a um estado (Israel) que nem sequer existia naquela época. Além disso, a lista de reclamantes judeus, agora, mais de 35 anos depois, chegou a um escalonamento de 3.375.000, quando havia menos de 200 mil judeus na Alemanha depois de 1939.
Por ter sido tão fácil para os judeus, roubar os alemães por meio desta chamada «compensação», o número de pretendentes inscritos contra o governo da Alemanha Ocidental triplicou nos últimos dez anos. Nada poderia ser a prova mais devastadora do descaramento de bronze da Mentira dos Seis Milhões.
3. A Mentira dos Seis Milhões tem sido uma ferramenta poderosa de propaganda que permitiu que os judeus roubassem a Palestina dos árabes em 1948, e erguer o estado bandido de Israel. Graças à Mentira dos Seis Milhões, os judeus tiveram o apoio e a bénção do mundo confuso, especialmente os Estados Unidos judaicamente infestado.
4. A Mentira dos Seis Milhões teve um efeito devastador em vergonha e descrédito do povo alemão. Considerando que os alemães deveriam ser homenageados pela luta nobre que travaram, a fim de expor e sacudir a peste judaica internacional, as poderosas e eficazes redes de propaganda judaica têm retratado os alemães como os vilões aos olhos do mundo crédulo.
5. Tem aliado e unido os judeus do mundo como nada mais tivera nos últimos mil anos. Embora a maioria dos judeus saibam que é uma mentira abominável, eles continuam insistindo constantemente sobre isso entre si (assim como para o mundo exterior), até que eles se tornaram tão hipnotizado por sua própria mentira que isso realmente se torna parte de sua religião. Nesta base desprezível, vastas somas de dinheiro foram levantadas entre os próprios judeus e centenas de organizações formadas.

Mentira do holocausto: grito de guerra judeu.
Esta mentira, então, tornou-se o grito de guerra do judeu moderno, uma continuação da mentira mais antiga em sua tumultuada história, ou seja, de que os judeus são uma raça perseguida. Isso funcionou maravilhas para eles. Tem sido devastadoramente eficaz como uma espada de dois gumes. Foi demolida qualquer tentativa da Raça Branca de manter sua própria integridade racial, ou mesmo qualquer forma de nacionalismo. Por outro lado, fez dos judeus fanaticamente nacionalistas quando se trata de Israel, fanaticamente racistas quando se trata de sionismo ou da raça judia.

Judeus agora mais poderosos do que nunca.
Tão poderosa ferramenta tem essa depravada Mentira dos Seis Milhões, que não apenas os indivíduos, mas os governos das nações se acovardam diante dele, enquanto os judeus se encarregar, silenciando toda e qualquer oposição. Dr. Max Nussbaum, o ex-rabino chefe da comunidade judaica em Berlim, abertamente se gabava em 11 de abril de 1953, «a posição que o povo judeu ocupa no mundo de hoje, apesar de suas enormes perdas, é dez vezes mais forte do que era há 20 anos atrás.»

Ele está certo na metade de sua declaração. Eles não sofreram «enormes perdas», mas eles são dez vezes mais fortes do que eram antes daquele sangrento, fratricido holocausto, conhecido como Segunda Guerra Mundial, incitado e provocado pelos próprios judeus. Grande parte desta força aumentada que eles adquiriram foi graças a desprezível Mentira dos Seis Milhões.
Os corpos empilhados esqueléticos (extremamente magros) foram resultado de tifo. Tifo é uma doença que resultante de piolhos. Ela provoca diarreia grave, contínua, aguada e isso faz com emagrecimento ocorra muito rapidamente. É prevalente em lugares onde há muitas pessoas juntas, como em campos de concentração. Cadáveres normalmente incham por causa de gases naturais presos dentro dos pulmões e dos intestinos. Se os corpos foram «gaseificados», como os judeus afirmam, eles teriam inchado.

Além disso, muitos prisioneiros tiveram a cabeça raspada, que foi uma tentativa de salvar suas vidas, pois os piolhos eram epidémicos e vivem no cabelo de seus hospedeiros. Se estes eram «campos da morte», então por que se preocupar em tentar salvá-los? As pilhas de sapatos vistos foram o resultado de prisioneiros ganhando tamancos para manter seus pés em melhor forma e por ser mais higiénico.

No final da guerra, bombardeios aliados de ferrovias e outros meios de transporte impediram que alimentos chegassem aos presos e muitos morreram de fome, junto com a epidemia de tifo. Se olhares de perto e estiver a observar, vais ver que algumas presos eram, na realidade, não magro e esqueléticos, mas saudáveis no final da guerra. Alguns campos foram mais atingidos do que outros.

Stalin assassinou em massa milhões e milhões de homens inocentes, mulheres e crianças – russos, ucranianos e outros. Muitos dos assassinatos, como o que ocorreu em Katyn, foram atribuídos a Hitler, mas a verdade foi saindo. Houve um filme sobre Katyn e como Stalin ordenou isso. Na década de 1950 após a morte de Stalin, seus crimes eram tão horríveis que o premiê soviético Nikita Khrushchev, que o sucedeu, removeutirou o corpo de Stalin de uma área de alto perfil: «Quando Nikita se tornou o líder da União Soviética, ele começou algo que chamou de «desestalinização.»

No início de 1956, ele derrubou todos os cartazes e estátuas de Joseph Stalin. Além disso, mudou o túmulo de Stalin para um lugar onde as pessoas não podiam vê-lo, e enterrou-o a 10 pés.

Khrushchev refletiu sobre Stalin em suas memórias:
«Stalin chamou todos os que não concordavam com ele de «inimigos do povo.» Ele disse que queria restaurar a antiga ordem, e para essa finalidade, «os inimigos do povo», tinham se conectado com as forças da reação internacionalmente. Como resultado, centenas de milhares de pessoas honestas pereceram. Todo mundo vivia com medo naqueles dias. Todos esperavam que a qualquer momento haveria uma batida na porta no meio da noite e que batida na porta provaria-se ser fatal...»

«Até o final de 1955, milhares de presos políticos haviam retornado para casa, e contaram suas experiéncias dos campos de trabalho gulag. Continuando a investigação sobre os abusos trouxe para casa a amplitude dos crimes de Stalin a seus sucessores.»

Citações acima de artigos da Wikipédia sobre Josef Stalin e Nikita Khrushchev.

Claro, a maioria das pessoas não conhecem ou ouvir estas coisas e quantas partes do mundo sofreram terrivelmente sob o comunismo judaico (China hoje em dia é um exemplo flagrante, com suas fábricas de trabalho escravo... os trabalhadores chineses obter quase nada, os judeus americanos e outros fora da China que possuem as fábricas e empresas ali ancinho em trilhões de dólares). Os judeus estão muito ocupados bateria nesse falso holoco $ t nas mentes da população para ganhar a simpatia ea piedade e privilégios especiais, e o público em geral está distraído das atrocidades reais.

Leia sobre os campos de extermínio REAIS, TODOS OPERADOS E EXECUTADO POR JUDEUS:

Trabalho Escravo na Rússia soviética:
www.exposingcommunism.com/Slave%20Labor%20in%20Soviet%20Russia.pdf

O Gulag: Colónias Penais do Comunismo Revisitadas:
hr.org/jhr/v21/v21n1p39_michaels.html

ABAIXO SÃO LINKS QUE DÃO MUITAS PROVAS DE QUE O «HOLOCAUSTO» É UMA MENTIRA:

Auschwitz - As câmaras de gás são uma farsa: http://youtu.be/Pdiy1_22MaI

David Cole em Auschwitz – video 1 de 6: http://www.youtube.com/watch?v=KeMqWqdrfz4
Até mesmo um JUDEU admite e comprova que o «holocausto» é uma MENTIRA!

Aqui, internos judeus dos campos admitem que Auschwitz não era um campo de extermínio:
http://youtu.be/hspMyYOR4YE
Direito de suas bocas eles afirmam que foram tratados humanamente. Eles tinham orquestras, peças de teatro, cinemas, creches e escolas para os seus filhos e até mesmo jogos escolares.

Os adultos trabalhavam uma rotina normal de oito horas nas fábricas e escolas. Eles eram pagos e cartas eram autorizadas. Eles jogavam em times de futebol e ainda vinham equipes regionais para jogar nos campos. A quadra de esportes estava bem ao lado das alegadas «câmaras de gás». Lá também havia bordéis e piscinas para os detentos.

Negação do Holocausto Vídeos: 9 horas de vídeos gratuitos de internet provando o holocausto é uma farsa:
ww.onethirdoftheholocaust.com

Link para e-books grátis em PDF que provam que o «Holocausto» NUNCA ACONTECEU:
www.jewwatch.com/jew-ebooks-free-dowloads.htm

Em português: aaargh.codoh.com/port/port.html

Freies Herunterladen von Büchern Deutschsprachiges Material: vho.org/dl/DEU.html

O Institute for Historical Review também tem muitos artigos altamente informativos sobre a verdade sobre o que realmente aconteceu na Segunda Guerra Mundial: www.ihr.org

Quanto Israel custa ao contribuinte americano

Aqui está outro trecho de um artigo. Isto é, além dos milhões e milhões de dólares que a comunidade judaica tem coagidos a Alemanha a pagar por conta do falso holocu$ to.

De acordo com um artigo recente no New York Times, os contribuintes americanos deram mais de 77 mil milhões de dólares para a nação judia de Israel desde 1967. Esse enorme programa de doação do governo americano, na verdade, equivale a cerca de 16.500 dólares por cada judeu (homem, mulher e criança) na nação. Grande parte desse dinheiro vem como resultado das actividades de Comitê Americano Israelita de Assuntos Públicos, que é o maior dos 80 grupos de pressão judaicos ímpares em Washington.

Esses grupos de pressão estiverem interessados em obter deputados e senadores eleitos que continuarão com a posição de Israel como nação favorecida no Governo dos EUA. Por exemplo, presentes para os potenciais candidatos para as eleições de 1989-1990, atingiram 8 milhões de dólares, de acordo com relatórios da Comissão Federal de Eleições. Como resultado desses subornos, Israel tem sido bem sucedida na obtenção de aproximadamente 10 mil milhões de dólares em ajuda no ano passado. O governo dos EUA não tem praticamente nada a dizer sobre a forma como este dinheiro é gasto. Qualquer tentativa de monitorar as doações em dinheiro é tomada como um insulto pelo governo israelita, que afirma que, como nação soberana, devemos manter nossas mãos fora de seus assuntos internos. Nossas mãos têm um único propósito: dar-lhes mais dinheiro.

Este pequeno país de apenas quatro milhões de pessoas recebe apenas um terço da nossa ajuda externa, e ao mesmo tempo ajuda externa é, na verdade, diminuindo para alguns da América Central e os países africanos, a ajuda de Israel está em ascensão constante. O gráfico acima mostra a quantidade de ajuda militar e económica que tem sido dado a Israel desde que Israel foi esculpido em terras árabes, em 1948. As seções mostradas em preto são os empréstimos e as seções mostradas em branco estão presentes. O gráfico não listar outros tipos de ajuda externa, como ajuda para transporte, educação, serviços de saúde etc

EUA ajuda financeira a Israel - Números, Factos e Impacto
Relatório de Washington sobre assuntos do Oriente Médio
RMEA.com

Resumo:

- Benefícios para Israel da ajuda dos EUA desde 1949 (à partir de 01 de novembro de 1997)
- Concede uma ajuda externa e os empréstimos 74.157.600.000 dólares
- Outros Ajuda dos EUA (12,2% da ajuda externa) 9.047.227.200 dólares
- Interesse para Israel a partir de Pagamentos Avançados 1.650 milhões de dólares americanos
- Total geral 84.854.827.200 dólares
- Total de benefícios por israelita: 14.630 dólares
- Custo para os contribuintes da ajuda dos EUA para Israel dos EUA
- Total geral 84.854.827.200 dólares
- Despesas com juros suportadas pelos EUA 49.936.680 dólares
- Custo total para os contribuintes dos EUA 134.791.507.200 dólares
- Custo total por israelita: 23,240 dólares

As funções estratégicas da ajuda dos EUA a Israel
Por Stephen Zunes

Dr. Zunes é professor assistente do Departamento de Política da Universidade de San Francisco.

Desde 1992, os EUA ofereceram a Israel um adicional de 2 mil milhões de dólares por ano em garantias de empréstimo. Pesquisadores do Congresso revelaram que entre 1974 e 1989, 16.400 milhões dólares americanos em empréstimos militares norte-americanos foram convertidos em subsídios e que esse foi o entendimento desde o início. Na verdade, todos os últimos empréstimos dos EUA para Israel foram finalmente perdoados pelo Congresso, o que sem dúvida, ajudou a sempre elogiada alegação de Israel, de que eles nunca optaram em um empréstimo do governo dos EUA. A política dos EUA desde 1984, tem sido de que a ajuda económica para Israel deve ser igual ou superior à amortização anual da dívida de Israel para os Estados Unidos. Ao contrário de outros países, que recebem ajuda em parcelas trimestrais, a ajuda para Israel a partir de 1982 foi dada em uma única parcela, no início do ano fiscal, deixando o governo dos EUA emprestar a partir de receitas futuras. Israel ainda empresta algum deste dinheiro de volta através de títulos do Tesouro dos EUA, e recolhe o interesse adicional.

Além disso, há mais de 1,5 mil milhões de dólares em fundos privados norte-americanos que vão para Israel anualmente sob a forma de mil milhões em doações dedutíveis privadas e 500 milhões em bónus israelitas. A capacidade dos americanos para fazer o que equivale a contribuições dedutíveis de impostos para um governo estrangeiro, tornada possível através de uma série de instituições de caridade judaicas, não existe em qualquer outro país. Nem estes incluem empréstimos comerciais de curto e longo prazo de bancos norte-americanos, que têm sido tão altos quanto mil milhões anuais nos últimos anos.

A ajuda total dos EUA a Israel é de aproximadamente um terço do orçamento de ajuda externa americana, apesar de Israel compreende apenas 0,001 por cento da população do mundo e já ter ums das maiores rendas per capita do mundo. Na verdade, o PNB de Israel é maior do que o PIB combinado de Egipto, Líbano, Síria, Jordânia, Cisjordânia e Gaza. Com uma renda per capita de cerca de 14.000 dólares, Israel está classifico como o sexto país mais rico do mundo. Israelitas desfrutam de uma renda per capita maior do que a rica em petróleo Arábia Saudita, e só são ligeiramente menos confortáveis do que a maioria dos países da Europa Ocidental.

ASSISTÉNCIA não é um termo para assisténcia económica para Israel como uma ajuda ao desenvolvimento, mas em vez disso, usam o termo «financiamento de apoio económico». Dada a relativa prosperidade de Israel, a ajuda dos EUA para Israel está se tornando cada vez mais controversa. Em 1994, Yossi Beilen, vice-ministro das Relações Exteriores de Israel, e membro do Knesset, disse à Organização Internacional Sionista das Mulheres: «Se a nossa situação económica é melhor do que em muitos de seus países, como podemos continuar pedindo a sua caridade?»

Ajuda dos EUA a Israel: O que o contribuinte norteamericano deve saber
Por Tom Malthaner

Esta manhã, eu estava a andar na Rua Shuhada, em Hebron. Vi grafites a marcar as fachadas e toldos recém-pintados. Embora três meses de cronograma passaram e 100 por cento em relação ao orçamento, a renovação da Rua Shuhada foi finalmente concluída esta semana. O gerente do projecto disse que a razão para o atraso e os custos excedentes foi a sabotagem do projecto pelos colonos israelitas do complexo do assentamento Beit Hadassah, em Hebron. Eles quebraram as luzes da rua, trabalhadores de projectos foram apedrejados, dispararam nas janelas de escavadeiras e outros equipamentos pesados com armas de bolinhas, quebraram pedras de pavimentação antes de serem colocados e agora têm desfigurado novamente as casas e lojas de palestinos com graffiti. Os colonos não queriam a Rua Shuhada aberta ao tráfego palestinom como foi o cordo em Oslo 2. Este projecto de reforma é pago pelos fundos da USAID, e isso me deixa com raiva, pois meus impostos pagaram para as melhorias que foram destruídas pelos colonos.

A maioria dos americanos não estão cientes de quanto de sua receita tributária nosso governo envia para Israel. Para o ano fiscal que termina em 30 de setembro de 1997, os EUA deram a Israel 6.720 milhões de dólares: 6.194 milhões caem sob atribuição da ajuda externa à Israel e 526 milhões vem de órgãos como o Departamento de Comércio, a Agéncia de Informação dos EUA e o Pentágono. O valor 6.720 milhões de dólares não incluem garantias de empréstimos e juros compostos anuais, totalizando 3.122 milhões de dólares que os EUA pagam com dinheiro emprestado para dar a Israel. Isso não inclui o custo para os contribuintes isentos de IRS dos EUA, que os doadores podem reclamar quando doar dinheiro para instituições de caridade israelitas (os doadores alegam aproximadamente mil milhões em deduções fiscais federais anualmente. Esta última análise, custa a outros contribuintes 280 milhões para 390 milhões de dólares).

Quando subvenção, empréstimos, juros e deduções fiscais são somados para o ano fiscal que termina em 30 de setembro de 1997, o nosso relacionamento especial com Israel custou aos contribuintes americanos mais de 10 mil milhões de dólares.

Desde 1949, os EUA deram a Israel um total de 83.205 milhões de dólares. Os custos com juros suportados pelos contribuintes dos EUA em nome de Israel são de 49.937 milhões de dólares, tornando assim, o montante total da ajuda dada a Israel desde 1949 de 133.132 mil milhões de dólares. Isso pode significar que o governo dos EUA tem dado mais ajuda federal para o cidadão comum israelita em um determinado ano do que tem dado ao cidadão americano médio.

Eu estou com raiva quando vejo colonos israelitas de Hebron destruírem melhorias introduzidas na Rua Shuhadat feitas com o meu dinheiro de impostos. Além disso, me irrita que o meu governo está a dar mais de 10 mil milhões para um país que está mais próspero do que a maioria dos outros países do mundo, e usa muito de seu dinheiro para fortalecer suas forças armadas e a opressão do povo palestino.

Ajuda dos EUA a Israel: Interpretando a «relação estratégica»
Por Stephen Zunes

«A relação de ajuda dos EUA com Israel é diferente de qualquer outra no mundo», disse Stephen Zunes durante a apresentação da CPAP em 26 de janeiro. «Em grande volume, a quantidade é o programa de ajuda externa mais generoso que já houve entre os dois países», acrescentou Zunes, professor associado de Política e presidente do Programa de Estudos de Justiça e Paz da Universidade de San Francisco.

Ele explorou o raciocínio estratégico por trás da máquina, afirmando que ele se assemelha as «necessidades dos exportadores de armas americanas» e o papel que «Israel poderia desempenhar no avanço dos interesses estratégicos dos EUA na região».

Embora Israel seja um «país avançado, industrializado, tecnologicamente sofisticada», ele «recebe mais ajuda dos EUA per capita por ano do que o total anual (Produto Interno Bruto) per capita de vários países árabes». Aproximadamente um terço de todo o orçamento de ajuda externa dos EUA vai para Israel, «apesar de Israel compreender apenas um milésimo do total da população do mundo, e já ter uma das maiores rendas per capita do mundo».

Funcionários do governo dos EUA argumentam que o dinheiro é necessário por razões «morais», alguns dizem mesmo que Israel é uma «democracia lutando por sua própria sobrevivéncia». Se fosse esse o verdadeiro motivo, no entanto, a ajuda deveria ter sido maior durante os primeiros anos de Israel, e teria sido recusada quando Israel ficou mais forte. No entanto, «o padrão... foi exactamente o oposto». De acordo com Zunes, «99 por cento de toda a ajuda dos EUA a Israel ocorreu após a guerra de junho de 1967, quando Israel encontrava-se mais poderosa do que qualquer combinação de exércitos árabes...»

Os EUA apoiam o domínio de Israel para que ele possa servir como «um substituto para os interesses americanos na região estratégica vital». «Israel tem ajudado a derrotar os movimentos nacionalistas radicais» e tem sido um «campo de testes para armas de fabricação norteamerica».

Além disso, as agéncias de inteligéncia dos dois países têm «colaborado» e «Israel tem canalizado armas americanas a países terceiros dos quais os EUA não (podiam) enviar armas diretamente... Como a África do Sul, como os Contras, Guatemala sob o regime militar e o Irã». Zunes citou um analista israelita que disse: «É como Israel acabasse de se tornar outra agéncia federal quando é conveniente de usar e tu queres algo feito em siléncio.» Embora a relação estratégica entre Estados Unidos e o Golfo dos Estados Árabes na região tem vindo a reforçar nos últimos anos, esses Estados «não têm a estabilidade política, a sofisticação tecnológica, (ou) o número de pessoal das forças armadas mais treinados», como Israel tem.

Matti Peled, ex-major-general israelita e membro do Knesset, disse a Zunes que ele e a maioria dos generais israelitas acreditam que essa ajuda é «pouco mais do que um subsídio americano aos fabricantes de armas dos EUA», considerando que a maior parte da ajuda militar a Israel é usada para comprar armas dos EUA. Além disso, armas para Israel criam mais demanda por armamento nos países árabes. De acordo com Zunes, «os israelitas anunciaram em 1991 que apoiaram a ideia de um congelamento de transferéncias de armas ao Oriente Médio, mas nos Estados Unidos rejeitaram».

No outono de 1993, quando muitos tinham grandes esperanças para a paz, 78 senadores escreveram para o ex-presidente Bill Clinton insistir que a ajuda a Israel permaneceria «nos níveis atuais». Seu «único motivo» era a «contratação massiva de armas sofisticadas por parte dos Estados árabes». A carta esqueceu de mencionar que 80 por cento destas armas para países árabes vieram dos EUA.

«Eu não estou a negar por nehum momento o poder do AIPAC (Comitê Americano de Assuntos Públicos de Israel), o lobby pró-Israel», e outros grupos semelhantes, disse Zunes. No entanto, o «Aerospace Industry Association, que promove estes carregamentos de armas enormes... é ainda mais influente».

Esta associação foi dada duas vezes mais dinheiro para campanhas do que todos os grupos de pró-Israel combinadas. Sua «força em Capitol Hill, em termos de pressão, supera até mesmo AIPAC». Zunes afirmou que a «orientação geral da política dos EUA seria praticamente a mesma, mesmo se o AIPAC não existisse». Nós não precisamos de um lobby pró-Indonésia para apoiar a Indonésia.

«Um número crescente de israelitas estão a apontar» que esses fundos não são do interesse de Israel. Citando Peled, Zunes disse: «essa ajuda empurra Israel em direcção a uma postura de intransigéncia indiferente» em termos do processo de paz. «Além disso, para cada dólar que os EUA enviam em ajuda de armas, Israel deve gastar 2-3 dólares para treinar pessoas para usar as armas, comprar peças e outras maneiras fazer uso da ajuda. Mesmo «economistas israelitas tradicionais estão a dizer (que) é muito prejudicial para o futuro do país».

O jornal israelita Yediot Aharonot, descreveu Israel como «‹mensageiro do padrinho» desde que (Israel) comprometem-se em fazer o «trabalho sujo» de um padrinho que «sempre tenta parece ser o dono de algum negócio grande, respeitável». O humorista israelita B. Michael se refere à ajuda dos EUA desta forma: «Meu dono me dá o que comer e eu mordo aqueles a quem ele diz-me para morder. Isso se chama cooperação estratégica». Para contestar esta relação estratégica, não se pode concentrar apenas no lobby israelita, mas também deve examinar essas «forças mais amplas também». «Enquanto não resolver esta questão de frente», isso será «muito difícil de vencer», em outras áreas relacionadas com a Palestina.
«Os resultados» do pensamento de curto prazo por trás da política dos EUA «são trágicos», não apenas para as «vítimas imediatas», mas «eventualmente, (para) Israel» e «os interesses americanos na região». Os EUA estão a enviar enormes quantidades de ajuda para o Oriente Médio, e ainda «que estejamos menos seguros do que nunca», tanto em termos de interesses norte-americanos no exterior e para os americanos individuais. Zunes se refere a uma «hostilidade crescente e aumento (da) média árabe em relação aos Estados Unidos». À longo prazo, afirmou Zunes, «paz, estabilidade e cooperação com o vasto mundo árabe é muito mais importante para os interesses dos EUA que essa aliança com Israel».

Este não é apenas um problema para aqueles que estão a trabalhar para os direitos dos palestinos, mas também «põe em risco toda a agenda de todos aqueles preocupados com os direitos humanos, preocupados com o controlo de armas, preocupado com a lei internacional». Zunes vê um potencial significativo em «construir um movimento amplo em torno dele».

O texto acima é baseado em observações entregues. 26 de janeiro de 2001 por Stephen Zunes – Professor Associado de Política e presidente do Programa de Estudos de Paz e Justiça na Universidade de San Francisco.

O custo de Israel para os contribuintes dos EUA:
As verdadeiras mentiras sobre a ajuda dos EUA a Israel
Por Richard H. Curtiss

Durante muitos anos, os media americanos disseram que «Israel recebe 1,8 mil milhões de dólares em ajuda militar», ou que «Israel recebe 1,2 mil milhões de dólares em ajuda económica». Ambas as declarações eram verdadeiras, mas uma vez que nunca foram combinadas para dar-nos o total da ajuda anual dos EUA para Israel, eles também eram mentiras – verdadeiras mentiras.

Recentemente os americanos começaram a ler e ouvir que «Israel recebe 3 mil milhões de dólares em ajuda anual dos EUA estrangeira». Isso é verdade. Mas ainda é uma mentira. O problema é que, no ano fiscal de 1997, Israel recebeu a partir de uma variedade de outros orçamentos federais dos Estados Unidos, pelo menos 525,8 milhões, e além de seus 3 mil milhões em orçamento de ajuda externa, e ainda outros 2 mil milhões em garantias de empréstimos federais. Assim, o total de completa de bolsas dos Estados Unidos e de garantias de empréstimo para Israel para o ano fiscal 1997 foi de 5.525.800 dólares.

Pode-se verdadeiramente culpar os media por nunca revelarem estes números por si mesmos, pois nenhum deles o fêz. Eles foram compilados pelo Relatório de Washington em assuntos do Oriente Médio. Mas os grandes media certamente não estão sozinhos. Embora o Congresso autorize a total ajuda externa dos Estados Unidos, o facto de que mais de um terço do que vai a um país menor em área e população que Hong Kong, provavelmente, nunca foi mencionado no plenário do Senado ou na Câmara. No entanto, está a acontecer há mais de uma geração.

Provavelmente os únicos membros do Congresso que sequer suspeitam do total de fundos norteamericanos recebidos por Israel a cada ano são os poucos privilegiados membros do comitê que realmente o marcam. E quase todos os membros das comissões competentes são judeus, tomaram enormes doações de campanha orquestrada por Israel de Washington, DC lobby, o Comitê Americano de Assuntos Públicos de Israel (AIPAC), ou ambos. Estes membros do comitê do Congresso são pagos para agir, não para falar. Então, o que fazem e não fazem.

O mesmo se aplica ao presidente, o secretário de Estado, e o administrador de ajuda externa. Todos eles apresentam um orçamento que inclui ajuda para Israel, que o Congresso aprova ou aumenta, mas nunca corta. Mas ninguém no ramo executivo menciona que dos poucos receptores de ajuda dos EUA restantes em todo o mundo, todos os outros são os países em desenvolvimento que querem tornar suas bases militares disponíveis para os EUA, são membros-chave de alianças internacionais em que os EUA participam, ou sofreram algum golpe devastador da natureza às suas habilidades para alimentar seu povo, como terremotos, inundações ou secas.

Israel, cujos problemas surgem apenas da sua vontade de dar de volta terras que tomou na guerra de 1967 em troca da paz com os seus vizinhos, não se encaixa nestes critérios. Na verdade, em 1995, o produto interno bruto per capita doméstico de Israel foi de 15.800 dólares. Que colocá-o abaixo da Grã-Bretanha em $ 19.500,00 e Itália em $ 18.700,00 e um pouco acima da Irlanda em $ 15.400,00 e a Espanha em $ 14.300,00. Todos os quatro países europeus têm contribuído em grande parte dos imigrantes para os EUA, mas nenhum organizou um grupo étnico para fazer pressão na ajuda externa dos EUA. Em vez disso, os quatro enviaram fundos e de voluntários para fazer o desenvolvimento económico e de de emergéncia em outras partes menos favorecidas do mundo.

O lobby que Israel e seus defensores nos Estados Unidos para fazer toda esta ajuda acontecer, e para proibir a discussão disso no diálogo nacional, vai muito além do AIPAC, com seu orçamento de 15 milhões de dólares, seus 150 funcionários, e seus cinco ou seis lobistas registrados que conseguem visitar todos os membros do Congresso, individualmente, uma ou duas vezes por ano. AIPAC, por sua vez, pode recorrer aos recursos da Conferéncia de Presidentes das Principais Organizações Judaicas Americanas, um grupo telhado criado

exclusivamente para coordenar os esforços de 52 organizações judaicas nacionais em nome de Israel.
Entre eles estão Hadassah, a organização sionista de mulheres, que organiza um fluxo constante de visitantes judeus americanos a Israel, o Congresso Judaico Americano, que mobiliza apoio a Israel entre os membros da tradicional centro-esquerda judaica, e do Comitê Judaico Americano, que desempenha o mesmo papel dentro do crescente meio e da comunidade judaica de centro-direita. O Comitê Judaico Americano também publica o Commentary, uma das principais publicações nacionais do lobby de Israel. Talvez o mais controverso destes grupos seja a Liga Anti-Difamação (ADL) da B›nai B›rith. Sua finalidade original é altamente louvável, o de proteger os direitos civis dos judeus americanos. Ao longo da última geração, no entanto, a ADL regrediu a um grupo conspiratório, e com um orçamento de 45 milhões, um extremamente bem financiado grupo de ódio.

Na década de 1980, durante o mandato do presidente Seymour Reich, que se tornou presidente da Conferéncia dos Presidentes, a ADL foi flagrada a circular duas cartas de angariação de fundos anuais a alertar pais judeus contra as influéncias supostamente negativas sobre seus filhos, decorrente da crescente presença árabe nos campi universitários americanos.

Mais recentemente, os ataques do FBI aos escritórios da ADL de Los Angeles e São Francisco, revelaram que um agente da ADL tinha comprado ficheiros roubados do departamento de polícia de São Francisco, do qual um tribunal tinha ordenado destruir porque violou os direitos civis dos indivíduos em quem haviam sido compilados. A ADL, como se mostrou, tinha adicionado o material preparado e obtido ilegalmente aos seus próprios ficheiros secretos, compilados pelo plantio de informantes entre americanos árabes, afro-americanos, antiapartheid, e grupos de paz e justiça.

Os infiltrados da ADL anotaram os nomes e observações de locutores e membros do público em programas organizados por esses grupos. Agentes da ADL até gravaram as placas de pessoas que assistam a esses programas e, em seguida, subornou funcionários do departamento de veículos motorizados corruptos ou policiais renegados para identificar os proprietários. Embora um dos principais criminosos tivesse fugido dos Estados Unidos para escapar à repressão, nenhuma penalidade significativa foi avaliada. O escritório da ADL no Norte da Califórnia foi condenado a cumprir com os pedidos por pessoas a quem dossiês haviam sido preparados para ver seus próprios ficheiros, mas ninguém foi preso e ainda ninguém pagou as multas.

Não surpreendentemente, um funcionário desertor revelou em um artigo que ele publicou no Relatório de Washington em assuntos do Oriente Médio que o AIPAC, também tem esses ficheiros «inimigos». Eles são compilados para uso por jornalistas pró-Israel como Steven Emerson e outros chamados «especialistas em terrorismo», e também por profissionais, académicos ou jornalistas rivais das pessoas descritas para uso em perfil negro, difamação ou denuncia. O que nunca é revelado é que o departamento de «pesquisa da oposição» do AIPAC, sob a supervisão de Michael Lewis, filho do famoso orientalista Bernard Lewis da Universidade de Princeton, é a fonte deste material difamatório. Mas esta não é a actividade mais controversa do AIPAC. Na década de 1970, quando o Congresso colocou um limite na quantidade que seus membros poderiam ganhar de honorários e royalties sobre e acima dos seus salários, ele parou diante das maneiras mais eficazes do AIPAC de pagar membros para votar de acordo com as recomendações este. Os membros do conselho nacional de diretores do AIPAC resolveram o problema, retornando para seus estados de origem e criando comitês de acção política (PACs).

Interesses mais especiais têm os PACs, assim como muitas grandes corporações, sindicatos, associações e grupos de interesse público. Mas os grupos pró-Israel foram à loucura. Até o momento, cerca de PACs 126 pro-Israel foram registrados, e nada menos do que 50 têm atuado em todas as eleições nacionais em relação à geração passada.

Um eleitor indivídual pode dar até $ 2.000 para um candidato em um ciclo eleitoral, e um PAC pode dar a um candidato até $ 10.000. No entanto, um único interesse especial com 50 PACs pode dar um candidato que está a enfrentar um adversário difícil, e que votou de acordo com suas recomendações, até meio milhão de dólares. Isso é suficiente para comprar todo o tempo de televisão necessário para ser eleito na maior parte do país.

Mesmo os candidatos que não precisam desse tipo de dinheiro certamente não querem que ele torne-se disponível para um rival de seu próprio partido em uma eleição primária, ou a um adversário da parte contrária em uma eleição geral. Como resultado, todos, menos um punhado de 535 membros do Senado e da Câmara votam como a AIPAC instrui quando se trata de ajudar Israel ou outros aspectos da política do Oriente Médio dos EUA.

Há outra coisa muito especial sobre a rede de comitês de acção política do AIPAC. Quase todos têm nomes enganosos. Quem poderia saber que o Associação Vale de Delaware para Bom Governo, na Filadélfia, San Franciscanos para Bom Governo, na Califórnia, Cactus PAC no Arizona, Castor PAC em Wisconsin, e até mesmo Pac-gelo em Nova Iorque são realmente PACs pró-Israel disfarsados?

Escondendo a Trilha do AIPAC:
De facto, os congressistas sabem disso quando listam as contribuições que recebem sobre as declarações de campanha, eles têm de se preparar para Comissão Eleitoral Federal. Mas seus eleitores não sabem disso quando leem estas declarações. Assim como nenhum outro interesse especial pode colocar muito «dinheiro difícil» em campanha eleitoral de qualquer candidato, como pode o lobby de Israel, nenhum outro interesse especial tem ido tão longe a elaborar para esconder seus rastros.

Embora o AIPAC, o mais temido lobby de interesse especial de Washington, possa esconder como ele usa as duas cenouras e paus para subornar ou intimidar os membros do Congresso, não pode ocultar todos os seus rastros.

Qualquer pessoa pode pedir a um de seus representantes no Congresso para um gráfico elaborado pelo Serviço de Pesquisa do Congresso, um ramo da Library of Congress, que mostra que Israel recebeu 62.500 milhões de dólares em ajuda externa dos anos fiscais de 1949 a 1996.

As pessoas na área da capital nacional também podem visitar a biblioteca da Agéncia dos EUA para o Desenvolvimento Internacional (USAID), em Rosslyn, Virgínia, e obter a mesma informação, além de gráficos a mostrar quanta ajuda externa os EUA deram a outros países também.

Os visitantes vão aprender que precisamente no mesmo período de 1949-1996, o total da ajuda externa dos EUA para todos os países da África Subsaariana, América Latina e no Caribe foi combinado $ 62.497.800.000,00 – quase exactamente a quantidade dada ao pequeno Israel.

De acordo com o Population Reference Bureau de Washington, DC, em meados de 1995, os países da África subsaariana tiveram uma população total de 568 milhões. Os 24.415.700.000 dólares em ajuda externa que haviam recebido até então foram de 42,99 dólares por africano sub-saariano.

Da mesma forma, com uma população combinada de 486 milhões, todos os países da América Latina e do Caribe juntos haviam recebido $ 38.254.400.000. Este valor corresponde a 79 dólares por pessoa.

A ajuda estrangeira dos EUA para 5,8 milhões de pessoas de Israel durante o mesmo período foi de $ 10,775.48 per capita. Isso significava que, para cada dólar que os EUA gastaram com um africano, gastaram $ 250,65 para um israelita, e para cada dólar gasto em alguém do Hemisfério Ocidental fora dos Estados Unidos, que gastaram $ 214 em um israelita.

Comparações chocantes:
Estas comparações já parecem chocantes, mas elas estão longe de toda a verdade. Usando relatórios compilados pela Clyde Mark do Serviço de Pesquisa do Congresso e de outras fontes, o escritor independente Frank Collins computou para o Washington Report, todos os itens extras para Israel enterrados nos orçamentos do Pentágono e outras agéncias federais no ano 1993. O editor do Washington Report, Shawn Twing, fez a mesma coisa para os anos fiscais de 1996 e 1997.

Eles descobriram 1.271 mil milhões de dólares em extras no ano fiscal de 1993, a 355,3 milhões de dólares no ano fiscal de 1996 e 525,8 milhões de dólares no ano fiscal de 1997. Estes representam um aumento médio de 12,2 % sobre o total de ajuda externa oficialmente registrado no mesmo ano fiscal, e eles provavelmente não estão completos. É razoável supor, portanto, que um percentual semelhante de 12,2 % encobertos prevaleceu sobre todos os anos que Israel recebeu ajuda.

A partir de 31 de outubro de 1997, Israel recebeu 3,05 mil mihlões de dólares em ajuda externa dos EUA para o ano fiscal de 1997 e 3,08 mil mihlões de dólares em ajuda externa para o ano fiscal de 1998. Adicionando os totais de 1997 e 1998 aos de anos anteriores desde 1949 produziu um total de 74.157.600.000 dólares em doações de ajuda externa e empréstimos. Supondo-se que os totais reais de outros orçamentos em média 12,2 % deste montante, que traz o total de $ 83.204.827.200. Mas isso não é tudo. Recebendo sua apropriação anual de ajuda externa durante o primeiro mês do ano fiscal, em vez de parcelas trimestrais como fazem outros destinatários, é apenas mais um privilégio especial que o Congresso votou para Israel. Ele permite que Israel invista o dinheiro em notas do Tesouro americano. Isso significa que os EUA, que tem que pedir emprestado o dinheiro que dá para Israel, paga juros sobre o dinheiro que concedeu a Israel com antecedéncia, ao mesmo tempo em que Israel está a recolher juros sobre o dinheiro. Esse interesse para Israel a partir de adiantamentos acrescenta outros 1,650 mil milhões de dólares em relação ao total, tornando 84.854.827.200 de dólares. Este é o número que tu deves escrever para o total da ajuda a Israel. E isso é $ 14.346 cada para cada homem, mulher e criança em Israel.

É importante notar que esse número não inclui garantias de empréstimos do governo dos EUA para Israel, do qual Israel tem atraído 9,8 mil milhões de dólares até o momento. Eles reduzem significativamente a taxa de juros que o governo israelita paga sobre os empréstimos

comerciais, e eles colocam encargos adicionais para os contribuintes norte-americanos, especialmente se o governo israelita deve usar como padrão em qualquer um deles.
Mas uma vez que nem as economias para Israel, nem os custos para os contribuintes dos EUA podem ser quantificados com precisão, eles são excluídos da consideração aqui. Além disso, os amigos de Israel nunca se cansam de dizer que Israel nunca foi obrigado a reembolsar um empréstimo do governo dos EUA. Seria igualmente correcto dizer que Israel nunca foi obrigado a reembolsar um empréstimo do governo dos EUA. A verdade da questão é complexa, e projetada para ser assim por aqueles que procuram escondê-la do contribuinte norte-americano.

A maioria dos empréstimos dos EUA para Israel são perdoados, e muitos foram feitos com o entendimento explícito de que eles seriam perdoados antes que Israel tenha sido obrigado a reembolsá-los. Disfarçando-os como empréstimos que na verdade eram donativos, os membros cooperantes do Congresso isentaram Israel da supervisão dos EUA que teria acompanhado as subvenções. Em outros empréstimos, era esperado Israel pagar os juros e, eventualmente, começar a pagar o principal. Mas a chamada Emenda Cranston, que foi anexada pelo Congresso a cada apropriação de ajuda externa desde 1983, prevê que a ajuda económica a Israel nunca vai mergulhar abaixo do valor que Israel é obrigado a pagar em seus empréstimos. Em suma, se a ajuda dos EUA é estendida como subsídios ou empréstimos a Israel, ela nunca retorna para o Tesouro.

Israel goza de outros privilégios. Embora se preveja que a maioria dos países que recebem fundos de ajuda militar dos EUA para usá-los para os braços dos Estados Unidos, munição e treinamento, Israel pode gastar parte desses recursos em armas feitas pelos fabricantes israelitas. Além disso, quando se gasta o seu dinheiro da ajuda militar dos EUA sobre produtos dos EUA, Israel exige frequentemente que o fornecedor dos EUA compre componentes ou materiais de fabricantes israelitas. Assim, embora os políticos israelitas digam que seus próprios fabricantes e exportadores estejam tornando-se cada vez menos dependentes da ajuda dos EUA, na verdade os fabricantes e exportadores israelitas são fortemente subsidiados por ajuda americana.

Embora seja além dos parâmetros deste estudo, vale a pena mencionar que Israel também recebe ajuda externa de alguns outros países. Depois dos Estados Unidos, o principal doador de tanto ajuda económica e militar a Israel é a Alemanha. De longe, o maior componente da ajuda alemã tem sido na forma de pagamentos de restituição às vítimas das «atrocidades nazis». Mas também houve uma intensificação da assisténcia militar alemã para Israel durante e depois da guerra do Golfo, e uma variedade de bolsas de estudo e educacionais alemãs vão para instituições israelitas. O total do contributo alemão em todas estas categorias para o governo israelita, os indivíduos israelitas e instituições privadas israelitas tiveram 31 mil milhões de dólares ou 5.345 dólares per capita, elevando o total de assisténcia per capita dos EUA e da Alemanha combinados para quase $ 20.000 por israelita. Pelo facto de muito pouco dinheiro público ser gasto em mais de 20 % dos cidadãos israelitas que são muçulmanos ou cristãos, os reais benefícios per capita recebidos pelos cidadãos judeus de Israel seriam consideravelmente maiores.

Verdadeiro custo para os contribuintes dos EUA:
Generoso como é, o que os israelitas realmente recebem em ajuda dos EUA é consideravelmente menor do que o que custou aos contribuintes norte-americanos para fornecê-lo. A principal diferença é que, enquanto os EUA têm um déficit orçamentário anual,

cada dólar de ajuda que os EUA dão para Israel tem de ser levantados por meio de empréstimos do governo dos EUA.

Em um artigo no Washington Report de dezembro 1991 a janeiro 1992, Frank Collins estimou os custos desta participação, com base em taxas de juros vigentes para cada ano desde 1949. Eu actualizei isso aplicando uma taxa bem conservadora de 5 % de juros por para os anos seguintes, e confinada a quantia sobre a qual os juros são calculados de doações, não de empréstimos ou garantias de empréstimos. Nesta base, os 84.8 mil milhões de dólares em subsídios, empréstimos e commodities que Israel recebeu dos EUA desde 1949, custa aos EUA um adicional de $ 49.936.880.000 em juros.

Há muitos outros custos de Israel para os contribuintes dos EUA, como a maioria ou todos os 45,6 mil milhões de dólares na ajuda externa dos EUA para o Egipto desde que o Egipto fez um acordo de paz com Israel em 1979 (em comparação aos $ 4,2 mil milhões em ajuda dos EUA ao Egipto, nos últimos 26 anos). A ajuda externa dos EUA para o Egipto, que está atrelada a dois terços da ajuda externa dos EUA para Israel, em média 2,2 mil milhões de dólares por ano.

Houve também os custos políticos e militares imensos para os EUA para o apoio consistente de Israel durante o meio século de Israel em conflitos com os palestinos e todos os seus vizinhos árabes. Além disso, houve aproximadamente $ 10 mil milhões em garantias de empréstimo dos EUA e talvez $ 20 mil milhões em contribuições isentas de impostos feitas a Israel por judeus norte-americanos no quase meio século desde que Israel foi criado.

Mesmo excluindo todos esses custos adicionais, a ajuda americana de 84,8 mil milhões dólares para Israel a partir dos anos fiscais de 1949 a 1998, e os juros que os EUA pagam para emprestar este dinheiro, já custaram aos contribuintes americanos 134,8 mil milhões de dólares não ajustados pela inflação. Ou, dito de outra forma, cerca de $ 14,630 que cada um dos 5,8 milhão de israelitas receberam do governo dos EUA em 31 de outubro de 1997, custou aos contribuintes americanos 23.240 dólares por israelita.

Seria interessante saber quantos desses contribuintes norte-americanos acreditam que eles e suas famílias receberam tanto do Tesouro dos EUA, como qualquer um que escolheu se tornar um cidadão israelita. Mas é uma questão que nunca vai ocorrer para o público americano, porque, enquanto os grandes media americanos, o Congresso e o presidente mantenham seu pacto de siléncio, poucos americanos ao menos saberão o verdadeiro custo de Israel para os contribuintes dos EUA.

Richard Curtiss, um oficial aposentado do serviço externo dos EUA, é o editor executivo do Washington Report em assuntos do Oriente Médio.

Os artigos acima foram tirados do Rense.com
http://www.rense.com/general31/rege.htm

Judeus Foram os Responsáveis Pelo Tráfico de Escravos Africanos

Por Walter White Jr., 1968, artigo original em inglês na Radio Islam

O artigo a seguir é definitivamente digno de se ler. É CLARO QUE SOMOS TOTALMENTE CONTRA O ISLAMISMO, pois este é outro programa judaico e aqueles que sem saber, são dedicados a essa mentira, estão sob o controlo psíquico dos judeus, não diferentemente dos cristãos. Mas o artigo a seguir é digno de se ler. Os judeus são os únicos que deveriam pagar reparações das quais eles podem muito bem pagar:

Quem trouxe os escravos para a América?
Por Walter White Jr., 1968

A história dos escravos na América começa com Cristóvão Colombo. Sua viagem para a América não foi financiado pela rainha Isabel, mas por Luis de Santangelo, que avançou a soma de 17.000 ducados (cerca de 5000 pounds – hoje igual a 50.000 pounds) para financiar a viagem, que começou no dia 03 de agosto de 1492.

Colombo foi acompanhado por cinco «marranos» (judeus que haviam abandonado sua religião e supostamente tornaram-se católicos), Luis de Torres, intérprete, Marco, o cirurgião, Bemal, o médico, Alonzo de la Calle e Gabriel Sanchez (1).

Gabriel Sanchez, auxiliado pelos outros quatro judeus, vendeu para Colombo a ideia de capturar 500 índios e vendê-los como escravos em Sevilha, Espanha, o que foi feito.
Colombo não recebeu nenhum dinheiro da venda dos escravos, mas tornou-se vítima de uma conspiração promovida por Bemal, o médico do navio. Ele, Colombo, sofreu a injustiça e a prisão como sua recompensa. Traído pelos cinco marranos (judeus) a quem ele havia confiado e ajudado. Este foi ironicamente o começo da escravidão nas Américas (2).

Os judeus foram expulsos da Espanha em 02 de agosto de 1492, e de Portugal, em 1497. Muitos desses judeus emigraram para a Holanda, onde montaram a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, para explorar o novo mundo.
Em 1654, o primeiro do judeu, Jacob Barsimson, emigrou da Holanda para Novo Amsterdão (Nova Iorque) e na próxima década, muitos outros o seguiram e se estabeleceram ao longo da costa leste, principalmente em Novo Amsterdão e Newport, Rhode Island. Eles foram impedidos por decretos emitidos pelo governador Peter Stuyvesant de participarem na economia doméstica, o que lhes fez rapidamente descobrir que o território habitado pelos índios seria um campo fértil. Não existiam leis que impediam os judeus de negociar com os índios.

O primeiro judeu a começar a negociar com os índios foi Hayman Levy, que importou pérolas baratas de vidro, têxteis, brincos, braceletes e outros adornos baratos da Holanda, que foram trocadas por peles valiosas. Hayman Levy foi logo acompanhado pelos judeus Nicholas Lowe e Joseph Simon. Lowe concebeu a ideia negociar rum e uísque com os índios e montou uma destilaria em Newport, onde foram produzidos os dois licores.
Dentro de pouco tempo havia 22 destilarias em Newport, todos eles pertencentes a judeus a fabricar e distribuir de «aguardente». A história da desmoralização dos índios com seu massacres resultante dos primeiros colonizadores é uma história dramática em si.

É essencial compreender o porto de Newport. É importante, a fim de reconhecer a participação judaica no comércio escravista. Houve um período em que foi comummente

referido como o «Centro Judaico de Newport-Mundial de Comércio Escravo». Todos juntos, neste momento, não estavam em seis comunidades judaicas da América do Norte: Newport, Charleston, Nova Iorque, Filadélfia, Richmond, e Savanuah. Havia também muitos outros judeus, espalhadas por toda a Costa Leste. Apesar de Nova Iorque ter o primeiro lugar das colonias judaicas na América do Norte, Newport tinha o segundo.

Nova Iorque também foi a principal fonte de carne Kosher a fornecer às colónias da América do Norte, então às Índias Ocidentais e à América do Sul também. Agora Newport assumiu! Newport também se tornou o grande porto comercial da costa leste da América do Norte. Lá, os navios de outros portos atendiam a troca de mercadorias. Newport, como mencionado anteriormente, representava lugar de destaque no comércio de rum, uísque, licor e relacionados. E para concluir, finalmente, se tornou o centro das principais relações escravistas. Foi a partir desse porto que os navios deixamvam em seu caminho através do oceano, a coletar sua carga humana negra e, em seguida, obter grandes somas de dinheiro na troca por eles.

Um relatório contemporâneo auténtico, baseado em autoridade, indica que dos 128 navios negreiros, por exemplo, descarregaram em Charleston no prazo de um ano sua «carga», 120 dos quais foram assinados pelos judeus de Newport e Charleston pelo seu próprio nome. Sobre o resto deles, pode-se supor, apesar de terem sido inserido como Boston (1), Norfolk (2) e Baltimore (4), os verdadeiros donos eram igualmente os judeus traficantes de escravos de Newport e Charleston.

Um deles é capaz de avaliar a participação judaica em todo o trato da Newport, quando se considera a realização de um judeu sozinho, o Português Aaron Lopez, que desempenhou um papel importante acima de tudo na história dos judeus e a escravidão.

Aaron Lopez:
Sobre todo o comércio nas colónias, e o posteriormente Estado de Rhode Island (que incluiu Newport), conhecimentos de embarque, concessões, recibos e autorizações portuárias levaram o nome da assinatura do judeu Aaron Lopez (3). Isso tudo aconteceu durante os anos de 1726 a 1774. Ele tinha, portanto, mais de 50% de todas as transações sob seu controlo pessoal por quase 50 anos. Além de haver outros navios que ele possuía, mas navegava sob outros nomes. No ano de 1749, a primeira loja maçónica foi estabelecida. 90 % dos membros desta primeira loja, quatorze ao todo, eram judeus. E sabe-se que apenas os chamados indivíduos «importantes» foram aceitos. Vinte anos depois, a segunda loja maçónica, «Rei Davi», foi estabelecida. É um facto que todos os membros desta eram judeus.

Entretanto, a influéncia judaica em Newport havia atingido tais proporções que o presidente George Washington decidiu pagar-lhes uma visita. Após a sua aparição, ambas as Lojas Maçónicas enviáram um emissário – um judeu chamado Moisés Seixas (4) – para se aproximar do presidente com uma petição, na qual os judeus de Newport declaravam: «Se tu vais permitir que os filhos de Abraão se aproximar de ti com um pedido, para lhe dizer que nós os honramos, e sentir-se numa aliança...
E então: «Até o presente momento os direitos valiosos de um cidadão livre foram retirados. No entanto, agora vemos um novo governo, que ergueu-se baseado na majestade do povo, um governo, não sanciona qualquer preconceito nem perseguição aos judeus, ao contrário, o concede a liberdade de pensamento, que cada acção, seja qual for nação e língua, como uma parte da grande máquina do Governo.»

É necessário considerar neste momento as divulgações a respeito de quem na realidade, obteve esta lendária liberdade na América na fundação da União. Para ter a certeza, a província se tornou independente e separada da jurisdição inglesa. No entanto, podemos ver a petição (5) que Moisés Seixas ofereceu ao Presidente Washington em nome dos judeus de Newport, que não era na realidade, esse tipo de liberdade que eles tinham em mente. Eles estavam apenas preocupados com eles mesmos, e os seus «próprios direitos civis», que haviam sido retidos. Portanto, após a Guerra Revolucionária, foram concedidos aos judeus direitos iguais, e livres de todas as restrições! E os negros? Não obstante a guerra revolucionária, permaneceram escravos! No ano de 1750, um sexto da população de Nova Iorque foi de negróides, e proporcionalmente nas regiões do sul do país, eles ultrapassaram os outros, mas a proclamação da liberdade não os tocou. Haverá mais sobre isso adiante.

Vamos examinar de perto este trabalho manual sombrio dos judeus que lhes deu poder e influéncia, para que possamos compreender o comércio de escravos, pois não foi muito escrito desde aquela época pelos escritores judeus zelosos, que no presente, há muito tempo removido, pode parecer natural, pois o elemento tempo tem a tendéncia de fazer as coisas nebulosas. Vamos seguir o caminho de um navio de propriedade de um traficante de escravos Aaron Lopez, que tinha feito muitas viagens para o litoral Africano.

Por exemplo, no mês de maio de 1752, o navio «Abigail» foi equipado com cerca de 9.000 litros de rum, uma grande oferta de pé de ferro e apoios de mão, pistolas, pó, sabres e um monte de enfeites de lata sem valor, e sob o comando do capitão judeu Freedman, partiu para a África. Havia apenas dois companheiros e seis marinheiros que compõem a tripulação. Três meses e meio depois, um eles desembarcou na costa Africana. Entretanto, não havia sido construída uma Agéncia Africana pelos traficantes de escravos judeus, que lhes tinha encurralado, e preparou-os para a venda. Esta organização atingiu profundamente em África, teve muitas ramificações, incluindo os chefes de grupos, aldeias etc. Este método para conquistar esses líderes para o comércio judaico de escravos era semelhante àquilo que os judeus tinham empregados com os índios.

No início, eles os apresentaram com rum, e logo se viram em um delírio alcoólico. Quando a oferta do pó de ouro e marfim estava exaurida, eles foram induzidos a vender seus descendentes. Primeiro suas esposas e então seus jovens. Então eles começaram a guerra entre si, traçada e desenvolvida principalmente pelos judeus, e se eles capturassem prisioneiros, estes também seriam trocados por rum, munições e armas para os judeus, usando-os para novas campanhas para captar mais negros. Os negros capturados eram ligados dois a dois e conduzido através das florestas medievais para a costa. Estas caminhadas dolorosas requeriam semanas, e alguns deles com frequéncia ficavam doentes e vencidos pela exaustão e muitos eram incapazes de se levantar mesmo que o chicote fosse aplicado como um incentivador. Eles foram deixados para morrer e foram devorados por animais selvagens. Não era incomum ver os ossos dos mortos sob o sol tropical, um triste e terrível lembrete para aqueles que mais tarde iam trilhar este caminho.

Calcula-se que para cada negro que resistia aos rigores desta caminhada ainda tinham que ser a longa viagem através do oceano antes de chegar a solo americano, nove em cada dez morriam! E quando se considera que houve um êxodo anual de um milhão de escravos negros, então e só então, pode-se avaliar o êxodo enorme e extensa do povo africano. Neste momento a África estava escassamente povoada, não só devido à um milhão literalmente arrastado para fora das cabanas, mas devido à 5 a 9 milhões que nunca chegaram ao seu destino. Assim que eles chegaram à costa, os escravos negros foram levados juntos, e

restrições eram aplicadas para mante-los até o próximo navio de transporte encaixado. Os agentes, muitos deles judeus, que representavam o Chefe, em seguida, começavam o negócio com o capitão. Cada negro era apresentado pessoalmente a ele. Mas os capitães aprenderam a ficarem espertos. O negro tinha de mover os dedos, braços, pernas e todo o corpo para garantir que não havia fraturas. Mesmo os dentes foram examinados. Se um dente faltava, baixava-se o preço. A maioria dos agentes judeus sabiam como tratar os negros doentes com produtos químicos, a fim de vendê-los como bons. Cada Negro foi avaliado em cerca de 100 litros de rum, 100 quilos de pólvora, ou em dinheiro entre 18 a 20 dólares. As notações de um capitão nos informam que em 05 de setembro de 1763, um negro valia até 200 litros de rum, devido à licitação entre os agentes, a elevar o preço.

Mulheres com menos de 25 anos, grávidas ou não, resultou no mesmo preço, se elas estavam bem e formosas. Qualquer com mais de 25 anos perdia 25%. E aqui deve-se afirmar que os negros eram comprados livre na costa Africana por 20 a 40 dólares, foram então revendidos pelos mesmos traficantes de escravos nos Estados Unidos por dois mil dólares.

Isso dá uma ideia de como os judeus conseguiram adquirir enormes fortunas. Após a negociação, o Capitão Freedman pagou a conta, seja em mercadoria ou dinheiro. Ele também lembrou alguns conselhos que seus empregadores judeus deram-lhe, pois ele deixou Newport para a África: «Ponha tanta água no rum quanto puder». Desta forma os chefes negro foram enganados duas vezes pelos judeus de Newport!

O passo seguinte era raspar o cabelo dos escravos adquiridos. Em seguida, eles foram amarrados e marcados com ferro quente ou nas costas ou o quadril, identificando-os com os seus proprietários. Agora, o escravo negro era de facto propriedade do comprador judeu. Se ele fugisse podia ser identificado. Após este procedimento, houve uma festa de despedida. Houve casos em que famílias inteiras foram trazidas do interior para o litoral, e em seguida separadas pelo comprador, o pai indo com um navio, os filhos e filhas em outro. Estas celebrações de «adeus» foram geralmente embalados com emoção, lágrimas, drama e tristeza. Houve pouca alegria, se houve ao menos uma vez.

No dia seguinte, começou o transporte de terra para o navio. Ele era gerido a ter 4 a 6 negros ao mesmo tempo em barcos a remos para o navio. É claro que os traficantes de escravos estavam cientes de como o negro amava sua pátria acima de tudo, e só poderia ser induzido por uma grande força para deixá-la. Assim, alguns dos negros pulariam na água. Mas aqui os superintendentes foram preparadas com cães treinados que recuperavam os fugitivos. Outros negros preferiam afogamento. Os ques vieram a bordo vivos eram imediatamente despidos. Aqui foi mais uma oportunidade para saltar ao mar e alcançar a terra e a liberdade. Mas os traficantes de escravos eram impiedosos e cruéis, pois eles estavam preocupados apenas em obter a sua carga negra para a América com o mínimo de perda. Portanto, um fugitivo recapturado tinha as duas pernas cortadas diante dos olhos dos negros remanescentes, a fim de restaurar a «ordem».

A bordo do navio os negros eram separados em três grupos. Os homens foram colocados em uma parte do navio. As mulheres em outro, em que o vigoroso Capitão arranjou para que as mulheres mais jovens, a maioria negras formosas, lhes fossem acessíveis.

As crianças permaneciam no convés, cobertas com um pano no mau tempo. Desta forma o navio negreiro prosseguiu em sua viagem para a América. Em geral, os navios eram muito pequenos e não era adequado para o transporte de pessoas. Eles estavam mal equipados para

transporte de animais, em que os negros foram comparados. Em um espaço de um metro, estes infelizes foram colocados numa posição horizontal, prensados juntos. Eles eram principalmente acorrentados juntos. Nesta posição, eles tiveram de permanecer durante três meses, até ao final da viagem. Raramente houve um capitão que simpatizasse com eles ou evidenciasse qualquer sentimento a estas criaturas infelizes. Ocasionalmente, eles seriam levados em grupos para o convés de ar fresco, algemados a ferros.

De alguma forma, estes negros eram penados e sofriam muito. Na ocasião, um deles ficou louco, matando o outro pressionado perto dele. Eles também tiveram suas unhas cortadas baixas para que eles não pudessem dilacerar a carne um do outro. As mais terríveis batalhas surgiram entre os homens, para a aquisição de um centímetro ou dois de uma posição confortável. Foi então que o supervisor de escravos entrou em cena com o seu chicote. O inimaginável horrível de excrementos humanos em que esses escravos tinham de suportar nestas viagens é impossível de descrever.

nos aposentos das mulheres, as mesmas condições prevaleceram. Mulheres davam à luz a crianças que encontravam-se pressionadas juntas. As mulheres negras mais jovens eram constantemente estupradas pelo capitão e a tripulação, resultando assim num novo tipo de mulato a vier para a América.

Na Virgínia, ou em qualquer das outras cidades portuárias do sul, os escravos eram transferidos para a terra e imediatamente vendidos. Um leilão normal teria lugar, seguindo o método de comprar na África. A maior licitação obtinha o «vendido». Em muitos casos, devido à imundície indescritível, alguns dos negros ficaram doentes durante a viagem marítima da África para a América. Tornaram-se desempregados. Nestes casos, o capitão aceitava qualquer preço. Era raro eliminá-los devido ninguém querer comprar um negro doente. Portanto, não é de se estranhar que os judeus médicos antiéticos viram uma nova forma de receita. Eles compravam o negro doente por uma pequena quantia e em seguida os tratava e vendia por uma grande soma. Na ocasião, o capitão ficaria com alguns negros para os quais ele não encontrasse um comprador. Nesse caso, ele voltavam a Newport e vendiam-os aos judeus para ajuda doméstica barata. Em outros casos, o proprietário judeu dos navios os levavam. É por isso que a cidade de Newport e seus arredores tinha 4.697 escravos negros no ano de 1756.

A escravidão não se estendeu para o Norte. Além disso, em muitas das colónias norte-americanas, a escravidão era estritamente proibida. A Georgia entrou em discussão, de igual modo também a Filadélfia. E mais uma vez, foram os judeus que conseguiram uma brecha, que lhes tinha dado liberdade após a guerra revolucionária. Por isso, eles planearam fazer o comércio de escravos legal.

Deve-se ler os nomes das pessoas que viviam em Filadélfia e que pediram a eliminação das leis existentes sobre o tráfico de escravos. Foram eles os judeus Sandiford, Lay, Woolman, Salomão e Benezet. Isso explica tudo! Mas vamos voltar para o navio negreiro «Abigail».
Seu capitão, por estarmos a ler os livros de seu navio, fez um negócio rentável. Ele vendeu todos os seus negros em Virginia, investiu parte do dinheiro em tabaco, arroz, açúcar e algodão e passou a Newport, onde depositou suas mercadorias.

Aprendemos com os livros do Capitão Freedman que o «Abigail» foi um pequeno navio e só poderia acomodar 56 pessoas. Ele conseguiu, no entanto, render a partir de uma viagem a

quantia de 6.621 dólares, que ele por sua vez entreguou ao proprietário do navio, a saber, Aaron Lopez.

Os valores impressionantes de dinheiro adquirido pelos armadores e comerciantes judeus da escravidão é melhor ilustrado quando enfatizamos os muitos anos em que esta compra e venda de carne humana foi praticada. Antes de 1661, todas as colónias tinham leis que proíbiam a escravidão. Foi nesse ano que os judeus se tornaram poderosos o suficiente para provocar a revogação destas leis, e daí a escravidão começou a sério.

Os judeus haviam descoberto que os colonos precisavam de mão de obra adicional para ajudá-los a limpar seus campos para o plantio, ajudando na construção de moradias, e em geral para ajudar a colher suas lavouras. Isso foi particularmente verdadeiro para os estados do sul que nos referimos anteriormente. Os sulistas tinham vastas extensões de solo rico adequado para o arroz, algodão, tabaco e cana de açúcar. Primeiramente, europeus empobrecidos foram recrutados. Portas da prisão em inglesas foram abertas e, finalmente, os prisioneiros de guerra da Inglaterra e Holanda foram trazidos para as colónias para trabalharm até que tivessem pago o custo de transportá-los por navio e, em seguida serem libertados.

Não é preciso muito tempo para que um judeu descobra o que seus irmãos estão a fazer, daí um grupo de judeus se estabeleceram em Charleston, Carolina do Sul, onde montaram destilarias para fazer rum e uísque. Eles também aprenderam que podiam negociar com os nativos da costa oeste da África para o marfim, e vários navios foram comprados e enviados para a África, a negociação das pérolas de vidro habituais e outros ornamentos baratos de marfim, que no entanto, tiveram pouco espaço a bordo do navio. Ocorreu a estes comerciantes judeus que eles poderiam suprir as plantações no Sul com «marfim negro», necessário nas condições pantanosas e malária que o trabalhador europeu não podia tolerar sem doença, e que não só iria encher os porões de seus navios, mas trazer enormes lucros (este mesmo grupo já havia tentado anteriormente vender índios como escravos, mas eles foram completamente insatisfatórios, pois os índios não tolerariam esse tipo de trabalho).

Assim, outro segmento do comércio de escravos tornou-se activo e rentável em Charleston, South Carolina. Vários carregamentos de escravos negros foram enviadas pela Companhia Hoandesa das Índias Ocidentais para Manhattan.

Durante este tempo, houve uma série de donos de plantações estabelecidos nas Índias Ocidentais e dois judeus, Eyrger e SayUer, com fortes ligações Rothschild na Espanha, que formaram uma agéncia chamada ASIENTO, que mais tarde fora operada na Holanda e Inglaterra. Foi através dessas conexões que os judeus na Holanda e na Inglaterra exerceram influéncia e ambas as conexões cooperado em ajudar os judeus a fornecerem escravos negros para os colonos. Com a captura anual e o transporte de um milhão de escravos negros, não é difícil imaginar que 1661 a 1774 (113 anos), cerca de 110 milhões escravos haviam sido removidos de sua terra natal. Cerca de 10 %, ou ONZE MILHÕES de escravos negros chegaram vivos às colónias.

Nós falamos sobre o pequeno navio «Abigail», que poderia acomodar apenas 56 pessoas e ainda os lucros por viagem eram enormes, com pouco ou nenhum investimento. Havia muitos outros navios, mas vamos nos concentrar aqui em apenas alguns, como o «La Fortuna», «Hannah», «Sally» ou o «Venue», que fizeram lucros muito altos. O «La Fortuna» à propósito, transportou cerca de 217 escravos em cada viagem. O proprietário rendeu não menos do que $ 41,438.00 de tal viagem. Estes eram dólares que «poderiam manter» os

traficantes de escravos. E estes são os dólares de valor que iriam comprar uma grande quantidade em troca.

Quando se considera que os judeus de Newport possuíam cerca de 300 navios de escravos, o transporte activamente sem interrupção, a intercalar Newport-África, Charleston (ou Virginia), pode-se aproximar os enormes ganhos que fizeram o seu caminho para os judeus donos de navios. De facto, os judeus admitem que dos 600 navios a deixar o porto de Newport para todo o mundo «pelo menos a metade deles» do seu caminho era para a África, e nós sabemos que esses navios que iam para a África «estavam a procurar».

O facto de que Aaron Lopez tinha o controlo de mais da metade dos negócios juntos nas colónias de Rhode Island com Newport, é bem conhecido. O conhecido rabino Morris A. Gutstein, em seu livro A História dos Judeus em Newport, tenta remover estes factos, afirmando que não há qualquer evidéncia de que os judeus estavam relacionados com o comércio de escravos. É portanto, imperativo provar que o judeu estava realmente conectado com o comércio de escravos. Especialmente desde que este rabino insiste que fizeram grandes contribuições e, quão «abençoada» tornou-se a sua residéncia para a cidade de Newport. Certamente Morris A. Gutstein nos concede a permissão para apresentar os factos que ele não foi capaz de encontrar. Virando-se para um relatório da Câmara de Comércio do «Rhode Island Colony» no ano de 1764, encontramos, por exemplo que no ano de 1723, «alguns comerciantes em Newport» conceberam a ideia de enviar o seu rum de Newport para o litoral da África. Cresceu em uma grande exportação que em questão de poucos anos «vários milhares (barricas)» de rum se foram assim. Para que propósito é que este rum serviu?

O Instituto Carnegie, em Washington DC, apresenta e faz com documentos públicos autênticos intitulados «Documentos ilustrativas da história do comércio de escravos na América». Gostaríamos de apresentar alguns factos desta colecção particular de documentos originais e analisá-las mais de perto, e ao todo não para provar o até então erróneo rabino Morris A. Gutstein. Nesta colecção do primeiro instituto americano de aprendizagem, podemos avaliar a capital «Rhode Island», que contribuiu com a parte principal da documentação pública sobre o comércio de escravos. Aqui encontramos documentados os destinatários das numerosas cartas de navegação, também cartas aos traficantes de escravos e correspondéncia de capitães do navio, do qual cerca de 15% eram judeus a viver em Newport. Entre estes encontramos, por exemplo, o judeu Isaac Elizar.

Ele escreveu uma carta ao capitão Christopher Champlin em 06 de fevereiro de 1763, a dizer que ele gostaria de ser um agente para uma carga de escravos. Depois segue-se o judeu Abraham Pereira Mendez, e um dos principais concessionários de escravos, Jacob Rod Rivera – o padrasto de Aaron Lopez. E depois há o próprio Aaron Lopez, e muitos, muitos mais outros judeus. Embora tenhamos considerado Aaron Lopez várias vezes, o tamanho deste tratado documentado nos limita, e não podemos descrever todos os escritos na questão da correspondéncia do negócio da escravidão, os seus nomes e as datas especiais, pelo contrário, queremos estudar a documentação do Instituto Carnegie em si, a manter Aaron Lopez em mente. Queremos ver o que de principal este judeu estava a perseguir e qual era o seu negócio. Isto é devido ao facto de que o rabino Morris A.
Gutstein apresenta-o como um «sublime e fino civil de Newport» que foi tão generoso e até mesmo «fez contribuições para o bem-estar».

Em um grande número de escritos publicados sem preconceitos, de origem no Instituto Carnegie, descobrimos que Aaron Lopez seguiu com um enorme comércio de rum com o litoral Africano em troca de escravos. Estes factos irrefutáveis são como se seguem:

22 de junho de 1764, uma carta do capitão William Stead a Aaron Lopez.
22 de julho de 1765, uma carta de Aaron Lopez ao capitão Nathaniel Briggs.
22 de julho de 1765, uma carta ao capitão Abraham Todos.
04 de fevereiro de 1766, uma carta ao capitão William Stead por Aaron Lopez.
07 marco de 1766, uma carta do capitão William Stead a Aaron Lopez.
20 de fevereiro de 1766, uma carta de Aaron Lopez ao capitão William Stead.
08 de outubro de 1766, uma carta do capitão William Stead a Aaron Lopez.
09 de fevereiro de 1767, uma carta do capitão William Stead a Aaron Lopez.

Fora isso, existem afirmações semelhantes em cartas originais por Aaron Lopez, que dirigiu aos capitães Henry Cruger, David Mill, Henry White, Thomas Dolbeare e William Moore. Na verdade, uma carta pelo Capitão William Moore a Aaron Lopez e companhia, é particularmente reveladora, e de uma menção especial neste momento. Gostaríamos de observar os principais conteúdos desta carta na qual o Capitão Moore escreve: «Gostaria de informá-lo que o seu navio «Ann», desembarcou aqui na noite de anteontem com 112 escravos, composta por 35 homens, 16 grandes jovens, 21 meninos, 29 mulheres, 2 meninas crescidas, 9 meninas pequenas, e te garanto que esta é uma carga de rum (rum em troca de escravos) que eu ainda não encontrei. Entre todo o grupo, pode haver cinco a qual poderiam levar em excepção.»

A data da carta acima foi 27 de novembro de 1773. Nós ainda não concluimos, por causa da falta de espaço, os trechos e compilações agradecidos disponibilizados pelo Instituto Carnegie.

Em 29 de novembro de 1767, o judeu Abraham Pereira Mendez – que tinham sido enganado por um de sua raça – de Charleston, onde ele tinha viajado para controlar melhor sua carga negra, escreveu Aaron Lopez em Newport: «Esses negros, a qual o capitão Abraham entreguou todos a mim, estavam em condições tão precárias devido ao mau transporte, que fui forçado a vender oito meninos e meninas por apenas 27 (pratas), outros 2 por 45 (pratas) e duas mulheres por 35 (pratas) cada» (sem dúvida, dinheiro em Inglês)

Abraham Pereia Mendez estava muito irritado e acusou Aaron Lopez de «trapaceá-lo». Esta carta delineia-nos que este cidadão generoso e fino de Newport era insaciável em sua ganância por dinheiro. Isto é o que fez com que o rabino Morris A. Gutstein apresentasse este nobre Aaron Lopez, a prosseguir com seus métodos censuráveis. Negros não representavam nada a ele senão uma mercadoria.

Em todas as cartas que o Instituto Carnegie publicou, salienta a falta de simpatia humana para os pobres escravos negros. Essa falta de sentimento e compaixão para com os negros abusados e lamentáveis nas mãos de seus comerciantes judeus, pode ser lida abertamente no diário de um capitão de um navio da propriedade de Aaron Lopez. As entradas dizem respeito a uma viagem da costa Africana para Charleston.

Além disso, são documentos autênticos, publicados pelo Instituto Carnegie em Washington, DC, a chamar a atenção para uma organização que até então, pouco ou nada conhecida, nem encontraram mais publicidade em livros ou jornais. Portanto, não é de se admirar que os factos da liderança judaica norte-americana no comércio de escravos poderia ser apontada como um monopólio, e desconhecido para os norte-americanos não judeus a incluir as grandes massas de pessoas em todo o mundo. Outros no entanto, a conhecer os factos, tinham uma boa razão para permanecerem dolorosamente quietos.

O capitão de um outro navio, o «Othello», entre outras coisas, fez as seguintes entradas em seu diário:

06 de fevereiro: Um homem se afogou no processo de carregamento.
18 março: Duas mulheres foram ao mar, porque não tinha sido presas.
06 de abril: Um homem morto com Flux. (Sem dúvida uma doença)
13 de abril: Uma mulher morta com Flux.
07 maio: Um homem morto com Flux.
16 de junho: Um homem morto por Kap Henry.
21 de junho: Um homem morto por James Fluss.
05 de julho: Uma mulher morta com febre.
06 de julho: Uma menina, doente por dois meses, morreu.

Este navio estava a navegar por cinco meses. Que sofrimento terrível e indescritível foi destes muitos milhões de negros, que foram arrancadas com a força brutal de suas cabanas africanas amigas e colocados juntos, como animais no convés, e, em seguida, vendidos com menos preocupação do que se vende uma cabeça de gado. Não admira que dez deles morreram, a serem comprados por apenas alguns dólares, e depois vendidos por a soma de dois mil dólares.

Alguns negros conseguiram, através de insurreição, tomar o controlo de um ou outro navio e redirecioná-lo com velas içadas, em direcção ao seu lar africano. A tripulação de um navio negreiro, «Três Amigos», por exemplo, torturaram sua carga negra de tal maneira que os negros retribuíram em uma rebelião sangrenta. Eles mataram o capitão e toda a tripulação e jogaram os mortos ao mar. Eles, então, partiram de volta para a África, onde escaparam para sua liberdade duramente conquistada.

Um destino semelhante atingiu o navio negreiro «Amistad». Entre os escravos, havia o filho de um chefe tribal inimigo. Uma vez que o navio estava a caminho, ele planejou com seus compatriotas atacar a tripulação do navio. Após uma batalha sangrenta, eles conseguiram capturar o capitão.

O príncipe negro obrigou-o a voltar para a África, e em seguida, à noite, sob o manto da escuridão, ele mudou seu curso, ziguezagueou por meses, até que ele chegou perto da costa americana, e se deparou com um navio do governo. Isso aconteceu no ano de 1839, quando o tráfico de escravos já era proibido e ilegal.

Os escravos negros foram libertados e o capitão punido. Essas viagens marítimas não eram seguras quando elas tinham carga negra, o que explica o facto d os judeus quase sempre envolverem capitães não judeus. Os traficantes de escravos preferiam permanecer em seus cargos e contar os ganhos de após cada viagem, como Aaron Lopez, que deixou a seus herdeiros uma das maiores fortunas da era Nova Inglaterra.

Ao analisar os factos documentados contidos neste documento, é importante que a pessoa sempre se lembra que era um capitão de sorte quem não perdesse mais de 9 em cada 19 escravos na viagem de volta. É igualmente importante lembrar que essas pobres criaturas negras tiveram que dormir em excrementos humanos por toda a viagem. Pense nisso! Não é de se admirar doença tornou- se tão alta. Lembre-se dos números: cerca de 110 milhões de pessoas pretas foram capturadas e removidas de sua Terra natal na África. Apenas ONZE MILHÕES destes escravos negros chegaram vivos às colónias. E os judeus ainda falam sobre os alemães e Hitler, e como foram exterminados seis milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Esta é a maior mentira já perpetrada contra o povo do mundo, ao passo que a história dos pobres escravos negros está documentada. Documentada com a verdade. A prova ainda está disponível para as pessoas de todo o mundo verem.

O Instituto Carnegie de Tecnologia, está localizado em Pittsburgh, Pensilvânia.
Por este documento ser distribuído, atingindo finalmente as mãos dos judeus, as provas irão provavelmente serem removidas e destruídas, até que finalmente toda a documentação que seja prejudicial para o judeu é removida. Os judeus estiveram envolvidos nesta prática há séculos. Verdade, no entanto, a realidade dos factos não podem ficar cobertas ou escondidas para sempre, e mais verdades estão a ser divulgadas por aqueles de nós que pretendem libertar a América destes filhos do mal: os judeus. A documentação publicada aqui contida foi obtida a partir do Instituto Carnegie de Aprendizagem, actualmente conhecido como «O Instituto Carnegie de Tecnologia».

A seguir está uma losta parcial dos navios negreiros de propriedade de judeus:
«Abigail» de Aaron Lopez, Moses Levy, e Jacob Franks.
«Crown» de Isaac Levy e Nathan Simpson.
«Nassau» de Moses Levy.
«Quatro Irmãs» de Moses Levy.
«Anne & Eliza» de Justus Bosch e John Abrams.
«Prudent Betty» de Henry Cruger e Jacob Phoenix. «
«Hester» de Mordecai e David Gomez.
«Elizabeth» de David e Mordecai Gomez.
«Antigua» de Nathan Marston e Abrão Lyell.
«Betsy» de Wm. DeWoolf.
«Pouy» de James DeWoolf.
«White Horse» de Jan De Sweevts.
«Expedition» de John e Jacob Rosevelt.
«Charlotte» de Moisés e Sam Levy e Jacob Franks.
«Caracoa» de Moisés e Sam Levy.
Transportadores de escravos também de propriedade de judeus eram o «La Fortuna», a «Hannah», a «Sally», e o «Venue».

Alguns dos judeus de Newport e Charleston que estavam envolvidos na destilaria ou comércio escravidão, ou ambos, foram: Isaac Gomez, Hayman Levy, Jacob Malhado, Naphtaly Myers, David Hart, Joseph Jacobs, Moses Ben Franks, Moisés Gomez, Isaac Dias, Benjamin Levy, David Jeshuvum, Jacob Pinto, Jacob Turk, Daniel Gomez, James Lucana, Jan de Sweevts, Felix (cha-cha) de Souza (conhecido como o «Príncipe dos Escravos» e a perder apenas para Aaron Lopez), Simeon Potter, Elizer Isaac, Jacob Rod, Jacol, Itodrigues Rivera, Haym Isaac Carregal, Abraham Touro, Moisés Hays, Moisés Lopez, Judah Touro, Abrtham Mendes e Abraham All.

Dos cerca de 600 navios que saem do porto de Newport, mais de 300 estavam envolvidos no comércio de escravos. A carga típica de um navio, «La Fortuna», foi de 217 escravos que custavam cerca de 4.300 dólares e vendidos por 41.438 dólares.

Apenas cerca de 10% dos capitães de navios de escravos eram judeus, não querendo submeter-se aos rigores da viagem de 6 meses. Eles preferiram ficar em casa e continuar suas operações de destilaria, que continuou a fornecer rum e uísque aos índios há muitos anos em um grande lucro.

DOCUMENTAÇÃO REFERÉNCIAL

Elizabeth Donnan, 4 Vols. Documents Illustrative of the History of the Slave Trade to America, Washington D.C., 1930-1935.

Carnegie Institute of Technology, Pittsburgh, Pennsylvania.

Adventures of an African Slaver, por Malcolm Cowley, 1928. Publicado por Albert e Charles Bori, Nova Iorque.

The Story of the Jews in Newport, por Rabbi Morris A. Gutstein. The Jew Discovers America, por Cthmar Krainz.

The International Jew, por Henry Ford.

The Plot Against the Church, por Maurice Pinay.

Protocol for World Conquest, 1956, pela Central Conference of American Rabbis.

Behind Communism, por Frank L. Britton

Nós não podemos contar esta breve história do judeu moderno sem tomar conhecimento de um fenómeno que confundiu as sociedades gentias por vinte séculos. Esta é a capacidade do povo judeu de reter coletivamente sua identidade, apesar de séculos de exposição à civilização cristã. Para qualquer estudante do judaísmo, ou para os próprios judeus, este fenómeno é em parte, explicado pelo facto de que o judaísmo não é nem principalmente uma religião, nem principalmente uma questão racial, nem tampouco é simplesmente uma questão de nacionalidade. Pelo contrário, é os três, é uma espécie de trindade. O judaísmo é melhor descrito como uma nacionalidade construída sobre os pilares da raça e da religião. Tudo isso está intimamente relacionado com um outro aspecto do judaísmo, ou seja, o mito de perseguição. Desde sua primeira aparição na história, encontramos os judeus a propagar a ideia de que eles são um povo abusado e perseguido, e essa ideia é e sempre foi o pensamento central judaico. O mito da perseguição é a cola e cimento do judaísmo: sem ele os judeus há muito deixariam de existir,e não obstante, a sua nacionalidade racial-religiosa.

O Comércio Judaico Global de Escravidão Sexual

O comércio sexual branco em Israel constitui uma indústria que varia em até um bilhão de dólares de lucro por ano.

Gad. Shas. 2: 2: «Um judeu pode violar, mas não se casar, com uma moça não-judia.»

Tosefta, Abda Zara VIII, 5: «Como interpretar a palavra ‹roubo›. Um goy é proibido furtar, roubar ou tomar as mulheres escravas etc., a partir de um goy ou a partir de um judeu. Mas um judeu NÃO é proibido de fazer tudo isso a um goy.»

Simeon Haddarsen, fol. 56-D: «Quando o Messias vier, todo judeu terá 2.800 escravos.»

Nidrasch Talpioth, p. 225-L: «Jeová criou o não judeu em forma humana, de modo que o judeu não teria de ser servido por animais. O não judeu é, portanto, um animal em forma humana, e está condenado a servir o judeu dia e noite.»

«Israel tornou-se um destino rotineiro para o tráfico global de mulheres», observou Leonard Fein em um Boletim judaico de 1998.

As mulheres coagidas à prostituição:
«Os milhares dessas mulheres levadas anualmente para Israel derivam, principalmente, dos países da ex-União Soviética, e a forma como elas chegam a Israel é que elas são ‹compradas›, cada uma custando entre US $ 10.000 e US $ 20.000. E se espera dela, é claro, pagarem o custo para seus senhores através do que equivale a trabalho escravo - ou, se tu preferes mais simples e direto ao ponto, escravidão... Algumas 15 e até 12 anos de idade... Cada mulher rende entre US $ 50.000 e US $ 100.000 para seu cafetão. O volume de negócios do comércio da prostituição em Israel é de quase 450 milhões de dólares por ano.» [FEIN, 1998, p. 21]

Em um país de seis milhões de pessoas, esta média é de US $ 75 por ano pagos a um cafetão para cada homem, mulher e criança em Israel. Existem hoje 150 prostíbulos e lojas de sexo só em Tel Aviv. [SILVER, E., 25/08/2000, p. 32]

Em uma entrevista com Marina, uma prostituta russa, o repórter (judeu) observou em 1995 que havia nove ou dez redes «russas» de prostituição em Israel. «As garotas são espancadas regularmente para mantê-las obedientes», Marina disse ao repórter «... (A polícia israelitas é) paga regularmente com visitas livres para as nossas meninas. Um repórter como tu podes achar que estás pegando uma pedra a da estrada, mas tu podes saber que estás cavando uma montanha.» [XELIM, p. 5]

Como um relatório da Rede Feminina de Israel observou em 1997:
«Todos os anos, centenas de mulheres da antiga Unio Soviética são atraídas para Israel, ganhando entrada como imigrantes na promessa de encontrar empregos lucrativos e então são levadas à prostituição por cafetões abusivos.» [BRUTO, N., 1997, p. 16]

«Mulheres são vendidas para o negócio do sexo em Israel por entre US $ 5.000 e US $ 15.000», informou o Jerusalem Post, em 1998, «enquanto os cafetões que as compram podem ganhar entre US $ 10.000 e US $ 50.000 por ano por mulher... 2.000 mulheres são trazidas para Israel pela CIS e forçadas por cafetões a trabalhar como prostitutas.

Muitas são trazidas aqui sob falsos pretextos e mantidas contra a sua vontade.» Como Ira Omait, chefe do Abrigo Haifa de Emergéncia para Mulheres disse ao Post: «Estamos rapidamente indo na direção do comércio de menores para a prostituição e escravidão.» [COLLINS, L., 12-15-98, p. 5] Incrivelmente, como observado em um editorial do Jerusalem Post em 1998, «de acordo com Lobby das Mulheres (um grupo de mulheres em Israel), parte do problema da prostituição é que não não há lei contra escravidão em Israel». [Jerusalem Post, 1-13-98, p. 10]

«Mulheres pobres da Ex-União Soviética Atraídas Para Escravidão Sexual», entitulou um texto de 1998 da Associated Press. As mulheres forçadas à prostituição em Israel, observou o artigo, foram trancados em quartos e fornecidos apenas com comida e preservativos. E a lei israelita sobre o assunto? Em 1996, 150 homens foram presos por lenocínio ou posse de bordéis. Meramente 21 casos foram a julgamento e nunca ninguém foi condenado por um crime. [LINZER, D., 6-13-98] Em 1998, um juiz israelita até mesmo ordenou uma companhia de seguros pagar pelo vício em prostituição de um cliente: «uma companhia de seguros israelita foi condenada a pagar 300 mil shekels ($ 80.000) para financiar o hábito de prostituição de um homem ferido em um acidente de carro» [DEUTSCHE PRESSE-AGENTUR, 4-22-98]

A Anistia Internacional, em seu relatório de 2005 sobre discriminação contra as mulheres em Israel, disse:
O tráfico de mulheres para a prostituição forçada ocorreu ao longo de vários anos, mas parece ter sido agravada nos últimos 15 anos por vários fatores, incluindo o aumento das ligações entre os traficantes de Israel e ex-repúblicas soviéticas, na esteira da grande onda de imigração de cidadãos desses países para Israel.
Muitas mulheres são atraídas para trabalhar em Israel sob falso pretexto e depois são forçadas à indústria do sexo. Enquanto muitos estão supostamente conscientes de que elas irão trabalhar como profissionais do sexo, elas não estão cientes de que estarão sujeitas a ambientes violentos e exploradoras até 18 horas por dia trabalhando, sete dias por semana, e até por baixíssimos salários ou nenhum salário ao todo. Muitas são submetidas a outras violações graves dos direitos humanos, incluindo estupro, privação de liberdade e servidão por dívida. As mulheres forçadas a trabalhar como profissionais do sexo são também sujeitas frequentemente a ameaças de abuso e até de assassinato. Metade das mulheres entrevistadas pela Hotline dos Trabalhadores Migrantes foram efetivamente encarceradas por seus «cafetões» e, de acordo com uma pesquisa realizada em 2003, quase a metade de todas as mulheres «vendidas» para cafetões informaram que policiais estavam entre seus clientes.

De acordo com um relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre o Tráfico de Mulheres (relatório de síntese) emitido no início de 2005, cerca de 3.000 a 5.000 mulheres são trazidas anualmente para Israel e forçadas a trabalhar como prostitutas, e estima-se que cerca de 10.000 estejam atualmente no país.

A maioria das mulheres que se sabe terem sido traficadas para Israel é da Ucrânia, Moldávia, Uzbequistão e Rússia e são levadas para Israel através da fronteira entre Egipto e Israel. No curso de sua jornada, muitos são alegadamente estupradas antes que traficantes as vendam por US $ 8.000- 10.000 dólares.

(Em Israel) policiais estimam que existam 25 mil transações sexuais são pagas todos os dias. Bordéis são onipresentes.

Uma vez que elas (as mulheres) atravessam a fronteira (em Israel) seus passaportes são confiscados (por cafetões), suas liberdades restringidas e o pouco dinheiro que elas têm é tirado delas. O Tropicana do distrito de negócios em Tel Aviv é um dos bordéis mais movimentados. As mulheres que trabalham lá, como quase todas as prostitutas em Israel hoje, são russas. Seus chefes, no entanto, não são. «Israelitas amam meninas russas», disse Jacob Golan, que possui este e outros dois clubes. «Elas são loiras e de boa aparéncia e diferentes de nós e elas estão desesperados. Elas estão prontos para fazer qualquer coisa por dinheiro.»
Michael Specter (judeu), afirma em seu artigo, «Traficantes de Escravas Ludibriam Mulheres Eslavas».

O Departamento de Estado dos EUA, em seu relatório sobre tráfico de depeeoas em 2001, descreveu Israel como um entre os piores criminosos internacionais em facilitação de escravidão branca. Eles classificaram Israel no nível 3, um grupo descrito como «não faz esforços significativos para eles mesmos entrarem em conformidade com as normas dos ditames do Ato de Proteção ao Tráfico e Violéncia de 2000». Israel foi agrupado com a Albânia, Gabão, Cazaquistão, Malásia e Paquistão, que também recebeu um «F» por não proteger os direitos humanos.

Relatório da Anistia Internacional sobre a situação:
As autoridades, e em particular a polícia, predominantemente ainda considera profissionais do sexo traficadas simplesmente como «criminosas» que violaram a lei Entrada em Israel, em vez de vítimas de graves violações dos direitos humanos que deveriam gozar de uma protecção eficaz e assisténcia das instituições estatais. Consequentemente, as autoridades têm focado suas atividades em deportar mulheres traficadas em vez de proteger os seus direitos e suprir as suas necessidades.

Além disso, as autoridades israelitas não realizam qualquer avaliação de risco dos possíveis perigos que mulheres traficadas que protestaram contra os traficantes enfrentam depois de serem deportadas de volta para os seus países, deixando-os e suas famílias vulneráveis a outras violações de direitos humanos, incluindo represálias e repetição do tráfico.

As leis não são apenas destinadas a não acabar com este comércio de escravas sexuais (que é permitido pelo Talmude), como de fato vão tão longe ao ponto de tornar perigoso e inútil para a vítima gentia dar testemunho contra o seu carrasco judeu. Elas também garantem que os traficantes não serão acusados com infracções graves, é uma aprovação silenciosa deste empreendimento da miséria, que remonta novamente à lei talmúdica.

Sexo pago com garotas loiras russas é uma «instituição nacional». Até mesmo rabinos visitam estas «shiksas» em prostíbulos.
Uma boa percentagem dos clientes ou «johns», na gíria, são judeus ultra-ortodoxos, homens piedosos cujas vidas são guiadas pela halaka (lei religiosa), que lhes diz quando eles podem ou não podem fazer sexo com suas esposas. Assim, nas tardes de quinta-feira (noite dos rapazes em Israel), ónibus cheios de judeus ortodoxos viajam para Jerusalém, Haifa e pontos além, para Tel Aviv, por alguns momentos preciosos de paixão em uma casa de massagens, atrás de uma duna de areia ou em um beco. Outros clientes são contadores, advogados, policiais e políticos. «Todo o espectro da sociedade israelita mantêm as prostitutas nos negócios», afirma o detetive Shackar, um cínico veterano da depravação de Tel Aviv.
Revista Momennt, a «Revista de Cultura e Opinião Judaica»

Os judeus estiveram envolvidos neste tipo cartel de comércio humano antes de Israel existir: Arraigados em grande parte na Europa Oriental e Central, onde «eles dominaram o tráfico internacional da área», judeus estiveram envolvidos em redes de prostituição que funcionaram, escreveu Arthur Mora (da Associação Judaica de Londres Para a Protecção de Meninas e Mulheres) em 1903, em «quase todas as partes da África do Sul e do Norte, para a Índia, China, Japão, Filipinas e América do Sul e do Norte, e também para muitos dos países da Europa». [Bristow, p. 1] Criminosos judeus traficaram mulheres sob seu controle em praticamente qualquer lugar, incluindo também as principais cidades da Bulgária, Bósnia, Grécia, Turquia, Líbano, Egipto, Ceilão, Manchúria, África do Sul, Rodésia e Moçambique. [Bristow, p. 181]

Dr. Louis Maretsky, o chefe da B›nai B›rith na Alemanha, observou tristemente em 1912 que pelo menos 271 dos 402 traficantes de prostituição em uma lista policial de Hamburgo eram judeus. Na revisão de listas semelhantes para a Europa Oriental e África do Sul, pelo menos 374 dos 644 eram da comunidade judaica. [Bristow, p. 56] (Nenhuma menção aqui é feita de ainda maiores percentagens possíveis, pois como explorado mais tarde, tem sido uma tradição para muitos judeus em sua diáspora mudarem formalmente seus nomes judeus identificáveis). Quanto a Galicia, Maretsky escreveu que: «A proeminéncia de traficantes judeus e os operadores do bordel, não há dúvida. A partir dos arquivos da polícia austríaca e alemã, havia 111 traficantes judeus activos na Galiza e na província vizinha de Bucovina só entre 1904-1908.» [Bristow, p. 56]

«Facilitadores da Letónia acompanharam prostitutas para ajudá-las a atravessar fronteiras e encontrar alojamento e locais de trabalho. Estes homens eram desprezados pela polícia e por alguns da fraternidade criminal por ‹viverem por ganhos imorais›. Mas eles não eram cafetões... Eles foram efetivos agentes de viagem, entregadores e gestores em lugares estranhos e hostis. Sua chegada em Londres garantiu que um dos ramos principais da prostituição fosse controlada pelo crime organizado. Um desses letões, Max Kassell, ainda era gestor de um pequeno bordel de prostitutas na década de 1930 quando ele foi assassinado em Soho... Dominação judaica do East End (de Londres) e seu crime era refletido em seu nome iídiche, ‹spielers› (lugar para jogos). No bairro do Brick Lane, Isaac Bogard, um vilão judeu cuja tez morena e cabelos pretos encaracolados lhe rendeu o apelido de «Darky, o Guaxinim», estendeu seus interesses. Ele começou nos primeiros anos do século 20 suprindo força para os comerciantes da rua que queriam evitar que os recém-chegados se movessem, mas ele mudou-se para gerir as prostitutas e clubes de bebida.» [FIDO, M., 2000, p. 19-20]

Em Viena, as autoridades sabiam de cerca de 50 judeus traficantes de prostitutas estabelecidos em Czernowitz «e eles eram um grupo bem consanguíneo que se estendia a mais de duas gerações». [Bristow, p. 74] O julgamento mais divulgado de «escravidão branca» ocorreu em 1892, em Lemberg (uma vez fora chamada Lvov, então uma capital provincial polonesa chamada hoje de Lviv, na Ucrânia), onde 27 traficantes – todos judeus – foram processados por enganarem mulheres para irem a Constantinopla, Egipto e Índia. Algumas das mulheres recrutadas entendiam suas tarefas, mas outras «eram serviçais, outras para trabalho no campo, ajudantes de açougueiro, todos os trabalhos prometidos eram aparentemente honestos». [Bristow, p. 74] (Lemberg, «O Berço do Sionismo de 1880 em Diante», também causou revoltas anti-judaicas em 1918. [Krajewski, S., p. 340])

Trinta e nove judeus foram expulsos do Brasil em 1879 por aliciar mulheres à prostituição e gerir bordéis ilegais. [Bristow, p. 114]

«É tudo de propriedade de judeus», Bernd Gayk diz acerca do distrito da luz vermelha, na estação de trem. «Praticamente tudo nesta área é de propriedade de judeus alemães. Não há um único cabaré aqui de propriedade de um alemão, mas o resto pertence a judeus.» [MARCAS, J., p. 42, 44]

Em 1889, o Boletim Continental de Buenos Aires informou que 200 mulheres alemãs/austríacas foram mantidas contra sua vontade por cafetões judeus da Polónia. [GUY, p. 5] «Cafetões judeus», diz Donna Guy «... Tornaram-se uma rede organizada nas grandes cidades em todo o mundo. Eles eram particularmente poderosos nas cidades portuárias argentinas de Buenos Aires e Rosario...» [GUY, p. 10]

Então em Londres, havia Harry ‹Little Hubby Distleman›, «um gerente judeu do clube, apostador e, possivelmente, participante parcialmente (com seu irmão) em uma rede de bordéis.» [FIDO, M., 2000, p. 31] O autor judeu Chaim Bermant observou no Jewish Chronicle, em 1993, que «no mesmo período (1903-1909), 151 estrangeiros (na Grã-Bretanha), a maioria deles judeus, foram condenados por manter bordéis, e 521 por solicitar.. [Jewish Chronicle, 1-15-93]

Em Cuba, os judeus «se envolveram no tráfico de escravas sexuais brancas», diz Robert Levine, «trazendo prostitutas da Polónia... Muitas mulheres recrutadas para o negócio tinham sido presas no âmbito russo e polaco e em todo o Império Habsburgo pela força ou fraude, e o dilema humano foi grande». [Levine, p. 66]

Incrivelmente, mesmo na Alemanha, onde os judeus têm uma história tão horrível, tais problemas relacionados com judeus ainda borbulham sob a superfície. Em 1994, um repórter da US News and World Report observou as observações de um policial Frankfurtiano patrulhando o Precinct 4:

«O cafetão judeu», diz Albert Fried, «livremente utilizou mediadores de casamento e agéncias de desemprego para enganar suas vítimas - as jovens, solitárias, inocentes, fracas, marginalizadas, oprimidas» [Frito, p. 14] Começando com uma prostituta em 1890, por exemplo, em 1912, Motche Greenberg teve uma «participação de controlr em oito prostíbulos e 114 mulheres, e ganhava US $ 4.000 por mês, uma quantidade incalculável pelos padrões de hoje.» [Frito, p. 18]

«É um fato absoluto», escreveu Ernest Bell, em seu livro de 1911 sobre a escravidão branca, «que os judeus corruptos estão agora na espinha dorsal do tráfego repugnante em Nova York e Chicago.» [BELL, p. 188] «Os instintos criminosos que são tão frequentemente encontradas naturalmente no judeu russo e polaco», escreveu Frank Moss em um volume popular chamado American Metropolis (1897), «vêm à superfície de tal forma a ponto de justificar a opinião de que essas pessoas são o pior elemento em toda a composição de Nova Iorque.» [frito, p. 55-56]

Os nacional socialistas também tomaram conhecimento deste (e mais tarde, quando no poder, colocaram um fim justo para isso dentro da Alemanha enquanto exporam os judeus por trás deste):
O jovem e enfurecido Adolf Hitler prestou especial atenção ao fenómeno altamente visível dos movimentos de rua judaicos e das redes de prostituição judaicas em Viena, e ficou furioso que muitas mulheres não-judeus fossem coagidas neste amplo comércio judaico. «As ligações dos judeus com a prostituição e sobretudo com o tráfico branco», escreveu ele no Mein Kampf, «podiam ser estudadas em Viena, melhor do que em qualquer cidade da Europa ocidental... Quando, pela primeira vez, vi o judeu envolvido, como dirigente frio, inteligente e sem escrúpulos, nessa escandalosa exploração dos vícios do rebotalho da grande cidade, passou-me um calafrio pelo corpo, logo seguido de um sentimento de profunda revolta.» [Bristow, p. 84]

Referéncias:
US State Dept. 2005 Trafficking in Persons Report
Amnesty International, Israel: Briefing to the Committee on the Elimination of Discrimination against Women, June 2005
Michael Specter, New York Times Newsservice p. 1, January 11, 1998
Moment magazine, the «Magazine of Jewish Culture and Opinion
Amnesty International, 2005 Report
Jerusalem Post
Jewish Chronicle

Sadismo Judaico na Palestina:
«Genocídio é Permissível» de Acordo com Jornal Israelita

A agenda é o extermínio total dos palestinos na Faixa de Gaza. O governo israelita admite que o Hamas não foi o responsável pelo sequestro e assassinato de três adolescentes judeus, eles usaram como premissa para a invasão atual em Gaza sob falsa premissa para culpar o Hamas. Essa era apenas uma mentira para atuar como cobertura para a destruição do Estado palestino e o roubo de toda a sua terra, que é o que os judeus têm feito desde o início do Estado judeu.

Os planos completos para a máxima expansão do Estado judeu, elaboradas pelos judeus, apela para o extermínio de milhões de árabes e a destruição de nações inteiras. Eles tentaram expandir ainda mais para o Líbano com a guerra civil e a Mossad admite que começou a usar uma desculpa para invadir o sul do Líbano para roubar seus recursos e anexar suas terras a Israel enquanto o povo libanês estava ocupado matando uns aos outros por razões religiosas. Isso resultou na morte de 120 mil pessoas no Líbano. Isso saiu pela culatra sobre eles e foram expulsos, eles reocuparam em 2006 para serem derrotados novamente. Eles foram enxotados para fora da terra síria para as Colinas de Golã e têm financiado as forças de procuração que trabalham para acabar com Assad para destruir a nação Síria e substituí-la com fracas regiões bandidas islâmicos que podem ser facilmente tomadas por Israel a qualquer momento. Este conflito eles estão atrás na Síria já matou quase 200 mil pessoas neste momento e ainda está sendo travada.

Os judeus empurraram o 11 de Setembro para colocar os Estados Unidos em guerras e ocupações no Oriente Médio para construir a Grande Israel e destruir todos os seus rivais lá. É por isso que o Iraque foi destruído e ocupado com um número de mortes de vários milhões de iraquianos, e eles forçaram e ainda tentam fazer uma guerra contra o Irã e tentaram puxar os americanos para a guerra na Síria. 11/9 foi apenas uma versão maior do que eles fizeram com o ataque USS Liberty e caso Lavon.
A verdade sobre o 11/9: http://www.911missinglinks.com/watch-movie

Literalmente milhões de homens, mulheres e crianças árabes foram mortos, juntamente com milhares de americanos o foram, em nome de belicistas judeus no Oriente Médio.

O que o Talmude judaico diz sobre os gentios:
Sinédrio 59a: «Matar goyim é como matar animal selvagem.»
Abodah Zara 26b: «Mesmo o melhor dos gentios deveria ser morto.»
Hilkkoth Akum X1: «Não mostre misericórdia para com os Gentios.»

«Genocídio é permissível» de acordo com jornal insano de Israel

Op-Ed (ATUALIZADO)

http://www.salon.com/2014/08/01/genocide_is_permissible_according_to_insane_times_of_israel_op_ed

The Times of Israel está sob ataque na sexta-feira depois de publicar um post intitulado «Quando o genocídio é admissível». O post, escrito por Yochanon Gordon, foi rapidamente removido do site do Times, mas em cache e versões de tela capturada do endereço rapidamente proliferaram nos media sociais.

No artigo, Gordon ataca as Nações Unidas pela admoestação recente contra o uso «desproporcional» da força por Israel em Gaza, insistindo que os observadores internacionais «estão completamente fora de contato com a natureza deste inimigo e portanto não são qualificados para ditar ou impor as regras desta guerra».

Por causa da ameaça a Israel supostamente única que apresenta Hamas, Gordon afirma que «nada pode ser considerado desproporcional quando estamos lutando pelo nosso próprio direito de viver».

Ele continua mais adiante no trecho:
«O Hamas declarou sem rodeios que idealiza a morte tanto quanto Israel celebra a vida. Que outra maneira então há para lidar um inimigo desta natureza e não eliminá-los completamente?

Âncoras como os da CNN, BBC e Al-Jazeera não perderam a oportunidade de salientar que a maioria era de civis inocentes que perderam suas vidas como resultado desta guerra. Mas quem vive com lançadores de foguetes instalados ou túneis escavados por terroristas ou em torno da vizinhança de sua casa não pode ser considerado um civil inocente.»

E então conclui fazendo a seguinte pergunta retórica:
«Se os líderes políticos e especialistas militares determinar que a única maneira de atingir seu objetivo de sustentar tranquilidade é através de genocídio, seria isso então permitido para alcançar os objetivos responsáveis?»

O Gordon não cita quaisquer «líderes políticos e especialistas militares» que chamaram para o genocídio dos palestinos em Gaza. No entanto, as últimas semanas temos visto uma enxurrada de apoiadores de Israel linha-dura nos media justificando de forma agressiva a campanha de Israel em Gaza, que já causou a morte de cerca de 1.500 palestinos, muitos deles civis.

Gordon, por sua vez, parece estar aderindo a suas armas. A conta no Twitter que parece pertencer ao escritor respondeu aos críticos nesta sexta-feira à tarde. (Atualização: Twitter do Gordon conta foi desativada, e seus os tweets apagados)

A página onde o artigo de Gordon foi originalmente publicado hoje leva uma leitura da nota: «O conteúdo deste post foi removido por violação do editorial do The Times of Israel. O título original foi totalmente removido. De acordo com sua página do autor no site do Times, Gordon teve o blog do jornal desde abril.

Atualização: The Times of Israel lançou uma declaração formal sobre o artigo, chamando-o de «condenável e ignorante» e afirmando que o jornal interrompeu o blog de Gordon.

«Nós não vamos tolerar posts que incitem à violéncia ou atos criminosos», diz a declaração.

Gordon, por sua vez, emitiu um pedido de desculpas de sua autoria, afirmando que «nunca teve a intenção de chamar ao prejuízo de quaisquer pessoas, embora as minhas palavras possam ter transmitido essa mensagem.»

«Eu rezo e espero por um fim pacífico rápido para os hostilidades e que todas as pessoas aprendem a conviver umas com as outras na criação de um mundo melhor para todos nós», a nota termina.

Judeus convidam para a limpeza étnica total de Gaza
http://electronicintifada.net/blogs/ali-abunimah/expel-palestinians-populate-gaza-jews-says-knesset-deputy-speaker

Um parente carrega o corpo do garoto de quatro anos de idade, Qassim Elwan, durante seu funeral na cidade de Gaza, em 19 de julho. Qassim foi morto junto com seu irmão por um bombardeio israelita no dia anterior.
(Ezz al-Zanoun / images APA)

«Israel deve atacar Gaza ainda mais impiedosamente, expulsar a população e reassentar o território com os judeus, o vice-presidente do parlamento de Israel, o Knesset», disse.

Moshe Feiglin, membro do governante Partido Likud do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, faz o convite em um artigo para o site de notícias israelita Arutz Sheva.

Feiglin exige que os ataques de Israel lançamento «em toda Gaza com força máxima do IDF (o exército israelita) e não uma pequena fração dela, com todos os meios convencionais para sua eliminação».

Forçar a saída da população de Gaza
«Depois que o IDF completar o ‹amaciamento› dos alvos com seu poder de fogo, o IDF vai conquistar toda a Gaza, usando todos os meios necessários para minimizar qualquer dano a nossos soldados», sem outras considerações, Feiglin escreve em uma de várias chamadas para crimes de guerra definitivos.

Após a reconquista, o exército de Israel «vai eliminar completamente todos os inimigos armados de Gaza. A população inimiga que é inocente de irregularidades e separar-se dos terroristas armados será tratada de acordo com o direito internacional e serão autorizados a sair», Feiglin escreve.

«Gaza é parte da nossa terra»
«Gaza é parte da nossa terra e vamos permanecer lá para sempre», conclui Feiglin. «Após a eliminação do terror de Gaza, **ela se tornará parte de Israel soberano e será povoada por judeus.** Isso também irá servir para aliviar a crise de habitação em Israel.»

Feiglin tem uma longa história de incitação. Na semana passada, ele expulsou os membros árabes do Knesset que ousaram criticar a matança contínua de Israel em Gaza e apelou a Israel para cortar a energia de lá para diálise de pacientes. A partir de agora, 90% de Gaza está sem energia elétrica, o jornalista Mohammed Omer relata, e a maioria dos palestinos em Gaza estão recebendo menos de duas horas de eletricidade por dia.

Número de mortos sobe inexoravelmente
Mais de 100 palestinos foram mortos nas últimas 48 horas, enquanto Israel continua seus ataques indiscriminados contra os palestinos em toda a Faixa de Gaza ocupada por terra, mar e ar. Na tarde de sábado em Gaza, no dia 13 do atual bombardeio e invasão do território costeiro por Israel, 339 pessoas, a grande maioria civis, haviam sido mortas e um total de 2.500 feridos. Dezenas de milhares de pessoas fugiram de suas casas, principalmente no norte e no leste de Gaza em busca de abrigo contra a agressão israelita em escolas operadas pelas Nações Unidas.

Demandas genocidas
O chamado de Feiglin para a destruição da comunidade palestina em Gaza tem alguma ressonância. Apenas um dia antes de o artigo de Feiglin, o rabino Ben Packer fez uma exigéncia semelhante, chamando a invasão atual de «uma oportunidade para Israel conseguir uma vitória para mover a fronteira», conquistando o norte de Gaza.

Packer é o diretor da «Casa da Hereditariedade», um assentamento em Jerusalém Oriental ocupada que abriga os chamados «soldados solitários», os homens recrutados de outros países para participar das forças de ocupação israelitas.

Ex-colonos de Israel em Gaza evacuaram em 2005, teriam recebido a primeira oportunidade de «se estabelecerem no território recuperado», disse Packer. Packer, um colono dos Estados Unidos e voluntário no exército israelita, atuou anteriormente como «Rabino no Campus» da Universidade da Carolina do Norte e da Universidade de Duke.

Chamadas como as de Feiglin e de Packer para a violéncia genocida escalar contra os palestinos estão sendo ouvidas cada vez com mais frequéncia a partir de líderes israelitas.

Uma chamada para o genocídio dos palestinos feita por Ayelet Shaked, uma estrela em ascensão de Israel Habeyit Hayehudi (Casa Judaica) partido, parte do governo, recebeu notoriedade mundial após a Electronic Intifada traduzir o exposto no início deste mês.

Genocídio é e sempre foi um ideal judaico:
http://verdadeiroholocausto.weebly.com/ideal-genocida-judaico.html

«Um milhão de árabes não valem a unha judaica» - Rabino Yaacov Perri:
http://www.nytimes.com/1994/02/28/world/west-bank-massacre-israel-orders-tough-measures-against-militant-settlers.html

Confissões de um judeu:

As implicações devastadoras de Paulo de Tarso e do cristianismo na destruição da civilização romana

O texto abaixo foi escrito por Marcus Eli Ravage, um escritor judeu (1884-1965). Ele apareceu numa matéria da já extinta revista Century Magazine, em fevereiro de 1928. É tão claro, tão direto, e suas implicações de tão longo alcance, que o desastre completo, tão explicitamente expresso aqui, foge completamente do confuso cristão branco médio. Aqui está o título e o texto do artigo de Ravage:

UM CASO REAL CONTRA OS JUDEUS

Claro, estás ressentido de nós. Não é bom dizer-me que não. Então, não vamos perder tempo com negações e álibis. Tu sabes que estás, e eu sei disso, e nós entendemos um ao outro. Para ser claro, alguns de seus melhores amigos são judeus, e tudo isso. Ouvi dizer anteriormente uma ou duas vezes, eu acho. Sei, também, que tu não me inclui pessoalmente – «Eu», por ser qualquer indivíduo judeu em particular – quando tu arremessas a nós na tua moda por atacado, porque eu sou assim, tão diferente, tu não sabes, quase tão bom quanto um de vós. Aquela pequena isenção não, de alguma forma, move-me à gratidão, mas isso não importa agora. É o tipo agressivo, escalado, empurrado, materialista que tu não gostas – aqueles que, em uma palavra, que tu lembras muito de seus próprios irmãos indo e vindo. Nós nos entendemos perfeitamente. Eu não empurro isso contra ti.

Abençoa a minha alma, eu não culpo ninguém por não gostar de ninguém. A única coisa que me intriga sobre este negócio antijudaico, pois tu jogas nele, é a sua total falta de base. Tu és tão indireto com ele, fazes tais desculpas transparentes, pareces estar a sofrer de autoconsciéncia tão horrivelmente, que, se o desempenho não fosse grotesco, seria irritante.

Não é como se fostes amadores: estás nisso por mais de quinze séculos, entanto, observando e ouvindo seus pretextos infantis, pode-se ter a impressão de que não sabias sobre o que é tudo isso. Estás ressentido de nós, mas não podes dizer claramente o porquê. Achas uma nova desculpa – a razão, é assim que chama – todos os outros dias. Foram acumulando justificativas para si nestas muitas centenas de anos e a cada nova invenção é mais risível que o último, e cada nova desculpa contradiz e anula a anterior. Não muitos anos atrás, eu costumava ouvir que éramos «avarentos» e «materialistas» comerciais, agora a reclamação que está a ser sussurrada é de que nenhuma arte ou profissão está segura contra a invasão judaica. Estamos, se assim acreditadas, de uma só vez exclusivos e inassimiláveis porque não vamos nos casar convosco, e nós também somos escaladores e empurradores de uma ameaça à vossa integridade racial.

Nosso padrão de vida é tão baixo que criamos vossas favelas e indústrias de suor, e tão alto que se aglomeramos-nos em vossos melhores setores residenciais. Nós fugimos de nosso dever patriótico em tempo de guerra, porque somos pacifistas por natureza e tradição, e somos arquiconspiradores de guerras universais e os principais beneficiários dessas guerras (ver ‹Os Protocolos dos Sábios de Sião›).

Somos ao mesmo tempo os fundadores e líderes partidários do capitalismo e os principais autores da rebelião contra o capitalismo. Certamente, a história não tem nada como nós para a versatilidade! E, oh! Quase esqueci a razão das razões: nós somos as pessoas duramente servis que nunca aceitaram o cristianismo, e somos as pessoas criminosas que crucificaram seu fundador.

Mas eu vos digo, vós sois autoenganadores. Não tem nem o autoconhecimento ou a coragem de encarar os fatos de frente e assumir a verdade. Tu te ressentes do judeu, não porque, como alguns de vós parecem pensar, nós crucificamos Jesus, mas porque lhe demos um nascimento. Vossa luta real connosco não é por rejeitarmos o cristianismo, mas por empurrarmos isso em vós! Vossas acusações soltas, contraditórias contra nós não são uma mancha na escuridão do nosso ataque histórico comprovado. Acusam-nos de agitar a revolução em Moscou. Suponha que admitamos a acusação. Que tens com isso? Comparados com o que Paulo, o judeu de Tarso, realizou em Roma, a turbuléncia russa é uma mera briga de rua. Fazes muito barulho e fúria sobre a indevida influéncia judaica em vossos teatros e cinemas. Muito bom, concedemos que vossa reclamação é procedente. Mas o que é isso comparado com a nossa influéncia impressionante em suas igrejas, suas escolas, suas leis e seus governos, e a muito pensamentos que tu pensas todos os dias? Uma desajeitado russo forja um conjunto de trabalhos e publica-os em um livro chamado «Os Protocolos dos Sábios de Sião», que mostra que conspiramos para trazer a última Guerra Mundial. Tu acreditas naquele livro. Tudo bem. Para o bem do argumento, vamos subscrever a cada palavra. Ele é genuíno e auténtico. Mas o que é que ao lado da conspiração histórica inquestionável que temos realizado, que nunca negamos porque nunca tivestes a coragem de cobrar-nos com ela, e cujo registro completo existente é para qualquer um ler?

Se tu és realmente sério quando falas de tramas judaicas, será que não direciono vossa atenção para uma conversa que valha a pena? De que serve desperdiçar palavras sobre o alegado controlo de sua opinião pública por financistas judeus, donos de jornais e magnatas do cinema, quando podes justamente nos acusar de comprovado controlo de toda vossa civilização pelos Evangelhos judaicos?

Não começaste a apreciar a verdadeira profundidade da nossa culpa. Nós somos intrusos. Somos perturbadores. Somos subversores. Tomamos o mundo natural, seus ideais, seu destino, e fizemos estragos neles. Nós estivemos no fundo não apenas da última Grande Guerra, mas de quase todas as suas guerras, não só da russa, mas de qualquer outra grande revolução em vossa história. Trouxemos discórdia e confusão e frustração em vossa vida pessoal e pública. Nós ainda estamos a fazer isso. Ninguém pode dizer quanto tempo vamos continuar a fazê-lo.

Olhe um pouco para trás e veja o que aconteceu. Dezenove séculos atrás tu eras uma raça pagã inocente e despreocupada. Adoravam inúmeros Deuses e deusas, os espíritos do ar, das águas correntes e da floresta. Tinham orgulho descarado na glória de vossos corpos nus. Esculpiam imagens de seus Deuses e da tentadora figura humana. Encantavam-se nos combates do campo, da arena e do campo de batalha. Guerra e escravidão eram instituições fixadas em vossos sistemas. Praticando esportes nas encostas e nos grandes vales ao ar livre, que foi para especular sobre a maravilha e o mistério da vida e lançou as bases da ciéncia natural e filosofia. Sua foi um nobre cultura, sensual, despreocupada pelas fisgadas de uma consciéncia social ou por quaisquer questionamentos sentimentais sobre a igualdade humana.

Quem sabe que grande e glorioso destino poderia ter sido vosso, se o tivéssemos deixado em paz. Mas nós não o deixamos em paz. Pegamos-te na mão e derrubamos a estrutura bonita e generosa que tinhas criado, e mudamos todo o curso de vossa história. Conquistamos-te como nenhum de vossos impérios o fizeram na África ou na Ásia. E fizemos tudo isso sem exércitos, sem tiros, sem sangue ou tumulto, sem força de qualquer tipo. Fizemos isso apenas pela força irresistível do nosso espírito, com ideias, com propaganda. Fizemos os portadores dispostos e inconscientes da nossa missão para o mundo inteiro, para as raças bárbaras da

Terra, as incontáveis gerações futuras. Sem compreender totalmente o que estávamos a fazer para ti, te tornastes os agentes em geral da nossa tradição racial, levando o nosso evangelho até os confins inexplorados da Terra. nossos costumes tribais tornaram-se o núcleo de vosso código moral. Nossas leis tribais forneceram a base fundamental de todas as vossas constituições e sistemas jurídicos. Nossas lendas e os nossos contos populares são a sabedoria sagrada que cantarolas a vossos filhos. Nossos poetas têm enchido os hinários e vossos livros de oração. Nossa história nacional tornou-se uma parte indispensável de vossos pastores e padres e académicos. Nossos reis, nossos estadistas, nossos profetas, nossos guerreiros são os vossos heróis. Nosso antigo pequeno país é a vossa Terra Santa. Nossa literatura nacional é a vossa Bíblia Sagrada.

O que o nosso povo pensou e ensinou tornou-se inextricavelmente tecido em vossos próprios discurso e tradição, pois ninguém entre vós pode ser chamado de educado se não estiver familiarizado com a nossa herança racial. Artesãos judeus e pescadores judeus são vossos professores e santos, com inúmeras estátuas esculpidas a imagem deles e inúmeras catedrais elevadas para as memórias deles. Uma donzela judia é vosso ideal de maternidade e feminilidade. Um profeta rebelde judeu é a figura central em vosso culto religioso. Nós derrubamos vossos ídolos, removemos vossa herança racial e a substituímos pelo nosso Deus e as nossas tradições. Nenhuma conquista na história pode sequer se comparar remotamente com esta tábua rasa da nossa conquista sobre vós.

Como fizemos isso? Quase que por acidente. Há dois mil anos quase, na longínqua Palestina, nossa religião tinha caído em decadéncia e materialismo. Cambistas estavam na posse do templo. Sacerdotes degenerados, egoístas macularam nosso povo e engordaram.»
«Então, um jovem idealista e patriota surgiu foi sobre a Terra pedindo um reavivamento da fé. Ele não tinha a intenção de criar de uma nova igreja. Como todos os profetas antes dele, seu único objetivo era purificar e revitalizar o antigo credo. Ele atacou os sacerdotes e expulsou os vendilhões do templo. Isso o colocou em conflito com a ordem estabelecida e os seus pilares de sustentação. As autoridades romanas, que estavam na ocupação do país, a temer sua agitação revolucionária como um esforço político para derrubá-los, o prenderam, julgaram-no e condenaram-no à morte por crucificação, uma forma comum de execução naquele momento.

Os seguidores de Jesus de Nazaré, principalmente escravos e trabalhadores pobres, em seu luto e desapontamento, afastaram-se do mundo e formaram uma irmandade de pacifistas nãorresistentes, compartilhando a memória de seu líder crucificado e a viverem juntos comunisticamente. Eles eram meramente uma nova seita na Judéia, sem poder ou consequéncia, nem o primeiro nem o último. Somente após a destruição de Jerusalém pelos romanos fizeram o novo credo entrar em destaque. Então um judeu patriótico chamado Paulo ou Saulo, concebeu a ideia de humilhar o poder romano, destruindo a moral ou a sua tropa com as doutrinas do amor e da nãorresisténcia pregada pela seita pequena dos judeus cristãos. Ele tornou-se o Apóstolo dos Gentios, ele que até então tinha sido um dos perseguidores mais activos da trupe. E tão bem que Paulo fez o seu trabalho que, dentro de quatro séculos, o grande império que tinha subjugado a Palestina junto com metade do mundo, era um montão de ruínas, a lei que saiu de Sião se tornou a religião oficial de Roma.

Este foi o início de nosso domínio em vosso mundo. Mas foi só o começo. Deste momento em diante, vossa história é pouco mais que uma luta pelo domínio entre o seu próprio antigo espírito pagão e nosso espírito judaico.

Metade vossas guerras, grandes ou pequenas, foram guerras religiosas, travadas sobre a interpretação de uma coisa ou outra em nossos ensinamentos. Vós não mais cedo vos libertastes de vossa simplicidade religiosa primitiva e tentaram a prática da aprendizagem pagã romana do que Lutero, armado com nossos evangelhos, levantou-se para derrubar-te e reentronizar a nossa herança. Pegue as três principais revoluções dos tempos modernos – a francesa, a americana e a russa. O que são elas, senão o triunfo da ideia judaica de justiça social, política e económica?

E o fim ainda é um longo caminho. Nós ainda te dominamos. Neste exato momento as vossas igrejas são dilaceradas por uma guerra civil entre fundamentalistas e modernistas, isto é, entre aqueles que se apegam aos seus ensinamentos e tradições literalmente, e aqueles que estão se esforçando por passos lentos para nos despojar. Em Dayton, Tennessee, uma comunidade bíblica proíbe o ensino de vossa ciéncia porque está em conflito com o nosso antigo relato judaico da origem da vida, e Mr. Bryan, o líder do antissemita Ku Klux Klan, na Convenção Nacional Democrata, faz a luta suprema da vida dele a nosso favor, sem perceber a contradição. Uma e outra vez a herança puritana da Judeia irrompe em ondas de fase de censura, leis azuis de domingo e atos de proibição nacional. Enquanto estas coisas estão a acontecer, tu falas tolices sobre a influéncia judaica nos filmes!

É de se admirar que te ressintas de nós? Colocamos uma obstrução sobre o vosso progresso. Impusemos a ti um livro estranho e uma fé estranha que não podes engolir ou digerir, que conflita os propósitos com o seu espírito nativo, que te mantém eternamente pouco à vontade, e que lhe falta o espírito de ou a rejeitar ou aceitar na íntegra. Na íntegra, é claro, nunca aceitaste nossos ensinamentos cristãos. Nos seus corações ainda são pagãos. Tu ainda amas a guerra e as esculturas e imagens de conflitos. Ainda te orgulhas da glória da figura humana nua. Vossa consciéncia social, a despeito de toda a democracia e todas as revoluções sociais, ainda é algo lamentavelmente imperfeito. Temos apenas dividido vossa alma, confundido vossos impulsos, paralisado vossos desejos. No meio da batalha, tu és obrigado a ajoelhar-se para aquele que ordenou a dar a outra face, que disse: ‹Não resistais ao mal› e ‹Bem-aventurados os pacificadores›. Em vossa ânsia de ganho, tu és subitamente perturbado por uma memória de vossos dias de escola dominical sobre a tomar nenhum pensamento no amanhã. Em vossas lutas industriais, quando tu irias começar uma greve sem escrúpulos, de repente lembra-se de que os pobres são abençoados e que os homens são irmãos na paternidade do Senhor. E como estás prestes a ceder à tentação, sua formação judaica coloca a mão dissuasora sobre vossos ombros e arranca a taça transbordante de vossos lábios.

Vós cristãos nunca se cristianizaram. Nessa medida, falhamos convosco. Mas nós sempre estragamos a diversão do paganismo para vós. Então, por que não deves de se ressentir de nós? Se estivéssemos em vosso lugar, provavelmente não gostaríamos de vós mais cordialmente do que nós fazemos. Mas não devemos fazer nenhum esforço sobre dizer-lhe o porquê. Nós não devemos recorrer a subterfúgios e pretextos transparentes. Com milhões de comerciantes judeus dolorosamente respeitáveis todos sobre nós, não devemos insultar a vossa inteligéncia e a nossa própria honestidade, falando sobre o comunismo como uma filosofia judaica. E com milhões de camelôs, trabalhadoras e trabalhadores judeus sem dinheiro, não devemos ser ridículos ao falar sobre o capitalismo internacional como um monopólio judeu. Não, devemos ir direto ao ponto. Devemos contemplar esta confusa, perturbada ineficaz que chamamos de civilização, essa miscelânea meio pagã e meio cristã e, com nossos lugares invertidos, deveríamos dizer para vós a queima-roupa: «A essa bagunça damos graças a vós, a vossos profetas e vossa Bíblia.

CAPÍTULO 5: O COMUNISMO JUDAICO

Marxismo ou Nacionalismo?

Fonte: Ch. 10 de Politische Fibel por Hansjoerg Maennel, 16 (1940) edição.

O marxismo defende a democracia, o internacionalismo, o pacifismo e o conflicto de classes com o objectivo da abolição da propriedade privada. O fundador desta doutrina era Karl Marx (cujo nome real era Mardochei *; 1818-1883). Marx era judeu, o facto em si explica toda a forma e impulso do seu pensamento. Ele não era um «proletário», mas veio de circunstâncias judaicas burgueses. Marx também foi líder não dos trabalhadores (Arbeiterfuehrer), mas um literatus típico. Ele absorver não da vida, mas a partir de livros. Os escritos liberais-capitalista dos economistas nacionais ingleses (Volkswirtschaftler) o influenciaram fortemente. Sua obra principal é Das Kapital. Ele está repleto de palavras estrangeiras incomuns, um trabalhador de fábrica, por exemplo, não pode compreendê-lo em tudo. Não há maiores opostos do que Karl Marx e Adolf Hitler.

Marxismo incorpora em sua forma mais aguda todas as falácias do século XIX que mergulharam o nosso povo na miséria. Os marxistas proclamam o internacionalismo, negam o valor de folkdom, e quer substituí-los por «solidariedade internacional». Os marxistas eram pacifistas, que sempre apelaram para a covardia e a traição conduzida ou glorificada. O marxismo abertamente chama para a luta de classes. Os marxistas defendiam a democracia e o parlamentarismo, a sua maior festa se chamava «social-democracia».

Já tratamos desses pontos de vista. Reconhecemos que estes princípios devem ser rejeitados completamente, porque eles sempre provocam o colapso de uma nação.

Desde o espírito desta falácia perniciosa, Karl Marx construiu uma teoria económica. Seria perda de tempo se nós examinássemos criticamente a todos os elementos do marxismo. Com isso pode-se, na melhor das ipóteses, despertar a memória desta forma destrutiva do pensamento. Em poucos anos, o veneno marxista seria extirpado completamente, de modo que nenhum alemão saberia o que o marxismo é ao todo. Portanto, somente o ponto crucial do marxismo deve ser extraído aqui.

Marx afirma: cada empreendedor sempre explora seus trabalhadores; nenhum empregador paga o salário integral. Consequentemente empresas crescem a um ritmo cada vez maior. As grandes empresas absorvem pequenas empresas. Em um necessário processo de desenvolvimento que finalmente chega ao ponto, de acordo com Marx, que há apenas alguns grandes capitalistas, que por outro lado se deparam com um enorme exército de proletários.

Na base desta perspectiva, Marx no entanto não exige uma política económica que impediria tal desenvolvimento. Ao contrário, ele explica com habilidade essencialmente judaica na distorção (Verdrehungskraft) que este desenvolvimento na economia é bem-vindo: é bom que o grande capital aumente constantemente, é bom que seja cada vez mais poderoso, e consequentemente, menos capitalistas. Ou seja, de acordo com Marx, um desenvolvimento necessário, que não se pode e não se deve impedir, mas apenas promover. Então, de acordo com a profecia marxista, vem a um piscar de olhos, em que os poucos capitalistas são desapropriados («expropriação dos expropriadores» (!), em outras palavras desapropriação dos dispossessores) pelas massas numerosas.

O proletariado deve então esperar pacientemente por este momento.

Esta doutrina do judeu Karl Marx mostra toda a fraude do marxismo. Aqui nós discernimos que o objectivo do próprio marxismo é o mesmo do capitalismo: o domínio do judaísmo mundial. Vemos a mesma coisa quando se considera a atitude para com a propriedade privada. Marxismo exige desapropriação, para a abolição da propriedade privada. Tudo deve pertencer ao Estado. O resultado é uma recompensa para o estúpido e o preguiçoso, juntamente com uma punição para o eficiente, que conseguiu alguma coisa e agora está despojado, e que vem com uma paralisia da productividade, uma educação para a preguiça e o parasitismo.

O capitalismo, por outro lado significa a inviolabilidade, a «santidade» da propriedade privada. É irrelevante a forma como o capital foi derivado e como ele é utilizada. O resultado é a exploração do productivo.

Nacional-Socialismo defende fundamentalmente o lado da propriedade privada. O que cada um cria através do trabalho honesto deveria pertencer a ele. Mas o Estado tem o direito de desapropriar quando a propriedade não é usada para o bem-estar do povo ou não foi honestamente adquirido.

- Efeito do marxismo: tudo pertence a uma só entidade, o Estado, ou seja, os líderes marxistas, assim, os judeus.
- Efeito do Capitalismo: tudo pertence a uma entidade, os grandes capitalistas, portanto, também os judeus.
- Efeito do Nacional-Socialismo: a cada um o seu devido (jedem das Seine); evolução de acordo com a realização.

Por causa de Adolf Hitler, os trabalhadores foram trazidos para a comunidade popular, enraizados no solo e desproletarizados.

Marxismo e capitalismo tomar posse. Nacional-Socialismo faz a posse.

Tanto o marxismo quanto o capitalismo têm o mesmo objectivo judaico e o mesmo efeito judaico. Em ambos, tudo pertence a alta finança internacional; todos os outros seres humanos são desapropriados: «proletários».

A prática do marxismo expôs toda a fraude para o trabalhador alemão. A preocupação ostensiva com o proletário era apenas uma performance dramática (Spiegelfechterei) foi feita para enganar um grande número de trabalhadores e ligá-los às organizações de liderança judaica. O marxismo sempre tomou cuidado para que as classes médias e toda a burguesia fossem arruinadas (vernichtet) e proletarizadas. Assim, os partidos marxistas também esperavam obter as melhores perspectivas de agitação e assim, melhores resultados eleitorais.

Ambas a social-democracia e o comunismo tinham o mesmo objectivo final: eles diferiam somente no exterior, por causa de diferentes tácticas. O comunismo é o caminho consistente da loucura marxista. Especialmente na KPD Sub-Humana, organizada para o assassinato do respeitável Germanismo (anstaendigen), que se juntaram as SA contra a destruição e em defesa de todas as coisas dignas.

Adolf Hitler: «Tudo, desde roubos, incéndios, ataques mestrados, tentativas de assassinato e assim por diante, recebem sanção moral na ideia comunista. O método de terror em massa sozinho tem, no decorrer de alguns anos, o custo ao movimento nacional-socialista, mais de 300 mortos e dez mil feridos.»

Na Rússia Comunista Soviética, todas as fundações do *folkdom* estão a ser destruídas sistematicamente. Aqui não há liberdade para o trabalhador ou o agricultor, sem o casamento e a família, nenhuma religião e não há mais honra. Aqui asiáticos e judeus são triunfantes. Quem se opõe a essa escravidão é esmagado com terror sanguinário.

Antes da Revolução Nacional-Socialista, o terror marxista na Alemanha manifestou-se cada vez mais claramente. Adolf Hitler tinha percebido que se pode superar o terror do marxismo não através de decoro e covardia burguesas, mas apenas através de amarga oposição. Para este fim, fundou-se as SA. As SA tem derrubado o terror marxista. Eles têm realizado a sua missão debaixo das perdas mais pesadas.

Ambos marxismo e liberalismo têm a mesma raiz. Eles são diferentes variedades de uma mesma visão de mundo materialista judaica. O marxismo é um liberalismo com sintomas iniciais invertidos. O liberalismo é a avareza da «classe dos proprietários»; marxismo é a inveja da «classe desapropriada». Mas o Nacional-Socialismo é o sacrifício de uma nação para a nação.

O marxismo e o capitalismo são ambos instrumentos judaicos para a escravização dos povos. Adolf Hitler reconheceu que se pode quebrar o poder judaico somente quando se tiver levado o trabalhador alemão fora das organizações marxistas.

A enorme campanha de propaganda do NSDAP teve o objectivo de esclarecer o povo alemão sobre o engano dos judeus. Sempre que os partidos capitalistas burgueses viravam-se contra o marxismo, eles se voltaram contra a classe trabalhadora. Mas eles representavam essencialmente a mesma visão de mundo materialista como o próprio marxismo, apenas em uma outra variação. Por isso, a burguesia era incapaz de derrotar o marxismo. Nenhum partido de classe, só um movimento nacional poderia realizar esta tarefa.

A luta do nacional-socialismo contra o marxismo nunca foi uma luta contra o trabalhador, mas sempre sobre o trabalhador e para o trabalhador. Portanto, nosso líder lutou acima de tudo contra a praga marxista. Essa luta acabou vitoriosa. A Revolução Nacional-Socialista destruiu o marxismo. No ataque das SA, esta doutrina podre ruiu como um castelo de cartas.

Nosso líder, com a destruição e erradicação do marxismo, criou o pré-requisito para o reascenção da Alemanha.

Joseph Goebbels: «Nós não queremos abolir a propriedade, mas sim generalizá-la.»

Adolf Hitler: «No dia em que o marxismo for esmagado na Alemanha, seus grilhões estarão em verdade quebrados para sempre. Nunca em nossa história fomos conquistados por causa da força dos nossos adversários, mas sempre por causa de nossos próprios vícios e por causa dos inimigos em nosso próprio meio.»

Adolf Hitler: «O maior objectivo do Estado Popular é assim a manutenção desses elementos raciais fundamentais que, como parte da cultura, trazem a beleza e a dignidade de uma humanidade mais elevada.»

Leitura adicional

Ver, entre outros: Adolf Hitler, Mein Kampf, especialmente vol. I, capítulos 5 e 10; vol. II, capítulos 2, 3, 4, & 1o. Otto Bangert, Revolução Alemã. Joseph Goebbels, Revolução dos Alemães; Revolução do Espírito.

O pai de Karl Marx, filho de um rabino, mudou o nome da família de Mordechai para Marx. A ortografia Mardochei aparece em algumas fontes, mas Mordechai parece muito mais comum, aparecendo por exemplo, de John Spargo Karl Marx: sua vida e obra (1910).

Como os judeus controlam ambos os lados «opostos» para cumprir sua agenda comunista

O artigo a seguir é um trecho da Bíblia do Homem Branco, por Ben Klassen. Embora a URSS não exista mais como um estado comunista, este artigo que foi escrito antes da queda do comunismo russo, é muito revelador:

RÚSSIA, ISRAEL, E OS ESTADOS UNIDOS

Os EUA não lutam contra o comunismo.
Um dos enganos mais flagrantes e persistentes que foi impingido ao povo americano desde da Revolução Russa de 1917 é que o governo norte-americano é desesperadamente, mas bravamente lutando uma guerra perdida «contra o comunismo». Depois de mais de seis décadas, a maioria dos americanos ainda acreditam nessa farsa, e permanecem perpetuamente confusos do porquê dos Estados Unidos, rico, poderoso, moralmente superior ao comunismo, está continuamente a perder.

Judeus americanos, poder central do comunismo.
A verdade brutal é que o poder estabelecido americano: governamental, financeiro e propagandista (todos dominados por judeus), não lutam contra o comunismo. O facto é que o comunismo é judeu desde o seu início. O comunismo é apenas uma das muitas ferramentas poderosas que estão a ser utilizadas no programa judaico para dominar o mundo. Não só os Estados Unidos não lutam contra o comunismo como a maioria dos americanos está enganada a acreditar, mas pelo contrário, os Estados Unidos é que são o principal financiador, planeador e promotor do comunismo, não só na Rússia, mas em todo o mundo. Sem o apoio financeiro e assisténcia técnica dos Estados Unidos, o ultraje comunista judaico contra o povo russo teria caído de cara no chão em seu início, e muitas vezes desde então. Na verdade, ele nunca teria sido inaugurado, em primeiro lugar.

Treinados e financiados em Nova Iorque.
É um facto histórico que o empurrão final para a aquisição comunista da Rússia foi generosamente financiado e cuidadosamente planeado por ricos capitalistas judeus aqui no bom e velho EUA. Ali, no East Side de Nova Iorque, Trotsky e 3 mil assassinos judeus foram cuidadosamente treinados para oferecer o cupê-de-graça final. O empreendimento foi financiado no valor de 20 milhões de dólares por ninguém menos do que o próprio (judeu) Jacob Schiff da empresa de Kuhn, Loeb & Co., uma filial americana da rede Rothschild em Nova Iorque. Quando chegou a hora, Trotsky e seus revolucionários judeus treinados foram enviados de barco (no meio da I Guerra Mundial) e chegaram sem entraves na Rússia para fazer seu trabalho. Uma vez lá, eles sabiam exactamente o que fazer, e quando estava tudo acabado, mais de 30 milhões de russos brancos tinham sido assassinados e os judeus estavam completamente na boa.
O comunismo é um embuste judaico.

Devemos lembrar mais uma vez que o comunismo não é nada mais do que um horrível, vicioso programa judaico para dominar o mundo, camuflado com propaganda enganosa humanitária, assim como a maioria dos outros programas judaicos. Pago pelos contribuintes americanos. O projecto judaico-comunista-marxista-sionista são todos partes integrantes do mesmo programa. É bem financiado não só com dinheiro judaico, mas de forma mais significativa com o dinheiro dos contribuintes, dos quais o contribuinte americano paga um peso esmagador.

Não há maior fonte de bens, riqueza e produtividade que o contribuinte americano trabalhador, e o potencial judaico para saquear essa tremenda fonte de produtividade parece ilimitado.

Por detrás disso, toda a rede judaica.
O movimento judaico-comunista-marxista-sionista é tremendamente poderoso. Por detrás dele está toda a rede de poder judaico do mundo. Isso inclui sua vasta rede mundial de propaganda: televisão, jornais, agéncias de notícias, revistas, editoras, educação e todos os outros apetrechos que não só influenciam, mas decidem a «opinião pública». Por trás deste movimento judaico também está o poderoso Sistema da Reserva Federal «capitalista» com seu ilimitado monopólio para imprimir papel-moeda, sem qualquer custo para si. Em suma, por trás disso é o lado oculto de toda a judiaria mundial.

Política americana hostil aos Tzares.
Foi esse poder estabelecido que projectou a derrubada da dinastia Romanov, a dinastia Viking que governava a Rússia por mais de três séculos, e substituiu-a por uma tirania judaica com mão de ferro. Em relação à política norte-americana em relação à Rússia, é interessante notar que, antes da revolução de 1917, a política dos Estados Unidos era hostil para com a Rússia (como eram os judeus). Entusiasticamente favoreceram o Japão na Guerra Russo-Japonesa de 1904-1905, que os japoneses venceram. Uma vez que os judeus tinham fixado a sua regra inflexível viciosa sobre a Rússia e seus vastos recursos em 1917, a política externa americana fez uma dramática (mas dissimulada) reviravolta e se tornou antijaponesa e pró-russa.

Benevolente após a conquista comuna.
Apesar de toda a propaganda, camuflagem e inversão, foram fortemente pró-Rússia (realmente pró-judaico) desde então. Foi a América que apoiou o governo comunista precário na década de 1920 com alimentos e outros auxílios. Foi a assisténcia técnica americana que construiu suas barragens, motopropulsores, perfurado seus campos de petróleo e construindo suas refinarias na década de 1920 e 1930. Apesar de toda essa assisténcia, o gigante russo estava perto do colapso de seu próprio peso e podridão no início dos anos 1930, foi o reconhecimento oficial de Roosevelt e sua extensão de créditos financeiros que mais uma vez salvou-a do esquecimento. Quando os exércitos heróicos de Hitler ficaram às portas de Leningrado, Moscou e Stalingrado, novamente, foi a ajuda militar americana e intervenção direta que salvou a Rússia comunista de ser varrida do mapa. Antes da Guerra era ainda mais, os Estados Unidos já começaram a enviar grandes quantidades de ajuda, tratores civis, máquinas, alimentos, no valor de 13 mil milhões de dólares. Isso, mais uma vez, foi tudo feito às custa dos contribuintes norte-americanos, que pagam a maior parte do custo para que os judeus em todo o mundo o tomem.

Salvos pela América de novo e de novo.
Desde o fim da II Guerra Mundial, foram os Estados Unidos que incentivaram e promoveram a tomada russo-comunista na Europa Oriental. Na verdade, quando a Rússia nervosamente hesitou em rolar seus tanques na Hungria na revolta daquele infeliz país em 1956, foi o presidente Eisenhower que especificamente que enviou um telegrama encorajador ao Premier Khrushchev, assegurando-lhe que os Estados Unidos não levantariam um dedo para ajudar os húngaros.

Frente falsa e enganosa.
Este tem sido o modus operandi das relações Estados Unidos-Rússia sempre desde 1917. Oficialmente, os Estados Unidos colocam-se numa frente a ser «anticomunista».

Nos bastidores tem ajudado, instigado, planeado, financiado e promovido revoluções comunistas em todo o mundo, quer fosse em países vizinhos da Rússia no leste da Europa, ou em países do outro lado do mundo que estavam temporariamente fora do alcance das tropas russas.

América auxiliou a revolução cubana.

Um bom exemplo deste último é a tomada comunista de Cuba. Sem a ajuda da propaganda americana (leia-se judaica) de imprensa, Fidel Castro teria morrido um vagabundo desconhecido, inédito e anónimo. Foi a imprensa norte-americana, especialmente os judeus do New York Times que inchou Castro como um herói nativo, como um libertador, como o Abraham Lincoln de Cuba, o George Washington da Sierra Maestra, como um reformador agrário não-comunista, e temporariamente vendeu ao povo americano como tal. Ao mesmo tempo, o nosso governo pôs pressão secreta sobre a cabeça do cubano em favor do governo americano, Fulgencio Baptista, para sair de Cuba. Depois de ter sido traído pelo governo americano e os patins efetivamente colocados debaixo dele, Baptista fugiu do país e Castro entrou com o total apoio do governo americano e a imprensa (judaica) americana. Foi um interessante estudo em hipocrisia para ver como nós lentamente «descobrimos» que Castro era comunista, um facto bem conhecido ao governo americano e pela conspiração judaica, e em primeiro lugar, a razão fundamental para a revolução.

Traição repetida aos interesses norte-americanos.
Não é meu propósito aqui nesta dissertação limitada, rever a história da traição judaica aos interesses americanos e falar das revoluções comunistas em todo o mundo. Este deveria literalmente uma enciclopédia inteira para cobrir. Eu só quero salientar alguns acontecimentos históricos que até mesmo o leitor americano mais ingénuo das notícias diárias está familiarizado. A este respeito, quero apontar o dedo a apenas alguns exemplos gritantemente óbvios que qualquer um pode entender.

Traição à China.
Uma das fraudes mais flagrantes e de maior importância mundial foi manipulada pelos Estados Unidos logo após a Segunda Guerra Mundial, que foi a traição do Generalissimo Chiang Kai-shek e as vastas multidões da China. Chiang Kai-shek tinha lutado contra os comunistas chineses no início dos anos 1920 e finalmente venceu-os em seu jogo. Ele assumiu o controlo do governo chinês em 1926, e foi sem dúvida o líder mais ferrenho anticomunista na Ásia. Ele era fortemente pró-americano e lutou contra os japoneses na lateral da América na Segunda Guerra Mundial. Assim que essa guerra (judaica) tinha acabado, ele foi traiçoeiramente traído pelos Estados Unidos.

Marshall, um fantoche comunista.
General George C. Marshall, que recebeu toda a honra que pode ser concedida a um militar antes de se tornar presidente, foi enviado à China para fazer o trabalho de machadinha em novembro de 1945. Embora ele tivesse até agora 65 anos de idade, com problemas de saúde e pronto para se aposentar, ele permaneceu naquele país miserável por 14 meses, a vender Kai-shek para os comunistas. Ele fazer um sacrifício tão pessoal na sua idade é uma indicação da disciplina comunista restrita que ele estava sob influéncia e foi na maioria de sua vida adulta.

Impossível sem a perfídia norte-americana.
Quando Marshall deixou a China, ele havia negociado um «governo de coalizão» entre os nacionalistas de Kai-shek e os comunistas de Mao Tse-tung, e desarmou o Exército nacionalista, que mais tarde se gabou que tinha feito «com o golpe de uma caneta». Desnecessário dizer que, com os nacionalistas chineses desarmados e traídos pelos Estados Unidos, Mao Tse-tung e sua gangue assassina comunista logo levaram Chiang Kai-shek e os nacionalistas do continente chinês. Em 1949, Mao foi o mestre indiscutível comunista da China, o país mais populoso do mundo. A China, com suas cheias de 800 milhões de pessoas haviam sido entregues ao controlo judaico-comunista através da traição americana. E assim outro país sucumbiu à traição, feita pelos Estados Unidos da América.

Banhos de sangue se seguiram.
Pouco depois dos comunistas tomarem o poder na China, banhos de sangue seguiram-se. É conservadora, estima-se que pelo menos 60 milhões de chineses foram assassinados no expurgo que Mao Tse-tung prosseguiu, a fim de consolidar seu regime brutal. Morreu um traidor: General George C. Marshall, que fez fielmente seu dever traiçoeiro para seus mestres comunistas, morreu pouco depois›. Alguns exemplos mais recentes devem ser suficientes para estabelecer o padrão. Vamos olhar para o que está a acontecer no hemisfério ocidental.

Traição de Chile.
Em 1970 no Chile, um governo comunista tinha sido abertamente estabelecido, liderado por Salvador Allende. Este tinha sido conseguido com a ajuda de enormes somas de ajuda americana e, especialmente, a conivéncia da CIA americana. Então, em 1974, o inesperado aconteceu. O povo do Chile liderado por oficiais do exército, matou Allende e levou de volta o seu governo. Esteve o governo dos Estados Unidos feliz neste triunfo sobre o comunismo? Pelo contrário, ele parou toda a ajuda, cortou créditos e levou a cabo um boicote comercial vicioso e uma campanha de propaganda contra o Chile desde então.

Canal do Panamá dado a comunistas.
Em 1979, o traidor Senado dos Estados Unidos e o Executivo entregaram a construção americana e deram a propriedade do Canal do Panamá a um governo comunista de traficantes de drogas e ladrões liderados por General Torrejos. Não só entregaram de graça a esses criminosos numa bandeja de prata, mas pagaram-lhes mil milhões para aproveita-la, a hidrovia mais estratégica do mundo. Isso se contar facto de que o correio de alguns senadores estava funcionando 200 a 1 contra essa traição descarada e traiçoeira.

Venda traiçoeira na Nicarágua.
Enquanto isso traiçoeira venda estava a ser promovida para o povo americano, a CIA já tinha ocupado o Panamá como uma base para executar os braços revolucionários próximos à Nicarágua e instigando a revolução. Aqui, novamente, o nosso governo americano pérfido correu fiel à forma. Considerando que a família Somoza, que governou a Nicarágua por mais de 40 anos, foi fortemente pró-americana e anticomunista, o mesmo ano em que deu o Canal do Panamá, Anastosia Somoza foi descaradamente traído e vendido. Com a organização, dinheiro e armas da C.I.A., o país foi um caos e turbuléncia total e, finalmente, com os Estados Unidos, a dizer a Somoza para sair, ele também fugiu do país. Os «sandinistas» comunista assumiram e outro país anticomunista foi traído e entregue ao gigante comunista com a ajuda do democrático, «anticomunista», Estados Unidos da América.

*****

C.I.A. desempenha um papel fundamental.
Neste ponto, seria útil destacar a enorme importância da Agéncia Central de Inteligéncia (C.I.A.), na maioria das tomadas de poder comunistas. Durante a Segunda Guerra Mundial, o Escritório de Serviços Estratégicos foi organizado como uma agéncia de inteligéncia de super coordenação e substituiu os diferentes estados agéncias de inteligéncia militar dos Estados Unidos. Ele foi fortemente composto por judeus, e era na realidade uma polícia secreta judaica supra-mundial. Tal como o seu homólogo russo, a Cheka, a OGPU, NKVD, a KGB e diversas outras mudanças de nome nos meios, assim também, o nome da OSS foi modificada para C.I.A. Mas essencialmente, o seu caráter e propósito permaneceram inalterados mantiveram-se (e está até hoje) uma polícia mundial secreta e rede de espionagem a serviço do judapismo internacional, com o contribuinte americano mais uma vez a pagar a conta. Não a C.I.A. é apenas uma rede de espionagem, mas também atua como um poderoso exército de intriga e engano, um braço-forte que não só espiona, mas usa a força para fazer as coisas acontecerem.

Incrível poder, fundos ilimitados.
O projecto de lei para o contribuinte americano é enorme. Com fundos quase ilimitados à sua disposição e um enorme exército de mão de obra em seu emprego, o poder e a influéncia da CIA no mundo em geral é de facto incrível e assustador. Nem o Congresso, nem o presidente sabem quantos mil milhões são gastos anualmente por esta poderosa agéncia de polícia secreta. Nem eles estão cientes de que alcaparras ou maquinações eles estão envolvidos. Tudo isso é envolto sob o pretexto de «sigilo», «segurança nacional», «proteger nossos agentes». A C.I.A. está completamente fora do controlo de qualquer um dos tribunais, congresso ou Poder Executivo. Na verdade, os membros visíveis do governo estão muito assustados e à mercê da CIA.

Um exército criminoso.
Também não há limites para as tácticas em que a CIA possa se envolver. Assassinato, falsa propaganda, mentira, roubo, traição, planeamento de revoluções e truques sujos de qualquer natureza estão todos em seu arsenal rotineiro de promover o programa judaico. Isso não é tudo. Criação de empresas fictícias, movimentos políticos falsos, imprimindo jornal temporário, cordame de eleições, apoio a candidatos e a movimentos políticos, destruição de outros. Tudo isso também faz parte do seu saco de truques.

Operação também em solo americano.
Nem são as suas operações limitadas ao solo estrangeiro. Qualquer cidadão americano que seja leal ao seu país, ou a Raça Branca, ou que queira expor a conspiração judaica, ou é anticomunista, é um jogo justo para a poderosa e traiçoeira CIA aqui em nosso território. Isso eles fazem em perfeita colaboração com o FBI. Mão na luva um ao outro, eles se infiltram em organizações nacionais, partidos políticos e constreoem ou destroem qualquer grupo, facção ou indivíduo que entenderem ser necesário.

Ferramenta dos judeus.
O que eles veem é sempre atender os melhores interesses dos judeus e para a destruição da Raça Branca. Antes de deixar o assunto de inteligéncia, existem algumas outras armas de espionagem judaica que eu devo trazer à tona neste momento.

Policiamento da mente.
Uma vez que os judeus durante os últimos milhares de anos têm desenvolvido a conspiração mais cruel da história, ou seja, a destruição e tomada de todos os outros povos, eles têm sido fanáticos a ponto de ser paranóicos sobre espionagem e coleta de informações sobre seus inimigos. E isso é compreensível. Uma vez que o crime hediondo que eles estão perpetrando é baseado em sigilo e engano, segurar a tampa sobre sua conspiração é um negócio altamente precário. Então eles freneticamente entram em todos os tipos de dispositivos, organizações de espionagem e meios de recolha de informações que escalonam os limites da mente dos gentios. Os judeus não apenas querem saber o que seus inimigos (todo mundo é seu inimigo) estão a fazer, eles também querem saber o que podem estar a planear. Na verdade, tanto quanto for possível, eles querem saber o que todo mundo está pensando antes de tal pensamento possa ser traduzido em acção.

Rede de jogos de espionagem.
Então, eles têm todos os tipos de espionagem e inteligéncia de redes que operam em todo o mundo. Além da CIA, o FBI, a KGB russa e outros já mencionados, existem mais dois que eu quero salientar: uma nos Estados Unidos, o outro em Israel. A ADL, abreviação de Anti-Defamation League (Liga Anti-Difamação), está na América. Ostensivamente finge salvaguardar os interesses judaicos e impedir a propagação do «antissemitismo». Por que os judeus acham isso necessário quando os ingleses, alemães, italianos e outros grupos étnicos acham essas garantias desnecessárias, eles nunca explicaram. Mas, na realidade, a a A.D.L. é muito, muito mais do que isso. Presumivelmente, uma ramificação do judeu B›nai B›rith, é realmente a principal força motriz desta roupagem judaica. Na realidade, ela é uma poderosa operação de espionagem, bem financiada dentro de nossas próprias fronteiras, que não só reúne informações sobre os políticos, organizações cívicas, diversos indivíduos, mas acima de tudo até mesmo a simples suspeita de poder tirar a tampa sobre a conspiração judaica. Eles têm grandes ficheiros e computadores eletrónicos que rivalizam com os próprios FBI e C.I.A., e qualquer informação que o F.B.I. ou a C.I.A. possam ter que seja considerada útil para a ADL, é facilmente alimentada até o limite.

Operação censura
As actividades da A.D.L. se estendem muito além. Eles são extremamente activos na política, a promoverem aqueles úteis para os judeus e destroem aqueles que possam ser considerados não cooperantes. Eles também monitoram todos os livros, revistas, jornais, todos os meios de comunicação, movimentos ou qualquer coisa que possa afectar a conspiração judaica e isso inclui quase tudo de qualquer significado que aconteça neste país.

Plantação de propaganda.
Eles agressivamente inventa,, se necessário, notícias e as plantam para os media das massas de notícias de TV, jornais etc. Eles não apenas publicam um grande número de artigos de divulgação, mas também publicam um grande número de livros que são ou favoráveis a Israel e aos judeus, ou que viciosamente ataquem seus inimigos.

O Mossad, rede superespiã.
A outra organização espiã judaica que é de grande importância em todo o mundo é a com sede em Israel. É conhecida como a Mossad. É o aparelho central judaico de inteligéncia para o mundo inteiro. É a rede de espiões super-supra de toda a história. Qualquer coisa que o C.I.A. americana sabe que seja útil para os judeus (quase tudo) é canalizada para a Mossad. Tudo o que a K.G.B. russa saiba que seja útil é canalizado para a Mossad. Da mesma forma com o aparelho de espionagem na Alemanha, França, Itália e em todo o mundo.

Tudo é canalizado para a Mossad. Não há quase nada de importância que aconteça em qualquer lugar do mundo que seja pouco catalogado nos computadores maciços da Mossad em Israel.

Criminosos mortais.
Mas a Mossad vai muito mais além do que apenas espionagem e coleta de inteligéncia de todo o mundo. Como o ADL, é virulentamente agressivos e continuamente na ofensiva. Foi bem treinados esquadrões da morte que executam galopante na maioria dos países do mundo, especialmente nos Estados Unidos. Estabelece organizações paramilitares como a Liga de Defesa Judaica, ou clubes de tiro judeus habilmente treinados para matar gentios. Os membros do Mossad tem o prazo dos Estados Unidos com pouca ou nenhuma oposição de nossas próprias agéncias de aplicação da lei, enquanto eles tocar telefones, embaixadas de bugs, diplomatas estrangeiros, até mesmo a Casa Branca e todo e qualquer ramo do governo dos Estados Unidos. Em suma, não só os Estados Unidos, mas o mundo inteiro é seu território indiscutível, e o homem branco, (a sua principal vítima) não só lhes dá nenhuma oposição, mas paga a conta e quase não sabe que eles existem.

Corre solta sobre os governos do mundo.
Sem dúvida, a Mossad é o mais perigoso, cruel e sanguinário bando de criminosos internacionais que o mundo já conheceu, a correrem solta e por cima de todas as leis e governos de todo o mundo, com pouca ou nenhuma oposição. Como a CIA, é em todo o mundo e se assemelha muitas de suas operações com esta diferença: enquanto a CIA é sediada nos Estados Unidos, a Mossad está sediada em Israel, e equanto a CIA é ocupada por uma mistura de judeus e gentios, a Mossad é toda judaica, e a CIA partilha livremente suas informações com a Mossad, o último não dá nada para a CIA. É estritamente uma rua de sentido único, tudo levando a supremacia judaica exclusiva e tirania sobre o «goy» do mundo.

Antes de deixarmos essa conspiração vil da Rússia, Israel, os judeus e o governo dos EUA, há dois outros aspectos desta combinação nefasta que devem ser esclarecidos.

Ajuda externa para todos.
Um deles é a questão da América dispensar ajuda externa (dinheiro dos contribuintes) para cada mendigo desprezível no mundo. Neste momento, eu entendo que nós estejamos distribuindo ajuda externa para 116 países do mundo. Essa é uma das peças mais insanas da pirataria já impostas a qualquer grupo de contribuintes na história do mundo. Os contribuintes norte-americanos nunca tiveram a oportunidade de votar ou expressar sua opinião sobre essa peça flagrante de roubo, mas essa continua ano após ano. Por 35 anos, os contribuintes norte-americanos têm sangrado branco, e neste momento não há nenhuma indicação de que ele vá parar ou mesmo diminuir.

Supostamente para subornar países a não serem comunistas.
O truque em todo este embuste fraudulento é este: foi inaugurado como o Plano Marshall para impedir os países de «virarem comunistas». O seu nobre objectivo parecia estar a lutar contra o comunismo. Em outras palavras, tentou suborná-los, comprá-los, para os convencer a estarem fora do comunismo com o dinheiro, assim, supostamente, ganhando amigos para o nosso lado. Isso supostamente era a ideia, fomos informados. Na verdade, estamos a subsidiar o comunismo. As realidades eram um pouco diferentes. Na verdade estávamos sustentando vacilantes países comunistas, incluindo a grande Rússia.

Antes da Segunda Guerra Mundial, foi até mesmo concluído que enviamos mais de 13 mil milhões de dólares em bens nacionais, incluindo tratores, geladeiras e o que tu tiveres. Se nós estávamos a tentar combater o comunismo, por que subsidiá-los?

Hostil aos países anticomunistas.
Na prática, subsidiamos o comunismo, e não o combatemos. Usamos nossa enorme riqueza como um clube para empurrar os países ao comunismo. Temos utilizado como uma cunha para receber a nossa C.I.A. em seu meio e manobrar sua política de tal forma que os judeus e os comunistas, mais cedo ou mais tarde ganhem o controlo. Em países onde tornaram-se comunistas por conta própria (não graças ao governo dos EUA), onde deveriamospression-alos, boicotá-los (como também na Rodésia) e usar a pressão económica para levá-los de volta para a asa judia.

Os EUA traem os amigos e recompensam os inimigos.
Como resultado de toda essa fantástica doação no valor de centenas de mil milhões de dólares, a maior parte dos países do mundo perdeu completamente o respeito à América. Eles intensamente desconfiam de nós e nunca nós fomos tão odiados por tantas pessoas. E por uma boa razão. Os Estados Unidos (controlado por judeus) praticaram repetidamente traições, tanto ao seu próprio povo e aos seus amigos estrangeiros. Ele tem constantemente traído e punidos seus amigos (como a Rodésia, Somoza, Baptista, Chile etc.) e generosamente recompensado seus «inimigos» comunistas. Não se admira que o resto do mundo desconfie e despreze os Estados Unidos.

Alemanha sob ocupação militar.
A outra questão é a manutenção de forças de ocupação americanas na Alemanha pelo período interminável de 35 anos após a derrota de um ex-inimigo, algo que os Estados Unidos nunca fizeram antes em sua história. Isso também é uma fraude gigantesca. Nós supostamente pusemos as tropas lá para «proteger» a Alemanha de um ataque russo. O facto é que a Alemanha poderia ter protegido-se muito bem da Rússia comunista, e teriam limpado aquele vil ninho de víboras no início dos anos 1940 se não tivéssemos interferido.

Verdadeiro motivo:
Para proteger os judeus. A verdadeira razão das nossas tropas terem sido mantidas na Alemanha nesses 35 anos e, sem dúvida, permanecerá mais 35 anos, é manter o povo alemão subjugado de modo que não revivam o movimento Hitlerista, e novamente virarem-se ante aos judeus. Em suma, as nossas tropas estão lá com a única finalidade de proteger os judeus dos alemães e impedir os alemães de criar um governo de sua própria escolha. Sim, essa é a única razão real, não a de proteger a Alemanha da Rússia comunista.

Estado bandido artificial.
Agora chegamos a esse outro ninho de víboras, o estado bandido de Israel. Essa monstruosidade artificial deve sua própria existéncia ao poder do dinheiro combinado do Judaísmo Internacional, da CIA, dos media e da fachada conhecida como «Governo dos Estados Unidos».

Parasita total.
Devemos lembrar que os judeus são totais parasitas e realmente não querem viver em um país próprio. Parasitas não podem viver por si mesmos e devem viver em um hospedeiro produtivo. Por essa razão, os judeus não querem, e não poderiam, mesmo se quisesse, viver em um país próprio.

Por milhares de anos, eles mais do que ninguém, têm tido ampla oportunidade de se reunir e construir um país próprio. Eles nunca quiseram e nunca irão. Eles permanecem eternamente o que sempre foram: parasitas.

Razões para o estabelecimento.
Então, por que eles vão à tais grandes dores de roubar a Palestina de árabes e criar essa monstruosidade artificial chamada Israel? As razões são múltiplas, todas projetadas para ajudar e estimular o programa judaico para a tomada do mundo.

1. Provavelmente, o motivo mais importante seja para reforçar e unificar a ideologia flacida da vontade e ranque judaicos. Tão bem sucedidos e tão ricos têm as recentes gerações de judeus, que muitos dos judeus mais jovens foram confraternizar e se casar com gentios. Devemos lembrar que a inimizade, o ódio e a luta têm sido historicamente as bases que construiram a religião e raça judia no aríete sólido que lhes deu o sucesso fenomenal que agora ostentam. E tal sucesso pode ser também a semente de leito de sua própria desintegração. Com o sionismo, a «pátria» israelita e a luta para defender e expandir Israel, o povo judeu criou novos inimigos e assim, recuperou um grande impulso de fervor e de solidariedade que, aparentemente, «confirmou» seus mitos religiosos e os transformou em uma realidade tangível.

2. Israel foi concebido para se tornar o centro do governo mundial. É seu plano para mover as Nações Unidas a Jerusalém e governar o mundo a partir de Sião. «A lei sairá de Sião». É a intenção deles, governar os goyim a partir de «Sião», onde eles podem fazê-lo sem qualquer interferéncia de distúrbios ou vigilância estrangeira.

3. Tendo «Israel» e Jerusalém como sua base tem dado uma qualidade religiosa e mística ao seu movimento de tomar o mundo. Ele convence muitos de seu próprio povo, bem como milhões de goyim caipiras de que «Deus» está do lado deles e que os judeus são o «povo escolhido de Deus». Isso é o que é chamado de profecia auto-realizável que os judeus têm sido perspicazes o suficiente para se transformar em poder real e em mil milhões de dólares.

4. Ele oferece um refúgio seguro e sem ifortúnios para essa agéncia assassina de inteligéncia, a Mossad, que já descrevemos.

5. Há uma série de outras razões que têm sido avançadas, tais como:
(a) a enorme riqueza de preciosos minerais contidos nas águas turvas do Mar Morto;
(b) os judeus (com a ajuda do poder dos Estados Unidos) vão expandir e tomar as terras árabes e ricos campos de petróleo no Golfo Pérsico;
(c) é um lugar de refúgio, se as condições do mundo tornem-se muito hostis aos judeus;
(d) outras razões menores.

É minha opinião que as primeiros quatro razões apontadas são de longe as mais importantes e a quinta categoria é comparativamente menor, especialmente a «c», de que poderia ser um refúgio em uma crise. O facto é que os judeus serão sempre parasitas mortais nas costas das nações produtivas do mundo, ou não seriam nada. Uma vez que eles são expulsos do poder nas nações brancas do mundo, sua estrutura de poder toda entrará em colapso rapidamente. Israel entrará em colapso rapidamente com ela. Na verdade, os próprios árabes logo dariam pouca atenção ao Estado bandido de Israel, assim como os judeus perderiam o controlo sobre os centros de controlo das nações brancas do mundo, especialmente dos Estados Unidos.

Israel duria pouco sem subvenções. O facto é que dentro do próprio Israel há tumulto, discórdia, ódio e desintegração. Os judeus não provaram que poderiam construir uma nação própria, ou viver com eles mesmos. Pelo contrário, sem a contínua transfusões de sangue financeiro da Alemanha, Estados Unidos e outros países «goyim», Israel não duraria seis meses. Mesmo com toda essa tremenda ajuda do lado de fora, tem uma das mais altas taxas de inflação no mundo. Os Estados Unidos sozinho em 1979, subsidiou Israel no montante de 10 mil dólares por família de quatro pessoas em Israel. Em cima da que a Alemanha que está a pagar indenizações pelo falso Holoconto a ordem de um mil milhões de dólares por ano. Os judeus em Nova Iorque, Miami Beach e em outros lugares levantam 300 milhões de dólares a cada ano para as «fronteiras de Israel» (uma fraude) e enviá-as livre de impostos para Israel. No entanto, apesar de toda essa subsidiação tremenda, Israel o parasita, está em um tumulto político contínuo e em uma situação financeira precária e hesitante, um verdadeiro parasita sem futuro próprio.

Em suma, podemos concluir com segurança:

1. Que o comunismo, o marxismo e Sionismo combinam com o capitalismo para realizar o mesmo objectivo judaico de dominar o mundo.

2. Que os Estados Unidos não estão a lutar contra o comunismo, mas pelo contrário, estão firmemente nas garras da rede judaica a usar a riqueza, poder e prestígio dos Estados Unidos para trair e tomar um país após o outro, todos na falsa luta «contra o comunismo».

3. A C.I.A. e o F.B.I. são tanto polícias secretas quanto braços fortes da rede judaica. Nunca, jamais confie em seus agentes, nem colabore com eles de qualquer maneira.

4. Não precisamos olhar para a Rússia como o verdadeiro inimigo dos Estados Unidos. O povo russo gostaria de tirar o macaco judaico-comunista fora de suas costas tanto quanto qualquer um, e teria conseguido à muito tempo se não tivessem sido as maquinações dos Estados Unidos. O verdadeiro inimigo reside aqui mesmo em nosso país, especialmente em Nova Iorque e Washington.

5. Só por mobilizar o poder total da Raça Branca e organizá-la em uma religião racial poderosa, como a Criatividade, poderemos ter a esperança de quebrar as costas da tirania judaica marxista-comunista-sionista.

Feminismo, Modernismo e a Vilanização da Família

Por «German Wolf»

Realmente, os judeus adoram atacar homens e mulheres gentias como grupos separados para promover degeneração racial através da desarmonia dos sexos.

O feminismo judaico e o hedonismo de forma geral dos homens e mulheres foi um dos fenómenos que mais destruiu a sociedade e a coesão racial, eu diria que até mesmo mais que miscigenação. Acho menos danoso nascer um mestiço aqui e outro ali, do que uma ideologia que promove uma vagabundagem sexual sem objetivo algum e que convence as pessoas de que ter filhos brancos hoje em dia é algo ruim, ou «opressor». Os brancos se tornaram apenas 8% do mundo, mas a maior parte deles não vive realmente, apenas existe, são homens frouxos e afeminados sem nenhum senso de responsabilidade, e mulheres com ódio a si mesmas querendo cada vez mais serem «homenzinhos», convencidas de que seguir sua natureza é se submeter a «opressão dos homens brancos malvados». Então, o número de brancos reais pode ser algo em torno de 1,5%, ou menos! Nunca houve maior escassez de números, sobretudo de números com *qualidade*, do que há agora. Mas ao invés de seguir o processo natural de despertar sexual, casar-se e dedicar a vida a uma família que, por sua vez, deverá prover não *white trash* qualquer, mas mães e guerreiros para a raça no futuro, as pessoas são convencidas de que isso é «opressivo» e «retrógrado», e que no máximo deveriam adotar uma criança da África. E quando acontece de terem um filho, estes não tem mães activas e conscientes, são deixados para serem criados pelo estado via escola e babá eletrónica, vulgo televisão/computador, e as vezes, pra fechar o caixão, são deixados todos os domingos na «escola dominical». E quando essas mesmas pessoas, ao negar sua natureza, «casam-se» com empresas e dedicam suas vidas ao sistema económico, sustentando a grande fazenda judaica, então dizem que são livres e independentes.

Em suma, dedicar a vida a sua raça, produzir homens e mulheres fortes, é «opressão». Já os vulgo prostitutos (as) carreiristas, que dedicam a vida a um sistema financeiro que vai contratar funcionários novos e te substituir sem piedade quando ficar velho, sem te deixar nenhum fruto dos anos de dedicação, que nos fará chegar em casa e nos deitarmos em uma cama vazia, ou passarmos a velhice comendo em uma mesa sem vida, apenas com duas pessoas, enquanto vamos todo fim de semana na «balada» e aos 30 já tivemos uma coleção de parceiros sexuais diferentes, e nada de concreto construído em cima disso, então se diz que somos «livres» e temos «pensamento crítico». Raça minguando, judeu de barriga cheia. A esquerda promovendo uma eterna auto-gratificação do ego ao emputecer as mulheres e embabacar os homens, e a direita promovendo a perpetuação da escravidão económica através de um conservadorismo tosco.

Nós somos muito mais do que zumbis masturbadores do ego, e podemos muito mais do que meramente se atirar na força de trabalho. Não somos putas nem escravos.

O Barco do Aborto

Por António Gentil Martins – Médico (Focus, nº 255, 01/SET/04)

O «Barco do Aborto» só tem um mérito: o de não esconder que pretende pôr em causa a lei portuguesa e o resultado do referendo. A vinda a Portugal do chamado «barco do aborto» é, fundamentalmente, uma operação publicitária e uma deliberada provocação, orquestrada pelos que se opõem à lei portuguesa e, dizendo-se democratas, continuam a pôr em causa o resultado do referendo. Deveria ser ignorada. Porém, visto que a comunicação social está a privilegiar os defensores do aborto, é útil definir posições: claras, fundamentadas, sem mentiras e sem demagogias!

Colocam-se basicamente duas questões: o problema do aborto em si e o que representa de desrespeito deliberado e expresso pela legislação em vigor em Portugal. Em relação ao problema do aborto, como pessoa e como médico, sou frontalmente contra, em consonância com os Códigos Éticos Português, Europeu e Associação Médica Mundial (se exceptuarmos os casos designados como terapêuticos, isto é quando das duas vidas apenas uma pode ser salva). Como se vê, não estamos orgulhosamente sós!

Se se pode discutir sob os pontos de vista filosófico, jurídico ou político, o início da vida humana, a concretização da fertilização «in vitro» (com o nascimento dos chamados «bebes proveta») e o uso das chamadas Mães de aluguer, tornam inadmissíveis quaisquer dúvidas. Biologicamente, a vida é um todo contínuo, de que a permanéncia no ventre materno não é mais do que um estado precoce.
Em todo o debate, os defensores do aborto falseiam os dados da discussão, ao referir apenas os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres e os problemas e dramas das mães, cuja gravidade e importância todos reconhecem e ninguém minimiza.

Contudo, omitem, sistematicamente, o mais importante: o filho que ela transporta. A carga genética do ser humano, que pretendem destruir, não vem apenas da mãe, mas igualmente do pai. A criança, que se desenvolve no útero materno, não pertence nem a um, nem a outro, mas apenas a si mesma. Não tem cabimento dizer que o «barco do aborto» existe, há muito tempo, com as clínicas de Badajoz, onde se pode ir abortar à rebelia da lei portuguesa. Aí, tratam-se de mulheres que saem de Portugal para outro país (como será se o barco se mantiver em águas internacionais e alguém lá quiser ir), pelo que o paralelismo é totalmente falso. Com o barco, trata-se de entrar em Portugal para, confessadamente, vir buscar quem irá matar o filho por nascer. Por isso, a entrada em águas territoriais portuguesas deve ser-lhe vedada.

Se é verdade que a jurisprudéncia nacional só permite punir os crimes depois de consumados e os actos preparatórios não são puníveis, pode certamente a sociedade procurar precaver-se, para os evitar. A prevenção sempre foi o melhor tratamento. Se um terrorista ou um assassino afirmar que vem a Portugal para vir buscar as vítimas que pretende matar, dever-lhe-á ser permitida a entrada? Se alguém, expressamente, procurar introduzir «droga» em Portugal deverá deixar-se? Certamente todos concordarão que não!

Mas a RU 486 (abortiva) não é aceite como medicamento legal, em Portugal. Como aceitar, então, a intenção expressa da sua difusão? Até a liberdade deve ter limites, nomeadamente quando está em causa o respeito da lei e, sobretudo, o respeito da vida e da pessoa humana.

O «barco do aborto» tem, pelo menos, um mérito: o de não esconder o que pretende! Pôr em causa a lei portuguesa e o resultado do referendo.

Direitos homossexuais: honestidade radical em um assunto importante

Pelo Sumo Sacerdote Don Danko

Os judeus estão tentando controlar a identidade homossexual para criar a sociologia necessária para manter os homossexuais sob controle e promover seus próprios objetivos raciais. Quando chega a hora, será fácil varrer os homossexuais, pois a visão do comunismo sobre homossexuais está sendo trazida à vida pela psicologia dessa identidade homossexual que eles estão dando a eles, que foi criada para estar de acordo com tal narrativa. Eles confirmam o animus doutrinado em relação aos não-heterossexuais.

A Rússia está usando essa psicologia para manter os homossexuais para baixo enquanto estiver jogando no outro ângulo pró-homossexual da mesma forma que eles fazem aqui, que torna mais fácil de mantê-los rebaixados para sempre dadas às narrativas do estado pelas razões expostas acima. Tanto os judeus de lá como os daqui estão liderando ambos os lados para manter assim.

O judeu Putin está usando a narrativa comunista para manter e centralizar o poder, enquanto marcha com a Rússia de volta a um regime comunista totalitário. Os judeus ocidentais, como Sorros, estão trabalhando a outra face deste jogo de psicologia reversa, montando e pagando grupos repugnantes e chocantes de descontentes para «trollar» o público sob o que é visto como Liberalismo Ocidental. Isso permite que Putin então esmagar toda oposição ao seu regime, como agentes ocidentais e colunistas de quinta. Ele combate os «Inimigos do Estado» para proibir os partidos políticos de até mesmo nacionalistas russos verdadeiros, além de uma grande justificativa para proibir dos direitos dos homossexuais e da homossexualidade. Esta é a narrativa comunista padrão. Denunciar tudo e todos como sendo desleais ao «povo» (Estado Comunista) e, em seguida, dar-lhes um julgamento, e é isso. Quando os judeus governaram sob o regime cristão, basta substituir «desleal» por «herege». Mesma psicologia, mesmo propósito.

Tempo de honestidade radical:
Autênticos direitos homossexuais é simplesmente uma questão de direitos humanos e da natureza intrínseca da alma para dar luz à sua própria liberdade e manifestar seu valor fundamental para o mundo, que é o núcleo metafísico dos direitos humanos. Tirar a alma da equação dá licença para reescrever qualquer narrativa que alguém quiser como direitos, e degenera o problema em um teatro do absurdo, que é o que o inimigo faz muitas vezes (como o cristianismo, que é materialismo destruidor da alma) para sempre tentar e trabalhar para jogar nossos direitos na lama.

Os Verdadeiros Campos de Extermínio e Holocausto

Pelo Sumo Sacerdote Don Danko

Os falsos «seis milhões» do holocu$to servem mais como uma distração e uma cobertura para os verdadeiros crimes contra a humanidade cometidos sob o comunismo judaico. Quase todo mundo já ouviu falar de «Auschwitz», mas quantos já ouviram falar das atrocidades cometidas contra gentios em Kolyma, o mais notório campo de trabalho escravo (Gulag), administrado e operado por judeus no extremo nordeste da Sibéria? Ou o genocídio sistemático dos povos da Ucrânia perpetrado pelo comunismo judeu? O Holodomor (fome/genocídio na Ucraniana entre 1932-33) perpetrado pela URSS judaicamente controlada.

Hoje, o mundo está sob o domínio de uma nova religião: holocaustianismo. Este programa é projetado para atribuir significados à sua agenda e possui um poderoso feitiço sobre as mentes dos gentios. É uma propaganda poderosa nos objetivos da agenda judaica. Sua premissa é a base para inúmeras leis especiais para tornar os judeus incriticáveis, e uma ferramenta para silenciar todo debate e atropelar quem se oponha à sua agenda. Para deslegitimar todas as informações que os expõe, juntamente com aqueles que o fazem e dá-lhes precedente moral para a sua capital do estado judaico em Israel e o sistema mundial maior que desejam governar a partir de Israel. Este também é um poderoso esteróide para sua ideologia Marxista Cultural (verdadeiro nome) que é projetado para destruir qualquer psicologia orgânica saudável ou instituição material que, por sua natureza, impede a destruição judaica e a assimilação de sua nação para as garras da Nova Ordem Mundial Judaica.

Para entender a verdade, o judeu tornou ilegal discutir este assunto em muitas áreas (a verdade não teme investigação). Nós olhamos para o que realmente estava acontecendo e trazemos esta situação à luz. A verdade é que o verdadeiro holocausto ocorreu na União Soviética que foi criada e controlada por judeus. Dos muitos desses campos de extermínio onde milhões morreram, examinaremos Kolyma, um dos muitos cujo legado é da natureza bestial judaica. Mais tarde, tomaremosa realidade humanista dos campos alemães direto da boca dos judeus, que como foram comprovados, mesmo em tribunal, que não eram campos de extermínio, mas centros industriais de produção humanamente administrados, com piscinas de tamanho olímpico e até mesmo campos desportivos com os pessoais e observantes da Cruz Vermelha.

Kolyma, Os Campos de Extermínio Árticos:
«Os presos que chegam às enormes campos de trânsito, na costa do Pacífico, fora de Vladivostok e mais tarde em Nakhodka e pelo Vanino, em cada um dos quais cem mil prisioneiros lotaram a infinita variedade de barracas que se estendia até onde a vista alcançava. Lá, eles aguardavam os navios-prisão de Kolyma...»

Andrei Sakharov chamava-os de «Navios da morte do Mar de Okhotsk».

«Aqueles que chegaram já estavam esmagados, humilhados e famintos. Eram restos de seres humanos mal-vestidos. Eles normalmente gastariam em torno de três meses de prisão, em condições e tratamento que entenda adequada para como eles. A viagem de trem, sempre uma das piores diferentes experiéncias das vítimas, com seus vagões fétidos, o seu abastecimento de água inadequado, falta de alimentos e de luz, seus guardas brutais, era, é claro, a mais longa enfrentada por qualquer das vítimas do Gulag: 28, 33, 35 e 47 dias são tempos comumente relatados.»

Letões em vagões de gado sendo enviados para campos de concentração Gulag na URSS Judaica.

Dia do embarque chegaria em Vanino: «Quando saímos para o campo imenso para fora do acampamento, testemunhei um espetáculo que faria jus a uma produção de Cecil B. DeMille. Até onde a vista alcançava, havia colunas de prisioneiros marchando em uma direção ou outra, como um exércitos num campo de batalha. Uma grande tropa agentes de segurança e soldados com telefones de campo e motocicletas mantiveram contato com a sede, organizando o fluxo regular destes rios humanos. Eu perguntei o que seria esta operação gigante. A resposta foi que cada vez que um transporte deixasse a administração, relocando os ocupantes de cada gaiola no acampamento, pois todos deviam ser removidos com o seu monte de trapos nos ombro para o grande campo e de lá dirigiam para seu novo destino. Apenas 5.000 deveriam sair, mas 100.000 fizeram parte da cena diante de nós. Podia-se ver colunas intermináveis de mulheres, aleijados, velhos e até mesmo adolescentes, todos em formação militar, cinco vezes seguidas, passando pelo campo enorme e dirigido por assobios ou bandeiras, era mais de três horas antes da operação ser concluída, e o grupo que eu pertencia foi autorizado a sair para o ponto de embarque.»

Lembro do porto de Vanino
Quando atracou o sinistro navio,
Donde subimos a prancha a bordo
Ao porão sombrio e frio

«Levou algum tempo para acostumar os olhos para a luz fraca do sujo andar inferior. Quando comecei a ver onde estávamos, meus olhos viram uma cena que nem Goya nem Gustave Dore jamais poderiam ter imaginado. Nesse porão sombrio imenso e cavernoso, estavam amontoadas mais de 2.000 mulheres.
Do chão ao teto, como em uma granja de aves gigantes, elas foram confinadas em gaiolas abertas, cinco delas em cada espaço de nove metros quadrados. O chão estava coberto com mais mulheres. Por causa do calor e da umidade, a maioria delas estavam escassamente vestida. Algumas tinham perto de nada. A falta de instalações sanitárias e a temperatura implacável cobriam seus corpos com feias manchas vermelhas, bolhas e manchas. A maioria estava sofrendo de algum tipo de doença de pele ou outra, além de doenças do estómago e disenteria.

Na parte inferior da escada que tinha acabado de subir, havia um tonel gigante, nas bordas das quais, em vista dos soldados que estavam de guarda acima, as mulheres foram empoleiradas como pássaros nas posições mais incríveis. Não havia vergonha nem pudor, ali elas se agachavam para urinar ou para esvaziar os intestinos. Tinha-se a impressão de que elas eram algo meio-humano, meio-pássaro que pertenciam a um mundo e época diferentes...»

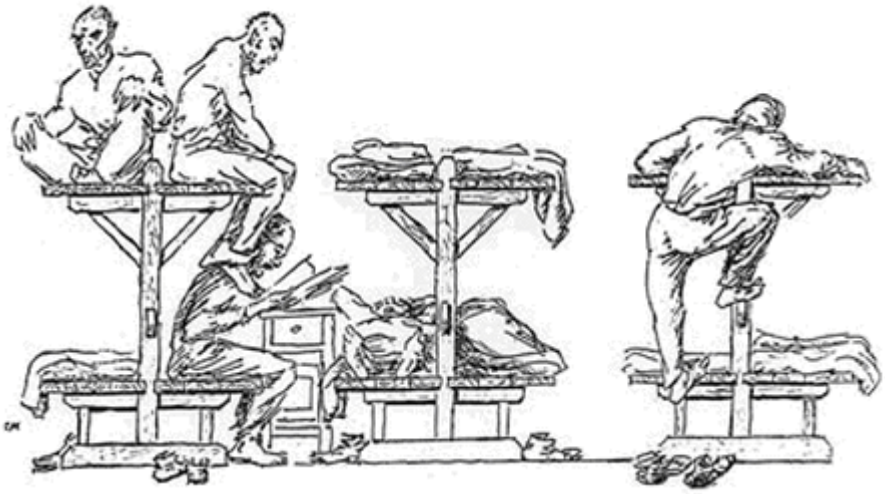
Muitos dos presos nunca sobreviveram à travessia (que normalmente durava uma semana inteira). Eles morreram por violéncia, fome e doenças por estarem amontoados, muitos casos ombro a ombro, literalmente como gado em acomodações sujas por semanas. A cena era idéntica à dos navios negreiros de propriedade judaica nos séculos anteriores, onde embalaram milhares de escravos africanos, literalmente de parede a parede. Desta vez, o novo gado goyim seria usado como trabalhador escravo no Estado Comunista Judaico.

Os Campos de Extermínio de Kolyma: «O objetivo central era matar os prisioneiros, como um comandante abertamente afirmou.»

Minha nota: o principal método de matar os prisioneiros aos milhões foi atribuir a eles impossíveis quotas de produção, em seguida, rebaixar as rações já escassas quando não podiam fazê-lo como castigo, garantindo que eles morreriam de uma mistura de cansaço e doenças. Aqueles que viveram, mas estavam muito enfraquecido, suas cotas caíram por fome e exaustão, e eles foram simplesmente executados em massa.

Isso garantiu que o ouro seria extraído ao matar os prisioneiros. O sadismo deste método era que a vítima iria trabalhar tão duro quanto possível para se manter vivo na falsa esperança, garantindo assim uma maior quantidade de produção de ouro. Como parte disso, eles davam o pior vestuário que era inútil nos 50º a 70°C abaixo de zero e sem nada além trapos imundos e cheios de piolhos para embrulhar seus pés e corpos congelados. Eles foram deixados para viver empilhados em cima uns dos outros como animais de fazenda em gaiolas, em cabanas pobres de má qualidade sem isolamento ou aquecimento adequado, na região mais fria da Terra.

Mais de três milhões de pessoas foram sistematicamente assassinadas pelo regime comunista judeu só em Kolyma, e este era somente um dos muitos e muitos campos em toda a Judiação Soviética. Cada um dos relatos não é apenas individual, mas a experiéncia coletiva dos milhões de condenados a tais campos.



A Realidade dos Campos: «O clima interior, onde podia chegar a -70ºC, é de fato o mais frio no Hemisfério Norte: o verdadeiro pólo de frio é em Oymyakon, perto de Gydan».

«No verão de 1932, foi lançada a operação. O assalto coletivização no campesinato tinha produzido uma vasta expansão no número de prisões. Dos 10 milhões de «kulaks» (minha nota, mais perto de 15 milhões) eliminou metade, provavelmente morreram de fome e execução, e o restante certamente não menos de três milhões e meio fluíram nos campos de prisão. Kolyma teve a sua quota.»

«Nem os alojamentos em que os presos passaram suas horas livres eram refúgio. Desesperadamente superpopulosos, com beliches de três ou quatro de profundidade, eram em maioria não isolados (os alojamentos dos guardas tinham serragem entre duas camadas de embarque). E mal-construídos como eram, as rachaduras e buracos estavam geralmente recheados com musgo, trapos ou palha. Além disso, quase todos os mineiros eram atingidos por incontinéncia de urina. Eles iriam tentar, quando enviados para outros campos, ficar nos beliches inferiores a fim de poupar os seus colegas. Onde estavam todos reunidos, isso não era possível.»

«Os fogões também eram bastante inadequados. Era uma queixa constante de que o alojamento não recebia bastante calor, roupas que não secavam. No outono eles mantiveram pessoas enxarcadas, na chuva e no frio, para cumprir normas que tais ruínas sem esperança jamais poderiam cumprir... Os prisioneiros não estavam vestidos para o clima na região de Kolyma. Eles receberam roupas de terceira mão, meros trapos e muitas vezes só tinha embrulhos de pano em seus pés. Suas jaquetas rasgadas não protegiam-os do frio amargo e as pessoas congelaram em massa. Notamos que os regulamentos viciosos reveladores que, a partir de 1937, praticamente proibiam roupas adequadas para o clima.»

«Uma dúzia de piolhos nas roupas íntimas não contam. Piolhos começam a atrair a atenção dos prisioneiros e médicos quando se podia sacudi-los para fora com um movimento da mão, quando o rastejamento deles começava a se mover por conta própria. É possível que um homem de qualquer tipo, pudesse não querer escapar dessa tortura quando ele não dorme e coça o corpo sujo roído por vermes até o sangue escorrer?»

«Quando tinha se tornado claramente impossível limpar-se, as mulheres desistiam de tentar, e só quando a coceira se tornou intolerável em suas blusas, tiravam um punhado de vermes e jogavam-nas fora.»

Relato de um prisioneiro: «Em março de 1933, 600 presos foram enviados para a Mina de Ouro nº 1 da Administração de Mineração do Norte... Havia duas outras administrações do mesmo tipo, as do oeste e do sul. Partimos a pé nessa longa jornada. Nós tivemos que viajar 370 milhas na neve profunda e durante o tempo muito frio à sopka de Khatenakh.

Tivemos que fazer 16 milhas por dia, após passarmos a noite em tendas montadas na neve. Depois de nossas refeições escassas no período da manhã, partimos novamente. Aqueles que não foram capazes de sobreviver a esta longa marcha cansativa e morreu a caminho ficaram com a neve como seu único sepulcro. Nossos guardas nos proibiram de dar-lhes um enterro apropriado. Aqueles que ficaram para trás foram baleados pelos guardas, sem parar a coluna.»

«Eu estava convencido de que soldados do MVD (guardas do campo) deviam ter sido escolhidos por suas qualidades sádicas. Eles tinham uma mão completamente livre sobre nós e fariam qualquer coisa, principalmente quando bêbados, para fazer os prisioneiros sofrerem. Por exemplo, quando iamos ou voltavamos do trabalho nas colunas habituais de cinco, eles às vezes nos impediam no meio da estrada, liberavam seus cães e riam quando os cães afundavam suas presas nas pernas dos prisioneiros. Era uma época em que eles estavam absolutamente livres para fazer qualquer coisa, até mesmo nos matar e obter uma recompensa por isso. Recordo deles chamarem um homem para fazer uma fogueira para eles ou trazê-los de uma caneca de água quando em serviço de sentinela, e em seguida, matar o infeliz, sob o pretexto de que o prisioneiro tinha cruzado a linha de transgressão.»

As condições de trabalho: As botas estavam sempre molhadas, nunca secavam. Reumatismo era garantido. Ainda, o ar no poço, onde não havia ventilação alguma, estava preenchido duas vezes por dia com os gases venenosos de amonia fumegante. Apenas 30 minutos eram autorizados para a compensação dos gases através da entrada da mina, após os quais os trabalhadores eram levados de volta aos boxes para continuar seu trabalho. Muitos deles sucumbiram à atmosfera envenenada e tossiam violentamente, cuspindo sangue e muitas vezes as partículas do pulmão. Depois de um curto período de tempo, estes eram geralmente enviados para os fracos esquadrões de serra de madeira ou para a sepultura. A mortalidade era especialmente alta entre os homens que levavam areia molhada do quartel após a lavagem.

Da atmosfera húmida do aquecedor, os serventes suados deslizaram pela porta, coberta por um cobertor velho, andavam com seus carrinhos de mão para a geada perfurante de 50ºC abaixo de zero. O limite de tempo neste trabalho era de no máximo um mês, após o qual quer pneumonia ou meningite despachasse o trabalhador para o outro mundo.

Os rostos de todos apresentavam sinais de queimaduras de frio, embora o inverno tivesse apenas três meses e as geadas mais severas ainda estavam por vir. A maioria deles estava tão suja que eu podia apostar que alguns deles não tinham lavado o rosto durante semanas. Suas roupas eram como nada do que eu já havia visto em Kolyman. Tudo, desde botas rasgadas aos trapos sujos incrivelmente envolvidos em torno de seus pescoços, em vez de lenços, seus casacos de inverno queimados e rasgadas. Os homens tinham fome, rostos desgastados, vozes baixas, estavam completamente absorvidos em si mesmos e incomunicáveis... A visão dessas criaturas que tinham quase perdido a imagem de homem fez-me sentir claramente desconfortável.

As condições matavam-os rapidamente. Mas ‹condições› eram assistidas por um emprego maciço de execução como uma represália contra a incapacidade de produzir ouro adequadamente, e como efeito, sob qualquer pretexto que seja.

Prisões em massa começaram no acampamento. Como regra geral, a acusação era sistemática no cumprimento de quotas. Uma vez que nenhum homem no campo de ouro poderia cumpri-las, o fracasso seria dito como criminoso quando o trabalhador completava menos de 50% da quota.

Era absolutamente impossível medir com precisão o desempenho exato de um trabalhador e a estimativa feita dependia da atitude dos capatazes. Os capatazes faziam medições diárias de uma forma tosca e com a ajuda de uma linha de fita, e faziam seus relatórios para o escritório, onde o volume de areia escavada era traduzido em percentagens da cota diária cumprida por cada brigada. Ao fazer isso, a prática recorria sistematicamente a qual certa quantia de trabalho realizado pelas brigadas menos eficientes seria roubada deles e creditada às melhores brigadas, como forma de incentivá-los. Mas os capatazes não eram totalmente livres na gravação de suas medições. Uma vez por mês, uma medida de toda a produção da mina era feita por inspetores com instrumentos de grande precisão. Os engenheiros mediam a profundidade do aumento da mina durante o mês e comparavam com as medições adicionais dos capatazes. Quando os números discordavam, como sempre e em grande medida, os capatazes eram apenas repreendidos. Agora, pela nova ordem de Pavlov, os capatazes culpados de medições excessivas seriam levados a julgamento. A mesma ordem declarou o fato de que seis capatazes tinham sido executados para enganar o Estado. Era natural que os capatazes muitas vezes fossem para o outro extremo, como caridade começa em casa, e deliberadamente deram números mais baixos. O número dde oficial para a produtividade do trabalho caiu imediatamente.

Em seguida, o pelotão de fuzilamento começou a trabalhar. Um representante do tribunal de três homens da NKVD, a Troika, apareceu no campo de ouro. Ele realizou conferéncias com os chefes de seção e exigiu listas de sabotadores mal-intencionados que sistematicamente não conseguiam fazer suas quotas. Os chefes da seção não tinham alternativa a não ser preparar tais listas e incluir neles os trabalhadores menos capazes que reduziam a produtividade média do trabalho para essa seção.

Um sobrevivente lembra: «Em nossa mina, a Terceira Seção... Era particularmente activa durante o período entre 1937-1938. Algumas noites, quando voltávamos do trabalho, os guardas liam trinta a cinquenta nomes. As pessoas chamadas tiveram que sair das fileiras e foram levadas imediatamente para a prisão. Na manhã seguinte, eles foram levados em caminhões para o sopka de Khatenakh, onde foram fuzilados. À noite, além da lista de novas vítimas, os guardas liam o anúncio: ‹Por decisão do comando do campo (então seguiam os nomes daqueles que tinham sido executados) fuzilados por sabotagem, má vontade e agitação contra o poder soviético.›

Ou, como Solzhenitsyn categorizava os crimes, (o anúncio era seguido pela pinagem das listas para os quadros de avisos do acampamento): «por agitação contrarrevolucionária›, ‹insultar o guarda›, ‹por não ter cumprido a norma trabalho›. Shalamov desenvolve bem a que esses crimes ascendiam: ‹agitação contrarrevolucionária›. Esta foi a maneira que um dos parágrafos nas frases de Garanin começavam. Para o homem transeunte de 1937, não precisava explicar o que era agitação contra-revolucionária: Elogiar um romance russo publicado no exterior: dez anos. Declarar que uma fila de espera para comprar sabão demorou: cinco anos... Mas nos campos não havia nada de prisão: cinco, dez, vinte anos. Diga em voz alta que o trabalho era duro, murmurar o comentário mais inocente sobre Stalin, ficar em siléncio enquanto a multidão de prisioneiros gritava ‹viva Stalin!› e tu és fuzilado: siléncio é agitação!... Sem vestígios, sem investigação. Os trabalhos da Troika, aquela famosa instituição, sempre significavam a morte.

Eles também atiravam por ‹indignação contra um membro da guarda›. Qualquer insulto, qualquer resposta insuficientemente respeitosa, qualquer ‹discussão› quando atingido ou espancado, qualquer gesto desrespeitoso de um prisioneiro para um guarda era chamado de ‹uma tentativa de violéncia contra o guarda›. Eles atiravam por ‹recusa ao trabalho›. Milhares de prisioneiros morreram antes de compreender o perigo mortal de sua atitude. Velhos, no final de sua força, esqueletos exaustos e esfomeados, incapazes de andar um passo para alcançar o portão do campo na parte da manhã, quando as colunas iam para o mina, ficavam em seus colchões. Eles com antecedéncia escreviam sua recusa em formulários: ‹Apesar de calçados e vestidos em conformidade com as exigéncias da temporada...› As minas mais ricas faziam formulários onde era o suficiente escrever o nome e alguns pontos impressos corretamente: ‹data de nascimento, artigo da lei, a duração da sentença›. Três recusas significavam o pelotão de execução, ‹de acordo com a lei›...

Mesmo no final de sua força, a pessoa tinham que ir para a mina. O chefe do grupo assinava todas as manhãs para esta ‹unidade de produção›, e a administração contra-assinava. Isto feito, o prisioneiro estava salvo, no dia em que ele escapou da morte, até que ele não podia trabalhar porque estava incapaz disso. Ele tinha de suportar seus dias de tortura até o fim.

A última galeria, a mais rica, em que atiravam nos prisioneiros por ondas era pelo ‹não cumprimento das normas›. Este crime levou brigadas inteiras para valas comuns. As autoridades forneceram uma base teórica para este rigor; em todo o país, o Plano Quinquenal foi dividido em números precisos em cada fábrica para cada estabelecimento. Em Kolyma, eles eram divididos para cada turma.
‹O Plano Quinquenal é a Lei! Não levar o Plano a cabo é um crime!›

De acordo com vários relatos, aceito por Roy Medvedev e outros, o proprio Garanin (Chefe da USVITL) costumava andar para baixo da linha de prisioneiros na parada, atirando neles desta forma: dois soldados o seguiam se revezando no carregamento de seu revólver...

Funcionários menores, como Nikolai Aglamov, Chefe da Administração do Campo Sul, que ‹gostavam de selecionar uma brigada que era culpado de alguma coisa e aqueles parados diante dele›. Ele iria pedir que fosse levado para um lado e atirava nas pessoas aterrorizadas com sua pistola, enquanto amontoadas, acompanhavam a operação com gritos. Os corpos não eram enterrados, quando de maio chegou, eles decompuseram e em seguida, os presos que sobreviveram foram convocados para enterrá-los... Esta atitude perante a vida humana tornou-se comum entre a NKVD como um todo. Um típico relato é de que um oficial da NKVD bêbado, aparecendo em um local de trabalho, acusava prisioneiros de roubar taças do Estado (era então bastante comum para eles carregam seu mingau para o local de trabalho para comê-lo) e atiravam descontroladamente no grupo, matando um e ferindo dois.

Também nos campos das mulheres, assassinato aleatório era a norma. Naquele ano, em primeiro de maio e sete de novembro eram comemorado pelo do envio de lotes de prisioneiros, sem outro pretexto, para as células de penalidade, onde muitos morreram. Então, nos desfiles costumeiros, a ordem seria dada para cada décima mulher ser retirada e fuzilada. Em uma ocasião, trinta mulheres polonesas foram baleadas em um lote no acampamento Elgan. Enquanto isso, a fome e as epidemias tomaram seu lugar, como nos acampamentos dos homens.

Muitos campos tornaram-se famoso por suas execuções e valas comuns: Orotukan, Polyarny Primavera, Svistoplyas, Annushka e até mesmo o campo agrícola Dukcha. A mina Zolotisti teve uma particular reputação assassina. Lá, Solzhenitsyn nos diz, ‹brigadas foram retiradas de vista durante o dia e fuziladas uma após a outra no local (este não eram apenas execuções noturnas, elas continuaram como sempre).

Em suas rodadas formais, Garanin tomou nota especial daqueles que eram condenados por KRTD (atividade trotskista contra-revolucionária). ‹Qual destes não cumpriram a cota?›, ele perguntava. A maioria não o fez e não podia. Durante a chamada noturna, quando voltavam das minas, eles chamavam esses infelizes, insultavam-os como sabotadores que tentavam continuar suas atividades trotskistas contra-revolucionárias penais, mesmo no campo, e eles os conduziriam em bando fora do portão. A uma curta distância do acampamento, eles seriam fuzilados em massa sob sua supervisão pessoal. Isto ainda não era o suficiente. À noite, ele retiraria milhares de ‹inimigos do povo› de todos os campos de Kolyma, carregava-os em caminhões e punha-os numa prisão. Esta prisão, chamada Serpantinka, está a cerca de 375 milhas a oeste de Magadan, no meio da floresta, e é provavelmente uma das instituições mais horríveis na União Soviética.»

Campo de Extermínio de Serpantinka: «O campo de extermínio Serpantinka (ou Serpantinnaya) era de fato o cenário de execuções em massa continua por 1938, como o centro de liquidação da Administração do Norte. Ele tinha sido cuidadosamente preparado. Um prisioneiro recorda que em uma longa viagem caminho acima, um pouco fora da estrada, passamos por alguns acampamentos longos e desagradáveis. Ao mesmo tempo, esses acampamentos abrigavam uma unidade de construção de estradas e eram chamados de Serpantinnaya, mas desde a conclusão da estrada para Khatenakh, eles estavam vazios há mais de um ano. Lembrei-me que alguns dias antes, por ordens de Magadan, Serpantinnaya havia sido transferida para a seção de distrito do NKVD, que enviou duas brigadas de homens lá para realizar algum trabalho secreto. O pequeno acampamento devia ser vedado com três fileiras de arame farpado, torres de vigia para sentinelas iriam ser erguidas a cada 25 metros e uma casa cómoda para os funcionários e os guardas seria construída, bem como uma garagem. O que me intrigou foi a garagem.

Não era habitual construir uma garagem em um pequeno acampamento como este, principalmente porque as grandes garagens no campo Khatenakh e nas minas de ouro Vodopyanov estavam a apenas três quilómetros de distância. Mais tarde, soube que eram usadas para abrigar dois tratores, cujos motores produziam barulho suficiente para abafar os sons de tiros e gritos dos homens. No entanto, após uma estadia curta, os tratores foram transferidos para algum campo de ouro e os motoristas de automóveis que passaram no acampamento à noite ouviram o processo lá com a maior clareza.»

Outro relato nos diz: «Em Serpantinka cada dia de trinta a cinquenta pessoas eram baleadas em um galpão perto do refrigerador. Os cadáveres eram então arrastados atrás de um monte em trenós motorizados... Havia também outro método: Prisioneiros eram conduzidos com os olhos vendados, a uma vala profunda e eram baleados na parte de trás do pescoço». As vítimas de Serpantinka às vezes esperavam vários dias para serem fuziladas, de pé em um galpão tão apertado que quando eles recebiam uma bebida, na forma de pedaços de gelo que está sendo acionada para eles - eles não podiam mover as mãos de forma que tinham que tentar pegá-lo com suas bocas.
*Minha nota: não é diferente de como gado é amontoado nos matadouros e fazendas de propriedade judaica. Goy significando gado afinal.

Outro prisioneiro descreve um caso particular de um conhecido: «Os esqueletos trabalharam mal. Dyukov (o líder da brigada) pediu por melhores rações. O diretor se recusou. A turma faminta tentou heroicamente cumprir as normas e desapareceram. Todos se viraram para Dyukov... Dyukov fez mais e mais vigorosas denúncias e protestos. Seu grupo passou a cair e assim suas rações caíram. Dyukov tentou interceder com a administração. Esta, por sua vez perguntou aos serviços competentes para inscrever Dyukov e os seus homens nas ‹listas›. Eles fuzilaram Dyukov e todo o grupo dele numa manhã por Serpantinka.»

Mesmo nos campos comuns... Já nas primeiras semanas do breve verão em Kolyma, os homens revelaram uma tendéncia a morrer a um ritmo nunca antes conhecido na região. Isso aconteceu repentinamente, às vezes mesmo quando o homem estava no trabalho. Um homem empurrando um carrinho de mão até a pista de alta para o aparelho de filtração de repente parava, balançava por um momento e caia de uma altura de 24 a 30 pés. E esse foi o fim. Ou então um homem carregando um carrinho de mão, incitado pelos gritos de um capataz ou guarda, inesperadamente afundava no chão, o sangue jorraria de sua boca e tudo estava acabado.

A taxa de mortalidade era particularmente elevada entre os homens trazidos para Kolyma durante os últimos seis meses. Sua resisténcia corporal havia sido prejudicada na prisão antes de serem enviados para o campo de ouro e eles simplesmente sucumbiam sob o ritmo violento de trabalho.

Não muito tempo depois, uma nova categoria de prisão foi introduzida, a katorga. A palavra, referindo-se ao antigo sistema czarista de trabalho forçado, era de fato muito pior. Os katorzhniki trabalhavam em campos especiais, acorrentado e sem cobertores ou colchões à noite. Nenhum sobreviveu.

A realidade bestial da vida quotidiana, um filme de terror na vida real:
Uma tropa móvel projetada para capturar fugitivos era comandada pelo jovem Postnikov. Bêbado de tanto assassinato, ele cumpriu sua tarefa com zelo e paixão. Ele pessoalmente capturou cinco homens.

Como sempre, nesses casos, ele tinha sido condecorado e recebeu um prêmio. A recompensa era a mesma para os mortos e os vivos. Não era necessário entregar os prisioneiros vivos.

Certa manhã de agosto, um homem que ia beber em um córrego caiu em uma emboscada armada por Postnikov e seus soldados. Postnikov atirou para baixo com um revólver. Eles decidiram não arrastar o corpo para o campo, mas deixá-lo na taiga. Os sinais de ursos e lobos eram numerosos. Para identificação, Postnikov cortou as mãos do fugitivo com um machado. Ele colocou as mãos em sua mochila e fez seu relatório sobre a caça... Na noite em que o cadáver reapareceu.

Pressionando os pulsos sangrando contra o peito, ele deixou a taiga seguindo a trilha e chegou à tenda dos prisioneiros. Com o rosto pálido, olhos azuis loucos, ele olhou para dentro, mantendo-se na abertura, encostado nos umbrais e murmurando alguma coisa. A febre o devorou. Seu casaco acolchoado, calças, botas de borracha foram manchadas com sangue preto.

Deram-lhe a sopa quente, envolveram seus pulsos decepados em trapos e levaram-no para a enfermaria. Mas Postnikov e seus homens saíram correndo de sua pequena tenda. Os soldados levaram o prisioneiro. Ele não foi ouvido de novo...

Os comandantes do acampamento estavam livres de restrições. Alguns atiravam nos prisioneiros aleatoriamente, simplesmente para espalhar o terror. Os presos que após 14 horas nas minas não poderiam fazer mais trabalho, foram baleados e seus corpos deixados no chão por um dia como um aviso. Comida tornou-se pior e mais escassa, o rendimento rebaixou e execução por sabotagem tornou-se comum. E dizem-nos, por exemplo, que em Debin, em 1951, três prisioneiros de um grupo que tinha sido autorizado a sair para recolher bagas se perdeu. Quando eles foram encontrados, suas cabeças foram surradas com coronhadas e o chefe do acampamento, Terceiro Tenente Lomaga, arrastou seus corpos passando entre os presos reunidos nessa condição. Verdadeira fome tomou conta na mina. Cinco mil homens não tinham um pedaço de pão, mas todos trabalharam como de costume, doze horas por dia... Exaustos por longos anos de existéncia, quase mortos de fome e de trabalho desumano, as pessoas passaram seus últimos resquícios de força no trabalho. E então morreram.

*Minha nota: outro conto popular do fictício holocausto dos judeus pelos alemães são os míticos caminhões de gás. A realidade dos caminhões de gás é que eles foram inventados por um comunista judeu e usados para matar milhares de inocentes na Judiação Soviética: «A van de gás foi inventada na União Soviética em 1936, presumivelmente por Isay Berg (minha nota, JUDEU), chefe do departamento administrativo e económico da NKVD de Moscou Oblast, que sufocou vários prisioneiros com fumego de motores em uma van camuflada enquanto a unidade para as valas comuns em Butovo, onde os prisioneiros foram posteriormente enterrados.

De acordo com Aleksandr Solzhenitsyn, I.D. Berg foi ordenado cumprir as decisões da NKVD Troika de Moscou Oblast, e Berg foi decentemente realizar esta tarefa: ele estava dirigindo as pessoas para as execuções por fuzilamento. Mas quando passou a haver três troikas em Moscou Oblast tendo suas sessões simultaneamente, os executores não podiam lidar com a carga. Eles tiveram uma solução: retirar as vítimas nuas, amarrá-las, vedar suas bocas e jogá-las em um caminhão fechado, disfarçado como uma van comum. Durante o transporte, gases combustíveis entravam no caminhão e quando chegavam à vala mais distante (execução) abandonavam os presos já mortos.»

A realidade dos campos alemães:

O plano era realocar os judeus à sua própria região e fora da Europa. Esta foi a única «solução final», como historiadores honestos que perderam suas carreiras e foram presos por serem honestos notaran uma e outra vez. Uma vez que os judeus tinham quase aniquilado a Alemanha, enviando milhões de alemães a seus túmulos em troca de Alemanha confiar neles, o governo levou ao melhor e mais humano curso de acção com eles. Eles poderiam tê-los matado neste momento, mas não o fizeram. O judeu Freeman admite tudo isso. A Alemanha estava negociando com os sionistas para ajudar a realocá-los para outra área onde teriam autodeterminação e separação. Os judeus não foram enquadrados ou colocados em acampamentos ao longo disso. Foi um movimento voluntário. Muitos judeus simplesmente queriam sair, pois não conseguiam mais fazer a vida por meios desonestos.

Durante a guerra, o governo alemão descobriu que cada organização subversiva no seu território, mesmo dentro da Alemanha, que estava atacando seus civis e tropas, espionando para os Aliados (de Judá) e tudo o mais para derrotar o esforço de guerra que custou a guerra à Alemanha, assim como na Grande Guerra, eram todas judaicas e estavam trabalhando com as redes internacionais judaicass por detrás dos governos aliados. A fim de lidar com esta vasta quinta coluna judaica, que era literalmente internacional, eles simplesmente fizeram o que os Estados Unidos fizeram com os japoneses vivendo nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra. Eles colocáram-os em campos de internamento, como uma medida de segurança de guerra. Lá eles foram simplesmente colocados para trabalhar honestamente para criar a produção necessária de material para o esforço de guerra.

Aqui, internos judeus dos campos admitem que Auschwitz não era um campo de extermínio:
www.youtube.com/watch?v=xWLYqiZYOGs

Direito de suas bocas eles afirmam que foram tratados humanamente. Eles tinham orquestras, peças de teatro, cinemas, creches e escolas para os seus filhos e até mesmo jogos escolares. Os adultos trabalhavam uma rotina normal de oito horas nas fábricas e escolas. Eles eram pagos e cartas eram autorizadas. Eles jogavam em times de futebol e ainda vinham equipes regionais para jogar nos campos. A quadra de esportes estava bem ao lado das alegadas «câmaras de gás». Lá também havia bordéis e piscinas para os detentos.

Os documentários abaixo desmascaram o Holocausto.
Auschwitz - As câmaras de gás são uma farsa: http://youtu.be/Pdiy1_22MaI

David Cole em Auschwitz – video 1 de 6: http://www.youtube.com/watch?v=KeMqWqdrfz4
Até mesmo um JUDEU admite e comprova que o «holocausto» é uma MENTIRA!

Os Últimos Dias da Grande Mentira: www.youtube.com/watch?v=l0JGN_Ixr7s

Fonte:
Kolyma: The Arctic Death Camps, por Robert Conquest © 1979

CAPÍTULO 6: A QUESTÃO RELIGIOSA

Paganismo: A Voz do Sangue

Há muitas maneiras de adquirir interesse por aquilo a que chamamos de forma genérica Paganismo. Há aqueles que chegam ao paganismo através da sua estética, dos seus mitos e força. Outros por um desejo de se unirem à tradição dos nossos povos, outros por uma recusa do cristianismo e do mundo neo-cristão (o cristianismo laico do marxismo e do progressismo), outros ainda, por motivações políticas e também aqueles que vêm pelo esoterismo.

Porém, para mim, como para outros camaradas nos inícios dos anos 70 do século passado, o paganismo chegou de uma forma indirecta: abraçamos o paganismo pela compreensão dos seus princípios cosmológicos, pela sua esséncia. O paganismo não é um dogma e não pretende sê-lo, pelo menos para muitos pagãos, é antes um conjunto de crenças espirituais, religiosas e pessoais, sociais e filosóficas, que reflectem uma Concepção do Mundo.

Foi essa Concepção do Mundo que nos atraiu, e que nos levou a ser pagãos. Apercebemo-nos de imediato que toda essa estética maravilhosa do paganismo, os seus símbolos, a sua magia e o seu esoterismo, tudo era reflexo desses princípios, era uma «forma de falar implícita» dos princípios gerais.

O paganismo moderno, posterior à Guerra, nasce nos anos 60 do século XX, quando um bom número de jovens nacional-revolucionários retiram o protagonismo aos velhos militantes do nacionalismo anterior. Esses jovens procuravam uma forma nova de expressar a cosmovisão «fascista», uma forma geral de expor na modernidade os princípios básicos de Alternativa ao Sistema, mas sem se basearem nos modelos anteriores a 1939.

Esta alternativa essencial encontra-se numa série de princípios muito gerais:
- Respeito pela Natureza e pelas suas leis globais;
- Sentido da diferença e respeito por essa diferença, isto é, à identidade e às raízes;
- Repulsa ante o materialismo e o individualismo, sentido de Comunidade;
- Adopção de um Estilo e uma Ética, mas recusa das Igrejas e dos dogmas, da falsa moral, da concepção teocrática e monoteísta de Deus;
- Espiritualidade natural frente ao materialismo e ao egoísmo do prazer, mas também frente à tristeza de considerar o mundo como um vale de lágrimas;
- Admiração pela força, pela beleza, pela alegria, pelos animais e tudo o que implica luta e esforço;
- Redescobrimento da Grécia e de Roma como ideal de Império e de Comunidade, de Arte e de Nobreza, frente ao mundialismo, ao Bezerro de Ouro e a Jerusalém.

Estas ideias básicas e muitas outras mais levavam-nos a um confronto com as concepções cristãs que até então haviam sido a base «espiritual» do nacionalismo em quase todos os casos, com raras excepções.

Este debate intelectual e sentimental levou-nos a redescobrir o facto pagão, que já tinha sido tratado por alguns círculos do arianismo e do NS nos anos 20 e 30.

Podemos dizer que foi a Grécia a alternativa ao Sistema. Como disse Bernard Levy, a decisão sempre se colocou entre Atenas ou Jerusalém. O Sistema impõe Jerusalém, a Alternativa estará sempre em Atenas. E Atenas é a esséncia do Paganismo, a sua máxima expressão cosmológica.

Daí que o primeiro grande centro cultural paganista tenha sido o GRECE, Grécia em francês, como acrónimo de Groupe de Recherche et d›Études sur la Civilisation Européenne. O paganismo enquanto Cosmologia é antes de mais alegre, anti-proselitista, diverso, artístico e heróico.

Frente ao pensamento totalitário demoliberal e ao Mundialismo, apresenta a ideia de Comunidades autónomas e autocentradas, em convivéncia não agressiva nem absorvente. Opõe-se ao Mundialismo das ideias e à actual Ocidentalização (Judaização na verdade) de todo o Mundo. Frente à igualdade democrática, a diversidade segundo os méritos. Frente ao mercado do sexo e da inquisição repressiva conservadora, a alegria do corpo, a força como reflexo do espírito são e culto. Frente à ideia de «coisa» e de «utilidade» em relação aos animais e à natureza, a concepção do homem como parte unitária com os animais e a natureza. Frente à caridade indiscriminada, a justiça para com aquele que merece, assim como castigar o culpado. Frente ao mercado como norma e à usura como realidade, o desprezo pelo monetário e a sua subordinação a mera ferramenta para as necessidades reais.

Poderíamos continuar indefinidamente. Mas julgamos que já basta para afirmar que o paganismo é a única alternativa.

Após esta constatação, uma grande parte dos nacionalistas, a partir dos anos 70 do século passado foram abraçando o mundo do paganismo. Em 1980 foi editada a «bíblia» pagã, nomeadamente o livro «Como se pode ser Pagão» de Alain de Benoist [N.T. não existe versão portuguesa], onde estão expostas as bases essenciais do paganismo moderno. Infelizmente deram-se alguns desvios inevitáveis, especialmente que não poucas vezes dão um aspecto sectário e neurótico às ideias pagãs.

O grande objectivo do paganismo é unificar a cosmologia pagã. Não somos «neopagãos», como acontece com a Wicca e o Asatrú. Somos espiritualistas. Somos pagãos porque acreditamos nos valores e práticas verdadeiras do paganismo da antiguidade clássica, num mundo sem a infecção de Jerusalém.

O judeo-cristianismo foi uma reacção às religiões pagãs originais, rotulando-as como «satanismo», que significa «inimigo/adversário» em hebraico, e significa «VERDADE» em sânscrito, a língua mais antiga conhecida... A mentira que eles empurram é que o mundo era primitivo e que as igrejas cristãs criaram as bases para a civilização, o que é sabidamente uma mentira. Eles destruíram uma civilização superior e varreram seu conhecimento, dando ao povo comunismo teístico. Com isso, a população se tornou bruta e ignorante, trabalhadores escravos nas fazendas coletivas de servidão de propriedade do Partido, também conhecido como Igreja, administrado pelo Comissário Papa em controle absoluto de tudo. Qualquer um que se considerava não estar curvado o suficiente era detido pela Inquisição NKVD, obrigado a confessar, recebia um julgamento de espetáculo pelos comissários cristãos e então era executado por ser um herético contra-revolucionário, um instrumento do Diabo fascista.

A Esséncia e o Significado da Suástica

Em milhares de anos da história da humanidade, nenhum símbolo foi tão marcante quanto o seu primeiro. A Suástica, hoje proibida e banida em diversas nações Arianas, por seus devidos governos anti-arianos, representa todo o seu passado e toda a sua vida. A cruz gamada é o mais antigo símbolo da espécie humana, aparecendo em praticamente todas as culturas na antigüidade, e sempre com um significado similar ou relacionado, porém, em nenhuma outra raça, a Suástica representa toda a sua alma e seu espírito, como na raça Ariana. E o que vai ser demonstrado é que o significado e a esséncia da Suástica vai muito mais além do que de qualquer outro símbolo conhecido. Que o que ela representa é muito maior do que nós.

É um símbolo de poder, um símbolo de orgulho, de força, de Honra. O primeiro significado da Suástica e o mais conhecido é o significado solar, a Suástica a princípio significa o Sol, o elemento que mais fascinou todos os antigos povos, porém, isso não reduz a Suástica a um simples elemento astronómico. O Sol é a estrela da vida, e da força; sem o Sol não há vida, sem o Sol não há criação, o que faz ele representar o maior símbolo de força e poder, não um poder ou força opressora, mas um poder espiritual e triunfal. O Sol é a fonte do calor e da luz. O homem não controla o Sol, este está além do domínio humano, é algo maior que o ser, maior que todos nós. Por isso a Suástica simboliza tudo que é bom e positivo na criação, e nos ilumina e nos eleva espiritualmente. Isso mostra como a antiga cruz gamada, ou Suástica, representa uma religião, um ideal totalmente incorporado na Cosmovisão Nacional-Socialista, pois está é uma doutrina de luz, de vida. A Suástica é a luz divina, a luz solar que desce sobre os homens, o combustível da criação, da exceléncia, do triunfo e da vitória!

A própria pronúncia da palavra «Suástica» vem de uma antiga expressão indiana que é «Su asti ka» que significa «e assim seja» ou «boa sorte». Isso demonstra que desde o início a Suástica só representa o que é positivo, construtivo, nunca o contrário.

É necessidade do Homem de abandonar por um momento o seu corpo, de sair de si próprio e de se elevar à algo maior e muito mais grandioso do que ele mesmo.

O NSDAP (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães) tem sua origem numa antiga sociedade espiritual, a Thule Gesellshaft (Sociedade Thule), cujo símbolo era a Suástica redonda, que representa o movimento, o progresso, o desenvolvimento, o infinito.

Em 1918, seu fundador, Sebottendorf, fez o seguinte juramento:
«Tenho a intenção de empenhar a Thule Gesellshaft neste combate, e tanto tempo quanto minhas mãos se mantiver o martelo de ferro... Faço o juramento sobre esta cruz gamada, sobre este sinal que nos é sagrado, que tu entendas, oh Sol triunfante! Continuarei fiel a vós. Tende confiança em mim como tenho confiança em vós... Nosso deus é o pai do combate e sua Runa é a da águia... que é o símbolo dos Arianos. Também para marcar a faculdade de combustão espontânea da águia, iremos representá-la em vermelho... tal é o nosso símbolo, a águia vermelha, que nos recorda ser necessário passar pela morte para poder reviver.»

O que a suástica representa está além do corpo e da matéria, a cruz gamada não representa um plano meramente físico, mas sim o plano espiritual, a Suástica é o fogo e a força interna, a força do homem, mas o impulso, a poténcia para a superação de si, para a criação do novo homem.

As palavras do filósofo alemão Nietzsche figuram isso perfeitamente:
«O Homem é uma corda, atada entre o animal e o Sobre-Homem – uma corda sobre o abismo.»

«O que é grande no Homem, é que ele é uma ponte e não um fim: o que pode ser amado no Homem, é que ele é um passar e um sucumbir.»

Nietzshe diz que o Homem deve ser superado, é uma superação de si, algo pessoal, apenas o individuo consegue mudar a si próprio, e a Suástica também representa essa busca pela exceléncia.

A Suástica é o culto à beleza da raça e da humanidade, um culto à Natureza divina e sua criação. É a fé no Homem e fé em sua superação e sua exceléncia.

A ideia Nacional-Socialista do Triunfo da Vontade consiste na habilidade pessoal que nós, como humanos, temos de mudarmos a nós mesmos para melhor, uma revolução pessoal, uma superação de si, algo individual, do qual apenas nós somos responsáveis, e depois de mudarmos o ambiente e ajudarmos as pessoas ao nosso redor a fazerem o mesmo, se superarem e melhorarem. Foi essa transformação positiva que Adolf Hitler fez na construção do primeiro Reich Nacional-Socialista, ou III Reich Alemão. Hitler com a confiança e apoio de toda a nação, de todo o povo fez essa reforma espiritual, essa reforma absolutamente positiva em seu ambiente. Adolf Hitler representou a ultima rebelião do homem contra o império do egoísmo e o poder do dinheiro, e estes últimos concluíram sua missão ao destruir, ou tentar destruir o que o eterno Führer construiu com o Triunfo da Vontade. O Triunfo da Vontade, Adolf Hitler, o Reich Nacional-Socialista SÃO a Suástica, são demonstrações concretas do poder e da força da Suástica ao despertar a esséncia da alma e de despertar sua busca pela exceléncia.

Uma nova sociedade e um novo Império, algo que o mundo nunca havia presenciado, onde os princípios fundamentais de Honra comandaram e se manifestaram na alma de todo um povo, algo que Hitler fez sozinho, essa foi a demonstração do Triunfo da Vontade pessoal, de ter se superado e depois de ter feito o seu povo, sua raça, sua estirpe também se superarem. Isso é a Suástica. Instituições como a Hitler Jugend e a SS são demonstrações de toda a Honra Nacional-Socialista. Através destas duas instituições ele tratou de mudar as pessoas para melhor, ou de despertar sua esséncia como membros de um povo e membros de uma raça. Mais uma vez a Suástica esteve presente nestas conquistas.

«Aquele que viu o Nacional-Socialismo só como um movimento político não viu absolutamente nada.» -Adolf Hitler

Adolf Hitler e outros grandes homens do NSDAP sempre tentaram fazer as pessoas entenderem que a esséncia do Nacional-Socialismo não é política, a esséncia do Nacional-Socialismo é espiritual, ela representa as Leis Naturais, como a Natureza é manifestada em nós através da raça, de que nós não somos indivíduos isolados, nós somos parte de uma raça, de um povo, os nossos atos não afetam apenas nós isoladamente, e sim todo o nosso ambiente como um todo. O indivíduo é parte de um todo. Ao ajudarmos nosso povo nós estamos ajudando a nós mesmos. Devemos servir o nosso povo, quando nosso povo estiver livre, nós, como parte dele, também estaremos. Ao nos separarmos dele e nos considerarmos indivíduos sem valores supremos, nós estamos traindo a nossa raça, estamos sendo egoístas, estamos abandonando valores que são maiores do que nós.
E o Nacional-Socialismo acredita que o nosso povo é maior que nós separadamente, o Nacional-Socialismo manifesta os valores supremos, isto é, que estão acima de nós.

«O Nacional-Socialismo está ligado a sua Cosmovisão (Weltanschauung). Ele existe para ela e desaparecerá com ela». - Alfred Rosenberg

O Nacional-Socialismo é uma Cosmovisão acima de tudo. A política é uma conseqüéncia, a política é uma maneira de aplicarmos através do Estado, de um governo, esta Cosmovisão que inclui seus princípios e seus valores. É infantil colocar o Nacional-Socialismo como uma simples visão política antimarxista, anticapitalista, pois o NS não é um conjunto de «contras» e sim uma Cosmovisão, uma doutrina, um corpo de idéias baseada nos princípios de Honra, Lealdade e Dever.

Tudo isso representa a manifestação do poder da Suástica sobre espíritos honrados.

A Suástica tem o poder de despertar o interior natural da alma Ariana, assim como a raça é apenas uma manifestação exterior e física da alma. Toda raça tem sua alma, toda raça cultiva seu alto ideal. Isto é verdade, ao estudarmos o comportamento de cada etnia pela história e por todo o globo veremos como as acções de cada uma delas seguiram um mesmo caminho e mesmo objetivo. A raça Ariana sempre cultivou os mesmos valores, os Homens sempre colocaram os interesses do seu povo antes do seu interesse pessoal, a raça Ariana sempre entendeu a força da natureza sobre nós, sempre manifestou essa compreensão através de seus mitos e lendas. Os deuses e avatares Arianos sejam Wotan, Odin, Manu, Kalki ou Zeus representam os mesmos ideais, apenas com outros nomes, representam o arquétipo que o Ariano deve seguir, pois este é sua esséncia e sua Natureza. Os deuses são uma manifestação do povo e representam sua consciéncia e de sua Cosmovisão, por isso estas sagas e mitos são a melhor maneira de entender a Cosmovisão Ariana. O que é curioso é que esta Cosmovisão Indo-Ariana é que ela não é focada em um indivíduo ou em um pequeno grupo, é o pensamento e alma de todo um povo, é a união através das origens e do sangue, embora tenha sido alterada com a presença de elementos anti-arianos como a usura e o egoísmo, a Natureza racial pode e deve ser libertada e manifestada pela Suástica. A Suástica e seu significado são originados pela força do sangue. A Suástica é um símbolo do sangue manifestado. Essa é a alma racial, é a esséncia, é o interior, o subconsciente, e isso se manifesta fisicamente através da raça. Isso a suástica deve despertar, ela pode, ela foi criada para isso, ela é a demonstração simbólica de todo o poder e a força espiritual, ela se manifestou inúmeras vezes durante a história e teve seu auge durante a criação do Império Nacional-Socialista, mas ela deve ressurgir.

Hoje as nações Arianas estão literalmente ocupadas pelas forças sionistas, pelo egoísmo, pelo poder do dinheiro e estas forças negativas usam de todos os artifícios, desonrados e imorais para deturparem o significado espiritual da Suástica e sua força altamente positiva e criativa sobre as pessoas. Marginalizaram nosso símbolo e tentaram o destruir de todas as maneiras, mas a opressão há de acabar, e só a antiga runa, o antigo sinal que tem sua base no sangue e na alma pode combater a tirania.

Mjollnir – O Martelo de Thor
«Salve Thor! Deus do Trovão! Defensor de Asgard e Midgard.
Dote-nos com coragem e nos ajude na luta
Contra os inimigos de nossa fé, família e povo.
Corajoso Thor!
Guerreiro entre os Deuses e firme em lealdade e fidelidade.
Proteja-nos e nos encoraje com a força
De seu poderoso e invencível martelo.
Talvez tudo seja como tu queiras
E todo o nosso povo fique conti como tu ficaste conosco.
Que força e honra estejma contigo e sempre com nosso povo»

Thor é considerado o mais forte de todos os deuses da mitologia nórdica e germânica. Como demonstrado na invocação, ele é o defensor do reino de Asgard (reino dos deuses) e de Midgard (a terra média, terra dos homens). Thor sempre defende seu povo, sempre se mantêm por ele, sempre é honrado e leal. Como demonstram as antigas Eddas, os contos e canções, que embora sejam simbólicas, não representam apenas mitos e lendas da Antiga Religião, nem são ultrapassadas, as eras se passaram mas a mensagem é a mesma, a raça e sua alma se mantiveram, não importa quanto tempo tivermos pela frente, as lições são as mesmas, apenas representadas através de seus mitos, pois os mitos representam o povo, representam sua Cosmovisão, como eles vêem o mundo, e a Cosmovisão Ariana está representada nos antigos contos, seja com as Eddas nórdicas e germânicas, com a Ilíada e a Odisseia grega, ou o Bagavahggita e as Vedas da antiga Índia Ariana, a mensagem é a mesma apenas representada de outra maneira. Retornando aos mitos Nórdicos, a Suástica como runa representa o martelo de Thor, este mesmo martelo era preso ao pescoço em forma amuleto pelos Vikings para garantir sua proteção, seu poder e sua força. Os deuses guerreiros da família Aesir diziam que o martelo Mjollnir era seu maior tesouro, pois lhe permitia proteger Asgard dos gigantes. O martelo era erguido ao nascimento de novas crianças que eram aceitas na comunidade e também era usado em funerais. Em uma antiga saga, Thor ao comer seus bodes, fez o sinal do martelo para lhes ressuscitar. Este sinal era um antigo sinal que depois foi copiado pelos cristãos e transformado em sinal da cruz, ele significava proteção imediata e benção para todos que o faziam. Mais uma vez a Suástica é a fonte da vida, da criação e da proteção suprema. Thor quem rugia os trovões pelo seu martelo e dava aos homens a luz do Sol, a Suástica, a força do martelo e do deus Thor são o Sol.

Aqui cito um trecho do livro «Deuses e Mitos do Norte da Europa», de autoria de H.R. Ellis Davidson: «Parece realmente que o poder do deus do trovão, simbolizado por seu martelo, se estendia por tudo o que tinha a ver com o bem-estar da comunidade. Ele cobria o nascimento, casamento, morte e cerimónias funerárias e de cremação, e os juramentos feitos pelos homens. A famosa arma de Thor não era apenas o símbolo do poder destrutivo da tempestade e do fogo do céu, mas também uma proteção contra as forças do mal e da violéncia. Sem ela, Asgard não poderia ser mais atingida pelos gigantes e os homens contavam com ela também para lhes dar segurança e garantir a regra da lei».

A antiga tradição do martelo dos juízes da corte que estabelece a ordem também vem dos antigos povos europeus ao usarem o Mjollnir para comandarem uma sociedade justa, para proteger o povo. A Suástica.

Vale a pena lembrar mais um mito germânico que envolve Thor e o Mjollnir. Em sua pescaria, Thor ao ser atacado pela maligna serpente de Midgard ergue seu martelo e a destrói. Se fizermos uma analogia por um ponto de vista Nacional-Socialista, a serpente representa o poder do dinheiro e do sionismo e da supremacia judaica, e o Mjollnir representa a Suástica que combate a usura e o inimigo dos povos. Isso foi apenas um exemplo da ideia do inconsciente coletivo de Carl G. Jung, é a presença que está obviamente além de nossa atual consciéncia, mas que se manifesta involuntariamente. Assim como um dos fenómenos do nosso Führer espiritual Adolf Hitler foi ele ser, pessoalmente, a manifestação do subconsciente, do inconsciente, dos desejos e aspirações mais profundos, mais intensos, mais reais, mais humanos de toda uma raça. Adolf Hitler é o arquétipo, é a manifestação física e pessoal da raça ariana. Assim como a Suástica também o é, mas de uma forma simbólica. Ele e ela, Adolf Hitler e a Suástica, são sinónimos, são o mesmo conjunto cósmico, o mesmo ser, que é a esséncia racial que é a alma Ariana. Por isso ambos tem esse poder e o fizeram nos anos 30, despertaram esse subconsciente coletivo, que nada mais é do que a alma racial Ariana com outro nome. E ambos são o poder da Suástica manifestada espiritualmente e fisicamente sobre os Homens e que ela desperta algo forte, verdadeiro e interior.

Por isso e mais, ao aceitarmos e compreendermos o significado e sabedoria da Suástica, nós devemos entender, ou pelo menos procurarmos e nos esforçarmos para entendermos a verdade proibida pelos atuais governos, do que é a verdade sobre o Nacional-Socialismo e sua esséncia absolutamente positiva, sobre sua Cosmovisão, sobre o Triunfo da Vontade. Nós devemos esquecer, ignorar toda a lavagem cerebral dos media e do poder sionista manifestado que há mais de 70 anos vem destruindo e corrompendo o que há de melhor, de saudável, de humano no Nacional-Socialismo. Só a verdade liberta, conhecer a verdade é uma tarefa individual, de esforço pessoal. A ignorância é reconfortante, mas nós devemos escolher o nosso caminho. O caminho natural da raça Ariana pela sua Natureza como vem sido demonstrado durante a história é o caminho da verdade, da Honra, da Lealdade e do Dever. O que vem ao caso não é sermos biologicamente de origem Indo-Européia, branca, Ariana e sim de manifestarmos nossa alma, de nos libertarmos espiritualmente, de sermos espiritualmente Arianos, ao fazermos isso nós manifestamos nossa Natureza, nosso ser, e ele é belo, ele está representado pela Suástica e pela força e sabedoria do Nacional-Socialismo. O escritor e inglês H.S. Chamberlain escreveu em seu Arische Weltanschauung (Cosmovisão Ariana):
«Eu disse em outra ocasião: ser ‹Ariano› não é o ponto, nos tornarmos ‹Arianos› é o que importa».

E cito mais uma frase:
«Nunca esqueça essa única coisa: pelo pensamento apenas, o pensamento pode ser libertado; aquele que não tem a coragem e o poder de repensar os pensamentos da raça Ariana, é e continuará a ser um servo, não importando sua ancestralidade, pois ele é mentalmente prisioneiro, cego, preso à terra».

A escolha é pessoal, ser um servo ou não. A vida é luta. Nós devemos criar consciéncia de nossa situação atual, devemos meditar sobre os assuntos e entendermos nosso estado, e a opressão e tirania sobre o nosso povo. A Suástica é um símbolo, ela representa isso, mas ela sozinha não faz nada, deve nos despertar, nos comandar para a vitória, para o triunfo e para a liberdade, o resto é conosco.

Há um grupo de pessoas, um grupo apenas, que controla o que nós vemos na TV, o que nós lemos, o que nós assistimos nos cinemas, o que escutamos no rádio, este mesmo grupo se mantém unido há milhares de anos e o mais homogéneo possível, ele entende que através da sua homogeneidade ele se manterá, tudo o que recomenda e que força às outras raças através dos meios de comunicação é aquilo que não aceita e não permite para si, porque sabe que irá destruí-lo por dentro. O Homem Ariano se tornou escravo do dinheiro e do capital. O materialismo faliu no homem, na sociedade e na raça. O pensamento de «cada um por si» está ficando maior e vai aumentar até as pessoas colocarem seu povo depois de si próprias. O tempo em que nós éramos partes de uma raça e não apenas indivíduos existiu, existiu durante milhares de anos, este tempo construiu impérios, deu luz a civilizações, deu luz à vida e a justiça. Este tempo foi real, e nós devemos recriá-lo.

O dinheiro se tornou ideal moral, religião, a meta final dos povos, o valor superior que antes era a nossa comunidade, estirpe, clã, se reduziu ao egoísmo. Nós nos identificávamos com nossos companheiros, trabalhávamos juntos, tínhamos os mesmos valores, nós éramos realmente um povo. Isso é um valor superior, algo que está além de nós, assim como o herói é aquele que luta e morre por algo maior do que ele próprio.

A Suástica é o nosso sangue que é a criação, a herança a esperança de um novo futuro.

A chama da raça Ariana e da liberdade começou a se apagar quando o homem se rendeu ao egoísmo, esqueceu de suas origens, do seu povo, parou de amar aqueles que são responsáveis pelo que somos hoje. O dinheiro, e não o triunfo, se tornou sua meta principal na vida.

A Suástica tem sua base no sangue, a Suástica tem sua origem como o primeiro símbolo da humanidade e ela se mantêm ainda hoje, muito mais fraca do que antes, e pode apagar. O que apaga junto é nossa história, nossas conquistas, nossas criações.

Nós estamos encarando um problema novo, enquanto crises políticas, sociais e económicas podem ser resolvidas, o fim de uma raça não. A raça Ariana se extinguiu no antigo Egipto, no antigo Oriente Médio, na antiga Índia e agora a extinção chegou ao berço: a Europa. Com a extinção a raça nunca será refeita, a maior raça que pisou e que marchou sobre a terra está enfrentando o seu fim, a dominação e a escravidão estão caindo sobre o nosso povo. É hora de tomarmos uma atitude. Nós devemos entender e valorizar o legado de nossos antepassados, este legado, esta herança está presente em nós, nós não devemos destruí-lo, devemos resistir e nos revoltarmos contra a tirania.

Os grandes Homens são um produto do povo Ariano, estes grandes Homens e suas conquistas não morrem nunca, são imortais, assim como os bons espíritos. Estes Homens são parte do legado do nosso povo e são parte de nós. A base de nossa existéncia é a herança dos nossos antepassados e nós somos partes deles como nossos filhos serão parte de nós. Sangue do nosso sangue. E assim o legado deve se perpetuar, porque este é sagrado.

A bandeira vermelha, branca e negra deve ser hasteada novamente. A Suástica despertará algo interior e mais forte do que o nosso corpo e nossa mente, ela despertará algo além da existéncia física e material, despertará nossa alma e nossa esséncia! A Suástica nos salvará da extinção, da opressão e da tirania. Nos mostrará a verdade, será a luz, o Sol, a criação e a vida, enquanto a raça Ariana sobreviver, a força da Suástica viverá, pois ela é mais forte que tudo! Ela desperta exteriormente nossa Natureza porque ela é a Natureza! A Suástica é o fogo para a vitória e para a glória!

Vaticano, a Sinagoga de Roma

Pelo Sumo Sacerdote Don Danko

Os judeus estiveram no controle do Império Romano tardio da mesma forma que estão no mundo de hoje através do controle dos principais posições chave das nações. Os judeus usam esse poder, o cristianismo, criado e imposto de cima abaixo do mesmo modo que eles fariam mais tarde na Rússia com o comunismo.

O Vaticano foi o Kremlin no Tibre.
O último Papa João Paulo II era um judeu racial, sua mãe era judia polonesa pelo nome de Katz, fazendo-o pela lei da raça judaica um judeu total de sangue.

«A mãe do Papa foi Emily Katz, cujo nome polonês é Emilia Kaczorowska, que normalmente é anglicizado por imigrantes norte-americanos para soar familiar, Emily Katz.»
www.jewwatch.com/jew-religions-christianity-penetration-pope-john-paul-2-jewish-news-release.html

Ele também não foi o primeiro Papa judeu na história.

O primeiro cardeal de ascendéncia judaica reconhido, Anacleto II, foi eleito papa em 1130 por uma maioria do Colégio de Cardeais. Anacleto II, cujo nome original era Pietro (Pedro) Pierleone, era bisneto de um judeu romano, Baruch Pierleone.- H.Geduld Cleveland Jewish News

«Manual Bíblico de Halley tem um comentário que é mais informativo. Inocéncio III (judeu) (1198-1216 dC), foi o mais poderoso de todos os Papas, alegou ser o ‹Vigário de Cristo›, ‹Vigário de Deus› e ‹Supremo Soberano› sobre a Igreja e para o mundo. «Ele reivindicou o direito de depor reis e príncipes, e que ‹todas as coisas na terra e no céu e no inferno estavam sujeitas ao Vigário de Cristo.› Ele trouxe a Igreja ao controle supremo do Estado.

Reis da Alemanha, França, Inglaterra e praticamente todas as monarquias da Europa obedeceram a sua vontade. Ele ainda foi capaz de trazer o Império Bizantino ao seu controle. Nunca em toda a história houve um único homem que exerceu mais poder. Ele pediu duas cruzadas, decretou transubstanciação, confirmou a confissão auricular... Proibiu a leitura da Bíblia no vernáculo, ordenou o extermínio dos hereges, instituiu a inquisição, ordenou o massacre dos Albigenses. Mais sangue foi derramado sob sua direção e de seus sucessores do que em qualquer outro período da história da Igreja Romana. Todas as nações da Europa estavam sob esta dominação político-religiosa corrupta e despótica dos Papas e seu papado para um total de 1.260 anos, a partir de 606 dC a 1866 dC, com cada Papa trazendo seu próprio fetiche e doutrina privada ou capricho para submeterem o povo.

A imoralidade era galopante no Papado e da Igreja. João XXIII (judeu) (1.410-1.415), chamado por alguns de ‹o criminoso mais depravado que já se sentou no trono papal›, culpado de quase todo crime: como cardeal em Bolonha, 200 donzelas, freiras e mulheres casadas foram vítimas dele. Como Papa, ele violou virgens, freiras, viúvas, ficou em adultério com a esposa de seu irmão, foi culpado de sodomia e outros males sem nome, comprou o ofício papal e vendeu títulos aos filhos de famílias ricas.»
«O papa Gregório VII (judeu) decidiu que houve assassinato para matar os excomungados. Esta regra foi incorporada no direito canónico. Durante a revisão do código, que teve lugar no século 16 e que produziu um volume inteiro de correções, a passagem era deixada em

repouso. Ele aparece em cada reimpressão do Corpus Juris. Foi há 700 anos, e continua a ser parte da lei eclesiástica.»

Os contos falsos que a Igreja não se entendia com os judeus é pura bobagem. Muitos Papas, por suas imagens, são judeus raciais, tu podes até colocar suas fotos ao lado de fotografias de judeus raciais famosos de hoje e ver que eles parecem gêmeos.
«A publicação de 1486 do Malleus Maleficarum pelos frades dominicanos Heinrich Kramer (judeu) e James Sprenger (judeu).» - Sir l.Gardner «Realm of the Ring Lords»
Este foi o documento e manifesto onde cerca de 50-100 mil gentios inocentes, na maioria mulheres, foram horrivelmente encarcerados e assassinados por «caçadores de bruxas» durante décadas. Este foi criado, publicado e empurrado por judeus.

Observe que esses dois judeus, Kramer e Sprenger, eram os membros dos Frades Dominicanos. Quando o governo espanhol descobriu que os judeus no interior de Espanha vinham trabalhando com os mouros contra eles como uma quinta coluna (como os judeus sempre fazem, mesmo na América, com todos os espiões comunistas e agentes sendo judeus) que lançaram uma investigação sobre os judeus na Espanha, que o Vaticano estava gritando para eles pararem (nota do Vaticano, por outro lado ordenou e incentivou a inquisição para eliminar gentios aos milhões) e muitos judeus, que ganharam santuário pelo Vaticano por ordens papais. Foram também os jesuítas judeus que também administraram muito da inquisição.

O que acharam na investigação espanhola, bem como as posteriores investigações do FBI sobre os comunistas na América. Todo o alto escalão do clero católico na Espanha eram judeus raciais! Adivinha por que o Vaticano tentou parar as investigações.

E tu realmente achas que isso foi apenas limitado a Espanha, quando até mesmo os Papas, que eram judeus raciais, e como evidenciado aqui eles criaram um manifesto de ódio escrito por dois judeus raciais no clero católico levaram a um verdadeiro holocausto de dezenas de milhares de gentios, a maioria sendo assassinados sendo queimados até a morte. Também é um fato pouco conhecido que sob o governo católico, os judeus ainda ganharam um reino judaico livre (Septimaniain) na Europa.

O Vaticano também tinha assassinado a monarquia original pagã tanto quanto possível e substituía por representantes criminosos leais a eles. O caso mais famoso é o assassinato do rei Dagoberto dos merovíngios pelo Vaticano. Sua coroa foi então usurpada pelo Vaticano e dada a Pepin, o Gordo de Herstal, de quem tinha sido um dos prefeitos de confiança de Dagoberto, cujo assassino estava agindo sob as ordens diretas do próprio Pepin. Isso configura uma situação na Europa Ocidental onde as linhas da Realeza Ariana foram usurpadas pelo inimigo.

A Realeza Pagã original em seguida passou para... Adivinhe as mãos de que tribos? Da mesma forma como os judeus foram governar a Rússia como os comissários e oficiais do Partido sob a bandeira de sua ideologia comunista após matar a aristocracia gentia.

«Maquir Teodorico (judeu) se casou com uma irmã de Pepin chamada Alda. Seu filho Guillaume (William) d›Orange, também é famoso nas canções francesas e foi apelidado de «focinho de gancho». Ele era fluente em árabe e hebraico. O dispositivo heráldico em seu escudo era o mesmo que o dos Exilarcas Orientais: o Leão de Judá. Guillaume observava o Shabat e o Sukkot durante suas campanhas.»

«A irmã de Maquir, conhecida como Bertha Bigfoot, casou-se com o filho de Carlos Martel, Pepino, e se tornou a mãe de Carlos Magno. Bertha (também chamada Bertrada) deu à luz a Carlos Magno em 742. Disse-se que a mãe de Bertha era chamada de ‹flor branca› (Blanche Fleur) ou Lírio, que é a origem do nome da casa de Lily para os reis franceses. Lily é também um título familiar com a Casa de Davi e do futuro Messias como o «Lírio do Vale». Carlos Magno era referido por seus seguidores como ‹David›. Quando Carlos Magno tornou-se rei em 768 com a morte de seu pai, o rei Pepin-I, proclamou Maquir, Exilarca Ocidental, Rei de Septimania. Maquir era seu tio materno (o irmão de sua mãe). As famílias de Maquir, Gérson e Bertha, substituíram a antiga dinastia merovíngia e tomaram para si os nomes e títulos merovíngios. Como resultado, as genealogias tornaram-se confusas e gerações posteriores obscureceram o fato desta poderosa dinastia judaica na Europa. Genealogistas posteriores esconderam a origem da mãe de Carlos Magno com uma falsa genealogia ligando-a aos merovíngios. Eles fizeram o mesmo para toda a família exilarca. Deve-se lembrar que os carolíngios substituíram os merovíngios e tiveram a necessidade de se legitimar, aparentando ser uma continuação da dinastia merovíngia. Felizmente, em muitos casos, eles apenas dissimularam as genealogias de modo que é possível reconstruí-las.»
-Athol Bloomer

Carlos Magno foi o líder que, com apoio papal, lançou Cruzadas maciças para a terra pagã dos saxões, suas guerras contra os gentios foram financiada por ricos comerciantes judeus dentro do reino. Carlos Magno declarou abertamente: «Os judeus hão de serem banqueiros deste Império.»

De suas longas décadas de genocídio físico e cultural:
«Em 768, Carlos Magno começou a longa campanha de 32 anos que só pode ser descrita como evangelização e genocídio contra os saxões sob seu controle no Oeste da Alemanha. A campanha começou com a derrubada da árvore mais sagrada dos saxões, a sua versão da árvore do mundo ou Yggdrasil (o símbolo do princípio da Terra e a fonte de toda a vida nas antigas religiões indo-europeias), localizada em uma floresta sagrada saxónica perto da atual Marburg.

Carlos Magno rapidamente voltou-se para a violéncia como meio de espalhar a palavra cristã. Em 772, em Quierzy, ele emitiu uma proclamação que mataria cada saxão que se recusasse a aceitar a Jesus Cristo, e daquele momento em diante, ele manteve um destacamento especial com os sacerdotes cristãos que duplicaram como carrascos, e em cada aldeia saxónica em que passavam, esses sacerdotes executariam qualquer um que se recusasse a ser batizado.

Então em 782, em Verden, Carlos Magno realizou o ato para o qual ele é associado mais notoriamente - ele ordenou a decapitação de 4.500 saxões, em um dia que tinham cometido o erro de serem pegos praticando o paganismo depois de terem concordado em ser cristãos. Companheiro e biógrafo constante de Carlos Magno, o monge Einhard, vividamente capturou o evento em sua biografia do rei franco.
Nele está escrito que o Rei arredondou para 4.500 saxões que «como cães que retornam ao seu vómito» haviam retornado às religiões pagãs que haviam sido forçados a renunciar sob pena de morte. Depois de ter decapitado todos os 4.500 saxões ‹o rei se dirigiu para o acampamento de inverno, e ali celebrou a missa, como de costume›.
Doze anos depois, em 794, Carlos Magno introduziu uma lei segundo a qual cada terceiro Saxon vivendo em qualquer área pagã fosse sequestrado e forçado a reassentar e ser criado entre frades cristãos.

O missionário cristão, St. Boniface, derrubou o grande carvalho sagrado de Geismar, Hesse, em 724 AD. O carvalho era sagrado para o Deus Thor e foi um dos muitos sítios pagãos que os cristãos destruíram em suas tentativas finalmente bem sucedidas para destruir todas as outras religiões, exceto o cristianismo. Apesar disso, muitos costumes pagãos permaneceram, como a celebração da Primavera. Os cristãos tomaram a Deusa pagã da fertilidade, Ostara, e transformaram-na no rito cristão da Páscoa (Ostara = «Páscoa», ou Easter em inglês) e o solstício de Inverno, que marca a noite mais longa do Inverno, transformaram no Natal.

Com uso de coerção violenta e sangrenta, o paganismo saxão e alemão foi literalmente morto, e a maioria dos sobreviventes se tornaram cristãos mais por medo do que por convicção genuína.» - Kemp, March of The Titans

O Vaticano também aprovou leis rigorosas que permitiram que os judeus se tornassem agiotas, negando o mesmo aos gentios. Permitindo uma situação favorável para seus companheiros judeus da vizinhança terem a riqueza na Europa e tornarem-se ricos banqueiros. Muitos banqueiros judeus financiaram o Vaticano abertamente. Para os dias atuais, os Rothschild são os banqueiros do Vaticano.

Os jesuítas eram também uma ordem judaica criada e apoiada pelo Vaticano, a Mossad original:
«Os Jesuítas (a Companhia de Jesus) são os espiões e o esquadrão da morte da Igreja Católica. Pessoas que acreditam que esta instituição seja ‹religiosa› ou ‹espiritual› estão redondamente enganadas. Ela é e sempre foi política em todos os aspectos, uma frente política que opera para controlar as pessoas utilizando-se de muitos personagens fictícios e cerimónias religiosas roubadas de religiões anteriores a ela por todo o mundo. A separação entre Igreja e Estado não significa nada para a Igreja Católica, que trabalha incansavelmente e impiedosamente para dominar o mundo, por qualquer meio possível. Esta instituição foi construída sob assassinatos em massa, tortura, extorsão, crime organizado, mentiras e a privar a humanidade da verdadeira espiritualidade. Ela tem controlado os reis, rainhas, nobres, presidentes, governos e quase todos no poder.» - Suma Sacerdotisa Maxine Dietrich
http://expondocristianismo.weebly.com

«Homens de linhagem judaica prestadaram na sociedade famosa pela sua doutrina, santidade e erudição.» - García Girón de Alarcón

«Nós, jesuítas, temos o prazer em admitir ascendéncia judaica.»
- Jerónimo Nadal Morey
https://sites.google.com/a/jewishjesuits.com/www

No livro geral de Ludendorf, Das Geheimnis Der Jesuitenmacht Und Ihr Ende, ele concordou que os jesuítas são controlados por judeus:

«Os primeiros jesuítas eram cripto-judeus. O próprio Inácio Loyola era um cripti-judeu da Cabala Oculta. Um cripto-judeu é um judeu que se converte a outra religião e exteriormente abraça a nova religião, enquanto secretamente mantém práticas judaicas, como John Torell explica: ‹Em 1491, San Ignacio de Loyola nasceu na província basca de Guipuzcoa, Espanha. Seus pais eram marranos e no momento de seu nascimento, a família era muito rica. Quando jovem, ele se tornou um membro da ordem judaica Illuminati na Espanha. Como cobertura para suas atividades cripto-judaicas, ele se tornou muito activo como um católico romano. Em

20 de maio de 1521, Inácio (como era chamado agora) foi ferido em uma batalha e tornou-se um semi-aleijado. Não sendo possível ter sucesso na arena militar e política, ele começou uma busca pela santidade e acabou chegando em Paris, onde estudou para o sacerdócio. Em 1539, ele se mudou para Roma, onde fundou a Ordem Jesuíta, que viria a ser a ordem mais vil, sangrenta e perseguidora na Igreja Católica Romana. Em 1540, o Papa Paulo III aprovou a ordem. Com a morte de Loyola em 1556, havia mais de 1.000 membros na ordem dos Jesuítas, localizado em algumas nações.›
Polanco, o secretário de Inácio de Loyola, era de descendéncia judaica e era a única pessoa presente no leito de morte de Loyola. James Lainez, que sucedeu Loyola como o segundo jesuíta Geral, também era de ascendéncia judaica. Judeus foram atraídos para a Ordem dos Jesuítas e juntaram-se em grande número. Lacunza não foi excepção. Ele era judeu, o que explica por que ele introduziu o ensino escatológico de retorno aos sacrifícios judaicos de animais durante o Milénio (em um livro intitulado The Coming of the Messiah in Glory and Majest, publicado em 1812, 11 anos após a morte de seu autor, o jesuíta Emanuel de Lacunza que escreveu sob o pseudónimo fictício de um judeu supostamente convertido, Rabbi Juan Josaphat Ben Ezra, a fim de esconder sua identidade e tornar seus escritos mais palatáveis para os leitores protestantes. Ele promoveu os escritos do padre jesuíta do século XVI, Francisco Ribera, o desenvolvimento de uma perspectiva futurista que restringiu os cumprimentos proféticos no livro do Apocalipse para o fim do mundo). Lacunza também escreveu que, durante um milénio depois da tribulação, os sacrifícios judaicos de animais seriam reintegrados, juntamente com a Eucaristia (a missa) da Igreja Católica. Lacunza seguiu após fábulas judaicas e substituíu os mandamentos de Deus pelos mandamentos dos homens. Essa doutrina dá primazia aos judeus no plano de Deus e relega os cristãos a um paréntesis profético para serem suplantados pelos judeus durante o reinado de mil anos de Cristo na terra.»
http://israelect.com/reference/WillieMartin/Ignatius_Loyola.htm

O Renascimento e a Reforma:

«A dinastia merovíngia foi a autora intelectual do Renascimento: René (d›Anjou) era o monarca angevino que, na época do renascimento, sozinho, liderou um reavivamento Hermético na Europa. Foi ele quem pessoalmente convenceu Cosimo de Medici a traduzir pela primeira vez muitos textos antigos, como o Corpus Hermeticum em várias línguas europeias... Os angevinos eram principalmente os defensores da Regia, ou Arte Real do Hermetismo.»

As forças da reforma foram colocadas em acção para redirecionar as forças do renascimento, que sinalizavam o fim do poder do programa judaico-cristão, pois as pessoas que rejeitam a Igreja Católica vêm-na como um veículo do poder e agenda judaica.
Esta foi uma observação que os Cátaros também fizeram. Roma era judaica. O ponto alto do poder da Igreja começou a entrar em colapso. Devido à sua própria corrupção e revolta popular. As pessoas estavam a regressar às suas tradições orgânicas.

É por isso que os judeus colocaram à frente um dos seus, Martinho Lutero. Como o pesquisador e autor Christopher Jon Bjerknes ressalta, Lutero era judeu e isso foi reconhecido por outros judeus. Lutero foi um total filo-semita, ele mesmo declarando como foi muitas vezes acusado de ser judeu.

E por que então Lutero começou «denunciar» os judeus? Porque isso é psicologia reversa.

O coração do movimento contra o catolicismo era baseado no nojo da sua condição de ser judaico. Então ele teve que despejar ódio sobre os judeus e ao mesmo tempo tentar convencer as pessoas de que os judeus eram os «inimigos de Cristo». Os judeus ainda jogam este jogo até hoje. Mesmo colocando citações falsas do Talmude a respeito de Jesus e de Maria, quando o Talmude menciona apenas Balaão sendo sacerdote pagão, não Jesus. De fato, o Talmude nem sequer menciona Jesus Cristo. Isso é psicologia reversa, e deu muito certo. O judeu Lutero e o judeu John Coleman (que mudou seu nome para Calvin) foram as principais forças por detrás da reforma que permitiu que o cristianismo judaico sequestrasse o despertar espiritual e a rejeição do cristianismo, e empurraram sobre a população uma forma ainda mais pueril deste programa, que mantém os gentios vinculados sob o feitiço judaico. É por isso que Giordano Bruno, um dos principais defensores do renascimento espiritual da auténtica cultura europeia, era abertamente anticristão e antijudaico, foi caçado pelas forças judaicas da Inquisição e queimado na fogueira com um cravo de ferro na sua língua para que ele não conseguisse nem falar na sua própria execução, enquanto que Lutero não teve nem um fio de cabelo sequer na cabeça tocado pelo regime Católico.

Quem controla o Banco do Vaticano:
«É uma sequéncia um tanto curioso a tentativa de criar um concorrente católico contra os Rothschild que, no presente momento (1905), são os guardiões do tesouro papal.»
- A Enciclopédia Judaica (Vol 2, p 497)
Os judeus Rothschilds fazem.
Assim como o Kremlin sob a bandeira vermelha foi a sinagoga de Moscou, assim é o Vaticano, a sinagoga de Roma.

Fontes:
THE HOUSE OF DAVID, Athol Bloomer
March Of The Titans, Arthur Kemp
Communism A jewish Talmudic Concept Know Your Enemy. By Will Martin
MYSTERY, BABYLON THE GREAT
Realm Of The Ring Lords, Sir l.Gardner
https://sites.google.com/a/jewishjesuits.com/www
http://expondocristianismo.weebly.com
http://www.clevelandjewishnews.com/archives/article_ed15a0f7-9b4d-5323-ae3d-ccf428e78f7a.html

Paralelos Entre a Bíblia e o Manifesto Comunista

Uma introdução à psico-asneira judaica, por Descarte

Trexos do Manifesto Comunista estão em itálico. Versos da Bíblia estão em negrito e itálico

«(...) a epidemia da superprodução. Subitamente, a sociedade vê-se reconduzida a um estado de barbaria momentânea; dir-se-ia que a fome ou uma guerra de extermínio cortaram-lhe todos os meios de subsisténcia; a indústria e o comércio parecem aniquilados. E por quê? Porque a sociedade possui demasiada civilização, demasiados meios de subsisténcia, demasiada indústria, demasiado comércio. As forças produtivas de que dispõe não mais favorecem o desenvolvimento das relações de propriedade burguesa; pelo contrário, tomaram-se por demais poderosas para essas condições, que passam a entravá-las; e todas as vezes que as forças produtivas sociais se libertam desses entraves, precipitam na desordem a sociedade inteira e ameaçam a existéncia da propriedade burguesa. 0 sistema burguês tornou-se demasiado estreito para conter as riquezas criadas em seu selo. De que maneira consegue a burguesia vencer essas crises? De um lado, pela destruição violenta de grande quantidade de forças produtivas; de outro lado, pela conquista de novos mercados e pela exploração mais intensa dos antigos. A que leva isso? Ao preparo de crises mais extensas e mais destruidoras e à diminuição dos meios de evitá-las.»

Isso claramente é uma tolice. O trecho acima afirma que superprodução leva ao barbarismo. Aí estão as bases para a coletivização, está claro o que acontece quando a produção é controlada a fim de «parar a epidemia» de superprodução.

Lucas 6:20-23 ***«E, levantando ele os olhos para os seus discípulos, dizia: Bem-aventurados vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus.***
Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis fartos. Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir.
Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem e quando vos separarem, e vos injuriarem, e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do homem.
Folgai nesse dia, exultai; porque eis que é grande o vosso galardão no céu, pois assim faziam os seus pais aos profetas.»

Esta escritura resume tudo. O reino de deus é um lugar inspirado por economia judaica falha que nega superprodução. Isso relata à afirmação de Karl Marx.

Essa teoria judaica é claramente provada como errada pelo Reichsarbeitsdienst de Hitler, ou «Serviço de Trabalho do Reich». Este foi capaz de transformar um país arruinado pela guerra num campo fértil. Graças à superprodução do Reichsarbeitsdienst, a Alemanha foi capaz de erradicar a pobreza.

Note este verso:

Provérbios 22:7 ***«O rico domina sobre os pobres e o que toma emprestado é servo do que empresta.»***

«Com o desenvolvimento da burguesia, isto é, do capital, desenvolve-se também o proletariado, a classe dos operários modernos, que só podem viver se encontrarem trabalho, o que só encontram trabalho na medida em que este aumenta o capital. Esses operários, constrangidos a vender-se diariamente, são mercadoria, artigo de comércio como qualquer outro; em consequéncia, estão sujeitos a todas as vicissitudes da concorréncia, a todas as flutuações do mercado.»

Levítico 25:44-46 ***«E quanto a teu escravo ou a tua escrava que tiveres, serão das nações que estão ao redor de vós; deles comprareis escravos e escravas.***
Também os comprareis dos filhos dos forasteiros que peregrinam entre vós, deles e das suas famílias que estiverem convosco, que tiverem gerado na vossa terra; e vos serão por possessão.
E possuí-los-eis por herança para vossos filhos depois de vós, para herdarem a possessão; perpetuamente os fareis servir; mas sobre vossos irmãos, os filhos de Israel, não vos assenhoreareis com rigor, uns sobre os outros.»

Os trechos acima são idénticos. Os judeus são auto-proclamados supremacistas, esse é o motivo deles terem direitos divinos para terem escravos. Isso é o que eles creem. Comunismo é uma porta aberta à escravidão, porque este vê a classe trabalhadora como uma commodity. Hitler acreditou em unir os trabalhadores à nação, então havendo uma simbiose entre as classes.

«A indústria moderna transformou a pequena oficina do antigo mestre da corporação patriarcal na grande fábrica do industrial capitalista. Massas de operários, amontoadas na fábrica, são organizadas militarmente. Como soldados da indústria, estão sob a vigilância de uma hierarquia completa de oficiais e suboficiais. Não são somente escravos da classe burguesa, do Estado burguês, mas também diariamente, a cada hora, escravos da máquina, do contramestre e, sobretudo, do dono da fábrica. E esse despotismo é tanto mais mesquinho, odioso e exasperador quanto maior é a franqueza com que proclama ter no lucro seu objetivo exclusivo.»

Note que apenas um trecho anteriormente esse judeu afirma que o trabalhador é apenas um material bruto a ser comercializado. Agora esse pedaço de lixo humano toma a causa da classe trabalhadora. Essa é a tática judaica de falar dos dois pelas suas bocas inchadas.

O judeu vai tão longe a ponto de afirmar que o trabalhador é escravizado pela indústria, como se a indústria fosse aquilo que destruirá o trabalhador. A indústria pode ser boa ou má, mas afirmar que ela é a tirana é simplesmente idiotice.

Romanos 12:2 ***«E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.»***

O verso bíblico acima é um resuma das palavras do judeu Karl Marx. Ele afirma que a classe trabalhadora é manipulada pela indústria. Ele afirmou isso claramente de modo que pudesse apelar ao proletariado. O verso bíblico acima afirma a mesma coisa de modo diferente.

«As diferenças de idade e de sexo não têm mais importância social para a classe operária. Não há senão instrumentos de trabalho, cujo preço varia segundo a idade e o sexo.»

Malaquias 2:10 ***«Não temos nós todos um mesmo Pai? Não nos criou um mesmo Deus? Por que agimos aleivosamente cada um contra seu irmão, profanando a aliança de nossos pais?»***

Gálatas 3:28 ***«Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.»***

I Coríntios 6:19-20 ***«Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos?***
Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus.»

E mais esse verso comunista:

«Demais, como já vimos, frações inteiras da classe dominante, em conseqüéncia do desenvolvimento da indústria são precipitadas no proletariado, ou ameaçadas, pelo menos, em suas condições de existéncia. Também elas trazem ao proletariado numerosos elementos de educação.»

Romanos 12:2 ***«E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.»***

«O objetivo imediato dos comunistas é o mesmo que o de todos os demais partidos proletários: constituição dos proletários em classe, derrubada da supremacia burguesa, conquista do poder político pelo proletariado.»

Mais asneira judaica. Judeus estão no controle das forças de produção e diminuíram o padrão de vida por causa de sua sede insaciável em explorar subalternos. Essas mesmas forças agora afirmam que a classe dominante tem controle supremo sobre o proletariado. De acordo com Marx, esse «problema» deve ser supostamente resolvido pelo mesmo problema, mas com um nome diferente. O comunismo não é simplesmente uma forma de escavar a infecção judaica para dentro do coração da sociedade gentia. Em outras palavras, ele destrói a hierarquia social de forma que os líderes comunistas possam comandar a suposta classe trabalhadora oprimida. Mais assassinato sistemático dos melhores exemplares da cultura gentia, mais promessas que levam a mesma porcaria, porém num nível muito pior.

«É a abolição de semelhante estado de coisas que a burguesia verbera como a abolição da individualidade e da liberdade! E com razão. Porque se trata efetivamente de abolir a individualidade burguesa, a independéncia burguesa, a liberdade burguesa. Por liberdade, nas condições atuais da produção burguesa, compreende-se a liberdade de comércio, a liberdade de comprar e vender.»

Gálatas 3:28 ***«Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.»***

«Os operários não têm pátria. Não se lhes pode tirar aquilo que não possuem. Como, porém, o proletariado tem por objetivo conquistar o poder político e erigir-se em classe dirigente da nação, tomar-se ele mesmo a nação, ele é, nessa medida, nacional, embora de nenhum modo no sentido burguês da palavra.

As demarcações e os antagonismos nacionais entre os povos desaparecem cada vez mais com o desenvolvimento da burguesia, com a liberdade do comércio e o mercado mundial, com a uniformidade da produção industrial e as condições de existéncia que lhes correspondem. A supremacia do proletariado fará com que tais demarcações e antagonismos desapareçam ainda mais depressa. A acção comum do proletariado, pelo menos nos países civilizados, é uma das primeiras condições para sua emancipação. Suprimi a exploração do homem pelo homem e tereis suprimido a exploração de uma nação por outra. Quando os antagonismos de classes, no interior das nações, tiverem desaparecido, desaparecerá a hostilidade entre as próprias nações.»

Amós 4:1-4 ***«Ouvi esta palavra vós, vacas de Basã, que estais no monte de Samaria, que oprimis aos pobres, que esmagais os necessitados, que dizeis a vossos senhores: Dai cá, e bebamos.***
Jurou o Senhor DEUS, pela sua santidade, que dias estão para vir sobre vós, em que vos levarão com ganchos e a vossos descendentes com anzóis de pesca.
E saireis pelas brechas, uma após outra, e sereis lançadas para Harmom, disse o Senhor.»

«Suprimi a exploração do homem pelo homem e tereis suprimido a exploração de uma nação por outra. Quando os antagonismos de classes, no interior das nações, tiverem desaparecido, desaparecerá a hostilidade entre as próprias nações.»

Atos dos Apóstolos 17:26 ***«E de um só sangue fez toda a geração dos homens, para habitar sobre toda a face da terra, determinando os tempos já dantes ordenados, e os limites da sua habitação;»***

I Coríntios 15:28 ***«E, quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então também o mesmo Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos.»***

Mateus 21:42 ***«Diz-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras:A pedra, que os edificadores rejeitaram,essa foi posta por cabeça do ângulo;pelo Senhor foi feito isto,E é maravilhoso aos nossos olhos?»***

«Quanto às acusações feitas aos comunistas em nome da religião, da filosofia e da ideologia em geral, não merecem um exame aprofundado. Será preciso grande perspicácia para compreender que as idéias, as noções e as concepções, numa palavra, que a consciéncia do homem se modifica com toda mudança sobrevinda em suas condições de vida, em suas relações sociais, em sua existéncia social?»

2 Coríntios 5:7 ***«Porque andamos por fé, e não por vista.»***

«Além disso, há verdades eternas, como a liberdade, a justiça, etc., que são comuns a todos os regimes sociais. Mas o comunismo quer abolir estas verdades eternas, quer abolir a religião e a moral, em lugar de lhes dar uma nova forma, e isso contradiz todo o desenvolvimento histórico anterior»

Efésios 4:17 ***«E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade da sua mente.»***

Marcos 16:16 ***«Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado.»***

«A história de toda a sociedade até nossos dias consiste no desenvolvimento dos antagonismos de classes, antagonismos que se têm revestido de formas diferentes nas diferentes épocas. Mas qualquer que tenha sido a forma desses antagonismos, a exploração de uma parte da sociedade por outra é um fato comum a todos os séculos anteriores. Portanto, nada há de espantoso que a consciéncia social de todos os séculos, apesar de toda sua variedade e diversidade, se tenha movido sempre sob certas formas comuns, formas de consciéncia que só se dissolverão completamente com o desaparecimento total dos antagonismos de classes. A revolução comunista é a ruptura mais radical com as relações tradicionais de propriedade; nada de estranho, portanto, que no curso de seu desenvolvimento, rompa, de modo mais radical, com as idéias tradicionais.»

Levítico 25:23 ***«Também a terra não se venderá em perpetuidade, porque a terra é minha; pois vós sois estrangeiros e peregrinos comigo.»***

O verso acima é despotismo na sua mais pura forma.

«Essas medidas, é claro, serão diferentes nos vários países.

Todavia, nos países mais adiantados, as seguintes medidas poderão geralmente ser postas em prática:
1 - Expropriação da propriedade latifundiária e emprego da renda da terra em proveito do Estado.
2 - Imposto fortemente progressivo.
3 - Abolição do direito de herança.
4 - Confiscação da propriedade de todos os emigrados e sediciosos.
5 - Centralização do crédito nas mãos do Estado por meio de um banco nacional com capital do Estado e com o monopólio exclusivo.
6 - Centralização, nas mãos do Estado, de todos os meios de transporte.
7 - Multiplicação das fábricas e dos instrumentos de produção pertencentes ao Estado, arroteamento das terras incultas e melhoramento das- terras cultivadas, segundo um plano geral.
8 - Trabalho obrigatório para todos, organização de exércitos industriais, particularmente para a agricultura.
9 - Combinação do trabalho agrícola e industrial, medidas tendentes a fazer desaparecer gradualmente a distinção entre a cidade e o campo.
10 - Educação pública e gratuita de todas as crianças, abolição do trabalho das crianças nas fábricas, tal como é praticado hoje. Combinação da educação com a produção material etc.»

1 - Expropriação da propriedade latifundiária e emprego da renda da terra em proveito do Estado:
Deuteronómio 6:9-12 ***«E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas.***
Quando, pois, o Senhor teu Deus te introduzir na terra que jurou a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó, que te daria, com grandes e boas cidades, que tu não edificaste,
E casas cheias de todo o bem, que tu não encheste, e poços cavados, que tu não cavaste, vinhas e olivais, que tu não plantaste, e comeres, e te fartares...»
Deuteronómio 28:8 ***«O Senhor mandará que a bénção esteja contigo nos teus celeiros, e em tudo o que puseres a tua mão; e te abençoará na terra que te der o Senhor teu Deus.»***

2 - Imposto fortemente progressivo:
Romanos 13:1-2 ***«Toda a alma esteja sujeita às potestades superiores; porque não há potestade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus.***
Por isso quem resiste à potestade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos a condenação.»
Romanos 13:7-8 ***«Portanto, dai a cada um o que deveis: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem temor, temor; a quem honra, honra.***
A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros; porque quem ama aos outros cumpriu a lei.»

3 - Abolição do direito de herança:
Hebreus 1:2 ***«A quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo.»***
Salmos 2:7-8 ***«Proclamarei o decreto: o Senhor me disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei.***
Pede-me, e eu te darei os gentios por herança, e os fins da terra por tua possessão.»
Provérbios 13:22 ***«O homem de bem deixa uma herança aos filhos de seus filhos, mas a riqueza do pecador é depositada para o justo.»***

4 - Confiscação da propriedade de todos os emigrados e sediciosos:
Deuteronómio 1:8 ***«Eis que tenho posto esta terra diante de vós; entrai e possuí a terra que o Senhor jurou a vossos pais, Abraão, Isaque e Jacó, que a daria a eles e à sua descendência depois deles.»***

5 - Centralização do crédito nas mãos do Estado por meio de um banco nacional com capital do Estado e com o monopólio exclusivo.
6 - Centralização, nas mãos do Estado, de todos os meios de transporte.
7 - Multiplicação das fábricas e dos instrumentos de produção pertencentes ao Estado, arroteamento das terras incultas e melhoramento das- terras cultivadas, segundo um plano geral.
8 - Trabalho obrigatório para todos, organização de exércitos industriais, particularmente para a agricultura.
9 - Combinação do trabalho agrícola e industrial, medidas tendentes a fazer desaparecer gradualmente a distinção entre a cidade e o campo.

*Note que 7 é um número de perfeição, 8 simboliza o infinito e 9 simboliza finalizações.

1 Reis 4:21-31 ***«E dominava Salomão sobre todos os reinos desde o rio até à terra dos filisteus, e até ao termo do Egipto; os quais traziam presentes, e serviram a Salomão todos os dias da sua vida.***
Era, pois, o provimento de Salomão cada dia, trinta coros de flor de farinha, e sessenta coros de farinha;

Dez bois cevados, e vinte bois de pasto, e cem carneiros; afora os veados e as cabras montesas, e os corços, e aves cevadas.
Porque dominava sobre tudo quanto havia do lado de cá do rio, Tifsa até Gaza, sobre todos os reis do lado de cá do rio; e tinha paz de todos os lados em redor dele.
E Judá e Israel habitavam seguros, cada um debaixo da sua videira, e debaixo da sua figueira, desde Dã até Berseba, todos os dias de Salomão.
Tinha também Salomão quarenta mil estrebarias de cavalos para os seus carros, e doze mil cavaleiros.

Proviam, pois, estes provedores, cada um no seu mês, ao rei Salomão e a todos quantos se chegaram à mesa do rei Salomão; coisa nenhuma deixavam faltar.
E traziam a cevada e a palha para os cavalos e para os ginetes, para o lugar onde estava, cada um segundo o seu cargo.
E deu Deus a Salomão sabedoria, e muitíssimo entendimento, e largueza de coração, como a areia que está na praia do mar.
E era a sabedoria de Salomão maior do que a sabedoria de todos os do oriente e do que toda a sabedoria dos egípcios.
E era ele ainda mais sábio do que todos os homens, e do que Etã, ezraíta, e Hemã, e Calcol, e Darda, filhos de Maol; e correu o seu nome por todas as nações em redor.»

10 - Educação pública e gratuita de todas as crianças, abolição do trabalho das crianças nas fábricas, tal como é praticado hoje. Combinação da educação com a produção material:
Deuteronómio 11:19 ***«E ensinai-as a vossos filhos, falando delas assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te.»***
Provérbios 16:3 ***«Confia ao Senhor as tuas obras, e teus pensamentos serão estabelecidos.»***
Mateus 19:14 ***«Jesus, porém, disse: Deixai os meninos, e não os estorveis de vir a mim; porque dos tais é o reino dos céus.»***

«Os comunistas não se rebaixam a dissimularem suas opiniões e seus fins. Proclamam abertamente que seus objetivos só podem ser alcançados pela derrubada violenta de toda a ordem social existente. Que as classes dominantes tremam à ideia de uma revolução comunista! Os proletários nada têm a perder nela a não ser suas cadeias. Têm um mundo a ganhar.»

Provérbios 25:2 ***«A glória de Deus está nas coisas encobertas; mas a honra dos reis, está em descobri-las.»***

Jeremias 4:10 ***«Então disse eu: Ah, Senhor DEUS! Verdadeiramente enganaste grandemente a este povo e a Jerusalém, dizendo: Tereis paz; pois a espada penetra-lhe até à alma.»***

*Veja também Reis capítulo 4.

Obras citadas:

Karl Marx, Friedrich Engels, O Manifesto Comunista. Edição Ridendo Castigat Moraes.

A Bíblia Sagrada, versão Almeida Corrigida e Revisada Fiel.

As raízes judaico-cristãs do comunismo

«A teologia cristã é a avó do bolchevismo.»
– Oswald Spengler

«O cristianismo e o comunismo são muito perto espiritualmente e ideologicamente. Este é um conceito bastante conhecido que tem sido adoptado por vários pensadores, de Thomas More para Lev Tolstoy. Poucas pessoas sabem que o primeiro Estado socialista do mundo foi estabelecido no Paraguai e foi baseado nas ideias dos jesuítas católicos antes de Marx ter criado seus ensinamentos.»

«A Companhia de Jesus – a Ordem Religiosa Jesuíta – na Igreja Católica, era mais ou menos equivalente à KGB na União Soviética.»

As citações acima foram tiradas do «Pravda» (o principal jornal do Partido Comunista e principal jornal da antiga União Soviética), do artigo: Existe alguma diferença entre o cristianismo e o comunismo? 30/04/2013

«Jornais americanos afirmam que Stalin tenha sido predestinado a salvar o cristianismo.»
– Josef Goebbels 1

O comunismo não é anticristão, como comummente se acredita:

Além disso, a Igreja Católica na China tem mais de 70 milhões de membros e está a crescer. Há também a Catedral Católica Changchung na Coreia do Norte comunista, a catedral nominal do bispo católico de Pyongyang, a Coreia do Norte. A Igreja Ortodoxa Russa trabalharam lado a lado com o Partido Comunista na URSS. A violéncia contra o clero durante a revolução, era simplesmente para eliminar os elementos czaristas de suas fileiras, e nada mais. Stalin abertamente trabalhou com a Igreja Ortodoxa para ajudar o esforço de guerra Comunista para o Exército Vermelho durante a Segunda Guerra Mundial. Hoje, na Rússia, Clero de alto escalão da Igreja Ortodoxa Russa defende abertamente um movimento comunista cristã dentro de sua nação. A Igreja Católica também tem› tinha uma mão forte no comunista, Liberation» Teologia» na América do Sul. Ele s não se enganem clero católico poderia atravessar a Cortina de Ferro durante a Guerra Fria com facilidade.

80 milhões de Bíblias impressas na China – e contando link para o artigo da «Christianity Today».
www.christiantoday.com/article/80.million.bibles.printed.in.china.and.counti ng/27047.htm

«Ernst Bloch (1885-1977) foi um filósofo marxista alemão e teólogo ateu. Apesar dele mesmo não ser um cristão, disse que achou a «ponte» entre o comunismo cristão e o ramo leninista do marxismo. Uma das principais obras de Bloch, o Princípio da Esperança, contém declarações como: «Ubi Lenin, ibi Jerusalem (Quando Lenin está, há Jerusalém) e a realização do comunismo bolchevique é (parte de) a antiga luta por Deus.» 2

Na verdade, o cristianismo prepara a população para se abrir e aceitar o comunismo. Não há nada dentro das doutrinas cristãs ou os ensinamentos do nazareno, que entra em conflito com o comunismo de forma alguma. Cristianismo é comunismo.

Ambos os programas trabalham para escravizar, usando o terror, a brutalidade, assassinato em massa, e coerção. A Igreja Católica foi a KGB da Idade Média, governando através do terror, o uso da força e de assassinato em massa. A Inquisição é um exemplo flagrante.

Ambos os programas proíbem a posse da propriedade privada. O cristianismo prepara seus seguidores a um nível subliminar para o comunismo. Os cristãos são doutrinados a acreditar que a pobreza é uma virtude. Uma vez que este conceito se apodera a mente subconsciente, muitas vezes, uma grave falta de dinheiro é resultado, e isso às vezes até dura em vidas futuras, falando de uma perspectiva espiritual. O que isto significa é que também cria um programa de autoperpetuação, e por sua vez cria gerações de pobres. As igrejas cristãs, em seguida, aparecem como benfeitores e ajudantes dos pobres, quando o tempo todo, foram os ensinamentos cristãos que criaram e impuseram o problema. O judeu cria os problemas e, em seguida, dá a versão judaica de uma solução maldita para os gentios. Para mais informações, aqui está um link para um artigo sobre controlo cristão da mente: www.angelfire.com/empire/serpentis666/mindcontrol.html

Não há nada espiritual sobre o cristianismo. O cristianismo é uma ferramenta para a remoção de conhecimento e poder espiritual, e substituí-los com ‹orações› robóticas sem sentido, repetidas de uma forma corrompidas dos mantras do Extremo Oriente, e de doutrinação interminável com falsos ensinamentos destinados a dar uma posição e história fictícias ao povo judeu nas mentes dos cristãos, o que ao todo não é nada espiritual. Há poucos, se houverem, pregadores cristãos que possam fazer um diagrama da alma humana, por exemplo. A remoção e corrupção do conhecimento espiritual prepara a população para aceitar o estado comunista ateu.

Tanto o cristianismo quanto o comunismo apresentam-se como programas de fraternidade, promovendo a igualdade, prosperidade, boa vontade e uma melhor forma de vida, mas a fazer um exame mais detalhado de suas doutrinas e histórias reais, estes são nada mais do que uma fachada: terror, assassinatos em massa, tortura, doutrinação forçada, e manter a população ignorante é o peão de ambos os programas. Qualquer idiota que lê a Bíblia judaico-cristã pode ver claramente os relatos intermináveis de assassinato em massa, pilhagem, estupro, escravidão, tortura e ameaças de danação eterna se as doutrinas não forem levadas a sério ou cumpridas e, acima de tudo, como Judeová foi um monstro assassino e predador de gentios, não diferente do programa comunista. Para a prova disso, ver «Jeová e sacrifício sangue humano – um assassino e um mentiroso desde o princípio». see_the_truth.webs.com/Energy.html

«Mas esses meus inimigos, que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui, e matai-os diante de mim.»
Lucas 19: 27
(Citação direta de Jesus a defender assassinato)

«Rebelião» é um tabu definitivo, e é «do Diabo.»

O cristianismo também prepara seus seguidores para o comunismo, de forma que seja doutrinado para suportar injustiças. Quase todo mundo já ouviu as escrituras bíblicas sobre «dar a outra face», «percorrer uma milha a mais», «amar os inimigos», e assim por diante.

Esses ensinamentos trabalham em conjunto com o comunismo em destruir o sistema de justiça e direitos pessoais. Crime é permitido até ficar tão fora de controlo (como já é), que a população não está apenas desanimada para revidar, mas se alguém defender a si mesmo, é muitas vezes castigado por isso. O que estes programas judeus fazem é armara uma armadilha. A maioria das pessoas eventualmente estarão mais do que dispostos a abrir mão de seus direitos em favor de leis ultrarrigorosas, a fim de controlar o crime. Ambos os programas proíbem de tomar qualquer acção pessoal na maneira de aplicar a justiça, e colocam essa responsabilidade nas mãos do estado comunismo e nas mãos do assim chamado «Deus» para o cristianismo. Qualquer rebeldia ou réplica é uma ofensa grave. A aceitação de abusos e injustiças e muito necessário para o estabelecimento de um estado escravocrata. Um escravo não deve nunca tentar revidar ou se rebelar de forma alguma. O ódio é outro tabu em ambos os programas.

Mais paralelos com o comunismo:

- Teu corpo não é teu próprio, ele é de propriedade da «deus» (com o comunismo, o corpo é propriedade do Estado).
- Não tenha impulsos sexuais, se o fizer, o dono do teu corpo fará o que lhe agradar com ele e o «lançará no inferno» (regra de terror): Mateus 5:27-30
- O senhor tem o controlo sobre todos os teus relacionamentos pessoais: Mateus 19:9
- Sem liberdade de expressão: Mateus 5: 33-37; 12: 36
- Deixe que o joguem na prisão: Mateus 5:25
- Não se defenda ou revide, seja o escravo perfeito: Mateus 5:39-44; Lucas 6:27-30; 6:35
- Os mansos são os melhores escravos, «manso» significa «submisso»: Mateus 5:5
- Viva pela tua morte, não importa a vida que tens agora. Este é um clássico em como executar um estado escravo. Não vale a pena lutar pela vida: Mateus 5:12
- Destrua a unidade da família para criar o caos: Mateus 10:34-36 Lucas 12:51-53
- Deixe o caos reinar: Mateus 18:21-22
- Não possua qualquer propriedade: Mateus 19:21-24, Marcos 12:41-44, Lucas 6:20; 6:24, 6:29-30
- Abandone sua família: «Pai, mãe, irmãs e irmãos» – isso é o que um estado totalitário pede e recompensa crianças para que entreguem os seus pais a serem executados: Mateus 19:29
- Mais escravidão e servidão: Êxodo 21:07; Êxodo: 21: 20-21; Levítico:
- 25:44-46, Lucas 6: 40 - o estado é perfeito. Lucas 12: 47, Efésios: 6:05; Colossenses 3:22, 1 Timóteo: 6: 1; Tito 2: 9-10, 1 Pedro 2:18
- O nazareno, bem como os ensinamentos do Antigo Testamento, exigem obediéncia total e completa e reforçam este conceito através do medo e terror. Pregadores iludem suas congregações a acreditar que «Jesus te ama». Eles gritam e clamam «fora de contexto», mas eles são os únicos que perdem a mensagem inteira e estão «fora de contexto».
- O nazareno, bem como os ensinamentos do Antigo Testamento, exigem obediéncia total e completa e reforçam este conceito através do medo e terror. Pregadores iludem suas congregações a acreditar que «Jesus te ama». Eles gritam e clamam «fora de contexto», mas eles são os únicos que perdem a mensagem inteira e estão «fora de contexto». Este não é um conceito novo que, na verdade, as igrejas cristãs não mudaram muito nos últimos 1500 anos.

Um olhar sobre o nascimento do comunismo:
O comunismo foi criado a partir da organização «A Liga dos Justos». O lema da Liga dos Justos («Bund der Gerechten» ou «Bund der Gerechtigkeit») foi «Todos os homens são irmãos», e seus objectivos eram «o estabelecimento do Reino de Deus na Terra, com base nos ideais de amor ao próximo, igualdade e justiça.»

«Em um congresso realizado em Londres em junho de 1847, o Liga dos Justos fundiu-se com membros do Comitê Correspondente comunista liderado por Karl Marx e Friedrich Engels, a adoção de uma nova carta e um programa de organização e reconstituindo-se como a Liga Comunista.» 3
Esta é a base da doutrina cristã.

Podemos traçar as raízes do comunismo de volta a ideologia liberal radical na Europa. Que por si só é o cristianismo disfarçado. Nietzsche declarou sobre a Revolução Francesa e sua ideologia liberal como «filha e continuação do cristianismo».

Essa doutrina universalista, igualitária radical é o cerne do cristianismo e do liberalismo a serem um passo adentro ao comunismo. Onde liberalismo então se transformou em comunismo abertamente:

«Durante a década de 1840 a palavra «comunista» entrou em uso geral para descrever aqueles que saudaram a ala esquerda do clube dos jacobinos da Revolução Francesa como seus antepassados ideológicos. Esta tendéncia política se considerava herdeira igualitária da Conspiração dos Iguais liderado por Graco Babeuf de 1795. Os sans-culottes de Paris que tinham sido décadas antes a base de apoio de Babeuf – artesãos, jornaleiros, e os desempregados urbanos era vistos como uma base potencial para «um novo sistema social baseado na produção de máquinas modernas do dia».

O pensador francês Étienne Cabet inspirou a imaginação com um romance sobre uma sociedade utópica baseada em máquina comum de produção – «Voyage en Icarie» (1839). O revolucionário Louis Auguste Blanqui argumentou em favor de uma elite a organizar uma esmagadora maioria da população contra os «ricos», tomando o governo em um golpe de Estado, e instituindo uma nova ordem económica igualitária. 4

Uma análise das tendéncias emergentes do cristianismo para o liberalismo e para o comunismo:

O liberalismo é o cristianismo sem Cristo
«Which Way Western Man?» de William Gayley Simpson

Citação de Revilo Oliver:
«Os outros apóstatas que mencionei, e muitos que agora estão esquecidos, juntamente com quase todos os anticristãos dos últimos séculos, exemplificam o funcionamento do que pode ser chamado de direito de resíduos culturais. Em todas as sociedades civilizadas, quando uma crença de longa data geralmente aceita é achada ser inacreditável, boas mentes a abandonam, mas elas geralmente mantém crenças derivativas que foram originalmente deduzidas do credo que eles rejeitaram, e logicamente dependem disso. Assim aconteceu que os inimigos modernos do cristianismo rejeitaram a mitologia, mas mantiveram a fé acrítica nas superstições sociais e éticas derivadas dele – uma fé que eles estranhamente chamam de racional, mas mantém com um fervor religioso.»

«Eles riem na história boba sobre Adão e sua costela retirada, mas eles continuam a acreditar em uma ‹raça humana›, descendente de um único par de antepassados e, portanto, em uma «irmandade dos homens». Eles falam de «toda a humanidade» dando ao termo um significado untuoso e místico com o qual eles não investem termos correspondentes, como ‹todos os marsupiais› ou ‹todos os ungulados›.

Eles tagarelam sobre os ‹direitos do homem›, apesar de que um momento de reflexão deve ser suficiente para mostrar que, na ausência dos decretos de um monarca sobrenatural, não pode haver outros do que aqueles que os cidadãos de uma sociedade estável e homogénea têm, por convénio ou costume estabelecido, direitos concedidos a si próprios, e que, enquanto os cidadãos podem mostrar bondade para com os alienígenas, escravos e cães, tais seres, obviamente, não podem ter direitos.»

«Eles não acreditam que um terço de um Deus se encarnou na região mais miserável da Terra para associar-se com camponeses analfabetos, arengar a ralé de uma raça bárbara, e magicamente exalta o ignorante e o inculto ‹fazer loucura da sabedoria deste mundo›, de modo que ‹os últimos serão os primeiros› – que eles não acreditam, mas eles se agarram ao ódio mórbido de superioridade que faz com que cristãos dotem os que são humildes, inferiores, irracionais, perversos, deformados e degenerados.»

«Eles tagarelam sobre a «santidade da vida humana» – especialmente os mais vis formas dela – sem refletir que é preciso um deus criador para fazer algo sagrado. E eles agitam freneticamente por uma «igualdade» universal que só pode ser alcançada através da redução de todos os seres humanos ao nível do menor, evidentemente, não sabem que estão apenas ecoando anseio frequentemente expressos dos cristãos para se tornarem ovelhas (o mais estúpido de todos os mamíferos) conduzidos por um bom pastor, que está implícito em todos os contos do Novo Testamento, embora a maioria sem rodeios expresse em outro evangelho, que relata Jesus a prometer que depois que ele fizer das populações mais civilizados da Terra torturadas e massacradas, haverá uma Ressurreição, e os seus animais de estimação ovinos irão saltar das sepulturas, todos da mesma idade, todos do mesmo sexo, todos da mesma altura, e todos a possuir características indistinguíveis, de modo que eles serão tão idénticas quanto as abelhas num enxame.»

«Embora os ‹cultos liberais› e marxistas tenham diferenças doutrinárias tão grandes como aquelas que separam luteranos de baptistas, eles são basicamente a mesma superstição, e se devemos ou não chamá-los de religiões depende de nós restringimos a palavra a crença em seres sobrenaturais ou estendê-la para incluir todas as formas de fé cega baseados em excitação emocional em vez de factos observados e razão.

Quando esses cultos ‹ateus› gritam seu ódio aos ‹fascistas› e ‹nazis›, eles obviamente tem que acreditar que as pessoas más estão possuídas pelo Diabo e devem, portanto, ser convertidas ou exterminadas para promover a santidade e amor. E quando eles veem os ‹racistas›, que impiedosamente substituem facto e razão pela impensada fé em contos de fadas aprovados, o seu desejo de extirpar o mal é tão grande quanto a da multidão cristã que arrastou a Hypatia justa e muito inteligente de sua carruagem e amorosamente usando conchas de ostras para raspar a carne de seus ossos enquanto ela ainda estava viva.»

«Com poucas exceções, os anticristãos, sem dúvida inconscientemente, mantiveram em suas mentes uma grande parte da doutrina cristã, e eles ainda revivem os elementos mais venenosos do bolchevismo primitivo da Antiguidade, que tinha sido atenuado ou suspenso pelas igrejas estabelecidas nos grandes dias da cristandade. E hoje, os ateus professos não acham estranho que, em todas as questões sociais, eles estejam em acordo substancial com os dervixes uivantes e xamãs evangélicos que, subsidiados com publicidade pródiga pelo Judaísmo organizado que controla os boob-tubes e outros meios de comunicação, participam avidamente na unidade actual para reduzir os americanos à imbecilidade total, com todo o tipo de farsa irracional.»

«A teologia cristã é a avó do bolchevismo.»
– Oswald Spengler

Podemos testemunhar esta afirmação com a bandeira aberta do comunismo cristão:
«Comunistas cristãos procuram alcançar uma mudança social em larga escala. Alguns acreditam que, ao invés de tentar transformar a política e a economia de um país inteiro, os cristãos devem então determinar o comunismo a nível local ou regional apenas.»

A filial latino-americana de Teologia Cristão-Comunista da Libertação, de acordo com teólogos como Leonardo Boff, está enraizada no conceito de que «a prudéncia é a compreensão de situações de crise radical». Entre os comunistas cristãos, o materialismo histórico é utilizado como uma metodologia de análise para definir a natureza da crise em questão como um produto da dinâmica político-económica e modalidades derivadas do funcionamento do que é chamado de «modo capitalista/imperialista final da produção». De acordo com este subconjunto da Teologia da Libertação, o desafio para o comunista cristão é, em seguida, definir o que isso significa (no contexto de «uma análise concreta da realidade social concreta»), para afirmar a «opção preferencial pelos pobres e oprimidos», como Praxis (teoria activa) e, conforme ordenado por uma ética supostamente «enraizada nos ensinamentos beatos de Jesus».

Teologia Cristão-Comunista da Libertação não é sobre a evangelização em si, mas sim sobre o desenvolvimento de um Ortopraxis (acção ética; a condição de vir à luz; fazer as obras de Deus), que visa conciliar as «éticas beatas» de Jesus, como exposto no Sermão da Montanha, com as lutas sociais existentes contra o que é chamado de «neocolonialismo» ou «capitalismo tardio». Tanto o comunismo cristão quanto a teologia de libertação martelam na «ortopraxis» e «ortodoxia».

A narrativa da natureza das lutas sociais contemporâneas é desenvolvida através da «análise materialista» utilizando conceitos historiográficos desenvolvidos por Karl Marx. Um exemplo concreto é o movimento paraguaio Sin Tierra (sem terra), que envolve-se em ocupações de terras diretamente e o estabelecimento de produção socializada cooperativa agrícola em asentamientos.

O contemporâneo paraguaio Sin Tierra opera de uma forma muito semelhante ao da era Diggers Reformista. Para Camilo Torres (o fundador do grupo guerrilheiro colombiano ELN), o desenvolvimento desta ortopraxis significa celebrar a Eucaristia católica só entre as pessoas envolvidas na luta armada contra o exército do Estado colombiano, enquanto lutando ao lado deles.

Comunistas cristãos mantem os versículos bíblicos em actos 2 e 4 como prova de que os primeiros cristãos viviam em uma sociedade comunista. A pregação de Thomas Wharton Collens é uma boa descrição de fontes bíblicas a serem usadas com o objectivo de uma sociedade de propriedade comum; Prof Jos P. Miranda, «Comunismo en la Biblia» (1981), traduzido como «Communism in the Bible» (Maryknoll, NY: Orbis Books, 1982).

Mas, além disso, eles também citam numerosas outras passagens bíblicas que, em sua opinião, apoiam a ideia de que o comunismo é o sistema social mais ético e que é inescapavelmente constitutivo do reino de Deus na Terra. O mais citado desses trechos bíblicos são tomados dos três Evangelhos sinópticos, que descrevem a vida e ministério de Jesus.

Uma das observações mais famosas de Jesus quanto aos ricos podem ser encontrados em Mateus – 19:16-24 (o mesmo evento também é descrito em Marcos 10:17 e Lucas 18:18-25, e a metáfora de um camelo passar pelo buraco de uma agulha é comum a ambos Mateus e Lucas).

21 Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu, e vem e segue-me.
22 Mas o jovem, ouvindo esta palavra, retirou-se triste, porque possuía muitos bens.
23 Então disse Jesus aos seus discípulos: Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus.
24 E outra vez vos digo que é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus.

Jesus também descreveu «cambistas» (isto é, aqueles envolvidos em troca de moeda) como «ladrões» e os expulsou do Templo em Jerusalém. Isto é descrito em Mateus 21:12-14, Marcos 11:15 e João 2:14-16.

Além disso, actitudes comunistas e implicações pode ser encontradas em Levítico 25:35-38. Mais significativamente, isso faz parte da Lei de Moisés, e como tal é o mandamento em vez de exortação ou veiculação de opinião. Este facto tem pesadamente sobre subsequente discussão da questão do abandono voluntário ou compulsivo de riquezas, seja como uma eventual exigéncia de ganho da graça cristã ou como um meio de alcançar as intenções divinas para a ordem social humana. 5

Referéncias:
1 Página 108, The Goebbel’s Diaries, editado e traduzido por Louis P. Lochner © 1971 pela Universal-Award House, Inc., 1948 por Doubleday & Company, Garden City NY.
2 en.wikipedia.org/wiki/Christian_communism
3 en.wikipedia.org/wiki/League_of_the_Just
4 en.wikipedia.org/wiki/Communist_League
5 en.wikipedia.org/wiki/Christian_communism
«Which Way Westeern Man?», por William Gayley Simpson

Cristianismo e Comunismo: Gémeos Judeus

Fonte: Nature's Eternal Religion, por Ben Klassen.

Para ouvir os Konservadores Kosher dizê-lo, uma feroz batalha intensiva está a ser travada hoje entre as forças do mal do comunismo e as forças sagradas do cristianismo. Somos levados a acreditar que é isso tudo seja uma batalha entre o bem e o mal. Somos informados que essas duas forças são a própria esséncia de dois pólos de oposição em conflito completo e bilateral. Uma batalha falsa. O facto é que ambos são produtos degenerados da mente coletiva judaica, destinados a fazer a mesma coisa para destruir a Raça Branca. Se dermos uma olhada mais de perto nessas duas forças do mal que têm incomodado e actormentado as mentes da Raça Branca por todos esses anos, nós percebemos que eles não estejam em lados opostos afinal de contas. Nós percebemos que eles estão bem do lado da comunidade judaica internacional, a fazer o trabalho que eles foram projetados para fazer, a saber: confundir e ludibriar a inteligéncia do homem branco para que ele mesmo ajude os judeus na destruição da Raça Branca.

Na comparação dos dois descobrimos que eles são muito semelhantes, e não opostos. Na verdade, há tantas semelhanças entre os dois programas e na filosofia destes dois credos que a mão do mesmo autor pode ser facilmente detectada. Esse o autor é a rede judaica internacional. Eles e só eles escreveram tanto o credo do cristianismo tanto quanto o credo do comunismo.

Tanto o comunismo quanto o cristianismo pregam contra o materialismo. O comunismo designa as forças produtivas e criativas de nossa sociedade, à qual devemos em grande parte como os benefícios de uma civilização branca produtiva, como «burguêsa». Em seguida, ele ataca com uma fúria sem igual à burguesia e diz-nos uma e outra vez que eles devem ser destruídos. Em vez de dar crédito onde o crédito é devido, dá calunia e vilipendia aos elementos construtivos e produtivos, ou seja, os burgueses ou capitalistas, como o mal supremo. O cristianismo nos diz basicamente a mesma coisa. Ele nos diz que será mais difícil para um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico ir para os Céus. Ele nos diz que devemos «vender tudo o que temos e dálo-o aos pobres», uma peça insidiosa de conselhos que, se seguidos, faz de todos nós um bando de vagabundos errantes e mendigos. Isso certamente causaria o colapso da nossa sociedade. O cristianismo nos diz ainda «não ajunteis tesouros na terra, mas ajuntai tesouros nos céus». Ao todo, a implicação é clara. Não acumular para si mesmo algumas das coisas boas da vida. Se, através do trabalho duro, já conseguiste acumular alguma riqueza, livra-te dela, doe-a aos pobres, acima de tudo, doe-a à Igreja, eles a levrão com prazer. O resultado líquido destes fantasticamente maus conselhos é claro, é que será mais fácil passa-la para as mãos dos judeus, que não assinam a tal tolice. Eles esperam fazer-nos de bobos, sabendo muito bem o velho ditado: «um tolo e seu dinheiro logo se separaram», isso é muito verdadeiro.

O outro lado da moeda é que os líderes de ambos o cristianismo e o comunismo em si são fantasticamente materialistas. Quando olhamos para a Igreja Católica através dos tempos, vemos que enquanto ela estava extraindo até o último bocado da viúva pobre, a própria Igreja estava a recolher e acumular ouro, prata e pedras preciosas em quantidades inacreditáveis. Não só tomou e recolheu todo o ouro, prata e pedras preciosas que poderia, mas adquiriu grandes quantidades de bens imóveis, e a Igreja Católica hoje, é sem dúvida a instituição mais fantasticamente rica sobre a face da terra.

Mesmo durante a Idade das Trevas, quando a pobreza era generalizada, principalmente por causa de cristianismo em si, encontramos estas catedrais enormes e fabulosamente ricas, construídas no meio da privação extrema da população, com altares e absides de ouro ornamentado com abóbadas, colunas e paredes decoradas. Basílicas, catedrais, abadias, baptistérios, mosteiros, conventos e igrejas magníficas foram construídos. Praticamente todos esses eram tão abastados e grandes em comparação com o ambiente pobre daqueles tempos, que suntuosamente destacaram-se como o principal repositório de toda riqueza material – ouro, prata e suntuosidade arquitetónica - tanto de sua época e como de sua localização geográfica. A igreja nunca se preocupou em explicar por que foi tão necessário ter essa riqueza pródiga em exposição para o fiél adorador, que foi informado uma e outra vez que ele era mau por «acumular tesouros». Até os dias de hoje, as igrejas são construídas para serem berrantes, extravagantes e bizarras. O dinheiro parece não ser nenhum objeto.

O Vaticano, aquela cidadela de liderança «espiritual», que também prega «não acumuleis tesouros na terra», não pratica o que prega. Pelo contrário, o que ele pratica é realmente o cúmulo da hipocrisia, e a antítese da espiritualidade. Ele vai com tudo para ajuntar tesouros na Terra. Ele acumulou em si mesmo uma poupança de 5,6 mil milhões de dólares em acções por si só, para não mencionar todos os seus imóveis, tesouros de arte e outros objetos de valor. Goza de uma renda anual de 1,5 mil milhões de dólares, em grande parte, sem dúvida coletados até o «último bocado da viúva», bem como as suas vastas propriedades. As instituições religiosas dos Estados Unidos como um todo, estão avaliadas em 102 mil milhões de dólares. Em 1969, dos 17,6 mil milhões de dólares Estados Unidos de indivíduos que contribuíram para a caridade, 45 por cento, ou seja, 7,9 mil milhões de dólares foram destinados para fins religiosos. Muito materialista para uma religião que «evita» tesouros terrenos e prega «meu reino não é deste mundo». Da mesma forma, os chefes comunistas na Rússia, praticamente todos judeus, acumularam para si mesmos todas as riquezas do campo. Enquanto o trabalhador escravo comunista está labutando 12 horas por dia e em seguida volta para casa com um pequeno apartamento sujo e lotado compartilhado com outras famílias, seus chefes judeus têm opulentos palácios espalhados por todo o campo. Eles dirigem o melhor dos carros com motorista, é claro, e comem o melhor dos alimentos. Não só isso, eles têm o melhor de aviões à sua disposição para voar para onde bem entenderem para governar os seus trabalhadores escravos. Estes chefes comunistas judeus geralmente também têm à sua disposição roupas e alfaiates importados e uma galáxia de servos. Quando eles precisam de um descanso de gerir o seu império de escravos, eles têm vilas privadas no Mar Negro ou outros locais de férias de escolha à disposição deles. E assim vai ao Paraíso dos Trabalhadores Proletários.

Vamos passar para a próxima semelhança. Tanto o comunismo quanto o cristianismo fazem uso extensivo de armas de terror, tonto psicológicas quanto reais. Sem dúvida, o conceito mais macabro e cruel já inventado pela mente depravada e coletiva dos judeus é o conceito de inferno. Tu consegues pensar em algo mais terrível do que colocar milhões de pessoas em confinamento em uma câmara de tortura superaquecida e depois queimá-los para todo o sempre, mesmo sem a misericórdia de mitigação de permitir que eles morram? Com este pedaço de «boas novas», o cristianismo começou a conquistar as mentes de suas vítimas supersticiosas e irracionais. O facto de tal câmara de tortura ser inexistente não diminui em nada o facto de que fosse uma ameaça real para aqueles que foram levados a acreditar que era real. Para uma criança, por exemplo, se lhes disser que o Lobo Mau vai pegá-lo, e ele inocentemente em acreditar em ti, então a ameaça é tão real como se um Lobo Mau realmente existisse. E assim é com o inferno. Para aquelas pessoas que foram convencidas de que existe essa ameaça terrível, é tão real como se ela existisse.

No entanto, o cristianismo não se atém ao uso de terror psicológico por si só. Aqueles que se desviaram da linha oficial da igreja foram declarados como hereges e imediatamente queimados na fogueira. A ideia de usar o fogo de uma forma ou outra, como um meio de torturar seus adversários, parece ter obcecado as mentes desses cristãos «amorosos». De acordo com o famoso Espelho dos Mártires da van Bragh‌t, cerca de 33 mil cristãos foram condenados à morte por outros chamados cristãos por meio da queima na fogueira, um tipo de vingança cinzenta. Entre meus antepassados sozinhos (que eram da fé menonita) cerca de 2 mil mártires foram queimados na fogueira por esses cristãos sempre amorosos. Uma característica notável sobre esse negócio de queima é que sempre foram pessoas brancas que estavam a ser queimadas. Eu nunca ao menos ouvi falar de um judeu que tenha sido queimado na fogueira por não crer precisamente nas demandas especificadas do judaísmo, mesmo que ao todo eles não acreditassem em Cristo. Cremação na fogueira não foi o único meio de tortura e morte usado por esses cristãos doadores de amor, que estavam tão ansiosos em espalhar a sua mensagem amorosa.

Durante a Inquisição, e outras vezes, todos os requintes bestiais de tortura que a mente depravada humana pudesse conceber foi usado para extorquir confissões e chicotear os infiéis ou hereges a ficarem na linha. O parafuso no polegar, afogamento, espartilho de ferro, esquartejamento, arrancamento dos olhos com ferros em brasa, o rack (rasgo lentamente dos membros do corpo por meio de alongamento) foram apenas alguns dos meios utilizados por estes sempre amorosos cristãos a se espalhar seu evangelho de amor.

Quando os comunistas chegaram e usaram tortura física como um dos seus instrumentos de conquista, eles tinham muito pouco a inventar, pois os cristãos já haviam utilizado antes deles. E como podia ser esperado, uma vez que foi a vilipendia judaica que projectou os meios de tortura para ambos. A Igreja nem hesitou em usar guerra em atacado para demolir nações inteiras que não se submetessem ao seu ditado religioso. De facto, durante o século desesseis, desessete e dezoito, as principais causas da guerra foram dissensões religiosas em que um grupo religioso procurou forçar suas crenças sobre os seus opostos pela guerra e abate. O registro comunista de usar terror, tanto psicológico quanto físico, é tão recente, tão difundido e tão conhecido que quase não precisamos revê-lo aqui.

Só na Rússia, o regime comunista judeu usou terror em uma escala antes desconhecida nos anais da história. A fim de exterminar o melhor da Raça Branca na Rússia, ou seja, os russos brancos, os judeus massacrados cerca de 20 mil. O terror, as mortes, os assassinatos que estão a acontecer na Rússia de hoje desafiam a imaginação da mente do homem branco mediano. Em qualquer caso, tanto o comunismo quanto o cristianismo usaram, e estão a usar, terror extensivamente, tanto físico quanto psicológico para subjugar suas vítimas. Considerando que os cristãos se destacaram em terror psicológico, os comunistas se destacam em terror físico. Mas em ambos os casos, os judeus eram peritos no uso de qualquer tipo de terror melhor realizasse seus objectivos.

Tanto o comunismo quanto o cristianismo tem um livro que, presumivelmente, estabelece o credo de seu movimento. O cristianismo tem a Bíblia judaica, que foi escrito por judeus, principalmente sobre os judeus, com a finalidade de unir a raça judia e para a destruição da Raça Branca. A Bíblia comunista é Das Kapital e o Manifesto do Partido Comunista, ambos escritos por Karl Marx em conjunto com Friedrich Engels, os dois eram judeus. Ambas as crenças judaicas, o comunismo e o cristianismo, são altamente destrutivos, e quando seguidas, destroem o tecido da sociedade que foi vítima deles.

O cristianismo ensina a maldade do homem, que ele não é bom, pecador, indigno, que ele é nascido em pecado e que seu instinto é mau. O comunismo prega que o elemento produtivo, criativo da nossa sociedade, ou seja, o «burguês» como eles chamam, é podre e mal e deve ser destruído. Pode-se dizer com segurança que qualquer sociedade sólida e saudável que virou-se quer para cumprir o cristianismo e praticar todos os seus princípios, ou de qualquer sociedade que praticou o comunismo puro, logo destruiu a si mesma. Mais uma vez queremos vigorosamente salientar que ao contrário do que estes Konservadores Kosher estão sempre a dizer-nos, o comunismo não é por nenhum meio da imaginação o mesmo que socialismo ou coletivismo. Estes últimos são elementos construtivos básicos de qualquer sociedade saudável, mas o comunismo é um campo de trabalho escravo judaico indisfarçável. Desde que eu fui neste assunto em detalhe considerável em outro capítulo, não haverá mais espaço para rever essa ideia aqui. Tanto o comunismo quanto o cristianismo pregam a igualdade do homem. O cristianismo prega que somos todos iguais aos olhos do Senhor, ao passo que os comunistas pregam que todos nós devemos ser iguais na sociedade comunista. O último argumenta que a única razão pela qual não somos iguais é inteiramente devido ao meio ambiente, e a pequena peculiaridade da natureza que eles vão corrigir. No momento em que processarem a todos nós em um ambiente igual, eles nos garantem que vão ter estabilizado a todos nós até sermos todos iguais. Só será verdadeiro que a Raça Branca será nivelada para baixo, onde eles serão todos iguais a uma horda de escravos miseráveis, enquanto que cada judeu, por outro lado, será um rei.

Não só o comunismo e cristianismo pregam a igualdade dos indivíduos como também pregam a igualdade das raças, outra mentira viciosa jogada na face da natureza. Ambos os credos têm um dogma muito complicado que é bastante nebuloso e confuso, para não dizer contraditório em si mesmo. Ambos, portanto, criaram uma hierarquia que interpreta o que o dogma correcto do dia é e todo mundo está aos pés na linha ou sofre as consequéncias de uma estrutura de poder enraizada. Ambos o cristianismo e o comunismo tiveram suas cismas. No caso do cristianismo, os seguidores que diferiam foram chamados hereges e, no caso do comunismo, aqueles que se desviavam da linha oficial são chamados dissidentes. No caso do cristianismo, o Grande Cisma, é claro, foi durante a Reforma, quando o segmento protestante desenvolveu e rompeu com a Igreja Católica. Ele então passou a dividir e estilhaçar em mil direcções diferentes a partir daí em diante, tudo em detrimento e destruição da Raça Branca. A primeira grande divisão, é claro, foi quando o Império Bizantino dividiu a partir da metade romana ou ocidental.

Dentre os comunistas, houve uma série de cismas, como os mencheviques e os bolcheviques, e uma série de outras divisões, antes dos comunistas chegarem ao poder. Depois que chegaram ao poder, havia os comunistas stalinistas e os comunistas trotskistas, estes últimos a serem vigorosamente perseguidos e eliminados das fileiras. Agora nós provavelmente temos a asa Mao do Partido Comunista e por um tempo tivemos os dissidentes Tito, e assim por diante. Em qualquer caso, a ideia principal do cristianismo e do comunismo é a mesma: em cima de um dogma confuso fica impossível uma hierarquia poderosa apertada que determina e interpreta o que a linha de seus seguidores deva ser, e terror, morte e represália são as consequéncias para aqueles que se atrevem a pensar por si mesmos. Não é de todo surpreendente que o arqui-inimigo de ambos os credos judeus é Adolf Hitler, porque ele se atreveu a sair com uma estrutura social saudável, natural que encarna os princípios que estavam em harmonia com as leis naturais e com os instintos saudáveis para a preservação da Raça Branca. Nós, portanto, encontramos a imprensa judaica, a imprensa comunista, e o cristianismo, todos em coro a denunciar Adolf Hitler e a nos dizer que terrível homem ele era.

Todos perpetram e repetem uma e outra vez as mesmas mentiras judaicas sobre Hitler que os judeus se têm devaneiado e prestados aos seus patetas bajuladores. As semelhanças entre estes credos vão adiante. Ambos pregam a destruição da sociedade actual. Eles especialmente zeram sobre a destruição e degradação dos elementos mais criativos e produtivos da sociedade como um todo. Ambos denunciam e vilipendiam os melhores elementos da sociedade estabelecida e alegram-se com as falhas e fraquezas humanas, a afirmar demonstrar a veracidade de sua teoria comunista-cristã.

Os judeus, que são os autores do comunismo, vislumbram a sede das Nações Unidas, para finalmente descansar em Israel e em particular, em Jerusalém. O cristianismo também mantém-se continuamente a falar sobre Sião, a Nova Jerusalém, e olham a Jerusalém como a Terra Santa, sua origem e sede espiritual. Ambos os credos judaicos seguem consistentemente políticas que são desastrosas para o bem-estar da Raça Branca. Eu já dei consideravelmente vários detalhes sobre os efeitos catastróficos do cristianismo sobre a grande civilização romana branca. Eu também apontei anteriormente que os judeus na Rússia comunista mataram 20 milhões dos melhor russos brancos. No entanto, os programas e as políticas de ambos os credos vão muito mais longe do que esas duas grandes catástrofes da história e apontar o quão desastrosos os efeitos de tanto o cristianismo quanto o comunismo foram sobre as fortunas da Raça Branca seria necessário um volume inteiro sozinho. Eu acredito que temos espalhados por todo este livro uma massa de exemplos que são desnecessários repetirem-los novamente aqui. Outra semelhança que se manifesta em ambos os credos judaicos, é que ambos têm uma capacidade incurável em levar adiante uma profusão de palavreado que é extremamente vaga e obscurecida com confusão. Não é só o palavreado profuso, mas extremamente carente de substância. Este é um velho truque judaico para confundir e ludibriar as mentes de sua oposição, o último é enganado em pensar que toda essa vasta colecção de palavras deva ter algum significado maior além de sua compreensão.

Para continuar a destruir e derrotar a oposição, ambos os credos têm desenvolvido a um alto estado a arte de atirar cruéis palavras e palavras fr ódio em seus adversários. Os cristãos desenvolveram tais palavras de ódio como ateu, pagão, herege, apóstata, blasfemo, pecador e anticristo. Os comunistas têm desenvolvido todo um estábulo de palavras semelhantes, e algumass delas são: fascista, nazi, racista, preconceituoso, intolerante e antissemita. Sem que ninguém realmente pare para analisar o que cada uma dessas palavras significa e por que elas devam ser consideradas como más, estas palavras têm sido desenvolvidas para um estado elevado de mal implícito, de modo que apenas se limita a chamar destes nomes, tu não precisas realmente debater as questões, mas sem piedade derrubar seus oponentes, sem recorrer a qualquer debate ou raciocínio qualquer. Se as semelhanças entre o cristianismo e o comunismo parecem bastante impressionantes, há uma razão muito boa para a sua ideologia paralela. Essa razão é, claro, ambos foram inventados pela estrutura do poder judaico pelo objectivo comum de destruir a Raça Branca.

Infelizmente, até esse ponto, ambas as suas ideologias foram devastadoramente eficazes. É parcialmente o propósito deste livro e do Movimento Criatividade, enfrentar esse ataque devastador sobre a mente da Raça Branca e expor essas ideologias judaicas gémeas pelo que elas são. Além disso, estou firmemente convencido, e é a minha conclusão medida, que os judeus nunca poderiam fazer o comunismo moderno impingido em um longo sofrimento da humanidade, se não tivessem primeiro o suavizado, transtornado e confundido o intelecto da Raça Branca com as armadilhas falaciosas do cristianismo. É portanto o outro objectivo da Criatividade, de ajudar a endireitar o pensamento confuso da Raça Branca, para onde eles então possam expurgar esses dois flagelos judeus gémeos da face deste planeta.

A natureza da tolerância no Islão

Por Roberto de Mattei

Os actos de violéncia que os muçulmanos têm cometido na Europa e nos Estados Unidos são geralmente atribuídos a uma minoria «fundamentalista», mas na verdade todo o Islão se fundamenta em princípios de intolerância e beligerância, especialmente contra o mundo Cristão ocidental. Conheça alguns pormenores bem esclarecedores…

Nas terras conquistadas pelo Islão, a opção deixada aos vencidos é a conversão ou a morte. Para os adeptos da religião dos «Livros Santos», cristãos e hebreus, mas também sabeítas e zoroastristas, definidos como «gente do Livro» (ahl el-Kitab) ou «gente do Pacto» (ahl el-dhimma), está previsto um estatuto privilegiado desde que aceitem submeter-se ao Islão. Tal estatuto jurídico de inferioridade, chamado dhimma, é simbolizado pelo pagamento de uma taxa pessoal que indica o reconhecimento público da subordinação ao Islão. O pacto de Omar, primeiro sucessor do profeta, introduziu o distintivo para os protegidos: castanho para os madeístas, azul para os cristãos, amarelo para os hebreus e, confinando os dhimmos em bairros especiais, antecipa assim o aparecimento da prática dos guetos.

Os dhimmos, desde que aceitem submeter-se ao Islão, são integrados na comunidade islâmica, mas na condição de uma pesada sujeição jurídica. São excluídos dos cargos públicos e obrigados a cumprir os imperativos sociais da charia; o proselitismo religioso é punido com a pena de morte, mas os dhimmos devem aceitar o proselitismo dos muçulmanos, mesmo nas suas igrejas ou sinagogas. Por outro lado, os dhimmos não podem construir edifícios mais altos do que os dos muçulmanos, devem proceder aos funerais dos seus mortos em segredo, sem prantos nem lamentos; é-lhes vedado tocar sinos, expor qualquer objecto de culto e proclamar, diante de um muçulmano, as crenças cristãs. Um muçulmano pode casar-se com uma mulher dhimma, mas um dhimmo não pode casar-se com uma muçulmana; a criança nascida de um casamento misto é sempre muçulmana. A sanção que pune os muçulmanos culpados de delitos é atenuada se a vítima for um dhimmo. Os não-muçulmanos nunca podem ser testemunhas contra muçulmanos, sendo o seu juramento inaceitável. Tal rejeição funda-se, segundo os hadith, sobre a natureza perversa e mentirosa dos «infiéis» que insistem deliberadamente em negar a superioridade do Islão. Pela mesma razão, um muçulmano, mesmo que seja culpado, não pode ser condenado à morte, se for acusado por um infiel. Pelo contrário, aconteceu diversas vezes que houve dhimmos condenados à morte no lugar de muçulmanos culpados.

A rejeição das testemunhas dhimmas é particularmente grave quando elas, caso não raro, são acusadas de ter «blasfemado» contra Maomé, delito punido com a pena de morte. Os dhimmos, incapacitados de refutar em juízo as acusações dos muçulmanos, encontram-se, muitas vezes constrangidos a aceitar o Islão, para conseguirem salvar a vida. O pagamento do tributo a que estão sujeitos os dhimmos, chamado kharadj, é justificado pelo princípio segundo o qual a terra subtraída pelo Islão aos «infiéis» é considerada como pertencente, por direito, à comunidade muçulmana. Por força deste princípio, qualquer proprietário é reduzido à condição de um tributário que detém a sua terra na qualidade de mero usufrutuário por concessão da umma. A taxa vem carregada de um simbolismo sagrado e bélico: é o direito inalienável atribuído por Alá aos vencedores sobre o solo inimigo. Além da kharadj, os dhimmos são obrigados a pagar outro imposto, a djizya, que lhes é imposta no decurso de uma cerimónia humilhante: enquanto paga, o dhimmo é golpeado na cabeça ou na nuca.

É esta a natureza da tolerância no Islão.

A Europa perante os postos avançados da subversão islâmica

Publicado em Devenir, nº 24, Primavera de 2003

Instauração da Chária e tumultos na Nigéria, ataques de islamitas no Tajiquistão, no Curdistão e no Uzbequistão, tomada de reféns e massacres nas Filipinas, prossecução do banho de sangue na Argélia, guerrilha chechena, atentados e massacres de hindus na Caxemira, erradicação dos não-islamistas das Molucas [cuja formação é da responsabilidade dos portugueses de seiscentos – N.T.], ampliação do activismo albanês, multiplicação das redes islâmicas na Europa: o ano de 2000 não passa de uma ladainha de violéncias ligadas ao expansionismo muçulmano, em lento mas irreversível movimento de conquista planetária, aparentemente desprovido de coeréncia, mas, se lermos nas entrelinhas, rigorosamente planeado por actores identificados.

Esta situação, que Robert Ervin descrevia como a terceira expansão do Islão, tem as raízes mediáticas na Revolução iraniana de 1979 (1). Na realidade, o integrismo xiita, tal como é observado essencialmente no Irão e no Líbano e, em menor medida no Paquistão e no Afeganistão, é por natureza pouco expansionista, dado que o xiismo só respeita a uma pequena minoria de muçulmanos. Os verdadeiros motores do novo expansionismo verde são a Arábia Saudita e as suas bases avançadas no Paquistão e Afeganistão. O rolo compressor integrista deixar-nos-ia indiferentes se a Europa, desde o início dos anos noventa, não estivesse no centro da estratégia de conquista dos seguidores de Alá. Tudo devido à emigração maciça e crescente de maometanos em direcção à União Europeia, mas também às guerras da Bósnia e do Kosovo. A primeira, deslocando para o âmago do continente branco as fronteiras entre a Europa e as terras da História muçulmana, tendo as segundas constituído e constituindo fantásticas bases de treino e de expansionismo para os guerreiros do Islão. Sem esquecer a inacreditável impostura da «candidatura» da Turquia aos Estados Unidos da Europa (mais comummente conhecidos como União Europeia), cujos futuros 100 milhões de habitantes quebrariam definitivamente a homogeneidade etno-cultural europeia.

A Europa Ocidental na linha de mira

Se Alexandre del Valle, na sua obra Kosovo – Bósnia – Chechénia, Guerras contra a Europa (2) evoca muito justamente uma estratégia da cintura verde contra o mundo ortodoxo, a análise vale igualmente para o conjunto da Europa rodeada, mas também «perfurada» em numerosos locais, pela força demográfica dos muçulmanos. Porque a presença muçulmana na União Europeia acarreta, por si só, pesadas incertezas na estabilidade e perenidade dos Quinze. Constitui, também, uma perigosa «estreia»: nunca, na História dos nossos povos, enfrentámos um avanço tão considerável e tão durável do Islão. A ausência total de controle visando as comunidades afro-magrebinas e o desconhecimento da sua religião e História, tornam as autoridades particularmente impotentes perante o fenómeno. Com, pelo menos, 15 milhões de membros, o Islão aumenta anualmente o seu número de fiéis em mais de 1 milhão, ao passo que a população autóctone está baixando.

Nada espanta que, com tal poder demográfico em expansão no interior da Europa, a omnipresença dos movimentos integristas e a ociosidade geral desta população, numerosos jovens muçulmanos, confusos e mergulhados na sua identidade de origem, venham a compor os batalhões de quintas colunas fundamentalistas.

«Alácubrações» das pseudo elites

Sempre chegando a tempo para uma traição, os antigos bagageiros, intelectuais ou não do comunismo, e os liberais mundializantes louvaminheiros do dogma do mercado, reúnem-se em cegueira islamófila, vendo nesta religião oriental, uns, o substituo igualitarista que lhes recorda o paraíso socialista, outros, a espiritualidade neutra que não estorva a boa marcha do capitalismo. A aceitação infalível do Islão – assimilando qualquer crítica ao racismo – é, seja dito de passagem, inversamente proporcional ao seu encarniçamento contra o Cristianismo. A sujeição mental das nossas elites ao Islão não deriva de delírio paranóico. É um costureiro reputado (Lagerfeld) quem manda queimar, por ordem de emires, um vestido supostamente decorado com um versículo do Corão. É a justiça britânica que ordena a um aposentado «de origem» que retire uma colecção de porcos de porcelana do parapeito da janela da sua casa. São as autoridades militares belgas que decidem suprimir a carne de porco das ementas servidas aos candidatos a refugiados alojados num quartel, entre os quais estava uma minoria muçulmana. São as autoridades francesas, alemãs, italianas que co-financiam a construção de mesquitas-catedrais. É o Presidente da Câmara de Estrasburgo que aceita a realização do desfile de vários milhares de integristas nas ruas da capital da Alsácia, enquadrados por um serviço de ordem próprio organizado em milícia. São os ministérios encarregados dos assuntos sociais que subvencionam centenas de associações integristas. É o Ministério do Interior francês que aceite ceder a responsabilidade pela segurança dos arredores aos imãs e aos grandes irmãos, devidamente pagos. São os Ministérios da Educação que expurgam, dos programas escolares, qualquer referéncia negativa ao Islão. São os media que debitam toneladas de tolices sobre a dívida cultural e científica incomensurável da Europa para com os mouros.

A Arábia Saudita, financiadora dos fundos do islamismo

Com aprovação geral e não dissimulada dos governos europeus, a Arábia saudita financia anualmente, pelos canais das fundações que controla, a construção de dezenas de mesquitas em solo europeu. Riade age assim desde há decénios, e o seu esforço na islamização vai-se intensificando. Como se pode imaginar que a Europa nem sequer pestaneje diante das iniciativas sauditas, enquanto o regime no poder na península arábica é o mais rigoroso da Terra? Com efeito, o wahabismo, do nome do seu fundador Ibn Abd al-Wahad (1703-1792) visa a aplicação integral da Chária. A aliança com o clã beduíno dos Seoud estaria na base da criação de um Estado islâmico que, após o intervalo otomano, tomará a forma que hoje reveste. Os tributos sauditas, assentes no maná petrolífero que o saber e a tecnologia «ocidentais» permitiram explorar, dispõe, há três dezenas de anos, de uma fonte inextinguível de receitas, das quais boa parte é reinvestida no apoio ao islamismo wahabita em todo o mundo: criação de universidades islâmicas, escolas corânicas, impressão e distribuição de milhões de Corão, imãs itinerantes, etc. De facto, Riade teceu uma rede de organizações privadas, financiadas por bancos islâmicos, e que operam na propagação do islamismo. A natureza do país-alvo condiciona os métodos utilizados: tanto proselitismo todo-o-terreno como guerrilha activa, da qual se pode medir a devastação na Argélia, na Chechénia e na Caxemira. Frequentemente, combinam-se as duas estratégias. Na Europa, a estratégia actual é, para além da construção de mesquitas, a irrigação financeira maciça de inúmeras associações de imigrados. As declarações anti-sauditas de alguns islamitas não devem enganar ninguém. A manobra, indubitavelmente orquestrada pelos Estados Unidos, pretende desvincular a Arábia Saudita de qualquer ligação com os movimentos islâmicos. Como veremos nos parágrafos dedicados ao Afeganistão, à Chechénia, aos Balcãs, os Ossama Bin Laden, Camil Bassaiev e seus clones balcânicos são puros produtos wahabitas.

Não se pode deixar de invocar os Estados Unidos neste risonho quadro do expansionismo pró saudita. Washington, indefectível aliado de Riade, não quer, por nada deste mundo, mudar uma vírgula ao regime local. Apenas porque os sauditas fornecem aos americanos o petróleo indispensável, mas também porque a manutenção de um país pouco industrializado permite aos Estados Unidos fazer dele um mercado monopolizado pelos produtos americanos, e mantê-lo em dependéncia tecnológica e militar. Dependendo do facto de o país dispor de recursos estratégicos (petróleo, gás natural, minerais, etc.), Washington ajustará a sua estratégia. Em países como o Afeganistão ou o Paquistão, desprovidos de riquezas de monta, instalam regimes fundamentalistas que garantem o subdesenvolvimento da população e a sua instabilidade potencial, e servem tanto de tampão contra os concorrentes em poténcia, como de instrumento de desestabilização dessas mesmas poténcias (Chechénia, Balcãs).

Turquia: ameaça neo-otomana?

«Cem milhões de habitantes: a Europa pode gerir isso», proclamava no ano passado Mesut Yilmaz, ministro turco, após o que pareceu uma aceitação condicional pela União da candidatura da Turquia. O processo, ainda que possa ser longo, é, desde agora, teoricamente imparável: antes de duas dezenas de anos, a Turquia (e os seus futuros cem milhões de habitantes) será membro da moderna Europa.

Para além do absurdo económico de tal entrada (importante diferença de desenvolvimento e de PNB, que se tornaria um peso morto para a Europa e que sublinha ainda mais a actual crise financeira turca), e do balanço dos Direitos do Homem (tortura generalizada, violação das liberdades decorrentes), a inclusão da Turquia na União é uma aberração histórica. Durante cinco séculos, estivemos em conflito com o poder otomano. Este pretendia conquistar a Europa e erradicar o Cristianismo, e só devemos a nossa salvação à determinação de alguns dos nossos antepassados, a despeito da traição de outros… Geralmente, foi contra o Islão como força civilizadora e ideológica que a Europa principalmente se reuniu. Catorze séculos de luta são mais determinantes do que a islamofilia dos convertidos e dos intelectuais doentes de orientalismo. A força demográfica e religiosa da Turquia de amanhã faz dela um inimigo schmittiano, natural. E mesmo que o inimigo possa ser por si respeitável, nem por isso se tem de ser cego.

O jet set corrompido e ocidentalizado das margens do Mar Negro representa uma minoria; a maioria dos turcos define-se como um conjunto etnicamente e culturalmente homogéneo, e não largaria por nada deste mundo o seu nacionalismo, mesmo nos arrabaldes de Hamburgo ou de Paris. Aguardando a realização deste funesto acontecimento, a Turquia importa-nos aqui mais particularmente pelo papel de pólo de imigração para a Europa, e de difusão do islamismo. A força dos islamitas surgiu nestes últimos anos com a poténcia eleitoral do Fasilet Partisi, o qual, ainda que na mira dos militares turcos, não deixa de prosseguir o seu papel de reunião e de emulação dos activistas muçulmanos. O Fasilet está próximo dos Irmãos Muçulmanos, estes mesmos em estreita simbiose com a Arábia Saudita. Nas margens do partido navegam mesmo organizações radicais implicadas na morte de dezenas de pessoas, as quais organizações fazem parte da constelação wahabita. Ademais, a diáspora turca na União – mais de três milhões de pessoas – está enquadrada pelos integristas. O governo turco, oficialmente laico, nem por isso deixa de jogar um jogo turvo, organizando o Islão dessa diáspora em bases fundamentalistas.

Bósnia e Kosovo: rumo a uma islamização definitiva

Além do reforço da presença turco-muçulmana na Europa Ocidental pela via da imigração, é preciso assinalar a estratégia da Turquia no conflito balcânico, onde Ancara conjuga expansionismo neo-otomano e arrebatada propagação do Islão.

«Ancara foi o primeiro fornecedor de armas e de apoio logístico do UCK, e concluiu, entre 1995 e 1999, uma série de acordos militares com a Bósnia, a Albânia e a Macedónia, igualmente ameaçadas de implosão pelo irredentismo islâmico albanês, instrumentalizado por Tirana e Ancara.» Estas afirmações de Alexandre del Valle levam-nos ao rasto do Islão balcânico, e em particular do da Bósnia e do Kosovo, guardas avançadas estratégicas do expansionismo muçulmano.

Observando os acontecimentos actuais – islamização, criminalidade exportada, entre a qual o tráfico de pessoas – o apoio sem falhas concedido pela União Europeia aos muçulmanos bósnios e albaneses aparece hoje, simultaneamente, como aberração e como traição ao espírito europeu. Mas, mesmo antes do início dos conflitos balcânicos, a classe política bruxelense dispunha de todos os elementos que lhe permitiam desenvolver minimamente uma análise equitativa e coerente face aos partidos em presença, quando muito ligeiramente pró sérvios. Com efeito, antes do incéndio, o reforço da presença fundamentalista era patente nas duas «regiões» jugoslavas. Sem mencionar comportamentos mafiosos que parecem derivar de um estranho atavismo. Logo à saída das masmorras titistas, o presidente bósnio Izetbegovic foi de visita aos Estados fundamentalistas. Em 1970, editava a sua famosa «Declaração Islâmica» dirigida aos do interior e aos confinantes evidentes, reeditada em 1990, e confirmada em propósitos inequívocos sobre o carácter temporário de convívio com os muçulmanos. No Kosovo, tal como na Albânia, desde 1993 que estão activos grupos fundamentalistas pró wahabitas.

A Albânia torna-se placa giratória do islamismo, aliás tanto sunita como xiita.

Assim, os iranianos dispõem, desde 1997, de redes recheadas, e vêem-se os pasdarãs iranianos que combateram na Bósnia treinar, desde então, os comandos do UCK. Desde o início, a influéncia fundamentalista, sobretudo na Albânia e no Kosovo, é exercida em estreita colaboração com as máfias. Durante os dois conflitos, o partido DAS de Izetbegovic, assim como o UCK no que se refere aos kosovares, não se preocupam em dissimular, por pouco que seja, o sentido da sua luta, bem como os seus verdadeiros amigos. Contudo, o apoio europeu nunca foi desmentido. Os apelos à djihad multiplicaram-se, entre eles os da autoridade suprema dos muçulmanos da ex-Jugoslávia. Em 1993, pela sua tomada de posição a favor da djihad, Izetbegovic foi oficialmente recebido em Riade com honrarias. 300 milhões de dólares de ajuda militar e 500 milhões de ajuda pseudo humanitária ser-lhe-ão concedidos pela Arábia Saudita, só entre 1993 e 1995.

Quanto ao Irão, consagrará outro tanto ao armamento dos bósnios. Dezenas de associações humanitárias muçulmanas na Europa e fora dela, principalmente integristas, confundem alegremente humanitarismo e tráfico de armas e de «voluntários». As diásporas turcas e bósnias, como posteriormente a kosovar, angariarão de quem mais possa a protecção beneficente dos multimilionários sauditas. Os americanos e os europeus fecharão os olhos, facto muito compreensível para o chefe dos Estados Unidos, estes indo mesmo, violando o embargo onuzino, armar e treinar a soldadesca bósnia.

Note-se igualmente a adesão da Bósnia à fundamentalista Conferéncia Islâmica, ou ainda a exclusão dos elementos não muçulmanos do exército bósnio.

No Kosovo impõe-se idéntica verificação: financiamento maciço dos sauditas e dos iranianos – paralelamente e/ou conjuntamente com o dos Estados Unidos – superabundância de associações islâmicas activas no terreno, apela à djihad, islamização das zonas controladas pelo UCK desde antes da agressão ocidental…

Os voluntários

A participação de milhares de voluntários muçulmanos estrangeiros nas guerras da Bósnia e do Kosovo, sintomática do carácter internacional do fundamentalismo, mas também primícia do aumento dos perigos na própria União Europeia, é um facto maior da década de noventa. Mais de 15.000 voluntários estrangeiros se teriam batido na Bósnia ao lado dos muçulmanos. Os voluntários estrangeiros, «comummente designados sob o vocábulo de «afegãos», compreendiam não apenas árabes veteranos da guerra do Afeganistão, mas também paquistaneses, egípcios, turcos, sudaneses, iemenitas e mesmo trabalhadores imigrados albaneses e turcos da Alemanha, da Áustria e da Suíça.» (3) Entre os voluntários, estavam 2.000 europeus, dos quais alguns belgas convertidos, e bom número de muçulmanos idos dos arrabaldes quentes franceses. Grande número regressará aureolado aos seus bairros, e transmitirá o vírus integrista.

No Kosovo, a mesma realidade: desde antes de Março de 1999, dezenas de voluntários estrangeiros tinham morrido ali. A implicação do islamismo internacional era, portanto, uma evidéncia gritante para todos os que queriam ter os olhos abertos.

Hoje

Bases de expansão do terrorismo islâmico, territórios em islamização acelerada, e malhas indispensáveis nas redes de imigração: tal é a realidade em 2001 na Bósnia e no Kosovo, e o resultado directo das guerras orquestradas pelos Estados árabes e pelas poténcias ocidentais. As estruturas do islamismo internacional estão mais activas do que nunca na Bósnia e no Kosovo. Os campos de treino estão operacionais ainda hoje. Sem dúvida, é devido a estes campos que se pode atribuir a progressão de nova guerrilha albanesa no sul da Sérvia, e a nova guerra que ameaça a Macedónia. Na Bósnia, grande número de «voluntários» e de iranianos casaram com mulheres muçulmanas locais e prosseguem a sua metódica implantação. O fenómeno é, pela sua verdadeiras semelhança, parecido com o do Kosovo.

Enriquecidos com a sua experiéncia guerreira, também alguns mudjaedines regressam ao seu país de origem ou vão para outros pontos quentes (Chechénia, Ásia Central, Caxemira, Argélia…) para levar até eles a sua djihad.

Outro eixo da estratégia expansionista: a organização do tráfico de imigração muçulmana. Dezenas de milhares de iranianos e turcos transitam pela Bósnia e pela Croácia e enxameiam as grandes metrópoles europeias. Os voluntários europeus e imigrados que chegam deste modo podem, assim, constituir novas redes mais ou menos subterrâneas, e beneficiar, uma vez chegados até nós, da infra-estrutura de acolhimento da sua comunidade e da dos grandes irmãos sauditas e iranianos.

Mesmo nos Balcãs, a reislamização ou a extensão do Islão atinge o auge. Bem entendido, com financiamento dos provedores de fundos atrás mencionados, mas também da União Europeia e da ONU. Com efeito, numerosas mesquitas estão em construção ou reparação no Kosovo e na Bósnia. Paralelamente, e com a cumplicidade da OTAN, centenas de locais de culto sérvios foram destruídos.

Mais genericamente, são perceptíveis numerosos indícios de reislamização (programas escolares exaltando a História turco-muçulmana, preferéncia aos muçulmanos nos empregos, expulsão dos sérvios de Saraievo, arabização da língua, etc.).

«O que choca os visitantes à sua chegada a Saraievo, são as mesquitas e centros islâmicos que florescem em cada bairro, mas principalmente a presença de inúmeros islamitas de origem albanesa, árabe, turca, chechena, afegã ou paquistanesa, «naturalizados» cidadãos bósnios após a guerra, como agradecimento pelos serviços prestados.» (4)

Finalmente, última consequéncia, até à data, da vitória islâmica na Bósnia e Kosovo: a abertura, anunciada pelos sérvios há dois anos sob a chacota generalizada dos europeus, de novas frentes nas fronteiras do Kosovo.

Milhares de albaneses e de voluntários islâmicos batem-se agora na Macedónia e no sul da Sérvia. Por detrás deste sobressalto está uma estratégia expansionista turca, que A. del Valle expõe de maneira luminosa. Assim, em destaque:

«Na realidade, o fim inconfessado dos diferentes movimentos irredentistas eslavo-muçulmanos ou albaneses, é o de reconstituir uma espécie de confederação islâmica sob protectorado turco, sendo ainda mais importante para eles o facto de se desligarem do «poder infiel», servo-cristão, do que a independéncia.
«Chama-se a este projecto pan-islâmico e neo-otomano a «diagonal» ou «transversal verde», que gregos e eslavos igualmente chamam «corredor turco».
«Trata-se, com efeito, de um longo continuum geopolítico muçulmano, partindo da Trácia Oriental turca e chagando à bolsa de Bihac, passando pela Trácia Ocidental grega, Bulgária e Macedónia, onde vivem importantes comunidades muçulmanas e, bem entendido, pelo Kosovo e Bósnia, duas áreas principais da «transversal verde» já «libertadas». A prazo, a reconstituição de uma confederação islâmica neo-otomana é factível, e a continuidade da «diagonal verde» eslavo-albanesa com a Turquia irradiante passa pela junção geopolítica de uma parte da Bulgária, que possui forte minoria muçulmana (12%), muito ligada aos vizinhos macedónios da zona albanesa da Macedónia, assim como do Sandjak e da Bósnia, de um lado, à Albânia, de outro, via enclave de Goradje e Kosovo. Assim, só 100 km teriam de ser conquistados para obter a continuidade e unificar os muçulmanos da ex-Jugoslávia com os do Kosovo, da Bulgária e da Turquia. Como sinal precursor, estão em construção numerosas mesquitas ao longo da fronteira servo-búlgara, abandonada pelos sérvios, e que se arrisca a ser rapidamente povoada pelos muçulmanos pomak do Rhodope, búlgaros eslavos aturquisados ou deseslavisados, que constituem o laço humano «natural entre o mundo turco-muçulmano e o mundo eslavo.» (5)

Eixo paquistano-afegã

Certamente, o viveiro mais prolífico dos incontrolados de Alá: a zona paquistano-afegã é intermediária essencial da estratégia wahabita. As suas repercussões sentem-se não apenas nos Balcãs, mas também no Cáucaso (Chechénia, Daguestão), sendo o círculo fechado pela presença de instrutores e combatentes chechenos na Albânia, na Bósnia e no Kosovo. Factor determinante: a existéncia de milhares de escolas corânicas no Paquistão, que alimentaram em combatentes os talibãs e hoje ainda a guerrilha da Caxemira, e formam, igualmente, numerosos europeus «em estágio». Redes de Ossama Bin Laden, inúmeras organizações integristas locais, mas também argelinas (GIA), egípcias (Gamaat), activistas oeste-europeus ou balcânicos, sob a égide dos veteranos do Afeganistão: o Paquistão é o pólo central do fundamentalismo wahabita, cujos tentáculos se estendem da Chechénia à Grã-bretanha, passando pelos Balcãs e pela África do Norte, Caxemira, Filipinas e China. Em toda a parte em que guerrilhas islâmicas visam erradicar o poder local julgado «infiel», encontra-se a mão de uma formidável estrutura ideológica e terrorista totalmente incontrolável e em permanente expansão.

Conclusão

Neste trágico drama em que os europeus estão na primeira linha, os Estados Unidos são, sem dúvida, passíveis de condenação. Mesmo que a sua criatura islâmica possa escapar, como aconteceu com o financiamento da guerrilha afegã nos anos 80. Mas, na expansão da ameaça islâmica na Europa, os governos das diferentes nações europeias terão, aos olhos da História, contas a prestar.

Soltando na Europa, principalmente pela imigração descontrolada, hordas de potenciais assassinos, querendo interditar toda a contestação, apoiando nos Balcãs os islamitas contra os não-islamistas, até financiando as associações de dezenas de organizações fundamentalistas, os nossos dirigentes reproduzem os erros e as demissões que foram, há muito tempo, as dos não-islamistas da Turquia, do Oriente e do Magreb, divididos ou cúmplices do invasor. Para reprimir a terceira expansão islâmica, a Europa deverá desembaraçar-se de todo o escrúpulo «direitumanista», mas também desse hediondo etnomasoquismo que lhe serve de elixir mortal.

Se a pertinéncia da análise desta obra de Alexandre del Valle sobre o conluio Estados Unidos-islamismo nos parece incontestável, temos de precisar que condenamos firmemente as suas posições actuais, e as colaborações mais do que duvidosas tanto com o UMP como com outras organizações pouco preocupadas com a identidade do nosso povo.

Notas:
(1) Islam: le défi, Edition L›Anneau, 1997.
(2) Editions des Syrtes, 2000.
(3) Idem, p. 119-120
(4) Idem, p. 119
(5) Idem, p. 131.

As Raízes da Tradição da Bruxaria: A Origem da Ária

Pelo Sumo Sacerdote Don Danko

«Os sacerdotes dos Mistérios foram simbolizados como uma serpente, às vezes chamados de Hidra... Os Reis Serpentes reinavam sobre a Terra. Foram esses Reis Serpentes que fundaram escolas de mistério que mais tarde apareceram como os mistérios egípcios e brâmanes... A serpente era seu símbolo... Eles eram os verdadeiros Filhos da Luz, e deles desceram uma longa linhagem de adeptos e iniciados.»
- Hall

Os druidas se chamavam de *Naddreds*, que se traduz em «serpentes». Seu símbolo era uma serpente enrolada em torno de uma haste e o Dragão. A verdadeira origem do termo «Ária/Ariana» vem do Senhor Ea. A pronúncia correta de Ea é Ária. Daí a raça dele e criada por ele em sua imagem e sangue, e os outros «Iluminados». Os de Nórdicos de Órion carregam seu nome, não é diferentemente de como tu carregas o apelido de teus pais. Também se relaciona com conceitos alquímicos dentro da raça, bem como a luz espiritual da Divindade interior que relata ao estandarte mais antigo e santo da nossa raça, a Suástica.

Origens da conexão europeia:
«Os Pherylltes foram druidas do povo Cymry que chegaram às ilhas britânicas de Defrobani, que é galês para Taprobana, um nome para Sri Lanka. Diz-se que o Cymry foram guiados do Sri Lanka para as Ilhas Britânicas pelo herói cultural galês, Hu Gadran, e prova de sua viagem para o Oeste é a língua galesa, que é cheia de etimologia sânscrita. Hu Gadran fundou o que muitos acreditam ter sido a seita incipiente dos druidas, o Pheryllt, um termo que significa ‹Alquimista›. O próprio termo para ‹Bretanha› vem da antiga palavra sânscrita Bharat, o antigo nome Ariano para a área hoje conhecida como o subcontinente indiano. A religião druídica não prevaleceu apenas na Grã-Bretanha, mas igualmente em todo o Oriente.»
-E. Keneanly, «*The Book of God*».

É bem sabido que a língua sânscrita é a raiz da língua indo-ariana. «Quando examinamos a etimologia da palavra Teuton ou Teonic, que são ambos derivados da palavra base Teuta, este se compara precisamente com o escriba dos Deuses egípcios, Tahuti, que é conhecido como Thoth pelos gregos.» Este título também está relacionado com a Tuatha de Danann, da Ária antiga. Em Erie (Arie, na grafia original), ainda hoje existem os montes sagrados de Tara. «Arya Tara» é uma Deusa ainda adorada no Oriente e também era conhecida no Egipto.

Conexão com a Arie do Egipto:
As referéncias a algumas das épocas mais antigas no Egipto e com a chegada de colonos atlantes podem ser encontradas em remanescentes de rolos de papiro do país. O papiro de Turim, por exemplo, faz alusão aos Reis-Sacerdotes governando o Egipto. O país era governado pelo «Shemsu Hor». A raça original que construiu e foi a que viveu na terra hoje conhecida como Egipto chamava-se o Shemsu Hor, ou Heru. Eles descreveram-se como «filhos de olhos azuis do Deus louro de olhos azuis, Heru». Na língua antiga, Heru se traduz em algo como «Aquele de Ari» e Shemsu como «Serpentes». Assim, vemos um parentesco comum com o outro Ari ou Ária da Europa e do Oriente. Uma das descobertas mais importantes no Egipto aconteceu com o egiptólogo e arqueólogo Professor Walter B. Emery (1903-1971) durante a escavação de túmulos em Saqqara. Emery encontrou homens com cabelos loiros e pele clara. Esses indivíduos eram reverenciados pelos egípcios como uma classe especial, uma elite privilegiada «Shemsu Hor» (Serpentes de Daquele de Ari).

«O famoso egiptólogo autor de ‹Archaic Egypt›, descobriu os restos que viveram na época pré-dinástica. Estes apresentaram um crânio dolicocéfalo maior do que a do grupo étnico local, cabelos claros e um corpo mais alto e mais pesado. Emery declarou que essa estirpe não era nativa do Egipto... Esta raça manteve distância das pessoas comuns, misturando-se apenas com as classes aristocráticas... O estudioso associou-os com os Shemsu Hor... Os Shemsu Hor são reconhecidos como a casta sacerdotal dominante no Egipto pré-dinástico.»
-V. Di Cesare e A. Forgione, «Malta: Skulls of the Mother Goddess.»

Professor Emery escreveu sobre estes Shemsu Hor: ‹Os semideuses da história de Manetho›. É afirmado também que esses Shemsu Hor originalmente viviam em uma ilha. Um texto muito revelador sobre a verdade do antigo relato egípcio sobre sua origem. Henry Steel Olcott, um ex-presidente da Sociedade Teosófica, explicou em uma edição de março de 1881 do «The Theosophist» (página 123) que: «Temos o direito de mais d que suspeitar que a Índia, há oito mil anos, enviou uma colónia de emigrantes que carregavam suas artes e alta civilização no que é agora conhecido por nós como o Egipto... Isto é o que Bengsch Bey, o moderno, bem como os egiptólogos e antiquários mais confiáveis dizem sobre a origem dos antigos egípcios. Em relação a estes como um ramo da família caucasiana (Ariana) com uma estreita afinidade com as raças indo-germânicas, ele insiste que ‹migraram da Índia antes da memória histórica e cruzaram a ponte de nações, o Isthus de Suez, para encontrar uma nova pátria nas margens do Nilo.› Os egípcios vieram, de acordo com seus próprios registros, a partir de uma terra misteriosa... Na costa do Oceano Índico, o ponto sagrado; o lar original de seus Deuses... Que seguiram dali depois de seu povo, que os havia abandonado para o vale do Nilo, liderados por Amon, Hor e Hathor. Esta região foi a ‹Terra dos Deuses› egípcia, Pa-Nuter, no antigo Egipto, ou Terra Santa, e agora provou além de qualquer dúvida ter sido um lugar diferente da Terra Santa do Sinai. Pela inscrição hieroglífica pictórica encontrada nas paredes do templo da rainha Haslitop em Der-el-Babri, vemos que este Ponto não pode ser outro que não a Índia. Por muitos séculos, os egípcios negociaram com seus antigos lares, e a referéncia aqui feita por eles para os nomes dos príncipes do Ponto e sua fauna e flora, especialmente a nomenclatura de várias madeiras preciosas, não são encontrados em outro lugar senão na Índia, nos deixa-nos sem a menor sombra de dúvida que a antiga civilização do Egipto é o resultado direto da antiga Índia.»
(Fonte: The Theosophist, março de 1881, página 123).

As lendas que temos no Ocidente sobre Atlântida, a pátria Ariana, foram proferidas para Sólon e depois para Platão via os antigos egípcios, que afirmavam que tinham vindo de Atlantis, que havia sido destruída milhares de anos antes e do qual vinham seus ancestrais culturais/raciais. Agora temos um registro egípcio mostrando isso. A ilha estava na costa do Sul da Índia moderna e nós temos a prova arqueológica hoje de maciças cidades submersas na região em torno do Sul da Índia e Sri Lanka; até mesmo uma ponte de terra submersa e inúmeras culturas afirmando com provas sua origem da referida área. Alguém trocou a direção em que os egípcios afirmaram que vieram, do Oeste a Leste em vez do original, de Leste a Oeste. Sri Lanka foi parte de uma massa de terra muito maior que afundou sob as ondas milhares de anos atrás.

*Nota pessoal: anos atrás, me deparei com um artigo na National Geographic, da foto de um afresco na parede de um antigo palácio desenterrado no Sri Lanka. As mulheres nas paredes tinham cabelos ruivos, olhos azuis e pele branca.

Outra conexão:
«Os Yezidis, que agora residem no Norte do Iraque, antes de virem para o Iraque, haviam residido na Índia». O Deus Yezidi é Melek Ta›us cujo símbolo, como Murrugan no Sri Lanka, é o pavão e a Serpente. Dentro dos escritos Yezidi, Melek Ta›us faz menção de Shambhala, o lugar sagrado do Oriente, e para o Lotus, outro tema espiritual Oriental. O pavão, o símbolo igualmente sagrado para os Yezidi, mandeanos e Hindus, é nativo somente do Extremo Oriente e não é do Oriente Médio ou na Europa e em nenhum outro lugar do planeta. O pavão era um pássaro sagrado na Europa para a Deusa Hera e o Deus Dioníso (de quem a serpente também é sagrada). «Como os Yezidi, os mandeanos também têm uma tradição sobre Melek Ta›us, a quem eles se referem em seus textos como Malka Ta›us... Melek Ta›us esteve presente no local de nascimento da cultura mandeana, a paradisíaca ilha do Sri Lanka... Onde ele era conhecido não só como o anjo pavão, mas também como Murrugan. Segundo a lenda mandeana, Melek Ta›us desceu da maior montanha do Sri Lanka e ensinou aos mandeanos a sua sabedoria espiritual.»

Os mandeanos também afirmaram que os sumérios (de quem eles se descendem, sendo seus remanescentes assim como são os Yezidi) vieram da área do Sri Lanka. Graham Hancock, autor e pesquisador do assunto, declarou em uma entrevista que a costa do sul da Índia está coberta de cidades submersas, especialmente a ponte de terra submersa que, uma vez ligada à ilha do Sri Lanka com o principal continente indiano. Os mandeanos indicam que o Jardim do Edin (morada dos Deuses) era no Sri Lanka, como fazem muitas outras tribos atuais no Oriente Próximo. Kumarai Nadu, que uma vez que se estendia através do Oceano Pacífico, a maior parte deste continente primordial afundou no oceano, exceto para aquelas partes que se tornaram ilhas, como o Sri Lanka, o paraíso actualmente reconhecido por grande parte do mundo árabe não como parte do jardim primal, mas o Jardim do Edin (Edin significa morada dos Deuses). Melek Ta›us é adorado pelos cingaleses como Murrugan e significa «Lugar do Pavão». Ele também é conhecido como Al-Khadir entre o mundo árabe.

«A pedra negra de Meca que, de acordo com a geografia do(s) Purana(s), é um Linga Shiva situado no antigo local sagrado chamado Makhevshvara (Senhor do Crocodilo). Vestígios de uma importante colónia de povos do Vale Hindu foram descobertos em Omã, na Península Arábica.»

Melek Ta›us (também chamado «Satan», abreviação do termo sânscrito Sat-Ananta que significa «Verdade Eterna») também é conhecido na Europa como o homem verde entre os pagãos. Também foi comprovado que a língua suméria tem a sua origem no sânscrito. Muitos dos selos cilíndricos sumérios também coincidem com os do Vale Hindu. Achados arqueológicos modernos na Índia desenterraram uma maciça civilização Ariana antiga ao longo do leito do rio Saraswati. O rio Saraswati, mencionado no antigo Veda era nada além de um mito até imagens de satélite encontrarem seu antigo curso. Os resultados mostram que o rio secou há mais de 8 mil a 10 mil anos atrás. Isto não só mostra que os Vedas têm mais de oito mil anos, mas é uma prova que a mais antiga civilização Ariana estava no Oriente, não no Oriente Médio. As datas dos achados submersos em torno de Sri Lanka e Sul da Índia coincidem com o achado de Sarawati.

A tradição ocidental de bruxaria:
Foi a partir do ramo ocidental dirigido da migração ariana para fora de sua terra natal destruída e a buscar novas terras que a base e origem da tradição da bruxaria europeia ou ocidental têm sua raíz. O sacerdócio da Ária, conhecido universalmente como serpentes, mais tarde tornou-se popularizado na Europa como os «druidas».

Acerca das serpentes da Europa:
Os druidas se chamavam de «Naddreds», que é gaélico para «Sacerdotes Serpentes». Os druidas ou Naddreds carregavam o símbolo da Serpente e Dragão na mais alta honraria como o símbolo da realeza. Foi registrado que o druida Arfaxade referiu a si mesmo assim: «Eu sou uma serpente». O principal símbolo era uma serpente enrolada em torno de uma haste ou uma árvore. O título do dragão vem do latim *Draco* que significa «Serpente», mas no sentido da energia *Kundalini*, plenos poderes de um Sidhe. Esta cultura foi descrita por um especialista que a estudou como a mais avançada em todas as áreas da civilização, então Roma ou Grécia no auge. As casas desenterradas por si só são grandes palácios inigualável para os dias hoje.

Quem eram os druidas? Os druidas não se chamavam por esse nome. O nome em si era uma palavra gaélica (Druidhe) para «Bruxos». Curiosamente, entre eles havia uma casta de alto escalão de «Serpentes» chamados Sidhe. A partir do que foi encontrado, a origem do gaélico como uma língua vem do sânscrito, no qual Siddha é um termo para um ser com uma serpente kundalini totalmente elevada, e Siddhi é um termo para os poderes que vêm de tal estado. Como Sir L. Gardner escreve: «Assim, pode-se ver que Sidhe e Siddhi são um e a mesma coisa.»

A partir dos textos tântricos orientais sobre o assunto, podemos ver claramente o que este estado de «Sidhe», Siddha ou de Gnose realmente implicam, que fazem parte do mesmo:
«Liberação surge da gnose (Jnana), gnose surge a partir da manutenção das respirações vitais. Portanto, onde há estabilidade, mercúrio está fortalecido e o corpo está estabilizado. Através do uso de mercúrio obtém-se um corpo que é não envelhece e é imortal.»

Poderes sobrenaturais e imortalidade corporal, os objetivos da prática tântrica (Siddha).

«Tão impecável quanto o capelão dos Deuses, ele é um assistente alquímico e milagreiro. Ele se move com a marcha imponente de um grande Touro; sua voz é profunda e suave. Como o elefante divino Airavant, ele surge sempre afrente para o mundo radiante como um lago de lótus, ele sobrevive até mesmo mais que o sol, a lua e as estrelas deste mundo. Um lógico consumado e especialista em todas as ciéncias, ele é um protetor das percepções dos homens virtuosos, porque ele sabe, por seu poder de inferéncia, o que é justo e adequado. O heróico igual de Vishnu e Shiva, ele é tão duradoura como o sol, a lua e mar (O Siddha é).»

O significado gaélico de «bruxo» é «sábio». Este é, em esséncia, a referéncia para a verdade no sentido de o estado de consciéncia que vem com a ativação/elevação desta energia da serpente e abertura do «Olho da Sabedoria», o centro (glândula pineal) de consciéncia que representa a capacidade de ver as coisas com clareza quando totalmente activado pela elevação da Kundalini para a coroa. Outro termo famoso para este estado é Gnose (Janna, em sânscrito). Bruxa também se relaciona com o aspecto feminino do poder da serpente, mas ao mesmo tempo, Feiticeiro, um velho termo gaélico para Assistente, simboliza o sacerdote pagão que obteve Gnose através de ter a serpente totalmente elevada. Onde bruxa é também um título gaélico para sacerdotisa no mundo pagão, para ser um sacerdote ou sacerdotisa tinha que se ter uma serpente totalmente elevada. Outro título famoso pelas serpentes, mago, também significa «sábio», mas no mesmo sentido que bruxa/druida, se trata de um termo sânscrito que significa «magnificente», como na radiante de energia de ter uma kundalini totalmente elevada. Note que este é também o original do Gnosticismo, Gnose sendo o antigo termo para o estado de omnisciéncia, que se manifesta quando a serpente kundalini sobe à coroa.

As serpentes são também a origem do famoso Rei Arthur e o mito do Graal: todas alegorias para o Grande Trabalho, ou Magnum Opus, da Divindade pessoal. Só mais tarde esses receberam um verniz cristão. A piada que se passa por gnosticismo hoje tem sido muito infestado de judeu-cristianismo. Este não leva a nada, senão o oposto da gnose.

As Serpentes Arianas da Europa: «Construiram uma civilização gnóstica com um fluido sistema de castas composto por plebeus, em seu mais baixo, seguido pelos guerreiros e, em seguida, eles próprios os Sacerdotes Serpentes, que podiam ser homens ou mulheres.» A classe social Ariana baseou-se na evolução espiritual. Assim, uma casta fluida existia em que um indivíduo poderia subir, se rebaixar ou existir da forma como quisesse, com aqueles que desejam atingir a iluminação espiritual evoluindo para a superioridade, garantindo assim que a sociedade tivesse seres conscientes mais elevados que regem o seu curso e comandam a próxima geração do *Volk* consigo.

«No topo da casta das Serpentes estava o arquedruida e, abaixo dele, os druidas mais velhos, que administravam uma lei não escrita conhecida como a ‹Tara› e atuavam como legisladores e juízes em Conselhos de Doze. Os altos druidas tinham a palavra final em todas as questões relativas à Lei Divina («divina» no mundo Ariano eram as leis cósmicas ou eternas da natureza, a compreensão do universo e a ordem ou leis da vida como divina) e justiça. Eles eram a ‹Suprema Corte› de uma tribo e co-governavam com um guerreiro especialmente escolhido ou o rei divinamente escolhido.»

A principal posição de muitas Serpentes era supervisionar s maciços Templo-Escolas, os maiores quem existiam em Arieland (Irlanda atual) e na ilha britânica, como o mencionado como Snowdon no Gales moderno. «Os alunos dessas universidades eram às vezes até sessenta mil almas, entre os quais estavam incluídos a jovem nobreza da Grã-Bretanha e Gália. Era necessário 20 anos para dominar o círculo do conhecimento druida.» A razão para o período era de que demorava cerca de 20 ou mais anos para ascender a serpente plenamente (tornando-se assim um sacerdote qualificado completo). Isto é visto em muitas tradições antigas e mencionado hoje pelos ensinamentos da Índia (na verdade, devido à remoção do conhecimento, poucos têm a sorte de ao menos alcançar este, já que este tem se extendido a várias mais décadas para isso). Um desses centros em Arieland alojava 300.000 textos de importância. Estes Centros-Templos foram destruídos pela Igreja Católica ao longo de várias décadas para derrubá-los pedra por pedra e recriá-los em outros edifícios.

«A casta Serpentina era subdividida em Bardos, que trabalhavam como cantores (o significado do símbolo da Harpa é o poder de vibração para fortalecer a alma), bem como Vates, que desempenhava as funções de adivinhos, e aqueles que serviram como sacerdotes, juízes e conselheiros aos reis governantes... Porém todos os sacerdotes druidas tinham o mesmo status, uma sub-seita deles conhecida como Pheryllt parece ter sido uma das mais avançadas.» Esta parece ser uma casta preocupada principalmente com o ápice e o mais alto grau da feitiçaria, que é o de alcançar a Divindade pessoal.

«Em seu Templo central de Snowdon no Gales atual, os Serpentes fundaram a ‹Cidade Ambrosíaca de Emrys›. Emrys também é lembrada como ‹Dinas Affaraon›, o ‹Lugar de Altos Poderes›, ou seja, o lugar onde o druida poderia alcançar o ápice das suas competéncias e consciéncia (a Divindade da perfeição e da imoralidade espiritual e física, juntamente com todos os poderes que a Divindade perfeita contém) espirituais. Emrys era o quartel-general dos «Dragões de Beli» e da Deusa Kerridwen.

A iniciação alquímica da Pheryllt (assim toda a Ordem da Serpente) é um elixir da imortalidade que era decantado de um cálice em forma de lua crescente chamado Caldeirão da Kerridwen, ou o «Caldeirão da Inspiração». Para participar deste Elixir do Caldeirão de Kerridwen leva-se o iniciado em uma morte e renascimento interior (por despertar o poder da serpente interna e elevá-la para a coroa que conduz ao despertar subsequente de gnose). Os druidas que referiam a este estado como Awen significa «inspiração». Aqui está a origem do mito do Graal, pois o Graal é outro símbolo para o Aperfeiçoado Alma ou Divindade e é visto no «Sigilo de Lúcifer».

Quando Awen é totalmente ativada, o druida era capaz de acessar plenamente os poderes de sua psique. Awen é outro nome para o poder da serpente fêmea chamada Sophia ou Shakti em outras tradições, portanto, assim este despertar leva à expansão da consciéncia, simbolizado nas culturas egípcias e arianas védicas pela cobra naja com seu capuz totalmente aberto. Daí o porquê de quando Awen fosse totalmente ativado, a serpente (druida) seria capaz de fazer uso completo de sua mente superior, como o poder da serpente quando elevado totalmente, ativaria as partes adormecidas da mente, levando a super-consciéncia ou gnose.

«Um verso alquímico galês dentro do Livro de Talieson, conhecido como os espólios de Annwn, define que Kerridwen e seu caldeirão estão intimamente relacionados com o poder da serpente alquímica. A alegoria contida no poema narra a viagem do rei Arthur e seus cavaleiros, na sua jornada em Annwn, o submundo, e descobrem o Caldeirão de Kerridwen no ‹castelo de quatro lados da ilha do portão forte›. Esta é uma alusão enigmática para o Caldeirão do Kerridwen sendo a versão britânica do poder da serpente Kundalini, que fica no ‹fundo› de uma pessoa (seu submundo) no charka raiz de quatro pétalas (o castelo de quatro lados), na entrada para o meridiano de energia Sushumna (o portão forte fechada).» No centro de Glastonbury, os Serpentes construíram um monte conhecido como Glastonbury Tor, «O Castelo Espiral», que é composto pelo número serpentino de sete níveis ou camadas. Também conhecido como a casa da Dragoa Kerridwen, o Tor contém linhas polares opostas vermelhas e brancas que o circulam e se unem para produzir o poder e a sabedoria da serpente, que vibra em todo o Tor. Através dos tempos, alquimistas têm viajado para Glastonbury Tor para captar a água das nascentes vermelhas e brancas para seus experimentos.»

«Pedras megalíticas encontradas no cume de Glastonbury Tor apontam seu uso como centro de rituais. Tem sido sugerido que durante os dias mais energizados do ano, os Sabás e Esbás, ritos especiais eram desempenhados pelas Serpentes no Glastonbury Tor.»

Mais sobre os sítios das Serpentes:
«Um de seus templos (druídicos) na ilha de Lewis, nas Hébridas, há sinais evidentes de sua habilidade na ciéncia da astronomia. Cada pedra no templo é colocada astronomicamente. O círculo é composto por doze obeliscos equidistantes que denotam os doze signos do zodíaco. Os quatro pontos cardeais da bússola são marcados por linhas de obeliscos saem do círculo e em cada ponto subdividido, em mais quatro.» Os druidas, após inúmeras tentativas por parte do então controlado por judeus, o Império «Romano», muito parecido com o Império «Americano» de hoje, era de propriedade e geréncia por judeus no topo, para destruí-los pela força armada que falhou, foram lentamente subvertidos de dentro para fora por uma seita chamada de «Culdees». Esta subversão interna é idéntica à forma como os judeus e seus agentes derrubaram o sacerdócio poderoso de Serapis no Egipto e dos maçons originais com o os «Illuminati» mais tarde.

«O cristianismo foi introduzido pela primeira vez na Grã-Bretanha quando o Papa Gregório I aprovou uma lei que permitia a fusão da crença céltica e cristã. Logo depois, muitos reis britânicos, como o rei Diarmuid MacCerunbhail, aceitou o cristianismo e declarou que tanto este como druidismo deviam coexistir como crenças religiosas cooperativas. Como resultado, algumas novas seitas que surgiram eram uma fusão das duas tradições. A síntese druida-cristã eventualmente engendrou a formação de certas seitas como a dos Culdees. Os Culdees seguiam uma rotina diária de ambas as disciplinas espirituais druidas e cristãs, enquanto viviam como um grupo de monges de clausura em cima da antiga Ilha Danaan de Iona. Depois de se ajoelhar na frente da cruz e cantar hinos devocionais cristãos, eles se comunicava com os espíritos druidas da natureza nos campos ou recitavam os encantamentos mágicos do antigo Pheryllt e Danaans. Muitos Culdees que dominavam os ritos mágicos Danaan eram conhecidos por terem alcançado o poder de mudar de forma, tornando-se invisível e até mesmo convocando tempestades. Seu objetivo final, no entanto, era atingir o estado de Jesus Cristo, um adepto renomado que era ao mesmo tempo um mestre cristão e maior de todos arquedruidas.» - Sumo Sacerdote Jake Carlson.

No caso dos serapis e dos druidas em uma guerra contra o genocídio cristão, a maioria dos pagãos, líderes e leigos, foram assassinados indiscriminadamente em genocídios no Egipto depois de uma agitação de 20 anos. Nenhuma das classes superiores sacerdotais pagãs foi deixada viva. O mesmo em Arieland, onde St. Patrício passou décadas liderando o pé de guerra de morte e destruição contra os Serpentes Arianos, ainda hoje honrado pelo cristianismo como o comissário que removeu os Serpentes da Irlanda. Felizmente, a Igreja não era tão poderosa como ela afirma que fosse, até posteriormente na história, e muitos Serpentes escaparam e se resurgiram com o verniz da pompa cristã exteriormente, como com os cátaros e mais tarde com a Ordem dos Templários, e daí em diante com os maçons e a Ordem Rosacruz (antes destes dois serem infiltrados).

Fontes:

- Irish Origins of Civilization by Michael Tsarion
- World Gnose: The Coming Gnostic Civilization by Mark Amaru Pinkham
- The Black Sun by Peter Moon
- Realm of the Ring Lords by Laurence Gardner
- The Alchemical Body by Gordon White

Odinismo e a Religião Ariana Ancestral

Este é incompreendido principalmente pelos neopagãos, e fazia parte de uma religião Ariana maior.

Woden também era adorado na Irlanda e nas ilhas britânicas, pois celtas são uma construção mitológica. Havia apenas o mundo teutónico. Alemanha e o noroeste da Europa estavam aquém da Irlanda e das ilhas ao redor dela há cerca de 10 mil anos atrás. Os druidas (Naddreds) adoravam um Homem-Deus conhecido como, dentre muitos títulos, Wod ou Wodan, que estava pendurado em uma árvore e experimentou uma morte e renascimento místicos como um Deus completo. Foi descoberto que a colina Tara era cercada por trezentas árvores de Carvalho como parte de seu recinto sagrado. Nesta parte, Odin é um símbolo da força vital e a árvore da alma humana. Isso por que o outro título para Wodan é Budha/Budhaya na Irlanda, que relata ao mercúrio em sânscrito, a língua original dos Arianos. Mercúrio é um símbolo da força vital. A ciéncia da Alquimia no Oriente foi chamada literalmente Nagara, referente a energia serpentina. Pense em Sol e Serpente como Naga (serpente) e Rá (Sol) e o que isso significa espiritualmente. Em muitas partes do mundo antigo, era uma serpente literal pendurada na árvore sagrada ou Tau, a cruz. Os druidas cortam da árvore sagrada uma cruz Tau que costumavam homenagear Wodan.

Este é o significado por trás do Pilar Irminsul que ficou em um dos locais druídicos mais sagrados no continente europeu até que foi destruído em uma cruzada cristã judaicamente apoiada para a região. Os cruzados cristãos foram combatidos por exércitos pagãos ao longo das décadas, em alguns casos até que todos os combatentes fossem mortos até o último homem numa guerra quase sem fim. Mas isso interrompeu a ulterior propagação do cristianismo na Europa durante séculos. A igreja não tinha nenhum poder real no noroeste da Europa até final do século 13 para o 14. A história tem sido reescrita para tentar encobrir isso, porque é o fim da Igreja em muitos níveis. Temos provas de igrejas pagãs totalmente activas no noroeste da Europa até o século 13.

Foi esse ato contra o Irminsul que provocou a «Era Viking», que levou a vários grandes capitólios cristãos sendo arrasados em vingança pelo Irminsul. Este sítio também contém a história e o conhecimento sagrado da raça Ariana retroagindo há mais de 15.000 anos.

O Irminsul é o Eixo do Monte Meru, a coluna do mundo, ou coluna vertebral, que conecta a terra aos céus do chacra raiz para a coroa e a serpente elevada. A mesma coluna e religião dos Arianos era exatamente a mesma religião do Pilar Innu no Egipto. Por alguma razão, esta está perdida entre os neo-pagãos que escrevem capítulos de bobagens insignificantes sobre o assunto. Esta é uma das razões dos Pagãos Bön (cátaros) adorarem uma Deusa chamada Maria. Porque este é mais um título para Astaroth, que é Isis Meru, ou Maria. Literalmente Eixo de Maria/Meru do Monte Meru da coluna vertebral. A árvore sagrada também foi chamada de Asherah em muitos lugares por este motivo. Pois Astaroth representa Sophia (luz serpentina) simbolicamente, ou o aspecto yin da alma no mundo antigo. Que se eleva até a coluna vertebral para iluminar o indivíduo para seu renascimento ou gnose. Isso revela muito da runa Iss. Os Bön também adoraram Lucibel, ou Lucifier. Eles observaram que a Igreja Católica era uma corrupção e blasfêmia judaica da religião Ariana, e não queriam nada com ela. A Igreja Católica empreendeu uma cruzada de 30 anos contra eles, extirpando-os na maior parte da área.

Os mistérios Helénicos (gregos) eram o mesmo que os dos druidas e egípcios. Hu, outro título para Wod, era o Deus que leva os Arianos do Norte para suas novas pátrias. Hu foi adorado como Dioníso (também chamado Huas, Hyas). Um dos principais significados de Dioníso relaciona-se com o sagrado monte no topo da coluna do mundo ou coluna vertebral. Os animais sagrados de Dioníso são o bode preto, a cobra e pavão, e ele também carrega uma lança ou vara, e sua hera é o símbolo da imortalidade. Mais ao Oriente, Dioníso é literalmente adorado como Siva. Mesmo os antigos gregos mencionaram isso inúmeras vezes, como fizeram os Arianos védicos do Oriente. Os Ganas de Siva são ao Bacantes, ambos têm o falo sagrado etc. Outro título para Wodan foi Esus, e percebemos Dioni-esus.

Ictus, ou «O Peixe», era um dos nomes de Dioníso, o falo divino, e também foi demonstrado em forma de peixe. O falo é a coluna vertebral com a kundalini completo elevada. EA (Oannes) também é mostrado como um Deus-peixe camuflado e Senhor da Água no Oriente-Médio pelo mesmo motivo. A força vital.

Como D. M. Murdock observa:
«A palavra ‹Buda› está relacionada com o termo egípcio para a figura paterna do Deus-Celeste ‹Ptah› e ‹Puttha›, bem como ‹Pytha›, como em Pitágoras (Buda + Guru).»

Churchward também declarou:
«Buda é o seu representante do Ptah dos egípcios.»

Mencionei antes como o budismo é o cristianismo do Oriente, mas sob a corrupção, jaz algum forma da origem que nos dá a evidéncia forense para ver o original, se puder procurar fundo o suficiente. Quando afirmo Buda, não estou escrevendo sobre o fictício Gutama, mas o Deus pagão original e tal título.

No Sri Lanka, Buda ainda é chamado de Wod ou Wodan. Assim como Cristo, Christos era originalmente o título eterno do Deus-Sol pagão cuja origem é «Karast» ou «Krist», o título para o Deus pagão ressuscitado, ambas as ortografias significando «sol/iluminado», Budhaya também o é pela mesma razão e mantém o mesmo significado. Então, nós estamos olhando para Wodan em um nível mais amplo. Como noto, cristianismo é uma porcaria judaica literalmente corrompida da religião Ariana original da qual todas as regiões arianas compartilham da mesma tradição em sua esséncia. Em um conto, Buda transforma-se em uma serpente para curar uma pessoa. Esse conto foi tirado direitamente das páginas do mundo pagão. E assim é parte do modelo de origem, ficou exteriormente misturado com as mentiras do inimigo. Buda também é crucificado em uma árvore nos textos mais antigos e renasce três dias depois etc. Esta é das partes restantes do mito pagão original.

Aqui nós estamos olhando para o Graal, bem como os ritos bacanais que tinham um copo especial chamado Agathodaemon (boa serpente), do qual era bebido vinho consagrado. E Buda tinha um cálice serpentino que ao beber, deu-lhe iluminação e imoralidade/vida eterna. A lamentação representava o sangue da serpente (energias kundalini, mencionadas em alguns textos como mercúrio/éter) e a taça, o mundo ou a alma humana. Deve-se notar que Agathodaemon significa «Boa Serpente», da qual o título Daemon se conecta com as serpentes. Em alguns textos, nossos Deuses eram chamados de serpentes flamejantes, no sentido de resplandecentes. A serpente e o sol são uma e a mesma coisa. Portanto, estamos olhando para a Magnum Opus. O Graal é o símbolo literal de Lúcifer.

O guerreiro deve morrer perfurado por uma lâmina (principalmente espada) na batalha para ir ao Valhalla. Isso é uma alegoria para o estágio do caos e a ascensão da Kundalini, e seu aspecto perfurante. No mundo antigo, a espada, lança e adaga eram também símbolos do poder da Serpente. A Valquíria leva-o sobre a ponte do arco-íris para o Valhalla, estamos olhando para a Shaki subindo a coluna para o chakra coronário. No Oriente, onde Bon Po (Po é outro nome para Budhaya) foi a sua tradição núcleo, este foi chamado de a Grande Perfeição e centrado na criação do «Corpo de Arco-Íris». Os Veda carregam as mesmas imagens do arco-íris e assim fizeram as escolas helénicas. O pote de ouro no fim do arco-íris vem de tais escolas. Eles são uma alegoria que viveu em contos populares.

Bon Po foi substituído à força pelo modelo inimigo do «budismo», assim como o cristianismo fez com o modelo original no Ocidente.

Woden carrega uma lança que é a coluna vertebral, com a cabeça ou ponta sendo a glândula pineal é também, como declarado, um símbolo do aspecto perfurante da kundalini. Assim como Murugan carrega uma lança da qual a cabeça também é retratada como um olho de uma pena de pavão, e Siva carregando a Trident, e Ptah a vara. Nas Américas, onde os Arianos foram e transmitiram esta cultura, o mesmo Deus (Votan) ainda é literalmente chamado de «Estrela da Manhã». Woden também lidera a caçada selvagem assim como Siva no Oriente.

Então é por isso que Wodan governa Valhalla, pelo mesmo motivo que no Oriente ele governa Shambhala.

O que hoje é chamado Odinismo foi baseado na transformação e perfeição da alma à Divindade. Deus em sânscrito é Deva, que é o poder do Sol Espiritual. Os textos inteiros de Odin nas sagas são alegorias para a perfeição da alma. Eles foram alterados por cristãos. Mas o suficiente do original está dentro destes ao ponto de ser compreensível. Mas este foi parte da religião Ariana uma vez global.

Runas e a Árvore Sagrada: A Origem do Natal

Se olhar para trás na história, vê-se que a árvore é o núcleo de muito do simbolismo espiritual. A árvore é o símbolo da alma no Oriente e no Ocidente. Seu tronco é a coluna vertebral e os ramos, as nadis. O Homem-Deus que fica pendurado na árvore é conhecido por ser a personificação da serpente. Daí o título de tal homem ser sempre títulos de serpente. Agathodaemon significa «Boa Serpente», como um importante título de Dioníso.

Como Philip Gardiner ressalta, o título «Woden» significa literalmente para os antigos a serpente na forma de energia Kundalini. Este também é o significado do título Budha.

Em muitos lugares, o Deus foi descrito como uma árvore. Osíris, título de Asar, significa «Árvore Sagrada». Nosso termo para o feriado de Yule vem de Yew, a árvore sagrada. Daí o costume pagão de colocar a árvore sagrada. A estrela no topo é a auréola e as luzes os nadis iluminados, que simbolizava a iluminação da alma. O título de Druida é «Conhecedor da Árvore». E eles se chamavam de serpentes (Naddereds). A adoração da árvore é o fortalecimento da alma.

Sobre o Yule:
A árvore de Yule é um símbolo pagão ao ponto de ser abertamente proibida na bíblia cristã. É por isso que, quando foi reintroduzida na cultura europeia na Alemanha no século 16, causou tal alvoroço de protesto cristão como uma coisa PAGÃ por décadas e ainda causa até hoje.

Papai Noel vem de Odin e a igreja tentou judaizá-lo com besteira cristã. Originalmente, Wodan iria montar seu cavalo Sleipnir através do céu e descer a chaminé na véspera de Yule. Com presentes que seriam colocados nas meias de bons filhos. Que deixariam botas cheias de feno para o cavalo de Odin, Sleipnir. E sim, eles também teriam a árvore de Yule em suas casas.

Com a árvore sagrada, é por isso que o Deus era um Deus artesão. Em muitos lugares, de Surya para Esus (Wodan/Dioni-esus), um Deus carpinteiro. Pois o elemento da madeira simboliza o éter, o éter sutil da alma. Daí o costume de enfeitar a árvore, que é o artesanato para aperfeiçoar a alma. É afirmado, por essa razão, que Woden criou o primeiro homem e a primeira mulher a partir da madeira de árvores e soprou neles o fôlego da vida.

É por isso que os textos antigos declaram que as runas devem sempre ser esculpidas na madeira de árvores sagradas, como a Yew. Isso é uma alegoria, como mencionado pela Suma Sacerdotisa Maxine, para vibrar as runas na alma. A madeira é simbólica do éter da alma.

Note que Woden renasce ou ressuscita (um conceito pagão roubado posteriormente) pelo poder das runas, depois de ser pendurado na Árvore do Mundo durante nove noites e nove dias. O número de conclusão. Isso aponta para o fato de as Runas serem para a Magnum Opus.

Ainda há imagens disso no sítio do Pilar Cósmico na Alemanha, que era um antigo sítio e templo druídico. A Waffen-SS restaurou este sítio e realizou rituais lá. Era perto do castelo Wewelsburg.

Breve história do nacionalismo em Portugal

O seguinte artigo apresenta um histórico da tentativa legítima de avivar o nacionalismo e bem estar do povo português pelo nacionalista Francisco Barcelos Rolão Preto, apesar de não usar o termo «Nacional-Socialismo».

Sinal evidente de como vão mudados os tempos (e os ventos…) desde aquela madrugada sinistra de Abril de 1974 – um grupo de estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa evocou agora nas colunas de «O Dia» a memória de Rolão Preto, recentemente falecido, definindo-o quer como um dos fundadores do Integralismo Lusitano (face à mediocridade reinante e ao desprestigio total das esferas da nova cultura oficial, é tempo - dizem estes estudantes - de afirmar bem alto que à juventude compete determinar, aceitar ou recusar a herança histórica transmitida pela geração integralista) quer também, não o esqueceram, como o animador e o chefe, mais tarde, daquilo a que eles chamam (e, de facto, foi) «a epopeia do Nacional-Sindicalismo».

Como um dos poucos hoje ainda vivos da patrulha inicial do Nacional-Sindicalismo, permita-se-me que muito comovidamente me associe a esta homenagem prestada por jovens que, a menos de três anos do Alcácer-Quibir que reduziu Portugal ao pobrezinho e sufocante rectângulo ibérico, se atrevem (e galhardamente o fazem) a soprar com vigor em cinzas que pareciam mortas, para que se reanime a chama de outrora e volte a aquecer o coração dos portugueses.

De facto, o que foi o papel de Rolão Preto no movimento dos «camisas azuis» (azuis, mas de operária ganga) e o que foi a influéncia exercida por este movimento no Portugal da década de 30 «são matérias que exclusivamente à História compete julgar». Para que, porém, a História possa pronunciar-se, haverá, então, que não deixar cair no esquecimento, para que intencionalmente haviam sido relegados, nem esses anos da vida portuguesa, nem os homens que durante esse período souberam interpretar e encarnar as esperanças e aspirações do português de então.

Recorda o texto que «O Dia» publica terem-se referido alguns jornais – da esquerda, evidentemente – ao que teria sido «o passado nazi» de Rolão Preto, ao noticiarem a sua morte. Alusão, contra a qual os estudantes protestam.

António Pedro militara com o extraordinário poeta que foi Guilherme de Faria numa vaga e romântica tentativa de rejuvenescimento do velho e simpático Partido Legitimista. António do Amaral Pyrrait – alma e verbo de fogo – fora aluno dos jesuítas. António de Sousa Rego – vitimado pela tuberculose com pouco mais de vinte anos – era um leitor quotidiano e atento de Jacques Bainville. António Lepierre Tinoco ainda era «caloiro» da Faculdade de Direito e já lia Georges Sorel. Quanto a mim, familiarizara-me com o pensamento de Maurras antes mesmo de ler António Sardinha. E Júlio Álvares Pereira de Matos chegara-nos de Paris, onde fora (estudante no «Quartier Latin») «camelot du Roi».

Relativamente a Rolão Preto, até assumir a direcção da «Revolução», onde se revelaria um empolgante jornalista, um orador de poderosa garra e um espantoso dinamizador de homens (mas eu sonhei ou houve por aí alguém que o tenha classificado de «pobre diabo»?) apenas publicara um livro, «A Monarquia é a Restauração da Inteligéncia», mas um livro que figurava na biblioteca de todo o bom integralista, a par das obras de Sardinha, de Pequito Rebelo, de Hipólito Raposo.

Mas afinal quem foi Rolão Preto?

Francisco Barcelos Rolão Preto nasceu em 12 de Fevereiro de 1893 em Soalheira, Castelo Branco, e faleceu, com 84 anos, no hospital do Desterro, em Lisboa, na madrugada de sábado para domingo do dia 18 de Dezembro de 1977.

O retrato da sua vida é inquestionavelmente o do revolucionário integral, bem ao estilo da figura ideológica que foi definida pelo nosso bom amigo e camarada Giorgio Freda.

Foi exilado pela primeira vez por motivos políticos aos 14 anos de idade (1907). Em 1912 abandonou os estudos na Faculdade de Direito de Coimbra para se juntar às tropas de Paiva Couceiro, na Galiza. Condenado a 9 anos de prisão, evadiu se de seguida e exilou se. Na Bélgica, foi um dos fundadores e o secretário do Partido Alma Portuguesa (que veio a dar origem ao Integralismo Lusitano, do qual fez parte da sua Junta Central). Termina o seu curso de Direito em Toulouse, sendo igualmente licenciado em Ciéncias Filosóficas em Lovaina. Beneficiou de uma amnistia em 1917 e regressou a Portugal, mas logo para aderir em 1919 à revolução de Aires de Ornelas e tomando parte em todas as conspirações para derrubar a odiosa I República democrática até ao 28 de Maio de 1926, onde teve como sempre um papel decisivo. Foi ele quem redigiu o primeiro manifesto do marechal Gomes da Costa.

Um pouco a exemplo do que fez em França Georges Valois ao romper com a Action Française, Rolão Preto e os seus companheiros rompem em 1932 com a tradição monárquica clássica, para se lançarem numa aventura que nem a própria Acção Realista do escritor Alfredo Pimenta conseguiu acompanhar.

A 15 de Fevereiro de 1932 sai o n.º 1 do, o único jornal verdadeiramente fascista que se publicou em Portugal. Em 28 de Maio desse mesmo ano, Rolão Preto assume a direcção do jornal.

A sua repercussão a nível nacional foi enorme, criando a possibilidade da fundação de «um movimento nacionalista de trabalhadores portugueses, destinado à conquista e à organização do Estado pelo sindicalismo», movimento que pretendia continuar os propósitos da Revolução Nacional de 28 de Maio, os quais o salazarismo gradualmente ia esvaecendo.

Em Janeiro de 1933 surge um folheto assinado por Rolão Preto com o título «Salazar e a sua Época» onde, em tom desiludido, era constatado o clima reaccionário e burguês em que a Revolução Nacional caíra (é importante lembrar que foi por esta altura que o grande capitalista judeu Alfredo da Silva se passa para as hostes salazaristas com todo o seu séquito — talvez bem ao estilo de Hugengberg, Thyssen, Krupp…). Aqui aconteceu a primeira grande fricção entre salazaristas e nacional sindicalistas.

O Revolução foi o maior divulgador em Portugal das novas realidades da Itália fascista e da Alemanha nacional-socialista. É de uma forma entusiástica, que o jornal saúda a ascensão de Hitler ao poder.

Em 1934, Rolão Preto é pela primeira vez exilado por Salazar. Foi para Espanha e aí conviveu intimamente com José António Primo de Rivera, de que ainda existe uma foto sua com uma afectuosa dedicatória a Rolão Preto. Ajudou José António a redigir os 27 pontos da Falange e acompanhou toda a guerra civil espanhola.

Voltou a Portugal e voltaram as fricções com o Estado Novo. Depois de Salazar, digamos que de uma forma não muito elegante, ter provocado uma cisão no movimento nacional-sindicalista, e depois de vários incidentes, o movimento é dissolvido por decreto governamental. Cessa a publicação do Revolução. Os que não aderem à União Nacional dispersam se. Assim morre o movimento nacional revolucionário português dos anos trinta. E Rolão Preto passa, definitivamente para a oposição.

Mais tarde, fez parte da comissão de candidatura do almirante (1951) e do general Humberto Delgado (1958), foi candidato pela Comissão Eleitoral Monárquica (1969) e pela Convergéncia Monárquica (1973). À sua morte, era presidente do congresso do Partido Popular Monárquico.

A sua vida, e apesar do que possam dizer, foi, na minha modesta opinião, de uma cristalina coeréncia consigo próprio. Apesar das estranhas alianças com democratas e maçónicos, apesar de tudo e do que ainda mais queiram dizer, a sua vida foi, acima de tudo, a grande luta contra Salazar. Penso que não principalmente contra a pessoa em si mas contra tudo o que esta representava: a impossibilidade de continuar a Revolução, de a levar até ao fim, de fazer a segunda revolução: a revolução social, que a certa classe política e económica, muito ligada ao antigo Presidente do Conselho, naturalmente que nada agradava.

* * *

«Um movimento de doutrina e acção que se propõe realizar em Portugal a revolução dos trabalhadores, com o objectivo de promover o engrandecimento da Pátria, de instaurar a paz e a justiça social e assegurar a felicidade e o bem estar de todos os portugueses, num plano superior de vida austera e digna.» - definição de Nacional Sindicalismo.

Portugueses na *Divisão Azul*

Ttraduzido por PTNS da versão espanhola em 250º Spanische

Cada dia que passa acreditamos que tudo isto já foi falado, tratado ou visto e que não há nada por descobrir. Tal não corresponde à realidade, em especial as questões históricas, uma vez que o tempo apaga tudo, algumas vezes com a ajuda do homem, por vezes intencionalmente por acreditar que um acontecimento não tem alguma importância, outras vezes por pura negligéncia.

Escreveu-se, ou tentou-se, sobre o tema da Divisão Azul em mais de 300 Livros, muitos deles publicados no estrangeiro, centenas de artigos à memória de ex-divisionários, portanto através destes depoimentos todos, em nenhum é mencionada a participação de portugueses voluntários na Divisão Azul. Pelas contribuições encontradas, eram antigos combatentes, voluntários, da Espanha nacional que participaram na cruzada de 1936-1939, eram combatentes activos anti-bolcheviques que não quiseram perder a retribuição da visita feita a Espanha pela Rússia Soviética, querendo assim acompanhar os seus camaradas espanhóis na luta contra um inimigo comum.

Em ambos os casos provinham da Legião estrangeira Espanhola, a contribuição que nos deu a conhecer estes factos, sob o ponto de vista, ainda fresco, deve-se a declarações proferidas numa entrevista, executadas no mesmo ano, 1942, a João Rodrigues Júnior, um voluntário Português. Esta entrevista foi executado pela revista Portuguesa AESFERA, a 23 de Agosto de 1942 (esta revista, apesar de Portugal ser um país de influencia anglofila, a citada publicação tinha um carácter totalmente pró Nacional-Socialista, editada periodicamente, com reportagens muito boas, sobre a Guerra mundial e com secções, muito culturais, sobre os diferentes países do Eixo, entre eles a Espanha. O seu ultimo número, dava os pesamos, ao povo alemão pela morte do Fuhrer, Adolf Hitler, e encerrou a 8 de Maio de 1945, após o comité Aliado proceder ao apreendimento de bens de pessoas e empresas ligadas ao Eixo), na entrevista citada, que se transcreve a seguir, cita a existéncia de outros voluntários Portugueses que caíram nas garras Russas.

REGRESSO DA FRENTE DE LENINGRADO

Um legionário Português do Terceiro Reich que esteve na Divisão Azul:

Este rapaz, moreno e frágil, de 26 anos, que temos aqui connosco, tem muito que nos dizer. Chama-se João Rodrigues Júnior e nasceu em Mafra. É pintor da construção civil, depois de ter cumprido o serviço militar, partiu para Espanha, onde havia começado a guerra Civil, e se ofereceu, para a Legião Estrangeira, no ano de 1936. Depois de se ter alistado, partiu para Melillla, para receber instrução de Legionário e foi incorporado, combateu na terrível luta de Teruel, com temperaturas muito abaixo de zero, e também na batalha do Ebro e Catalunha. Foi ferido várias vezes e uma delas deixou-o cego durante algum tempo.

O seu contrato com a Legião foi por cinco anos e estava a terminar. Podia renova-lo ou sair, mas…

- Foi então que começou a guerra contra Rússia. E eu, devido aos anos de guerra na Espanha, sabia o que eram os bolcheviques e os seus ideais sobre a pátria, e decidi continuar a minha vida de legionário, lutando contra eles. Quando em Espanha abriram as inscrições para a campanha na Rússia, ofereci-me.

Na Divisão Azul havia mais legionários Portugueses?

- Sim, uns quinze. Julgo que fui o único que sobreviveu.

Na divisão houve muitas baixas?

- Umas sei mil, mas a verdade é que a maioria foi devido ao frio. Imagine o que é lutar com 35,5 graus abaixo de zero!

João Rodrigues, explique-nos a sua vida em Berlim. Vê-se que pertenceu à divisão Espanhola, que na cruzada contra a Rússia comunista tinha o número 250, e também teve, ferido, num hospital de campanha, Alemão.

- Quando a Divisão Azul atravessava a França, o comboio foi atacado por muitos aviões ingleses que não nos acertaram. E quando passamos na parte Francesa não ocupada, um grande grupo, incluindo algumas mulheres, insultou-nos e tentou roubar o comboio. Depois de chegarmos à Alemanha, fomos para a frente de Leninegrado, onde estivemos quase um ano sob o comando de um grande militar: o Major Ramirez de Cartagena. Combatíamos sem parar e com alguma violéncia. Mas o nosso pior inimigo era o frio - tanto era que algumas vezes tínhamos que lutar só com uma camisa, debaixo de temperaturas inimagináveis, os casacos que nos haviam dado pareciam pedras.

O que pensa da organização da campanha na Rússia, no que toca a cuidados com os combatentes?

- Sobre isso, como em tudo o resto, eu que estive na guerra de Espanha posso dizer que era fantástica. Os alemães organizavam tudo de forma admirável, comida, munições, transportes, assisténcia a feridos, etc.

E os Russos?

- Os seus ataques eram constantes e muito violentos. Mas «aquilo» é totalmente diferente do que se passa no nosso lado. Atacam sempre muitos, muitas vezes com mulheres, velhos e crianças muito pequenas, e também morreram muitos, porque não utilizavam a nossa táctica de caminhar com alguma distância uns dos outros, em grupos pequenos. Aqueles que nós vimos, não eram bons militares, pois não tinham preparação nem organização militar. Posso dizer que independentemente de muitos que passaram para o nosso lado, muitas divisões Russas foram feitas prisioneiras por grupos nossos muito mais pequenos, como aconteceu no sector do rio Volchov, onde a desproporção entre vencedores e vencidos foi impressionante.

E que ideia lhe deixaram os russos?

- Horrível. Roupas más, fome, sujos. As mulheres, na sua maioria eram miseráveis. Sem qualquer charme, sem sapatos, muitas usavam «serapilheira» atada aos pés!...

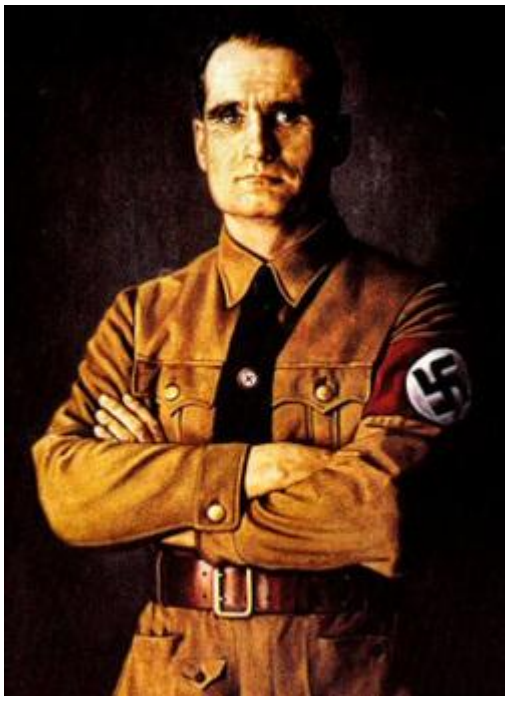
Bom exemplo dos resultados de um estado comunista!

- É verdade. O que era bom seria que fossem lá comprová-lo, os que querem saber o que é o comunismo.

Adolf Hitler: Homem de Paz

«Esta guerra faz regredir anos de no nosso trabalho construtivo. Ela é deplorável. Eu realmente não tornei-me o Chanceler do Grande Reich alemão a fim de conduzir uma guerra!»
-Adolf Hitler 1940

Se Hitler era o monstro que os judeus mentem e afirmam que ele era, ele poderia ter vencido a guerra. Hitler usou de misericórdia para todo o exército britânico em Dunquerque e pessoalmente ordenou a seus generais pararem o ataque e permitir que os ingleses saissem. Hitler poupou seus inimigos onde ele poderia ter matado a todos eles. Anteriormente e ainda, Hitler trabalhou o tempo todo para obter a paz com a Inglaterra. Muitos gentios na Inglaterra, incluindo membros da família real e até mesmo o famoso T.E. Laurence da «Arábia», ele mesmo era um pró-nazi. Laurence foi assassinado a caminho de uma reunião importante para ajudar a trazer um tratado de paz com a Alemanha antes da guerra.
ImagemRudolf Hess, mártir da paz
Rudolf Hess também fez uma missão fatídica a Inglaterra em 1941 para se reunir com os membros Pro-Paz da nobreza inglesa e do Governo e trazer a paz entre as duas nações, onde ele foi capturado pela polícia secreta kosher de Churchill e passou o resto de sua vida em uma cela solitária: «Hess era uma figura proeminente na Alemanha nazi, atuando como vice de Adolf Hitler no Partido Nazi. Às vésperas da guerra com a União Soviética, ele voou para a Escócia, em uma tentactiva de negociar a paz, mas foi preso. Ele foi julgado em Nuremberg e condenado à prisão perpétua onde morreu (foi assassinado) em 1987.



ImagemRudolf Hess, mártir da paz

«Minha vinda para a Inglaterra, desta forma é como eu percebo, tão incommum que ninguém a compreenderá facilmente. Fui confrontado por uma decisão muito difícil. Eu não acho que poderia ter chegado a minha escolha final a menos que eu tivesse continuamente mantido ante a meus olhos a visão de uma fila interminável de caixões de crianças com mães chorando atrás deles, inglesas e alemãs, e outra linha de caixões de mães com crianças de luto.»
-Rudolf Hess Declaração de 10 de Junho de 1941, como citado em Rudolf Hess: Prisioneiro da Paz (1982) por Ilse Hess (sua esposa).

«Eu estava desconfiado por vários motivos... Afinal, Hess que havia sido capturado em Spandau há quase 30 anos estava então com 93 anos de idade e frágil. Eu duvidava que ele tinha forças para se matar com um cabo que não era ligado em ambas as extremidades por qualquer coisa.»
- O tenente-coronel Eugene K. Bird sobre a morte de Hess, para a Deutsche Presse-Agentur repórter, como citado em «O ex-governador de Spandau Prison morre em Berlim» em Expatica (07 de novembro de 2005).

Hess foi assassinado pelos judeus para «remover as pontas soltas» e eliminar qualquer pessoa que ainda possa estar viva para contar a verdade.

E claro, o holoconto é uma mentira:

- Auschwitz - As câmaras de gás são uma farsa: http://youtu.be/Pdiy1_22MaI
- David Cole em Auschwitz – video 1 de 6: http://www.youtube.com/watch?v=KeMqWqdrfz4
  Até mesmo um JUDEU admite e comprova que o «holocausto» é uma MENTIRA!
- «Sobreviventes» do holoconto a dizer a verdade!!! http://youtu.be/hspMyYOR4YE

Hitler também proibiu o uso de armas químicas e não permitir a criação de armas nucleares, pois estava enojado e horrorizado com tais coisas. Hitler foi um soldado de combate de frente (condecorado por bravura) por toda a Grande Guerra e soube em primeira mão que tais armas eram de criação judaicas (o criador de armas de gás foi um químico judeu). Ele como milhões de homens experimentou ser ferido por essas armas. Os criadores de armas e guerras atómicas foram um judeu chamado Oppenheimer e seus companheiros judeus que estavam por trás de começar a construí-las e usá-las. O Japão já ia render-se aos Aliados, então não havia necessidade de usar armas atómicas sobre eles. Foi ódio talmúdico sobre gentios, nada mais. Foi a politicagem dominante judaica nos Estados Unidos que forçou o Japão a guerra propósitalmente, em primeiro lugar, a colocar embargos no Japão que o teriam deixado empobrecido e faminto. Os judeus cometeram um verdadeiro holocausto no Japão, porque eles também queriam testar suas novas armas atómicas em uma população Goyim real.

A razão pela qual a América entrou na guerra era que nesse tempo a elite judaica estava no controle de suas redes vitais e por isso fez de tudo para empurrar a América para a guerra. Sob governo do cripto-judeu Roosevelt (de ascendéncia judaica holandesa) e sua equipe, que lembra mais uma lista da sinagoga. Roosevelt, em um telegrama para o Premier francês Reynaud, em 15 de junho de 1940, prometeu duplicar a ajuda americana para a França sob a condição dela continuar a guerra contra a Alemanha. Em 19 dez 1339 um navio de guerra americano, a Tuscaloosa, manobrou um navio de passageiros alemães, a Columbus, para as mãos da Marinha britânica, enquanto na zona de segurança, que foi afundada pelos alemães. Em janeiro de 1940, o navio de guerra americano Tréton, em violação do direito interno, relatou os movimentos dos navios comerciantes alemães Arauca, LaPlata e Wangoi de forças navais inimigas. Em 27 de junho de 1940, Roosevelt anunciou uma limitação à livre circulação de navios comerciantes (eixo) estrangeiros nos portos americanos, que também é uma violação da lei interna. Em novembro do mesmo ano, Roosevelt permite que navios de guerra americanos para perseguir o comerciante alemão navios Frígia, Idarwald e Rhein, que terminou em afundar todos os três navios para evitar a captura. Este e seus actos idénticos são todos os actos de guerra provocados contra a Alemanha. Ajudar nações inimigas a atacar seus navios e cidadãos.

Roosevelt também enviou o chefe OSS, Coronel Donovan, para iniciar revoltas contra a Alemanha e a Itália em Sofia e Belgrado.

Roosevelt então permitido cidadãos norte-americanos a se juntarem à FAR, enquanto também abertamente a treinar o pessoal da FAR nos Estados Unidos. Em setembro de 1940, Roosevelt transferiu cinquenta Destroyers americanos à marinha britânica. Em março de 1941, Roosevelt impôs a Lei Lend-Lease sobre a América, que significava que como Presidente, poderia fornecer oficialmente o máximo de ajuda que ele quisesse (à despesa dos contribuintes de imposto), que ele sentiu que era do interesse americano a defender a Judiação Soviética. Esta ajuda foi a principal razão da Besta Vermelha ser capaz de sobreviver no início da guerra do Oriente.

Roosevelt também trabalhou para impedir outras nações de fazerem a paz ou terem quaisquer relações de paz com a Alemanha, a usar a política económica como arma contra eles. Em 1940, ele congelou todos os activos da Noruega e da Dinamarca, apesar do facto da Alemanha não ter o plano de impor ou ditar uma política financeira a qualquer nação. Mais tarde, activos belgas na América foram também congelados (congelado = roubado) com Roosevelt a reconhecer painéis absurdos de exilados de nações como os governos no exílio. Um acto de hostilidade flagrante para o eixo Europa.

As acções de Roosevelt mesmo antes da guerra, mostraram seu compromisso de fazer guerra em qualquer nível contra a Nação nacional-socialista na Europa.

Em 13 de abril de 1941, navios americanos foram permitidos a passarem livremente pelo Mar Vermelho para abastecer exércitos britânicos a lutarem no Oriente Médio. Em março do mesmo ano, os americanos começaram a confiscar abertamente todos os navios alemães que podiam, enquanto tratava os cidadãos alemães como prisioneiros, mais uma vez em violação do direito internacional. Em outra acusação, dois oficiais alemães que escaparam da prisão canadense e fugiram para a América, onde em violação do direito internacional, voltaram acorrentados ao Canadá, que estava em guerra contra a Alemanha. Ao mesmo tempo, navios de guerra americanos começaram a aumentar as patrulhas na comunicação do Atlântico Ocidental para a marinha britânica em todas as observações nos navios do Eixo, militares ou civis, enquanto a reparavam navios britânicos em portos dos Estados Unidos. Em maio, os navios noruegueses que trabalhavam para a Grã-Britanha, eram abertamente eram armados e reparados nos portos americanos em violação do direito internacional. Em junho, as tropas americanas chegaram a Groenlândia para começar a construir bases aéreas militares. Em seguida, no dia 9 do mesmo mês, foi um relatório britânico em que Roosevelt ordenara abertamente a um navio de guerra americano atacar um submarino alemão ao largo da Groenlândia. Então activos alemães, em violação da lei internacional, no mesmo mês nos Estados Unidos, foram oficialmente congelados. Na mesma época, Roosevelt ordenara a retirada dos cónsules alemães e pede o fechamento da agéncia de notícias alemã «Transocean», a biblioteca alemã de informação em Nova Iorque, bem como o escritório alemão ferroviário nacional (Reichbahn).

Em julho de 1941, as forças armadas americanas sob Roosevelt, ordenaram ocupar a Groenlândia, que estava em uma área de operações militares alemãs. Na esperança de forçar a Alemanha a uma guerra contra a América e tentar influenciar o resultado das operações dos submarinos alemães, contra o favor da Alemanha. Como parte deste, em 10 de julho de 1941, o Secretário da Marinha Américana, Frank Knox, ordena que todos os navios de guerra norte-americanos sejam oficialmente ordena a disparar em todos os navios do Eixo. Esse é um outro anúncio aberto de guerra contra a Alemanha pelo governo americano. Em setembro do mesmo ano, o navio de guerra Greer EUA junta-se com navios de guerra britânicos para atacar submarinos alemães no Atlântico. Logo depois, um submarino alemão identifica navios de guerra americanos a atuarem como escoltas militares abertas para comboios britânicos.

Roosevelt admite abertamente em um discurso proferido em 11 de setembro de 1941 que ele tinha dado pessoalmente a ordem para navios de guerra americanos a dispararem em todos os navios do Eixo e que repetidamente ordenou. No dia 29 do mesmo mês, navios de guerra patrulheiros americanos atacam um submarino alemão ao largo da Groenlândia. Em 17 de outubro, o navio de guerra americano Keanry a agir sobre essa ordem, ataca outro submarino alemão. Então, em novembro do mesmo ano, navios de guerra americanos, em violação ao direito internacional, capturam o navio alemão Odenwald a levá-lo a um porto americano e prendem a tripulação

O governo americano e seus controladores judeus já haviam declarado guerra à Alemanha em particular durante anos. Os mesmos métodos usados contra o Japão, para forçá-los a uma guerra. Não é nenhum segredo o facto do governo dos EUA saber sobre Pearl Harbor com meses de antecedéncia e não fazer nada, pois queriam uma razão oficial para fazer o que vinham a fazer o tempo todo.

Foto: Mãos atadas. Multilaram e assassinaram 18 Volksdeutscher (alemães de sangue), dos quais dois eram crianças. Atrocidades polacas contra os Volksdeutscher.

Algumas das 50 mil vítimas do massacre Broomberg. Como a foto denota, nem as mulheres nem as crianças foram poupadas pelos esquadrões da morte polacos. Iste foi o porquê do exército alemão entrar na Polónia para pôr fim depois de numerosos pedidos de paz foram ignorados. Que levou os judeus a instigarem estes eventos que causaram a guerra.

Polónia e mais ódio judaico:
O mesmo judeus colocaram embargo internacional sobre a Alemanha durante o 1930 (veja «Judea Declares War on Germany/Freedman confessions»), que teria deixado 1/3 do povo alemão em inanição. Mesmo assim, a Alemanha não foi para a guerra até que Hitler não tivesse outra opção a não ser invadir a Polónia para parar o genocídio da população étnica alemã, que havia matado cerca de 20 mil a 50 mil pessoas inocentes pela criação e apoio judaico a esquadrões de assassinato ao estilo haitiano. E isso foi depois que Hitler havia avisado a Polónia para para e apelar à Liga das Nações, a ONU daquela época, para fazer alguma coisa. O massacre de Broomberg foi o estopim. Milhares de alemães foram massacrados, literalmente, ao estilo de Ruanda. A Invasão à força da Polónia por Hitler foi feita para acabar com o genocídio de milhares de pessoas inocentes, pois os apelos a razão e a compaixão haviam falhado. Churchill, o fantoche judeu, e quem cuja mãe era judia, como até mesmo relatou o Jerusalem Post, desde 1936 estava a ser financiado por um grupo de banqueiros, principalmente judeus políticos e empresários chamados «O Grupo do Foco», recebeu uma enorme quantidade de dinheiro pelo Presidente judeu da empresa Shell em julho daquele ano. Ele fez um acordo com o governo polaco por debaixo dos panos. Eles forçaram a Alemanha a atacar por qualquer meio e em seguida, a Inglaterra e a França poderiam declarar guerra como se fossem o lado moralmente justo. Este foi para abrir uma guerra de duas frentes: a Polónia no Oriente e a França e Inglaterra no Ocidente, que deveria derrotar a Alemanha, pois o exército polaco sozinho superava o alemão em número. As principais áreas da sociedade polaca foram sem dúvida muito bem subvertidas por judeus até este ponto.

«Senhor Nathan Rothschild era o homem mais poderoso na Grã-Bretanha.»
-Primeiro-ministro britânico Lloyd George

O Império Britânico esteve sob controle judaico durante um século até este ponto com as dinastias bancárias judaicas. Muitos desses judeus também se tornaram parte da nobreza britânica, como os Rothschild: «A família Rothschild... O ramo britânico da família foi elevada à nobreza britânica a pedido da rainha Victoria. Argumenta-se que durante o século XIX, a família possuía de longe, a maior fortuna privada do mundo, e de longe, a maior fortuna da história do mundo moderno.»

Mesmo a ter os judeus no controle do governo britânico directamente como Disraeli:
«Benjamin Disraeli, primeiro Conde de Beaconsfield, KG, PC, FRS (21 de dezembro de 1804 ¨ C 19 de abril de 1881) foi um primeiro-ministro britânico, parlamentar, político conservador e figura literária. Ele veio de origens relactivamente humildes. Serviu o governo por três décadas, duas vezes como primeiro-ministro do Reino Unido. Apesar de seu pai o havia batizado ao anglicanismo aos 12 anos, ele foi no entanto o primeiro e, até agora, apenas o primeiro-ministro da Grã-Bretanha, que nasceu em uma família judia originária da Itália.»

Eles não contavam com o facto de Hitler ser um génio que criou um moderno Exército do Povo e táticas de guerra iluminadas que se tu estudares a história do pensamento revolucionário e militar, estavam muito à frente do seu tempo. Daí o motivo da Polónia e, em seguida, a França, sucumbirem em duas semanas cada. Mesmo depois do que os judeus perversos terem feito aos alemães e a Europa, Hitler ainda pediu e deu termos justos de amizade, não como um conquistador. A França fer acordo com o Governo Nacionalista Vichy, mas a Inglaterra se recusou. A Polónia ficou sob ocupação, a considerar o que tinha acontecido e que Polónia já havia invadido a Alemanha várias vezes antes do período Weimar, eles foram tratados com respeito sob as ordens directas de Hitler, não havia nenhuma acção de vingança tomadas para a população polaca referente ao massacre de Broomberg.

A Judiação Soviética, que atacou a partir do leste, a aproveitar da situação para uma tomada de poder, no entanto cometeu genocídio contra a população polaca, o exemplo mais famoso a ser o massacre de Katyn: «O massacre de Katyn, também conhecido como o massacre da floresta de Katyn, foi uma execução em massa de cidadãos polacos realizado pela polícia secreta soviética NKVD em maio/abril de 1940. Foi com base na proposta de Lavrenty Beria para executar todos os membros das Corporações Polacas de Oficiais, em 5 de Março de 1940. Este documento oficial foi então aprovado e assinado pela burocracia política soviética, incluindo seu líder, Joseph Stalin. O número de vítimas é estimado em cerca de 22 mil, o número mais citado a ser 21.768. As vítimas foram assassinadas na floresta de Katyn, na Rússia, as prisões de Kalinin e Kharkov e em outros lugares. cerca de 8 mil eram oficiais feitos de prisioneiros durante a invasão soviética de 1939 na Polónia, a ser o restante médicos polacos, professores, legisladores, policiais e outros funcionários públicos detidos por alegadamente serem « agentes de inteligéncia, policiais, proprietários de terras, sabotadores, donos de fábricas, advogados, funcionários e sacerdotes». Dado que o sistema de recrutamento da Polónia exigia a cada universitário a se tornar um oficial da reserva, a NKVD foi capaz de reunir grande parte da inteligéncia polaca».

A Batalha da Grã-Bretanha começou em defesa contra o envio de bombardeiros Kosher de Churchill sobre o canal para bombardear cidades e vilas alemãs primeiro. Hitler avisou para parar tais acções. Churchill recusou-se e depois várias vezes, em seguida, Hitler mandou a Força Aérea Alemã em todo o canal e, em seguida, apenas para bombardear as bases das Forças Aérea Britânica para paralisar os bombardeiros terroristas Kosher Churchill e Harris FAR de atacarem mais centros civis alemães.

O que aconteceu foi durante um ataque noturno, um dos bombardeiros alemães a pensar que eles já estavam sobre o canal, teve que abandonar seu excesso de bombas para deixar combustível para voltar para casa. Infelizmente eles estavam em uma cidade britânica, mas desde que os apagões estavam em alta, eles não tinham como saber. Eles trabalharam para evitar qualquer causalidade civil, ao ponto sob vinte e um mil para toda a batalha. Mesmo quando estavam em posição que poderiam ter varrido a metade da Inglaterra. E isso foi só depois de Hitler recuar para tentar fazer a paz com a Inglaterra a partir da década de 1930 em diante. Como mencionado, mesmo a poupar todo o Exército Inglês em Dunquerque.

A parte oculta dos protocolos da guerra talmúdicos aérea em acção:
«13 e 14 Fevereiro de 1945. Holocausto sobre Dresden, conhecida como a Florença do Norte. Dresden era uma cidade hospital para soldados feridos. Nenhuma unidade militar, nenhuma bateria anti-aérea havia sido implantada na cidade juntamente com os 600 mil refugiados de Breslau, Dresden estava preenchida com cerca de 1,2 milhões de pessoas. Churchill pediu «sugestões de como incinerar 600 mil refugiados». Ele não estava interessado como alvo instalações militares a 60 milhas longe de Dresden. Mais de 700 mil bombas de fósforo foram lançadas em 1,2 milhões de pessoas. uma bomba para cada 2 pessoas. A temperatura no centro da cidade chegou a 1.600° Centígrados. Mais de 260 mil corpos e restos de corpos foram contados. Mas aqueles que pereceram no centro da cidade não podem ser contados. Cerca de 500 mil crianças, mulheres, idosos, soldados feridos e os animais do zoológico foram mortos em uma noite.»

«Na verdade, pouco havia sido feito para fornecer a cidade antiga de artistas e artesãos com as defesas antiaéreas. Uma esquadrilha de aviões haviam sido estacionada em Dresden por um tempo, mas a Luftwaffe decidiu mover a aeronave para uma outra área onde seria mais útil. Um acordo de cavalheiros parecia prevalecer, a designar Dresden como uma ‹cidade aberta›.»

Uma oportunidade fácil de assassinato em massa por judeus, como tantas pessoas inocentes quanto possível. Cem mil pessoas morreram nos primeiros 20 minutos do ataque.

Uma testemunha sobrevivente disse ver «mulheres jovens a carregar bebês, a correr para cima e para baixo nas ruas, seus vestidos e cabelos em chamas, a gritarem até cairem, ou os prédios a desabar em cima deles».

Como o governo alemão declarou após o ataque:
«Dresden não tinha indústrias de guerra, era um lugar de cultura e clínicas.»

«O que distingue este ataque era a crueldada a sangue-frio com que foi realizado. Mustangs americanos apareceram sobre a cidade, metralhando tudo o que se movia, a incluir uma coluna de veículos de resgate a correr para a cidade para evacuar os sobreviventes. Um ataque visava as margens do rio Elba, onde os refugiados tinham se amontoadas durante a noite horrível.»

Os cidadãos de Dresden mal tiveram tempo para chegar aos seus abrigos. A primeira bomba caiu às 22h09. O ataque durou 24 minutos, a deixar o centro da cidade um mar revolto de fogo. ‹Bombardeios precisos› haviam criado a tempestade de foga desejada.

Houve uma pausa de três horas entre o primeiro e segundo ataques. A calmaria foi calculada para atrair civis fora de seus abrigos a céu aberto novamente. Para escapar das chamas, dezenas de milhares de civis lotaram o Grosser Garten, um magnífico parque de quase uma milha e meia de quarteirão.

O segundo ataque veio às 1h22 sem aviso prévio. O dobro de bombardeiros voltou com uma carga enorme de bombas incendiárias. A segunda onda foi projectado para espalhar a tempestade violenta no Grosser Garten.

Foi um completo ‹sucesso›. Dentro de alguns minutos, uma folha de fogo rasgou toda a grama, a arrancar árvores e a varrer outras coisas com tudo, desde bicicletas a membros humanos. Nos dias seguintes, eles permaneceram estranhamente espalhados como lembranças sombrias do sadismo aliado.»

No início do segundo ataque aéreo, muitos ainda estavam amontoados em túneis e adegas, aguardando os fogos do primeiro ataque a morrer. Às 01h30 um barulho sinistro chegou aos ouvidos do comandante de um comboio de serviço do Trabalho enviou para a cidade em uma missão de resgate. Ele a descreveu da seguinte forma:

«A detonação sacudiu as paredes do porão. O som das explosões se misturavam com um som novo e estranho que parecia chegar mais e mais perto, o som de uma cachoeira trovejante. Era o som do poderoso tornado a uivar no interior da cidade.»

«Outros escondidos debaixo da terra morreram, mas eles morreram sem dor. Eles simplesmente brilhavam laranja e azul na escuridão. A medida que o calor se intensificava, eles ou se desintegravam em cinzas ou derretiam em um líquido espesso, muitas vezes três ou quatro pés de profundidade em alguns pontos.

Pouco depois das 10h30 da manhã de 14 de Fevereiro, o último ataque varreu a cidade. Bombardeiros americanos abateram o entulho que havia sido Dresden numa velocidade constante de 38 minutos. Mas este ataque não foi tão pesado quanto os dois primeiros.

No último ano da guerra, Dresden havia se tornado uma cidade hospital. Durante a noite anterior ao massacre, os enfermeiros heróicos tinha arrastado milhares de pacientes mutilados para Elba. Os Mustangs a voarem baixo metralharam os doentes desamparados, assim como milhares de homens velhos, mulheres e crianças que haviam escapado da cidade.

Quando o último avião deixou o céu, Dresden era uma ruína queimada, suas ruas enegrecidas cheias de cadáveres. A cidade não foi poupada de horror. Um bando de abutres escapou do zoológico e engordaram na carnificina. Os ratos invadiram as pilhas de cadáveres.

Um cidadão suíço descreveu sua visita a Dresden duas semanas após o ataque: «Eu podia ver os braços e pernas arrancados, torsos mutilados e cabeças que tinha sido arrancadas de seus corpos e roladas. Nos locais os corpos ainda estavam deitados tão densamente unidos que eu tive que abrir um caminho através deles para não pisar em braços e pernas.»

Kurt Vonnegut era um prisioneiro de guerra americano que estava em Dresden quando esta foi bombardeada em 1945, e escreveu um famoso romance anti-guerra, Slaughterhouse Five (nomeou na área que ele refugiou-se ao sobreviver o bombardeio da cidade). Ele afirmou após o ataque a cidade parecia ser a «superfície da lua».

Foto: Dresden após o ataque aliado.

«Em dezembro de 1944, Vonnegut foi capturado pelo exército alemão e tornou-se um prisioneiro de guerra. Em Slaughterhouse Five, que ele descreve como ele escapou por pouco da morte alguns meses depois do bombardeio de Dresden. ‹Sim, por seu povo (do Inglês), posso dizer,› ele insiste. ‹Vós queimastes o lugar, transformaram-no em uma única coluna de fogo. Morreram mais pessoas lá na tempestade,naquela grande chama sozinha, do que morreram em Hiroshima e Nagasaki juntas. Eu gosto de seu povo, de vez em quando, mas eu estava pensando no bombardeiro Harris, que acreditava que ataques a populações civis as fizessem desistir. Um inferno de um monte de gajos da Força Aérea Real tinham vergonha do que Harris os fez fazer. E isso é realmente esportivo e é claro, os britânicos são famosos por serem bons desportistas.»

Como um membro da FAR que participou do ataque afirmou posteriormente: «eu encontrei-me a fazer comentários para a tripulação: oh Deus, essas pobres pessoas, foi completamente desnecessário. Não se pode justificar isso.»

Aqui está um exemplo de um ataque menor da FAR:

«Durante os últimos estágios da Segunda Guerra Mundial, Porzheim, uma cidade no sudoeste da Alemanha, foi bombardeada várias vezes. O maior ataque e um dos bombardeios da guerra mais devastadores foi realizado pela Força Aérea Real (FAR) na noite de 23 de Fevereiro de 1945.

Cerca de 17.600 pessoas ou 31,4% da população da cidade, foram mortos no ataque aéreo. Cerca de 83% dos edifícios da cidade foram destruídos, dois terços da área total de Pforzheim e entre 80 e 100% da cidade.»

A Bomber FAR ou Força de Genocídio de Ariel, levou um dos mais altos índices de morte que qualquer serviço na guerra da Grã-Bretanha. Pelo facto dos alemães terem lutado tão desesperadamente contra os ataques de bombardeios de terror sobre o seu povo, os pilotos de caça alemães iriam até mesmo jogar seus caças juntamente com eles mesmos em uma Bomber FAR apenas para impedir que mais um deles fosse capaz de matar mais de seu povo, tão terrível que era a situação.

A agressão judaica na guerra do Oriente em acção:

Hitler sabia que uma guerra defensiva contra o Exército Vermelho seria suicídio, já que estaria enfrentando até 30 milhões de soldados, milhares de tanques, aviões e armas pesadas. Se o Exército Vermelho não fosse atingido enquanto ainda se mobilizasse para a invasão, a Europa Ocidental estaria condenada. O judaísmo estava a jogar com sua grande mão vermelha, pois era a Judiação Soviética. Mesmo Stalin era um Yid. Seu verdadeiro nome «Djugashvili», que em Georgiano significa «Filho de um judeu».

A invasão da União Soviética foi feita depois da inteligéncia alemã informou-os com a evidéncia de que o Judiação Soviética estava a planear atacá-los na primavera de 1941, e sim, todo o Exército Vermelho estava a se mover nas fronteiras. Ele era grande demais para ser exercido sozinho. Era uma força de invasão. A operação Sea Lion, a invasão da Inglaterra não era nada mais do que um artifício para distrair os soviéticos do facto de que eles sabiam e estavam a preparar um primeiro ataque de sobrevivéncia.

O Chefe do Estado-Maior alemão Franz Halder afirmou que «a Rússia estava a se preparar para um ataque contra a Alemanha». «Nós sabemos hoje a partir de boas fontes que ele (Hitler) estava certo sobre isso.»

Em Nuremberg, General Winter testemunhou sob juramento: «Nós tivemos naqele momento, a impressão subjectiva de que estávamos a atacar uma implantação ofensiva em curso.»

General Jodl está no registro a indicar que Hitler nunca ao menos mencionou o ideal de Lebensraum em 1940, quando a discussão sobre uma guerra preventiva contra a Judiação Soviética veio à tona. Esta é uma declaração aberta ao facto condenável do quanto a máquina da mentira judaica tem trabalhado para reescrever a história. A guerra era defensiva e não ideológica de sua parte. Como afirmado por General Jodl que testemunhou em Nuremberg: «O Führer nunca foi chamado a minha presença, mesmo apenas uma dica de um outro motivo que não puramente estratégico.»

Hitler, pelo testemunho de Jodl, fez as seguintes declarações a ele, muitas vezes:
«Não há dúvida de que a Inglaterra agora coloca suas esperanças neste último hospedeiro continental (minha nota, a Judiação Soviética), senão ela já teria cancelado a guerra depois de Dunquerque... Acordos certamente já foram feitos. A implantação da Rússia é inconfundível. Um dia, de repente, nós seremos ou friamente chantageados ou atacados.»

Churchill em 1940, propositadamente rejeitou a oferta de paz da Alemanha e votou para manter a guerra em curso porque, como afirmou com o Sr. Stafford Cripps em reunião com os soviéticos em Moscovo, que tinha sido dado a promessa directa de que a Judiação Soviética ia entrar na guerra ao lado da Grã-Bretanha.

Assim, a Guerra do Oriente começou porque os judeus a começaram. O Exército do Eixo foi recebido como um libertador através das nações do Leste. Eles passaram como se tivessem libertado os gentios do domínio judaico sob o comunismo, que já havia assassinado mais de 20 milhões de gentios inocentes. Sete milhões de pessoas morreram no holocausto ucraniano sozinho, que foi supervisionado pelo judeu Lazar Moiseyevich Kaganovich, por ordem do judeu Stalin. Outros milhões morreram em um sistema de campos de extermínio chamados Gulags, cada uma dirigido por um comissário judeu. Os judeus só os obrigaram a trabalhar até a morte de propósito, pois atirae neles era rápido demais.

Foto de uma das valas comuns descobertas na Ucrânia. Este continha os corpos de até dez mil vítimas, todas assassinadas pela NKVD judaica em Vinnitsa.

Nos campos de sobreviventes:
«Se tu reclamas ou escreves qualquer coisa (Deus me livre), eles irão enquadrá-lo por tentativa de fuga ou qualquer outra coisa, e vão atirar em ti como um cão. Eles (os judeus) alinham-nos nus e descalços em 22ºC abaixo de zero e nos mantêm fora por até uma hora. É difícil descrever todo o caos e terror que está a acontecer em Kemi, Solovky, e as outras secções do campo de concentração... Eles forçaram presos a comer as própria fezes.»

Dezenas de milhões de gentios inocentes morreram nesses campos de execução judaicos. O judeu a ser o mestre da projeção, mentiu e projectou o que eles fizeram aos gentios nos gulags e alegaram que era o que os alemães fizeram com eles!

De facto, a leitura dos relatórios e cartas dos soldados do Eixo das primeiras ondas a iren para as antigas áreas controladas comunistas, eram os próprios cidadãos que estavam a enquadrar e punir os judeus em geral, pois todos sabiam que os comissários eram judeus locais e mesmo antissemitismo era literalmente punido com pena de morte sob o domínio vermelho. A Kosher NKVD, antes de fugir, enquadrava qualquer gentio que podiam e brutalmente assassinavam-no em massa com tudo, des de machados até balas em pura vilania talmúdica. Quando membros da família encontravam os corpos empilhados como madeira nos pátios, e como mencionado, eles sabiam que foram os judeus, então eles se vingavam. Foram as tropas do

Eixo que terminaram os pogroms, e não os começaram ao contrário das alegações kosher e sim, todos comissário dado os repugnantes crimes contra a humanidade que as tropas do Eixo os tinha descoberto foram ordenados serem fuzilados.

Os chamados «Partidários» no Oriente como no Ocidente eram, na verdade todos judeus, especialmente no início. O ramo ocidental da resisténcia (terror vermelho) movimentos como a famosa «Resisténcia Francesa», estava quase a um tipo de pessoa, judeus. Daí o porquê do Eixo ter que enquadrar e prender todos os judeus que podiam encontrar, pois sabiam que os judeus estavam a trabalhar contra eles como um colectivo racial terrorista por detrás das linhas e na frente. O Eixo Europa estava a lutar por sua vida neste momento. Com a abertura dos arquivos da KGB, foi constatado que as populações russas que viviam nos territórios libertados pelo Eixo trabalharam em plena cooperação com os alemães contra a besta vermelha judaica, essas pessoas tinham vivido totalmente sob o calcanhar vermelho e perderam muitos entes queridos sob este. Contrariamente à crença popular, nunca houve uma revolução «russa», mas os russos Brancos (nacionalistas) lutaram desesperadamente contra um golpe judaico internacional, do qual os exércitos vermelhos foram armados principalmente com os judeus do pale e bordo e dezenas de milhares de mercenários chineses compraram e enviaram do leste pelos judeus e escórias em geral.

Os alemães trabalharam com as comunidades russas (e outros europeus orientais) e construíram hospitais, novas fazendas, casas, centros comunitários e escolas. Eles liberaram várias Gulags e libertaram os prisioneiros a ajudar a restaurar-lhes a saúde e devolvê-los para suas casas e famílias e construíram um verdadeiro espírito de amizade com eles. Em lugares como a Ucrânia e como na Rússia, eles trabalharam com os moradores para ajudar a descobrir valas comuns de milhares de inocentes assassinados pela NKVD judaica. Ajudar a identificar o maior número possível e devolvê-los às suas famílias para os enterros adequados. Ao investigar os crimes e trazer qualquer responsável ainda na área à justiça, 99,9% daqueles levados à justiça eram judeus. Não há surpresa nisso. Também foi descoberto durante a investigação dos assassinatos da população pelos vermelhos lederados por judeus estavam seletivamente a mirar os melhores e mais brilhantes elementos da comunidade gentia. Depois dos assassinatos, qualquer propriedade que eles tivessem era dada às populações judaicas locais. Inspirado directamente do Talmude.

Os alemães ajudaram a criar em nações russas e outras orientais, um novo núcleo de comunidades nacionais-socialistas, qual era o plano real de Himmler para o Oriente se a guerra ocorresse. O Oriente estava a ser desenvolvido em Estados eslavos nacionais-socialistas, que seriam parte de uma grande Confederação Pan-Europeia. Para a multicooperação, melhoria e protecção das culturas, povos e nações indo-europeias comuns.

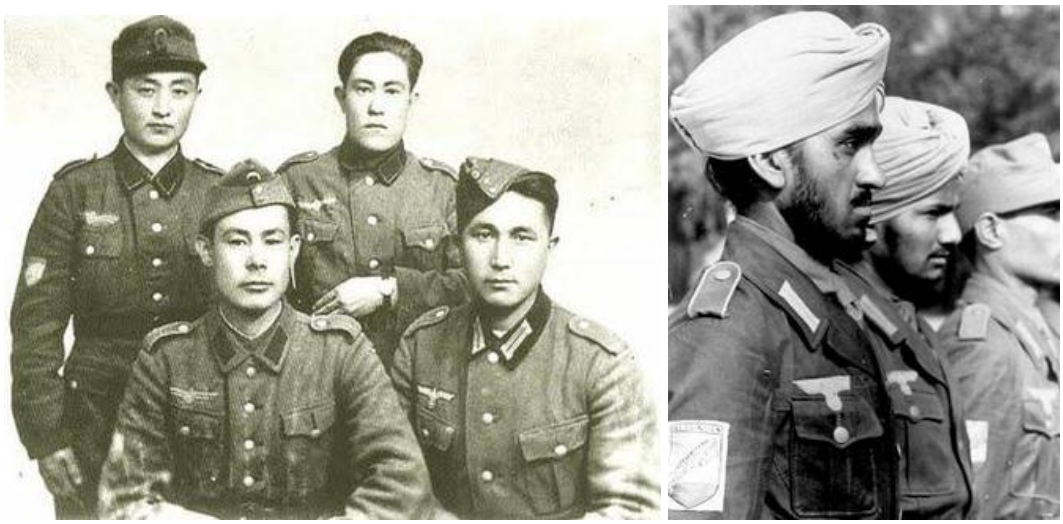
Outro evento da abertura dos registros de feitos da KGB foi a maioria das mortes de civis na Frente Oriental foram literalmente os de liquidações em massa de russos e outras populaces feitas pelos bolcheviques, pois eles sabiam que as populaces estavam a trabalhar com o eixo por sua libertação mútua. Eles tentaram negar ao Eixo qualquer material industrial, agrícola ou humano. A política de terra marcada foi aplicada a populações humanas também. Áreas inteiras foram varridas de qualquer vida.

Milhões de nações do Leste Europeu se ofereceram para lutar contra os judeo-bolcheviques e seu Exército Vermelho no Leste, 50 mil russos brancos lutaram com o 6º Exército em Stalingrado sozinhos e eles todos lutaram até o fim nessa batalha desesperada.

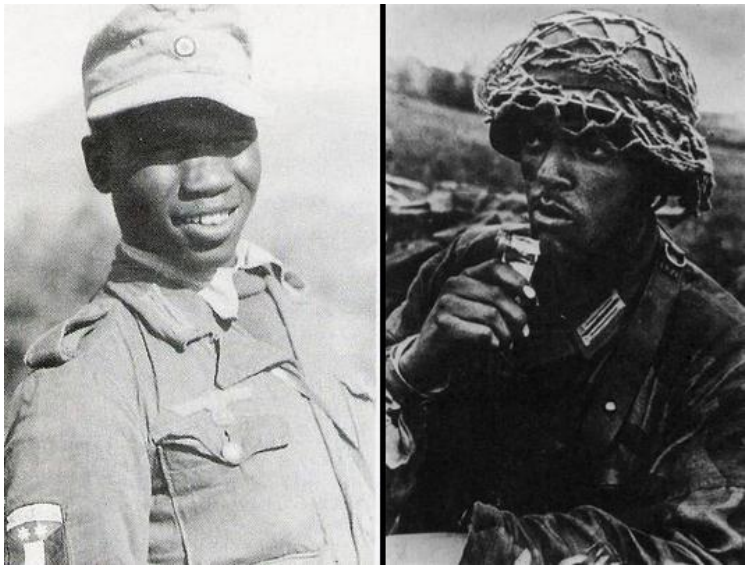
Centenas de milhares de europeus ocidentais e centrais ofereceram-se para ajudar a lutar na Waffen SS ao lado de seus irmãos orientais contra judeo-bolchevismo na frente oriental. Eles lutaram ferozmente mesmo em face de todas as adversidades. Kosher Stalin estava a implorar seus companheiros judeus para abrirem uma segunda frente no Ocidente. Apenas uma pequena porcentagem das Waffen SS era de cidadãos alemães. A grande maioria eram europeus de todas as nações livres da Europa. Até mesmo alguns ingleses lutaram nas fileiras.

Hitler fez pela primeira vez na história conhecida o que nenhum outro homem havia feito. Ele tinha Nações Unidas e os povos europeu a lutarem juntos como um só contra o monstro judeu no Oriente e toda a comunidade judaica global. Os europeus decidiram que queriam ser livres e estavam a lutar aos milhões para serem livres dos judeus.

Além disso, até mesmo indianos, negros, japoneses e guerreiros gentios tibetanos lutaram nas fileiras do Eixo como honrados irmãos gentios em armas. É um facto pouco conhecido que Hitler e o Dalai Lama eram aliados e milhares de tibetanos mortos em uniformes alemães foram retirados dos escombros de Berlim, onde morreram a lutar ao lado de milhares de outros guerreiros gentios livres.



Tropas asiáticas (esquerda) e indianas (direita) nas forças de Hitler



Combatentes negros nas forças de Hitler

Nas memórias de um soldado negro que lutou no exército alemão, ele escreveu que no exército norteamericano, soldados negros eram segregados e tratados como pessoas de segunda classe, enquanto que no exército alemão, ele e outros soldados negros viviam lado a lado com os soldados brancos, comiam nas mesmas mesas e tinham os mesmos direitos e privilégios, e eram tratados com igual respeito dos soldados brancos. Nacional-Socialismo é construído sobre o respeito racial e valores comuns de altruísmo.

Reunião de Hitler com o herói indiano e líder nacionalista, Chandra Bose.

O famoso líder nacionalista indiano Subhas Chandra Bose encontrou-se pessoalmente com Hitler e Himmler e também falou a grandes reuniões de líderes do Eixo na Europa e foi recebido por eles como um herói. Bose visitou os milhares de prisioneiros de guerra indianos sob custódia alemã que foram capturados como parte do exército britânico no Norte da África, que se recusavam a quebrar seu juramento de serviço para a Inglaterra. Depois de falar com eles em massa e em seguida, dizer-lhes a verdade.

Milhares de índianos se ofereceram para lutar pelo nacional-socialismo e tornaram-se nacionais-socialistas como era o próprio Bose em sua esséncia, e foram tratados como iguais pelos alemães. Bose até queria modelar aspectos importantes da Alemanha nacional-socialista para a nova nação indiana que ele esperava criar. Hoje, em toda a Índia há milhares de murais dedicados a Bose que é um herói famoso, muitos murais a representae a reunião icónica de Bose com Hitler, ambos a cumprimentar a mão do outro.

Os judeus mentiram sobre Hitler e falsamente projectaram nele o seu racismo vulgar:
http://verdadeiroholocausto.weebly.com/ns-nao-e-racista.html

As próprias declarações de Hitler sobre o tema do verdadeiro racialismo:

«Eu vos prometo que sou completamente livre de todo ódio racial. É, no meu caso, indesejável que uma raça se misture com outras raças.Com excepção de alguns sucessos do qual estou pronto a admitir, cruzamentos sistemáticas nunca produziram bons resultados. O desejo de permanecer racialmente puro é uma prova da vitalidade e boa saúde de uma raça. O orgulho em sua própria raça também é um sentimento normal e saudável. Eu nunca considerei o chinês ou o japonês a serem inferiores a nós. Eles pertencem a civilizações antigas e eu admito livremente que sua história passada é superior a nossa. Eles tém o direito de orgulharem-se de seu passado, assim como temos o direito de nos orgulharmos da civilização a que pertencemos. De facto, acredito que o mais firme que chineses e japoneses permaneçam em seu orgulho racial, mais facilmente acharei confraternizar consigo.»
-Adolf Hitler

Hitler queria que cada raça gentia preservasse suas próprias linhagens genéticas e culturas únicas e trabalhassem para tornar as melhores pessoas que poderiam ser no Cosmos. Esse é o verdadeiro cuidado para a ordem saudável da vida, da qual o judeu quer destruir.

O General das Waffen-SS, Leon Degrelle declarou:
«Racialismo alemão significava redescobrir os valores criactivos de sua própria raça, redescobrir sua cultura. Foi uma busca pela exceléncia, um nobre ideal. O racialismo nacional-socialista não era contra as outras raças, era para a sua própria raça. Este visava defender e melhorar a sua raça, e desejava que todas as outras raças fizessem o mesmo para si... Racialismo nacional-socialista era leal à raça germânica e respeitava totalmente todas as outras raças.»

Fotos da Freies Indien (Frente Indiana) e da Freies Arabien (Frente árabe) do exército NS.

Ética Revolucionária

I – MORAL

1 - Mantém o teu espírito de fora das correntes da moda e acima das críticas dos vendidos ao sistema. Apenas assim poderás conservar o juízo claro para lutar.
2 - Mantém o teu cérebro sempre activo. Não sejas ocioso. Contribui para a saúde do teu corpo mantendo a mente clara. Elege bem as tuas leituras ou pede conselhos a pessoas da tua confiança. Escreve, medita, estuda.
3 - Tem fé. A fé é um património que não te podem roubar. Tu és a única arma invencível. Contra o poder do dinheiro e a depravação materialista, levanta a chama da tua fé na vitória final.
4 - A fé não se raciocina. Não se chega a ela pela ciência ou pela razão. A fé leva-la no sangue e na alma e provém do Todo-poderoso. Só tens de cultivá-la e deixar que germine.
5 - Mantém-te à margem da propaganda burguesa e democrática. Os jornais, as revistas, o cinema, a televisão, estão impregnados de cepticismo, materialismo e numerosos valores negativos. Lê e difunde a imprensa Nacional Revolucionária que denuncie a hipocrisia do sistema.
6 - Despreza o traidor. O traidor carece de honra e é portanto indigno de ser tratado como um ser humano.
7 - Sê valente. Um carácter débil é facilmente vulnerável.
8 - Não confundas a valentia com inconsciência ou temeridade. Aquela é fruto da maturidade de um homem. Estas últimas são o reflexo de uma mente infantil.
9 - Despreza o cobarde, a cobardia é uma debilidade. O valente também tem medo, mas possui a força espiritual suficiente para vencê-lo. O cobarde é egoísta, pois assegura a sua própria integridade à custa dos demais.
10 - Respeita o inimigo sempre que ele seja digno de tal. Despreza o inimigo que não seja nobre.
11 - Não te deixes iludir por falsas concessões desta decadente «democracia» partidocrática. Não se trata de recuperar o que está podre, mas sim de promover aquilo que é são. Para que é que queres uma parcela do poder se podes criar um mundo novo?
12 - Mantém uma norma de conduta recta e nunca a abandones. Ao renunciares a um princípio pela dificuldade que ele implica, estarás a trair-te a ti próprio.
13 - Que haja coerência entre os teus pensamentos e as tuas acções. De contrário começas a viver como não pensas e acabas a pensar como vives.
14 - Não te deixes influenciar por aquilo que é fácil. Segue sempre o que a tua consciência te dite. Não existem dificuldades insuperáveis.
15 - Não confundas o amor com a mera atracção física. O prazer físico é efémero e, se se busca como único fim, degradante. O amor é altruísmo, negação do próprio ser para formar outro em que se confundem os espíritos dos amantes. Apenas assim o amor é eterno. Entrega-te à pessoa amada de alma e coração.
16 - O amor autêntico é forte, supera toda a penúria e enriquece-se por meio do sacrifício e do esquecimento de nós próprios. Na história, as únicas causas ou empresas que morrem são aquelas pelas quais o homem se nega a morrer.
17 - Respeita sempre o sexo oposto. O homem e a mulher têm valores espirituais que os fazem dignos da mesma admiração. A guerra dos sexos, artificial, pretende esconder que apenas no amor, no respeito e na colaboração mútua, o ser humano encontra a paz anímica e a tranquilidade necessárias para uma vida criadora.
18 - Mantém-te sempre preparado para a luta. Lembra-te que esta se apresenta em cada instante e sob muitas formas.

A luta física, uma guerra, é a mais fácil; sabes onde está o inimigo e os objectivos são claros. Mas as modas, as correntes ideológicas de origem obscura, as actividades degradantes, a vida fácil… são inimigos que podem destruir o teu espírito.
19 - Respeita o teu corpo. Tem em mente que um modo de vida decadente é um triunfo do inimigo. Uma figura recta é importante mas não é garantia suficiente, pois pode ocultar debilidades interiores nefastas. Cuida do teu corpo e do teu espírito.
20 - O vício degenera o corpo e o espírito. Evita que ele te domine. Pensa que, quanto mais enraizado esteja, mais difícil te será livrares-te dele. O vício rebaixa a condição humana e afasta-nos do arquétipo ideal para que deveríamos tender.
21 - Luta sempre pela verdade e despreza o mentiroso. A mentira é o refúgio do cobarde.
22 - Procura que a herança que um dia deixes aos teus filhos e aos teus camaradas seja rica em exemplos de nobreza, rectidão, educação, heroísmo e em tudo aquilo que faça da tua memória um modelo de comportamento.

II – ESTILO

1 - Sê discreto. Procura não molestar os teus vizinhos. Que a tua presença não seja notada pelo incómodo que provoca, mas sim pelo contrário.
2 - Não recorras ao extravagante para te fazeres notar. Procura ter uma personalidade suficientemente recta para não teres de recorrer a isso.
3 - Anda asseado e arranjado. O aspecto exterior é o reflexo fiel do nível espiritual da pessoa. Ainda que o hábito não faça o monge, representa-o.
4 - Mantém ordenado o sítio em que habitualmente te encontras. Pensa que as pessoas te julgarão pelo ambiente que te rodeia.
5 - Mas o que realmente importa não é tanto isso, mas sim que qualquer trabalho criativo e a harmonia espiritual não podem desenvolver-se no caos.
6 - Cuida das tuas expressões. Não sejas descortês nem desavergonhado. Não confundas a vivacidade de espírito com impertinéncia.
7 - Trata de não sujares nem estragares nada, tanto no campo como na cidade. Todo o que te rodeia é património da tua Nação. Não tens direitos exclusivos. Respeita os bens comunitários como se fossem os teus.
8 - Actua em conformidade com as tuas ideias. O inimigo está ansioso por converter os teus erros em armas contra a tua concepção do mundo. E sempre tirará mais proveito dos teus erros dos que dos seus próprios sucessos.
9 - Se agires bem, falarão bem de ti. Mas se agires mal, falarão mal daquilo que representas. Actua sempre em consciéncia e tendo em conta que julgarão o que simbolizas segundo o teu comportamento.
10 - Sê austero. Nem todas as pessoas podem viver de forma austera. A dureza na tua maneira de viver ensinar-te-á a apreciar as coisas e darás mais valor a tudo, mais do que aquele que tudo tem e tudo provou.
11 - Respeita as bandeiras e os símbolos da tua terra. No pano e no metal de que são feitos, está a ideia que representam. Ser ferido ou morto por defender um símbolo é a sublimação do idealismo. Se chegar a ocasião, não duvides.
12 - Um uniforme não te converte num número, não é um elemento impessoal. Nem as ordens religiosas, nem as organizações juvenis ou militares pretendem homogeneizar o espírito dos seus membros, mas sim ajudar a que se sintam unidos naquilo que têm em comum: o serviço à comunidade.
13 - Pelo contrário este priva-te da tua forma para que seja o teu fundo que te defina. A mentalidade materialista imperante hoje em dia critica as pessoas que ainda possuem o valor pessoal de dar a conhecer o seu ideal de serviço e entrega, vestindo um uniforme característico. Um espírito nobre não depende de uma farda.

III – RAÇA

1 - Mantém a tua raça homogénea. É a primeira garantia para manter uma sociedade equilibrada espiritual, psíquica e socialmente.
2 - Não desprezes as demais raças. O melhor apreço que lhes podes fazer é manter-te separado. Admira os seus valores e aprende as suas virtudes, que são parte de um lado esquecido por nós próprios.
3 - A aparéncia é o que mais assemelha as diferentes raças, embora sendo tão díspares fisicamente. Não caias no erro de definir a raça só pela cor da pele ou pela textura do cabelo. As verdadeiras diferenças radicam na psique e no espírito.
4 - O mestiço é a nefasta consequéncia de forçar a natureza a uma mistura entre seres naturalmente diferentes, que já o são culturalmente. Não desprezes ninguém por ser mestiço, pois por cima disso está sempre o factor humano.
5 - A história mostra-nos que a mestiçagem forçada e em grande escala leva irremediavelmente ao caos social e à decadéncia das culturas. Opõem-te à mestiçagem planificada, que leva irreversivelmente à desaparição das civilizações.
6 - A existéncia de todas as raças, não apenas da tua, é vontade divina. Só a mestiçagem e o ódio racial promovido pelo sistema são produto da manipulada vontade humana.
7 - Despreza as formas degeneradas de sexualidade. São uma perversão do corpo e da alma, fruto do materialismo. À margem dos irreparáveis danos que causam no espírito, a natureza destina a quem as pratica, a enfermidade e a extinção sem procriação.
8 - Protege a tua descendéncia. Mais vale que renuncies a ela, do que criar seres defeituosos. Fazer sofrer inocentes, perpetuando neles a tua desgraça, pelo mero prazer pessoal, não é nobre e denuncia uma tremenda irresponsabilidade.
9 - Pratica desporto. Não temas o esforço físico. Com tudo isso, obterás um corpo são e um espírito duro, verás a vida com optimismo e confiança em ti mesmo e educarás a tua vontade.
10 - Cuida do teu corpo. Tem em mente que é o escudo do teu espírito. Um escudo débil rompe-se a meio de um combate e deixa-te sem protecção. Um escudo forte pode ser a tua melhor arma em momentos difíceis.
11 - Respeita a raça, a cultura e a identidade de todos os povos. Ao teu povo, ama-o.

IV – NAÇÃO

1 - Ama a tua Nação. É uma comunidade de homens e mulheres unidos por laços culturais e raciais, que luta por objectivos comuns aos teus.
2 - Não te deixes influenciar por fronteiras artificiais. A Nação é delimitada pela Cultura, Tradição, História em comum e pela Raça, não por umas linhas desenhadas sobra um mapa ou uns meros acidentes geográficos.
3 - Descobre na tua bandeira o símbolo da comunidade a que pertences, um símbolo nascido desta, que reúne todas as virtudes dos homens que se subordinam a ela.
4 - A Nação é um conceito mais étnico do que legal. Não te deixes enganar pelas ideias falsamente igualitárias que pretendem fazer de todos nós cidadãos do mundo, e de cada ser humano, por muito estranha que seja a sua procedéncia geográfica, histórica, cultural e racial, um membro da tua Nação.
5 - O Nacionalismo tem por objectivo a busca das leis de conservação da própria Nação em harmonia com as demais. Não é um objecto definido e acabado, mas sim moldável ao conteúdo. O importante não é ser Nacionalista porque sim, mas sê-lo porque isso contribui e permite a conservação da vida, a propagação da raça e a elevação do espírito.
6 - A diversidade dos povos do planeta forma parte da grande riqueza da Criação e aqueles que pretendem destruí-la eliminando toda a cultura autóctone, atentam contra a obra do Todo-poderoso.

V – ESPIRITUALIDADE

1 - Crê numa força superior, que às vezes é chamada «Deus». A estúpida teoria materialista desemboca no grande absurdo de considerar o homem apenas como matéria ou um animal racional, surgido da casualidade e sem esperança de vida futura, negando-lhe todo o sentido transcendente.
2 – As forças da natureza não caducam. Opõe os valores eternos às modas passageiras do cepticismo e do materialismo.
3 - Respeita todas as religiões baseadas num princípio transcendente e despreza aquelas que foram edificadas sobre princípios egoístas que conduzem à consideração do homem e do mundo desde um ponto de vista materialista.
4 - Com a fé em um Criador, a vida está cheia de sentido. Há um futuro que está acima da morte física: pensamentos, sentimentos, planos e acções estão então focados no verdadeiro e último fim do homem, que é a vida depois da morte. Assim, aprendemos a olhar os acontecimentos com uma perspectiva de eternidade.
5 - Carecemos de reflexão. Esta é uma das razões pelas quais na nossa sociedade existem muitas pessoas angustiadas e vazias interiormente. Deixamo-nos levar demasiado pelo ruído e pela acção.
6 - Detém-te para meditar. Temos de nos deter para recuperar a alma. Sempre que possas, pelo menos uma vez por dia, detém-te em meditar. Faz falta o siléncio, sobretudo interior, a paz da alma, uma certa capacidade de dominar a fantasia, uma certa solidão.
7 - Muitos dos males que nos afligem estão na falta da meditação.

VI – FAMÍLIA

1 - Respeita a família, pois é a ela que deves a tua existéncia e dentro dela aprendeste as tuas primeiras lições como homem.
2 - Respeita a autoridade dos teus pais. Escuta os seus conselhos, mantendo no entanto as tuas convicções.
3 - Leva para o teu matrimónio um espírito completo, puro. O amor espiritual não tem lugar num espírito débil ou sem nobreza, porque este é incapaz de ser altruísta. Pensa sempre nos teus.
4 - Educa o teu espírito no altruísmo, prepara-te para o dia em que irás formar a tua própria família. Se nos preocupamos demasiado com nós próprios, não nos restará tempo para os demais.
5 - Apenas de uma união total podem nascer seres completos e equilibrados. A promiscuidade degenera os indivíduos e os seus descendentes.
6 - Só num ambiente de total identificação espiritual poderás viver um matrimónio feliz. Se o amor guia os teus actos, jamais cometerás erros que possam perturbar a felicidade do teu lar. De outra forma, o teu destino será sempre precário, assim como o dos que te rodeiam.
7 - Educa os teus filhos de uma maneira natural. Ajuda-os a conhecer a Natureza. Nela intuirão e aprenderão a existéncia de um Criador, de uma vida espiritual e do verdadeiro sentido da vida e da beleza.
8 - Sê sempre um modelo de comportamento para os teus filhos. Mantêm sempre o teu espírito jovem, não deixes que envelheça e obscureça. Apenas com o exemplo de uma vida sã e activa poderás guiar os teus próprios filhos. Os teus filhos serão, em parte, como tu és.
9 - Orienta-os no desenvolvimento da sua personalidade, deixando que a iniciativa parta deles.
10 - Recorda que os teus filhos herdarão de ti tanto o bom como o mau. Não lhes deixes uma herança negativa. Não os obrigues a lutar em inferioridade de condições.
11 - Educar correctamente um filho só é possível dando-lhe o exemplo. Não se lhe pode exigir algo que tu não o tenhas exigido previamente a ti próprio.

VII – TRADIÇÃO

1 - Ama a tradição. É a expressão do sentir do Povo, o património espiritual da tua Raça.
2 - Aprende a distinguir o que é a verdadeira tradição, daquilo que são os hábitos adquiridos em determinadas épocas e circunstâncias, impostos por povos alheios à tua cultura, por ideologias perniciosas ou fruto de momentos de decadéncia. Não confundas a tradição com os costumes.
3 - Estuda e conhece a história da tua Nação. Respeita os seus mortos e aprende com os seus feitos. Segue o exemplo dos actos heróicos e aprende com os erros.
4 - Fixa-te sempre nos melhores. Não faças caso da corrente geral de vacuidade e falsidade. Aprende o melhor dos que tu sabes que são os melhores. Mas sê sempre igual a ti próprio, para algum dia poderes passar algo sinceramente teu.
5 - Sem memória, perdem-se as raízes, sem um projecto perde-se a ilusão. De onde venho e para onde vou, dá sentido à vida. Por isso é importante que respeites a tradição.
6 - O homem é um ser histórico, com um olho fixo no passado e outro dirigido para o futuro. Não aparecemos de repente. Somos um elo na cadeia da estirpe.
7 - Neste mundo todas as construções em harmonia necessitam inevitavelmente de uma espécie de perpetuação contínua das recordações.

VIII – NATUREZA

1 - Ama a natureza. Não a vejas apenas com uma fonte de recursos ou como um instrumento para te distraíres. Recorda que todas as criaturas são obra do Criador e tu és uma delas.
2 - Que não seja apenas a compaixão que te leva a tratares bem os animais. Pela sua condição, é tua obrigação tratá-los com amor e respeito.
3 - Aprende a apreciar o que é belo. A contemplação da natureza ajuda-te a isso. Só quando nos mais insignificantes detalhes da natureza encontrares beleza, só quando compreenderes a infinita perfeição do mais pequeno insecto, poderás ser capaz de guiar os teus gostos por ti próprio.
4 - Forma-te no que é natural. Segue os ensinamentos que a natureza dita e aplica-os à tua condição de homem.
5 - Não te deixes influenciar pelas correntes que se opõem a essas ideias, por mais fortes que essas correntes sejam. A Natureza tem sempre razão, pois segue inexoravelmente os desígnios do Criador.
6 - Leva uma vida sã. Tenta estar sempre em contacto com a Natureza. Vai à montanha, ao mar, passeia nos bosques e desfruta da água cristalina e do ar fresco. Aproveita os benefícios com que a Natureza te brinda.
7 - A caça, a pesca ou quaisquer outras actividades análogas são um absurdo quando não estão justificadas pela subsisténcia, são um indigno atentado contra a perfeição da vida.

IX – TRABALHO

1 - Ama o trabalho e empenha-te nele. Não sejas um lastro para a tua Nação. Não dependas do trabalho dos demais. Cumpre com a tua obrigação e procura dar o exemplo a quem não o faça.
2 - O trabalho criador é fruto do espírito porque é a expressão artística do trabalhador. Qualquer trabalho realizado com esmero e dedicação é uma obra de arte.
3 - Trabalhar é cultivar o espírito. Um Povo trabalhador não só fortalece a sua economia, mas também consolida a sua esséncia.
4 - Não existem trabalhos dignos e indignos mas sim bons e maus trabalhadores. As classes baseadas no rendimento económico dos ofícios, são uma artimanha política, injustas e contrárias à natureza humana. As únicas classes que podem existir são as dos que trabalham e as dos que não trabalham.

5 - As únicas riquezas estão na Natureza e no Trabalho, uma enorme e potente força criadora e transformadora. Os juros monetários e a especulação bolsista, são formas fictícias e indignas de criar riqueza, próprias de indivíduos incapazes de realizar um trabalho criador, além de serem perniciosas para o conjunto da Nação.
6 - Uma posição social mais ou menos favorecida ou um trabalho melhor ou pior remunerado não fazem a pessoa mais digna ou indigna. A única aristocracia é a do carácter, não a do dinheiro.
7 - A vocação é a garantia de um trabalho bem realizado. Segue sempre a tua vocação, prescindindo dos benefícios económicos que possas conseguir.

X – ARTE

1 - Cuida do teu espírito, precisamente porque todo o teu ser deve formar uma harmonia. Pensa que só ele é imortal e eterno. A verdadeira arte é um meio ideal para ele.
2 - Conhece a expressão artística da tua civilização. Aprende a sentir a sua arte. As obras de arte são a sublimação do espírito de uma civilização através dos seus génios.
3 - Não te esqueças nunca da diferença que existe entre o que é verdadeiramente artístico e o que é meramente estético. A arte inunda o espírito, penetra no mais profundo do nosso ser. O que é meramente estético fica nos sentidos, agradando a estes, mas sem contribuir para o desenvolvimento do teu carácter.
4 - A arte é uma salvação íntima. Poesia, pintura, escultura, música, literatura, etc., são formas de nos evadirmos do que é banal e de elevar-nos, criando a grandeza em vez de viver na pequenez.
5 - A arte é um sentimento. Mas para o poderes expressar terás de ter capacidade e dedicação, dando por assente a vocação.
6 - Não permitas que te obriguem a aplaudir como arte o que não é mais do que lixo. Existem muitos artistas que se negam a aprender a falar e por isso não fazem mais do que balbuciar. Com isso escondem, na realidade, a sua falta de sensibilidade, capacidade e vocação. E isso não é honesto.
7 - Não desperdices o teu tempo. Ocupa-o na tua formação. Não te deixes levar pela corrente imperante que pretende fazer do homem um ser ignorante, materialista, sem valores superiores. A tua formação é a tua principal arma contra o sistema. Tens de superar a apatia e empreender uma vida activa.
8 - As obras de arte não precisam de ser «explicadas». O artista só se diferencia dos demais, pela possessão de um conhecimento e de uma técnica específica.
9 - Ama a beleza. Não é nobre odiar a beleza apenas porque não se a possui ou ainda porque não se cultivou a capacidade para admirá-la.

XI – DISCIPLINA

1 - Aceita a disciplina e a autoridade. O caos e a anarquia debilitam o espírito, pois privam-no do esforço e da luta em comunidade.
2 - Respeita a autoridade dos teus Chefes e tem confiança nas suas decisões, ainda que não as entendas. Aquilo que os teus inimigos chamam depreciativamente de fanatismo é uma virtude possuída apenas pelas almas nobres.
3 - Aceitar uma ordem que não se entende não é negar a própria personalidade, mas sim aceitar uma capacidade de decisão superior encarnada em quem dá a ordem.
4 - Respeita o Estado justo. O Estado é a representação do Povo, pelo que exige a tua submissão e a tua confiança. Um Estado que não cumpra aquela condição não merece ser denominado como tal e não existe nada que te sujeite a ele.
5 - Respeita os idosos. A sua idade fá-los merecedores do teu respeito.

XII – ORDEM

1 - Põem ordem na tua vida, aprende a estar organizado e tenta sempre fazer um programa detalhado na noite anterior. É possível que não o cumpras totalmente, mas o mero facto de o redigires ajudar-te-á.
2 - Previne-te de cometer duas calamidades: a pressa e a indecisão. Levanta-te cedo pela manhã, são as melhores horas do dia. E ao anoitecer reserva uns minutos para meditar e tomares as tuas decisões. Se apagares a televisão, sobrar-te-á tempo!
3 - Impõe a ti próprio umas horas de trabalho, outras de exercício físico e desporto, outras de descanso, boa música, etc. Dedica pelo menos dez minutos do teu tempo diário a uma boa leitura. Recorda que se o alimento é necessário à vida do corpo, também a leitura o é para a mente.
4 - Não caias, com o passar dos anos, no erro de converteres a ordem num fim em si próprio e não num caminho para viveres mais próximo da perfeição. Não te esqueças que comer e dormir a horas certas não é um objectivo de vida, mas sim um meio de a ordenares. Entrega-te de alma e coração a uma ideia quando for necessário, a uma conquista, a uma luta, a tudo aquilo que te faça melhor e mais livre.
5 - Aprende a obedecer e um dia, quando tiveres capacidade para isso, serás digno de poder mandar.
6 - Define princípios para a tua vida. E na sua esséncia não os abandones nunca. Com o tempo o mundo oferecer-te-á bens e prazeres que poderão conquistar-te, inclusive de uma forma justificada, mas que começarão a desfazer lentamente as certezas e a vontade do jovem idealista do princípio.

XIII – CAMARADAGEM

1 - Respeita os teus camaradas. Sê para eles o seu melhor amigo. Não deixes que elementos estranhos vos separem.
2 - Confia na palavra do teu camarada. A nobreza obriga-te a dizer a verdade. Faz com que ele possa confiar em ti.
3 - Foge da má-língua; é o recurso do cobarde. Apenas um cara a cara nobre pode resolver qualquer mal-entendido. Fala francamente diante das pessoas, evitando feri-las.
4 - Ajuda os teus camaradas. Eles estão sempre em primeiro lugar. O egoísmo acarreta a desunião e a ruína. Pensa neles e nas suas necessidades como o fazes para ti próprio.
5 - Uma palavra amável custa muito pouco, menos que uma que não o seja. A amabilidade é um dom precioso que enobrece tanto o que a recebe como o que a dá.
6 - Mantém sempre os teus princípios, mas aceita a opinião dos demais e sê flexível no que é acessório. Se aprenderes a compreender, serás compreendido. Se os princípios são superiores, impor-se-ão por si próprios.
7 - Sê severo contigo próprio e prático para com os demais.
8 - Aceita os homens como são. Não existem outros. Aprende a aceitar-te como és e a aceitar os demais.
9 - É certo que um homem quanto mais se entrega aos demais e menos pensa em si mesmo, mais se aproxima da perfeição e de todos os benefícios de Deus.

XIV – VONTADE

1 - Exercita a tua vontade, põe-te à prova, escolhe sempre o caminho mais duro, mais difícil e mais arriscado. Quem não se arrisca, não se impõem. Assim forjarás um corpo forte e uma vontade inquebrantável.
2 - Sempre em frente. Caminha, não pares. Não deixes que o teu espírito se apague ante uma derrota.
3 - A vida é uma luta contínua que tem sentido se a consagras a fazer o bem, defender a beleza e proclamar a verdade, sem pensar demasiado nas consequéncias. Tira forças da fraqueza e volta à luta. A vitória chegará com toda a certeza.
4 - A gula, a avareza e a luxúria destroçam o melhor lutador. Sê sempre austero a comer, beber e na tua forma de viver.
5 - Deves combater o sistema, o vício e a corrupção imperantes. Por isso é importante que tenhas coragem e sejas forte contra as armadilhas que te são apresentadas pelo mundo materialista. Deves praticar desporto, fazer do teu corpo uma fortaleza e ao mesmo tempo um instrumento belo e flexível tendente à perfeição e ao serviço da alma.
6 - Ainda que a perfeição completa nunca é possível, procurá-la é sempre um bom caminho.

XV – GUERRA E PAZ

1 - Deseja sempre a paz como o melhor dos bens e não hesites em utilizar a força, se for preciso, para a conseguires. Procura sempre uma paz justa. Um estado de injustiça é um estado de luta.
2 - A guerra é terrível, mas necessária quando com ela se conseguem fins justos que por outra via não seriam possíveis de alcançar. É o último recurso de um povo quando não é livre. Se chegar o caso, não lhe fujas. Luta a pensar nos teus.
3 - Sê nobre na luta. Esta é uma virtude que define a tua raça e que deve prevalecer em todos os momentos. Se assim procederes, até a derrota será uma vitória.
4 - Sê sempre fiel. A fidelidade multiplica milhares de vezes o valor da tua pessoa, enobrece o teu carácter, serve de exemplo aos demais e manter-te-á sempre no caminho correcto.

XVI – CANTAR

1 - Para poder cantar é necessário um estado de ânimo especial, uma harmonia na nossa alma.
2 - Não consegue cantar, aquele que vai cometer um crime, nem aquele que vai cometer uma injustiça e tem a alma endurecida pelas paixões e pelo ódio ou aquele que se encontra carente de fé.
3 - Se não consegues cantar, podes estar seguro que existe alguma enfermidade no fundo da tua alma, ou que a sua pureza se está a perder, preocupada em excesso pelos bens terrenos e as possessões e negócios do mundo.
4 - Se não te conseguires purgar, põe-te de lado, deixa o teu posto a quem puder cantar.
5 - Não desesperemos com a arte, e façamos soar nos campos, nos bosques, nas aldeias, nos lugares de trabalho, nas cidades, e nas famílias as canções populares, nacionais, políticas, tradicionais e religiosas compostas para o Povo e cantadas por todos, unidos num sentimento comum admirável e sublime.

Militantismo

O que é militar?
É fazer comunicação política, promover as nossas ideias e o nosso movimento, é também convidar o maior número possível de pessoas a juntar-se a nós através de acções no terreno: colagem de cartazes e autocolantes, distribuição de panfletos.
E isso serve para quê?
Um panfleto, um cartaz, um autocolante, marcará aquele que o vê. Ele pensará no movimento durante alguns segundos, e se o fizer todos os dias pode ser que acabe por compreender… Além do mais, é necessário «marcar o terreno», mostrar que os militantes nacionalistas expressam as suas convicções: «a rua pertence a quem a caminha», diz a canção.

A colagem
O material colado deve ser visto pelo máximo de pessoas. Serve para fazer passar uma mensagem clara, curta e pertinente. Exige dos militantes disciplina, seriedade e eficácia e permite criar entre eles um bom ambiente e espírito de coesão. Para ser eficaz, a colagem não deve nem chocar nem ser agressiva para a vista, deve ser apropriada, não causar dano ao ambiente e à vizinhança. É indispensável pensar na nossa imagem. Geralmente desenrola-se de noite ou de manhã, nos momentos em que todos os militantes se podem reunir (antes ou após o trabalho), o que permite igualmente beneficiar da calma das ruas a essas horas. O melhor é dividir-se em equipas de três a cinco pessoas equipadas com um carro ou ainda melhor com uma carrinha, colocadas sob a responsabilidade de um militante designado como «chefe de colagem». A cola utilizada é cola de papel e é aplicada com pincéis ou com uma trincha no caso de colagens à altura de um homem, enquanto que para colagens em locais mais altos serão necessários pincéis maiores e uma extensão.

O autocolante
A utilização dos autocolantes obedece às mesmas regras de disciplina que a colagem. A colocação de um autocolante deve ser:
- Inteligente: o autocolante não deve ser colocado apenas num local de passagem, mas sim onde for incontornável. Cabines telefónicas, parquímetros, semáforos junto a passagens de peões, paragens de autocarro, caixas de Multibanco, são bons locais para a colagem de autocolantes.
- Limpa: não se deve inundar um local de autocolantes, além do desperdício corre-se o risco de sujar certos lugares, e por conseguinte incomodar e chocar.

O panfleto
O panfleto é uma mensagem pessoal de grande difusão que graças ao seu argumentário se adapta a todos os contextos e reforça a nossa implantação. Deve-se sempre tentar que o panfleto se refira a assuntos concretos de interesse local. Ele permite o alargamento dos nossos contactos, a difusão dos nossos temas, fazer conhecer os nossos candidatos/eleitos e as nossas actividades, mobilizar o nosso eleitorado, alertar, informar, criar um enraizamento na vida local. Permite também o aparecimento de novos simpatizantes e militantes. Pode ser distribuído em locais de muito movimento como as saídas das estações de comboios/metro ou os mercados, mas pode igualmente ser distribuído directamente nas caixas de correio particulares.

A Disciplina do Militante Nacionalista

Fonte: La Voz del Pueblo, n.º 1, Março/1999 (adaptado)

Quantas vezes temos ouvido a palavra disciplina, à qual muitos associam castigos morais e físicos, detenções, etc. Disciplina, essa palavra que, ao ser ouvida, produz um calafrio de recusa imediata nos nossos jovens. Essa palavra menosprezada e associada a valores pretéritos, hoje «caducos» e fora de época. Coisas de um passado «demasiado exigente».

A disciplina é, porém, o baluarte do compromisso com toda a organização que se preze, com maior cabimento nas organizações Nacionalistas. Mas a disciplina não é somente a que a organização ou o nosso superior hierárquico nos impõe mediante um regulamento ou código, senão a que nós impomos a nós mesmos – essa é a verdadeira disciplina e a que representa o pilar de todo o tipo de disciplina. A disciplina motu próprio é a que, moralmente, e sem algum castigo coercivo, nos obriga a realizar o nosso cometimento ou a nossa responsabilidade, já que implica a satisfação própria do dever realizado e da palavra dada por compromisso. Só a honra nos obriga a cumpri-la.

Muitos dos chamados «militantes», para não dizer a maioria, rechaçaram esta disciplina, acomodaram-se aos costumes burgueses e vulgares daqueles que vivem do sistema, e crêem que contribuírem de vez em quando para a Causa resolve tudo.

A Disciplina do militante obriga-o a obedecer aos seus superiores hierárquicos, não de uma maneira cega e sem pensar, mas porque eles demonstraram o seu valor com o seu trabalho e a sua dedicação. A disciplina obriga-o, sempre moralmente, a cumprir com todas as obrigações que assumiu quando se comprometeu a ser Militante, ele sabe que a sua função não se reduz a opinar nessa organização ou a frequentar as suas actividades, sabe que quando empenhou a sua palavra, também empenhou a sua Honra na consecução de um fim e na luta pela sua Nação e pelo seu Povo, palavra que o eleva ao posto de Soldado Político, e como tal deve ser fiel ao seu empenho e responsável para com a sua obrigação.

O militante é a pedra angular de todo o movimento de cariz Nacionalista. Para o militante, não é lícito dizer:
- A minha profissão absorve-me.
- Retiro-me temporariamente.
- Passo a outro tipo de luta.
- Dedico-me a estudar.
- Ao sábado saio.
- Não tenho um tostão.
- Apaixonei-me.
- Não vale a pena.
- Porquê eu, se ninguém trabalha?

O definitivo e verdadeiro compromisso e a verdadeira resisténcia ao Sistema é manter a Disciplina com seus compromissos, em saber manter-se de pé entre as ruínas, com Disciplina.

As organizações que não são Nacionalistas enchem-se de uma grande quantidade de jovens «militantes» enquanto que no nosso movimento isso não acontece. Se em verdade se quisesse mais gente, dedicar-nos-íamos a outra coisa, outra política mais fácil, conformista. Exigimos uma Ética e um Estilo, um compromisso fanático (uma vez que estamos imbuídos de uma Visão Sagrada do Mundo). Não nos serve qualquer um.

Queremos jovens resolutos, capazes, fiéis, inteligentes e, sobretudo, com capacidade de sacrifício. O fácil não é meritório, só o que é conseguido com sacrifício reconforta a alma.

Esta é a vida do Militante, milícia civil mais rígida e sacrificada que os nossos militares-funcionários. Militância e Disciplina, pois não há maior disciplina que lograr actuar num mundo caótico e degradado com uma Ética e um Estilo que não são concordantes com a época e os valores vigentes.

É isto o que se espera de um verdadeiro militante: Honra, Lealdade, Sacrifício, Perseverança, Camaradagem. Numa palavra, DISCIPLINA.

Da Acção: uma perspectiva histórica

Por Frederick Lombard

Este ensaio analisa a actual situação do movimento nacionalista branco de um ponto de vista histórico. Procura examinar o sucesso real dos nacionalistas brancos por todo o mundo, e propõe-se repeti-lo. Este trabalho recorre também a várias fontes hostis e analisa as soluções anti-nacionalistas utilizadas para combater o nacionalismo branco. Tendo em conta a difícil situação que o nacionalismo branco vive hoje na América este trabalho é absolutamente necessário. Oferecer soluções aplicáveis para o «movimento», é esse o nosso objectivo.

1) Tentativas para encontrar uma audiéncia alvo; isto é, que grupos são receptivos ao nacionalismo branco? O que é necessário para uma eficiéncia máxima no recrutamento, tendo em linha de conta as actuais limitações humanas, e o limitado potencial financeiro do movimento nacionalista branco?

2) Determinando grupos-alvo, este trabalho apresenta várias soluções historicamente eficazes para um prodigioso recrutamento;

3) Examinando os grupos-alvo em profundidade, o autor sugere vários métodos secundários para obter contribuições financeiras e apoio de outros grupos não prioritários, dando especial énfase às organizações ad hoc.

Quando um activista se propõe propagandear, é necessário ter um conjunto mínimo de informações, independentemente da filiação política:

1) A quem é que o activista se deve dirigir?

2) Qual é a maneira mais eficaz do activista atingir o grupo-alvo?

O nacionalismo branco é uma ideologia radical. É inabalável e intransigente. Numa palavra, é brutal. É a mais radical oposição à moderna concepção individualista da sociedade. Como tal é pernicioso para aqueles com interesse na manutenção do status quo. Alguns grupos opõem-se obviamente ao nacionalismo branco, como os judeus, os negros, e os imigrantes não-brancos em geral. Alguns grupos, após uma análise superficial poderiam parecer bastante receptivos à nossa mensagem, no entanto, uma análise mais atenta demonstra a sua ténue receptividade. «No campo político não há classe mais estúpida do que a burguesia… a burguesia considera realmente legal um Estado que o permite (o domínio judeu sobre a economia e a vida política), simplesmente porque estas tragédias têm como pretexto alguma medida de justificação jurídica…» (1) disse Adolfo Hitler sobre a receptividade da burguesia em relação a uma ideologia radical. Outros proeminentes nacionalistas brancos exprimiram a mesma opinião (2). Estas opiniões parecem confirmar-se quando comparadas com um recente artigo do Washington Times, que analisava a mentalidade burguesa. Citando uma sondagem oficial o artigo revelava que 60% dos americanos «…consideram que os actuais níveis de imigração são uma ‹ameaça aos interesses vitais dos Estados Unidos›, mas quando a sondagem fez a mesma pergunta a oficiais do governo, líderes económicos, e jornalistas, apenas 14% manifestou a mesma opinião» (3). Decorre daqui que é improvável que a burguesia responda à mensagem nacionalista branca.

Um grupo alvo é a classe operária branca. Historicamente tem sido sempre associada à extrema-esquerda ou direita do espectro político. A tarefa dos nacionalistas brancos é ensinar, instruir, e incorporar este grupo potencialmente revolucionário.
Numerosos investigadores encontraram esta correlação. Johann van Rooyen explica que Simpson e Yinger (1985) encontraram fortes provas de uma relação entre diferenciais de classe e preconceito; Westie e Westie, escrevendo em 1957, descobriram que nos EUA, os brancos de classe baixa expressavam os maiores sentimentos de distância social em relação aos negros; em 1955 Stouffer descobriu que a intolerância subia à medida que a posição social descia; e o National Opinion Research Centre dos EUA (1972-80) descobriu que as atitudes dos brancos em relação ao casamento interracial, ao fim da segregação escolar, ao convívio interracial, e à integração de vizinhança [sic], se tornavam mais tolerantes à medida que atingiam um estatuto socio-económico mais elevado, medido pelos rendimentos ou pela instrução (4).

A propensão natural da classe trabalhadora para se identificar com o nacionalismo branco não é coincidéncia. Baseia-se no mais simples interesse de classe, pois as suas escolas são integradas, o seu nível económico baixa pela concorréncia de não-brancos, e os seus bairros são os primeiros a ser integrados. Tal como David Snyder escreve no porta-voz da democracia liberal «O Futurista»: «E, claro, a história económica ensina-nos que eles estão justificadamente preocupados (os trabalhadores de colarinho branco e azul). Nos mercados de trabalho que fornecem as indústrias internacionais não tarifadas, podemos esperar o surgimento de um «salário global comparável». Isto elevará os salários dos trabalhadores nos países em desenvolvimento (não-brancos), enquanto que os baixará nos países com economias industriais estabelecidas (brancos) (5)».

Alguns cuidados a ter em conta quando se procurar atingir grupos de trabalhadores brancos num nível local são:

1) Geografia: procura sites que apresentem dados estatísticos subdivididos por raça (etnia) e rendimentos socio-económicos, por país ou cidade, dando preferéncia a zonas altamente habitadas por trabalhadores brancos.

2) Actividade local: Foca a tua atenção no recrutamento porta a porta. Faz também propaganda sobre a criminalidade e as deslocalizações. Consulta o jornal para saberes de encerramentos de fábricas e ataca essa área.

3) Aparéncia: Veste-te bem. Sorri. Fala alto e bom som.

4) Compaixão: O activista deve demonstrar interesse e preocupação.

O British National Party, da Grã-bretanha e a Front National da França utilizaram esta estratégia com grande sucesso (6). O segundo grupo-alvo é a juventude universitária burguesa (7). Este grupo encontra-se geograficamente concentrado em grandes universidades que são maioritariamente brancas. Já se sugeriu que a coisa mais importante que um nacionalista branco pode fazer é obter uma educação universitária (8). Esta premissa é incorrecta pelos seguintes motivos:
1) Parte do princípio de que não há nacionalistas brancos suficientes nas universidades;

2) Uma educação universitária tem influéncia na capacidade de levar a cabo uma luta politica revolucionária.

Por razões já expostas os nacionalistas brancos têm de compreender que aquilo de que os brancos precisam é de menos educação universitária. Deste modo os líderes do nacionalismo branco terão vastas massas de trabalhadores brancos prontos para agitar e formar numa força politica sólida. Abandonando a classe operária e tornando-se empregado de colarinho branco muitos potenciais compatriotas serão perdidos para o materialismo. Além do mais, a raça branca ficará mais fracturada por linhas socio-económicas.

Como demonstrado, quanto mais ricos os brancos são, menos dispostos estão a envolver-se numa organização política revolucionária. Como explica Maquiavel: «acima de tudo (o príncipe) não deve tirar a propriedade dos homens, pois os homens esquecem com mais facilidade a morte do seu pai do que a perda da sua propriedade» (9). César, Lenine e Hitler chegaram ao poder através das massas populares e não através da conivéncia das elites instruídas. Estas organizações políticas revolucionárias foram sempre comandadas por uma vanguarda e levadas a cabo pelas massas. Aquilo de que os nacionalistas brancos precisam são massas. Quanto aos nacionalistas brancos nas universidades: já existem nacionalistas brancos suficientes nas universidades para criar uma vanguarda (10). Claro que os nacionalistas brancos são uma minoria no campus, mas devemos aprender com o que os estudantes americanos pertencentes a minorias étnicas fizeram nos anos 60. O que falta é comunicação entre esses indivíduos.

Um paradigma para contactar companheiros nacionalistas brancos em ambientes universitários e escolas públicas é:

1) Criar uma conta falsa de correio electrónico ou um sítio. Um sítio é preferível. Por exemplo: www.uvawhiterights.com (11)

2) Distribuir panfletos pelo campus universitário. Para evitar ser apanhado convém fazer isto bem cedo pela manhã. Os panfletos devem ser radicais. Também podem ser esotéricos, i. e. «És 88? Então vai até (sítio) ou envia um e-mail para (conta falsa de e-mail)». Este autor utilizou uma abordagem simples: «Mantém a UVA branca! Vamos fazer a diferença! Envia um e-mail para (conta falsa de e-mail)».

3) O activista vai receber muitas respostas negativas e algumas positivas. Responde às positivas convincentemente. Depois marca um encontro num sítio qualquer (um parque público é uma boa escolha).

4) A organização estudantil nacionalista branca deve criar organizações ad hoc para assuntos específicos como a globalização, a imigração, o lobbying, e o ambiente. Cria mesas-redondas para estes comités. Aqueles que se interessem por estes assuntos já estarão à procura de respostas para estas questões. Convida potenciais recrutas para uma reunião (as reuniões podem ser facilmente organizadas, basta dirigires-te ao gabinete de assuntos estudantis sob o nome da tua organização ad hoc e reservar uma sala).

5) Nas reuniões coloca o teu melhor orador a discursar sobre o assunto no qual a tua organização ad hoc se concentra. Introduz o teu próprio importunador na audiéncia que ao início discorda de tudo mas que depois é «convencido» pelo uso da lógica e loquacidade do orador.

6) Distribui panfletos radicais explicitamente nacionalistas brancos, tal como no passo 2, de forma periódica. Isto serve para que as pessoas saibam que existem nacionalistas brancos no campus e também para recrutar pessoas para a organização.

7) Quando o activista sentir que já tem força suficiente no campus o seu novo «clube» deve começar a marcar presença em todo o lado em que haja debate político. Quando houver um encontro de Libertários aparece e causa uma cena. Se um negro Sul-africano vem discursar, protesta a favor da autodeterminação Afrikaner. Se o NAACP (12) vem ao campus protesta. É isto a luta política (13).
8) Uma forma de protesto que o autor concluiu ser bastante eficaz é a arte política: escolhe aleatoriamente uma semana; recorta imagens e notícias sobre vítimas brancas de crime negro nessa semana. Coloca-os numa folha de papel e imprime várias cópias. Depois coloca-os em zonas de muito movimento. Se o activista acha que alguém as poderá deitar ao lixo basta esperar nas imediações que alguém o faça e depois basta recuperá-las. Também podem ser inseridas no interior do jornal académico. Félix Gonzales-Torres, artista cubano, usou esta forma de propaganda de forma muito eficaz com o seu trabalho UNTITLED (DEATH BY GUN), contra as armas de fogo.

Outro tipo de activismo especialmente eficaz é a distribuição de comida a famílias desempregadas. Uma organização transnacional como a National Alliance ou mesmo uma organização ad hoc, a nível local, pode usar este tipo de activismo facilmente e com um custo muito baixo. Este tipo de acção é maravilhoso porque o activista pode usar os liberais filantropos contra eles próprios. Começa a recolha porta a porta pedindo doações de comida para os pobres (enlatados, dinheiro, etc.). Concluída a recolha pode-se facilmente re-empacotar os alimentos com símbolos organizacionais e uma pequena mensagem (por ex: A National Alliance preocupa-se consigo). O Movimento de Resisténcia Afrikaaner usou este método com bons resultados na África do Sul (14).

O autor crê que os métodos descritos, se utilizados correctamente, irão levar a um significativo aumento do recrutamento e da consciéncia nacionalista branca. Agitando a classe trabalhadora, os nacionalistas brancos podem-se ajudar, mas mais ainda, podem ajudar os trabalhadores. Os trabalhadores brancos são provavelmente, nas actuais sociedades modernas ocidentais, o grupo com menos liderança e em pior situação. O nacionalismo branco é a única mundovisão que inclui os interesses dos trabalhadores brancos. Também a juventude idealista universitária de classe alta procura respostas para várias perguntas. É tarefa dos nacionalistas brancos demonstrar solidariedade para com outros nacionalistas brancos e apresentar as respostas correctas à juventude burguesa. Finalmente, através da eficaz recolha de alimentos, os nacionalistas brancos podem dialogar com outros brancos cujos interesses são antitéticos ao actual sistema. As propostas deste ensaio são comprovadas, eficazes, e a única coisa em falta são pessoas para as por em prática. São necessários todos os nacionalistas brancos; todos têm a obrigação e o interesse económico em acabar com o actual sistema abjecto. Juntos somos fortes, divididos não somos nada!

_____

Notas:

1. Hitler, Adolf. Hitler’s Table Talk. New York City: Enigma Books, 2000.
2. O Dr. William Pierce tinha isto a dizer sobre a sua experiéncia com a burguesia, «E havia os empresários e os profissionais – bem sucedidos, abastados, alguns deles membros do Establishment... Havia uma receptividade superficial àquilo que eu tinha a dizer.

As pessoas (burguesia conservadora) estavam dispostas a contar piadas sobre os negros. Não concordavam com a mistura racial, e detestavam os judeus... Isto é, eles concordavam comigo até se aperceberem de que aquilo que eu dizia não era apenas conversa de café. Nessa altura ficavam inquietos. E quando eu dava a entender que qualquer um que concordasse comigo tinha a obrigação de se envolver num esforço comum, a sua inquietude transformava-se em pânico». Pierce, William «The Radicalizing of an American.» The Best of Attack and National Vanguard. Ed. Kevin Alfred Strom. Arlington: National Vanguard Books, 1984. p. 125

3. Dinan, Stephan. «Americans Opposes Increase of Immigration.» The Washington Times 8 Jan. 2004. 28 Maio 2004

4. Rooyen, Johann Van. Hard Right The New White Power in South Africa. New York: St. Martin's Press 1994. pg. 27,28.

5. Snyder, David Pearce. «Five Meta-Trends Changing the World.» The Futurist Julho/Aug2004, Vol. 38 Issue 4, p.24;

6. Ver BBC news, «Poverty ‹fuels BNP support.›» O6/07/2003. http://news.bbc.co.uk/go/pr/fr/-/1/...ire/3132775.stm. Ver também BBC news, «BNP Targets Asylum Villagers.» 01/28/2003. http://news.bbc.co.uk/1/hi/england/2700951.stm.Ver, Marcus, Jonathan. The National Front and French Politics. New York: New York University Press, 1995. Todo o livro em geral e as pp. 9-11 em particular.

7. Hitler tinha a mesma opinião, «No entanto, (apesar da natureza revolucionária da mundovisão Nacional Socialista) alguma juventude alemã de meios burgueses compreender-me-á. Nem eu, nem o movimento Nacional Socialista espera encontrar apoio nos actuais meios políticos burgueses, mas sabemos muito bem que pelo menos uma parte da juventude virá parar às nossas fileiras». Hitler, Adolf. Hitler's Second Book. Ed. Gerhard L. Weinberg. New York: Enigma Books, 2003. p. 50

8. Ver os seguintes ensaios: http://stormfront.org/forum/forumdisplay.php?f=99 especialmente «3 Ways to Make a Difference» por CaliforniaFreya, e «We the Caucasion People – Essay» por ocflyboy.

9. Maquiavel, Nicolau. The Prince. Trans. Luigi Ricci. New York : Signet Classic, 1999. p. 90

10. Ver o jornal académico The Red and Black da Universidade de Geórgia. «Rally asks students to step up, make changes for more diversity» por Angela Jett. Ver especialmente as imagens do artigo em: http://www.redandblack.com/vnews/di...72?in_archive=1 Ver também Thompson, Michael J. «The white scholarship battle». The Auburn Plainsman Online. 14 de Março de 2004. Disponível em:

11. Não é um sítio real.

12. NAACP significa National Association for the Advancement of Colored People. É uma associação anti-racista, pró-negra. [NdT]

13. Grupos anti-nacionalistas brancos defendem esta forma de activismo. Ver Wassmuth, Bill. «Not in Our World.» Journal of Hate Studies. 2001/2002. Vol.1 Issue 1. Especialmente pg. 114-119.

14. Ver Kemp, Arthur. Victory or Violence: The Story of the AWB of South Africa. Especialmente o capítulo 12 «New Principles». Anteriormente disponível on-line em 25 de Abril de 2001.

Recrutamento de novos membros

Por David M. Pringle

Penso que o verdadeiro truque está em ensinar as pessoas a recrutar. Como falar com alguém potencialmente interessado sem usar determinadas palavras e chavões que apenas nós, que nos «auto-doutrinamos», percebemos.

De momento estou a trabalhar com três pessoas: uma que conheci enquanto estava no Exército, as outras conheci-as em Anchorage, Alaska onde resido. Tenho feito progressos diários; é como derrubar uma parede. Empurro um tijolo de cada vez, cada tijolo em falta não só enfraquece a parede mas deixa também entrar um pouco mais de luz. As paredes estão a cair! Eles estão a acordar.

Quando uma igreja como os Mormons decide enviar um dos seus engravatados rapazes de 19 anos «converter» novos membros, submete-os primeiro a semanas de treino no Centro de Treino de Missões (CTM).

O CTM fica na «fortaleza» dos Mormon em Provo, Utah. Eles comem e dormem com indivíduos que pensam da mesma forma, e recolhem forças uns dos outros. São ensinados a comercializar a sua religião e a como responder a ataques contra ela.

Se alguém cita uma escritura Bíblica que diz isto, eles sabem citar uma que diz aquilo. Eles são condicionados desde pequenos para cumprir uma missão. Eles têm até músicas para as crianças cantarem, tais como «Espero que eles me enviem numa missão, quando crescer mais um pouco.» De momento eles têm 47,900 jovens homens e mulheres espalhando a sua mensagem por todo o mundo.

O propósito do meu exemplo não é encorajar a mesma forma de agir dos Mormon, mas alguns dos seus elementos são essenciais. Estar rodeado de indivíduos que pensam da mesma forma é um factor importante! Se não conheces ninguém que pensa da mesma forma, então resolve esse problema! Não te sei dizer como, mas fá-lo.

Consegues debater? Conheces o material suficientemente bem para debater com alguém que acredita no exacto oposto daquilo em que tu acreditas? Se observares um esquerdista em acção, confronta-o; não tenhas medo. Se eles te fizerem parecer um idiota, então vence-os da próxima vez.

Ouve estações de rádio esquerdista, como a National Public Radio por exemplo. Conhece melhor o inimigo do que te conheces a ti próprio. Porquê, perguntas? Porque se conheceres os seus pontos de vista serás capaz de usar as fraquezas dos seus argumentos contra eles. Pede-lhes para dizer o nome do gás utilizado nos Judeus — eles não sabem. Pede-lhes para citar as estatísticas criminais — eles não conseguem.

Quando o Dr. Pierce ou o P.M. Matt Hale falar acerca de um Branco assassinado por um negro, decora o nome. Não o leias e esqueças logo a seguir.

Há pouco tempo telefonei para o programa Native America Calling da NPR. Perguntei ao anfitrião Harlan McKasitoe porque é que ele não tinha falado acerca do assassínio de um branco por três Índios no Dakota do Sul no ano passado.

Apanhei-o sem defesa e ele gaguejou. Perguntei se ele achava que a lei contra o ódio se aplicava apenas aos Brancos. Não sabia, respondeu ele. Depois disse que era altura para outra chamada.

O importante é que, cinco dos meus amigos me telefonaram no espaço de 30 minutos para me dizer que também tinham ouvido. A esposa do meu médico perguntou-me se era eu na rádio naquele dia. Todos eles quiseram saber mais sobre o assunto e a razão porque eu sabia. As sementes foram plantadas.

Lês os livros recomendados pelos teus líderes? Leste o Nature's Eternal Religion ou o The White Man's Bible, leste o Mein Kampf, The Turner Diaries, Hunter, 1984, White Power? A Internet é uma fantástica fonte de informação mas os livros têm que ser lidos. Dá uma vista de olhos no catálogo da National Vanguard Books. Têm mais de 600 títulos por onde podes escolher. Os portes estão incluídos!

Tens que ler. Tens que saber porque acreditas no que acreditas. Ser contra os negros e os judeus não é o suficiente; sabe porque te opões a eles.

À medida que o nosso movimento sai do armário e se afasta dos Fuhrers por correio, da Resisténcia sem Liderança e dos Partidos-de-um-só-homem teremos os nossos próprios Centros de Treino, e teremos os nossos melhores e mais inteligentes a ensinar e a guiar. Enviaremos os nossos representantes para todo o mundo prontos para recrutar, prontos para brilhar. Até lá temos que nos treinar a nós próprios. Eu chamo-lhe «Auto-Doutrinamento.»

Não estou a sugerir que nos tornemos todos estudantes; o Senhor sabe que eu sou tudo menos isso. Se me perguntares porque acredito naquilo em que acredito posso-te dar respostas simples: James, Micaela e Rachel, os meus filhos.

Manual de colagem de cartazes

Por Filipe Batista e Silva

Na actualidade, a censura exercida pelos meios de comunicação social sobre o movimento e a escassez de meios financeiros tornam muito dura a divulgação da mensagem nacionalista. Face a este problema, e porque não podemos ficar de braços cruzados à espera que a situação melhore por si mesma, é necessário encontrar alternativas e trabalhar para que o movimento seja mais divulgado e, com isso, aumente o seu número de apoiantes.

Um dos meios mais práticos e eficientes para a divulgação do movimento nacionalista é justamente a colagem de cartazes. Falamos de cartazes em formato A3, a preto e branco, a um custo que varia geralmente entre os 0,04 e os 0,08 euros por unidade. É certo que um cartaz deste formato tem um alcance limitado. Mas não tenhamos dúvidas que pode trazer muitos benefícios propagandísticos para o movimento, sobretudo por publicitar as nossas siglas (PNR e JN) e principais bandeiras políticas junto de uma parte importante da população.

No centro de uma cidade movimentada, um simples cartaz em tamanho A3 que dure dois ou três dias (isto é, até que seja arrancado pelos terroristas de extrema-esquerda…) pode ser visto por centenas de pessoas. Se multiplicarmos isto por milhares de cartazes um pouco por todo o país, chegamos facilmente à conclusão que o potencial deste meio de propaganda é tudo menos desprezível.

Qualquer pequena célula nacionalista com três ou quatro elementos pode facilmente juntar 10 euros por mês e produzir entre 150 a 200 cartazes para serem colados durante esse período. Imaginemos agora o quão positivo seria se cada pequena célula nacionalista do nosso país colasse essa quantidade de cartazes todos os meses…

Além dos benefícios estritamente propagandísticos, as colagens têm também outro tipo de benefícios. As colagens devem ser sempre feitas em equipa. Ora, o trabalho em equipa contribui muito para o fortalecimento da coesão, amizade e camaradagem entre os militantes dos núcleos, valores esses que devem ser sagrados dentro de qualquer organização nacionalista que se preze! A unidade e o trabalho em bloco é sempre mais eficaz. As colagens de cartazes proporcionam também excelentes oportunidades para os militantes fazerem algum exercício, incomparavelmente mais saudável do que ficar em casa diante do computador ou da televisão! Junta-se assim o útil ao agradável!

Por todos estes motivos, as colagens de cartazes devem tornar-se uma rotina periódica dos núcleos e células nacionalistas de todo o país!

Passemos agora aos aspectos operacionais.

Concepção dos cartazes

O ideal é que os núcleos colem cartazes previamente concebidos pelas estruturas centrais da organização. À partida, serão cartazes feitos com algum rigor e obedecem a um conjunto de regras concernentes à eficácia visual. Além disso, possuem os slogans e mensagens oficiais da organização, o que é importante se quisermos transmitir uma ideia de constância e coeréncia. Se, no entanto, os núcleos desejarem por algum motivo específico produzir os seus próprios cartazes, então deve atender-se a algumas regras importantes:

- A legalidade da mensagem deve ser sempre assegurada para evitar processos judiciais que ponham em causa a organização no seu todo (a organização é um bem comum, que pertence e beneficia a todos).

- A mensagem a veicular pelo cartaz deve ser expressa através do menor número de palavras possível. As frases devem ser curtas, objectivas, incisivas. Os temas devem ser polémicos e actuais.

- A mensagem principal do cartaz deve sobressair de todos os restantes elementos visuais. O mais importante deve estar realçado de forma a ser facilmente identificado e lido a alguma distância.

- O cartaz deve ter uma imagem globalmente agradável e moderna. Podem ser usadas imagens que chamem à atenção, quer pelo seu efeito de força, de humor ou de choque. A estética deve obedecer à da organização, nomeadamente os tipos de letra e os símbolos.

- A concepção deve atender ao facto dos cartazes se destinarem à cópia a preto e branco. Todo o cartaz deve ser desenhado de início a preto e branco e deve jogar-se com os contrastes para fazer realçar aquilo que é mais importante.

- O cartaz deve conter sempre os elementos de contacto da organização (ex. endereço Internet e/ou número de telefone e/ou endereço de e-mail), para que as pessoas interessadas possam facilmente aceder a mais informação sobre a organização ou contactar os responsáveis.

- O cartaz deve ser desenhado no computador com uma resolução elevada para que, ao ser impresso, não perca qualidade.

Produção dos cartazes

Como já foi dito, aconselhamos os cartazes em formato A3. O ideal é que o desenho do cartaz seja levado em formato informático (.jpg ou.pdf) a uma casa de fotocópias. Pode ser usado um CD, uma Pen Disk ou mesmo uma simples disquete para esse efeito. Depois do cartaz ser impresso em A3, peça-se o número de fotocópias desejadas.

Geralmente, o preço de cada cópia A3 não deve ultrapassar, na pior das hipóteses, os 0,08 euros. Se possível, negoceie-se o preço com os proprietários da casa na base do elevado número de cópias. Algumas casas de cópias já têm tabelas de preços escalonadas (quanto maior o número de cópias, menor o preço da unidade).

Número de elementos por equipa de colagem

É possível fazer uma colagem de cartazes com apenas dois militantes. No entanto, o ideal é que cada equipa de colagem tenha entre 3 a 5 elementos: por um lado, os suficientes para salvaguardar a segurança do grupo, por outro, não demasiados para não se atrapalharem uns aos outros.

Preparar a cola

Depois de termos os cartazes, e antes de passarmos à fase seguinte, é necessário adquirir o restante material indispensável:

- Um garrafão de água de 5 litros;
- Um pequeno pacote de cola em pó para papel de parede;
- Uma broxa;
- Um balde.

No conjunto, todo este material não deve ultrapassar os 7 ou 8 euros e irá servir para inúmeras colagens futuras. Se o interesse for constituir mais do que uma equipa de colagem, naturalmente que se deve comprar mais baldes e broxas. Quanto à cola, meio pacote de cola em pó dissolvido em 5 litros de água deverá ser o suficiente para colar cerca de 150 cartazes.

Produzir a cola é muito simples. Basta adicionar simultaneamente no balde a água e a cola, a um ritmo lento, ao mesmo tempo que outra pessoa vai mexendo a solução com a broxa. Normalmente, a solução deverá ficar espessa em cinco minutos, a partir dos quais se pode proceder à colagem dos primeiros cartazes.

Períodos de colagem

As colagens devem ser preferencialmente feitas em período nocturno. Por um lado, para se poder trabalhar à vontade, sem a pressão do olhar indiscreto das pessoas. Por outro lado, para evitar ao máximo eventuais confrontos com pessoas inimigas do nacionalismo. Por último, para aumentar a possibilidade dos cartazes «sobreviverem» até à manhã do dia seguinte, de forma a serem vistos pelo maior número de pessoas.

Uma sessão de colagem de 150 cartazes pode durar até 2 horas no máximo. Porém, tudo vai depender do ritmo do grupo, assim como do espaçamento dos pontos de colagem.

Locais de colagem

As colagens devem ter como alvos preferenciais os locais mais movimentados, sobretudo os centros das cidades, geralmente onde se concentra a maior parte do comércio. Outros locais de interesse: arredores de escolas, centrais de autocarros, estações de comboios, etc. As colagens em zonas pouco movimentadas não valem a pena o esforço. A ideia é obter a maior visibilidade ao menor custo.

De recordar ainda que os cartazes de pequena dimensão têm efeito apenas em situações de proximidade. Como tal, as colagens em locais onde apenas passam carros a grandes velocidades, tais como túneis, ou avenidas muito largas com fraca afluência de transeuntes são praticamente inúteis.

Uma última nota tem que ver com os pontos de colagem propriamente ditos. Tudo o que seja propriedade privada é de evitar, a não ser que aí já se observe uma intensa colagem prévia por outras entidades. Muros e edifícios públicos, vitrinas de espaços comerciais abandonados, tapumes, placares municipais próprios para o efeito, postes e caixas electricidade, etc., tudo isso são pontos de colagem obrigatória!

Situações de confronto

Mesmo procedendo a colagens na paz da noite, é preciso estar mentalmente preparado para a eventualidade de pequenas escaramuças com os inimigos do nacionalismo. Prevenir o conflito e o confronto é a regra de ouro. Contudo, a autodefesa é um direito consagrado na própria Constituição Portuguesa e, como tal, devemo-nos defender sem contemplações se assim for indispensável. Em caso de algum tipo de confronto (o que é extremamente raro no nosso país), a solidariedade do grupo deve funcionar melhor do que nunca. Os cobardes que fogem de uma situação de perigo, colocando assim os seus camaradas numa situação mais delicada, não deverão sequer sair do conforto das suas casas!

Preparar tudo com antecedéncia

Cada sessão de colagem de cartazes deve ser previamente preparada, geralmente pelo coordenador de cada núcleo. Todos os aspectos acima referidos devem ser programados e planeados com antecedéncia para que, na hora de se passar à acção, não falte nada! Se a situação o justificar, devem também ser equacionados os aspectos relacionados com o transporte dos militantes.

Depois da colagem…

Repousar os baldes e as broxas em água quente para que a cola se dilua. Tomar um bom banho e descansar com o sentido de dever cumprido! Parabéns, hoje fizeste algo pela Causa!

CONCLUSÃO:

O Fim do Sofrimento é o Nacional-Socialismo

Pelo Sumo Sacerdote Don Danko

«Em uma estrada rural no Palatinado, dois homens do Serviço de Trabalho (Reichsarbeitsdienst) estão marchando em direção à próxima cidade. O acampamento do Serviço de Trabalho encontra-se numa longa estrada do país e é um longo caminho para a estação ferroviária. Mas os dois homens estão em alto astral e estão a assobiar, porque eles estão indo para casa de férias depois de meses de trabalho saudável e extenuante. Eles apitam: na pátria, na pátria... Só então uma fila de carros passa os dois homens. Eles têm sorte, um deles diz. Eles estarão lá mais cedo do que nós, o outro diz. Eles estão acenando! Ambos gritam junto. E então, de fato, a fila de carros chega a um impasse e espera até que os dois homens, que começaram a correr, alcancem. Onde? Onde? Subam! Os dois homens abrem os olhos arregalados de espanto, porque o homem que para no meio da estrada e convida-os a subir em é ninguém menos que o Líder, Adolf Hitler. Ele pede para eles descreverem suas vidas e pede para saber em detalhes como é em seu campo de trabalho.

Em algum momento eles chegam na pequena cidade. Os carros param. Quando eles saem, o Líder pergunta a um dos dois homens:
-Está prestes a chover, não tem um casaco convosco?
-Eu não tenho nenhum casaco civil, meu Líder. Eu estava desempregado há muito tempo.
Ao ouvir isso, o líder tira o casaco de viagem cinza e coloca-o sobre os ombros de seu compatriota.»
(Trecho de *Bilder Aus Dem Leben Des Führers*)

O amor e respeito autênticos são os responsáveis pelo cuidado, e este altruísmo é o que sustenta nossas sociedades e nosso planeta unidos. Hoje fomos doutrinados a uma psicologia do judeu. Ódio por toda a diversidade biológica em cada nível. Os homens são ensinados a odiar as mulheres e mulheres, os homens. E cada um odiando a si mesmos por serem homens e mulheres. As raças são ensinadas a odiar uns aos outros e a si mesmas pela raça que fazem parte. Culturas que suportaram as expressões únicas de povos inteiros estão esquecidas e destruídas. Os indivíduos são ensinados a odiar-se por sua individualidade e o outro por a sua individualidade. Uma classe pela outra classe. Até mesmo odiar a nós mesmos e aos outros pela nossa natureza alimentar. Somos ensinados a odiar e temer a espiritualidade, a sabedoria e o conhecimento verdadeiro. E toda a humanidade é ensinada a odiar-se por sermos seres humanos. A humanidade inteira está afundando no desejo patológico de autodestruição.

Um passo além, mesmo este e o núcleo deste, é a doutrina mais subversiva que foi injetada primeiramente com os ensinamentos do budismo no Oriente, que os judeus estavam conectados, e espalharam no Ocidente, e eles ainda estão empurrando isso obsessivamente. E mais atualmente injetaram nas sociedades ocidentais por intelectuais judeus e suas doutrinas psicológicas, de que não há o Eu. A negação de si mesmo é a negação do Atman, a natureza da alma individual. A remoção da alma remove o núcleo do conhecimento espiritual e reduz-nos a uma massa de híbridos robóticos. É a desmoralização definitiva do ser humano e o que significa ser humano.

A doutrina judaica do ódio é projetada para quebrar todos os laços orgânicos saudáveis e dissolver a todos, desde o menor indivíduo às raças inteiras e culturas em uma sociedade escravista materialista, um mundo que funciona em uma mente de colmeia. Esta é a esséncia do comunismo, cristianismo e islamismo.

As piores coisas são a ignorância e a apatia que são as duas grandes destruidores. As pessoas tornaram-se tão desmoralizadas e deprimidas pela psicologia e propaganda da sociedade judaica globalista que muitos fecharam-se e tornaram-se apáticos para a vida, por razões diferentes, mas de mesmo resultado. Eles se tornam ignorantes de bom grado, como não se pode acordar um homem fingindo estar dormindo. E muitos dos que se importam, mas por ignorância são desviados a apoiar os sistemas político-sociais que são o problema, não a solução, afim de que as coisas se tornam piores. Eles são o significado do caminho para o sofrimento alinhado com boas intenções. Ganância surge da apatia e também é uma patologia baseada no medo, que é normal em uma sociedade baseada em escassez. Esta que ensina valores de auto-identificação baseada na acumulação de bens materiais em um ambiente de Darwinismo social. Nossos valores sociais tornaram-se baseado em psicopatologia, porque nossa sociedade tem sido judaizada.

O mundo sofre por que o Sistema Mundial Judaico assassinou a verdade. Eles criaram um mundo de pessoas auto assassinadas à nível da alma. Caminhando por aí em corpos animados vazios. Não é permitido abraçar tudo o que o universo tinha projetado para dar-lhes felicidade e alegria na vida. Muito apático para a sua própria existéncia se preocupar com quaisquer outros. As pessoas são ensinadas a se identificarem com tudo o que é destrutivo para si e desenvolver um personagem em torno disso. Trauma profundo interior que isso causa faz com que eles, por sua vez, deem origem a muitas afeições patológicas. À a psique está doente com a carga e dor inconsciente de viver em uma sociedade desumana espiritualmente vazia.

Tu podes ver isso na arte e na música que é popular na sociedade e sua expressão de raiva, tristeza e desespero, nada além de sofrimento psicológico e emotivo. O resto é felicidade superficial e vazia, soando doce lixo.

É unicamente por reconectarmos com nós mesmos, abrir e transformar nossas almas que podemos perceber a Verdade Eterna e abrir o respeito e cuidado pelas coisas que nos fazem grandes. Nossas diferenças. É um fato conhecido que ter uma identidade positiva é o que faz uma pessoa e grupo único é a chave para o bem-estar psicofísico e espiritual de todos os povos. São as cores diferentes em uma pintura que a tornam bela, a diversidade de instrumentos de uma orquestra que faz a harmonia do som. É a diferença de natureza que torna nossos amigos nossos amigos. A celebração de nossas diferenças é a celebração da vida.

O que nós amamos e respeitamos em nós mesmos é o que nós iremos amar e respeitar nos outros. Os valores fundamentais da espiritualidade e altruísmo e a compaixão auténtica baseiam-se na verdade que surgem a partir disso. É o que vai acabar com o pesadelo e trazer o fim do sofrimento neste planeta.

Eu acredito que a humanidade é, em última análise, boa no centro de seu coração, mas presa em um sistema ruim e um nível samaritano de existéncia onde esse sistema é construído. E é por isso que o inimigo tem que trabalhar todo o dia por milhares de anos e ainda não tem o que ele quis alcançar. É a nossa bondade que eles odeiam e temem, porque bondade flui de dentro para fora da alma, e a alma Gentia e seu espírito é a única coisa que não podem esmagar.

Nossa força está em nossa diversidade e o amor para a Ordem Eterna da vida de onde todos nós fazemos parte, e de onde essa diversidade se manifesta. É por isso que eles sempre atacam isso.

A grande luta que é necessária a maior força espiritual é derrotar a feiúra do judeu dentro de nossas próprias almas. Purificar nossas mentes e corações dos efeitos tóxicos de viver nesta idade sombria... A idade do judeu. Trazemos a Era de Ouro de dentro de nossas próprias almas.

Nacional-Socialismo é o único sistema que pode trazer uma revolução mundial espiritual que pode abrir as portas para o paraíso neste planeta para todos os povos e vidas sensíveis. A enorme quantidade de alegria e felicidade na Alemanha foi o resultado natural de ser parte de uma ordem baseada na verdade e bondade. Os judeus odeiam Hitler até hoje, porque ele queria criar um mundo melhor para a humanidade, baseado no avanço espiritual, compaixão auténtica pela a vida e altruísmo.

Nacional-Socialismo eleva o homem e o mundo. O que o judeu tem tentado matar tão dificilmente... A ordem suprema da Verdade, que é a finalidade suprema da vida, porque dentro de uma verdade, há o poder de gerar a vida.